

Os organizadores

Angelo Del Vecchio - Mestre e Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e livre-docente em Estado, Política e Administração Pública no Brasil, pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). É presidente do Conselho Superior da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Isabela Oliveira Kalil - Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp), é mestre e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio doutoral na Columbia University. É professora na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

O presente volume tem como objetivo fornecer subsídios teóricos para a análise do lugar da *sociologia aplicada* nas Ciências Sociais atualmente. A principal razão desta retomada de textos históricos se deve ao fato de que a reflexão sobre a aplicação em Ciências Sociais se apresenta como uma necessidade da própria sociedade. Em termos práticos: trata-se da necessidade de ajustar as matrizes curriculares, os planos de ensino e todo aparato acadêmico e pedagógico dos cursos de Ciências Sociais ao compasso com as reais ocupações do cientista social hoje, bem como a outras que ele eventualmente possa vir a exercer no futuro.



SOCIOLOGIA APLICADA ESTUDOS SOBRE CIDADE, DESIGUALDADE E POBREZA Angelo Del Vecchio e Isabela Oliveira Kalil (orgs.)

# SOCIOLOGIA APLICADA ESTUDOS SOBRE CIDADE, DESIGUALDADE E POBREZA

Angelo Del Vecchio e Isabela Oliveira Kalil (orgs.)

EDITORA SOCIOLOGIA E POLÍTICA



**SOCIOLOGIA APLICADA**  
**ESTUDOS SOBRE CIDADE,**  
**DESIGUALDADE E POBREZA**



Fundação Escola de  
Sociologia e Política  
de São Paulo.

RECONHECIMENTO DESDE 1933

### **Conselho Superior**

Angelo Del Vecchio (*Presidente*)

Pedro Luiz Guerra (*Vice-Presidente*)

Francisco Aparecido Cordão (*Vice-Presidente*)

José Carlos Quintela de Carvalho (*Vice-Presidente*)

Aparecida Neri de Souza (*Secretária*)

Ubiratan de Paula Santos

Cláudio José de França e Silva

Amarílis Prado Sardenberg

Vicente Carlos Y Plá Trevas

José Castilho Marques Neto

Aluisio Almeida Schumacher

### **Diretoria Executiva**

*Diretora Geral* – Laís da Costa Manso Nabuco de Araújo

*Vice-Diretor Geral* – Romeu Nami Garibe

*Diretor Tesoureiro* – Almiro Vicente Heitor

EDITORA **SOCIOLOGIA E POLÍTICA**

### **Diretora-presidente**

Laís da Costa Manso Nabuco de Araújo

### **Coordenação Editorial**

Rodrigo Estramano de Almeida

### **Comissão Editorial**

Jorge Nagle

Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes

Waltercio Zanvettor

# **SOCIOLOGIA APLICADA**

## **ESTUDOS SOBRE CIDADE, DESIGUALDADE E POBREZA**

Angelo Del Vecchio e Isabela Oliveira Kalil (orgs.)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

---

360  
S678

Sociologia aplicada: estudos sobre cidade, desigualdade e pobreza / Angelo Del Vecchio, Isabela Oliveira Kalil (organizadores). – São Paulo: Sociologia e Política, 2020.

427 p.: il.; 30 cm.

1. Sociologia aplicada – Ensino. 2. Sociologia aplicada – Teoria.  
3. Ciências sociais aplicadas – Ensino. 4. Ciências sociais aplicadas – Teoria. I. Del Vecchio, Angelo. II. Kalil, Isabela Oliveira. III. Título.

ISBN: 978-85-62-116-12-4

CDD 23.: Sociologia aplicada 360

---

Ficha catalográfica elaborada por Winderson Jesus Gomes CRB-8/9590

**Direitos reservados à**

Editora Sociologia e Política  
Rua General Jardim, 522 - Vila Buarque  
01223-010 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel. Fax 0 55 11 3123 7800

[www.fespsp.org.br](http://www.fespsp.org.br)

Printed in Brazil, 2020

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	7
---------------------------	---

<b>Parte 1</b> <b>Perspectivas teóricas: sociologia geral e sociologia aplicada</b> .....	11
---	----

<b>O tempo e o lugar da sociologia aplicada: notas para o ensino de Ciências Sociais</b> .....	13
--	----

Angelo Del Vecchio e Isabela Oliveira Kalil

<b>Sociologia aplicada</b> .....	95
----------------------------------	----

Harry Perlstad

<b>Parte 2</b> <b>A teoria sociológica e a sociologia aplicada</b> ....	135
---	-----

<b>Sociologia aplicada: tratado sobre a melhoria consciente da sociedade pela sociedade</b> .....	137
---	-----

Lester Ward

<b>Sociologia aplicada e empírica</b> .....	149
---	-----

Ferdinand Tönnies

<b>Parte 3</b> <b>Campo e propósito da sociologia aplicada</b> .....	161
--	-----

<b>A sociologia aplicável</b> .....	163
-------------------------------------	-----

Herbert Newhard Shenton

<b>O campo da sociologia aplicada</b> .....	187
---	-----

Henry Pratt Fairchild

**Parte 4** Moral, criança e família ..... 197

**A população manufatureira da Inglaterra: condição social, habitações, hábitos domésticos, etc.** ..... 199

Peter Gaskell

**Parte 5** A cidade como campo de pesquisa ..... 215

**As grandes cidades** ..... 217

Friedrich Engels

**Vida e trabalho do povo em Londres** ..... 283

Charles Booth

**O assentamento como um fator no movimento operário** ..... 321

Jane Addams

**Parte 6** Pobreza e condições de vida dos trabalhadores ..... 339

**A extrema miséria e uma recaída na selvageria — vadiagem e mendicância** ..... 341

Eugene Buret

**Trabalhadores de lã no sul da França** ..... 353

Louis René Villermé

**A condição sanitária da população proletária da Grã-Bretanha** ..... 367

Edwin Chadwick

# APRESENTAÇÃO

A compilação de textos deste volume é dividida em seis partes. A primeira apresenta reflexões teóricas, epistemológicas e históricas sobre as ciências sociais aplicadas em texto dos organizadores e o trabalho referencial de Harry Perlstadt<sup>1</sup>. O primeiro ensaio apresenta uma reflexão sobre o tema da *sociologia aplicada* tendo como ponto de partida a questão do ensino de Ciências Sociais hoje no Brasil. Para isso, *O tempo e o lugar da sociologia aplicada: notas para o ensino de Ciências Sociais* traz um balanço sobre algumas questões a partir de uma recuperação histórica sobre o tema, especialmente dois autores: Lester Ward (1851-1922) e Ferdinand Tönnies (1855-1936). O pano de fundo deste debate é o papel do cientista social em relação à sua atuação na esfera pública e privada e o tema da transformação social via reforma social ou vertentes de posições anticapitalistas.

A seguir, temos o trabalho de Harry Perlstadt que apresenta um balanço da sociologia aplicada em língua inglesa, como foco nos Estados Unidos e os programas de financiamento público federal de pesquisas no contexto da Segunda Guerra Mundial e naquele que o autor nomeia como guerra contra a pobreza. Ainda que o autor não trate deste tema, vale lembrar que os financiamentos federais dos Estados Unidos tiveram como abrangência não apenas o próprio país, mas também investimentos de pesquisas internacionais,

---

1. Obedecendo a terminologia histórica, adotamos a denominação *sociologia aplicada* como abrangente da área disciplinar que compreende Sociologia, Antropologia e Ciência Política, bem como as suas extensões no campo da Economia, Psicologia, Direito e do Serviço Social.



especialmente na América Latina. A própria história dos primórdios da Ciências Sociais no Brasil teria rumos diferentes sem os financiamentos e agências e instituições nos Estados Unidos, casos da Fundação Rockefeller, Smithsonian Institution e até do conhecido Projeto Unesco de Relações Raciais.

A segunda parte, *A teoria sociológica e a sociologia aplicada*, apresenta a compilação de uma série de trabalhos históricos produzidos na segunda metade do século XIX e início do século XX. São apresentados os textos de Lester Ward, *sociologia aplicada: tratado sobre a melhoria consciente da sociedade pela sociedade* (publicado originalmente em 1906) e de Ferdinand Tönnies, *Sociologia aplicada e empírica* (publicado originalmente em 1943). Estes textos fornecem as balizas conceituais do que se convencionou chamar de sociologia aplicada.

Já a terceira parte, *Campo e propósito da sociologia aplicada*, apresenta os trabalhos de Herbert Newhard Shenton e Henry Pratt Fairchild. Assim, as divisões que se seguem no livro formam uma seleção de trabalhos empíricos de sociologia aplicada. No caso de Shenton, trata-se de um trabalho de 1927 que trata do tema emergente da disciplina como ‘engenharia social’ em diálogo com o liberalismo e o *laissez faire* de sua época. O trabalho de Fairchild, por sua vez, indaga questões de método em um contexto que o debate era se a Sociologia deveria ser ou não considerada uma ciência.

A quarta parte, *Moral, criança e família* apresenta a seleção dos trabalhos de Peter Gaskell como um trabalho pioneiro na “descrição de uma casa”, ou seja, da vida doméstica dos trabalhadores das manufaturas da Inglaterra. Neste contexto, o autor trata da fórmula que seria reproduzida na história das Ciências Sociais nos estudos sobre pobreza ao relacionar às condições sanitárias com temas morais. Para Gaskell, a consequência da pobreza e das precárias condições sanitárias seriam o crime, o vício, a prostituição e a desestruturação da família (apontados como “descuido dos pais, a desobediência dos filhos, a negligência dos direitos conjugais, a ausência do amor materno, a destruição do afeto entre irmãos e irmãs”).

Um contraponto é apresentado no texto seguinte da quinta parte com o trabalho de Friedrich Engels, *As grandes cidades*, capítulo

da conhecida obra *A classe trabalhadora na Inglaterra*. O tema da segregação espacial e a pobreza aparecem na presença de “bairros de má reputação’ – onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas, em geral, designaram-lhe um lugar à parte, onde, ao abrigo dos olhares das classes mais felizes”. O texto de Engels ainda fornece a chave explicativa para a proliferação de trabalhos sobre a pobreza. Se Gaskell aponta a degradação moral como consequência das condições de vida, Engels analisa a epidemia de cólera em Manchester e a forma como a burguesia da época passou a investigar e controlar estes ‘bairros de má reputação’.

Ainda que sejam textos que partam de perspectivas muito diversas, os trabalhos de Gaskell e Engels, lidos em relação, apontam historicamente como o interesse nos investimentos de pesquisas e outras formas de intervenção em bairros pobres ocorrem a partir do seguinte problema social: a pobreza nas cidades passa a ser investigada ora como problema moral, ora como questão sanitária. Em ambos, os investimentos de pesquisa se justificam nos seus contextos pelo risco de “contaminação”, seja de uma degradação moral generalizada, seja do risco de doenças infecciosas, como a cólera ou outras doenças. Mais tarde, nos estudos sobre o urbano, os estudos da chamada Escola de Chicago irão receber financiamentos para tratar da questão da violência e do crime nas cidades.

A parte cinco, *A cidade como campo de pesquisa* traz ainda o trabalho de Charles Booth *Vida e trabalho do povo em Londres* (1902). Em sua investigação sobre pobreza comparativa, oferece um mapeamento da cidade a partir de quatro distritos, como foco na atuação de instituições religiosas nestes locais. Booth analisa como a atuação das igrejas nos bairros pobres londrinos se dá através de ações, especialmente, na área da educação e medicina de forma missionária. A questão da caridade e da intervenção das instituições religiosas é tratada por Booth no contexto da formação de políticas para a gestão da pobreza urbana.

O texto de Jane Adams apresenta uma dimensão da chamada Escola de Chicago de Sociologia pouco conhecida entre nós no Brasil com o trabalho desta pesquisadora. Adams era socióloga, foi

tradutora de Engels, sufragista, e é reconhecida como a fundadora da área profissional de Serviço Social nos Estados Unidos. Adams apresenta a experiência da Hull House e das organizações das mulheres em sindicatos em Chicago. Hull House foi uma casa de abrigo e centro comunitário, por vezes, traduzida como assentamento (do inglês *settlement*).<sup>2</sup>

A sexta e última parte, *Pobreza e condições de vida dos trabalhadores* apresenta os textos de Eugene Buret, *A extrema miséria e uma recaída na selvageria*, o texto de Villermé, *Trabalhadores de lã no sul da França* e de Edwin Chadwick, *A condição sanitária da população proletária da Grã-Bretanha*. O conjunto destes textos retomam questões já tratadas anteriormente a partir do prisma das pesquisas do que passou a ser chamado de estudos de condições de vida da população, a partir de trabalhos pioneiros na França e Inglaterra. Estes trabalhos são marcados pela tentativa de se constituírem a partir da observação científica mais própria das ciências naturais, que redundam em exposições com caráter descritivo.

Os organizadores

---

2. O termo *settlement* que aqui traduzimos por assentamento tem mais de um significado. Pode se referir tanto à localização de instituições ou equipamentos, tais como “assentamento universitário evangélico” no texto de Charles Booth. Pode se referir também às edificações para abrigo e recepção temporário de pessoas. E por fim, como no texto de Jane Adams, para se referir ao território no qual residem, vivem, trabalham e circulam determinadas populações.



## **Parte 1**

**Perspectivas teóricas:**

**Sociologia geral e sociologia aplicada**



# O TEMPO E O LUGAR DA SOCIOLOGIA APLICADA: NOTAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANGELO DEL VECCHIO\*

ISABELA OLIVEIRA KALIL\*\*

## **Por que recuperar o debate sobre a *sociologia aplicada* no Brasil hoje?**

O projeto de realizar uma reflexão sobre *sociologia aplicada* partiu de um problema específico: o reconhecimento do esgotamento da formação tradicional em Ciências Sociais no Brasil. Ainda que novos cursos de Ciências Sociais tenham sido criados na última década, o descompasso entre ensino e mercado de trabalho se mostra como um dos principais desafios da área atualmente. Nos últimos anos, não apenas a disciplina deixou de ser obrigatória no currículo do ensino médio pela Lei 13.415/2017, que altera as diretrizes e bases da educação nacional<sup>1</sup>, quanto a presença da disciplina em outros

---

\* Mestre e Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e Livre-Docente em Estado, Política e Administração Pública no Brasil, pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp). É Presidente do Conselho Superior da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

\*\* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp), é Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio doutoral na *Columbia University*. É professora na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

1. No caso do Brasil, temos que considerar o enfraquecimento de uma área de trabalho para os bacharéis e licenciados em ciências sociais e sociologia, que é o exercício do magistério. Com a reforma do ensino médio, normatizada pela Lei nº 13.415/2017, mas ainda não implantada, se pretende suprimir a obrigatoriedade do ensino da educação física, da arte, da sociologia e da filosofia. Esses conhecimentos deixariam de ser ministrados como disciplinas componentes da base curricular, e passariam a ser tratados como “estudos e práticas”. Do ponto de vista prático, essa mudança pode implicar a diluição dos conteúdos relativos a essas disciplinas no interior daquelas que remanesceram como obrigatórias na nova matriz curricular.



cursos superiores tem sido substituída pelo ensino à distância. Ou seja, o que está em curso é uma redução dos postos de trabalho de Ciências Sociais relacionados com as áreas de ensino.

O recente levantamento de Baltar e Baltar (2017) visa responder de forma mais direta à seguinte questão: “Onde trabalham os formados em Sociologia?”, a partir de dados do IBGE de 2010. A resposta é que a maioria dos formados em Ciências Sociais (considerando de forma mais abrangente também os cursos de Sociologia e Política, Antropologia, Sociologia e Estudos Culturais, entre outros) não atua na própria área de formação. Além de não atuarem na área que estudaram, a maioria dos formados ainda ocupa posições de trabalho consideradas “mal definidas ou não declaradas” na Classificação Brasileira de Ocupações. O estudo mostra que esse descompasso não é exclusividade da área de Ciências Sociais, entretanto, o dado é preocupante: menos de 10% dos formados nos cursos de Ciências Sociais atuam em sua área de formação<sup>2</sup>.

Diante desse cenário, a presente reflexão tem como objetivo fornecer subsídios teóricos para a análise do lugar da *sociologia aplicada* nas Ciências Sociais atualmente. A principal razão desta retomada de textos históricos se deve ao fato de que a reflexão sobre a aplicação em ciências sociais se apresenta como uma necessidade da própria sociedade, como indicam os dados mencionados. Em termos práticos: trata-se da necessidade de ajustar as matrizes curriculares, os planos de ensino e todo aparato acadêmico e pedagógico dos cursos de Ciências Sociais ao compasso com as reais ocupações do cientista social hoje, bem como a outras que ele eventualmente possa vir a exercer no futuro.

Isso não significa, nem pode significar, o abandono da formação teórica e crítica hoje predominante. Ao contrário, o sentido da introdução deste debate é o de ampliar o escopo dessa formação e, por

---

2. De acordo com o Censo da Educação Superior, em 2016, os cursos de maior procura foram administração, direito e pedagogia, uma tendência que se repetiu no levantamento de 2009. Os dois primeiros estão no grupo de cursos que o MEC define como Ciências Sociais Aplicadas – área composta pelos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Comunicação, Desenho Industrial, Demografia, Direito, Museologia, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

consequência, o âmbito das qualificações para a atuação do cientista social. Entendemos que o primeiro movimento dessa caminhada é justamente o estabelecimento das bases de uma reflexão crítica sobre o que seja a aplicação da ciência social nos dias atuais.

Na síntese que nos dispusemos a fazer, o primeiro desafio foi o de selecionar um número reduzido de autores e obras que representasse a diversidade das postulações presentes no âmbito do debate teórico da *sociologia aplicada*. Em vista da intermitência e inconstância da produção sobre o tema, esse propósito tornou inevitável voltarmos nossa atenção aos primeiros esforços no sentido de debater e estabelecer aquilo que denominamos estatuto teórico da *sociologia aplicada*, ou seja, as diferenças, continuidades e sobreposições de campo e objeto da *sociologia aplicada* em relação à *teoria sociológica*, bem como à *sociologia empírica*.

Dadas a quantidade de obras e a diversidade de autores que ao longo de mais de um século trataram do assunto e, sobretudo, a escassez de trabalhos que sistematizem o debate em que estabelecemos foco, buscamos eleger critérios seletivos de modo a resultar uma exposição ao mesmo tempo sucinta e relativamente expressiva da diversidade de posições dos atores nela envolvidos. O primeiro esforço foi recorrer à prática de buscar o enquadramento de tais autores e obras nas chamadas escolas, o que é usual na sociologia do conhecimento quando se trata de recensear a elaboração sobre determinados temas<sup>3</sup>.

No caso da *Sociologia aplicada*, tal crivo seletivo se revela de difícil utilização, entre outras razões, pelo fato de que a rarefação do tratamento dado à questão não possibilitou a formação sistemática de pesquisadores perfilados a linhagens teóricas claramente definidas como escolas. Mas há ainda outra boa razão para que não adotemos a identificação de “escolas” como forma e critério de organização do pensamento sobre a *sociologia aplicada*.

---

3. Assim procedem, por exemplo, Löwy e Sayre (2015) ao abordarem o Romantismo e perfilarem escritores como Coleridge e Ruskin, qualificados como expressões românticas da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, respectivamente, ou Marx, Rosa de Luxemburgo e Luckács, no campo do materialismo histórico, ou ainda em escolas de pensamento como quando nos referimos à chamada Escola de Chicago de Sociologia ou Escola de Frankfurt.

Se entendermos por escola sociológica a organização de continuadores da obra de determinados pioneiros da sociologia, num processo que consolida a teoria e o método propostos, como nos casos franceses de Comte, Durkheim e Le Play, do inglês Spencer e até mesmo da mais recente Escola de Frankfurt, constataremos que, no caso da *sociologia aplicada*, essa relação de identidade entre mestres fundadores e discípulos no que se refere ao desenvolvimento da teoria e do método é inexistente ou pouco expressiva.

Tudo indica que, no caso da *sociologia aplicada*, a relação de continuidade se deu através da absorção de maneira aleatória das proposições dos primeiros formuladores de seu estatuto teórico, sem que os desenvolvimentos posteriores ocorressem sob a afiliação seja a uma vertente teórica, seja a um autor fundante ou ainda a uma instituição. É claro que essa via de constituição de um campo de conhecimento apresenta alta possibilidade de surgimento de polifonias que, por vezes, tornam instável a herança científica ou simplesmente a desconhecem, tornando a sedimentação da teoria um processo segmentado e nem sempre cumulativo. No caso da *sociologia aplicada*, esse processo descontínuo e polifônico se fez realidade, e nele talvez resida uma das razões para a baixa visibilidade que a *sociologia aplicada* teve ao longo da história da disciplina.

Assim, o presente texto busca apresentar uma reflexão a partir do contraste das obras de dois fundadores da *sociologia aplicada*, a saber, o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936) e o sociólogo norte-americano Lester Ward (1841-1913), sendo o primeiro um tanto mais conhecido dos brasileiros do que o segundo. Nossa comparação tem por intuito a identificação de dois pensadores que, sendo típicos de um caso e de outro, além de terem refletido sobre o estatuto teórico da *sociologia aplicada*, tiveram relevância intelectual e trajetória institucional semelhantes, e foram igualmente pioneiros no tratamento do tema. Entendemos por relevância intelectual, em primeiro lugar, a constituição de uma obra de porte e influência capazes de marcar não apenas uma ou duas gerações de sociólogos, mas a própria história da sociologia nos respectivos países de origem. Como nosso enfoque abrange também os contextos em que tais obras e percursos ocorreram, buscamos localizar intelectuais que



tenham contribuições institucionais expressivas para a implantação ou ainda para o desenvolvimento da sociologia nas respectivas sociedades em que atuaram. É o que desenvolveremos a seguir.

Com o esforço de reflexão a partir dessas duas obras pioneiras, pretende-se levantar algumas reflexões sobre possíveis mudanças nas formas de transmissão de saber nos cursos superiores de Ciências Sociais a partir do caso brasileiro. Entre as questões suscitadas pela reflexão sobre a obra de Tönnies e Ward estão temas importantes sobre a própria razão de ser da formação do sociólogo (entendida de forma mais ampla como o cientista social). Entre essas questões estão: o papel do cientista social em relação à atuação do Estado e o tema da transformação social via reforma social ou vertentes de posições anticapitalistas.

### **Entre Kiel e Nova Iorque: a *sociologia aplicada* em busca de uma concepção**

Ferdinand Tönnies, apesar da enorme influência como personalidade científica em sua época, não é o representante de uma escola de pensamento. Segundo Miranda:

Sua obra não inclui com facilidade nas tradições filosóficas mais tradicionais e populares, sem referências arquetípicas às grandes correntes de pensamento. Em outra vertente, seus seguidores foram, em grande parte, decapitados sob o nazismo, antes que, estruturados em uma escola, seu pensamento deixasse a Alemanha. Em consequência, não pode ser entendida de forma “simplificada”, por mera referência a correntes e seguidores. Há que entendê-la por si própria. (MIRANDA, 1995, p.14 e 15).

A consideração de Miranda vem em favor de nossa opção de estabelecer a comparação entre cientistas sociais pertencentes, mais do que a escolas, a duas tradições diversas. Entendemos por tradição sociológica o conjunto de tendências que se fazem dominantes e que, ainda que se considere certo grau de heterogeneidade e de

influências exteriores, acabam por conferir características comuns a um conjunto de produções, que moldam elementos de identidade regional, ou até nacional, à produção sociológica de continentes ou países, em períodos históricos determinados<sup>4</sup>.

Sendo assim, para a análise que empreendemos importa a obra, mas não apenas a obra em sua imanência textual. O contexto em que é produzida e recepcionada tem também peso considerável, pois, ressalvada a sempre relativa autonomia do pensamento social em face das condições em que é produzido, é certo que essas condições incidem não somente nos temas e modos pelos quais aquele se produz, tornando a sociologia uma das ciências mais suscetíveis às mudanças e ingerências políticas, econômicas, sociais e culturais, bem como aquela que se expõe mais nitidamente à influência dos elementos da cultura predominante em determinado momento.

Nesse percurso acidentado, não raro impactado negativamente pela escalada de forças políticas autoritárias<sup>5</sup>, a jovem ciência carregou elementos tomados ao cabedal do conhecimento já existente nas sociedades em que viria a se afirmar, os quais imprimiram sua marca nas agendas de investigação, nos métodos e nas técnicas de pesquisa, e

---

4. Embora essa afirmação possa parecer comprovada intuitivamente, é notável que Fernando de Azevedo, em *Princípios de Sociologia* (1958), não utilize o termo “sociologia brasileira”, mas sim “sociologia no Brasil”.

5. Há várias indicações de que os regimes fascistas e assemelhados atuaram no sentido de inibir, quando não de eliminar a produção científica da sociologia, dado o aporte eminentemente crítico da disciplina. De outra parte, a eclosão de guerras também causou importantes recuos no desenvolvimento teórico e na prática da disciplina, como assinala Mucchielli (2001, p. 51). A verificação dessas correlações é uma agenda de pesquisa histórica comparada, merecedora de ser desenvolvida, entre outras razões, pela natureza das mudanças políticas que presentemente fragilizam a democracia, tal como se constituiu em vários países no pós-Segunda-Guerra. A título de exemplo, tomamos o caso português sob o regime dirigido por Salazar, na observação de Frederico Ágoas, para quem: “É comum sugerir-se – para não dizer que é unânime – que a plena afirmação das ciências sociais em Portugal é relativamente tardia. Quanto à sociologia, em particular, teria sido preciso esperar pela revolução de 25 de Abril de 1974 e pela instauração da democracia para ver a disciplina vingar em todo o seu esplendor acadêmico. Simetricamente, assume-se, a vigência de um governo ditatorial durante quase meio século (1926-1974) explicaria por si mesma – ou mais do que qualquer outro fator, pelo menos – o reputado atraso luso no panorama internacional daquelas ciências. São correntes, por exemplo, evocações de máximas lapidares do ditador Oliveira Salazar em que este faria pura e simplesmente equivar «sociologia» e «socialismo»; como corrente é também a ideia mais geral de que vigoraria então ao mais alto nível político o receio expresso de que uma eventual sociologia pudesse descobrir as disparidades sociais que o regime fascista tanto se empenhou em ocultar”. (ÁGOAS, 2010, p. 2).

nos modos de relacionamento com as outras áreas do conhecimento, especialmente, com a filosofia. Dito de outro modo, partimos do suposto de que as tradições culturais forjadas na modernidade, as quais ao mesmo tempo são estruturadoras desta mesma modernidade, sendo específicas em cada sociedade nacional, transmitem suas marcas às ciências que se constituem nesse processo, em particular à sociologia.

Consideradas as particularidades nacionais, uma visão panorâmica da formação da sociologia indica que ao menos dois grandes ramos se projetam como matrizes de estruturação da disciplina. De uma parte, o positivismo, que migra do território francês para vários pontos do globo, tendo particular recepção nos Estados Unidos, onde, desde meados do século XIX, a ciência social e o protestantismo desenvolveram uma *sui generis* aproximação. Dessa proximidade emergem grupos como o do Evangelho Social e dos *muckrakers*, cuja atuação é marcada pela denúncia da corrupção e da injustiça econômica e social.

Por essa via, em meados dos anos 1800, se constituiu um movimento que associava, em medidas variáveis, crença religiosa e ciência social, de tal modo que:

Desde a década de 1840 até a de 1890, esse Movimento da Ciência Social, como foi chamado, passou por diversas fases: a Associacionista, a Comteana inicial, a Sistemática inicial, a Pós-Associacionista, A Escola Nacionalista (ou a Escola Econômica de Carey), A Escola Econômica (Neoclássica) e aquela da Associação Americana de Ciência Social. (HINKLE; HINKLE, 1954, p. 4).

Tendo se estabelecido relativamente cedo, a sociologia norte-americana desenvolve uma marca própria, por assim dizer, “praticista”, calcada na intervenção corretiva ou redutora dos problemas sociais derivados da modernização. Trata-se, portanto, de um compromisso primeiro com o reformismo social, que seria recolocado à medida em que o número de praticantes se expandia e que a disciplina se institucionalizava. O viés da reforma social daria à ciência social dos EUA uma configuração própria, não encontrável nos grandes centros



européus, capaz de lhe conferir identidade. Esse mesmo viés tornou-se o eixo de tensão e debates no âmbito da comunidade dos cientistas sociais que então se formavam, debate esse pautado pela contraposição entre o predominante reformismo de talhe positivista e uma forte influência de expressão inglesa, em tudo oposta ao reformismo social: o evolucionismo spenciariano. Segundo a síntese de Eufrásio:

Certos aspectos da formação da sociologia assumiram nos Estados Unidos formas originais: (1) uma motivação inicial filantrópica e favorável à reforma social, de feição progressista, e sua disputa contra os argumentos conservadores tirados da economia política clássica e do evolucionismo e do darwinismo social; (2) o uso pioneiro de materiais sociográficos; (3) a influência do evolucionismo de Spencer e do darwinismo social no desdobramento da discussão intelectual de um conjunto de ideias da época (entre 1850 e 1900) e (4) os inícios do ensino universitário da sociologia em diversas instituições de ensino e pesquisas universitárias que foram criadas nas últimas décadas do século XIX. (EUFRÁSIO, 1995, p. 39).

Desse modo, temos a formação da variante norte-americana da sociologia, que em seus primórdios teve como referência maior o positivismo comteano ambientado à tradição social melhorista dos pastores protestantes. Esse movimento promoveu não apenas o trânsito do positivismo francês a uma modalidade tipicamente norte-americana, como também operou uma notável mudança dos próprios agentes desse processo. Estes, que primeiramente atuavam como dirigentes espirituais, migraram para o campo científico, sendo que muitos deles contribuíram de modo decisivo na fundação das universidades e na implantação da ciência social<sup>6</sup>.

---

6. Caso notável é o de Albion Small, com formação religiosa inicial, dedicou-se durante dois anos (1879-1881) à complementação de sua formação profissional em Leipzig, sob a orientação e influência de economistas historicistas, como Gustav Schmoller, Adolf Wagner e Albert Schaffle. Anos depois, de volta aos Estados Unidos, fundou o primeiro departamento de Sociologia do país, na Universidade de Colúmbia, em 1892, apenas dois anos após Durkheim ter instituído o pioneiro departamento de Sociologia da Universidade de Bordeaux.

Outra matriz ou tradição sociológica provém da Alemanha, cuja constituição foi influenciada por fatores que produziram efeitos bastante diversos daqueles que apontamos no caso norte-americano. É sabido que, na Alemanha, o caminho da sociologia sofreu mais percalços que marcaram a maneira pela qual a própria ciência foi esculpida e que projetaram sua capacidade de intervenção prática e teórica. Arrenari aponta essa particularidade alemã, e assevera que:

No caso particular da Alemanha e de seu processo singular de modernidade a sociologia enfrentou duras hostilidades no seu surgimento. Diferentemente da vizinha França, que vivia um período eufórico com o progresso da ciência, atribuindo um papel quase *divino* aos métodos racionais de calculabilidade, frutos do avanço da técnica, a Alemanha seguia um caminho diametralmente oposto. Enquanto o positivismo fazia escola racionalizando todas as instâncias da vida, desde a política à religião, promovendo uma *corrida cientificista*, na Alemanha viravam-se as costas a todo este movimento, demonstrando um profundo desprezo a tudo que se propusesse reduzir a complexidade da vida a sistemas racionais que, segundo os artistas e filósofos alemães, se apresentariam apenas como aproximações teóricas grosseiras. (ARENARI, 2007, p. 37).

Temos então que, enquanto a França via triunfar uma sociologia que havia sido proposta como a derradeira e mais complexa das ciências por Comte, em contexto intelectual e cultural dominado por uma visão da história da humanidade segundo a “[...] qual os descobrimentos e invenções da ciência e da tecnologia desempenham papel preponderante, fazendo o homem caminhar para uma era em que a organização social e política seria produto das luzes e da razão” (GIANNOTTI, 1978, p. 646); na Alemanha, o legado romântico se insurgia precisamente contra a possível objetividade de juízos que o positivismo apregoava. Sob a influência romântica, tal propósito era considerado como uma forma de redução da complexidade da vida e do alcance de suas razões últimas, precisamente aquelas

razões que Comte considerava território da metafísica e, por isso, rejeitava categoricamente incluí-las no escopo da ciência.

De todo modo, há a nítida identificação de duas matrizes sob as quais a sociologia emerge como disciplina científica, matrizes essas que constituem o que podemos chamar de casos típicos, nos quais a sociologia encontra alicerces em substratos culturais e políticos muito diferentes, e dos quais também resultam tipos de produção científica claramente distintos.

Ao comparar os casos clássicos do entrelaçamento das influências da formação nacional no estabelecimento da sociologia como prática científica, Werneck Vianna centra o foco na relação entre essa ciência e a dinâmica política nas respectivas sociedades em que se estabeleceu. Para o caso alemão, afirma que:

Como disciplina acadêmica, nenhuma Sociologia estará tão próxima à Filosofia como a alemã – exemplo disso é a presença significativa da obra de Kant e de Nietzsche em Weber, e, mais tarde, de Hegel em Mannheim –, assim como nenhuma outra estará tão distante quanto ela dos movimentos sociais. (VIANNA, 1997, p. 196).

Em contrapartida, ao retomar o Movimento da Ciência Social do século XIX, a que nos referimos, bem como seus desdobramentos, Vianna aponta uma constante que oferece pistas para o estabelecimento da *sociologia aplicada* como ramo disciplinar de certo vigor nos Estados Unidos. Segundo o autor:

Foi nos EUA que a Sociologia ao ganhar estatuto de ciência universitária, não perdeu seu impulso originário de compromisso com a reforma social, traduzindo, na academia, o movimento de reformadores, religiosa e moralmente orientados, que nasce com o abolicionismo e se aprofunda com a crise do pós-Guerra de Secessão (VIANNA, 1997, p. 198).

Tais distinções nos permitem definir os casos alemão e norte-americano como paradigmáticos de duas tradições sociológicas. Também

possibilitam assumir o corolário proponente de que tais diferenciações se manifestaram igualmente no que diz respeito à proposição da relação entre a *sociologia aplicada* e a *sociologia geral*.

No primeiro caso, a exemplo da relação distante que se estabeleceu entre a disciplina científica e o movimento social, como nos lembra Vianna, a *sociologia aplicada* também gozou de pouca visibilidade, em vista de sua natureza eminentemente prática. Esse fato se evidencia quando das buscas bibliográficas e os poucos títulos encontrados, os quais, ademais, surgem sob a rubrica da *sociologia médica*, sub-ramo da *sociologia aplicada*, de produção significativa, tendo sido produzidos em outros países. Temos nesse caso o exemplo do artigo de Cockerhan (1983), em que é apresentada interessante comparação da *sociologia aplicada* à medicina nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na Alemanha e na Áustria.

Já no caso norte-americano, a produção da *sociologia aplicada*, e da própria relação entre esta e a sociologia geral, é relativamente abundante e tem seu maior acúmulo nos temas típicos da reforma social, como, por exemplo, políticas públicas voltadas a grupos vulneráveis. Tal fato aponta uma correlação positiva e a manutenção de vínculos consistentes entre a prática sociológica e as reformas sociais, tal como historicamente se verificaram nos EUA.

## **Tönnies e a sociologia alemã**

Ferdinand Tönnies, ao lado de Simmel e Weber, é considerado um dos mais importantes sociólogos da Alemanha. Vários autores que recensearam o surgimento e a implantação da ciência naquele país confluem para essa posição. Entre esses, situa-se Michel Löwy, para quem “o representante mais típico das contradições do romantismo resignado é provavelmente Ferdinand Tönnies, considerado o fundador da sociologia alemã”. (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 99).

É interessante que Löwy atribua essa posição de destaque ao autor de *Comunidade e Sociedade* num contexto em que despontavam nomes do porte de Simmel, Weber e outros agentes fundantes da sociologia alemã, os quais atuaram numa época em que o desafio



maior era o de firmar a disciplina num registro original, diverso do positivismo comteano. Trata-se assim de um grupo de contemporâneos, imbuídos do propósito de assentar definitivamente as bases da ciência social em novos moldes.

É nesse sentido que Pitirin A. Sorokin desenvolve um esforço de sistematização – que visa muito mais contrastar a geração de sociólogos alemães da qual fazem parte o próprio Tönnies, mas também Simmel e Weber, com seus antecessores – o qual produz um enquadramento nominal dos dois primeiros autores numa “escola”, a Escola Sociologista, cuja característica seria a inclusão de elementos da psicologia de grupos no plano da produção sociológica.

Na verdade, parece-nos que o elo entre os três autores é, como veremos adiante, algo diverso dos elementos que caracterizam uma escola sociológica, tais como: método, objeto, abordagem etc., mas, sim, uma influência cultural e intelectual, que se estendeu por décadas no continente europeu e transbordou pontualmente, com variações mais ou menos sensíveis, para as Américas: o romantismo.

Por essa razão, a própria exposição de Sorokin privilegia fatores temporais ao apontar o elemento geracional como traço de diferenciação entre a produção dos autores citados e a elaboração daquilo que ele próprio designa como “sociologia enciclopédica”<sup>7</sup>. Não são os princípios, tampouco a abordagem, que prenunciam o individualismo metodológico, os elementos diferenciais daquela “escola” a que pertenceriam Tönnies e Simmel, mas sim o fato de eles, e demais autores elencados pelo sociólogo russo, serem de uma geração nascida entre os anos 1850 e 1860, organizadora de uma:

[...] escola que é nova e se proclama muito jovem que a sociologia “enciclopédica”. Ferdinand Tönnies e G. Simmel são considerados fundadores da escola. [...] os princípios da escola

---

7. Segundo o autor, as características fundamentais da escola eram “[...] construir a sociologia sobre a base da psicologia e de explicar os fenômenos sociais por meio do psicológico, ao invés de explicar os fenômenos psicológicos por mediante o biológico e sociológico. [...] Outra característica desta escola se deve ao fato de que a maioria dos seus partidários tende a interpretar os fenômenos sociais como uma derivação da atividade dos indivíduos, ao invés de explicar os indivíduos e sua atividade mediante a realidade social.” (SOROKIN, 1951, p. 473).

estão dados nas obras de seus representantes mais iminentes: F. Tönnies, R. Stammler, G. Simmel, L. von Wiese, A. Vierkandt, T. Litt, C. Bouglé parcialmente E.A. Ross, em suas últimas obras, R. Park, E. Burgess (SOROKIN, 1951, p. 536).

É certo que existem similaridades metodológicas entre os autores citados, mas tal aproximação parece-nos insuficiente para incluí-los numa escola, tal como se pode perfilar à Escola de Chicago, tanto Burgess quanto Park que, aliás, desenvolveu seu doutorado sob a orientação de Simmel, em Heidelberg, em 1904. Portanto, trata-se muito mais de uma geração do que de uma escola, com a necessária unidade de método ou mesmo em relação ao objeto, como era o caso de Chicago. Desse modo, para os fins de nosso debate, cabe notar a liderança de Tönnies entre seus colegas de geração, exposta e reafirmada por Sorokin.

Por outro lado, é necessário demarcar que essa proeminência se assentava na inovação científica e no impulso que teve tal inovação para o próprio desenvolvimento da sociologia alemã. A edição de *Comunidade e Sociedade*, em 1887, causa impacto imediato e assinala novas possibilidades à jovem ciência entre os alemães, ao mesmo tempo em que demarca temporalmente a superação daquela sociologia que Sorokin denominou enciclopédica, em favor de uma nova concepção da ciência social. De acordo com a observação de Luckács, esse é:

[...] um livro da nova sociologia, chamado a ter influência maior: *Comunidade e Sociedade*, de Ferdinand Tönnies. Essa obra ocupa um lugar especial no desenvolvimento da sociologia alemã. É necessário assinalar que a vinculação ideológica de seu autor com as tradições alemãs clássicas é mais evidenciada do que a dos sociólogos posteriores (LUCKÁCS, 1983, p. 477).

É interessante salientar duas demarcações feitas pelo autor de *O assalto à razão* em relação a Tönnies. Primeiramente, a liderança e o pioneirismo, marcados em seu principal livro. Em segundo lugar, quando Luckács aponta a vinculação ideológica comum a Tönnies e

seus antecessores alemães, entendemos que ele indica o transporte de um elemento da herança intelectual, a influência do romantismo, que se organiza no pensamento tönnesiano sob a forma de um “anti-capitalismo romântico”, que marcaria de forma indelével a sociologia alemã como uma disciplina de forte incidência filosófica, notadamente aquela produzida na primeira metade do século XX (LUCKÁCS, 1983, p. 479).

No entanto, outro aspecto dinâmico da atuação de Tönnies merece ser evidenciado: o forte ativismo profissional e o engajamento político progressista<sup>8</sup>.

Nesse aspecto, Tönnies também marcou sua passagem na organização profissional dos sociólogos alemães, sendo fundador da DGS – *Deutsche Gesellschaft für Soziologie* (Associação Alemã de Sociologia), ao lado de Weber, Simmel e Rudolf Goldscheid. A DGS, criada em 1909, foi presidida desde a fundação por Tönnies. Em 1933, o regime nazista, que havia se implantado em janeiro do mesmo ano, interveio na instituição e afastou Tönnies de sua presidência, que passou a Hans Freyer, sob cuja direção a associação manteve-se inativa até 1946<sup>9</sup>.

## **A sociologia aplicada de Tönnies**

O debate específico sobre a *sociologia aplicada* aparece em Ferdinand Tönnies em texto sucinto, de 1931, publicado originalmente num alentado manual em língua alemã (TÖNNIES, 1931, p. 313-327). Nele, o sociólogo intenta expor os contornos da *sociologia aplicada*

---

8. Tönnies, que ingressou na Universidade de Kiel como professor assistente, em 1881, foi afastado do cargo por sua simpatia à greve dos portuários de Hamburgo, de 1896. Retornou como professor emérito em 1921, sendo definitivamente excluído pelo nazismo dos quadros de Kiel, em 1933.

9. A intervenção do regime nazista na DGS é mais um indício do antagonismo entre regimes políticos autoritários e a expansão da produção sociológica. A DGS foi reativada em 1946, sob a presidência de Leopold von Wiese. A partir desse momento, as atividades da associação se intensificaram, de modo que sociólogos notáveis se engajaram na DGS, tais como Theodor Adorno e Ralph Dahrendorf, que a presidiram entre os anos de 1963 e 1967, e 1967 e 1970, respectivamente.

a partir dos contrastes com a *sociologia pura* que, no seu caso, parece corresponder ao que, em termos correntes na atualidade, denominamos teoria sociológica, bem como os pontos de contato entre a *sociologia aplicada* e a *sociologia empírica*.

Cabe notar que Tönnies propôs um conjunto fechado, composto exclusivamente por três partes, que são: a *sociologia pura*, a *aplicada* e a *empírica*. A esse conjunto, ele denominou “sociologia especial” (TÖNNIES, 1942, p. 355), sendo suas componentes sempre referidas como partes. Desse modo, embora partes, elas se apresentam como indissociáveis, sendo que, sempre e necessariamente, a concepção de uma delas deve ser referida, funcional e teoricamente, às outras duas.

Nesse registro, Tönnies apresenta a *sociologia aplicada* como uma espécie de “parte” da sociologia, cuja função é auxiliar outra “parte”, a sociologia pura, cujos conceitos, caberia à *sociologia aplicada* tornar operacionais. Seu objeto é o entendimento do desenvolver histórico social e, em particular, o que podemos chamar de estado atual da sociedade. Em tradução livre, a partir do espanhol, o autor afirma que:

A diferenciamos [a sociologia pura] pois, da *sociologia aplicada* considerando que esta representaria precisamente o intento de valorizar os conceitos sociológicos para a compreensão dos estados atuais das coisas sociais e das grandes transformações históricas, e, em geral da compreensão da evolução humana (TÖNNIES, 1942, p. 349).

Assim, segundo a visão do autor, a *sociologia aplicada* tem por objeto teórico as grandes mudanças sociais que nos levaram à contemporaneidade. Se, por um lado, a afirmação expõe com clareza uma diferenciação de abordagem e objeto entre a *sociologia aplicada* e a *sociologia pura*, teórica, de outra parte, ela não identifica os elementos comuns entre essa mesma *sociologia aplicada* e a *sociologia empírica*.

A articulação dessa tríade científica – *sociologia pura*, *empírica* e *aplicada* – ocupou os esforços de alguns intérpretes da obra tönnesiana e, como era de se esperar, a volumosa produção resultante

é marcada por algum dissenso entre seus agentes. Esse debate tem maior curso e fundamento nas exegeses da obra fundante do autor, *Comunidade e Sociedade*, que ainda hoje constitui-se num território de disputa acadêmica, o qual expõe faces intrincadas de um pensamento que, de início, já está revestido de grande complexidade.

Por limitações dos objetivos do presente capítulo, não ingressaremos no tratamento dos fundamentos da obra de Tönnies, senão que teremos por foco tratar, ainda de maneira preliminar, das relações entre a sociologia teórica, aplicada e a empírica. Nessa medida, nossa referência principal será o *Livro sexto: Sociologia empírica e aplicada*, do volume *Princípios de Sociologia* (TÖNNIES, 1942, p. 375-393)<sup>10</sup>. Se nosso foco é a relação entre a sociologia pura e a aplicada, inicialmente, é necessário sumariar as possibilidades de diferenciação entre ambas as expressões da disciplina na obra tönnesiana.

Nesse particular, a inevitável preocupação com a constante e acelerada mudança social<sup>11</sup>, e a necessidade de formular uma teoria para compreendê-la, está presente no tecido argumentativo com o qual Tönnies reveste sua definição de *sociologia aplicada*. Nesse sentido, sociologia pura e aplicada seriam expressões diferentes, ou “partes” de uma mesma ciência especial, cujo objeto geral é a dialética da permanência e da mudança na sociedade moderna. Esse par dialético une e ao mesmo tempo cinde a jovem ciência da sociedade, e tal cisão/união surge para Tönnies na estruturação de duas formulações mais ideais e típicas do que históricas e concretas, os *tipos-formais* que representam, respectivamente, a mudança e a continuidade: sociedade e comunidade<sup>12</sup>.

---

10. As eventuais incursões ao clássico *Comunidade e Sociedade*, bem como aos intérpretes de Tönnies, serão exíguas, as mínimas necessárias, e terão por objetivo apenas clarificar uns poucos argumentos que, de outro modo, teriam sua compreensão truncada.

11. Claro está que essa preocupação não é uma marca exclusiva de Tönnies, senão que um eixo de articulação da própria sociologia como ciência, presente desde os primórdios da disciplina, até os dias atuais.

12. Há evidente proximidade entre os conceitos de *tipo-formal* tönnesiano e *tipo-ideal* weberiano. Segundo Arenari (2007, p. 41), “Nos moldes do *tipo-ideal* weberiano, os *tipos-formais* tonnesianos não encontram correspondência concreta no mundo real, são aproximações ideais de padrões de comportamento coletivo. O recurso metodológico surge como uma ferramenta intelectual para a compreensão da realidade social, mesmo que não encontre correspondência objetiva. Esse é o sentido mesmo do conceito”.



Esses tipos formais pertencem a um campo teórico comum, a sociologia pura, no qual se apresentam como categorias fundamentais, e seu trânsito para a *sociologia aplicada* implica uma alteração de seu sentido inicial, de modo que, de expressão abstrata e ideal, passam a ser a expressão de um desenvolvimento histórico concreto. Segundo Cahnman:

Por “teoria pura”, no sistema de Tönnies, entende-se uma teoria estática, de conceitos; por teoria aplicada, uma teoria dinâmica do processo histórico. Na pura, sociedade e comunidade, assim como seus conceitos correspondentes – *Wesenville e Kürville* – são construções exclusivamente mentais, que se excluem reciprocamente, enquanto na aplicada denotam um desenvolvimento dialético e “contracorrente”, apesar de progressivo e da mutação de uma forma para outra. Com isto a sociologia pura é o ponto de partida, e a aplicada a meta, já que se inicia com conceitos (ou, como Tönnies os chama, coisas do pensamento), e o que se almeja é conhecer a realidade. (CAHNMAN, 1995, p. 88).

Dois pontos, em especial, chamam a atenção na construção da relação teoria e prática ou, se quisermos, entre teoria e aplicação, na formulação do sociólogo alemão.

Primeiramente, a disjuntiva comunidade x sociedade, embora composta por constructos mentais, remete a tempos e realidades diversos da vida humana em geral, e é exposta em chave valorativa. A leitura do texto de Tönnies indica um estado inicial, primeiro, que remete à comunidade, no qual a relação entre os membros que a compõem é marcada pela autenticidade própria dos laços naturais e imemoriais, que unem aqueles que dela participam, independentemente das contingências que marcam o passar do tempo. É o âmbito da intimidade coletiva, conferida pela origem e pelo percurso de vida comuns. Assim, para o autor:

A *sociedade* é o que é público, é o mundo. Ao contrário, o homem se encontra em comunidade com os seus desde o nascimento, unido a eles tanto no bem como no mal. Entra-se na

sociedade como em terra estrangeira. [...] A comunidade doméstica, ao contrário, com suas ações infinitas sobre a alma humana, é experimentada por cada um daqueles que participam dela. Por essa razão, os noivos sabem que entram no casamento como numa plena comunidade de vida (*communio totius vitae*). Uma sociedade de vida é uma expressão contraditória em seus próprios termos (TÖNNIES, 1973, p. 97).

A anterioridade e a maior elevação moral das relações que a comunidade comporta remontam a um tempo, ou fase, senão anterior, ao menos diverso daquele predominante no contexto da modernidade, que, para Tönnies, se identifica à sociedade, compreendida esta como uma agregação praticamente isenta de laços empáticos entre seus membros, assim “[...] a sociedade humana é compreendida como uma pura justaposição de indivíduos independentes uns dos outros. [...] Como coisa e como nome, comunidade é o velho, sociedade é o novo.” (TÖNNIES, 1973, p. 97-98).

É patente que Tönnies lança um crivo valorativo sobre a modernidade, a qual ele percebe em perspectiva decadentista, sombria, sobretudo no que tange ao aspecto ético-espiritual (ARENARI, 2007, p. 40). Esse veio crítico liga o autor a uma tradição cultural do romantismo, vitoriosa no continente europeu. É certo que denotar a afiliação de um intelectual ao romantismo pode dizer muita coisa, e precisamente quase nada, pois, como demonstra Löwy, a “[...] palavra ‘romantismo’ tem uma extensão maior do que lhe atribuem habitualmente e recobre campos disciplinares, períodos, movimentos, autores e obras muito heteróclitos” (LÖWY, 2015, p. 13).

Para os fins desta exposição, o que importa é demarcar uma forte influência, que tem por origem determinada apreensão do romantismo, a qual modelou o tipo de sociologia que não apenas Tönnies, mas boa parte de seus contemporâneos alemães praticaram. Interessam-nos particularmente as repercussões que esse modo de fazer ciência social teve sobre a concepção do autor a respeito das relações entre a *sociologia pura*, a *sociologia empírica* e a *sociologia aplicada*.

Nesse sentido, focamos um único elemento entre as múltiplas e complexas influências que recobrem a obra de Tönnies, qual seja,

o seu alinhamento à variante romântica alemã que, sendo crítica da modernidade e, por consequência, do capitalismo industrial, não tem por eixo programático a restauração de um passado comunitário idílico. As transformações que fazem emergir a modernidade e dissolvem o universo comunitário, além de suas respectivas representações da vida e do mundo, são tomadas por esse grupo de intelectuais como um fato irreversível em relação ao qual só caberia a crítica resignada. Contudo, tal resignação não impede, ao contrário, contribuiu para a emergência de uma “visão trágica do mundo”, distópica, de clara presença nos casos de Tönnies e de alguns de seus contemporâneos, como Weber.

A resignação, que abre lugar para o sentimento de inevitabilidade da modernidade dissolutora dos antigos laços, se consubstancia numa postura crítica que busca “[...] uma ação reformista, cujo desejo é remediar alguns dos males mais flagrantes da sociedade burguesa, graças ao papel regulador de instituições que traduzam valores pré-capitalistas.” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 98).

Essa mirada sobre a sociedade e a história, muito difundida na Alemanha da virada do século XIX para o XX, agregou importantes intelectuais e constituiu um centro ideológico, o *Verein für Sozialpolitik*<sup>13</sup> (Sociedade de Política Social), bem como projetou a revista “Arquivos de Ciências Sociais e Política Social”<sup>14</sup>, na qual, a partir de 1904, Weber teve destacada atuação, sendo um dos seus editores, ao lado de Werner Sombart e Heinrich Jaffé.

Essa perspectiva, por assim dizer, decadentista do capitalismo, era marcada pela projeção de um futuro em que se anunciavam inviáveis as relações autênticas e de sentido agregador que construíam a comunidade como uma unidade completa da vontade

---

13. A Sociedade de Política Social, fundada em 1873, agregou os chamados “socialistas de cátedra” e, segundo Gustav Schmoller, que a presidiu entre 1890 e 1917, tinha por objetivo- “erguer, educar e reconciliar as classes mais baixas no mundo”, para que eles se integrassem ao organismo social em harmonia e paz. A exemplo da DGS, a sociedade sofreu intervenção das autoridades nazistas em 1936.

14. A revista, fundada por Heinrich Braun em 1888, sob o título de “Arquivos de Legislação Social e Estatísticas”, foi adquirida por Edgard Jaffé, em 1903, e teve seu título alterado para “Arquivos de Ciências Sociais e Política Social”. Em 1933, a fuga do nazismo provocou a evasão de mais da metade de seu quadro de colaboradores, o que levou ao encerramento de suas atividades.

humana. Tal visão deixou algumas marcas na concepção de ciência social de Tönnies, nas quais se pode identificar o travo romântico. Uma delas, a rejeição à pretensão positivista de explicação ampla da realidade, o levaria a conformar a sociologia como uma disciplina científica de feições que guardavam proximidade com a filosofia, tal como já apontamos anteriormente. Essa escolha faria a sociologia operar em moldes próximos da filosofia, propondo conceitos com capacidade explicativa. Por isso, segundo Arenari, “[...] Tönnies afirma que a sociologia é antes de mais nada uma disciplina filosófica e, tal vocação, exige dela a formulação de conceitos que se transformem em instrumentais para a análise da sociedade.” (ARENARI, 2007, p. 41).

Por essa razão, entendemos que entre as “partes da sociologia especial”, a sociologia pura é a que adquire maior evidência no pensamento tönniesiano, pois é ela que produz os instrumentos para compreensão da realidade, cabendo à *sociologia aplicada* e à sociologia empírica, cada qual a seu modo, adequarem os conceitos e as categorias ao mundo real, isto é, da vida em movimento. A sociologia pura estaria, portanto, no plano das ideias, pois seus conceitos, ao contrário daqueles das ciências naturais, não descrevem ou sintetizam experiências do mundo real, mas tratam “[...] de entidades que não são perceptíveis, senão que são pensadas como algo que, em princípio, existe apenas na consciência das pessoas humanas que estão e se movem dentro de uma destas entidades.” (TÖNNIES, 1942, p. 349).

Esse ponto desvela a concepção que orienta a criação e utilização de um recurso teórico como os tipos formais, que afinal são conceitos que não descrevem nenhuma realidade histórico-concreta, mas tomam à vida social elementos seletiva e logicamente agregados, que permitem entender alguns aspectos da sociedade existente. Por causa disso, a sociologia pura se volta à descrição “[...] das entidades sociais estaticamente, ou seja, em estado de repouso” (TÖNNIES, 1942, p. 350), pois a ela não importa, em primeira instância, a vida social tal como efetivamente se desenvolve.

Já o território da *sociologia aplicada* seria outro, aquele da dinâmica, do movimento das entidades sociais ou, nos termos do

próprio Tönnies, das “estruturas de referência”<sup>15</sup>, em particular Estados, igrejas e cidades. Essas estruturas são observadas em perspectiva histórica, a partir do ângulo do que o autor nomina como valores sociais, isto é, um conjunto que abrange a linguagem, a religião, as artes e as ciências.

O movimento apreendido por essa “parte” é visto como evolutivo, de transição entre os dois polos cuja oposição domina e delimita o campo explicativo da sociologia: comunidade e sociedade. Tal transição dá-se sempre no sentido do antigo, a comunidade, para o novo, a sociedade, embora a passagem de um polo a outro compreenda, além de situações intermediárias, a remanescência de elementos comunitários no âmbito da sociedade.

Desse modo, à *sociologia aplicada* caberia a ocupação de observar “[...] as estruturas de referência sociais, nas quais encontramos as mais fortes incitações para observação histórica ou evolutiva, onde a visão do porvir compreende sempre àquela do fenecer.” (TÖNNIES, 1942, p. 351). Posta dessa forma, a *sociologia aplicada* apresenta proximidade com a história, ao menos no que se refere ao seu objeto que, ao fim e ao cabo, compreende todo o percurso da transição da comunidade de origem feudal à modernidade.

Ambas dão conta da “[...] evolução da sociedade, das cidades, onde se generaliza a crescente população e a riqueza, o intercâmbio transformador de bens e o incessante movimento dos homens e de seus meios de transporte” (TÖNNIES, 1942, p. 354). Esses efeitos, são, enfim, produtos sensíveis da modernidade, os quais percebemos “[...] em enormes dimensões na evolução histórica que envolve a própria vida com resultados ainda imprevisíveis: este é um campo obrigatório da sociologia aplicada.” (TÖNNIES, 1942, p. 354, grifo nosso).

A exposição de Tönnies indica que a *sociologia aplicada* compartilha um mesmo objeto geral, ou teórico, com a história, o que

---

15. O conceito de estruturas de referência ocupa importante papel na formulação de Tönnies, e ele o concebe como “[...] aquelas instituições e demais campos de ação com os quais se relacionam as entidades sociais, neles pode-se também reconhecer um caráter mais comunitário ou mais societário e, portanto, o eventual trânsito de um a outro tipo”. (TÖNNIES, 1942, p. 251).



ocasiona uma relação de particular interpenetração entre ambas as modalidades científicas, uma vez que o próprio autor reconhece que “Se a *sociologia aplicada* não obterá outra coisa que não benefícios da sua relação com a investigação histórica, a historiografia, em contrapartida, não poderá evitar que os pontos de vista da *sociologia aplicada* nela se infiltrem.” (TÖNNIES, 1942, p. 353).

No entanto, os benefícios dessa relação interdisciplinar não se dão sem apresentar alguns problemas. O mais evidente deles aponta para uma diluição das fronteiras entre ambas as disciplinas. Se história e *sociologia aplicada* têm por objeto o itinerário que leva as sociedades à contemporaneidade e se o autor não indica contrastes metodológicos sensíveis a diferenciar uma da outra, a conclusão a que se chega é que ambas se assemelham e, eventualmente, se confundem.

É certo que Tönnies aponta duas funções para a *sociologia aplicada* que podem funcionar como marcadores de diferença.

A primeira delas, refere-se à fronteira que separa os domínios próprios da *sociologia aplicada* daqueles da sociologia empírica. Todavia, tal fronteira não elide elementos de continuidade entre uma e outra “parte da sociologia especial”. Por essa razão, ele pode afirmar que, ao tratar das grandes transformações sociais que levam à modernidade, “A *sociologia aplicada* desemboca, pois, numa investigação fundamental que a investigação histórica não possibilita: a da vida social contemporânea, concebida em sua marcha adiante, em sua incessante transformação.” (TÖNNIES, 1942, p. 353).

Parece-nos que o sociólogo de Kiel expõe uma modalidade de história social cujo corte temporal demarca um período que não atinge o momento presente, o qual seria território de domínio de uma última “parte” da “sociologia especial”: a sociologia empírica. Por isso, o elemento distintivo entre a *sociologia aplicada* e a história não estaria exatamente naquilo que cada uma delas produz, e talvez nem mesmo na maneira pela qual cada uma produz, mas na adjacência que a primeira apresenta em relação a uma terceira “parte da sociologia especial”: a sociologia empírica. Esta sim alcançaria a contemporaneidade em sua plenitude, pois:

Esta investigação, não obstante, é o que se propõe como objeto de uma terceira parte da sociologia especial, que, por seu método trata de diferenciar-se tanto da sociologia pura, como da aplicada. Este método consiste concretamente na investigação dos próprios fatos sociais; o método da observação e da comparação baseada nas observações: o método empírico indutivo. A denominamos, portanto, sociologia empírica ou sociografia. (TÖNNIES, 1942, p. 355).

Uma vez fundada na observação e na indução, a sociologia empírica encontraria um objeto principal, senão único: a população e sua dinâmica. Nesse sentido, Tönnies aponta que o objeto da sociologia empírica é, portanto, “os fatos sociais mais gerais”, que, desde logo, se tornaram foco de observação por estarem voltados ao conhecimento da multidão, do povo e suas transformações. Esse conhecimento, por isso, se apresentou como demanda e aplicação dos governantes, do aparato estatal, uma vez que “esta informação devia satisfazer as necessidades do estadista, e, sempre se considerou tarefa do estadista o aumento da massa do povo, concretamente a ação de povoar.<sup>16</sup>” (TÖNNIES, 1942, p. 355).

Nessa perspectiva, adquire importância central a quantificação das “coisas notáveis do Estado”, prática à qual, segundo o autor, corresponde a estatística, que se apresenta para Tönnies não apenas como prática estatal, mas também como uma ciência auxiliar da história, uma vez que o registro sistemático das “coisas notáveis do Estado” sustenta a narrativa do grande movimento que leva da comunidade à sociedade. No entanto, não apenas os aspectos que hoje chamaríamos demográficos estavam sob o olhar da sociologia empírica para Tönnies. Por coisas que realmente importam a uma nação, o sociólogo alemão entendia também e principalmente aquelas “[...]”

---

16. A elevação do povoamento, isto é a ocupação do território por meio da presença de indivíduos que se identificam mutuamente como cidadãos de um único Estado, traz à tona um elemento caro às experiências tardias de *state-building*, entre as quais a alemã, em que se forma a tradição cultural na qual Tönnies se insere. Esse registro é presente sobretudo na variante luckácsiana da bibliografia marxista, em que o caso alemão é considerado modelo do capitalismo retardatário, do qual decorre a denominação “via prussiana de desenvolvimento capitalista”.

que se encontram verdadeiramente numa nação, e que importam sensivelmente à sua saúde pública, por favorecê-la ou impedi-la.” (TÖNNIES, 1942, p. 355).

Não será casual, portanto, a menção do autor aos estudos quantitativos das questões relativas às condições de vida das populações, que ele afirma permitir as comparações, muito correntes em fins do século XIX na Inglaterra, Escócia, Itália e França, bem como na própria Alemanha, as quais, com certa ironia, ele afirma que “se acreditou poder medir as forças do Estado”( TÖNNIES, 1942, p. 356).

Embora não se detenha especificamente nos relatórios de sanitaristas ingleses, nem na pesquisa sobre padrão de vida de mineiros desenvolvida por Le Play<sup>17</sup>, ou mesmo no pioneiro estudo de Villermé<sup>18</sup>, datado de 1830, a observação de Tönnies remete à vasta produção de sanitaristas, engenheiros, advogados, agentes públicos de saúde e outros profissionais não formados nas ciências sociais, que, com maiores ou menores limitação e acuidade, desenvolveram observações metodologicamente orientadas de grupos sociais submetidos a condições de vida, trabalho, habitação e saúde precárias.

A afirmação do autor sobre a sociologia empírica se revelará carregada de consequências não apenas para a sua concepção sobre as “partes da sociologia especial”, mas também para a narrativa da história da própria sociologia, pois ele afirma que: “Os elementos da sociografia existem desde há muito tempo” (TÖNNIES, 1942, p. 355), remetendo sua provável origem aos trabalhos do historiador e jurista alemão do século XVIII, Godofredo Achenwal. Ao fazer tal digressão, situa o surgimento da prática da observação sistemática e metodologicamente orientada da vida social em data quase cem anos anterior ao surgimento do termo sociologia.

---

17. LE PLAY, Frédéric. *Les ouvriers européens: étude sur les travaux, la vie domestique et la condition morale des populations ouvrières de l'Europe; précédées d'un exposé de la méthode d'observation*. Paris: Alfred Marne et fils, 1855. Le Play é considerado criador do método monográfico, utilizado pela primeira vez no extenso levantamento que compõe os seis volumes da referida publicação.

18. Cf. VILLERMÉ, Louis René. *De la mortalité dans les divers quartiers de la ville de Paris*. Paris: La Fabrique Editions, 1830.

É verdade que tais trabalhos se caracterizam por perseguir a compreensão de fatos sociais com o objetivo de propor, ou eventualmente implementar, ações corretivas ou mitigadoras de desequilíbrios. Embora se trate claramente de aplicação de métodos para esse fim, Tönnies denomina essa produção sociológica de empírica, e não de aplicada, como seria mais adequado ao vocabulário sociológico atual.

Essa observação enseja o questionamento sobre as razões que o levaram a utilizar as denominações *sociologia aplicada* e *sociologia empírica* de modo que, inicialmente, nos parece invertido. Ou melhor, a aplicação designa o estudo empírico dedutivo, e a empírica identifica a observação indutiva, mais próxima da prática corretiva dos desbalanços sociais. Novamente, a chave interpretativa que indica a projeção tönniesiana da sociologia como disciplina filosófica, tal como nos indicam os apontamentos de Luckács (1983) e Cahnman (1995) nos parece ser de valia para revelar as razões pelas quais essa inversão não se apresenta como tal na perspectiva de Tönnies.

Nossa hipótese é a de que na proposta tönniesiana a aplicação se refere à teoria, e não aos resultados da investigação. Dito de outro modo, no contexto da obra, o termo “aplicar” remete à utilização de conceitos e categorias da sociologia pura ao entendimento do curso histórico das sociedades, que, ao fim das contas, é para ele o objeto da *sociologia aplicada*.

Isso provavelmente ocorre porque o ponto de partida para a concepção da sociologia para o autor alemão é a proposição da teoria, campo do referencial intelectual e simbólico onde habitam os conceitos, e não a realidade a ser compreendida e eventualmente transformada, ou seja, o objeto. Tudo indica ser por esse motivo que o mesmo Cahnman afirma que “Para teoria “pura”, no sistema de Tönnies, entende uma teoria estática de conceitos; por teoria “aplicada”, uma teoria dinâmica do processo histórico.” (CAHNMAN, 1995, p. 88).

A utilização do termo teoria, como substituto de sociologia, indica que, na acepção de Tönnies, a prática dominante da disciplina seja a elaboração de conceitos e teorias, constituindo, como já dissemos, um modo de operar semelhante ao da filosofia. No interior da elaboração tönniesiana, a *sociologia aplicada* ocupa um lugar específico no âmbito científico, no qual se acomoda sem muito conforto.

De um lado, se apresenta subsumida à história, com quem compartilha o objeto e de cujos avanços alimenta boa parte do próprio progresso. De outro, coloca-se como tributária da sociologia pura, à qual serve por meio da faina e deve conferir caráter mais sólido aos conceitos e teorias.

Por fim, compartilha fronteira com a sociologia empírica, ou sociografia, que se vale da utilização dos conhecimentos da história, da sociologia pura e da aplicada, para municiar a intervenção eminentemente prática na sociedade.

Resulta, portanto, que a *sociologia aplicada*, segundo a acepção de Tönnies, é aquela das “partes”, da disciplina emparedada entre três muros: o da história, o da sociologia pura e o da sociologia empírica. De certo modo, a definição tönniesiana da *sociologia aplicada* se dá por ausências de objetos e objetivos próprios. Ela os toma por empréstimo, ou por disputa, das disciplinas com quem compartilha fronteiras e para as quais eventualmente serve de força auxiliar.

No entanto, chama a atenção que Tönnies, apesar da brevidade do texto em que trata do assunto, não se apoie ou se oponha ao que havia sido produzido em época anterior sobre a mesma relação entre a sociologia pura e a aplicada. Tal constatação nos levou à indagação sobre quem seriam os interlocutores de Tönnies nesse esforço de desvendamento da natureza e do objeto da *sociologia aplicada*, sobretudo nos Estados Unidos, onde a reflexão sobre o tema já havia se instalado quase três décadas antes da publicação de seu livro.

Ademais, é de causar estranhamento o fato de que o diálogo com a sociologia norte-americana praticamente inexista, pois o único autor estadunidense citado é Lewis Henry Morgan, cuja obra principal, *Ancient Society*, de 1877, tornou-se marco da antropologia cultural. Em parte, isso se explica em suas considerações preliminares, nas quais afirma sobre seu livro “Poderá dizer-se, com fundamento, que esta não é uma introdução à Sociologia, senão que unicamente é uma introdução à minha Sociologia” (TÖNNIES, 1942, p. 11).

De todo modo, ainda que seja esse seu objetivo, dado o tema que se propõe a tratar (a *sociologia aplicada*), é notável a ausência de referências a importantes cientistas sociais do continente americano, Franklin Henry Giddings, atuante em Colúmbia desde 1894; Albion



Small, fundador do departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, em 1892; Robert Park; George H. Mead; Franklin Ford e, sobretudo, Lester Ward, que se constituiu em referência para a área desde o fim do século XIX e com maior evidência a partir de 1907, data da publicação de volume de sua autoria denominado *Applied Sociology*, uma leitura obrigatória sobre o assunto, por seu caráter inaugural. Será desse autor, e da obra indicada, que trataremos a seguir.

### **Lester Ward na sociologia americana**

A comparação das contribuições de Ward para a constituição e institucionalização da sociologia norte-americana e de Tönnies para a alemã revela que as trajetórias profissionais e intelectuais de ambos não poderiam ser mais diversas. Enquanto o alemão produziu seu principal trabalho aos 33 anos, o americano somente ingressará na carreira acadêmica em idade muito avançada, em 1906, aos 65 anos, quando assume a cadeira de Sociologia da Universidade de Brown (PERLSTADT, 2007, p. 344).

Catorze anos mais velho do que Tönnies, Ward desenvolve uma trajetória típica daqueles praticantes da sociologia que vivem em contextos culturais nos quais o cultivo às disciplinas inclinadas às ciências humanas tarda a vicejar. Enquanto o alemão constituiu carreira acadêmica desde cedo e segue a regularidade própria de uma formação sistemática e dirigida, com passagens pelas universidades de Iena, Bonn, Leipzig e Tubinga; Ward teve trajetória profissional multifacetada, e seu ingresso na vida acadêmica institucional se opera de forma acidentada e tardia.

Casado desde os vinte e um anos, serviu nas forças da União na Guerra Civil Americana e, ao fim do conflito, ingressou no Serviço Civil, no Departamento do Tesouro, passando a viver em Washington. Nessa cidade, peregrinou por diversos cursos, passando pela Columbian College, hoje Universidade George Washington, onde se formou *Bachelor Arts*, um curso genericamente voltado à área de humanas, de equivalência intermediária entre o nosso atual ensino médio e a formação superior. Diplomou-se também advogado e, fi-

nalmente, concluiu a formação de *Master of Arts*, um correspondente ao mestrado acadêmico brasileiro.

No ano de 1882, a carreira de Ward foi alavancada por sua promoção ao Departamento de Pesquisa Geológica dos Estados Unidos, onde transitou da geologia à paleontologia<sup>19</sup>. Sua formação acadêmica foi, portanto, pouco sistemática, e os títulos que angariou, muito embora não tivessem o conceito elevado da formação europeia, associados à sua prática e ao prestígio que o emprego de geólogo na administração federal conferia àquela época, permitiram que ele transitasse no mundo científico com credenciais respeitadas, sobretudo por ter trabalhado próximo de John Wesley Powell e desenvolvido vínculos profissionais com ele que, além de diretor do Departamento de Pesquisa Geológica, foi também dirigente da *Smithsonian Institution*.

A despeito do percurso intelectual tortuoso, Ward manteve contato sistemático com a disciplina e a produção sociológica durante o período em que atuou no Departamento de Pesquisa Geológica. Ele foi, desse modo, antes um praticante da sociologia, que se especializa no processo de reflexão e de produção científica, do que um *scholar* convencional. Sua produção sobre temas sociais inicia-se assim previamente ao seu ingresso em Brown. Como se constituísse um testemunho de sua transição das ciências naturais às ciências sociais, a obra de Ward mescla temas nucleares de ambas as áreas.

Em 1880, antes, portanto, de seu ingresso no Departamento de Pesquisa Geológica, Ward já demonstrava preocupações relativas à abordagem científica dos problemas sociais, metodologicamente orientado para as ciências da sociedade, o que ficou patente no breve artigo elaborado à época, no qual aproxima as abordagens da sociologia e da psicologia<sup>20</sup>. Três anos mais tarde, publicou um livro de grande importância para o momento, *Dynamic Sociology* (WARD, 1883), em que retoma e desenvolve a proposição de Comte relativa ao par de opostos que caracteriza a duas faces da sociedade moderna: a estática e a dinâmica social.

---

19. Mais informações sobre sua trajetória estão disponíveis em: <http://www.asanet.org/lester-ward>.

20. Ver o artigo: *Feeling and Function as Factors in Human Development* (WARD, 1880).

Ademais, o cientista norte-americano demarcou nesse livro não propriamente um par teórico de opostos, mas sim uma epistemologia do conhecimento sobre a sociedade. De uma parte, retoma e desenvolve a proposta já apresentada por Comte, que colocava limites distintivos entre a fração mutável da sociedade e a sua parte, por assim dizer, estável. Além disso, o livro apresenta outra dimensão, que seria mais desenvolvida em trabalho posterior, referente à dimensão da sociologia que busca compreender a mudança social através de observação interessada em intervir, o que em *Dynamic Sociology* surge como ciência aplicada, embora essa conceituação só venha a ganhar contornos mais concretos em livro posterior do próprio autor, *Applied Sociology*, de 1906.

É interessante notar que o recurso a tais oposições serviu de base à formulação da teoria sociológica em vários contextos e tradições culturais. Tönnies, em registro diverso daquele adotado por Ward e por Comte, também explica teoricamente a relação entre a persistência e a mudança social por meio da oposição entre conceitos e realidades polarizadas, tais como *cidade* e *campo*; *velho* e *novo*, e, por fim, a síntese expressa no binômio que dá nome à sua “[...] *magnum opus*, *Comunidade e Sociedade*<sup>21</sup>.

Esse “modo de fazer” a sociologia, por contraste e oposições, bem como de elaborar a sua teoria, não escapou a Ward, que revela em *Dynamic Sociology* sintonia com os debates que estruturavam o desenvolvimento da disciplina científica à sua época, inclusive aqueles travados na Europa. Essa atitude se patenteia no prefácio à segunda edição do livro, de 1897, no qual o autor demonstra ingressar no movimento de aumento de produtividade e renovação sociológica que ocorreu naquela quadra. O texto, sustentado num diálogo epistolar com Edward Youmans, editor das obras de Spencer, nos Estados Unidos, e criador da *Popular Science Monthly*, fundada em

---

21. A raiz romântica do pensamento de Tönnies se evidencia nessa obra, sobretudo quando desenvolve a contraposição entre os conceitos de comunidade e sociedade. Por exemplo “[...] por outro lado, sempre se valorizou a vida do campo, porque nela a comunidade é mais forte e viva entre os homens: a comunidade é a vida comum, verdadeira e durável; a sociedade é passageira e aparente. Em certa medida, podemos compreender a comunidade como um organismo vivo, e a sociedade como um agregado mecânico e artificial.” (TÖNNIES, 1973, p. 98).

1872 e ativa até hoje, elenca os principais nomes da ciência social, cuja produção Ward indicava conhecer.

Assim, o prefácio aponta as contribuições de inúmeros sociólogos, desde os pioneiros Comte e Spencer, mas também nomes que transitam pela estatística, etnografia, sociografia, sociologia teórica, empírica e aplicada, como Fouillée, Gumplowicz, De Greef, Dallemagne, Charles Letourneau, Eugène de Roberty, Lilienfeld, Schäffle Carey, Lorenz von Stein, Bouchez, Clément, Pérès, Le Play, Simmel, Mayr, Baerenbach, Neumann-Spallart, Tarde, Le Bon, Durkheim, Worms (René e Émile), Combes de Lestrade, Bouglé, Steinmetz, Van der Rest, Vanni, Morselli, Ferri, Nitti, Fiamingo, Novicow, Kowalewsky, Sigel, Simmel, Mandello, Mackenzie, Hobson, Stephen, Fairbanks, Small, Vincent, Giddings, Mayo-Smith, Ross, Powers, e Tönnies.

O ponto a ser aqui relevado refere-se à erudição sociológica desse praticante da sociologia, não escolarizado na disciplina, que o colocava a par do que de mais avançado se elaborava na área e também lhe permitia, considerando a profusão de autores e obras significativas, engajar-se nesse mesmo torvelino que caracterizou o referido surto produtivo que a ciência social conheceu entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros decênios do século XX<sup>22</sup>.

O próprio Ward demarca a rápida expansão da disciplina naquele período, ao comentar a multiplicação de cadeiras de sociologia se-

---

22. Entre os anos de 1881 e 1889, foram criadas instituições de grande importância para o incremento da ciência social na Europa e nos EUA, de modo que podemos considerar que tal período foi marcado por um ciclo de forte ascensão na área. Já em 1881, Frédéric Le Play, criador do método monográfico, ou do estudo de caso, funda a revista *La Reforme Sociale*; Nietzsche, nos dois anos seguintes, publica *Gaia Ciência e Assim Falou Zaratustra*, e, em 1886, *Além do Bem e do Mal*; Ludwig Gumplowicz lança *der Rassekampf*, em 1883, e *Grundriss Der Soziologie*, em 1899. O ano de 1883 foi especialmente profícuo, com *Dynamic Sociology*, do próprio Ward; *Investigations into the Method of the Social Sciences with Special Reference to Economics*, de Carl Menger; *What Social Classes Owe Each Other*, de Sumner, além do clássico *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels, bem como *Sulla teorica dei governi e sul governo parlamentare*, de Mosca. Ademais, nesse mesmo ano foi fundada a Fabian Society, cuja influência reformista contribuiu para a constituição do Partido Trabalhista inglês. Um inventário bastante extenso sobre a produção sociológica dessa década, bem como da criação de entidades voltadas à intervenção política e cultural pode ser encontrado em: <https://www.revolvy.com/page/1880s-in-sociology>.

diadas em formações de outras especialidades<sup>23</sup>. Ao se referir a esse processo, ele afirma que:

A sociologia também conquistou para si um lugar nos sistemas educacionais de todos os países. Não havia cátedra de sociologia em nenhuma universidade do mundo em 1883. É duvidoso que houvesse tal cátedra em 1886. Hoje não existe uma instituição superior de ensino em que a sociologia não seja ensinada e, em muitos, é ensinada por esse nome, enquanto alguns dos líderes têm cadeiras especiais de sociologia. (WARD, 1903, p. VIII).

Por outro lado, o incremento dessa área do conhecimento se estendeu não apenas à acolhida da disciplina como elemento componente de outros cursos, mas também no estabelecimento, no ano de 1890, de um curso exclusivamente dedicado à sociologia, quando Durkheim criou o primeiro departamento de sociologia numa instituição acadêmica, na Universidade de Bordeaux. Além disso, nessa época, a intensificação da vida associativa dos sociólogos logrou projetá-los não apenas como profissionais portadores de um conhecimento específico, mas também como uma categoria profissional socialmente reconhecida.

Desde a fundação da primeira sociedade de sociologia por Émile Littré, em 1872 (MUCCHIELLI, 2001, p.40), o associativismo sociológico conheceu importante avanço com a criação de numerosas entidades nacionais, entre as quais as mencionadas DGS (1909) e ASA (1910), fundadas inicialmente por Tönnies e Ward, respectivamente. Tanto o alemão quanto o americano eram cidadãos com engajamento político, muito embora se afiliassem a orientações diversas.

Ward envolveu-se ao longo da vida no debate sobre questões que viriam a aflorar adiante de seu tempo, como a intervenção corretiva da ação estatal nas desigualdades sociais e econômicas – princípio estruturante da construção de *Welfare State* –, além disso, firmou

---

23. A esse propósito, Ward assevera que nos EUA a disciplina se estabeleceu mais comumente no âmbito dos cursos de economia (WARD, 1903, v.1, p. VIII), ao passo que, em outros países, como a França, ela teve maior acolhida nos cursos de direito (FAURE, apud WARD, 1903, p. VIII).



posição pública contra a escravidão e pela ampliação dos direitos das mulheres<sup>24</sup>. No entanto, a inclinação de Ward às reformas sociais não se estendia ao ponto de colocá-lo naquele quadrante político no qual muitos de seus contemporâneos europeus se abrigavam: a esquerda anticapitalista. Ao contrário:

[...] Ward (1906: 10) era muito cético quanto aos esforços da reforma social utópica e dos movimentos socialistas que favoreciam mudanças radicais e abruptas nas estruturas sociais. Ele era um “melhorista” que achava que muito poderia ser realizado através da educação do público e dos líderes do governo. (PERLSTADT, 2007, p. 344).

Desse modo, a vida associativa, o engajamento político reformista e a incomum alternância entre a publicação de trabalhos reputados na área das ciências naturais e a edição de textos de grande importância para a sociologia caracterizaram a carreira científica e pública de Lester Ward. Além do fundamental *Dynamic Sociology* (1883), o norte-americano publicou três outros livros que são referenciais para a formação desse campo científico: *Outlines of Sociology*, em 1898; *Pure Sociology*, em 1903; e aquele que, sendo um desenvolvimento deste, reputamos ser seu mais importante e original trabalho, *Applied Sociology*, em 1906.

A respeito da relevância da figura científica de Ward, considerado no dinâmico ambiente científico de sua época, Sorokin, em texto de 1966, afirma que:

A maioria das pesquisas recentes têm contribuído de modo predominante para um refinamento dos velhos métodos e técnicas de investigação sociológica. Uma parte menor dessas pesquisas apresenta variações novas sobre velhos sistemas de sociologias gerais e especiais, remodelando fórmulas de uniformidades nas relações entre diversas variáveis sócio-culturais. [...] Nenhum

---

24. Ver: <https://www.revolvy.com/page/Lester-Frank-Ward> .

Platão ou Aristóteles sociológico apareceu durante o período, e nem sempre houve muitos líderes do calibre de eminentes sociólogos dos fins do século XIX e começos do século XX, tais como G. Tarde, E. Durkheim, M. Weber, V. Pareto, M. Scheler, O. Splenger, L. Ward, W. Sumner, W. Dilthey, L. von Wiese e outros. (SOROKIN, 1969, p. 6 e 7).

### **Ward e a *sociologia aplicada***

Como já mencionado, no período compreendido entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, a Europa conheceu notável surto produtivo das ciências humanas e, em particular, das ciências sociais. De outra parte, nos Estados Unidos ocorre fenômeno semelhante, o qual adquiriu intensidade e potência para atingir não apenas as ciências, mas também outras áreas da vida social, como a política, a administração pública, a economia, a organização da competição entre as empresas e mesmo o plano hoje denominado identitário, com especial ênfase para as questões relativas à extensão de direitos até então tolhidos em função de condições de raça ou gênero.

Esse período que se estende desde a década de 1880 até aproximadamente 1920 ficou conhecido na literatura histórico-sociológica como Era do Progressismo (BUENKER; BURNHAM; CRUNDEN, 1977). Suas marcas distintivas foram o forte ativismo político, que incorporou muitos intelectuais, mas também um ciclo de reformas sociais e econômicas que, há mais de século, marcaram a sociedade americana com traços históricos avançados, persistentes ainda hoje. A lista dos adeptos dessas reformas inclui nomes notáveis da indústria e das finanças, como Henry Ford, Willian R. Hearst, Andrew Carnegie e John Rockfeller; políticos de carreira, como Woodrow Wilson; militantes da luta pela igualdade entre gêneros, como Jane Adams, Emma Goldman e Charlote Perkins; e intelectuais do porte de Upton Sinclair, Willian James, Thomas Edson, John Dewey, Charles Beard, Albion Small, entre tantos outros.

Período histórico em que ocorreu uma singular combinação entre aumento da intensidade da participação política, reforma intelectual

e modernização produtiva, a Era do Progressismo tinha por marco orientador a superação do conjunto de problemas causados pelo processo de industrialização, que se manifestava na construção de cidades disfuncionais e hostis aos pobres, bem como no grande fluxo de trabalhadores imigrantes<sup>25</sup>.

Voltava-se também ao combate à corrupção, seja a praticada pelos chamados “barões ladrões”, industriais e financistas que por meio de expedientes escusos acumulavam fortuna; seja aquela estruturada por representantes políticos, arquitetos e gestores de estruturas que controlavam o poder no país. De outra parte, foram propostas políticas de implantação do sufrágio feminino, reforma urbana e rural, além da regulamentação da ação econômica dos monopólios, por intermédio da legislação antitruste, cujos principais diplomas são o *Sherman Act*, de 1890, e o *Clayton Act*, de 1914.

Ao lado dessas ações, houve um esforço no sentido do avanço da eficiência econômica, por meio da incorporação de conhecimentos científicos, como, por exemplo, a aplicação dos princípios do taylorismo à administração industrial. Tais ações foram, em boa parte, respostas a um ciclo de instabilidades econômicas, que se inicia com o chamado Pânico de 1893, um período de severa depressão, que se estende até 1897, e que, embora superado graças a intervenções de natureza progressiva, inclusive, e sobretudo, realizadas por parte do poder público, apresentou reverberações importantes em 1907, ocasionando novo ciclo de desemprego e de declínio dos salários reais.

A necessidade de envolvimento direto do poder estatal teve por consequências não apenas a expansão e o aprimoramento das agências governamentais, com a decorrente mudança da política fiscal com o objetivo de fazer frente aos novos gastos compensatórios que se impunham como única solução prática viável, mas também o enfra-

---

25. Entre as décadas de 1880 e 1920, a percentagem de imigrantes na população norte-americana manteve-se entre 13,3% e 14,8%, cifras que oscilaram negativamente a partir de 1920, até os anos 1980 (<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/immigrant-population-over-time?width=1000&height=850&iframe=true>). Em vista do grande afluxo e das complexas questões sociais e econômicas que isso envolvia, no ano de 1892, a política de admissão de imigrantes passou à competência da União, que estabeleceu o Serviço de Imigração e Cidadania na Ilha Ellis.

quecimento da perspectiva liberal, do *laissez faire*, que recebia larga adesão entre as elites econômicas e intelectuais até aquele momento.

Um movimento em particular marcou aquela conjuntura e viria a ter impacto importante na estrutura de classes. Trata-se da confluência entre os fazendeiros do Meio Oeste americano, os pequenos empresários e os trabalhadores industriais na prática de oposição aos monopólios dominantes na economia americana. Essa verdadeira coalizão de classes impulsionou o engajamento de boa parte das classes médias, urbanas e rurais, que viriam a se constituir em base social e elemento propulsor das reformas que plasmaram o progressismo americano.

No breve tempo histórico do final do século XIX, disseminou-se entre as camadas médias um traço comum de pensamento, que cultivou certo desdém em relação à aristocracia, desdém esse que, com o passar do tempo, se estendeu aos demais estratos das classes dominantes.

Estes, os *trusts*, eram percebidos pela corrente de pensamento como os principais responsáveis pelos surtos de crise que acometeram os Estados Unidos nas décadas finais do século XIX e no início do século XX. Para os setores médios, a superação do estado de coisas que desencadeava as crises exigiria necessariamente a ação do poder público, seja na regulação da atividade monopolizada, seja no apoio aos segmentos econômicos mais prejudicados (POLLACK, 1962, cap. III).

Teddy Roosevelt foi a figura pública que encarnou de forma mais densa essa perspectiva crítica à acumulação desmedida dos grandes conglomerados empresariais norte-americanos<sup>26</sup>. As ações de Roosevelt materializavam elementos estruturantes do ideário progressista e, embora seja importante levar em conta que o progressismo, como todo movimento de envergadura e consequências semelhantes, não

---

26. Teddy Roosevelt, eleito vice-presidente em 1901, assumiu a presidência em função do assassinato do presidente McKinley, em setembro do mesmo ano. Apelidado de *buster-trust*, combateu vigorosamente a prática lesiva à economia popular por parte dos monopólios, com base no Sherman Act. Desencadeou 44 ações antitruste, entre as quais as que resultaram na divisão da Northern Securities Company, o maior monopólio ferroviário; e na regulação das atividades da Standard Oil, a maior empresa de petróleo e refinaria do país.

seja fruto exclusivo de formulações textuais a priori, é necessário frisar que há uma obra que marca senão o lançamento das ideias que o inspiraram, ao menos a sua apresentação de forma sistemática à sociedade americana. Trata-se do livro *Progress and Poverty*, de Henry George, publicado em 1879, que, para muitos analistas do pensamento social e da história política norte-americana, constitui-se no marco intelectual distintivo da Era Progressista.

O foco principal de George está na correlação que se verifica entre o aumento da pobreza e o progresso econômico e tecnológico, e nas causas que levam as economias industriais monopolizadas a exibirem ciclos de expansão e crise. Se levarmos em consideração o contexto em que o trabalho vem a público, o autor apresenta a questão em registro surpreendentemente radical, pois, para ele, a principal razão desses processos reside num ponto até então sagradamente intocado da economia capitalista: a propriedade privada da terra. Num modo de expressão incomumente direto, ele afirma que:

Uma investigação posterior mostra que: à medida que o desenvolvimento avança, a propriedade privada da terra sempre tende, e sempre tenderá a levar à escravização da classe trabalhadora; que os proprietários de terras não podem simplesmente reivindicar uma indenização se a sociedade optar por retomar seu direito, sob a alegação de que, há muito, a propriedade privada da terra está de acordo com as percepções naturais dos homens. A verdade é exatamente o inverso disso, e, nos Estados Unidos, já estamos começando a sentir os efeitos de ter admitido este princípio errôneo e destrutivo. (GEORGE, 1879, p. 3 e 4).

As ideias de George não apenas informaram, como, de certo modo, deram coerência lógica a reformas sociais que já ocorriam nos Estados Unidos ao sabor de movimentos de renovação, que se estruturavam sobretudo nos centros econômicos mais dinâmicos. Sob a influência dessa transformação basilar da sociedade, a educação superior recebeu forte impulso. Por isso, tanto no que se refere à criação de vários *colleges*, quanto no que toca às universidades, o

período foi marcado pelo surgimento de instituições livres das amarras do domínio religioso.

É importante notar que a modernização da universidade americana se fez pela assimilação do modelo alemão humboldtiano, que foi reforçado pelo fluxo intenso de estudantes da América em direção à Alemanha, e de professores alemães rumo aos Estados Unidos. Esse intercâmbio propiciou a recepção da experiência alemã, seja na formação discente, seja na implantação de bibliotecas, laboratórios, centros de pesquisa e no delineamento da carreira acadêmica, cuja ascensão passou a ser baseada na titulação por mérito, obtida por meio do desenvolvimento de pesquisa.

Além disso, as universidades, naquele momento libertas dos condicionamentos religiosos, passaram a ter por centro de gravitação os departamentos e implantaram áreas dedicadas exclusivamente à pós-graduação. Segundo Maria das Graças Ribeiro:

Foi no período entre 1862 e 1900 que se configurou um sistema de educação superior nos Estados Unidos. Além do aparecimento dos *land-grant colleges*, grandes universidades foram criadas – afora a Johns Hopkins, destaca-se, no período, o aparecimento da Clark University, em 1889, primeira dedicada exclusivamente à pós-graduação nos Estados Unidos, da Stanford University, na Califórnia, em 1891, e da University of Chicago no ano seguinte. (RIBEIRO, 2016).

A consideração desse ambiente ajuda a entender a desenvoltura com que Ward trafegava da ciência natural à ciência social, assim como o decorrente prestígio que a atividade de pesquisador e depois a de professor lhe conferiam. Talvez como um indício dos tempos de intensa mudança, observa-se, um pouco antes, e simultaneamente ao próprio movimento progressista, o surgimento de um conjunto de ideias filosóficas que parece ter consistência com a conduta dos reformadores, em particular com a concepção de ciência social que dominou o período.

Referimo-nos ao pragmatismo, essa corrente filosófica que surge nos Estados Unidos, no início da década de 1870, e que influenciou



o desenvolvimento das ciências humanas daquele país por várias décadas. A produção dessa vertente é caudalosa e complexa, razão pela qual não será nosso intento desenvolver uma apreciação de sua natureza e de sua complexidade, tampouco tratar das tensões internas que a perpassaram.

Nosso interesse volta-se sobretudo a uns poucos aspectos da recepção que o pragmatismo obteve no âmbito da nascente ciência social norte-americana. Por isso, teremos por foco apenas um filósofo, Charles Sanders Peirce<sup>27</sup>, autor de trabalho de grande impacto, *Como tornar claras nossas ideias* (PEIRCE, 1878), considerado a obra fundadora do pragmatismo.

Nossos objetivos no presente trabalho não nos permitem ingressar nos meandros da obra de Peirce, que abrange um campo tão vasto quanto a impressionante pluralidade de interesses que o inquieto intelectual americano cultivou. Ele transitou pela geodesia, gravimetria, lógica, semiótica, matemática e a filosofia, além de outros campos do conhecimento. De todo o universo peirciniano, procuramos reter simplificada e um único traço do que entendemos apresentar elementos válidos de explicação da emergência da *sociologia aplicada* nos Estados Unidos, durante o ciclo do progressismo; isto é, a ambição do autor em conferir significados às ideias filosóficas em termos experimentais, de modo que elas pudessem ser estendidas a novos fatos. Ou seja, introduzir na filosofia um elemento heurístico muito caro às ciências da sociedade: a possibilidade de explicação dos fatos diversos por meio dos mesmos procedimentos metodológicos e experimentais. (D'OLIVEIRA, 1980, p. VII).

É de se notar que o transporte das ideias filosóficas ao mundo do experimento constitui-se em prática incomum. No entanto, parece-nos que estão presentes nesse projeto uma dupla de determinações: a primeira delas, de natureza histórica, pois, como já

---

27. Embora considerado figura de maior evidência do pragmatismo, esse movimento envolveu, além de Peirce, a participação de notáveis como William James, John Dewey, G. H. Mead, Chauncey Wright, John Fiske, Francis Ellingwood Abbot, Oliver Wendell Holmes Jr, Nicholas St. John Green, Joseph Bangs Warner e C. I. Lewis. O tratamento histórico conceitual desse movimento encontra-se em MENAND, Louis. *The Metaphysical Club: A Story of Ideas in America*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2001.

afirmamos, Peirce construiu a sua obra num contexto de grandes e profundas transformações na sociedade americana, as quais foram impulsionadas por propósitos declarados de reforma, de intervenção corretiva ou minimizadora de desequilíbrios causados pelo livre curso da economia.

Nesse sentido, parece-nos que a influência conjuntural se manifesta na obra por meio de um dado biográfico, que indica uma possível razão da inclinação dessa filosofia ao experimentalismo. As causas de tal pendor podem ser, em parte, explicadas pela trajetória intelectual do autor. Longe de ser um *scholar* típico, que constituiu suas obras e carreira por meio de um percurso acadêmico convencional, Peirce apresenta-se como pensador multifacetado, característica que se manifestou nas passagens tempestuosas pelas instituições onde atuou, como, por exemplo, sua estada como professor na Johns Hopkins University, entre 1879 e 1884. Lá, como em outros locais, estabeleceu uma relação atribulada com a hierarquia funcional. Essa tensão culminou com sua demissão, em função da qual teve que recorrer à prestação de serviços de cálculo estrutural para obras de engenharia para sobreviver.

Desse modo, temos um personagem que molda sua existência e percepção intelectual à luz de experiências de vida incomuns, que lhe impuseram sucessivas adaptações a ocupações de natureza bastante diversa. Nesse processo, seus comentadores apontam que, por influência das situações que lhe foram impostas, Peirce construiu uma filosofia que em certos aspectos, tais como o experimentalismo, se aproximava da ciência. A esse respeito, Max Fisch destaca o fato de que:

Não é suficientemente reconhecido que a carreira de Peirce era a de um cientista, não um filósofo; e que durante sua vida ele era conhecido e valorizado principalmente como cientista, apenas secundariamente como lógico, e quase como um filósofo. Mesmo seu trabalho em filosofia e lógica não será compreendido até que esse fato se torne uma premissa permanente dos estudos peirceanos. (FISCH, 1964 apud <https://www.revolvy.com/page/Charles-Sanders-Peirce>).

É por essa razão que compartilhamos a premissa de que o autor, que não raro migrava para o campo da aplicação, teria moldado sua original proposta filosófica à luz da própria experiência de vida, basicamente constituída como o percurso profissional – nada ortodoxo, é verdade – de um cientista. Desse modo, seu raciocínio filosófico mobilizou procedimentos assemelhados àqueles da ciência, tais como a observação dos objetos ou fenômenos, a revisão teórica e a formulação de hipóteses.

Nesse aspecto, chamamos a atenção para uma marca forte da filosofia pragmática, ou pragmatista, como ele a nominou posteriormente, que entendemos ter repercussão importante na fundamentação da ciência social, forjada nos Estados Unidos durante os anos de sua atuação.

Ela diz respeito ao modo de fazer filosofia que se aproxima do método científico experimental, o qual, além da observação sistemática e metodologicamente orientada, recorre ao recenseamento crítico da bibliografia produzida sobre o tema ou objeto que se investiga, de modo a determinar o “estado da arte” da literatura. Nas palavras do próprio Peirce, “Minha filosofia pode ser descrita como a tentativa que um físico desenvolve no sentido de fazer conjectura acerca da constituição do universo, utilizando métodos científicos e recorrendo à ajuda de tudo quanto foi feito pelos filósofos anteriores.” (PEIRCE, 1878, p. 114).

Ademais, o procedimento que leva à produção da filosofia pragmática tem na prática um elemento de validação e de identidade, e, por essa razão, encerra em si mesmo um senso de necessária consequência prática. O próprio Peirce explicitou essa conexão forte entre o pensamento e a ação, na qual o primeiro só se realiza plenamente no âmbito da segunda. Ao expor esse ponto, D’Oliveira assevera que:

[...] segundo Peirce para determinar o que um conceito significa é necessário examinar suas possíveis consequências futuras. Para denominar essas consequências, Peirce empregou a expressão “consequências práticas”, pondo em destaque assim a ligação que deveria existir entre pensamento e ação. Conceber

o que seja uma coisa equivaleria a conceber como ela funciona ou o que pode realizar. (D'OLIVEIRA, 1980, p. X, grifo nosso).

No entanto, é necessário demarcar que, embora utilize na filosofia um método comum à ciência, o qual está deliberadamente exposto aos produtos dessa mesma ciência, o pragmatismo não se confunde em termos de resultados com esta última. É por essa razão que Sandra Rosenthal adverte que:

Esta ênfase no método puro não pretende negar que o pragmatismo é influenciado, em seus argumentos filosóficos, pelas descobertas de várias ciências. De fato, ele presta uma atenção cuidadosa a essas descobertas. Entretanto, o modelo do método científico, como puro método, ao qual a filosofia pragmatista está inextricavelmente ligada, é uma coisa. Sua atenção a várias descobertas de várias ciências alcançadas pelo método geral, é algo um tanto diferente. Estas duas questões não devem ser confundidas. (ROSENTHAL, 2002, p. 86).

O que para nós importa reter do pragmatismo, é o fato de ele se assentar numa proposição filosófica fortemente associada às consequências práticas. Ademais, é necessário levar em conta que, além de exposto ao domínio desse mesmo pragmatismo, Ward adquiriu sua formação científica e construiu sua carreira intelectual num ambiente de reformas sociais intensas.

Além dessas duas influências decisivas, há que se demarcar a presença de um terceiro elemento que, para o nosso debate, se reveste de considerável importância no ambiente social e intelectual norte-americano da virada do século XIX para o XX. Referimo-nos ao positivismo de matriz comteana, ao qual os comentadores de Ward atribuem forte peso em sua obra e na própria concepção de ciência social que adotou.

É fato de constatação relativamente fácil que é possível estabelecer vários pontos de contato entre a proposta filosófico-científica de Comte e o praticismo resultante da assimilação da filosofia pragmática de Peirce e do progressismo norte-americano, teoricamente co-

dificado em *Progress and Poverty*. Talvez o ponto de encontro mais evidente entre essas duas matrizes seja a própria ideia de reforma social, que, em conotações e contextos diversos, se apresenta como comum às duas vertentes.

Assim foi precisamente nessa esquina teórico-científica que Ward se situou. Nesse ponto também se assentou, com algum conforto, o positivismo de matriz comteana que, como dissemos, exerceu reconhecida influência sobre a visão de ciência de Ward.

Em relação a essa matriz, podemos notar uma aproximação da proposta filosófica do pragmatismo, no que se refere especificamente à consideração de uma filosofia que se posta à luz das observações do avanço das ciências e assimila seu modo de fazer ao da própria ciência. Por essa razão, João Cruz Costa localiza nos temas científicos o eixo em torno do qual se articula a proposição da filosofia positiva de Comte, ao afirmar que “É ao redor da temática da ciência e de sua aplicação social que as ideias de Augusto Comte se desenvolvem. Na ciência alicerça Augusto Comte a sua filosofia, mas é a política a aduela de fecho do seu sistema” (COSTA, 1950, p. 81). Assim como Peirce assimila sua prática filosófica ao labor do físico que conjectura sobre a origem do universo, Comte, décadas antes, firmava o vigor de sua teoria na “[...] fusão dessas duas tendências [...] na aplicação aos fatos descobertos pelos políticos, do método elaborado pelos físicos.” (COSTA, 1951, p. 364).

No entanto, se a adesão de Ward a muitos aspectos da doutrina positivista forneceu consistência filosófico-teórica à construção de sua perspectiva sociológica, esse processo não ocorreu sem que se impusesse um tributo no que se refere à abrangência da própria ação do sociólogo. Ao tomar ao mestre francês não apenas a orientação filosófica, mas também a concepção do cientista e, em particular, do profissional em sociologia, Ward o projeta como ocupante de um posto privilegiado na sociedade, antes reservado à hierarquia eclesiástica, que, afinal, cedia campo de direção da sociedade aos novos hierarcas da ciência positiva.

Por essa via, o norte-americano acata uma limitação fundamental, autoimposta aos praticantes da sociologia pela própria construção do que deva ser o seu papel na sociedade. Para Comte:

Somente os sábios serão capazes de constituir o novo poder espiritual destinado a substituir o clero do sistema teológico tradicional. Só os sábios têm autoridade moral para isso. Só eles serão capazes de elevar a política à altura das ciências de observação. (1970, p.77).

Detentor dessa invejável condição, por consequência dela, esse sacerdote laico teria que limitar-se estritamente à condição de conselheiro ou orientador. Sua sabedoria específica, o conhecimento das leis que regem o movimento da sociedade, seria assombrada por uma espécie de maldição compensatória do dom: a impossibilidade de superar as fronteiras que separam os sociólogos daqueles que põem em prática as mudanças sociais que emanam da própria ciência social.

A esse respeito, o principal comentador da obra de Ward assevera que Comte, o pioneiro francês que o inspira:

[...] imaginou um corpo de sacerdotes positivistas treinados como sociólogos. [...] Eles ofereceriam conhecimento científico útil e conselhos sociais sobre todos os aspectos da vida civil. Eles sugeririam ações às autoridades civis, mas jamais empreenderiam tais ações por sua própria responsabilidade ou iniciativa. Parece que, para Comte, os sociólogos aplicados não seriam nem pesquisadores básicos nem ativistas / interventores sociais, mas sim ocupariam um papel de tradução entre essas duas categorias. (PERLSTADT, 2007, p. 343, grifo nosso).

A incorporação dessa peculiar proposição de um sacerdócio sociológico teve impacto significativo na conformação epistemológica que orientou a proposição da *sociologia aplicada* proposta por Ward. Em primeiro plano, ressalta o confinamento profissional dos sociólogos que se aventurassem no campo da aplicação, à condição de conselheiros dos agentes diretos das ações cientificamente informadas, de uma maneira ou de outra, incidentes sobre a vida social. Ou, numa hipótese um pouco mais generosa, seriam os cientistas sociais consultores, cuja principal qualidade seria o domínio de um conhecimento específico.



As consequências epistemológicas resultantes dessa postura têm larga repercussão. A primeira delas incide diretamente na concepção da *sociologia aplicada*, pois, no período compreendido entre a publicação de *Dynamic Sociology* (1893) e de *Applied Sociology* (1906), opera-se um processo de incremento relativamente lento da sociologia, por meio da configuração, ainda precária, de especialidades, o qual leva a um fracionamento da disciplina, que viria a conformar em campos específicos a sociologia pura e a *sociologia aplicada*.

Nesse tempo de conformação ainda inicial, a segunda, a *sociologia aplicada*, torna-se muito atenta às profundas e aceleradas transformações sociais que então ocorriam. Entretanto, a visão positivista, por assim dizer, “sacerdotal” do cientista social, não possibilitava que a operação fosse completa, ou seja, o processo que se estendesse desde a compreensão científica até a ação prática não poderia ser protagonizado por um único e mesmo agente, o sociólogo.

Desse modo, a *sociologia aplicada*, embora se conformasse cada vez mais claramente como uma “parte”<sup>28</sup> da disciplina especial, tinha seu trânsito à intervenção vedado por efeito das ideias que originalmente a orientaram, num movimento que teve em Ward, de forma incontestável, figura de maior importância. A respeito desse tema, Perlstadt relata que:

No início do século XX, Ward (1906: 9) separou a *sociologia aplicada* da reforma cívica e social. A relação entre a *sociologia aplicada*, por um lado, e as intervenções deliberadas baseadas no raciocínio sociológico por engenheiros sociais e sociólogos clínicos, por outro lado, tem sido uma fonte de discórdia desde então. (PERLSTADT, 2007, p. 342).

---

28. Adotamos a terminologia utilizada por Tönnies para designar o conjunto composto pela sociologia pura, a sociologia empírica e a *sociologia aplicada*. O termo “parte” parece-nos muito feliz porque não conota superioridade de uma dessas “partes” a qualquer uma das outras duas, permitindo ao mesmo tempo diferenciá-las claramente. Embora, como veremos no desenvolvimento deste texto, Ward adote cortes disciplinares e uma terminologia diversa da de Tönnies, ambos trabalham com a ideia da sociologia tripartida.

Temos, pois, que, nesse percurso, a continuidade do campo constituído pela *sociologia aplicada* e pela reforma social foi cindida. A intervenção social, prática que era a ponte a uni-los em um único território, foi deslocada para um novo domínio sociológico, agora exclusivamente ocupado por sociólogos clínicos, engenheiros sociais e outros profissionais que atuavam apenas no âmbito estrito da intervenção social.

É certo que, de uma forma ou de outra, a intervenção social ainda persistiu abrigada na área geral da sociologia, que, desde a cisão operada por Ward, passou a ser concebida como um campo tripartido. Em arranjo bem ao gosto da epistemologia positivista, nesse campo se acomodavam em compartimentos discriminados, a sociologia pura, a *sociologia aplicada* e a prática da reforma social, sendo esta última orientada pelo aporte científico da *sociologia aplicada*, mas deixada a cargo de especialistas, cuja função e, por certo, a formação diferiam daquelas dos sociólogos.

Cabe notar que, a tripartição da sociologia apresenta uma configuração estrutural que guarda alguma semelhança com aquela que Tönnies proporia quase duas décadas depois. Entretanto, a semelhança se esgota totalmente no aspecto estrutural.

Tönnies, como já assinalamos, compreendia o amplo campo da sociologia como “sociologia especial”, que teria por “partes” constituintes a sociologia pura, a *sociologia aplicada* e a sociologia empírica, as quais teriam, respectivamente, por objetos específicos a produção da teoria, a aplicação da teoria ao entendimento do desenvolvimento histórico da sociedade e a interpretação da contemporaneidade.

Em chave teórica muito diversa, Ward centra sua argumentação na relação entre a sociologia pura – que, para ele parece ser um termo compreensivo que abarca a teoria sociológica e a sociologia empírica – e a *sociologia aplicada*, cujos limites se estendem até a divisa da intervenção social, da superação do *laissez faire*<sup>29</sup>. E é preci-

---

29. O termo *laissez faire* sintetiza a prática econômica e social do liberalismo e denota ênfase na crença nos mecanismos de autorregulação espontânea da economia. Sua autoria foi atribuída ao pensador fisiocrata, François Quezney, e seria uma redução da frase “*laissez faire, laissez passer, le monde va de lui-même*” (deixe fazer, deixe passar, o mundo vai por ele mesmo).

samente nessa fronteira, a da demarcação do limite em que a ciência abre espaço e orienta a intervenção prática e direta no processo de alteração do livre curso da dinâmica social, que Ward se posiciona de maneira peculiar.

Se, por um lado, opõe-se frontalmente aos expoentes liberais do pensamento social norte-americano de seu tempo, tais como Willian Sumner; por outro, como já afirmamos, refuta igualmente a perspectiva reformista radical dos socialistas, por considerá-la não fundada no conhecimento gerado pela ciência da sociedade<sup>30</sup>. Desse modo, Ward construiu para si um lugar de certa equidistância entre o liberalismo sociológico norte-americano, representado pela transplantação do pensamento de Spencer à América, operada principalmente por Sumner<sup>31</sup>, e as proposições socialistas, também de presença significativa no país naquele contexto, tanto na vida acadêmica como na artística<sup>32</sup>.

Sua localização política na topografia das forças em embate nas últimas décadas do século XIX e nos anos iniciais do século XX seria reforçada por um desdobramento da concepção positivista sacerdotal que orientou a sua visão da atuação do sociólogo.

Nesse caso, mais do que manter a ciência social distante das disputas políticas, o sociólogo deveria isentar-se de atuar politicamente. Esse tema – o da separação entre ciência e política – muito caro a Ward, apareceria mais tarde em Weber. Para Ward, esse limite tinha valor axiológico, pois, “O sociólogo que se compromete a discutir

---

30. Como exemplo, tomamos esta frase explicitamente crítica da perspectiva socialista das reformas sociais: “Presume-se que as reformas emanem do extremo vermelho do espectro social e sejam produto de seus raios térmicos, não de seus raios luminosos. Mas o método de paixão e vitupério não surte efeito. Advogar uma causa é característico do método não científico; investigar, do método científico” (WARD, 1906, p. 24).

31. A abordagem sociológica de Spencer teve forte acolhida nos Estados Unidos. Além de William Graham Sumner, pioneiro no ensino de sociologia e importante difusor das ideias spencerianas, “Spencer foi popularizado nos Estados Unidos através dos esforços do professor Edward Livingston Youmans, químico, educador, escritor e, eventualmente, um importante agente e editor da D. Appleton and Company.” (PERLSTADT, 2007, p. 343).

32. É interessante notar a projeção adquirida pela literatura de matiz crítico, produzida por militantes socialistas, durante a Era Progressista. Exemplo notável é o de Upton Sinclair, autor de mais de cem livros. Sua obra mais conhecida é *Jungle*, na qual trata das condições de trabalho dos operários da indústria da carne frigorificada, publicada em 1906, mesmo ano em que Ward leva a público *Applied Sociology*.

isso, especialmente para tomar partido sobre isso, abandona sua ciência e se torna um político” WARD, 1906, p. 10).

Embora essa crítica pareça ser diretamente dirigida aos socialistas e à esquerda, dadas as posturas de engajamento que comumente adotam, na verdade, ela tem por alvo todos aqueles que incorporam ao exercício da profissão a prática da intervenção direta no objeto pesquisado, independentemente do alinhamento ideológico. Além disso, a perspectiva científica de Ward repelia não apenas a intervenção prática do sociólogo sobre seu objeto, mas também as eventuais repercussões ideológicas que poderiam incidir sobre ele.

É precisamente por essa razão que Ward assesta seus disparos direta e nominalmente sobre Spencer, notório defensor da não interferência absoluta no livre curso da vida social. O norte-americano localiza na obra do inglês inconsistências e preconceitos incompatíveis com a ciência, fato que o leva a considerar que:

Uma grande parte dos escritos de Herbert Spencer tem desse caráter. Muito disso pode ser encontrado até mesmo em seu *Sistema de Filosofia Sintética*. Reflete apenas seus preconceitos e sentimentos, e não é científico. Além do mais, como mostrei repetidamente, está mais em conflito do que em harmonia com seu sistema como um todo. (WARD, 1906, p. 10).

Através dessas críticas, distribuídas à esquerda e à direita do pensamento e da prática das ciências sociais, Ward apresenta um delineamento de sua visão de *sociologia aplicada*, que ele pretende isenta de valor. Busca conseguir tal isenção ao propor uma *sociologia aplicada* que não se aproxime de posturas ideológicas, nem se engaje diretamente nas contendas políticas presentes nas sociedades, as quais envolvam as questões em que os sociólogos aplicados pretendam atuar<sup>33</sup>.

---

33. É importante notar que Ward separou rigorosamente sua atuação de cidadão na vida civil, dos ideais postos à prática específica do cientista social. Embora adotasse tal postura científica, Ward, como já assinalamos, foi um homem que se engajou em várias frentes da política progressista. Para maiores detalhes, ver seu relato biográfico em: <<https://www.revolvy.com/page/Lester-Frank-Ward>>

Desse modo, ao delinear em baixo relevo o campo da *sociologia aplicada*, o autor apresenta uma definição negativa, quer dizer, apresenta aquilo que ela não é e nem pode ser.

Mas a *sociologia aplicada* não é governo nem política, nem reforma cívica ou social. Não aplica, por si só, princípios sociológicos; procura apenas mostrar como podem ser aplicados. É uma ciência, não uma arte. O máximo que reclama é estabelecer certos princípios gerais como guias para a ação social e política. Mas nisso deve ter extrema cautela. Os princípios só podem consistir nas mais altas generalizações. Podem ter apenas a influência mais geral sobre os eventos atuais e as questões populares ou candentes da hora. (WARD, 1906, p. 9 e 10).

A distinção entre ciência e arte é recorrente no livro *Sociologia Aplicada*, como também em outros escritos de Ward. Ele distingue claramente os campos abrangidos pela ciência e pela arte, que é tomada em dois sentidos diversos. O primeiro é aquele de uso mais corrente, o da atividade criativa do espírito, que exprime a experiência individual ou coletiva através da sensibilidade e em inglês foi denominada *fine arts*, termo que, em tradução livre, podemos compreender por belas artes.

Nesse caso, Ward reconhece a contribuição das belas artes à construção da sociedade moderna, mas relega o papel da criação artística a um patamar situado abaixo da ciência, ao afirmar que:

Ninguém negará que pintores e escultores, gravadores, trabalhadores de estuque, decoradores de cerâmica e embelezadores de todo tipo sejam agentes da civilização, e nenhum desses deve ser negligenciado. Mas, como vimos no décimo nono capítulo de Sociologia Pura, as grandes realizações do mundo foram principalmente em dois campos, a descoberta científica e a invenção mecânica. É através destes muito mais do que através da literatura ou qualquer das outras artes que a conquista da natureza foi trazida. (WARD, 1906, p. 246).

Entretanto, adverte ser um erro capital de muitos cientistas sociais de sua época a incorreta percepção da arte, que elide um instrumento essencial ao necessário controle inteligente da sociedade, no próprio interesse da sociedade (WARD, 1883, v. 2, p. VI). Na raiz de tal equívoco, Ward localiza a ausência da percepção de um outro, o segundo sentido do termo “arte”. Para ele, essa negligência intelectual decorre da adesão à ideia da sociedade como um organismo autorregulado, que, portanto, prescinde da intervenção da ciência com o objetivo de melhorá-lo. Num registro que remete ao debate recorrente que manteve com as correntes sociológicas liberais, ele adverte que: “No entanto, é mais correto dizer que a nova escola<sup>34</sup> falha em compreender a verdadeira natureza da arte como algo aplicável a todas as ciências [...] Eles confundem a ideia essencial de belas artes com a de arte útil, ou seja, a imitação da Natureza com o controle sobre a Natureza. (WARD, 1883, v. 2, p. VI, grifo nosso).

A primeira operação intelectual do autor é, portanto, a separação entre as belas artes e a arte útil, que é aquela prática, que possibilita a melhoria intencional e racionalmente dirigida da sociedade, pois que “Toda arte é assim tética. Consiste na utilização dos materiais e da força da natureza; complementada pela descoberta científica e cristalizada em maquinaria. Constitui-se assim na grande e principal fonte do progresso humano.” (WARD, 1897, p. 186).

O tema do progresso aparece assim na obra de Ward, em particular em *Outlines of Sociology*, como resultado da imposição da *telesis* a *genesis*, ou melhor, da prevalência dos processos de melhoria intencional da sociedade sobre os surtos de avanço social espontâneo, tão caros à perspectiva evolucionista spenceriana. Por essa razão, ele localiza nesse processo um momento de transição, no qual:

[...] esse progresso genético cego, que, como a manifestação do homem ou do conhecimento humano, possibilitou a arrancada rumo à civilização que temos, quase chegou ao ponto em que a

---

34. Ward se refere à linhagem evolucionista nas ciências sociais, sobretudo a Spencer que, em 1874, editou o primeiro volume de *Principles of Sociology*.



própria sociedade despertará para a consciência coletiva e dará início a uma era de progresso télico, cujos fim e natureza não podem ser previstos (WARD, 1897, p. 222 e 223).

A telésis seria assim o elemento que, estando simultaneamente presente tanto na ciência social quanto na arte, promoveria a conexão lógica dessas partes da sociologia.

No entanto, essa conexão aparece na obra de Ward com pouco vigor, num sentido fraco, especialmente no livro de 1906, em que dedica tratamento mais agudo à *sociologia aplicada*.

Fiel ao preceito positivista, Ward concebe um campo estrito para a ciência, no qual ainda que se imagine uma influência remota da filosofia, é difícil conceber um diálogo entre ciência e arte útil. Parece-nos que, na proposição de Ward, esse diálogo só é possível quando a arte útil se beneficia dos avanços da ciência, para levar a cabo as missões de suas inúmeras formas e expressões. Mas, ainda que profícuo, esse intercâmbio, tal como está proposto, se faz preferencialmente pela incorporação dos insumos da ciência por parte da arte, sendo o caminho inverso muito menos, ou nada, frequentado. Dessa forma, a relação não se afigura forte o suficiente para incorporar arte útil ao campo científico, especialmente em relação aos insumos que a prática oferece ao aperfeiçoamento da teoria.

Essa demarcação de limites se evidencia quando o autor se refere à política, essa singular arte útil. Nesse ponto, ele toma “arte” como termo expressivo de uma atividade que utiliza toda a gama de conhecimentos, e não apenas aqueles que são científicos, para a realização prática de uma ideia ou pensamento. Tal mobilização do conhecimento dependeria não de uma iniciação em determinada ciência, mas sim de uma boa dose de habilidades pessoais, subjetivas, que podem ser adquiridas mediante educação formal, mas que, para serem desenvolvidas, requerem uma primeira propensão pessoal, talvez aquilo que chamamos de dom. Será o dom que, submetido a treinamento, a uma prática orientada e reflexiva, poderá adquirir a conformação de uma aptidão avançada.

Por essa via, temos uma separação rígida entre os homens de ciência e os homens de arte, como consequência de uma diferença

estrutural entre as duas espécies de conhecimento, a qual impede que uma seja redutível ou assimilável à outra. Por isso,

A ciência nunca é exatamente igual à arte. A ciência aplicada, portanto, não é o mesmo que arte. Se é arte, não é ciência. [...] as ciências aplicadas assim ensinadas não são as próprias artes. A matemática aplicada não é medição, agrimensura ou engenharia. A astronomia aplicada não é navegação. A física aplicada não é manufatura. A química aplicada não é agricultura. A biologia aplicada leva a um grande número de artes, algumas das quais são de origem muito recente (WARD, 1906, p. 27).

A despeito do tom assertivo, Ward reconhece que sua proposta nem sempre ocorre sem alguns percalços. Entre estes, ressalta uma característica dos tempos modernos, que leva à transposição das desigualdades sociais ao campo intelectual. Esse movimento é consequência de uma prática social que estabelece status social privilegiado aos mais aptos<sup>35</sup>, seja no campo da arte útil, seja no campo da ciência aplicada. A rigidez que decorre dessa afirmação de status impede que as habilidades latentes neste ou naquele indivíduo aflorem e se consolidem.

Como efeito desse movimento, se forja assim uma sociabilidade em que:

As palavras “superior” e “inferior” sempre significam superioridade intelectual e inferioridade intelectual. Toda a filosofia da época atual gira em torno dessas distinções, e as tem como seu pivô. Há uma apoteose do gênio, da habilidade, do talento, do brilho mental. A opinião pública está tão impregnada desta visão de mundo, que todos os que não demonstram essas qualidades estão completamente fora do campo de visão. O pior é que apenas os portadores dessas qualidades tidas como geniais são considerados como merecedores de alguma consideração.

---

35. Não é casual a reverberação de um termo muito usado pelo darwinismo social.

Toda a atenção está concentrada em algumas exceções. O efeito é limitar o número mesmo destes que são considerados gênios, porque a habilidade potencial não tem chance de se afirmar. (WARD, 1906, p. 43).

Essa exaltação do gênio domina a sociedade de tal modo que se sistematiza numa “filosofia oligocêntrica” (WARD, 1906, p. 43), a qual permite e estimula que tal visão penetre nas próprias ciências. Ward sustenta que esse trajeto resulta num processo que, ao eleger o intelecto, tanto do praticante da arte útil como do cientista, como fim em si mesmo, apresenta o risco de desencadear uma desmoralização generalizada das dimensões intelectuais e sociais das próprias ciências. Entretanto, haveria para Ward uma contra tendência fundamental entre as ciências, capaz de modificar esse curso dos fatos.

Há apenas uma ciência que não respira esse espírito, e essa é sociologia. Seu ponto de vista é precisamente o oposto. É verdade que a sociologia pura leva em conta a realização humana, mas a considera apenas um meio para a melhoria final. Todas as outras ciências podem ser consideradas objetivas. A sociologia é subjetiva. Reconhece o intelecto como a mais eficaz de todas as agências, mas o intelecto foi criado pela vontade como um servo da vontade, e a sociologia propõe mantê-lo em seu propósito primordial como um meio para seu fim primário – o bem-estar dos seus possuidores. (WARD, 1906, p. 43).

O disciplinamento do intelecto, tema caro a Comte, seria, portanto, o caminho virtuoso que conduziria a atividade do seu portador – afinal de contas, o intelectual – à realização da melhoria da sociedade. E será precisamente a sociologia a ciência que disciplinará mais fortemente o intelecto, ao vinculá-lo à arte útil, do modo peculiar que Ward propõe, caracterizado por uma realização da ciência pela arte, que, contudo, não permite o ingresso dos cientistas na esfera de ação dos artistas.

Até esse ponto, a argumentação do autor sobre os limites entre a *sociologia aplicada* e arte nos informa muito mais sobre o que essa

parte da sociologia não é. No entanto, somos pouco esclarecidos sobre o que objetivamente ela é. Para satisfazer tal necessidade, devemos, a partir do próprio autor, encontrar aquele espaço epistemológico no qual a *sociologia aplicada* realiza plenamente seu potencial.

Nesse particular, Ward, embora não exponha uma definição categórica, esboça um alto relevo da *sociologia aplicada* ao tratar de sua relação com a sociologia pura, e o faz em torno de um eixo estruturado pela oposição, de marca positivista, entre dinâmica e estática social, bem como pela presença da categoria de *telesis*, agora não mais referida ao domínios da arte útil, mas no da *sociologia aplicada*.

Nesse registro, a categoria *telesis* se apresenta como marco delimitador entre os campos da arte, da *sociologia aplicada* e da sociologia pura. Elemento constitutivo tanto da arte útil quanto da *sociologia aplicada*, a *telesis*, ao estar ausente do campo da sociologia pura, demarca um duplo limite: numa fronteira, separa o território dessa sociologia daquele da arte útil; no outro extremo, divide os domínios da sociologia pura daqueles que pertencem à *sociologia aplicada*.

Essa demarcação surge com mais clareza no livro que os comentaristas reputam ser a principal produção de Ward, *Applied Sociology* (1906). Nele, o autor expõe uma interessante concepção tanto da sociologia pura quanto da aplicada, utilizando como elemento heurístico o contraste entre essas que parecem ser para ele as duas partes nobres da sociologia. Isso porque elas se afirmam e se elevam em relação à arte útil, empregada da reforma social, à qual é conferido um estatuto científico muito inferior, praticamente inexistente.

Já a sociologia pura surge em sua argumentação com duas finalidades principais: a primeira, voltada à busca do entendimento da sociedade presente, que investiga as causas e os modos pelos quais a sociedade chegou ao estado atual, sintetizando as constantes da evolução social sob as formas de princípios e de leis gerais da sociologia. De forma muito direta e simplificada, Ward define a sociologia pura como: “[...] simplesmente uma investigação científica quanto à condição atual da sociedade. Só isso pode produzir verdadeira autoconsciência social. Responde às perguntas ‘O quê?’, ‘Por quê?’ e ‘Como?’, fornecendo os fatos, as causas e os princípios da sociologia.” (WARD, 1906, p. 22).

É interessante notar que Ward abriga sob a mesma parte da sociologia tanto o aparato da teoria sociológica, que trataria dos princípios e das leis científicas, como uma fração importante, talvez até a totalidade, da sociologia empírica, a qual tem por ponto focal os fatos e as causas da condição presente de determinada sociedade. Não há, assim, nessa perspectiva epistemológica, campos claramente delimitados para a teoria e a empiria, de forma que ambas estariam igual e conjuntamente a serviço da produção da “verdadeira autoconsciência social”.

A segunda finalidade principal da sociologia pura é decorrente da primeira, a produção da autoconsciência da sociedade, pois remete aos efeitos dessa mesma autoconsciência. Entre esses efeitos, além da apreensão da natureza da sociedade, está o conhecimento daqueles elementos que têm mais força de permanência, bem como daqueles que, com maior ou menor esforço, são passíveis de melhoramento.

A sociologia pura apresenta assim uma importante dualidade, que é tomada por Ward na consagrada chave constituída pelo par de opostos: dinâmica social e estática social. Presente desde os primórdios da sociologia, tal chave desdobrou a disciplina científica em duas modalidades: a sociologia estática e a sociologia dinâmica.

Mais do reconhecer essa dualidade, como alguns antecessores já haviam feito, o norte-americano a trata sob um prisma que indica a reverberação do ambiente de reformas da Era Progressiva, mas que também ecoa um elemento da filosofia pragmática, remetendo às necessárias consequências práticas do conhecimento, pois, para ele, é fundamental diferenciar:

[...] as condições sociais suscetíveis de modificação por intermédio da ação humana, e as que são praticamente inalteráveis ou que estão para além do alcance da atividade humana. Dessa maneira, uma enorme quantidade de energia, que de outra forma seria desperdiçada, pode ser economizada e concentrada sobre o que é realmente factível. (WARD, 1906, p. 28).

É notável que toda a construção da relação entre o que denominamos “as partes nobres da sociologia”, a pura e a aplicada, se centre

no tema mudança social dirigida. Esse fato é testemunho da penetração do tema da reforma social – muito marcante à época da publicação de *Applied Sociology* – no próprio arcabouço da disciplina, seja pelo acento da sua afirmação (a dinâmica), seja pela constatação de sua impossibilidade (a estática). Em frase síntese, Ward expõe a questão no que tange à estática social: [...] Em outras palavras, a lição mais importante que a sociologia pura ensina é a da grande estabilidade da estrutura social.” (WARD, 1906, p. 23).

Se a sociologia pura apresenta a força de permanência da sociedade ou, em termos referidos ao contexto, a dificuldade ou mesmo a impossibilidade da reforma; a *sociologia aplicada*, por sua vez, trabalha em sentido diverso, ela trata de materializar praticamente ideais sociais, naqueles aspectos, condições e situações que a sociologia pura revela serem dinâmicos ou, em linguagem wardiana, serem passíveis de modificação télica.

A *sociologia aplicada* busca modificar aspectos da vida social de acordo com a projeção idealizada, todavia, realista, do que deveria ser modificado no sentido de prover maior bem-estar aos cidadãos em geral. Tem, portanto, uma característica marcadamente finalista ou, como explica o autor:

[...] a *sociologia aplicada* visa responder a pergunta “Para que?”  
[...] A *sociologia aplicada*, por mais teórica que seja a sociologia pura em alguns de seus aspectos, é essencialmente prática. Apela diretamente ao interesse. Tem a ver com os ideais sociais, com considerações éticas, com o que deveria ser. (WARD, 1906, p. 24).

Foi precisamente sobre o finalismo da *sociologia aplicada* que os seguidores de Spencer e do darwinismo social, os principais contendores de Ward, concentraram seu ataque. Constituiu-se, assim, naquela quadra histórica um campo com lados opostos e claramente definidos, em torno de uma disputa que tinha por pivô a *sociologia aplicada* e que, de certo modo, delimitou campos de força e prestígio no âmbito da ciência social americana.

As marcas desse embate podem ser encontradas em *Applied Sociology*, mas elas também estão presentes em praticamente toda a



produção sociológica do autor. Em *Pure Sociology*, de 1903, Ward já combatia uma tese derivada do darwinismo social, segundo a qual a evolução da sociedade, que supostamente se faz de modo genético, ou seja, natural e espontâneo, prescindindo da intervenção deliberada e dirigida, faz com que os homens sejam mais exigentes quanto aos efeitos da própria evolução. Essa exigência, posta ao modo iluminista como uma espécie de paixão, faria parte do processo de autorregulação da sociedade que produziria assim o maior progresso, com o menor sofrimento possível, num curso em que a crescente complexidade do organismo social implicaria, por si mesma, a ambição por melhora, esta entendida como maior complexidade.

Isso se daria em movimento cíclico evolutivo, de modo que a sociedade, sendo cada vez mais complexa, suscitaria maior exigência por parte de seus membros. Contra essa proposição do darwinismo social, o autor de *Pure Sociology* opõe o argumento de que:

Aqueles que negam que a soma absoluta do prazer foi intercalada de dores, devem mostrar como isto ocorreu. O ônus da prova recai sobre eles. Eu não sou insensível à força de suas reivindicações, nem nego que a organização grandemente aperfeiçoada do homem, através das influências que enumerei, acentua sua suscetibilidade à dor nos mesmos graus que o faz com o desfrute. Nem nego que a organização social defeituosa resulte em um sofrimento imenso, o qual na organização rudimentar dificilmente seria sentido. Mas aqui a questão transcende os limites da sociologia pura. Essa ciência só lida com o que foi alcançado, e com o que é provável que seja alcançado através da operação contínua de agências conhecidas. Tudo o mais além disso pertence à sociologia aplicada, que lida com meios artificiais de acelerar os processos espontâneos da natureza. Sociologia Pura. (WARD, 1903, p. 431, grifo nosso).

Desse modo, se o elemento tético conecta a arte útil à *sociologia aplicada*, ele, com efeito, é um fator de diferenciação e separação entre esta e a sociologia pura, que, até onde compreendemos, constituiu-se de um arcabouço teórico e de um conjunto de investigações

empíricas que deslindam o movimento progressivo que une o passado ao presente da sociedade. Nessa união dos tempos, a sociologia pura expõe quais das estruturas têm a força da permanência e em quais delas essa permanência se apresenta menos vigorosa. É dessa identificação das estruturas sociais que a *sociologia aplicada* se nutre para cumprir sua função tética, que fornece a orientação para que a arte útil desenvolva sua ação prática de reforma da sociedade. É, portanto, sobre a teoria e a empiria que ação da sociologia pura se assenta ou, como nos diz Ward:

A *sociologia aplicada*, portanto, baseia-se na sociologia pura. Se a primeira tem qualquer caráter científico, este pressupõe e decorre da segunda. Na medida em que a ideia de reforma é inerente à *sociologia aplicada*, não pode produzir frutos a não ser que assim proceda. A reforma pode ser definida como a modificação necessária de estruturas sociais. Qualquer tentativa de fazê-la deve ser baseada no conhecimento cabal da natureza de tais estruturas; caso contrário, o insucesso é certo. (WARD, 1906, p. 23).

Temos, pois, que o tema do reformismo social, desígnio maior da *sociologia aplicada* na concepção de Ward, é o elemento que impõe a conexão da *sociologia aplicada* à pura. Esta explicita as condições e possibilidades da reforma, ao oferecer um quadro evolutivo da sociedade, desde o passado mais ou menos remoto, até os dias presentes. A outra determina os meios, modos e caminhos para que a reforma se realize com a menor resistência possível, considerando-se as condições dadas.

O restante do percurso que se inicia com a apreensão científica da natureza e com o desenvolvimento da sociedade, passando pela elaboração mental das condições da reforma social, cabe à arte útil. À arte útil cumpre colocar em operação as ações práticas da transformação social que atende a desejos e necessidades humanas, promovendo assim aos seus beneficiários o prazer de tê-los atingido.

Neste ponto da exposição surge a interessante categoria de prazer. Não é sem alguma surpresa que o leitor atento aos perfilhamen-

tos científicos de Ward se depara com uma categoria que remete aos sentimentos. Essa categoria frequenta boa parte da obra sociológica de Ward e apresenta-se sob o registro do par de opostos: prazer, e o seu antagonista, a dor.

Sistematizada como economia de dor e economia de prazer, tal oposição é utilizada para caracterizar as sociedades em dois momentos: pré e pós-reformas. A citação a seguir, tomada de *Applied Sociology*, ilustra esse ponto:

[...] o fato é que a sociedade ainda está em uma economia dolorosa (ver *Pure Sociology*, p. 283) e a ética positiva não será capaz de reivindicar a atenção principal até que ela tenha surgido de forma justa e entrado em uma economia de prazer. (WARD, 1906, p. 327).

A oposição dor e prazer tem correspondência temporal com os momentos anteriores e posteriores às reformas sociais, cujo objetivo último e geral é, afinal, proporcionar o prazer das necessidades atendidas. De outra parte, essas oposições, que são mediadas por desejos e vontades dos homens em sociedade, delimitam campos de abrangências próprios para a sociologia pura e para a *sociologia aplicada*:

Na sociologia pura, os desejos e as vontades humanos são considerados como os agentes motores da sociedade. Na *sociologia aplicada*, são considerados fontes de prazer por meio de sua satisfação. A distinção é semelhante àquela entre produção e consumo na economia. De fato, pode-se dizer que a *sociologia aplicada* lida com a utilidade social medida pela satisfação do desejo (WARD, 1906, p. 25).

O domínio da sociologia pura é assim aquele da economia da dor, da carência material. A *sociologia aplicada* se remete ao continente do prazer, das necessidades atendidas. Se a primeira projeta seu olhar para o passado, no qual habitam as carências sociais; a segunda se projeta ao futuro, em que algumas dessas carências estarão superadas, mediante a ação cientificamente informada e delibe-

radamente orientada a tal superação. Em frase síntese dessa relação entre a sociologia pura e a *sociologia aplicada*, Ward assevera que:

O assunto da sociologia pura é a conquista, o da sociologia aplicada é a melhoria. A primeira se relaciona com o passado e o presente; a segunda, com o futuro. A conquista é individual, a melhoria é social. A sociologia aplicada leva em conta fenômenos artificiais consciente e intencionalmente dirigidos pela sociedade para melhorar a sociedade. A melhoria é conquista social. Na sociologia pura, o ponto de vista é totalmente objetivo. É possível dizer que se relaciona com a função social. Na sociologia aplicada, o ponto de vista é subjetivo. Relaciona-se com o sentimento — o bem-estar coletivo. Na sociologia pura, os desejos e as vontades humanos são considerados como os agentes motores da sociedade. Na sociologia aplicada, são considerados fontes de prazer por meio de sua satisfação. (WARD, 1906, p. 25).

Desse modo, quase todos os tempos da sociedade no percurso rumo ao prazer, à melhora social, se encontram plasmados na proposta wardiana de sociologia. Do passado e de parte do presente, cuida a *sociologia pura*; de parte do presente e do futuro, cuida a *sociologia aplicada*; do futuro desejado, do ponto de chegada, deve cuidar a reforma social ou, mais propriamente, a dimensão da sociologia que é arte, não é ciência.

A tríplice classificação de Ward<sup>36</sup> apresenta assim uma contradição, pois incorpora ao campo de uma disciplina científica aquilo que o próprio autor qualificava como algo não científico, algo que é arte. De outro modo, há que considerar que a concepção de *sociologia aplicada*, e suas complexas relações com as outras partes da própria sociologia, se encontra distribuída em quatro alentados volumes,

---

36. A esse respeito, Perlstad afirma que: “em 1916, estudantes de sociologia da Universidade do Sul da Califórnia iniciaram uma revista, *Studies in Sociology*, mas em outubro de 1921, mudaram seu nome para *Journal of Applied Sociology*. Alice Fesler (1921) explicou que o nome foi tirado da classificação tríplice de Ward de sociologia pura, *sociologia aplicada* e reforma social” (2007, p. 346).

que perfazem mais de duas mil páginas, escritos num intervalo de vinte três anos. O que ressalta da leitura dessas obras é o rigor com que Ward traça um caminho pavimentado por categorias fundantes, tais como, sacerdócio positivista, arte útil, prazer, progresso, *telesis*, para dar estatuto teórico e epistemológico à *sociologia aplicada*.

## Considerações finais

Tratar da “parte” da sociologia que conhecemos por *sociologia aplicada* é tarefa que encerra algumas dificuldades. A primeira delas diz respeito à escassez de reflexões sobre essa matéria, que parece ter sido relegada a algum ponto remoto do terreno das ciências humanas. Embora o termo “*sociologia aplicada*”<sup>37</sup> surja com alguma frequência, na maioria das vezes isso ocorre sob a forma de sua associação a alguma subárea disciplinar, como a *sociologia aplicada* à administração pública, ao direito, à educação ou ainda a algum objeto específico, como é caso da *sociologia aplicada* aos estudos sobre o corpo, à vida urbana, ao trabalho etc.

Em ambos os casos, a *sociologia aplicada* não é, e nem pode ser vista como uma parte da grande disciplina “Sociologia”, mas sim como um campo de conhecimento coadjuvante de disciplinas variadas, como o direito, a educação, a administração etc., ou de campos temáticos internos às ciências sociais. Desse modo, o estatuto epistemológico e teórico da *sociologia aplicada* recebe pouco ou nenhum interesse, como demonstra o diminuto número de pesquisas sobre o tema, tanto no Brasil quanto no exterior.

Outro sentido que lhe é dado é referido à nomeação da organização administrativa da pesquisa por parte da principal agência de fomento do país, a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Nesse caso, a denominação “Ciên-

---

37. Ward “[...] pode ter usado pela primeira vez os termos sociologia pura e aplicada nos títulos de dois cursos de verão da Universidade de Chicago em 1897, que repetiu na Universidade de West Virginia em 1898 e depois na Universidade de Stanford em 1899. Ele publicou o *Pure Sociology* em 1903 e *Sociologia Aplicada* em 1906.” (PERLSTADT, 2007, p. 344).

cias Sociais Aplicadas” recobre um vasto conjunto de sete áreas de avaliação, nas quais estão distribuídas duzentas e vinte e seis disciplinas. Mais uma vez, os aspectos epistemológicos e teóricos da *sociologia aplicada* resultam pouco visíveis. Foi a intenção de lançar luz sobre algumas tensões que a aplicação da sociologia encerra que nos levou à abordagem das obras de Tönnies e Ward. O cotejo desses dois autores, que são importantes referenciais de tradições sociológicas diferentes, nos permite responder a algumas questões de fundo, entre as quais se ressaltam o estatuto epistemológico, teórico e político da *sociologia aplicada*.

Claro está que, dado o pouco interesse despertado pela matéria por longas décadas, muitos dos enunciados da extensa resposta que a mencionada pergunta exige têm caráter preliminar e se desdobram em outras tantas questões. De todo modo, parece-nos que o ângulo de abordagem mais interessante para tais questões remete à relação que se estabelece entre a *sociologia aplicada* e o enorme conjunto de subdivisões que permeia a sociologia. Essa relação coloca desde logo a interrogação: afinal, a *sociologia aplicada* é um ramo distinto da sociologia, caracterizado pelo seu objeto específico, como a sociologia do trabalho, a sociologia urbana, a sociologia da cultura etc.; ou ela é uma parte da “sociologia especial”, tal como Tönnies apontou?

Nossa resposta corrobora aquela apresentada pelo sociólogo alemão Tönnies, que não difere na essência da posição que encontramos na obra de Ward, quando trata desse mesmo tema. Para ambos, a *sociologia aplicada* é sim parte da sociologia, e não é um ramo especializado dessa ciência matriz. Tal concordância entre autores tão diferentes não se encerra nesse aspecto. Os dois concordam com a afirmação de que não apenas a *sociologia aplicada* é parte da sociologia, como ela compõe uma tríade que perfaz a integridade dessa disciplina científica. No caso de Ward, a tríade consiste na *sociologia aplicada*, na *sociologia pura* e na *arte útil* da reforma social. No caso de Tönnies, na *sociologia pura*, na *sociologia aplicada* e na *sociologia empírica*.

A partir desse ponto, nossos autores referenciais tomam rumos diferentes, pois, na explanação de suas concepções epistemológicas, delineiam perfis diversos para cada uma das partes da sociologia.

Tönnies, de acordo com a sua muito pessoal visão da sociologia, que ele próprio qualifica de “minha sociologia” (TÖNNIES, 1942, p. 11), concebe a sociologia pura como um arcabouço teórico estático, composto exclusivamente por conceitos e categorias fundamentais. De sua parte, Ward entende a sociologia pura como um vasto território, onde se alojam não apenas os conceitos e as categorias, mas também o cabedal empírico, que sustenta o entendimento da estática e da dinâmica da sociedade.

Esses dois modos diferentes de delimitação das partes da disciplina apresentam consequências consideráveis, potencializadas pelas visões muito distintas que os autores têm sobre o que seja o movimento existente entre as partes da própria sociologia.

Para Tönnies, a *sociologia aplicada* é aquela prática científica que tenta explicar a realidade presente por meio da investigação de sua formação, e cujo principal objetivo é confirmar ou não a validade dos conceitos e das categorias tomados à sociologia pura. De forma simplificada, poderíamos afirmar que a *sociologia aplicada* é, na verdade, a teoria aplicada, pois se caracteriza pela utilização dos instrumentos teóricos da sociologia pura ao entendimento da sociedade presente, num processo que se inicia com “as coisas do pensamento” e se conclui com uma explicação, cujo fim primeiro é adaptar dedutivamente os conceitos estáticos da teoria à explicação da realidade, conferindo-lhes dinâmica. Por fim, a terceira parte, a sociologia empírica, à qual Tönnies dá menos atenção, é fundada na observação e tem por corpo de conhecimentos auxiliares práticas científicas sociais descritivas (sociografia e demografia), que mantêm contato mais estreito com os aspectos materiais e imediatos da sociedade.

Por conceber a sociologia como disciplina filosófica, Tönnies tem por centro de gravitação da sua sociologia a teoria, é ela que conforma a disciplina e condiciona os movimentos da aplicação e da empiria, cujo estatuto parece ser para o autor bastante inferior àquele conferido às outras duas partes.

Em sentido diverso, Ward tem por centro mais denso de sua visão sociológica a aplicação. Pesam nessa configuração alguns fatores aqui apontados como conformadores do contexto em que



viveu o autor, sobretudo, a influência da filosofia pragmática e o ambiente de reformas sociais.

Essa influência se patenteia na delimitação dos espaços atribuídos às partes da sociologia. Nesse caso, a sociologia pura corresponderia, como em Tönnies, a um corpo teórico, mas, além disso, seu arcabouço compreenderia o amplo cabedal empírico, constituído pela aplicação da teoria à explicação da realidade, cuja finalidade última é determinar o que é passível de mudança tética, intencional, e o que não pode ser mudado por meio de ações deliberadamente voltadas a esse fim.

Não é por acaso que a denominação sociologia empírica não surge na obra de Ward. A abordagem discricionariamente empírica só faz sentido em sua formulação se vier revestida de um propósito finalista, servir à reforma social, e este é um fim próprio e exclusivo da *sociologia aplicada*. Desse modo, a terceira parte da trilogia sociológica surge em Ward em registro menor, que sequer tem estatuto científico, pois ela é a prática propriamente dita da reforma social. Nesta, pesa mais a experiência pregressa do agente do que a sua formação teórica.

As conseqüências pedagógicas dessa delimitação das partes da sociologia são de larga escala, pois, ao fim e ao cabo, a arte útil, ou a prática da reforma social, muito embora seja subsidiária da *sociologia aplicada*, assim como esta é da pura, se constitui como um corpo de conhecimentos que não pode ser alçado à condição de ciência. Logo, se a prática da reforma social é arte e se, só é aceitável que, desde sempre, os alunos de sociologia sejam iniciados apenas naquilo que é científico, a arte útil não pode ser transmitida aos profissionais em formação. É o próprio Ward que assim predica: “Se é arte, não é ciência. [...] as ciências aplicadas assim ensinadas não são as próprias artes.” (WARD, 1906, p. 27).

Essa rígida delimitação do que é ciência se desdobra na formação de cientistas aos quais está vedado o acesso à implementação direta das ações que materializam a reforma social. Cabe notar que, nesse ponto, e por vias diferentes, Ward e Tönnies confluem para a consolidação do sociólogo como apenas um intérprete da vida social, que nela intervém como orientador ou, no máximo, conselheiro.

Essa concepção firmou-se como padrão hegemônico e, há décadas, informa a constituição dos aparatos educacionais que abrigam os cursos de ciências sociais. A formação resultante dos inúmeros cursos de graduação não encontrou, na recepção de Ward da proposta positivista para a atuação profissional em ciências sociais, um elemento dinâmico de afirmação da *sociologia aplicada*. Atribuímos esse fato à prevalência da visão que aqui denominamos “sacerdócio positivista”, a qual levou a uma situação em que as sucessivas levas de concluintes do curso não resultassem em cientistas sociais capacitados para o trabalho aplicado.

Como todo processo de consolidação e institucionalização de uma profissão científica, a formação dos cientistas sociais consagrou e, pelo efeito da reprodução dos mesmos padrões por décadas, como que ossificou a conformação da própria trajetória escolar dos profissionais da área. Freeman e Rossi chamam a atenção para essa resistência à mudança, que é o outro nome do conservadorismo, mesmo no meio acadêmico progressista, paradoxalmente comprometido com a melhoria da vida social.

Evidentemente, um impedimento adicional aos programas aplicados é o conservadorismo profundo da academia em geral, uma postura que inibe virtualmente todos os esforços para melhorar nosso destino. Em um artigo recente, Lipset (1982)<sup>38</sup> fornece evidências persuasivas de que, embora os acadêmicos apoiem persistentemente os esforços locais e nacionais de mudança social, eles adotam uma postura oposta quando a própria academia é o foco de preocupação. (FREEMAN; ROSSI, 1984, p. 572).

Além do conservadorismo no que se refere ao tratamento que a academia oferece à *sociologia aplicada*, outros fatores contribuem para a baixa recepção que essa parte da sociologia recebe. Entre estes, destaca-se a força de permanência que as robustas estruturas das

---

38. LIPSET, Seymour M. The academic mind at the top: the political behavior and values of faculty elite. *Public Opinion Quarterly*, n. 46, p. 143-68, 1982.

universidades têm em todo o mundo, afinal são aparatos construídos e incrementados há décadas ou até séculos.

Seja por uma causa ou por outra, é preciso levar em conta que o problema da *sociologia aplicada* não mereceu ainda a necessária atenção dos cientistas sociais acadêmicos ou, nos termos de Freeman e Rossi, “cientistas sociais convencionais”. Nesse sentido, parece-nos que não apenas a recepção da *sociologia aplicada* por parte dos acadêmicos deve ser mais generosa, mas também que se deva dedicar a ela aquilo que melhor se faz na academia, em particular na área de ciências humanas: a crítica, no sentido da superação<sup>39</sup>.

Sem essa crítica, à sociologia e à própria *sociologia aplicada* perderão algo da potência necessária para realizar o intento de boa parte dos percursores das ciências sociais, isto é, inaugurar um novo tempo da vida social, em que o progresso social não seja apenas um processo espontâneo, “descontrolado”, mas que cumpra os desígnios da sociologia que cuida da mudança da sociedade. Ao discorrer sobre esse processo, Ward elevou uma proposição comteana ao estatuto de princípio científico, no qual o controle tem função capital: “Voir pour prévoir’ [...] ‘prévoyance, d’où action’ [...] isto é, prever para controlar, tal é a história lógica e processo de toda a ciência; e, se a sociologia é uma ciência, tal deve ser o seu destino e a sua função legítima.” (WARD, 1883, p. 81).

No entanto, devemos convir que, se a sociologia tem hipoteticamente alguma capacidade de previsão, baseada na observação da regularidade de certas dinâmicas sociais, tal capacidade não implica, de per si, o controle. Admitamos também que a *sociologia aplicada*, tal como proposta por Ward, tem certo poder de indicar ações corretivas para aqueles desequilíbrios sociais que se revelem passíveis de “modificação télica”. Contudo, nenhuma dessas duas capacidades tem o poder de desenvolver as ações finais de um eventual controle télico daqueles aspectos da vida social que se eleja como foco da mudança controlada.

---

39. No sentido de colocar-se adiante de uma ideia que foi válida para o seu tempo, mas que deixou de sê-lo.

Com efeito, falta algo aos profissionais das ciências sociais que os capacite a levar a bom termo esse intento. É certo que parte dessas capacidades que nos faltam podem ser supridas, e muitas vezes o são, por profissionais de outras formações conosco perfilados num trabalho interdisciplinar, que é sempre desejável, entre outras razões, pela amplitude da abordagem que permite conferir a determinados problemas sociais.

Entretanto, nem mesmo a interdisciplinaridade pode elidir um vazio, cujas raízes históricas já apontamos, e que desde há muito tempo temos na nossa formação: a incapacidade de transitarmos no terreno daquilo que Ward denomina *arte útil*. Ward apresentou fortes razões para que a profissão fosse assim conformada, razões entre as quais a que tem maior capacidade de conformação da conduta científica é aquela que impõe o “sacerdócio positivista”.

Nossa posição é de claro questionamento a essa proposição do fundamental sociólogo americano e, para tanto, podemos contrapor algumas razões. A principal delas, de natureza histórica, remete à necessária avaliação da adequação dessa conformação do profissional em ciências sociais, cuja origem se coloca na década de 1830 e se mantém nos dias atuais. Dito de outro modo: a muitíssimo complexa sociedade contemporânea demanda apenas esse tipo de formação do cientista social? É suficiente investigar e aconselhar os operadores da reforma social, tal como indicado há mais de 170 anos? Se considerarmos que as instituições mundo afora formam todo ano mais de dez mil profissionais convencionais em ciências sociais, há possibilidade de que os formados sejam recrutados para trabalhos consistentes com a sua formação?

Há inúmeros estudos que remetem a essas questões. Mas, se para efeito de ilustração de nosso argumento nos apoiarmos apenas em dois, os trabalhos de Baltar e Baltar (2017) e de Luciano (2013), a resposta a todas essas indagações é, simplesmente, não. Para além de nossas fronteiras, vários autores apontaram o descompasso entre a formação do cientista social relativamente tanto às atividades que ele poderia realizar, quanto àquelas que ele efetivamente realiza. A esse respeito, com foco no caso italiano, Adriana Luciano, afirma que:

A área das profissões sociais, portanto, sofre de um desequilíbrio qualitativo e quantitativo entre a demanda e a oferta de mão-de-obra que exemplifica o paradoxo do mercado de trabalho dos diplomados na Itália: um número relativamente baixo de diplomados em comparação com outros países europeus, mas também alto se relacionada à dinâmica da demanda de trabalho.” (LUCIANO, 2013, p. 134).

Em suma, há mais sociólogos ou cientistas sociais do que efetivamente a sociedade demanda. Em face desse problema, apresentam-se dois caminhos possíveis para superar o constrangimento à afirmação da profissão como uma atividade social necessária, cujos praticantes podem ser incorporados ao mundo do trabalho após anos de formação especializada

O primeiro, que encerra certo contrassenso, seria iniciarmos uma regressão referente aos cursos já implantados, no sentido de reduzir a quantidade de profissionais formados, até atingirmos um ponto próximo ao equilíbrio, em que o número de sociólogos ativos se aproximasse do contingente correspondente à efetiva demanda social.

O paradoxo dessa proposta é de evidência gritante: uma sociedade que se torna cada vez mais complexa, requereria um contingente cada vez menor daqueles profissionais que se ocupam de compreendê-la e transformá-la. Ora, se abandonamos tal hipótese por absurda, só nos resta o segundo caminho, que se inicia por arguir se a nossa formação acadêmica e escolar está adequada em relação às necessidades da sociedade contemporânea.

Não será necessário muito esforço para confirmar ser imperioso repensar nosso percurso acadêmico e o padrão profissional dele resultante devido às informações disponíveis. Ou seja, é preciso nos projetar para além da figura do sociólogo convencional. Há várias formas e meios de fazermos esse trajeto. A ciência social está pontuada por inúmeras reflexões interessantíssimas sobre o tema. Mais recentemente, observamos a criação de novos ramos especializados da sociologia, os quais, sem dúvida, aproximam a atividade do pesquisador social dos recentes problemas de sociedades em acelerado processo de mudança.

Temas como o corpo, as redes sociais, a sexualidade e tantos outros constituíram amplos cabedais e lançaram luz sobre questões candentes da vida contemporânea. De outra parte, foram realizados interessantes esforços no sentido de estabelecer relações mais intensas e profícuas entre os praticantes das ciências sociais e o público ao qual ela se dirige. Nesse particular, cabe nota sobre o trabalho de Michel Buroway, que encontra forte poder de inovação nas conexões orgânicas entre sociólogos e suas comunidades imediatas, e, desse modo, propõe que se leve:

[...] o conhecimento de volta àqueles que foram a sua fonte, construindo questões públicas a partir de problemas privados, e assim regenerando a fibra moral da sociologia. Nisso consiste a promessa e o desafio da sociologia pública, o complemento e não a negação da sociologia profissional. (BUROWAY, 2006, p. 11)<sup>40</sup>.

O trabalho de Buroway é, com alguma frequência, tomado como uma proposta de *sociologia aplicada*. No entanto, além de diferenciar claramente sua concepção de *sociologia pública* daquela que sustenta a *sociologia aplicada*, a primeira se configura, tal como o autor a delinea, como mais uma especialidade da sociologia, e não uma parte no sentido em que Tönnies consagrou o termo.

Por isso, a ideia apresentada por Schwartzman (2009, p. 274), ao afirmar que a sociologia pública seria a quarta “parte” da sociologia, colide com aquilo que, para Ward (1906, p. 25)<sup>41</sup>, caracteriza as três grandes partes da disciplina científica, isto é, o caráter universal, extensivo à toda a sociedade e não acessível apenas a uma fração dela, seja essa fração um grupo social ou um público. Em sentido oposto, a particularidade da sociologia pública consiste no movimento de dirigir-se a determinado público que, em algum momento, foi objeto de uma atividade sociológica. Por essa razão, Buroway afirma que:

---

40. Nesse trabalho, Buroway trata da *sociologia aplicada*, sem, contudo, explorar suas potencialidades de ampliação e inovação do campo científico e profissional. (p. 34 e 35).

41. Em *Applied Sociology*, Ward afirma que “A *sociologia aplicada* difere das outras ciências aplicadas, ao incluir todos os homens em vez de alguns.” (WARD, 1906, p. 25).

Existem múltiplas sociologias públicas, refletindo diferentes tipos de público e várias formas de os acessar. Sociologias públicas tradicionais e orgânicas são bipolares, mas são tipos complementares. Públicos podem ser destruídos, mas eles também podem ser criados. Alguns nunca desaparecem – nossos estudantes são nosso primeiro e cativo público.” (WARD, 1906, p. 14).

Assim, tanto a sociologia pública como outras especializações se enquadram naquilo que podemos denominar sociologias convencionais ou acadêmicas, pois, além de se voltarem a grupos determinados, não têm por objetivo propor, tampouco implementar, soluções para problemas concretos e suficientemente delimitados para se constituírem em objeto de ações que visem deliberadamente sua mudança, seu melhoramento. É fato notável que, a despeito do desenvolvimento de novos horizontes de pesquisa e da expansão de especialidades, o paradoxo apontado por Adriana Luciano indica um importante descompasso entre a formação acadêmica dos sociólogos, ou dos cientistas sociais, e a absorção desses intelectuais por uma sociedade plena de problemas sem solução.

No entanto, é necessário o reconhecimento de que a intervenção *télica*, ou seja, com objetivos de adensar determinadas dinâmicas presentes na sociedade e de minimizar outras, encerra alguns riscos, entre os quais, o que merece menção mais frequente é o de ampliar os instrumentos de controle social por parte de governos, partidos ou outras instituições. Em outras palavras, são os riscos de uma sociologia aplicada derivar para formas de engenharia social que se prestam ao cerceamento de liberdades e de controle de populações em contextos mais ou menos autoritários.

Esse é, com efeito, um risco que não deve em nenhuma hipótese ser subestimado, pois já se materializou em certos períodos históricos, ao longo do século XX, após a institucionalização das Ciências Sociais. Notadamente entre 1933-1945, quando a Alemanha foi governada pelo regime nazista, ascenderam temas e sociologias especiais voltados aos meios militar e da segurança. Essas teorias deram corpo a uma produção sociológica diretamente perfilada aos interesses do nazismo. A esse respeito, Keim esclarece que:



A chamada “sociologia prática” visava fortalecer a “emergência da nação” e influenciar o processo de ‘Volkwerbung’. Depois do suposto fim da sociedade burguesa-capitalista, esses sociólogos consideraram como seu dever contribuir para a unificação do ‘povo’. O fato de a sociologia se colocar a serviço da transformação da ‘sociedade’ em ‘Volk’ era presumivelmente um exemplo de excepcionalidade ou particularidade alemã. A ‘sociologia aplicada’, após 1936, veio a assumir o papel de técnica e a submeter-se à sua instrumentalização por meio da ideologia e da prática nazistas. Segundo Rammstedt, ‘depois de 1936, a sociologia se tornou uma’ arma do regime ‘e foi instrumentalizada pela Weltanschauung fascista’. (KEIM, 2013, p, 112).

Embora isso pareça evidente, é importante notar que tal risco não decorre diretamente do fato de a sociologia ser também aplicada, mas da natureza do próprio regime nazista, notadamente de seu aspecto totalitário, que fez com que suas ideias básicas permeassem praticamente todos os campos de produção de conhecimento da sociedade alemã do período. Nessa medida, há que se considerar que a presença do ideário nazista não se manifestou apenas na sociologia, mas também em todas as outras ciências, como é possível perceber no trágico exemplo da pesquisa médica aplicada ao aprimoramento da raça, cujas práticas e consequências são conhecidas entre nós.

Os meios e modos para tentar evitar que tais práticas aconteçam são tantos, quantas são as maneiras que os áulicos dos regimes autoritários têm de burlá-los. O mais comum desses instrumentos são os chamados códigos de ética das associações profissionais das diferentes áreas disciplinares da Sociologia, Antropologia e Ciência Política. No documento que rege a atividade de seus afiliados, a *Association for Applied and Clinical Sociology*, segundo o terceiro princípio: “Os profissionais da sociologia respeitam a integridade e protegem o bem-estar das pessoas e grupos com os quais trabalhamos”<sup>42</sup>.

É evidente que dispositivos como esse são eficazes em situações nas quais os agentes dos processos têm condição de vocalizar e dar

---

42. Conferir: Association for Applied and Clinical Sociology – Code of Ethics, p. 2.

consequências jurídicas e políticas aos reclamos de abuso no exercício da profissão e de sua instrumentalização por terceiros. Mas é igualmente evidente que em contextos de desrespeito aos direitos básicos dos cidadãos, tais inclinações éticas têm eficácia relativamente pequena.

Esses riscos do “uso” da sociologia como controle social apenas reforçam a importância de se debater a fim de que se possa ampliar o repertório sobre o tema. A necessidade de se produzir material crítico sobre a *sociologia aplicada* (em suas dimensões históricas, políticas, teóricas e metodológicas) aponta não apenas as possibilidades de dilatar a atuação profissional e a formação dos cientistas sociais, mas trata do papel da disciplina para a própria vigência da democracia e da proteção das liberdades individuais e coletivas. Se é possível identificar no passado e no presente a instrumentalização da aplicação da sociologia para fins autoritários, é possível também pensar em novos campos de sua aplicação para fins emancipatórios, inclusive fora do escopo do Estado.

De outra parte, há um tipo de limitação de nossas potencialidades profissionais que determina um campo de atuação na esfera social, no qual os sociólogos não são autorizados a atuar por força de uma postura valorativa que delimita o que deve ser a profissão e que está plasmada há muitas décadas: o “sacerdócio sociológico”. Com isso, é lícito chegar à conclusão de que tal concepção da profissão tem estreitado as possibilidades de intervenção do sociólogo nas ações de reforma ou melhoramento social. No entanto, outros profissionais têm se engajado nessa tarefa, que requer conhecimentos progressivamente especializados, a maioria dos quais derivados do próprio campo da sociologia.

A pressão causada pelos desequilíbrios sociais criou demanda de tal ordem por esse tipo de intervenção que, há mais de trinta anos, Wright demarcou a existência de cursos suplementares para a preparação de profissionais que pretendam operar no campo da *sociologia aplicada*, de tal forma que muitos departamentos acadêmicos “[...] (1) oferecem programas de estágio; (2) oferecem cursos específicos sobre os recursos aplicados; questões e carreiras não acadêmicas; e / ou (3) integram tópicos aplicados em cursos já existentes. (WRIGHT, 1987, p. 39).

No mesmo sentido, Freeman e Rossi (1984, p. 573 e 574) exemplificam cinco ocupações da administração pública, nas quais sociólogos convencionais adaptaram suas qualificações para o desempenho de funções típicas da *sociologia aplicada*. Devido à constatação desses movimentos adaptativos, seja de parte daqueles que ainda em fase de formação buscam conhecimentos não oferecidos pela formação convencional, seja de outros que, já formados, têm que enfrentar desafios para os quais a graduação não os preparou plenamente, temos a evidência de que os cursos convencionais não oferecem a formação sistemática numa dimensão da profissão, a qual deveria ser objeto de aprendizado regular nas graduações em ciências sociais e assemelhados. E, não por obra do acaso, essa dimensão se remete àquilo que Ward denominou arte útil, aquela parte da sociologia que, paradoxalmente, ele não considera ciência.

Parece-nos que nos submetemos voluntariamente a constrangimentos significativos ao exercício da profissão, em nome de uma proposta de ciência social que aparta a dimensão prática, constitutiva do próprio campo científico ao qual pertence. De posse das informações de que dispomos, consideramos que os expedientes até então utilizados para mitigar tais limitações, embora produzam efeitos interessantes, ainda não conferem à aplicação, entendida em senso amplo, um tratamento que permita que ela seja incorporada à educação na profissão, em registro pleno e estrutural.

A incorporação de rudimentos daquilo que se denomina arte útil, ora como apensos, ora complementos aos cursos de ciências sociais, assim como o surgimento de especialidades sociológicas não têm o condão de suprir lacunas de nossa formação que nos permitam transpor o paradoxo de sermos poucos e, não obstante, não sermos amplamente incorporados ao mundo do trabalho, de acordo com a especificidade de nossa formação.

De outra parte, trabalhos que poderiam ser típicos de nossa profissão, pois mobilizam conhecimentos do campo da teoria sociológica ou buscam no imenso cabedal empírico da área elementos para o entendimento e para ação, são realizados por profissionais oriundos de outras formações, que adaptam sua atuação a esses fins.

Nosso foco não é, de modo algum, corporativo, ou seja, não visamos defender o interesse dos cientistas sociais contra qualquer outra profissão, mas, sim, refletir sobre a necessidade de ampliarmos nossa formação. Esse passo deve ser antecedido por uma visada revisionista sobre a própria história da construção da ciência social e dos desafios que ela hoje enfrenta.

Se a longa e fundamental contribuição dos grandes cientistas sociais do passado teve o mérito de construir uma disciplina científica com identidade e dinamismo, é forçoso reconhecer que algo do que foi feito pelos nossos antecessores deve ser modificado no sentido de tornar-se contemporâneo das necessidades que a nós se impõem, na tarefa de enfrentamento dos complexos problemas sociais contemporâneos.

Nesse sentido, pelo ângulo de abordagem que aqui utilizamos, interessa, sobretudo, rever o legado daqueles que militaram para conceder identidade à *sociologia aplicada* no registro positivista, que sentencia uma separação rígida e intransponível entre ciência e arte útil. Fora a adesão a esse princípio positivista, com o qual Ward firmou compromisso indissolúvel, não parece haver nenhuma boa razão que nos impeça de colocarmos em questão o deslocamento da arte útil para fora do campo científico. Ainda que aceitemos a correta distinção entre ciência e arte, parece-nos de forte evidência que a sua assimilação nos termos wardianos implica tornar, ao mesmo tempo, tanto a sociologia como a própria profissão de sociólogo realidades incompletas.

A primeira, porque lhe faltará uma parte, entre aquelas que a constituem como ciência; a segunda, porque também lhe faltará uma dimensão correspondente à arte, ao aprendido pela prática e a sua transmissão aos novos profissionais por meio da educação articulada ao treinamento, além da crítica da experiência acumulada.

Se colocarmos em suspensão o princípio do “sacerdócio positivista”, as fronteiras da profissão surgirão alargadas e poderão afinal abranger e abrigar em terreno nobre e reconhecido as artes úteis, constituídas pelas práticas da implementação e da administração das ações de reforma social, as quais, não podemos esquecer, são sustentadas pela teoria e pela empiria, e prescritas pela *sociologia aplicada*.

Resulta dessa operação uma sociologia completa, capaz de cumprir o trânsito da intervenção, desde a apreensão científica, a proposição de ações, até a implementação e a avaliação dos seus efeitos. As consequências dessa operação para a formação de novos cientistas sociais são de grande evidência. Tomando como exemplo as situações criticamente descritas por Freeman e Rossi, bem como por Wright, poderíamos superar todas as tensões decorrentes da condição isolada e externa da “arte útil” em relação à sociologia.

Os primeiros conhecimentos da *sociologia aplicada* não deveriam mais ser apresentados aos alunos por meio de subterfúgios, tais como cursos de extensão, cursos especiais etc., mas estariam inseridos nas próprias matrizes curriculares, gozando do mesmo estatuto que têm as disciplinas teóricas, históricas, por assim dizer, convencionais. Constaríamos das matrizes da formação lado a lado com tais disciplinas, bem como interagiriam com especialidades sociológicas, eleitas de acordo com as características de cada instituição.

A ciência social, no primeiro batismo chamada de sociologia, seria assim apresentada na sua integridade, e os cientistas nela e por ela formados teriam acesso não apenas ao imprescindível conhecimento da teoria e de certas sociologias especializadas, mas também aprenderiam o domínio, ainda que elementar, da arte útil, ou seja, dos meios e modos de implementar a transformação social. Essa via de recomposição da totalidade da disciplina, que se rebete no ensino de ciências sociais, não se esgota, no entanto, no aspecto pedagógico, mas apresenta consequências fundamentais para a própria concepção da sociologia.

Aquela que entendemos ser a de maior repercussão remete a um campo de pesquisa de vaga delimitação, denominado pensamento social, o qual é frequentado por investigações que abrangem desde os teóricos das ciências sociais, como também escritores, tribunos, médicos, engenheiros, advogados e outros agentes que refletiram ou praticaram a ciência, alguns dos quais atuaram como sociólogos aplicados.

Não foi nosso objetivo tratar neste trabalho dessa questão, que encerra múltiplas e complexas dimensões. Pretendemos apenas apresentar sob a forma de hipótese um efeito da vigência de uma concep-

ção de ciência social que se estende desde a teoria até os confins da atividade mesma da implantação da solução para problemas sociais.

Nos referimos ao fato de que, se é possível qualificar os trabalhos relacionados à implantação de soluções corretivas de desequilíbrios sociais ao campo da sociologia, devemos considerar como inclusos, nesse território, os escritos de autores como Villermé (1830), Le Play (1855), Chadwick (1842), Shuttleworth (1832), Engels (1845) e outros tantos que, no exercício de profissões como a filosofia, a medicina sanitária ou a engenharia metalúrgica, se depararam com questões sociais, cuja resolução, por um ou outro motivo, tornou-se necessária.

Esses precursores, versados em profissões científicas diversas, eram iniciados nos métodos científicos de observação, os quais mobilizaram para desenvolver as pesquisas sobre condições de vida e trabalho de operários e de suas famílias. Se adotarmos uma concepção mais ampla de ciência social, liberta das limitações doutrinárias propostas por Comte, não teremos dificuldade em acomodá-la ao leito científico da sociologia, na condição de antecessora da sistematização teórica pioneira, realizada pelo próprio Comte.

Nossa hipótese é a de que esses trabalhos constituem uma primeira camada histórica da sociologia, que precede aquela das grandes construções teóricas do século XIX, e também se diferenciam de outra narrativa forte, que se fundamenta nas instituições. Essa primeira camada é facilmente visível à luz de um suposto materialismo, aliás reiterado por Howard Becker, que sustenta uma afirmação intuitiva, qual seja, a de que as práticas antecedem as “coisas do pensamento”, as categorias mentais que as sistematizam.

São as práticas sociológicas, como aquelas dos pioneiros que citamos, as formadoras da matéria que Becker anuncia ao recomendar à atenção daqueles que laboram no exercício de fazer ou refazer a história da sociologia. Nessa matéria se encontra o percurso da arte útil, que certamente é capítulo da:

[...] história da prática da sociologia, dos métodos de pesquisa e das pesquisas realizadas, porque não se deve tomar como óbvio que as ideias foram as forças motrizes ou a principal realização de qualquer escola sociológica. De um determinado pon-

to de vista, que defendo com firmeza, a história da sociologia não é a história da grande teoria, mas a dos grandes trabalhos de pesquisa, dos grandes estudos sobre a sociedade (BECKER, 1996, p. 177, grifo nosso).

Sigamos o conselho do mestre. Nossa ciência só terá a ganhar.



## Referências

ÁGOAS, Frederico. *Saber e poder: Estado e investigação social agrária nos primórdios da sociologia em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: Universidade de Lisboa, julho de 2010.

AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. Disponível em: <http://www.asanet.org/lester-ward>. Acesso em: 23/12/2018.

ARENARI, Brand. Ferdinand Tönnies e o romantismo trágico alemão: revisitando um clássico esquecido. *Perspectivas*, v. 1, n. 4, 2007.

ASSOCIATION FOR APPLIED AND CLINICAL SOCIOLOGY – Code of Ethics. Disponível em: <https://appliedsociology.files.wordpress.com/2011/03/code-of-ethics-association-for-applied-and-clinical-sociology.pdf>. Acesso em: 02/12/2018.

AZEVEDO, Fernando de. *A educação pública em São Paulo*. Problemas e discussões. Inquérito para o “Estado de São Paulo”, em 1926. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife: Cia. Editora Nacional, 1937.

AZEVEDO, Fernando de. *Princípios de Sociologia: pequena introdução ao estudo da Sociologia Geral*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1958.

BALTAR, Cláudia Siqueira; BALTAR, Ronaldo. A Sociologia como profissão. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 5, n. 10, Mai.-Ago., 2017. p. 259-289.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais*, v. 39, n. 2, p. 98-104, 2008.

BUENKER, John D., BURNHAM John C., CRUNDEN, Robert M. *Progressivism*. Cambridge, Massachusetts: Schenkman Publishing Company, Inc., 1977.

BUROWAY, Michel. Por uma Sociologia Pública. *Política e Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, n. 25, out. 2006, p. 9-50. ISSN 0104-8015.

CAHNMAN, Werner J. Tönnies e a teoria das mudanças sociais: uma reconstrução. In: MIRANDA, O. *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.

CHADWICK, Edwin. *Report on the Sanitary Condition of the Labouring Population of Great Britain*. A Supplementary Report on the results of a Special Inquiry into The Practice of Internment in Towns. London: Printed by R. Clowes & Sons, for Her Majesty's Stationery Office. 1842

COCKERHAM, William C. The state of medical sociology in the United States, Great Britain, West Germany and Austria: applied vs pure theory. *Social Science & Medicine*, v. 17, n. 20, p. 1513-1527, 1983.

COMTE, Auguste. *Plan des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société*, présentation et notes par Angèle Kremer-Marietti. Paris: Aubier, 1970, p. 77.

COSTA, J. Cruz. Augusto Comte e as origens do positivismo. São Paulo: *Revista de História*, n. 3, p. 81-103, 1950.

COSTA, J. Cruz. Augusto Comte e as origens do positivismo III – conclusão. São Paulo: *Revista de História*, n. 5, p. 363-382, 1951.

D'OLIVEIRA, Armando Mora. Peirce – Vida e Obra. In: PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos/Charles Sanders Peirce*. p. V-XII. Seleção Armando Mora D'Oliveira. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008. Primeira edição: *Die Lage der arbeitenden Klasse in England*. Leipzig: Otto Wigand Verlag, 1845.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.

EUFRÁSIO, Mário Antônio. A formação da escola sociológica de Chicago. São Paulo. *Plural – Revista de Ciências Sociais*. Universidade de São Paulo. (online), v. 2, p. 37-60, 1995.

FAURE, Fernand. *La Sociologie dans les Facultés de droit de France*. Paris: V. Giard & E. Brière, 1893.

FREEMAN, Howard E.; ROSSI Peter H. Furthering the applied side of Sociology. *American Sociological Review*, v. 49, n. 4, p. 571-580. Los Angeles: University of California, Aug., 1984.

GEORGE, Henry. *Progress and Poverty: An Inquiry into the Cause of Industrial Depressions and of Increase of Want with Increase of Wealth: The Remedy*. Boston: E.P. Dutton & Company, 1879.

GIANNOTTI, José Arthur. In: COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. Abril Cultural, 1978.

HINKLE, Roscoe C.; HINKLE, Gisela J. The foundation of North American sociology. In: HINKLE, Roscoe C.; HINKLE, Gisela J. *The Development of Modern Sociology: its nature and growth in the United States*. New York: Doubleday, 1954, p. 1-17.

KEIM, Wiebke. Lessons learned from German sociology 1933-45: Contexts and content. In: DANELL, Rickard; LARSSON, Anna; WISSELGREN, Per. (ed.). *Social Science in Context*. Historical, Sociological, and Global Perspectives. Lund: Nordic Academic Press, p. 95-114, 2013.

LE PLAY, Frédéric. *Les ouvriers européens: étude sur les travaux, la vie domestique et la condition morale des populations ouvrières de l'Europe; précédées d'un exposé de la méthode d'observation*. Paris: Alfred Mame et fils, 1855.

LIPSET, Seymour M. The academic mind at the top: the political behavior and values of faculty elite. *Public Opinion Quarterly*, n. 46, p.143-168, 1982.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

LUCIANO, Adriana. Profissão sociólogo: c'è un futuro per i laureati in sociologia? *Sociologia Italiana*, n. 3, p. 133-140, abr. 2013.

LUCKÁCS, Georg. *El assalto a la razón*. México: Editorial Grijalbo, 1983.

MANHHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MENAND, Louis. *The Metaphysical Club: A Story of Ideas in America*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2001.

MICELI, Sérgio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil. 1930-1964. In: MICELI, Sérgio. *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Idesp/Vértice/Finep, 1989.

MIGRATION POLICY INSTITUTE. In <https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/immigrant-population-over-time?width=1000&height=850&iframe=true>

MIRANDA, Orlando de (org.). *Para ler Ferdinand Tönnies*. São Paulo: Edusp, 1995.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). *Revista brasileira de História*, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001.

PERLSTADT, Harry. Applied Sociology. In: *21st Century Sociology*, Michigan State University, East Lansing 2007, p. II-341-II-352. DOI:10.4135/9781412939645.N96.

PEIRCE, Charles Sanders. How to Make Our Ideas Clear. *Popular Science Monthly* 12 (January 1878), p 286-302. Harlan, Iowa: 1878.

PEIRCE, Charles Sanders. *Escritos coligidos/Charles Sanders Peirce*. Seleção de Armando Mora D'Oliveira. Coleção Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

POLLACK, Norman. *The populism response to industrial America*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1962

RIBEIRO, Maria das Graças. A Educação superior norte-americana: gênese de um modelo. *História da Educação*, 20 (48), p. 75-93, 2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/56594>

ROSENTHAL, Sandra. O pragmatismo americano clássico: uma visão geral sistemática. *Cognitio: Revista de Filosofia*, n. 3, p. 83-96, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. A sociologia como profissão pública no Brasil. *Caderno CRH*, v. 22, n. 56, 2009.

SHUTTLEWORTH, James Phillips Kay. *The Moral and Physical Condition of the Working Classes Employed in the Cotton Manufacture in Manchester*. Enlarged: and Containing an Introductory Letter to the Rev. Thomas Chalmers, Etc. James Ridgway, 1832.

SOROKIN, Pitirim. *Teorías sociológicas contemporâneas*. Buenos Aires: Editorial Depalma, 1951.

SOROKIN, Pitirim. *Novas teorias sociológicas*. Porto Alegre e São Paulo: Editora Globo/Edusp, 1969.

SPENCER, Herbert *et al.* *The Principles of Sociology*. New York: D. Appleton and Company 1898 [1876].

TÖNNIES, Ferdinand. *Einführung in die Soziologie*. Stuttgart: Enke, 1931.

TÖNNIES, Ferdinand. *Princípios de Sociologia*. México: Fondo de Cultura Economica, 1942.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. *Comunidade e sociedade*. In: FERNANDES, F. *Comunidade e Sociedade*: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Nacional, v. 1, p. 96-116, 1973.

VIANNA, Luiz Werneck. A institucionalização das ciências sociais e a reforma social: do pensamento social à agenda americana de pesquisa. In: VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva*: Iberismo e americanismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Revan, p. 173-222, 1997.

VILLERMÉ, Louis-René. *De la mortalité dans les divers quartiers de la ville de Paris*. Paris: La Fabrique Editions, 1830.

WARD, Lester F. Feeling and Function as Factors in Human Development. *Science*, v. 1, n. 17 (Oct., 1880), p. 210-211.

WARD, Lester F. *Dynamic Sociology or Applied Social Science as based upon statical sociology and less complex sciences*. 2 vols. New York: Appleton, 1883.

WARD, Lester Frank. *Outlines of Sociology*. New York: Macmillan, 1897.

WARD, Lester F. *Pure Sociology*: a treatise on origins and spontaneous development of society. New York: Macmillan, 1903.

WARD, Lester F. *Applied Sociology* – A treatise of the concius improvement of society by society. Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Company, 1906.

WITTER, José Sebastião. *USP 50 anos*: Registros de um Debate. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WRIGHT, Richard A. Is Sociological Theory Useful in Nonacademic Employment? The Views of Sociologists, Employers, and Former Students. *Mid-American Review of Sociology*, p. 39-49, 1987.



# SOCIOLOGIA APLICADA\*

HARRY PERLSTADT\*

Sociologia aplicada é o termo mais antigo e mais geral para o que Lester F. Ward (1903) identificou há mais de 100 anos como “os meios e métodos para a melhoria artificial das condições sociais por parte do homem e da sociedade como agentes conscientes e inteligentes” (p. vii). A sociologia aplicada utiliza conhecimento sociológico e habilidades de pesquisa para ganhar conhecimento empiricamente baseado para informar os tomadores de decisão, clientes e o público em geral sobre problemas sociais, questões, processos e condições para que eles possam fazer escolhas informadas e melhorar a qualidade de vida (ROSSI; WHYTE, 1983; STEELE; SCARISBRIC; HAUSER, 1999). Em seu sentido mais amplo, a sociologia aplicada engloba pesquisa de avaliação, avaliação de necessidades, pesquisa de mercado, indicadores sociais e demografia. Também incluiria pesquisa sociológica dirigida em medicina, saúde mental, organizações complexas, trabalho, educação e militares, para mencionar apenas alguns.

Hoje, no início do século XXI, esse conceito de sociologia aplicada se encaixa muito bem com as novas iniciativas de financiamento em pesquisa translacional do *National Institutes of Health* (ZERHOUNI, 2003) e do *National Institute of Mental Health* (2000), que exigem que os cientistas liguem suas pesquisas a aplicações práticas (DINGFELDER, 2005). A pesquisa translacional visa converter

---

\* Publicado originalmente em *21st Century Sociology: a reference handbook*, v.2, 2007, p.342-352. Editado por Clifton D. Bryant; Dennis L. Peck. Tradução: Global Translations.

\*\* Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Michigan.



a pesquisa científica básica biológica e comportamental em formas que possam abordar questões prementes no diagnóstico, tratamento e prestação de cuidados de saúde. Por extensão, isso significa que a pesquisa sociológica aplicada produzirá descrições, análises e descobertas que podem ser traduzidas em ideias e lições aprendidas de atividades ou programas anteriores a serem usados por organizações de ação, incluindo grupos de cidadãos, fundações, empresas, trabalho e governo. É provável que, em um futuro próximo, mais financiamentos públicos e privados continuem a migrar da pesquisa básica para a translacional ou aplicada e de subsídios iniciados por pesquisadores para contratos definidos por financiadores, à medida que as universidades se engajarem mais na pesquisa e aplicação baseadas na comunidade (PETERSEN; DUKES, 2004).

No início do século XX, Ward (1906, p.9) separou a sociologia aplicada da reforma cívica e social. A relação entre a sociologia aplicada, por um lado, e as intervenções deliberadas baseadas no raciocínio sociológico por engenheiros sociais e sociólogos clínicos, por outro, tem sido uma fonte de controvérsia desde então. Este capítulo irá focar na história e desenvolvimento da sociologia aplicada como um esforço de pesquisa realizado em nome de clientes ou órgãos de financiamento, em contraste com a abordagem intervencionista mais direta da sociologia clínica.

Este capítulo divide os últimos 150 anos em quatro períodos: (1) desde as origens da sociologia até o final da Primeira Guerra Mundial (1850 a 1920); (2) a luta entre a sociologia acadêmica e a sociologia aplicada (1920 a 1940); (3) o crescimento da pesquisa patrocinada pelo governo federal desde a Segunda Guerra Mundial até o final da guerra contra a pobreza (1940 a 1980); e (4) a emergência de uma sociologia mais independente e profissional aplicada desde 1980.

## **Origens da sociologia aplicada: 1850 a 1920**

Auguste Comte (1798-1857), que criou a sociologia, dividiu-a em estática social, estudo das condições e pré-condições da ordem social, e dinâmica social, estudo do progresso e evolução humana. Comte

([1854, 1896] 1961) escreveu que a visão estática da sociedade é a base da sociologia, mas que a visão dinâmica não é apenas a mais interessante das duas, mas mais filosófica, uma vez que a dinâmica social estudaria as leis da ascensão e queda das sociedades e forneceria a verdadeira teoria do progresso para a prática política. Comte (BARNES, 1948a, p. 101) imaginou um corpo de sacerdotes positivistas treinados como sociólogos, que não possuiriam qualquer poder temporal, mas que ao invés disso influenciariam através do ensino e forneceria orientações informadas para a opinião pública. Eles transmitiriam conhecimento científico útil e conselhos sociais sobre todos os aspectos da vida civil. Eles sugeririam ações às autoridades civis, mas nunca empreenderiam tais ações por sua própria responsabilidade ou iniciativa. Parece que os sociólogos aplicados de Comte não seriam nem pesquisadores básicos nem ativistas/intervencionistas sociais, mas sim ocupariam um papel de translação entre os dois.

Em contraste, Herbert Spencer (1820-1903) argumentou contra qualquer forma de interferência artificial e que os sociólogos deveriam convencer o povo de que a sociedade deve estar livre da intromissão de governos e reformadores (COSER, 1977, p. 97-102). Ele era muito cético quanto à possibilidade de gerar progresso através da legislação, uma vez que tal legislação não é baseada no mais amplo conhecimento possível dos princípios sociológicos envolvidos (BARNES, 1948b, p.134). Spencer foi um forte defensor do *laissez faire* e cunhou a frase “sobrevivência do mais apto” vários anos antes de Darwin escrever *Origem das Espécies*. Como resultado, ele é considerado o fundador do darwinismo social. Spencer pensava que as sociedades evoluíram do militarismo coercivo para o industrialismo pacífico, no qual os indivíduos são livres para se movimentarem e mudarem as suas relações sociais sem destruir a coesão social. A mudança do militarismo para o industrialismo é um processo evolucionário que depende da taxa de integração, e quanto mais lenta for a taxa, mais completa e satisfatória será a evolução (GIDDINGS, 1909, Apud., TILMAN, 2001). Portanto, a evolução é um processo totalmente espontâneo que a interferência humana artificial não poderia de forma alguma apressar, mas poderia fatalmente obstruir ou desviar (BARNES, 1948b, p.129).

Dentro dos círculos acadêmicos, um dos primeiros apoiadores de Spencer foi William Graham Sumner (1840-1910). Sumner introduziu o primeiro curso sério de sociologia nos Estados Unidos na Universidade de Yale, em 1875, adotando *O Estudo da Sociologia* de Spencer como instrumento. Sumner promoveu uma sociologia marcada pela política conservadora, relatos descritivos da evolução social e a natureza dos sistemas normativos que definem e controlam o comportamento (PERDUE, 1986). Em “*The Absurd Effort to Make the World Over*”, Sumner ([1894] 1911) apoiou fortemente a ideia de que a evolução social era quase inteiramente um processo automático e espontâneo que não pode ser amplamente alterado pelo esforço social (BARNES, 1948c, p.160). Ele favorecia as políticas de *laissez faire* e via a atividade estatal como “médicos sociais ignorantes” dizendo ao Homem Esquecido, isto é, à classe média trabalhadora, o que fazer por aqueles que fracassavam na luta pela existência (BARNES, 1948c, p.164).

Spencer foi popularizado nos Estados Unidos por meio dos esforços do professor Edward Livingston Youmans, químico, educador, escritor e, posteriormente, um importante agente e editor da D. Appleton and Company (Versen, 2006). Em 1860, após ler o prospecto dos *Princípios de Psicologia*, Youmans organizou a primeira publicação americana das obras de Spencer, e em 1872, tornou-se o editor fundador do *The Popular Science Monthly*, que promovia a ciência em geral e a evolução em particular. Para Youmans (1872), a ciência não se limitava aos fenômenos naturais e biológicos, mas incluía a observação inteligente dos caracteres das pessoas, o exame das evidências em relação às teorias políticas, o delineamento de causa e efeito nas sequências da conduta humana e a investigação indutiva rigorosa sobre como a sociedade chegou a ser o que ela é.

As ideias de Spencer sobre evolução, antimilitarismo e industrialismo pacífico tornaram-se o foco de alguns cursos de educação para adultos na *Second Unitarian Church* em Brooklyn, Nova York. Youmans conhecia o pastor John White Chadwick. Este grupo acabou por formar a *Brooklyn Ethical Association*, e um dos seus objetivos era “o estudo científico da ética, política, economia, sociologia, religião e filosofia, e também da física e da biologia em relação a elas”

(*Brooklyn Ethical Association, Certificate of Incorporation*, Apud., VERSEN, 2004, p.9; SKILTON, 2005, p.4). A Associação dedicou suas sessões de 1881-82 a *O Estudo da Sociologia* de Spencer. Em 10 anos, a Associação criou uma classe de Membros Correspondentes Honorários, que incluía o próprio Herbert Spencer; Thomas H. Huxley ([1893] 2004), Presidente da Sociedade Real Britânica, que argumentava que os humanos criaram um processo ético que se desviava do curso natural da evolução e trabalhava contra ele; Minot J. Savage (1886), Ministro Unitário em Chicago e Boston e autor de *Problemas Sociais*; Andrew Dickson White, historiador e primeiro Presidente da Cornell University; Eliza A. Youmans, pioneira no campo da botânica e irmã de Edward Youmans; e Joseph Le Conte, geólogo, Presidente da *American Association for the Advancement of Science* em 1891, e autor de “*Race Problems in the South*” (1892), publicado em *Man and the State* da Associação.

Em 1892, a *Brooklyn Ethical Association* publicou *Man and the State: Studies in Applied Sociology* e em 1893, *Factors in American Civilization: Studies in Applied Sociology*. Este pode ser o primeiro uso do termo *sociologia aplicada* no título de um livro. A associação considerava a sociologia como a ciência da evolução social e procurava aplicar “filosofia e ética evolucionárias ao estudo e discussão dos problemas prementes da política e do estadismo a serem enfrentados pelo povo dos Estados Unidos” (Skilton 2005, p.4).

O prefácio de *Man and State* (BROOKLYN, 1892, p.v-vi) reafirma a visão de Spencer de que as sociedades crescem de forma regular e ordenada de acordo com leis inerentes que não eram impostas mecanicamente. Ele observou que, embora esquemas a priori dos reformadores sociais pudessem estimular o pensamento, promover o esforço altruísta e educar o indivíduo, promulgar esses esquemas na legislação não aboliria a pobreza ou o crime, nem aceleraria a renovação da sociedade. O prefácio via o papel da sociologia como uma forma mais segura e sábia de iluminação individual e educação moral. A sociologia sujeitaria os esquemas dos reformadores sociais às operações do princípio da seleção natural, identificaria o que é instrutivo e bom em cada um deles, proporia avanços práticos e substituiria o método de evolução pelo da mudança violenta e es-

pasmódica, promovendo assim, lentamente, o bem-estar permanente das sociedades e dos indivíduos.

Lester F. Ward (1841-1913), que trouxe o termo sociologia aplicada para a disciplina, passou a maior parte de sua carreira como paleontólogo no *United States Geological Survey*, ingressando no Departamento de Sociologia da Brown University em 1906, quando tinha 65 anos. Seu trabalho inicial focava na relação das plantas fósseis com a localização geológica em estratos e isso, sem dúvida, refletia um interesse na evolução. Em 1876, ele publicou "*The Local Distribution of Plants and the Theory of Adaptation*" no *Popular Science Monthly*, que chamou a atenção de seu editor, Edward Youmans. Além disso, o mentor de Ward, o notável geólogo e explorador John Wesley Powell, escreveu a Youmans em apoio ao *Dynamic Sociology or Applied Social Science*, que foi publicado em 1883 (WARD, 1888, p.iii-v; Scott, 1976, p.29).

*Dynamic Sociology* foi o primeiro grande trabalho americano sobre sociologia e, embora não tivesse a intenção de ser um texto de estudo, estava nas listas de leitura dos primeiros cursos de sociologia. Ward diferia acentuadamente de Spencer e Sumner quanto ao individualismo laissez-faire, e ele defendia a eficácia do governo como um agente de reforma social, se ele pudesse ser colocado em uma base científica e expurgado de sua corrupção e estupidez (BARNES, 1948d, p.182). Como um cientista governamental de carreira com formação jurídica, Ward compreensivelmente retomou a ideia de Comte de sociocratas, acreditando que o governo poderia melhorar diretamente as condições da sociedade de forma consciente ou "télica" se os legisladores se tornassem cientistas sociais ou se adquirissem conhecimento da natureza e meios de controlar as forças sociais e estivessem dispostos a aplicar esse conhecimento (BARNES, 1948d, p.183 citando *Dynamics*). A legislação científica seria baseada em um maior uso das estatísticas sociais (WARD, 1877), com a sociologia como a principal fonte de informação que é essencial para qualquer desenvolvimento extensivo do governo científico (BARNES, 1948d, p.185).

Por outro lado, Ward (1906, p.10) mostrava-se muito cético quanto aos esforços da reforma social utópica e dos movimentos socialistas que favoreciam mudanças radicais e abruptas nas estruturas

sociais. Ele era um “meliorista” que pensava que muito poderia ser realizado através da educação tanto do povo quanto dos líderes governamentais. Ward (1906) escreveu: a sociologia aplicada não tem a ver com governo ou política, nem com reforma cívica ou social. Ela própria não aplica princípios sociológicos; ela só procura mostrar como eles podem ser. O máximo que pretende fazer é estabelecer certos princípios gerais como guias para a ação social e política. (p. 9-10). Ele acrescentou: “Um sociólogo, que toma partido nos acontecimentos atuais e nas questões do momento, abandona sua ciência e se torna um político”. Ward chegou a esta conclusão principalmente como uma reação aos escritos de Spencer, que Ward considerava preconceituosos, não científicos, e não em harmonia com o sistema de Spencer como um todo e muito antes de Max Weber ([1913] 1978) reivindicar uma sociologia livre de valores.

Youmans ficou desapontado com as vendas iniciais de *Dynamic Sociology or Applied Social Science* e suspeitou que o título, que foi extraído diretamente da classificação de Comte, era muito próximo da *Sociologia Descritiva* de Spencer, que por sua vez derivava da estática social de Comte (WARD, 1897, p.v). Ward, que se tornaria o primeiro Presidente da *American Sociological Society* (mais tarde renomeada como *American Sociological Association*, ou ASA), participou de muitas sociedades intelectuais e científicas (ODUM, 1951), incluindo a *Philosophical Society and Cosmos Club* em Washington, D.C. (SCOTT, 1976) e o *Metaphysical Club* (MENAND, 2001, p.301). Ele pode ter encontrado o termo *sociologia aplicada* como resultado de sua participação em uma reunião da *Ethical Association*, na qual o Dr. Felix Adler, professor de Literatura Hebraica e Oriental na Cornell University e fundador do movimento da cultura ética, entre outros, abordou diferentes métodos para aliviar o sofrimento humano e promover o bem-estar humano. Ward (1906, p.28) escreveu que este congresso (possivelmente dentre todas as sociedades éticas nos Estados Unidos que foram realizadas em St. Louis em 1896) falava sobre sociologia aplicada do início ao fim. Ele estava familiarizado com a nova ética que investigava as condições sociais e procurava introduzir modificações que prevenissem os males existentes e tornassem impossível sua recorrência (WARD, 1906, p.29).

Isso pode ter incluído os dois volumes de Estudos em Sociologia Aplicada da *Brooklyn Ethical Association*. No início dos anos 1890, Ward (1903, p.vi-viii) também sabia que vários sociólogos europeus estavam usando o termo *sociologia pura*. Ele pode ter primeiro usado os termos sociologia pura e aplicada nos títulos de dois cursos de verão na Universidade de Chicago em 1897, que ele repetiu na Universidade de West Virginia em 1898 e depois na Universidade de Stanford em 1899. Ele publicou *Sociologia Pura* em 1903 e *Sociologia Aplicada* em 1906.

O próprio Ward não fez nenhum trabalho de campo sociológico ou pesquisa empírica. Reformadores da Hull House em Chicago realizaram a primeira pesquisa aplicada nos Estados Unidos. Apesar de sua antipatia pelos reformadores sociais, Ward provavelmente teria ficado satisfeito que isso fosse feito principalmente por um grupo de mulheres, já que ele era um forte defensor da igualdade de gênero (ODUM, 1951). Tal como Ward, Jane Addams criticou o socialismo e as teorias abstratas que impediram a aprendizagem social pela sua inflexibilidade e tendência para dividir as pessoas. Ela também pensava que a ciência poderia orientar a reforma social através da acumulação paciente de fatos sobre a vida dos trabalhadores pobres.

A principal pesquisadora ativista foi Florence Kelley (1859-1932), filha de um congressista americano, que estudou na Cornell University e na Universidade de Zurique e, em 1887, traduziu *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* de Engels. Ela foi para Chicago em 1891 com seus três filhos e tornou-se residente da Hull House. Kelley, Addams e os outros ativistas da Hull House estavam convencidos de que, uma vez documentado e divulgado o sofrimento esmagador dos pobres, reformas significativas seriam rapidamente implementadas (BROWN, 2001).

Em 1892, o *Bureau of Labor Statistics* de Illinois contratou Kelley para investigar o sistema dos “*sweaters*” (confecções que exploravam a mão de obra) na indústria de vestuário de Chicago. Então, em 1893, quando o Congresso dos EUA encomendou uma pesquisa nacional para investigar as favelas das grandes cidades e avaliar a extensão da pobreza nas áreas urbanas, ela foi escolhida para liderar a pesquisa em Chicago. Kelley e outros realizaram uma pesquisa



de porta em porta no distrito de Hull House e, seguindo a liderança dos mapas de pobreza de Charles Booth em Londres, criaram mapas mostrando a nacionalidade, os salários e o histórico de emprego de cada residente. Publicado em 1895, *The Hull-House Maps and Papers* não oferece nenhuma explicação para as causas da pobreza e da desordem social.

Para Addams, a prática era uma prioridade sobre a teoria (SCHRAM, 2002). No prefácio, ela afirmava que aquela não era uma investigação sociológica para testar ou desenvolver a teoria, mas um trabalho construtivo que poderia ajudar a impulsionar a agenda progressiva para enfrentar as injustiças da pobreza. Como tal, limitou-se a registrar certas fases da vida no bairro e apresentou informações detalhadas que podem suscitar uma resposta humanitária do governo (BROWN, 2001). Kelley foi autora de dois capítulos, um sobre o sistema dos *sweaters* (confeções exploradoras de mão de obra) e outro com Alzina P. Stevens sobre crianças assalariadas. Curiosamente, os autores de dois outros capítulos, Charles Zeublin, “*The Chicago Ghetto*” e Josefa Humpal Zeman, “*The Bohemian People in Chicago*”, foram precursores da Escola de Sociologia de Chicago dos anos 1920. Zeublin ingressou no corpo docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago alguns anos depois.

Kelley formou-se em Direito pela Northwestern University e, em 1899, mudou-se para Nova York para dirigir a *National Consumer's League* (NCL), onde trabalhou com Josephine Goldmark, diretora de pesquisa da NCL, para preparar a bem-sucedida defesa “*Brandeis brief*” da legislação de jornada de 10 horas para mulheres em *Muller vs. Oregon* (1908), que, como o caso de dessegregação escolar *Brown vs. Board of Education* (1954) quase 50 anos depois, usou evidências sociológicas para apoiar seu caso (SKLAR, 1985; DEEGAN, 1986).

Jane Addams (1860-1935) seguiu sua própria carreira aplicada e ativista em Chicago. Ao longo de sua carreira, ela manteve uma relação tênue com a sociologia acadêmica. Em 1892, ela deu um curso de verão sobre filantropia aplicada e ética com o sociólogo Franklin Giddings e, em 1893, presidiu uma conferência de dois dias na Feira Mundial de Chicago, patrocinada pelo Parlamento Internacional de Sociologia. Ela recusou pelo menos duas ofertas para se juntar ao



Departamento de Sociologia de Chicago, aparentemente por causa das preocupações sobre os limites de discurso e ativismo político associados aos ambientes universitários. Addams, no entanto, tornou-se membro fundador da *American Sociological Society*, foi palestrante convidada em várias reuniões e publicada no *American Journal of Sociology (AJS)*, bem como em outras revistas acadêmicas e populares. Dois de seus livros (Adams [1902] 1964, [1916] 2002) receberam críticas favoráveis no *AJS* (DEEGAN, 1986).

Mas em 1920, uma combinação de reação contra o ativismo social, o desenvolvimento da teoria social para explicar as causas, bem como os efeitos dos problemas sociais, e a discriminação de gênero marginalizou Addams e outras mulheres sociólogas de departamentos acadêmicos regulares para o que se tornariam escolas de trabalho social (DEEGAN, 1986).

Se Addams e outros trabalhadores sociais traçaram um curso independente, Seba Eldridge (1885-1953) trabalhou nos serviços sociais antes de descobrir a sociologia. Inicialmente treinado como engenheiro civil, ele chegou a Nova York por volta de 1907. Ele ocupou um cargo de meio período no *Bureau of Advice and Information* da *New York Charity Organization Society*, investigando e avaliando agências cívicas e sociais que apelavam por ajuda e ocasionalmente morou em várias casas de assentamento do *East Side*, se familiarizando com as condições das pessoas nos bairros (REAM, 1923; CLARK, 1953; MCCLUGGAGE, 1955). Eldridge conhecia o trabalho de Felix Adler e o movimento da Cultura Ética. Em 1911, ele começou a estudar pós-graduação em filosofia social na Universidade de Columbia e terminou sua dissertação sob a orientação de John Dewey em 1925. Mas ele também estudou com Franklin Giddings e William F. Ogburn e aprendeu sobre seus interesses em sociologia científica, métodos quantitativos e objetividade. De 1913 a 1915, ele atuou como secretário do Departamento de Melhoria Social do *Brooklyn Bureau of Charities*.

Eldridge (1915) escreveu *Problems of Community Life: an Outline of Applied Sociology* em que classificou os problemas sociais de Nova York de acordo com a atenção dada por reformadores e pelo público em geral, juntamente com os planos gerais que vários

filantropos, grupos de reforma social e órgãos municipais propuseram para a melhor organização das atividades de reforma na cidade. Suas sugestões para a reforma foram poucas e emergiram da lógica das situações em análise e não de interesses partidários (ele foi politicamente ativo do lado das forças anti-Tammany). Em 1921, Eldridge ingressou no corpo docente de sociologia da Universidade do Kansas, onde permaneceu para o resto de sua vida. Muito de seu trabalho subsequente concentrou-se em métodos para melhorar a qualidade da cidadania, e ele estava bem à frente de seu tempo em defender que os departamentos de ciências sociais deveriam dar aos estudantes uma prática real nas habilidades de cidadania através da participação em atividades comunitárias.

Não só a sociologia estava sendo aplicada no bem-estar social e na política social, mas também ganhou uma posição inicial na indústria. Em janeiro de 1914, Henry Ford criou um plano de “compartilhamento de lucros” que pagaria aos trabalhadores até \$5 por dia, quando o salário médio de um trabalhador não qualificado era de \$2,40. O “compartilhamento do lucro” não era um bônus de administração científica Taylorista para um trabalho de qualidade adicional e não estava diretamente vinculado aos lucros da *Ford Motor Company*. Em vez disso, dependia de os trabalhadores manterem bons hábitos e cuidarem das suas famílias e dependentes. Este era um conceito radical e desafiou a crença geral de que um aumento acentuado nos salários teria um efeito ruim porque os trabalhadores gastariam o dinheiro adicional em bebidas e jogos. Ford, no entanto, queria que todos os trabalhadores tivessem uma casa confortável e fossem capazes de possuir um automóvel Ford. Para selecionar trabalhadores para o programa e monitorar seu comportamento, bem como testar essa “teoria”, ele criou um “Departamento de Sociologia” dentro da *Ford Motor Company* (LOIZIDES; SONNAD, 2004).

O Departamento era chefiado por John R. Lee que foi solicitado a identificar quais trabalhadores estavam qualificados para participar da “participação nos lucros” e então ajudar os outros a se qualificarem. Isso significava coletar informações dos trabalhadores, e ocasionalmente de amigos ou vizinhos, sobre seus históricos, situação familiar, estado financeiro e hábitos pessoais através de entrevistas

informais e semiestruturadas. Os dados registrados incluíam dados demográficos básicos; informações financeiras, incluindo seguro de vida e nome do banco, localização e saldo; e informações de saúde, incluindo médico da família e hábitos como fumar ou beber. No início de 1914, investigadores e intérpretes, selecionados entre os funcionários existentes da Ford, eram vistos ao conduzirem os automóveis Ford até as casas dos trabalhadores que seriam entrevistados. O resultado foi que 60% dos trabalhadores se qualificaram para a “participação nos lucros” (LOIZIDES; SONNAD, 2004).

No entanto, os investigadores eram agressivos e algumas perguntas eram intrusivas. Além disso, muitos trabalhadores que não falavam inglês não se qualificaram, possivelmente por causa de dificuldades de tradução, e eles e suas famílias estavam com raiva. (A causa dessas reações negativas seria lembrada em meados da década de 1930, quando Ford se opôs firmemente à sindicalização). Lee então conduziu uma segunda fase, na primavera de 1914, para verificar os resultados iniciais e usar tradutores mais bem preparados. Ele disse aos investigadores para não entrarem em uma casa de uma forma que eles não quisessem que alguém entrasse em sua casa e os advertiu sobre investigar assuntos estritamente pessoais. No final desta fase, 69% dos trabalhadores estavam elegíveis. A empresa então começou a americanizar sua força de trabalho imigrante. Em maio de 1914, abriu a Escola de Idiomas Ford, que ensinava inglês aos trabalhadores após o primeiro turno. As aulas também enfatizavam as maneiras e costumes americanos, incentivavam a parcimônia, e bons hábitos pessoais e de trabalho. Até o fim de 1914, 87% dos trabalhadores haviam se qualificado para a “participação nos lucros” (LOIZIDES; SONNAD, 2004).

Em 1916, Lee deixou a Ford para desenvolver a área de gestão de pessoal. Lee (1916) escreveu um artigo sobre o sistema de participação nos lucros da Ford para os *Anais da Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais*. Cerca de 10 anos depois, Shenton (1927, p.198) observou em seu *Practical Application of Sociology* que “certos empresários já iniciaram suas pesquisas sociológicas e alguns estão conduzindo experimentos sob a observação de sociólogos treinados”.

## Sociologia acadêmica versus sociologia aplicada: 1920 a 1940

Em 1916, estudantes de sociologia da University of Southern California começaram uma revista, a *Studies in Sociology*, mas em outubro de 1921, eles mudaram seu nome para *Journal of Applied Sociology*. Alice Fesler (1921) explicou que o nome foi retirado da tripla classificação de Ward de sociologia pura, sociologia aplicada e reforma social. A revista trazia pequenos textos de estudantes e sociólogos conhecidos. Uma edição de 1924 incluiu “*The Major Ills of the Social Survey*”, de Seba Eldridge, “*A Race Relations Survey*”, de Robert E. Park, e “*Social Psychology of Fads*”, de Emory Bogardus. Mas em 1927, o *JAS* foi combinado ao *Bulletin of Social Research* para se tornar *Sociology and Social Research*. Uma nota editorial explicava que, uma vez que a pesquisa produtiva era a própria base da sociologia aplicada, a revista agora publicaria pesquisas significativas, embora descrições e análises dos problemas sociais e do processo, pelo qual eles são reduzidos e resolvidos, ainda seriam impressos. A revista combinaria pesquisa e prática (LUCAS, 1927).

A Primeira Guerra Mundial marcou o início do fim da Era Progressista das reformas sociais para melhorar a vida dos trabalhadores e imigrantes, conservar os recursos naturais e tornar o governo mais eficaz e menos corrupto. Nas ciências sociais, a aceitação do pensamento estatístico e da quantificação estimulou a emergência de métodos científicos que, por sua vez, sustentaram um domínio crescente da disciplina acadêmica sobre a sociologia prática e o ativismo social. O trabalho social era considerado uma técnica e uma arte, não uma ciência (SHENTON, 1927). Em contraste, a sociologia aplicada era uma ciência que poderia contribuir para o desenvolvimento de uma descrição objetiva dos problemas sociais e uma compreensão de suas causas (BOSSARD, 1932) e poderia ser usada para orientar o planejamento social e a engenharia social (ODUM, 1934). A sociologia aplicada tentaria manter uma colcha uniforme de pesquisa social objetiva, livre de valores, em meio a correntes cruzadas de ideologia política e ativismo social.

Em 1916, o Presidente dos EUA, Woodrow Wilson, ex-professor de ciência política de Princeton, apoiou um pedido da Academia Nacio-

nal de Ciências para criar um Conselho Nacional de Pesquisa (NRC) para organizar a pesquisa e assegurar a cooperação de agências militares e civis como medida de preparação nacional (COCHRANE, 1978). Em 1918, depois que os Estados Unidos entraram na guerra, Wilson (1918) emitiu uma ordem executiva sob a qual o NRC deveria: “estimular a pesquisa nas ciências matemáticas, físicas e biológicas e na aplicação dessas ciências à engenharia, agricultura, medicina e outras artes úteis, com o objetivo de aumentar o conhecimento, fortalecer a defesa nacional e contribuir de outras formas para o bem-estar público.” (As ciências sociais só seriam explicitamente acrescentadas por George H. Bush em uma ordem executiva de janeiro de 1993.)

Em 1921, o Congresso aprovou a Lei de Cotas de Imigração de origem nacional que desencorajava a imigração do leste e do sul da Europa. No ano seguinte, o NRC solicitou à representação das ciências sociais um estudo sobre migração humana (RHOADES, 1981). A socióloga membro do Comitê sobre os Problemas Científicos da Migração Humana era Mary Abby van Kleeck, diretora do Departamento de Estudos Industriais da *Russell Sage Foundation*. Van Kleeck foi uma pioneira na sociologia industrial, tendo conduzido estudos sobre trabalhadores não organizados e mão de obra escrava. Outros sociólogos que participaram da conferência patrocinada sobre migração incluíam Edith Abbott, Henry Fairchild, William Ogburn e Robert Park (WISSELER, 1929).

Ao tomar posse em 1929, o Presidente Herbert Hoover estabeleceu o Comitê de Pesquisa de Tendências Sociais do Presidente, na esperança de que as questões e problemas sociais pudessem ser examinados de maneira racional, o que havia caracterizado seus esforços anteriores de reduzir o consumo doméstico de alimentos em 15% sem racionamento durante a Primeira Guerra Mundial e sua organização de trabalho de alívio de enchentes e melhoria da saúde em 1927 (ODUM, 1933; VOLTI, 2004; HOOVER ARCHIVES, 2005). A Fundação Rockefeller financiou o projeto por três anos, no valor de US\$560.000, e William F. Ogburn (1886-1950), que cunhou a expressão “atraso cultural”, foi nomeado diretor de estudos (RHOADES, 1981). Ele também atuaria como diretor do Conselho Consultivo de Consumidores da National Recovery Administration (NRA).

Em seu discurso presidencial de 1929 da ASS, Ogburn (1930) declarou que “a sociologia como ciência não está interessada em tornar o mundo um lugar melhor para se viver”. Na superfície, isso parece ser uma rejeição do aprimoramento de Ward e um reavivamento da posição de Sumner de *laissez-faire*. Mas o objetivo principal de Ogburn era assegurar que os métodos científicos fossem a base para a pesquisa aplicada e distanciá-la da ética, religião, jornalismo e propaganda. Como Ward, ele não acreditava que o sociólogo como cientista deveria ocupar cargos ou liderar movimentos. Ogburn encorajou os sociólogos a estarem onde quer que fossem encontrados dados sobre problemas sociais significativos: na equipe dos tribunais, nas fábricas, nas sedes dos partidos políticos e nos centros comunitários. Ele queria que o sociólogo estivesse lá para descobrir novos conhecimentos e relações ao invés de um executivo, líder ou assistente social que coloca em uso as informações que o sociólogo científico fornece. Ele até mesmo previu que uma grande quantidade de pesquisas seria feita fora das universidades pelo governo, sindicatos, associações de empregadores, órgãos cívicos, partidos políticos e organizações de serviço social. Ogburn reconheceu que essas pesquisas seriam feitas com um propósito específico para provar uma hipótese particular ou para alcançar um fim desejado. Ele afirmou que, para fazer isso, os pesquisadores deveriam ser livres para seguir as evidências e que, portanto, eles deveriam ser claramente distinguidos dos executivos ou formuladores de políticas.

Isso já estava acontecendo. A pesquisa aplicada mais conhecida do setor privado começou em abril de 1927 na Western Electric Plant em Hawthorne, Illinois. Ela culminaria com a publicação de *Management and the Worker* (ROETHLISBERGER; DIXON, 1939), que descrevia os comportamentos e interações dos trabalhadores na Sala de Teste de Montagem de Relés e na Sala de Observação de Ligações Bancárias. Alguns anos mais tarde, em 1933, J. L. Moreno, em colaboração com Helen Hall Jennings, iniciou a consultoria na *New York State Training School for Girls* em Hudson, Nova York, onde desenvolveu seu sistema sociométrico e iniciou a *Sociometric Review*, que foi renomeada como *Sociometry*.

Ogburn também fez uma distinção interessante entre sociólogos que são cientistas pesquisadores e engenheiros sociais que, como os médicos, não são cientistas, mas que aplicam procedimentos científicos confiáveis e conhecimento relativamente exato. O conceito de engenharia social foi desenvolvido por William Tolman ([1909] 2005), que acreditava que os industrialistas deveriam assumir mais responsabilidade social por seus trabalhadores e deveriam contratar engenheiros sociais para serem os principais intermediários entre o industrialista e os funcionários. Andrew Carnegie gostou da ideia e escreveu uma introdução ao livro. Tolman também defendia que os empregadores se envolvessem com os trabalhadores e suas famílias através de programas de seguro social, participação nos lucros e poupança (ÖSTLUND, 2003). Essas ideias podem ter levado Henry Ford a criar o “Departamento de Sociologia” para apoiar seu plano de “participação nos lucros” e John Lee a deixar a Ford e iniciar a gestão de pessoal.

Mas o termo *engenharia social* estava prestes a assumir uma conotação ameaçadora e decididamente negativa. Em 1928, Stalin introduziu o primeiro plano quinquenal soviético, e o Terceiro Reich logo adotaria a engenharia social e usaria a sociologia urbana e rural aplicada em seus planos para a reorganização de uma Alemanha expandida e a expulsão e aniquilação das populações dos territórios conquistados (KLINGEMANN, 1992). Esses desenvolvimentos foram observados por vários sociólogos americanos, incluindo Robert K. Merton (1936), que defendiam que os cientistas repudiassem a aplicação de normas utilitárias e argumentavam que “uma economia de engenheiros sociais não é mais concebível ou praticável do que uma economia de lavadeiras” (p. 900).

Em 1934, a publicação *Social Forces* pediu a 23 sociólogos proeminentes que contribuíssem para um Simpósio de Mesa Redonda para abordar questões como “Qual é o papel da sociologia na atual reconstrução social?” Arthur E. Wood (1934) relatou que Charles Cooley disse que no início, ele tinha uma grande dificuldade em tentar explicar aos seus colegas a diferença entre sociologia e socialismo. Emprestando termos de William James, Wood então identificou três tipos de sociólogos: (1) os de mentalidade firme que são a favor da obje-

tividade, mas que ficam à margem quando se trata de duras disputas sobre questões práticas; (2) os de mentalidade branda ou sociólogos do bem-estar que vêm de um contexto de religião ou trabalho social e trabalham nas margens sem muito conhecimento ou discernimento sobre a natureza da estrutura que eles mudariam; e (3) os radicais, isto é, aqueles ativos em movimentos partidários ou revolucionários, que têm uma análise da ordem social e um esboço do que deveria ser feito mas cuja força reside em seu dogmatismo, o que não os qualifica como cientistas sociais. Sem usar o termo sociologia aplicada, Wood concluiu que a sociologia poderia usar a análise descritiva de estruturas e processos sociais envolvendo avaliações críticas para orientar as tendências de mudança social no interesse da reforma.

A questão da relação entre sociologia acadêmica e sociologia aplicada em suas várias formas foi parte de uma luta de cinco anos dentro da *American Sociological Society* sobre o que Marklund (2005) chama de distanciamento científico *versus* dilema do envolvimento político ou como Stuart A. Queen (1934), que trabalhou para a Cruz Vermelha americana e para o Fundo Comunitário de Detroit, bem como lecionou sociologia em Kansas e Washington University, disse: “Como fazer a ponte entre a Cila do isolamento acadêmico e o Caríbdis da atividade partidária”. (p. 207–208).

Na reunião anual de 1931 da *American Sociological Society*, Maurice Parmelee, um dos primeiros behavioristas e criminologistas, Robert MacIver, e Pitirim Sorokin, entre outros, distribuíram um memorando no qual afirmavam que os programas e publicações da Sociedade eram dedicados em parte considerável a problemas práticos e não científicos, que, como resultado, o público tinha a impressão de que a Sociedade era uma organização religiosa, moral e de reforma social, e não uma sociedade científica, e que a Sociedade tornou-se em grande parte uma sociedade de sociologia aplicada. Para remediar isso, eles propuseram que os membros votantes tivessem um diploma universitário superior em sociologia e estivessem envolvidos em pesquisa sociológica, escrita e ensino e que a Sociedade assumisse o controle da revista oficial, na época o *American Journal of Sociology* controlado pelo Departamento de Sociologia de Chicago (RHOADES, 1981). Martindale (1976) interpretou isso



como um conflito entre os departamentos mais populistas e progressistas do meio-oeste que estavam receptivos à visão comteana de Ward sobre a ciência como reconstrução social e os departamentos do leste mais conservadores academicamente ligados a Sumner e ao darwinismo social.

Em 1934, o Comitê de Escopo de Pesquisa da Sociedade relatou que o New Deal e outras agências de bem-estar social estavam usando a pesquisa sociológica para a solução de problemas práticos. Ele recomendou uma maior integração dos sociólogos com o trabalho sociológico do governo, uma pesquisa mais completa e discriminatória em andamento e uma ênfase na região como unidade de pesquisa por causa dos desenvolvimentos no planejamento social. Dois anos depois, em 1936, o Comitê de Oportunidades para Sociólogos Formados recomendou a criação de um novo comitê permanente para a promoção dos interesses profissionais (em oposição aos interesses disciplinares) dos sociólogos. O novo comitê receberia treinamento sociológico e experiência de campo reconhecidos como uma qualificação ou capacitação substituta para certos cargos públicos federais e estaduais, ampliaria a formação de pós-graduação em sociologia para atender à necessidade de preparar estudantes para cargos técnicos, e envolveria a sociologia em comissões de planejamento estaduais e a reorganização dos sistemas de bem-estar do Estado, bem como divulgaria a sociologia (RHOADES, 1981). A Sociedade, no entanto, não aceitou essas recomendações. A sociologia aplicada foi deixada à deriva em mares tempestuosos enquanto os acadêmicos optavam por uma sociedade de aprendizagem científica e disciplinar mais estreita e os reformadores assumiam posições administrativas nas agências de New Deal.

### **Financiamento federal para a sociologia aplicada: 1940 a 1980**

A sociologia aplicada recebeu um impulso substancial da Segunda Guerra Mundial e, em seguida, da Guerra contra a Pobreza. Em ambos os casos, pesquisas e observações coletadas em ambientes naturais para fins aplicados gerariam novos conhecimentos e contri-

buiriam para teorias e conceitos sociológicos, como havia sido solicitado por Ogburn (1930) em seu discurso presidencial na Sociedade. Cinquenta anos depois, Peter Rossi (1980), em seu discurso presidencial da ASA, observou que muitos trabalhos aplicados iniciados por clientes seriam, ao longo do tempo, apresentados na literatura sociológica como pesquisa básica.

Em novembro de 1941, o Departamento de Guerra estabeleceu uma Seção de Pesquisa na Divisão de Informação e Educação para prover ao comando do exército de forma rápida e precisa fatos sobre as atitudes dos soldados. Samuel Stouffer (1900-1960) tornou-se diretor do *Troop Attitude Program* e, com a assistência de mais de 100 sociólogos, sete dos quais atuariam como presidentes da ASA, realizou mais de 200 pesquisas durante os anos de guerra com mais de meio milhão de soldados. Os tópicos abordados incluíam práticas associadas à presença nas trincheiras, que artigos eram lidos na *Yank Magazine*, determinando atitudes em relação à promoção e designação de cargos nas forças armadas, as atitudes dos soldados negros e o sistema de pontos para a desmobilização de pessoal após a guerra (BOWERS, 1967).

Em dezembro de 1942, um compêndio de estudos sobre a atitude das tropas foi publicado para distribuição limitada do efetivo do exército, mas cada edição sucessiva era distribuída mais amplamente, eventualmente até o nível da empresa. Stouffer via o ramo de pesquisa como um trabalho de engenharia, não um trabalho científico. Os relatórios não só enfatizavam que os problemas podiam ser tratados no nível de comando local, mas também que eles eram valiosos em atividades de planejamento e políticas. Por exemplo, as estimativas do número de veteranos que iriam para a faculdade se uma ajuda federal fosse oferecida levaram à GI Bill e previram com precisão a experiência real do pós-guerra. No entanto, Stouffer observou que os canais de comunicação entre os formuladores de políticas e os diretores reais do estudo no setor eram muitas vezes muito insatisfatórios e a possível eficácia na elaboração de políticas de algumas das pesquisas foi perdida (BOWERS, 1967).

Os esforços de pesquisa aplicada de Stouffer, no entanto, teriam um impacto na teoria e nos métodos sociológicos, inicialmente nos

quatro volumes do *The American Soldier*, e depois em extensas análises secundárias publicadas em *Continuities in Social Research: Studies in the Scope and Methods of "The American Soldier"* (Merton and Lazarsfeld 1950). Capítulos de Hans Speier, Edward Shils, Robert Merton e Alice Kitt (Rossi) corroboravam e desenvolviam teorias e compreensões de grupos primários, grupos de referência e organização militar. Também trabalhando para o ramo de pesquisa estava Louis Guttman, que fez contribuições significativas para a pesquisa de atitude, particularmente a técnica, que tem o seu nome, para demonstrar a unidimensionalidade das escalas com base em um pequeno número de itens. Um estudo mais aprofundado de suas propriedades por Lazarsfeld levou à análise de conteúdo latente. Por fim, um número de sociólogos, incluindo John Useem, George C. Homans, Ralph Turner, Morris Janowitz e Edward Shils usaram suas experiências militares em seus escritos sociológicos (BOWERS, 1967).

A pesquisa aplicada também foi realizada na frente interna. No outono de 1941, um Escritório de Fatos e Números foi criado no Escritório de Informações de Guerra (OWI) para coletar dados de pesquisa sobre atitudes e comportamentos do público em relação a uma grande variedade de problemas relacionados à guerra, incluindo a moral civil e os efeitos das regulamentações do período de guerra. O OWI precisava de um profissional e perguntou a George Gallup, que recomendou Harry H. Field, que tinha trabalhado para ele quando ambos estavam no departamento de pesquisa de mercado da empresa de publicidade *Young and Rubicam* (MARKLUND, 2005). Através de Gallup, Field foi apresentado a Hadley Cantril, Paul Lazarsfeld e Samuel Stouffer, que o ajudaram a estabelecer o *National Opinion Research Center* (NORC) na Universidade de Denver no outono de 1941 (o NORC seria transferido para a Universidade de Chicago em 1947). O NORC conseguiu o contrato para as pesquisas civis e estabeleceu um escritório em Nova York no prédio usado pelo OWI. No início de 1942, Paul B. Sheatsley, que trabalhava para Gallup na época, encabeçou os esforços de pesquisa. Muitas das pesquisas do OWI eram simplesmente esforços de averiguação de fatos (como as pessoas elimina-

vam seus óleos residuais ou como usavam seus cupons de alimentação), mas outras eram pioneiras em esforços como a primeira medição nacional de atitudes raciais (NORC, 2005).

O OWI empregou Paul Lazarsfeld (1901-1976) entre outros. Lazarsfeld foi para os Estados Unidos como membro da Fundação Rockefeller e atuou como diretor do *Office of Radio Research* da Fundação, que se mudou para a Columbia University em 1939 e tornou-se o *Bureau of Applied Social Research* (BASR) em 1944 (agora *Lazarsfeld Center for the Social Sciences* no *Institute for Social and Economic Research and Policy*). Ao longo dos anos, Lazarsfeld e seus alunos conduziram pesquisas aplicadas para clientes que mais tarde contribuiriam para a pesquisa moderna de mercado, sociologia matemática e pesquisa de comunicação de massa (BASR, 2005). Seu trabalho sobre influência pessoal (KATZ; LAZARSELD, 1955) resultou de um trabalho aplicado financiado por uma editora de revistas para convencer os futuros anunciantes de que publicar anúncios na revista permitiria a eles atingir líderes de opinião, e um estudo da BASR para uma empresa farmacêutica sobre a adoção de uma nova droga revelou os papéis desempenhados pelos laços profissionais e sociais entre médicos (COLEMAN; KATZ; MENZEL, 1966). Em 1983, três dos ex-alunos de Lazarsfeld se tornariam os diretores de pesquisa social das três principais redes: CBS, ABC e NBC (SILLS, 1987).

Pouco antes da guerra, o Departamento de Agricultura dos EUA nomeou Rensis Likert (1903-1981) diretor da Divisão de Pesquisas de Programas no Escritório de Economia Agrícola. Likert já havia desenvolvido sua escala de cinco pontos e lecionado na Universidade de Nova York antes de se tornar diretor de pesquisa da *Life Insurance Agency* em Hartford, Connecticut, em 1935, onde realizou estudos sobre a eficácia de diferentes estilos de supervisão. Durante a guerra, Likert e seus colegas conduziram pesquisas sobre as experiências e opiniões dos agricultores. No final da guerra, Likert contatou Theodore M. Newcomb, que havia trabalhado com ele durante a guerra. Juntos, eles formaram o *Survey Research Center* (SRC) da Universidade de Michigan para conduzir estudos publicáveis para empresas, fundações, agências governamentais e outras agências sobre todos os tipos de problemas econômicos, sociais e empresariais.

Para complementar o foco na pesquisa, Likert sugeriu que o *Research Center for Group Dynamics* (RCGD), então no *Massachusetts Institute of Technology*, se juntasse ao SRC para formar o *Institute for Social Research* (ISR) em 1948. O RCGD foi fundado por Kurt Lewin (1890-1947) e depois dirigido por Dorwin Cartwright, que tinha trabalhado com Likert na Divisão de Pesquisas de Programas. Likert havia participado do Comitê sobre Hábitos Alimentares do Conselho Nacional de Pesquisa, que financiou as experiências de Lewin demonstrando que os compradores de alimentos tinham mais probabilidade de mudar seus hábitos de compra como resultado de uma discussão seguida de um compromisso público do que após uma palestra de um especialista. Isso levou à sua teoria de campo envolvendo canais de alimentos e o conceito de *gatekeepers* (WANSINK, 2002). Lewin usou o termo *pesquisa-ação* e pretendia que sua pesquisa resultasse em orientar as ações necessárias para resolver problemas sociais, reduzindo a lacuna entre o conhecimento das ciências sociais e o uso desse conhecimento.

As primeiras pesquisas do SRC incluíam uma avaliação objetiva de um programa para incentivar a aceitação de grupos minoritários dentro do *United Autoworkers Union* e um estudo de moral em uma empresa de telefonia que levou a uma maior produtividade e satisfação no trabalho. O RCGD e o *Tavistock Institute* em Londres publicaram conjuntamente a revista *Human Relations*. Em *New Patterns of Management*, Likert (1961) resumiu os princípios e práticas usados pelos mais altos gerentes de produção e propôs um sistema de gestão mais eficaz.

Em 1960, esses e outros centros de pesquisa social baseados em universidades estavam produzindo descobertas empíricas que tinham um impacto considerável sobre teorias, métodos e conceitos sociológicos. Em 1961, a *Society for the Study of Social Problems*, sob a liderança de Alvin Gouldner, focou sua reunião no tema das ciências sociais aplicadas e os principais artigos foram publicados em *Applied Sociology: Opportunities and Problems* (GOULDNER; MILLER, 1965). Os artigos exploravam as relações profissional-cliente e estudos de caso em uma variedade de áreas, incluindo direito, família, comunidade, relações raciais e delinquência. Anos mais tar-

de, o coeditor S. M. Miller (2001) revelou que lamentava o uso do termo sociologia aplicada porque era altamente ambíguo – ele se referia a sociólogos empregados fora da academia, a sociólogos acadêmicos que fizeram estudos para organizações sem fins lucrativos e voluntárias, pagos ou não, a ativistas sociais ou a críticos de políticas públicas e intelectuais? – e porque ele via pouca ligação entre trabalho aplicado e estudo sociológico.

Quando Paul Lazarsfeld foi eleito Presidente da ASA, ele propôs que o tema das reuniões de 1962 fosse “Sociologia em Ação” ou “Sociologia Aplicada” para destacar a contribuição dos estudos de caso e aplicados aos avanços teóricos e metodológicos. O Conselho Executivo da ASA, no entanto, mudou para “Usos da Sociologia”, que também se tornou o título de um volume editado de 31 artigos convidados. O termo *usos* ia além da sociologia aplicada para abranger onde e em que medida os achados e perspectivas sociológicas eram usados por profissionais, empresas, agências de voluntários, militares, escolas e órgãos públicos. Os autores foram convidados a abordar as dificuldades de traduzir questões práticas em problemas de pesquisa e discutir as lacunas intelectuais entre os resultados da pesquisa e os conselhos para ação (LAZARFELD; SEWELL; WILENSKY, 1967, p.x). De acordo com Gollin (1983, p.444), a maioria dos autores teve problemas para fazer isso, isto é, identificar aplicações concretas de ideias ou descobertas sociológicas.

Em um trabalho provocativo, Robert C. Angell (1967, p.737) levantou algumas questões éticas relativas à pesquisa aplicada. Ele temia que, uma vez que tal pesquisa fosse usada para promover os fins práticos dos negócios, associações voluntárias ou governo, seria necessária apenas uma pequena distorção no procedimento de amostragem ou na formulação de perguntas para obter os resultados desejados pelo cliente. Como eles não têm o chamado elevado de desenvolver conhecimento científico abstrato, ele argumentava que o pesquisador aplicado não poderia reivindicar os privilégios especiais que às vezes são desfrutados por aqueles que têm tal chamado. Por exemplo, embora às vezes possa ser ético induzir assuntos com a finalidade de obter novos e importantes conhecimentos científicos, desde que sejam posteriormente interrogados,

esta justificativa não pode, na opinião de Angell, ser usada para pesquisa aplicada porque os fins não são científicos.

Esses volumes editados sobre sociologia aplicada escritos a partir da perspectiva da sociologia disciplinar, no entanto, não conseguiram sair do papel. Na verdade, em seu discurso presidencial da ASA, Rossi (1980) observou que, de 1960 a 1980, a pesquisa social aplicada desfrutou de um período de expansão o qual a sociologia, como disciplina, não tinha partilhado. Essencialmente, a Guerra contra a Pobreza gerou pesquisas aplicadas em larga escala envolvendo avaliações de necessidades para planejamento de programas, demonstração e serviços piloto, e avaliações de programas, que eram arriscadas, controversas e não podiam ser facilmente traduzidas em publicações acadêmicas. Dentler (2002) estimou que, de 1960 a 1975, aproximadamente 100 empresas de pesquisa e desenvolvimento em ciências sociais foram estabelecidas, um terço das quais estavam localizadas nos subúrbios de Washington, D.C. Por fim, vários centros especializados de pesquisa social aplicada foram criados, como o *Disaster Research Center* da Ohio State University, em 1963, agora parte da University of Delaware.

Em 1964, o Escritório de Educação dos EUA encarregou James S. Coleman de determinar como a oportunidade educacional, definida como condição dos prédios escolares, professores capacitados e currículos, era distribuída por raça e etnia. O relatório *Equality of Educational Opportunity* (COLEMAN et al, 1966), que estudou todos os alunos da 3ª, 6ª, 9ª e 12ª séries em 4.000 escolas, não só documentou a disseminação da segregação nas escolas como foi além da solicitação bastante restrita do Congresso para explorar como a educação parental e o *status* social, bem como as pressões dos pares afetavam o desempenho dos alunos (ROSSI, 1980; ROSSI; WHYTE, 1983; DENTLER, 2002). Se as conclusões foram controversas, a implementação subsequente do sistema de ônibus obrigatório e a evasão de famílias brancas das escolas da cidade foram ainda mais controversas. Coleman (1976), que originalmente apoiava a integração escolar, mudou de ideia na década de 1970, quando concluiu que as políticas que se concentravam inteiramente no transporte público dentro do distrito realmente aumentaram em vez de reduzir a segregação escolar.

O relatório de Coleman (COLEMAN et al., 1966) desmente o argumento de que fazer pesquisa aplicada para agências governamentais limita substancialmente a independência intelectual e política e que pesquisadores aplicados estão à disposição dos tomadores de decisão e implementadores de políticas (DENTLER, 2002). Rossi (1980) apontou que o pesquisador aplicado poderia negociar e, em alguns casos, ampliar o escopo do estudo para incluir variáveis e fatores sociológicos. Por outro lado, ele também ilustra os pontos de Rossi de que a pesquisa social aplicada pode ser usada na formação de políticas e se envolver em controvérsias rancorosas em que o trabalho é atacado, mal utilizado ou mal aplicado, e que os sociólogos normalmente não estão diretamente envolvidos na tomada de decisão, formação de políticas ou implementação de programas. Como Ward e Ogburn antes dele, Rossi advertiu que a pesquisa social aplicada não é para os aspirantes a filósofos.

Durante este tempo, os estudos continuaram a preencher a lacuna entre a investigação pura e aplicada. Por exemplo, o trabalho de Benjamin Bloom (1964) sobre a estabilidade do QI durante a primeira infância mais tarde forneceu ao *Head Start* dados sobre onde melhor intervir com programas educacionais pré-escolares compensatórios, o estudo de William Sewell (SEWELL; HAUSER; FEATHERMAN, 1976) sobre a obtenção do *status* começou como uma pesquisa patrocinada pelo Estado sobre os alunos do ensino médio de Wisconsin, e Rosabeth Moss Kanter (1977, 1983) publicou sua própria pesquisa sobre empresas para um público mais amplo.

### **Profissionalismo e formação em sociologia aplicada: 1980 até o presente**

O final da década de 1970 testemunhou um aumento na produção de sociólogos mestres e doutores em uma época em que os departamentos de sociologia não estavam contratando (KOPPEL, 1993). Um grande número de novos sociólogos assumiu cargos fora da academia em escolas profissionalizantes e em unidades de pesquisa em agências governamentais, organizações sem fins lucrativos e em-



presas privadas de consultoria. Muitos queriam apresentar e publicar suas descobertas em eventos sociológicos.

No final dos anos 1960, Alex Boros (1931-1996) estabeleceu o que se acredita ser o primeiro programa de pós-graduação em sociologia aplicada na Kent State University. Em 1978, um jantar sobre a falta de sessões aplicadas nas reuniões da *North Central Sociological Association* (NCSA) levou à formação da *Society for Applied Sociology* (SAS; STEELE; IUTCOVICH, 1997). Em 1979, a SAS realizou sessões em conjunto com a NCSA. A SAS foi formalmente incorporada em 1984, com Boros como primeiro presidente, e começou a publicar o *Journal of Applied Sociology*. Em 1994, a SAS aprovou um código de ética para Sociólogos Aplicados. Ao longo dos anos, a presidência da SAS tem sido dividida de forma bastante equilibrada entre os sociólogos aplicados que trabalham em instituições acadêmicas e aqueles que possuem suas próprias empresas de consultoria ou são empregados por entidades governamentais, sem fins lucrativos ou empresariais.

O final dos anos 1970 também viu a criação da *Clinical Sociological Association* (renomeada como *Sociological Practice Association*) e da Seção da ASA sobre Prática Sociológica. Então, em 1980, Peter Rossi tornou-se Presidente da ASA, seguido no ano seguinte por William Foote Whyte, ambos considerados sociólogos aplicados. Um Comitê da ASA sobre Oportunidades Profissionais em Sociologia Aplicada, presidido por Howard Freeman, realizou um *workshop* em dezembro de 1981 intitulado “Direções em Sociologia Aplicada”. Os trabalhos apresentados foram publicados em *Applied Sociology* (FREEMAN ET AL., 1983) e exploravam o *status* então atual da sociologia aplicada, a variedade de papéis da sociologia aplicada em diversos contextos, e a formação acadêmica dos sociólogos aplicados (ROSICH, 2005).

A ASA também iniciou um periódico, o *Sociological Practice Review*, para fornecer uma publicação patrocinada pela disciplina para sociólogos aplicados, clínicos e praticantes, e para disseminar o conhecimento sobre como a sociologia pode ser aplicada a problemas práticos. Revisada em 1992, durante seu terceiro ano, ela teve dificuldade em atrair manuscritos suficientes, juntamente com a queda de assinaturas. Apesar da oposição da maioria dos editores de outros periódicos da ASA, o comitê de publicações, por um voto, recomendou que ela

fosse apoiada por mais três anos. O Escritório Executivo e o Comitê Orçamentário, no entanto, recomendaram a suspensão e o Conselho da ASA concordou (DENTLER, 1992; K. G. EDWARDS, 2005).

Em 1991, a ASA recebeu fundos para estabelecer o Programa Sydney S. Spivak em Pesquisa Social Aplicada e Política Social com o objetivo de aumentar a visibilidade, prestígio e centralidade da pesquisa social aplicada e a aplicação do conhecimento sociológico à política social. O Programa apoiou uma bolsa de estudos do Congresso e *briefings* de política por sociólogos sobre temas como HIV/AIDS, violência juvenil, imigrantes e reações ao terrorismo. Também ofereceu Bolsas de Ação Comunitária de até US\$2.500 para cobrir custos diretos de sociólogos trabalhando com grupos comunitários para conduzir avaliações de necessidades, estudos de avaliação e pesquisa empírica de atividades e planejamento comunitários, ou para produzir uma revisão analítica da literatura para atender aos objetivos do grupo comunitário (ROSICH, 2005).

A introdução de *Uses of Sociology* (LAZARFELD et al., 1967, p.xxii) observou que um doutorado em sociologia não treinava de fato os estudantes para um emprego fora da academia. Ela perguntava que tipo de formação profissional seria necessária, que papel os departamentos de pesquisa, centros e institutos universitários desempenhariam, e se os sociólogos deveriam criar programas dentro de departamentos ou escolas separadas de pesquisa social. Freeman e Rossi (1984) propuseram que alguns departamentos, tendo adequadamente formado e motivado professores, acrescentassem a formação aplicada como uma opção para seus estudantes de graduação e pós-graduação. Tal programa forneceria uma sólida base geral sobre a história, tendências atuais, teorias e variedade de métodos de pesquisa em sociologia, com habilidades práticas e pragmáticas adicionais de como administrar pesquisas de amostra e pesquisa de campo, como selecionar e trabalhar com uma organização de pesquisa ou treinar outros para coletar dados, e como escrever uma resposta a uma solicitação de propostas em oposição a um artigo de revista.

Em seu discurso presidencial da SAS, Jeanne Ballantine (1991) relatou um estudo sobre onde as áreas de especialização em sociologia eram empregadas após a graduação, o que os empregadores

estavam procurando, e o que os programas de graduação aplicados estavam fornecendo. Ela encontrou uma variedade de esforços que variavam de um ou dois cursos, a um estágio ou experiência de campo, a uma carreira ou foco completo. A demanda por capacitação gerou um conjunto de textos e suplementos de Sullivan (1992), Steele, Scarisbrick-Hauser e Hauser (1999), Du Bois e Wright (2001), Dentler (2002), Straus (2002), Steele e Price (2003), e Dukes, Petersen e Van Valey (2004).

O Presidente da SAS, Stephen Steele, realizou uma pesquisa de avaliação das necessidades dos membros da SAS em 1992 e encontrou interesse em fortalecer os programas de formação nos níveis de graduação e pós-graduação. Ele nomeou Harry Perlstadt para dar continuidade a isso. Em 1995, com o apoio de Joyce Iutovich, Presidente da SAS e David Kallen, Presidente da *Sociological Practice Association* (SPA), eles formaram a Comissão de Sociologia Aplicada e Clínica (PERLSTADT, 1995, 1998). A comissão criou padrões para programas de graduação e pós-graduação (CACS 2005) e, em 2005, havia acreditado três programas de graduação (St. Cloud State, Minnesota; Our Lady of the Lake, Texas; e Valdosta State, Georgia) e dois programas de pós-graduação de mestrado (Humboldt State, Califórnia, e Valdosta State, Georgia). Padrões de acreditação ajudam programas a fornecer treinamento de qualidade com recursos adequados e a própria Comissão serve como uma instância de coordenação para os programas.

Em agosto de 2000, a SAS e a SPA reuniram-se em Washington, D.C., com o tema Unity 2000. Ambas reconheciam que eram pequenas e que podiam se beneficiar da combinação de seus recursos e esforços. Como resultado do trabalho árduo de, entre outros, Ross Koppel e Joan Biddle da SPA e Augie Diana e Jay Weinstein da SAS, os dois grupos se fundiram em 2005 para se tornarem a *Association for Applied and Clinical Sociology* (AACS), com um periódico combinado.

Desde 1970, muitos sociólogos com doutorado têm conduzido pesquisas aplicadas em uma variedade de contextos. Uma pesquisa da *National Science Foundation* de 1995 com sociólogos doutores descobriu que menos da metade (45,8%) de todos os sociólogos ensinavam sociologia no nível pós-secundário e 27,1% de todos os sociólogos doutores eram empregados fora das instituições edu-

cacionais (DOTZLER; KOPPEL, 1999). Infelizmente, apenas alguns sociólogos com doutorado podem ser mencionados aqui. Michael Quinn Patton, um dos principais especialistas em pesquisa em avaliação, escreveu *Utilization-Focused Evaluation* (PATTON, 1997) e foi Presidente da *American Evaluation Association*. Terence C. Halliday é Pesquisador Sênior da *American Bar Foundation* e Presidente do *National Institute for Social Science Information*. Ele ajudou a fundar e foi presidente da seção de Sociologia do Direito da ASA e atuou como editor do periódico interdisciplinar *Law and Social Inquiry*. Lola Jean Kozak, com o cargo de especialista em estatística de saúde/pesquisadora de saúde sênior no *National Center for Health Statistics, Centers of Disease Control*, realizou pesquisas aplicadas sobre hospitalizações evitáveis que afetam os *Centers for Medicare and Medicaid Services* (KOZAK; HALL; OWINGS. 2001). O sociólogo William W. Darrow foi o único cientista não médico da Força Tarefa do CDC no início dos anos 1980 que realizou as investigações iniciais do que seria identificado como a epidemia de HIV/AIDS (DARROW et al., 1987. LUI; DARROW; RUTHERFORD, 1988).

## **Sociologia aplicada no século XXI**

Ao longo dos anos, a sociologia aplicada tem unido teoria sociológica e prática sociológica, levando teoria e ideias para profissionais e tomadores de decisão, enquanto, em troca, contribui para a base de conhecimento da sociologia como uma ciência e disciplina. Até certo ponto, a história da sociologia aplicada esteve envolvida no que Andrew Abbott (1988) identificaria como esclarecimentos e disputas sobre jurisdições entre a disciplina acadêmica e a prática da profissão. A sociologia aplicada tem tentado evitar envolvimento com filosofia social e ética, por um lado, e engenharia social, reforma e ativismo, por outro. Mas a própria natureza da sociologia aplicada, e os interesses daqueles que a escolhem, significam que tais tensões jurisdicionais continuarão no século XXI, como têm acontecido nos últimos 150 anos.

Mas a demanda pela sociologia aplicada não tende a diminuir. O governo dos EUA vem encomendando pesquisas e estudos sociais

há mais de um século, e no início do século XXI, os roteiros de pesquisa do NIH e NIMH continuam a buscar e financiar o lado aplicado das ciências sociais e comportamentais. Como Ogburn (1930) previu, empresas, trabalhadores, comunidades e organizações de serviços sem fins lucrativos precisam de dados confiáveis e precisos, avaliações de necessidades e avaliações que a sociologia aplicada pode fornecer. A tomada de decisão baseada em evidências e a responsabilidade continuarão a ser enfatizadas como uma necessidade racional. Naturalmente, os tomadores de decisão e administradores irão destacar os resultados que atendem às suas necessidades e ignorar aqueles que não atendem. Em alguns casos, as descobertas aplicadas serão, infelizmente, usadas para fins nefastos como foram pelos soviéticos e nazistas.

Embora o foco principal da ASA permaneça na pesquisa básica e em posições acadêmicas, a sociologia aplicada continuará a ser reconhecida como uma especialidade/campo derivado. A recém-formada *Association for Applied and Clinical Sociology* pode profissionalizar a sociologia, colocando mais profissionais em contato com a sociologia disciplinar, seguindo assim um padrão que já existe na economia, psicologia e ciência política. Isso pode ser reforçado à medida que mais departamentos desenvolvem programas de pesquisa aplicada e programas de formação prática sociológica nos níveis de graduação e pós-graduação em resposta às demandas da sociedade. Isso seria acelerado se esses departamentos conscientemente perseguiram seus interesses educacionais comuns através da *Commission on Applied and Clinical Sociology*.

A sociologia aplicada é muito resiliente. O termo sobreviveu por mais de cem anos, apesar de definições vagas e tentativas de ignorá-la ou substituí-la. Enquanto a sociologia como disciplina e perspectiva pode ter dificuldades crescentes de ser apreciada em uma cultura de expansão do individualismo, liberdade pessoal e autorrealização, as pessoas, e especialmente as organizações sociais e agências governamentais, precisarão escolher sabiamente com base em evidências. O cerne da sociologia aplicada é a pesquisa social, e enquanto os tomadores de decisão quiserem conhecer os fatos sociais e as pessoas forem capacitadas para fornecê-lo, a sociologia aplicada irá florescer.

## Referências

- ABBOTT, Andrew. *The system of professions: an essay on the division of expert labor*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- ADDAMS, Jane. [1902] *Democracy and social ethics*. Cambridge: Harvard University Press, 1964.
- \_\_\_\_\_. [1916]. *The long road of woman's memory*. Champaign: University of Illinois Press, 2002.
- ANGELL, Robert E. The ethical problems of applied sociology. In: *The uses of Sociology*. New York: Basic Books, 1967, p.725-40.
- BALLANTINE, Jeanne. Market needs and program products: the articulation between undergraduate applied programs and the market place. In: *Directions in applied Sociology: presidential addresses of the society for applied sociology 1985-1995*. Society for Applied Sociology, 1991, p.105-125.
- BARNES, Harry Elmer. The social and political philosophy of Auguste Comte: positivist utopia and the religion of humanity. In: *An introduction to the history of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1948a, p.81-109.
- \_\_\_\_\_. Herbert Spencer and the evolutionary defense of individualism. In: *An introduction to the history of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1948b, p.110-37.
- \_\_\_\_\_. William Graham Sumner: spencerian in american dress. In: *An introduction to the history of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1948c, 155-72.
- \_\_\_\_\_. 1948d. Lester Frank Ward: the reconstruction of society by Social Science. In: *An introduction to the history of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1948d, p.173-90.
- BLOOM, Benjamin. *Stability and change in human characteristics*. New York: John Wiley, 1964.
- BOSSARD, James. Applied Sociology and major social problems. In: *Social Forces*, n.11, p.188-90, 1932.
- BOWERS, Raymond. The military establishment. In: *The uses of Sociology*, edited by P. F. Lazarsfeld, W. H. Sewell, and H. L. Wilensky. New York: Basic Books, 1967, p.234-74.

BROOKLYN ETHICAL ASSOCIATION. Man and the state: studies in Applied Sociology. *Popular Lectures and Discussions before the Brooklyn Ethical Association*. New York: D. Appleton, 1892.

\_\_\_\_\_. 1893. Factors in American Civilization: studies in Applied Sociology. *Popular Lectures and Discussions before the Brooklyn Ethical Association*. New York: D. Appleton, 1893.

BROWN, Nina. *Florence Kelley: slums of the great cities survey maps*." Santa Barbara: Center for Spatially Integrated Social Science, University of California, Santa Barbara, 2001, Retrieved July 1, 2005.

BROWN, V. *Board of Education of Topeka et al.*, 347, US, 1954.

BUREAU FOR APPLIED SOCIAL RESEARCH. *Legacy of the Bureau for Applied Social Research*." Retrieved July 1, 2005.

CLARK, Carroll D. Obituaries: Seba Eldridge (1885–1953). In: *American Sociological Review*, n. 18, p.327–28, 1953.

COCHRANE, Rexmond C. *The National Academy of Sciences: the first hundred years, 1863–1963*. Washington, DC: National Academy of Sciences, 1978.

COLEMAN, James S. Liberty and equality in school desegregation. In: *School Policy*, n.66, 9-13, 1976.

COLEMAN, James S.; ERNEST, Q.; CAMPBELL, Carol.; et al. *Equality of educational opportunity*. Washington: Government Printing Office, 1966.

COLEMAN, James S.; et al. *Medical innovation*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1966.

COMMISSION ON APPLIED AND CLINICAL SOCIOLOGY. *Commission on Applied and Clinical Sociology*. Retrieved July 1, 2005.

COMTE, Auguste. The Positive Philosophy. In: *Theories of society: foundations of modern sociological theory*, v. 1, edited by T. Parsons, et al. New York: Free Press. 1961, p.129

COSER, Lewis A. *Masters of sociological thought: ideas in historical and social context*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1977.

DARROW, William W. et al. Risk factors for Human Immunodeficiency Virus (HIV): infections in homosexual men. *American Journal of Public Health*, n.77, p.479–83, 1987.

DEEGAN, Mary Jo. *Jane Addams and the men of the Chicago School, 1892–1918*. New Brunswick: Transaction Books, 1986.

DENTLER, Robert A. Editorial. In: *Sociological Practice Review*, v.3, n.4, p.1, 1992.

\_\_\_\_\_. *Practicing Sociology: selected fields*. Westport: Praeger, 2002.

DINGFELDER, Sadie F. Transitioning to ‘translational’ times: the funding climate for behavioral science research is changing. In: *APA Monitor on Psychology*, v.36, n.3, p.22, 2005.

DOTZLER, Robert J.; KOPPEL, Ross. What sociologists do and where they do it: the NSF survey on sociologist’s work activities and workplaces. In: *Sociological practice: a journal of clinical and applied sociology*, n.1, p.71–83, 1999.

DU BOIS, William D.; WRIGHT, Dean. *Applying sociology: making a better world*. Boston: Allyn & Bacon, 2001.

DUKES, Duane, et al. 2004. *Teaching applied sociology*. Washington: American Sociological Association, 2004.

ELDRIDGE, Seba. *Problems of community life: an outline of applied sociology*. New York: Thomas Y. Crowell, 1915.

FESLER, Alice M. New departure. In: *Journal of Applied Sociology*. v.6, n.1, 1921.

FREEMAN, Howard. et al. *Applied Sociology*. San Francisco: Jossey-bass, 1983.

FREEMAN, Howard.; ROSSI, Peter. Furthering the applied side of sociology. In: *American Sociological Review*, v.4, n.9, 571–80, 1984.

GOLLIN, Albert. The course of applied sociology: past and future. In: *Applied Sociology: roles and activities of sociologists in diverse settings*. edited by e. F. Howard, et al. San Francisco: Jossey-bass, p.442-66, 1983.

GOULDNER, Alvin.; MILLER, S. *Applied sociology: opportunities and problems*. New York: Free Press, 1965.

HOOVER ARCHIVES. 2005. “Herbert Clark Hoover: a biographical sketch. retrieved july 1, 2005.

HUXLEY, Thomas.[1893] Evolution and ethics. In: *Evolution and ethics and other essays: collected essays*. p. 46–116. Kila: Kessinger, 2004.



KANTER, Rosabeth Moss. *Men and women of the corporation*. New York: Basic Books, 1977.

\_\_\_\_\_. *The change masters: corporate entrepreneurs at work*. London: George Allen & Unwin, 1983.

KATZ, Elihu.; Lazarsfeld, P. *Personal influence*. New York: Free Press, 1955.

KLINGEMANN, Carsten. Social-scientific experts: no ideologues – sociology and social research in the third reich. In *Sociology responds to fascism*, p. 127–54. edited by S. P. Turner.; D. Ksler. New York: Routledge, 1992.

KOPPEL, Ross. Looking for the ‘lost generation’ in the wrong places. In: *Asa footnotes*, n.21, p.5, 1993.

KOZAK, Lola Jean.; et al. Trends in avoidable hospitalizations, 1980–1998. *Health Affairs*, v. 20, n.2, p. 25–32, 2001.

LAZARSELD, Paul.; et al. *The uses of sociology*. New York: Basic Books, 1967.

LE CONTE, Joseph. The race problem in the south In: *Man and the state, studies in applied sociology. Popular lectures and discussions before the Brooklyn Ethical Association*, p. 349-82, New York: D. Appleton, 1892.

LEE, John R. The so called profit sharing system in the ford plant. In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v.6, n.5, p.297-310, 1916.

LIKERT, Rensis. *New patterns of management*. San Francisco: Jossey-Bass, 1961.

LOIZIDES, Georgios Paris.; SONNAD. Fordist applied research in the era of the five-dollar day. In: *Journal of Applied Sociology/Sociological Practice*, v.2, n.6, p.1–25, 2004.

LUCAS, Frances. Editorial announcement. In: *Sociology and social research*. v.xii, n. 80-1, 1927.

LUI, Kung-Jong.; et al. A model based estimate of the mean incubation period for aids in homosexual men. In: *Science*, v.24, n.1, p.333–35, 1988.

MARKLUND, Carl. *Some Notes on social planning among american and swedish social scientists in the mid-1930s*. A parallel reading of the myrdals and ‘questions for Sociology?’” Paper prepared for Nationella historikermtet, Uppsala University, Uppsala, Sweden, April 22–24, 2005. Retrieved July 1, 2005.

MARTINDALE, Don. American Sociology before World War II. In: *Annual Review of Sociology*, n.21, p.21-43, 1976.

MCCLUGGAGE, Marston M. Seba Eldridge. *Lawrence*: Kenneth Spencer Research Library, Kansas: University of Kansas Libraries, 1955.

MENAND, Louis. *The Metaphysical Club*: A story of ideas in America. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

MERTON, Robert K. The Unanticipated Consequences of Purposive Social Action. In: *American Sociological Review*, n.1, p.894-904, 1936.

MERTON, Robert K.; LAZARSELD, Paul. *Continuities in social research*: studies in the scope and method of "The American Soldier." New York: Free Press of Glencoe, 1950.

MILLER, Seymour M. The SSSP: Engagements and Contradictions. In: *Social Problems*, v.48, n.1, p.44-47, 2001.

MULLER. *Oregon*, 208, US, 412, 1908.

NATIONAL INSTITUTE OF MENTAL HEALTH. Translating behavioral science into action: report of the National Advisory Mental Health Council Behavioral Science Workgroup. In: *NIH Publication*, n.0, p.46-99, Retrieved July 1, 2005.

NATIONAL OPINION RESEARCH CENTER. 2005. *National Opinion Research Center*. Retrieved July 1, 2005.

ODUM, Howard W. Notes on recent trends in the application of the Social Sciences. In: *Social Forces*, v.11, n.4, p.77-88, 1933.

\_\_\_\_\_. The case for Regional-National Social Planning. In: *Social Forces*, n.13, p.6-23, 1934.

\_\_\_\_\_. *American sociology*: the story of Sociology in the United States through 1950. New York: Longmans; Green, 1951.

OGBURN, William F. The folkways of a scientific Sociology. In: *Publications of the American Sociological Society*, n.16, p.1-11, 1930.

STLUND, David. *Social War and the responsibility of Capital*: social engineering between business interests and progressive reform in the USA and Sweden, 1899-1914. Ph.D. dis-

sertation summary, Department of Literature and the History of Ideas, Stockholm University, Stockholm, Sweden. Retrieved July 16, 2006.

PATTON, Michael Quinn. Utilization-focused evaluation: the new century text. Thousand Oaks: Sage, 1997.

PERDUE, William D. *Sociological theory: explanation, paradigm, and ideology*. Palo Alto: Mayfield, 1986.

PERLSTADT, Harry. Commission on applied and clinical Sociology off the ground. In: *ASA Footnotes*, v.23, n.8, p.3, 1995.

\_\_\_\_\_. Accreditation of Sociology programs: a bridge to a broader audience. In: *Canadian Journal of Sociology*, v.2, n.3, p.195–207, 1998.

PETERSEN, James.; DUKES, Duanes. Alternative Futures for Applied Sociology. In: *Remarks at the 22nd annual meeting of the Society for Applied Sociology*, November 6, Bethesda, MD, 2004.

QUEEN, Stuart. Questions for Sociology: an informal round table symposium: XVI. In: *Social Forces*, n.13, p. 207-208, 1934.

REAM, J. *Biographical sketch of Seba Eldridge*. Lawrence: Kenneth Spencer Research Library; University of Kansas Libraries, 1923.

RHOADES, Lawrence. *A history of the American Sociological Association 1905–1980*. Washington: American Sociological Association, 1981.

ROETHLISBERGER, Fritz.; DIXON, William. *Management and the worker*. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

ROSICH, Katherine. 2005. *A history of the American Sociological Association 1981–2004*. Washington: American Sociological Association, 2005.

ROSSI, Peter H. The presidential address: the challenge and opportunities of applied social research. In: *American Sociological Review*, n.45, p.889–904, 1980.

ROSSI, Peter H.; WHITE, William Foote. The applied side of Sociology. In: *Applied Sociology*, p. 5-31. San Francisco: Jossey-Bass, 1983.

SAVAGE, Minot J. *Social problems*. Boston, 1886.

SCHRAM, Sanford F. *Praxis for the poor: priven and cloward and the future of Social Science in social welfare*. New York: New York University Press, 2002.

SCOTT, Clifford H. *Lester Frank Ward*. Boston: Twayne, 1976.

SEWELL, William H.; HAUSER, Robert.; FEATHERMAN, David. *Schooling and achievement in American society*. New York: Academic Press, 1976.

SHENTON, Herbert Newhard. *The practical application of Sociology*. New York: Columbia University Press, 1927.

SILLS, David. Paul F. Lazarsfeld 1901–1976. In: *Biographical Memoirs*, v. 56, p. 250-83, Washington, DC: National Academy Press, 1987.

SKILTON. Skilton family papers, 1845–1903. In: *Rensselaer*. New York: Institute Archives and Special Collections, MC 22, Rensselaer Polytechnic Institute, Retrieved July 1, 2005.

SKLAR, Kathryn Kish. Hull House as a community of women reformers in the 1890's. In: *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v.10, n.6, p.57–77, 1985.

STEELE, Stephen F.; IUTCOVICH, Joyce Miller. *Directions in applied Sociology: presidential addresses of the Society for Applied Sociology 1985–1995*. Arnold, MD: Society for Applied Sociology, 1997.

STEELE, Stephen F.; PRICE, Jammie. *Applied Sociology: topics, terms, tools and tasks*. Belmont: Thomson Learning/Wadsworth, 2003.

STEELE, Stephen F.; et al. *Solution-Centered Sociology: addressing problems through applied Sociology*. Thousand Oaks: Sage, 1999.

STRAUS, Roger A. *Using Sociology: an introduction from the applied and clinical perspectives*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2002.

SULLIVAN, Thomas J. *Applied Sociology: research and critical thinking*. New York: Macmillan, 1992.

SUMNER, William Graham. The absurd effort to make the world over. In: *War and other essays*. edited by William Graham Sumner, p. 195-210; New Haven: Yale University Press, 1911.

TILMAN, Rick . 2001. "Introduction." Pp. ix-xxix in *Darwin's Impact: Social Evolution*

in America, 1880–1920, vol. 1, *Social Darwinism and Its Critics*, by J. H. Tooke. Bristol, England: Thoemmes Continuum. Retrieved July 1, 2005 ([http://www.thoemmes.com/american/darwin\\_intro.htm](http://www.thoemmes.com/american/darwin_intro.htm)).

TOLMAN, William. *Social engineering: a record of things done by american industrialists employing upwards of one and one-half millions of people*. New York: Elibron Classics, 1909, 2005.

VERSEN, Christopher R. Herbert Spencer a pacifist? the Brooklyn Ethical Association's use of Spencer's ideas to construct an anti-war and anti-imperialist philosophy in the 1890s. In: Presented at conference on the past, present and future of political violence and pacifism. April 2-3. Gulf Coast: University of Southern Mississippi, 2004.

VERSEN, Christopher R. *Optimistic liberals: Herbert Spencer*. In: The Brooklyn Ethical Association, and the integration of moral philosophy and evolution in the Victorian Trans-Atlantic Community. Ph.D. Dissertation, Department of History, Florida State University. Retrieved July 15, 2006.

VOLTI, Rudi. William F. Ogburn, social change with respect to culture and original nature. In: *Technology and Culture*, n.45, p. 396-405, 2004.

WANSINK, Brian. Changing habits on the home front: lost lessons from World War II research. In: *Journal of Marketing and Public Policy*, n.21, p. 90-99, 2002.

WARD, Lester Frank. [1877]. The Way to Scientific Law-Making. In: *Glimpses of the cosmos*. v. 2, p. 168–71. New York: Putnam, 1913.

\_\_\_\_\_. *Dynamic Sociology or applied Social Science*. New York: D. Appleton, 1883.

\_\_\_\_\_. 1903. *Pure Sociology: a treatise on the origins and spontaneous development of society*. New York: Macmillan, 1903.

\_\_\_\_\_. *Applied Sociology: a treatise on the conscious improvement of society by society*. Boston: Ginn, 1906.

WEBER, Max. Value judgments in Social Science. In: *Weber: selections in translation*, edited by W. G. Runciman. p. 69-98. New York: Cambridge University Press, 1978.

WILSON, Woodrow. Executive Order 2859. In: *National Research Council of the National Academy of Sciences*, May 11, 1918

WISSELER, Clark. [1929]. Final Report of the Committee on Scientific Problems of Human Migration. In: *Circular Series of the National Research Council*, n. 87. Retrieved July 1, 2005.

WOOD, Arthur Evan. Questions for Sociology: an informal round table symposium: VI. In: *Social Forces*, v.13, n.1, p.83-87, 1934.

YOUMANS, Edward Livingston. Purpose and plan of our enterprise. In: *Popular Science Monthly*, n.11, p.13-15, 1872.

ZERHOUNI, Elias A. The NIH Roadmap. In: *Science*, n.302, p.63-72, 2003.



## **Parte 2**

### **A teoria sociológica e a sociologia aplicada**





# SOCIOLOGIA APLICADA: TRATADO SOBRE A MELHORIA CONSCIENTE DA SOCIEDADE PELA SOCIEDADE\*

LESTER FRANK WARD\*\*

*A aplicação é a pedra de toque de toda a doutrina*  
Adolphe Coste

## A relação entre Sociologia pura e Sociologia aplicada

*Toda ciência tem duas partes: uma parte racional pura, que estuda a forma mais geral e abstrata dos respectivos fenômenos, e uma parte aplicada, que estuda sua forma concreta e detalhada. A distinção rigorosa entre essas duas partes, aceita nas ciências físicas, tende a se introduzir cada vez mais no campo das ciências sociais.*  
Léon Winiarsky

Os termos “pura” e “aplicada” devem ser usados no mesmo sentido na ciência social e em todas as outras ciências. Quaisquer diferenças aparentes devem ser decorrentes apenas da natureza da ciência social como a mais complexa de todas as ciências e, portanto, a mais difícil de reduzir a fórmulas exatas. É importante, em consequência, dispor desde logo de uma clara concepção do significado desses termos e, especialmente, da distinção essencial entre sociologia pura e sociologia aplicada. Portanto, antes de prosseguir no estabelecimento detalhado dos princípios da sociologia aplicada, cabe definir resumidamente os dois ramos, com o objetivo especial de esclarecer essa distinção.

---

\* Extraído do original *Applied Sociology: a treatise on the conscious improvement of society by society*. Boston; New York; Chicago; London: Ginn & Company, 1906, p.3-12. Tradução: Frank Ferreira.

\*\* (1841-1913) botânico, paleontólogo e sociológico estadunidense. Foi o primeiro presidente da American Sociological Association.

## Sociologia pura

A sociologia pura é simplesmente uma investigação científica quanto à condição atual da sociedade. Só isso pode produzir verdadeira autoconsciência social. Responde às perguntas “O quê?”, “Por quê?” e “Como?”, fornecendo os fatos, as causas e os princípios da sociologia. É um meio de auto-orientação. Quando os homens sabem o que são, que forças moldaram sua forma e seu caráter atuais e de acordo com que princípios da natureza operaram os processos criativos e transformadores, eles realmente começam a entender a si próprios. Não só um caridoso manto é lançado sobre tudo o que existe, de modo a virtualmente excluir toda a culpa, como agora, pela primeira vez, é fornecida uma base racional para se considerar em que medida e de que maneira as coisas que não são, em todos os aspectos, o que se gostaria que fossem podem ser de tal maneira modificadas para se harmonizar com o estado desejado. Assim, e só assim, pelo menos, torna-se possível distinguir entre as condições sociais suscetíveis de modificação por intermédio da ação humana e as que são praticamente inalteráveis ou que estão para além do alcance da atividade humana. Dessa maneira, uma enorme quantidade de energia, que de outra forma seria desperdiçada, pode ser economizada e concentrada sobre o que é realmente factível.

Porém, o mais importante efeito do conhecimento proporcionado pela sociologia pura é, de longe, mostrar a dificuldade de modificar certas condições que não são absolutamente inalteráveis, mas que, sem tal conhecimento, são tidas como passíveis de fácil modificação. Na maioria destes casos, aqueles que se veem como sujeitos à sua presença acreditam que certas outras pessoas os têm sob controle e podem alterá-las ou as abolir, se o quiserem. Esta é a origem da maior parte da amarga animosidade de classe na sociedade. Em outras palavras, a lição mais importante que a sociologia pura ensina é a da grande estabilidade da estrutura social. Mas também ensina que poucas, se tanto, das estruturas sociais são completamente incapazes de se modificar, e a verdade que daí se revela é que, na maioria das vezes, tais estruturas, embora não possam ser alteradas pelos métodos diretos usualmente aplicados, podem ser ao menos

gradativamente transformadas por métodos indiretos e pela adoção dos meios adequados.

A sociologia aplicada, portanto, baseia-se na sociologia pura. Se a primeira tem qualquer caráter científico, este pressupõe e decorre da segunda. Na medida em que a ideia de reforma é inerente à sociologia aplicada, não pode produzir frutos a não ser que assim proceda. A reforma pode ser definida como a modificação necessária de estruturas sociais. Qualquer tentativa de fazê-la deve ser baseada no conhecimento cabal da natureza de tais estruturas; caso contrário, o insucesso é certo. Tal conhecimento envolve contato com a história das estruturas a serem afetadas. Essa história deve remontar a uma época em que as estruturas não eram prejudiciais, mas úteis. Deve voltar ao período de seu desenvolvimento em resposta a estímulos externos e internos. Tal período deve ter ocorrido em todos os casos, senão as estruturas nunca teriam surgido. No avanço de tal pesquisa, não convém ser iludido por nomes. Às vezes, os nomes das instituições mudam, depois de deixarem de estar em harmonia com as condições sociais, e adquirem formas descritivas de seu real ou suposto caráter maligno. A sociologia aplicada olha para além de tudo isso e aprende com a sociologia pura qual foi sua origem, qual foi sua história completa e qual é sua verdadeira natureza. Com tais dados, a questão de sua modificação mediante a ação consciente da sociedade pode ser considerada de maneira inteligente; se, como em geral é o caso, não possam ser imediatamente abolidos ou abruptamente mudados, o melhor caminho é a adoção de meios indiretos que assegurarão sua transformação gradual e a eliminação de seus elementos antissociais.

Tudo isso significaria uma mudança completa em todo o método de reforma. Até agora, a ideia de reforma tem sido associada mais com a de calor do que com a de luz. Presume-se que as reformas emanem do extremo vermelho do espectro social e sejam produto de seus raios térmicos, não de seus raios luminosos. Mas o método de paixão e vitupério não surte efeito. Advogar uma causa é característico do método não científico; investigar, do método científico. Por mais ardoroso que seja o desejo de reforma, só pode ser satisfeito por desapaixonada indagação, e a realização dos sentimentos mais

calorosos só é possível por meio da mais fria das lógicas. Há ou houve bem em tudo. Nenhuma instituição é puro mal. A maioria daquelas que muitos veriam de bom grado inteiramente abolidas (como a escravidão, por exemplo) é defendida por alguns. Mas tanto os defensores quanto os agressores de tais instituições em geral ignoram suas histórias e as causas que as criaram. O método da estimulação trabalha com teses e antíteses, enquanto o método científico lida com sínteses. Somente pelo último método é possível chegar à verdade comum a ambos. Só assim uma base racional pode ser alcançada para qualquer ação que vise à melhoria das condições sociais.

## **Sociologia aplicada**

Assim como a sociologia pura procura responder às perguntas “O quê?”, “Por quê?” e “Como?”, a sociologia aplicada visa responder à pergunta “Para quê?”. A primeira lida com fatos, causas e princípios; a última com o objetivo, fim ou propósito. Uma trata do tema da sociologia; a outra, de seu uso. A sociologia aplicada, por mais teórica que seja a sociologia pura em alguns de seus aspectos, é essencialmente prática. Apela diretamente ao interesse. Tem a ver com os ideais sociais, com considerações éticas, com o que deveria ser. Enquanto a sociologia pura trata do “desenvolvimento espontâneo da sociedade”, a sociologia aplicada “lida com meios artificiais de acelerar os processos espontâneos da natureza”. O assunto da sociologia pura é a conquista, o da sociologia aplicada é a melhoria. A primeira se relaciona com o passado e o presente; a segunda, com o futuro. A conquista é individual, a melhoria é social. A sociologia aplicada leva em conta fenômenos artificiais consciente e intencionalmente dirigidos pela sociedade para melhorar a sociedade. A melhoria é conquista social. Na sociologia pura, o ponto de vista é totalmente objetivo. É possível dizer que se relaciona com a função social. Na sociologia aplicada, o ponto de vista é subjetivo. Relaciona-se com o sentimento — o bem-estar coletivo. Na sociologia pura, os desejos e as vontades humanos são considerados como os agentes motores da sociedade. Na sociologia aplicada, são con-

siderados fontes de prazer por meio de sua satisfação. A distinção é semelhante àquela entre produção e consumo na economia. De fato, pode-se dizer que a sociologia aplicada lida com a utilidade social medida pela satisfação do desejo.

Na análise de uma ação dinâmica feita no Capítulo XI de *Pure Sociology*, o único dos três efeitos sobre os quais se julgou necessário deter foi o efeito direto da ação transformadora do ambiente. Na sociologia aplicada, o único efeito considerado é aquele que lá está em primeiro lugar, isto é, o da satisfação do desejo do indivíduo. Em outras palavras, enquanto na sociologia pura são tratados apenas os efeitos diretos construtivos do esforço humano, na sociologia aplicada o que se leva em conta é o sucesso de tais esforços na satisfação dos desejos humanos.

Toda ciência aplicada é necessariamente antropocêntrica. Em especial, assim é a sociologia. A velha teoria antropocêntrica, a qual ensinou que o universo fora planejado especialmente no interesse humano, não só é falsa, como também pernicioso, ao desencorajar o esforço humano. Mas o antropocentrismo verdadeiro e científico é altamente progressivo, pois mostra que o universo, apesar de muito imperfeitamente adaptado aos interesses humanos, pode ser adaptado pelo próprio homem. A sociologia aplicada se interessa principalmente pelo cumprimento desta verdade. Ao longo dos estágios teológicos e metafísicos do pensamento humano, a filosofia ficou absorta na contemplação do suposto autor da natureza. A ciência pura produziu a primeira mudança de frente, ou seja, de Deus para a natureza. A ciência aplicada contribui com a segunda mudança de frente, a saber, da natureza para o homem. A natureza é vista como corporificação de utilitários, e os esforços são dirigidos para a realização prática destes.

A sociologia aplicada difere das outras ciências aplicadas, ao incluir todos os homens em vez de alguns. A maior parte da filosofia que alega ser científica, se não é realmente pessimista, ao negar o poder do homem para melhorar sua condição, é pelo menos “oligocêntrica”, ao concentrar todos os esforços em alguns membros da suposta elite da humanidade e ignorar ou desprezar a grande massa dos que não demonstraram sua inerente superioridade. A

questão da superioridade em geral será considerada mais tarde, mas pode-se dizer aqui que, para a sociologia aplicada, todos os homens são realmente iguais. Tampouco isso é precisamente no sentido jeffersoniano, embora seja num sentido próximo, isto é, no de que, quaisquer que sejam as diferenças em suas faculdades, todos os homens têm o mesmo direito ao exercício e ao desfrute das suas faculdades. A sociologia aplicada é igualitária, na medida em que visa assegurar esse direito para todos os homens igualmente. Não é só antropocêntrica, mas “pancêntrico”.

A sociologia aplicada, com algumas exceções, que despontam da natureza da ciência (e neste aspecto não difere de outras ciências), é inteiramente análoga a outras ciências aplicadas. Nenhuma ciência pode ser aplicada, a menos que se baseie em princípios mecânicos exatos. Em *Pure Sociology* (capítulos IX a XI), mostrou-se que a sociologia se baseia em tais princípios. A sociologia aplicada assume que esses princípios são verdadeiros, e esta obra, portanto, baseia-se naquela, e não pode ser compreendida por quem não a conhece. Entretanto, não decorre daí que o leitor deva aceitar como verdadeiros todos os princípios estabelecidos naquela obra. Ele pode questionar sua validade em qualquer escala. Mas tais princípios podem ser claramente entendidos sem serem aceitos, e tudo o que é aqui asseverado é que esta obra não pode ser compreendida a menos que os princípios estabelecidos naquela também o sejam.

A ciência nunca é exatamente igual à arte. A ciência aplicada, portanto, não é o mesmo que arte. Se é arte, não é ciência. Uma ciência, pura ou aplicada, é uma disciplina que pode ser mais ou menos ensinada em sala de aula, não necessariamente por meio de livros, palestras e aulas expositivas. Na maioria das ciências, mesmo em seu estágio puro, os estudos de campo são de grande importância, e, em seu estágio aplicado, torna-se absolutamente essencial para o estudante aplicar os princípios diretamente à natureza, mas isso quase sempre é feito em miniatura ou em pequena escala, apenas para experiência e sem expectativa de qualquer resultado prático. Deste modo, a preparação pode ser feita para todas as artes práticas. Mas as ciências aplicadas assim ensinadas não são as próprias artes. A matemática aplicada não é medição, agrimensura

ou engenharia. A astronomia aplicada não é navegação. A física aplicada não é manufatura. A química aplicada não é agricultura. A biologia aplicada leva a um grande número de artes, algumas das quais são de origem muito recente.

Comte estabeleceu dois princípios, os quais merecem atenção, por mais que careçam de universalidade. Um é que as aplicações práticas das ciências aumentam com a sua complexidade. Isso foi rejeitado com desdém por muito tempo, e a superior utilidade das forças físicas sobre qualquer das aplicações dos fenômenos vitais foi apontada como sua refutação conclusiva. Mas essas forças são mais úteis para o homem do que aquelas que fizeram a terra render seus cereais e frutas e produziram animais domésticos? E agora, com as descobertas modernas em bacteriologia e ramos afins, que trouxeram benefícios incalculáveis para o homem, pode-se duvidar que até mesmo a eletricidade tenha demonstrado um benefício maior.

O outro princípio foi que os fenômenos tornam-se mais suscetíveis a modificações artificiais com sua crescente complexidade. Comte não ilustrou isso tão completamente como deveria ter feito, mas sua principal conclusão foi que os fenômenos sociais são os mais suscetíveis à modificação. Dúvidas quanto à validade deste princípio foram menos livremente expressas do que no último caso considerado. Mas parece-me que são ainda mais justificáveis. Ainda assim, isto depende muito do ponto de vista. A modificação dos fenômenos sociais mostrou-se muito difícil, enquanto a dos fenômenos físicos parece comparativamente fácil. Mas esta é uma visão superficial. A verdadeira razão pela qual as tentativas de modificar os fenômenos sociais tantas vezes falharam é que tais fenômenos não foram compreendidos. É igualmente impossível modificar os fenômenos físicos antes que sejam compreendidos. Comte não disse que as ciências complexas eram mais facilmente compreendidas que as simples; pelo contrário, ele insiste constantemente em sua maior dificuldade de compreensão. O princípio sob consideração, plenamente afirmado, seria que, supondo-os igualmente bem compreendidos, a modificabilidade dos fenômenos é diretamente proporcional à sua complexidade. Isto posto, aquele princípio pode ser considerado como aberto à discussão. Nenhuma tentativa ade-



quada foi feita para confirmar ou refutar isso. Eu mesmo estou disposto a aceitá-lo com certas reservas; mas este não é o lugar para discuti-lo na íntegra.

Mas o grau em que a aplicação de uma ciência aos usos humanos se torna possível, desejável ou proeminente depende mais da natureza da ciência do que de sua posição na hierarquia. Em sua maior parte, a astronomia sideral tem permanecido uma ciência de pura contemplação, mas existem grandes possibilidades na astrofísica. Quase todos os ramos da física mostraram-se úteis, mas só enquanto a descoberta da análise do espectro de raios X permaneceu uma ciência pura. A química, embora aplicável aos usos humanos em quase todos os seus departamentos, provavelmente até agora contribuiu menos nessa direção do que a física como um todo. A biologia já foi mencionada e suas possibilidades são imensas, mas os departamentos agora considerados mais úteis são aqueles que eram desconhecidos há um século e que permaneceram por muito tempo campos de mera curiosidade ociosa, vistos como os possivelmente mais distantes de qualquer utilidade prática. A este respeito, a bacteriologia pode ser comparada à eletricidade. A psicologia é agora quase exclusivamente uma ciência pura, mas ninguém se atreve a dizer que sempre permanecerá assim. Ninguém vai discutir com quem acredita que a sociologia é uma ciência que esta possa se tornar uma ciência aplicada. E, embora seus fenômenos sejam os mais complexos de todos e os mais difíceis de serem compreendidos, quando são entendidos, se o forem, são incalculáveis os resultados prometidos por seus estudos na direção de sua modificação no interesse do homem.

Mas a sociologia aplicada não é governo nem política, nem reforma cívica ou social. Não aplica, por si só, princípios sociológicos; procura apenas mostrar como podem ser aplicados. É uma ciência, não uma arte. O máximo que reclama é estabelecer certos princípios gerais como guias para a ação social e política. Mas nisso deve ter extrema cautela. Os princípios só podem consistir nas mais altas generalizações. Podem ter apenas a influência mais geral sobre os eventos atuais e as questões populares ou candentes da hora. O sociólogo que se compromete a discutir isso, especialmen-

te para tomar partido sobre isso, abandona sua ciência e se torna um político. Uma grande parte dos escritos de Herbert Spencer tem desse caráter. Muito disso pode ser encontrado até mesmo em seu *Sistema de Filosofia Sintética*. Reflete apenas seus preconceitos e sentimentos, e não é científico. Além do mais, como mostrei repetidamente, está mais em conflito do que em harmonia com seu sistema como um todo.

O mesmo pode ser dito, é claro, de quase todo o movimento de reforma social coberto pelo termo geral “socialismo”, inclusive as escolas utópicas e práticas — Fourier e Karl Marx. Todos procuram introduzir modificações na estrutura social e mudariam as instituições humanas de maneira mais ou menos radical e abrupta. Embora seus próprios defensores não tentem, exceto em alguns casos de pequena escala, produzir essas mudanças, procuram criar um suficientemente geral sentimento público em favor de tais mudanças para assegurá-las por meio de legislação. Na medida em que realmente o conseguem, cumprem sua finalidade. As mudanças são votadas ou decretadas, e o Estado se esforça para realizá-las. Muitas vezes, porém, as instituições não cedem nem mesmo ao poder do Estado, e uma longa luta se segue, como a França agora está tendo com as escolas paroquiais.<sup>1</sup> Mas todos sabem em quão poucos casos o partido da reforma social adquire controle político. Isto se deve à estabilidade das estruturas sociais. Nos antigos países colonizados, com interesses definidos de classe, direitos prescritivos e grandes interesses investidos, isso se vê mais claramente do que em novos países e, portanto, é nesses países que os movimentos de reforma social são mais bem-sucedidos. Mas as estatísticas mostram que o voto socialista está aumentando em todos os países onde há questionamento político, e pode vir o tempo em que o partido chegará ao poder de maneira geral.

Mas tudo isso é política. É arte e não ciência. O sociólogo não tem mais brigas com nenhum desses movimentos do que com qualquer outro partido político – liberais, conservadores, democratas, republi-

---

1. Esta obra foi originalmente publicada em 1906 (nota do tradutor).

canos. Ele observa todos, como faz com todos os fenômenos sociais, mas só constituem dados para sua ciência. Tudo o que ele objetiva é que qualquer uma dessas coisas seja chamada de sociologia. Misarquismo,<sup>2</sup> anarquismo e socialismo são programas de ação política, negativos ou positivos, e pertencem à arte social. Não são teorias ou princípios científicos e não pertencem à arte social.

## **Superioridade do artificial**

A sociologia aplicada parte do pressuposto da superioridade do artificial sobre o natural. Nisso, no entanto, não difere de qualquer outra ciência aplicada. Qual o significado da ciência aplicada, senão o ensinamento de que os fenômenos naturais podem ser modificados por meios artificiais, de modo a torná-los mais úteis ou menos prejudiciais para o homem? O vento que sopra sobre a terra, embora às vezes destrutivo, pode ser útil de várias maneiras, mas não será capaz de moer cereais. Pela adoção dos meios artificiais apropriados, pode-se fazê-lo triturar grãos. Ao soprar sobre o mar, embora uma imensa fonte de perigo, pode, por meio de dispositivos artificiais, impulsionar navios e até os guiar. A água, vinda em quantidades quase inexauríveis das montanhas ou planaltos do interior de grandes continentes, é útil mesmo entre as margens dos rios, mas, pelo uso dos meios artificiais adequados, sua utilidade pode ser multiplicada por mil. O mesmo acontece com todos os outros elementos da natureza – madeira, argila, pedra, metal, luz, calor, eletricidade. Este último elemento representa o caso mais extremo. Embora permeie todo o espaço, não produz efeito apreciável exceto em suas manifestações violentas, como relâmpagos, em que o efeito é destrutivo de tudo que estiver em seu caminho. Toda a sua influência benéfica deve-se a dispositivos artificiais. Estes foram assegurados por intermédio do prolongado estudo, tanto da ciência pura, como da aplicada.

---

2. Aversão a estruturas de poder (nota do tradutor).

Existem algumas ilustrações da superioridade do artificial fora do campo das artes propriamente ditas. Uma só deve ser mencionada. Línguas modernas em geral, e a língua inglesa em particular, têm palavras individualmente mais arbitrárias que as das línguas antigas. Elas têm um significado menos intrínseco e consistem mais inteiramente em meros símbolos. Por conta disso, são mais plásticas e capazes de expressar matizes muito mais sutis de significado. Mas palavras ou símbolos arbitrários são produtos artificiais. São ferramentas da mente, inventadas pelo gênio do homem. Pode-se dizer que tais palavras, como tudo que existe na linguagem, são inconscientemente desenvolvidas e, portanto, são produtos genéticos. Isso pode ser admitido, mas não constitui uma exceção completa em relação a outras artes, como, por exemplo, a cerâmica. De fato, a conquista da natureza, tal como esboçada no décimo nono capítulo de *Sociologia Pura*, foi principalmente um processo genético, mas só foi possível com o exercício constante da faculdade tética do homem. Foi o produto da *telesis*<sup>3</sup> individual, o que sempre funcionou dessa maneira na formatação da linguagem, assim como em todos os outros processos civilizatórios.

Mais um único exemplo pode ser aduzido no domínio da *telesis* coletiva. A sociedade também fez mais ou menos uso do princípio da superioridade do artificial. No mundo animal, vemos constantes ilustrações do que é comumente chamado de justiça natural, e juristas, estadistas e filósofos habitualmente contrastam isso com o que chamam de justiça civil. Mas é claro que a justiça natural ou animal não é justiça, mas a ausência de justiça. Não há justiça natural, e toda justiça é artificial. Isto constitui uma das melhores ilustrações do princípio em consideração, e é especialmente apropriado aqui como pertencendo estritamente ao campo da sociologia aplicada.

---

3. Uso proposital de processos naturais e sociais para alcançar metas sociais específicas (nota do tradutor).



# SOCIOLOGIA APLICADA E EMPÍRICA\*

FERDINAND TÖNNIES\*\*

## Definição de sociologia aplicada e os objetos da sociologia pura

Renunciamos a expor as evoluções históricas do que denominamos “estruturas de referência” (*Bezugsgebilde*); e se nos restantes capítulos pareceram tão pouco indispensáveis como neste as referências a ditas evoluções, é porque assim ficava estabelecido, sistematicamente, o caráter fundamental da sociologia pura. Nós a diferenciamos, pois, da sociologia aplicada considerando que esta representaria precisamente a tentativa de valorizar os conceitos sociológicos para a compreensão dos estados atuais de coisas e das grandes transformações históricas e, em geral, para a compreensão da evolução humana. Deve-se advertir, por sua vez, que os conceitos sociológicos têm um caráter especial se comparados, por exemplo, com os conceitos das ciências naturais, já que estes se referem sempre a coisas que pelo menos têm a possibilidade de ser pensadas como visíveis ou perceptíveis de algum modo. A sociologia pura, ao contrário, trata de entidades que não são perceptíveis, senão que se pensam como algo que a princípio só existe na consciência das pessoas humanas que estão e se movem dentro de uma dessas entidades. Uma entidade tal, no entanto, existe também em segunda instância para todas as demais pessoas e entidades eventuais que reconhecem sua existên-

---

\* Extraído de TÖNNIES, Ferdinand. *Princípios de Sociologia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943, p. 375-388. Tradução: Jaqueline de Carvalho Garcia

\*\* (1855-1936) Escritor e sociólogo alemão, foi co-fundador da Sociedade Alemã de Sociologia

cia através de determinadas características, reconhecendo-a como tal quando de algum modo estão dispostas a entrar em relação com ela ou a unir-se a ela, sobretudo quando dita entidade reconhece as outras como semelhantes, como existentes para ela, e em relação a ela. O exemplo de mais peso é oferecido pelo reconhecimento de direito internacional de um Estado e de seu governo por parte de outros Estados e governos. Na história dos Estados dito reconhecimento ou sua eventual denegação constituem acontecimentos importantes. A eles são, no entanto, semelhantes muitos acontecimentos próprios de outras esferas mais modestas. Por exemplo, o reconhecimento de um sindicato pelo diretor de uma grande empresa, o qual significa que o faz valer como existente e capaz de atuação, do mesmo modo que em direito internacional o reconhecimento tem por consequência a aceitação de uma relação diplomática. Tampouco é de outra índole, entre estudantes de uma escola superior, por exemplo, o mútuo reconhecimento de suas respectivas associações, já se trate de um reconhecimento geral ou especial das outras as considerando como corporações estudantis “capazes de dar satisfação”, ou como do mesmo tipo que a própria, o que equivale também a incluí-la dentro de uma associação ou agrupamento mais amplo que se comporta a sua vez, respeito às mencionadas corporações, como uma federação respeito aos diversos Estados federados.

## **A sociologia aplicada como descrição da dinâmica daqueles objetos**

Enquanto a Sociologia pura se limita a pensar e descrever as entidades sociais estaticamente, ou seja, em estado de repouso, a Sociologia aplicada tem que ocupar-se por completo da dinâmica ou movimento de ditas entidades. A observação das “estruturas de referência” comporta já os elementos de tal dinâmica. Assim, pois, as entidades e as estruturas mais importantes têm de comum o que a história se refira a elas preferencialmente. De importância geral é a história dos Estados, das Igrejas; mas é também a das cidades que desempenham ou desempenharam um papel importante como expressões do comunal. Para determinados círculos e agrupamentos

sociais reduzidos a sua própria história particular é suficientemente valiosa e importante, digna ainda de estudos detalhados que talvez adquiram certo valor para a “ciência histórica” geral. Por outro lado, a importância desta última é maior ou menor para um determinado Estado ou Igreja. Assim vemos também que a história de uma cidade insignificante tem valor para seus habitantes, que uma seita religiosa põe mais amor no cultivo de sua própria história que no estudo da evolução daquela igreja de onde se separou ou foi excluída. As normas sociais, em cujo ponto central está o direito, são investigadas e observadas também de modo muito diverso em sua história, e esta, por sua vez, segundo os diferentes Estados, religiões, etc. Extraordinariamente variada é assim mesmo a história dos valores sociais: sobretudo da linguagem, da religião, das artes, das ciências; dentro sempre da maior variedade em cada país e em cada setor político. Como já se observou, nas “estruturas de referência” sociais encontramos as mais fortes incitações para a observação histórica ou evolutiva, em que a visão do devir compreende sempre a do fenecer.

### **Sociologia aplicada e história, filosofia da história, história universal**

A sociologia aplicada se diferencia completamente da história, ainda que esta tenha que aproximar-se dela à medida que adquire maior caráter científico. Enquanto a sociologia pura não existe senão como um sistema mais ou menos firme de conceitos e teorias, a sociologia aplicada só pode considerar-se como uma tentativa de valorizar determinados conceitos e teorias que gozam de certa aceitação provisional, para a compreensão das evoluções históricas. Não somente deve admitir, pois, os resultados mais gerais das investigações históricas, cujas contribuições não podem competir, mas tem que deixar atuar nelas as grandes exposições históricas, embora seja capaz de diferenciar seus próprios pontos de vista dos mais gerais da investigação histórica. A sociologia aplicada haverá de estar sempre em contato com esse ensaio de história universal que alcançou certa aceitação sob o nome de filosofia da história. A história universal, isto é, a história da evolução da humanidade, teve que alterar sua



fisionomia da maneira mais surpreendente. Até dois séculos atrás, seguia dependendo ainda da história da criação segundo o Velho Testamento, e da crença, fortalecida pelo cristianismo, de que a humanidade se acercava ao seu fim e de que aos crentes em Cristo se reservava a felicidade eterna, enquanto os outros, cuja maioria era bem notória, estavam perdidos para sempre. Apesar de a Igreja romana ter-se oposto a estas crenças e ter-se organizado completamente pensando em uma duração ilimitada, manteve-se, no entanto, a ideia da inevitável perdição do “mundo”, ideia que passou também à religiosidade protestante, como podemos ver claramente em Sleidamus. Sob a influência do humanismo e de toda a mentalidade moderna que se alimentava na antiguidade clássica, Bodino, Hobbes e alguns outros se ergueram como representantes de uma concepção, que acabou por prevalecer, segundo a qual a humanidade, em uma marcha evolutiva cujas dimensões se estendem muito sobre a fábula judia da criação, levantou-se pouco a pouco de um estado rude e selvagem à civilização, sem que este progresso haja terminado ainda de qualquer maneira. Esta concepção só foi aceita de um modo geral no século XVIII, como se pode ver, nas lições de Schiller; no século XIX, depois de haver sido relegada a um último plano por um mundo conceitual reacionário e romântico, veio a encontrar um apoio decisivo na teoria biológica da evolução, a qual, ainda que modificada de formas diversas, venceu em poucos decênios a muito compreensível oposição do próprio sentimento humano. Então, a história universal não pode seguir hoje nenhum outro caminho diferente do que a ciência tenha assinalado. A história universal houve de acolher os resultados admitidos desde muito antes, tanto pela pré-história como pela etnologia e a investigação da cultura: as questões sobre como o homem primitivo pôde viver, de como pôde defender-se dos animais selvagens, e contra seus semelhantes haviam sido levantadas há muito tempo; ao mesmo tempo em que se havia estabelecido a divisão das idades pré-históricas em idade da pedra e do bronze, e o início da idade histórica com a do ferro, referindo-as à importância das armas e dos instrumentos humanos e a capacidade de fabricá-los. A isto corresponderia também a diferença entre as primeiras atividades de ocupação -colheita de frutos, caça e pesca- e a idade do trabalho,

que com a criação de gado e com a enxada conduziu a agricultura a multiplicidade de ofícios e artes. Estas características fundamentais da evolução humana já não podem voltar a apagar-se, e haverão de dar permanentemente à humanidade uma consciência de si mesma muito diferente da judaico-cristã. Com tudo, a investigação sociológica cabe excluí-la tanto menos deste modo de ver as coisas -fundamentado preferencialmente nas ciências naturais-, quanto mais se converte a história universal em história propriamente dita, isto é, em história da cultura, a qual divide a si mesma em história social (isto é, da economia preferencialmente), história política e história do espírito. A história política ocupou até agora o primeiro plano, até o ponto de constituir o campo de trabalho próprio da “ciência histórica”; mas esta etapa deve ser considerada como superada. A sociologia aplicada parte necessariamente da base da vida econômica com a qual tampouco se preocupava um historiador tão grande como Ranke, porque seguramente não havia podido desprender-se de todo em sua consciência da lenda da origem sobrenatural da humanidade. Os fatos econômicos, a importância diversa das atividades rurais e urbanas – das grandes cidades sobretudo –, da criação de gado e do cultivo do campo, da indústria, do comércio, das atividades livres e douradas (em sua influência sobre a formação da comunidade e do Estado), assim como as atividades guerreiras: tudo isso arraigou-se tanto em nossa consciência que não poderá ser ignorado pela historiografia do porvir. Se a sociologia aplicada não há de obter outra coisa que benefícios da investigação histórica, a historiografia por sua vez não poderá por menos permitir a entrada nela dos pontos de vista da sociologia aplicada.

### **A observação das culturas como objeto da sociologia aplicada e como a sociologia aplicada desemboca no estudo do presente**

Tarefa muito semelhante à da sociologia aplicada, na medida em que tenta ser mais científica que a filosofia da história, é a observação de períodos culturais isolados das próprias culturas em seu desenvolvimento e morte. Apenas dois grandes casos estão abertos à

experiência e ao conhecimento científicos: um, acabado e completo, por poder observar-se em todo seu desenvolvimento –nascimento, crescimento, florescimento, decadência e ruína- e em seus frutos e resultados permanentes; o outro, incompleto, caracterizado por enormes inovações e progressos, e que só se pode conhecer até o limite de nosso viver contemporâneo, de tal maneira que unicamente com grande precaução ou com grandes reservas cabe tirar conclusões prematuras da comparação desta marcha evolutiva com a já fechada pelo tempo. Claro está que em muitos territórios do Oriente, muito distantes entre si, conhecemos também a existência de antiquíssimas evoluções culturais, e que algumas delas parecem desafiar a caducidade; tal se pensava ainda há poucos decênios da cultura chinesa, desde então em profunda crise, não menos que a do império japonês derivada daquela. Todas estas velhas culturas, iguais provavelmente àquelas outras cujos rastros foram descobertos no longínquo continente do Oeste, sociologicamente consideradas concebe-se estas culturas como perseverando duradouramente em seus fundamentos comunitários, ao que devem precisamente sua duração. Por isso também, depois de alcançar um alto grau de civilização na vida, nas artes e no pensamento, puderam permanecer largamente em certo estado de repouso pouco perturbado: porque seguiram sendo culturas predominantemente campesinas, aldeãs. A evolução da sociedade, das cidades, de onde sai e se generaliza o crescente povoamento e riqueza, o transformador intercâmbio de bens e o incessante movimento dos homens e de seus meios de transporte por terras e amplos mares, foi-lhes alheia até uma época muito moderna. Mas essa evolução já começou a exercer seus efeitos.

Estes efeitos são os que em dimensões relativamente pequenas percebemos na antiguidade helênico-romana, e em dimensões enormes na evolução histórica que envolve ainda nossa própria vida com resultados até o momento imprevisíveis: campo obrigatório da sociologia aplicada. Esta, com os meios auxiliares das formações conceituais e das teorias sociológicas, pode seguir até agora atual, em suas características fundamentais, a marcha histórica da evolução europeia que cada vez se estende mais sobre os outros continentes. A sociologia aplicada desemboca, pois, em uma investigação fundamental que

a investigação histórica não oferece: a da vida social contemporânea, concebida em sua marcha adiante, em sua incessante transformação.

Essa investigação, no entanto, é o que se propõe como objeto uma terceira parte da sociologia especial que por seu método trata de diferenciar-se tanto da sociologia pura como da aplicada. Este método consiste concretamente na investigação dos próprios fatos sociais; o método da observação e da comparação baseada nas observações: o método empírico, indutivo. Denominamo-la, portanto, sociologia empírica ou sociografia.

## **Estatística**

Os elementos da sociografia existem há muito tempo. Os fatos referentes ao povoamento e à vida econômica vinculada a ela são os fatos sociais mais gerais. Há séculos chamaram atenção de um modo crescente. Em um princípio teve-se em conta a informação estatal (*Notitia Rerum Publicarum*) a que correspondia o conhecimento da multidão da cidade e suas modificações. Tal informação devia satisfazer as necessidades do estadista, e como tarefa do estadista se considerou em todo o tempo o aumento da massa da cidade concretamente a “ação de povoar”. À informação estatal responde o nome de estatística; a expressão “constituição do Estado”, teve para Achnewall, o fundador da estatística como disciplina universitária, a significação de uma soma de verdadeiras “coisas notáveis do Estado” considerando como tais as coisas que se encontram verdadeiramente em uma nação e que importam sensivelmente a sua saúde pública por favorecê-la ou impedi-la. Assim a estatística se converteu em uma ciência auxiliar histórica. Uma direção especial dentro dela, desprezada a princípio, foi a estatística de tabelas tal como geográfico-estatísticas de todos os países do mundo editadas por Hübner e depois por Juraschek, e que antes como agora convidam a estabelecer comparações. Na Inglaterra, Escócia, Itália e França, e muito especialmente na Alemanha, este gênero de estatística teve um grande prestígio e exerceu grande influência. Com ela se acreditou poder medir as forças do Estado o que produziu em alguns doutos o resul-

tado de que no princípio do século XIX declarassem sem esperança toda luta contra o poder do conquistador corso. Em relação aparente com as tabelas, mas procedendo na realidade do interesse prático das companhias de seguros, cada vez mais em voga até então, surgiu a aritmética política, nome que se deve ao engenhoso amigo de Hobbes, William Petty, mas cuja obra mais importante é o livro de um teólogo prussiano, o predicador castrense *Süssmilch, Die göttliche Ordnung in den Veränderungen des menschlichen Geschlechts aus der Geburt, dem Tode und der Fortpflanzung desselben erwiesen* (primeira edição, 1741). A aritmética política era algo completamente distinto da estatística. Mas entrava em contato com ela dado a seu especial interesse pelo povoamento: particularmente íntima foi sem dúvida sua relação com a estatística de tabelas. Mas enquanto na estatística se havia posto o olhar em determinar a situação de um país, Estado ou territórios determinados, e em investigar suas causas, Süssmilch trata de estudar pura e simplesmente a ordem na vida e morte dos homens, que acha notável com fundamento quando se observa em grandes números. Nisso vê uma prova da sabedoria do governo divino, que se propôs em geral o aumento dos habitantes da Terra, a cujo fim faz que o número dos que morrem seja sempre superado um pouco pelo dos que nascem, e que seja chamado à vida quase o mesmo número de habitantes masculinos e femininos ainda que com um pequeno predomínio dos primeiros, posto que a mortalidade dos meninos é maior. Com uma orientação científico-naturalista mais livre Adolfo Quetelet prosseguiu estas observações, acreditando fundar assim a física da sociedade humana. Com este objeto criou o conceito do homem médio (*homme moyen*), cuja natureza acredita poder descobrir graças a um número suficientemente grande de acontecimentos da vida humana, tais como matrimônios, assassinatos, suicídios. Este matemático e astrônomo sustenta que a concepção justa de que as ações da vontade humana têm que se considerar tão condicionadas como quais outros acontecimentos da natureza; mas não leva a cabo com rigor esta concepção fundamental. Quetelet teve um êxito enorme. Seu maior êxito consiste em haver anuviado pouco a pouco a estatística cultivada com tanta paixão até então, e haver feito que o homem de estatística receba

um sentido completamente novo, ou, melhor dito, um duplo sentido: por um lado, o de simples método, por outro o de uma suposta ciência como aplicação daquele método, cuja essência se faz consistir na observação de massas, de massas *sociais*. Tanto um como outro significado da palavra estatística estão censurados com seu significado histórico. Que possa alcançar a meta por comparação de números, obtidos, estabelecidos e publicados oficialmente em cada país de modo diverso (quando se chega a fazer), que se possa alcançar uma ciência do movimento da população –isto é, dos nascimentos e mortes, matrimônios e divórcios, crimes, suicídios, e outros acontecimentos deste tipo que se sucedem normalmente em todas as partes-, é coisa que há que se pôr em dúvida, pois os fatos mesmo e sua comprovação são demasiadamente diversos segundo os costumes e leis de cada país e as práticas dos governos ou dos órgãos oficiais para que sejam realmente comparáveis partindo de números sucintos. Uma comparação tão extensa e vaga -a única possível- entre grandes territórios não conduz de modo algum ao conhecimento das causas dominantes em um território determinado, e neste sentido uma grande parte do que G. von Mayr ofereceu em sua obra *Statistik und Gesellschaftslehre* é de valor duvidoso, não obstante ser composta com extraordinária aplicação e ser em todo caso importante e proveitosa.

## **Sociografia**

A sociografia reúne outra vez o problema da antiga estatística, mas com mais amplos meios de conhecimento e sem aspirar, com êxito bem duvidoso, a restabelecer até o nome, como ainda tentou Wappäus inutilmente, que realizou por outra parte um importante trabalho no sentido da nova estatística. A sociografia, igual à antiga estatística, se propõe como objeto o estudo dos países e de suas gentes, portanto, está orientada de modo mais imediato ao estudo de um território determinado e de determinados homens como habitante do mesmo. Portanto, seu material encontra-se em primeiro lugar nos dados que lhe proporciona, tanto a ela quanto à suposta

ciência estatística, a ciência oficial ou administrativa, e não é ocioso recordar que os centros oficiais estatísticos surgiram partindo totalmente do sentido e vontade da velha estatística científica. Mas se a que hoje se chama “estatística como ciência” pode satisfazer-se com o aproveitamento dos resultados da estatística oficial, baseando-se em exposições que são por natureza sociográficas- as da economia nacional e do comércio, por exemplo, com isso, no entanto, não se pode satisfazer um espírito mais rigorosamente científico. As publicações oficiais são necessariamente limitadas, e por outro lado, mais que a fins científicos servem aos da administração do governo. A sociografia teria de examinar este mesmo material de acordo com suas próprias intenções. É o que sucede nos centros oficiais de estatística quando para a preparação de um material determinado se chama uma personalidade especializada que procede com interesse verdadeiramente científico; mas está claro que não é este um caso muito frequente e que fica na margem e acima da própria missão oficial. As comunicações impressas das oficinas de estatística são na maioria dos casos composições que costumam ir acompanhadas cada vez com mais frequência de desenhos, imagens, diagramas e cartogramas, para facilitar a visão de conjunto. Costuma realizar-se também um trabalho sério em descobrir as causas das diferenças existentes entre os fatos médios que são mais suscetíveis de comparação mediante cifras relativas. Reprendendo os órgãos oficiais por seu temor às tabelas, von Mayr aponta ao mesmo tempo que unicamente pode obter-se uma compreensão profunda da significação dos números que ele representa por meio de amplos estudos geográficos espaciais e por investigação das tendências temporais evolutivas, pelo que pude saber, von Mayr não investigou e não fez investigar nunca o material primário da estatística, ainda em um campo limitado, como, por exemplo, a cidade de Munique, pôde-se obter alguns resultados úteis para esclarecer problemas que a ele interessavam especialmente. É bem compreensível que a sociografia tenha que se basear nessas investigações geográficas de detalhe que von Mayr omite, desejando-se tão somente como complemento: só assim se consegue um procedimento verdadeiramente científico. Se eu combato a habitual maneira de estabelecer e comparar observações

quaisquer de fatos sociais, nisso tenho também um valioso antecessor em Wappäus, que diz, entre outras coisas: “na estatística, deixar falar os números por si só é possível unicamente quando quem põe os números tem um conhecimento completo e exato das relações reais de que se trata”. Eu diria: o sociógrafo tem que apoiar-se em terreno seguro, tem que conhecer gentes e lugares de outro modo que não através de números que o olhem fixos dos livros. Assim, pelo menos poderá interpretar posteriormente de modo mais seguro os números analisados por ele. É, pois, evidente que o sociógrafo, há de ater-se no possível a sua pátria ou ao lugar de sua residência, ainda que empregue os métodos da estatística para penetrar as conexões existentes. Deste modo a sociografia põe-se em contato com outras matérias cultivadas hoje com maior ou menor interesse, como o folclore, a geografia estatística e a investigação antropológica. A sociografia deveria ser o ponto central de tais investigações e constituir uma só disciplina científica unindo os métodos estatísticos com outros métodos de observação acessíveis. A cooperação sistemática haverá de ser indispensável. Dita cooperação se vê estimulada entre os membros da Sociedade Alemã de Sociologia, alguns dos quais já se deram a conhecer como investigadores familiarizados com os métodos estatísticos. Cabe esperar que entre os membros da Sociedade Alemã de Estatística, como estatísticos de profissão, exista uma plena compreensão da ideia da sociografia, ou seja, de sua diferenciação como ciência com respeito à suposta estatística atual, e que dita compreensão haverá de aumentar e de estender-se.

## **Métodos**

A sociologia, em sua significação de conjunto como investigação da vida social, teve no transcurso dos últimos oitenta anos uma importância cada vez maior. Este crescente interesse se vê dificultado pelo fato de que muitas vezes é compreendida exclusivamente como ciência de conceitos, e está claro que entre o grande número daqueles que tomam parte ativa na investigação da vida social, bem como personalidades da política geral, ou como políticos e reformadores



sociais em particular, os doutos, que foram os que desenvolveram e cultivaram o interesse puramente teórico e filosófico, não podem ser numerosos. Algo distinto sucede quando à sociologia se enlaçam investigações empíricas.

A nova estatística se caracteriza por não poder pôr pé seguro no círculo das ciências, das ciências acadêmicas sobretudo. Quando se ensina estatística se trata normalmente do método estatístico, de um método elaborado pelos matemáticos, que até se apresenta como um ramo da matemática, e que muito poucas investigações científico-sociais estão em condições de utilizar praticamente. Em vez disso, von Mayr -que está tão longe do método matemático- ensinou e expôs em sua grande obra como estatística científica, permanece em conjunto completamente alheio ao ensino superior. A enorme diferença existente entre esta suposta ciência e aquele método -cujo refinamento e perfeição é hoje muito mais útil para o astrônomo e para o físico que para nós sociólogos-, ou não é conhecida, ou não se acredita que valha a pena compreendê-la.

A frase do grande matemático Laplace em seu tratado sobre as possibilidades, posta por Quetelet na frente de sua obra sobre o homem, vale também para a sociografia:

“Empreguemos nas ciências morais e políticas o método fundado na observação e no cálculo, esse método que na ciência natural nos rendeu já serviços excelentes.”

Aqui entra também em consideração o cálculo de probabilidades, mas seu campo de ação está rigorosamente limitado; os fatos da vida social se diferenciam tanto daqueles outros dos que o investigador da natureza se ocupa, que não se há de perder de vista a diferença, pois neles sempre intervém as formas da vontade social, das entidades sociais, que não tem igual na natureza.

Por isso haverá de ser favorável para as investigações sociográficas da familiaridade com os conceitos da sociologia pura. Os fatos mesmos e sua casualidade voltam a remeter a ela em grande parte; mas isto não constitui motivo suficiente para deixar de compreendê-los e de interpretá-los ao mesmo tempo como fatos da natureza, se esta se concebe em seu sentido amplo e adequado.

## **Parte 3**

### **Campo e propósito da sociologia aplicada**



# A SOCIOLOGIA APLICÁVEL\*

HERBERT NEWHARD SHENTON\*\*

*Para a mente científica, o universo é ordem;  
para a mente prática, é possibilidade*

Franklin H. Giddings

A compreensão sociológica é poder social. Esta modificação do antigo aforismo *Wissenschaft ist Macht*<sup>1</sup> simboliza aquilo que inspirou as pessoas de mente prática no estudo científico da sociedade. Para elas, a sociologia é uma ciência do controle social e, portanto, de realização social. Esperam que a sociologia revele novas fontes de poder social e forneça formas e meios de usá-las. Estas pessoas de mentalidade prática também esperam que surja uma sociologia praticamente aplicável, como as ciências naturais o foram no século XIX. Acreditam que isso será concomitante ao desenvolvimento intensivo da sociologia como ciência social especial.

Há, por outro lado, os que buscam a verdade e a compreensão pela via da sociologia por causa de interesses de um tipo mais filosófico. Desejam uma descrição mais precisa e abrangente da sociedade, das relações humanas e do comportamento social. Seu desiderato é um conhecimento mais perfeito da relação entre o imediato e as condições e fenômenos sociais mais remotos. Em geral, têm interesse pelo menos secundário em orientação e adaptação. Sua busca, na medida em que encontra sua satisfação na

---

\* Extraído de SHENTON, H.N. *The practical application of Sociology: a study of the scope and purpose of applied Sociology*. New York: Columbia University Press, 1927, p.21-41. Tradução de Frank Ferreira.

\*\* (1884-1936) Sociólogo estadunidense, foi professor de Sociologia na Universidade de Columbia e na Universidade de Syracuse em Nova Iorque.

1. "A ciência é poder". Em alemão (com a grafia "Wissenchaft") no original publicado em 1927 (nota do tradutor).

sociologia, encontra-se em uma sociologia que é principalmente uma filosofia social positiva. Esses pesquisadores ficam satisfeitos se a sociologia ampliar sua compreensão geral. De fato, alguns desses sociólogos mais ou menos “puros” encaram com desconfiança qualquer sociologia enraizada em empirismos e validada por testes pragmáticos.

Mas mesmo essa filosofia social positiva é, em si mesma, de valor prático para a construção de uma ética mais sólida para a determinação de objetivos sociais práticos e para a formulação de políticas abrangentes e perspicazes. Até há alguns anos, estes eram considerados não apenas os mais importantes, mas também todos os valores práticos da sociologia. São valores práticos da sociologia *geral*, e o desenvolvimento normal da sociologia geral aumentará, sem dúvida, seu valor prático em cada um desses campos. Mas os valores práticos da sociologia como filosofia social positiva não são necessariamente os mesmos da sociologia como ciência social especial.

Sem, de forma alguma, desconsiderar os valores práticos da filosofia social, deve-se atentar para outro grupo de valores práticos agrupados em torno do desenvolvimento intensivo dos valores da sociologia como ciência especial das relações sociais e do comportamento. Aqueles que estão ativamente envolvidos na efetivação de mudanças sociais imediatas, específicas e concretas e aqueles que realmente exercem e direcionam o controle social desejam saber se a sociologia tem ou pode ter algum valor prático para eles. Querem saber se as teorias dos sociólogos funcionam. Exigem testes pragmáticos. Ao se defrontar com problemas sociais que exigem ação imediata, as pessoas percebem constantemente a inadequação de seus empirismos. Anseiam por um método firme que substitua o empirismo pela ciência. A sociologia suportará testes pragmáticos e oferecerá alternativas superiores para os empirismos? Qual o seu valor para quem tem mentalidade pragmática e deseja uma ciência do controle social e da economia social? O que oferece àqueles que procuram substituir reformas esporádicas e românticas por uma engenharia social ou societária preventiva e construtiva?

## Empiristas sociais

Entre as pessoas de mentalidade prática, há muitos empiristas sociais, experimentadores de práticas sociais que não têm conhecimento adequado dos princípios sociológicos. Às vezes, suas atividades são muito mais eficazes que científicas. Eventualmente, eles são, metaforicamente falando, alquimistas sociais que deixam um rastro de esperanças naufragadas na esteira de seus inseguros e dispendiosos experimentos. Muitos empiristas sociais são conscienciosos e de mente elevada, e seu pecado é menos o motivo que o método. Pois é muito provável que tentativas demasiado ambiciosas de controlar ou mudar a sociedade com base em inadequadas fórmulas empíricas, projetadas seja por charlatães, seja por abnegados missionários do idealismo social, precipitem a catástrofe social.

Uma socialização empírica é inútil,<sup>2</sup> mas, por outro lado, existe um campo para generalização empírica. Spencer chama atenção para o fato de que a generalização empírica que orienta o agricultor em sua rotação de culturas serve para harmonizar sua ação com algumas das ações que incidem sobre as plantas e o solo.<sup>3</sup> O fato é que, quando os homens se defrontam com a necessidade de fazer uma mudança social ou de interferir em tal processo, usam o conhecimento que possuem. Quando não têm fórmulas suportadas por leis ou teorias estabelecidas, recorrem à ação baseada em empirismos. Como observações específicas dentro de campos de alcance estreito, alguns desses empirismos tornam-se muito úteis. Revelam maneiras que funcionam em condições e circunstâncias específicas. Assim, surgiram vários procedimentos empíricos para assistência, reformas, reabilitação, saúde pública, recreação e outros trabalhos assistenciais. Da mesma forma, métodos empíricos foram desenvolvidos por experimentos esporádicos e limitados em gestão e administração de pessoal, propaganda, campanhas e moldagem da opinião pública, em conciliação, arbitragem e várias

---

2. Cf. N. M. Butler (1915) *The Meaning of education*, p. 8 – ‘an empirical education is futile’.

3. Herbert Spencer. *Principles of Biology* (1900-1901) – sec. 28. Cf. *The study of Sociology*, 1873, p. 857.

formas de mediação e num incrível número de outras artes sociais práticas, algumas das quais serão discutidas mais adiante, em um capítulo dedicado à arte social.

Por milênios, os homens aprenderam formas e meios de influenciar seus semelhantes e também métodos de desenvolver adaptação grupal e autocontrole social. Existe, como resultado, uma riqueza de *maneiras que funcionam*, recebidas das experiências de incalculáveis gerações. Uma seleção prática está sempre marcando algumas dessas maneiras como *sadias* e outras como *não confiáveis*. As primeiras tendem a sobreviver, as últimas a perecer. As *formas e meios sadios* são matérias-primas para a sociologia.

O destino dos empiristas sociais depende da validade de seus empirismos. Suas esperanças futuras repousam na melhoria de suas fórmulas empíricas. Muitos dos empiristas que percebem as limitações dos empirismos com os quais agora são forçados a operar estão dispostos a trocar métodos empíricos por métodos científicos, quando e onde isto for viável. O escrutínio científico do empirismo social e o teste, o refinamento e a coordenação dessas teorias empíricas por sociólogos competentes devem enriquecer a sociologia, aumentar seus valores práticos e auxiliar os empiristas sociais que se tornariam engenheiros sociais.

## **Pragmáticos sociais**

Toda empresa tem fases sociais, e os fatores societários entram nas circunstâncias e condições determinantes de cada negócio. Ultimamente, os homens de negócios perspicazes têm se conscientizado desse fato. Contudo, ainda não estão convencidos de que a sociologia, de forma explícita ou mesmo inerente, tenha algum valor sério para lidar com tais fases sociais e fatores societários. Alguns empresários admitem que os fins para os quais os negócios existem são humanos, sociais e societários. Mas, quando tentam reorganizar seus negócios de modo a torná-los um empreendimento social superior, ficam confusos com a indefinição e a impraticabilidade das abstrações e generalizações da sociologia.

Não são poucos os homens de negócios que buscam experiências para democratizar suas minas, usinas, fábricas e mercados e que estão dispostos a ampliar a participação no controle e nos lucros das instituições que dirigem. Eles não creem que têm o direito, seja no melhor interesse de sua própria instituição, seja no da indústria em geral, de basear tais programas revolucionários em vagas, efêmeras e inadequadas abstrações sociológicas, com pouca ou nenhuma validade pragmaticamente estabelecida. Nem se sentem justificados para entregar a tarefa a experimentadores românticos. Estão à espera de engenheiros sociais que possam demonstrar sua competência para a tarefa. Aqui é bem significativo notar que nenhum grupo em particular de pragmáticos sociais apresentou interesse mais inteligente e avaliação mais séria dos valores práticos potenciais da sociologia do que os engenheiros profissionais. Talvez os engenheiros sociais sejam recrutados em grande número das fileiras dos atuais engenheiros profissionais. O fato é que os idealistas e os missionários sociais no campo da indústria fazem com que sociólogos e economistas sociais se defrontem com uma “porta aberta” que não estão prontos para atravessar. Têm à sua frente necessidades e possibilidades, para atender às quais não mostraram preparação adequada. Será que existem na sociologia os valores práticos de que esses pragmáticos precisam, e, se sim, como podem ser desenvolvidos e explicitados? Será que não é possível desenvolver um conhecimento sociológico praticamente útil da participação humana e da experiência compartilhada? Tendo como hipóteses de trabalho as generalizações abstraídas da observação de milênios de esforços de seres humanos para participar efetivamente em empreendimentos grupais, será que não é possível estabelecer um tal programa de escrutínio científico das práticas em voga e de experimentação sociologicamente supervisionada que forneça ao homem de negócios uma sociologia da participação sólida e ao mesmo tempo praticamente útil? Desse modo, será que não é possível realizar duas finalidades do mesmo procedimento — (1) refinar as teorias gerais de participação e experiência compartilhada no interesse da compreensão humana e (2) organizar sistematicamente um corpo concreto de conhecimento sociológico em termos



tais que o tornem disponível para aplicação prática (inclusive em experimentos posteriores), onde quer que os homens estejam a trabalhar com problemas específicos de participação humana em experiências compartilhadas?

Uma mera sociologia do “entendimento geral”, por mais valiosa que seja para outros propósitos, não é suficiente para as necessidades concretas e específicas dos negócios. Os pragmáticos sociais do mundo dos negócios desejam uma sociologia adaptada, em forma e terminologia, às necessidades e possibilidades de trabalho a ser feito. Eles têm “encomendas” sociais em suas mãos. Eles são pressionados por “entregas”. Não se arriscam a usar dispositivos sociológicos não testados, quando sabem que dispositivos empíricos lhes permitirão fazer negócios. Querem e estão dispostos a pagar bem por processos produtivos superiores, mas, na maioria dos casos, não têm tempo nem capacidade de encontrá-los, projetá-los ou inventá-los. Eles são principalmente produtores e controladores que buscam sociólogos para recursos e meios superiores e que buscam engenheiros sociais e artistas sociais para efetivamente estabelecer e direcionar os mecanismos sociais superiores. Estão muito interessados em qualquer sociologia que passe no teste pragmático.

## **O valor dos testes pragmáticos**

Sem discutir a relação em proporção ou tipo que os testes pragmáticos podem ter na determinação do valor final de uma teoria, é razoável afirmar que as sanções pragmáticas são evidências de validade. Nas mesmas condições, as teorias sociais que podem ser demonstradas como viáveis têm um valor maior e além das que não foram testadas e provadas. Além disso, os testes pragmáticos, não raramente, apresentam corretivos para a teoria que podem não ser encontrados de outra maneira.

A demanda por uma sociologia viável torna mais fácil desenvolver testes pragmáticos do que outras verificações de validade. É mais fácil obter apoio financeiro para pesquisa em verificação pragmática do que para qualquer outro tipo de verificação. Se as

críticas dos pragmáticos fossem coletadas e organizadas e suas contribuições recebessem o lugar correto e proporcional na revisão e no desenvolvimento da teoria social, pareceria que o resultado precisa ser tanto um refinamento da teoria quanto uma extensão do valor da sociologia. O desenvolvimento de uma sólida teoria sociológica depende, em última análise, da pesquisa, e os homens devem, em grande parte, levar sua pesquisa para onde possam encontrá-la. Não importa o *impulso*, desde que este produza os recursos e as oportunidades de genuína investigação científica. Talvez o motivo daqueles que tornam a pesquisa possível seja romântico, pessoal ou egoísta. Talvez até o ideoemocionalista ou o dogmático-emocionalista concordem ocasionalmente em fazer concessões ao racionalismo prático, se acharem que é lucrativo. De fato, a maioria das ciências foi enriquecida por pesquisas patrocinadas por pragmáticos e empiristas e pela capitalização dos desejos dos homens pela realização, mais ou menos independentemente do *impulso* ou do *motivo* por trás do desejo.

Os valores práticos da sociologia estão apenas começando a se entremostrear no horizonte. O valor prático das ciências naturais foi revelado há mais de um século, e o da psicologia foi amplamente anunciado durante os primeiros anos do século XX. Estes devem vir em primeiro lugar. A continuação inevitável é a sociologia praticável. Não é necessário apelar para uma sociologia praticamente útil. As *qualidades* e a *necessidade*, as *possibilidades* e o *desejo* determinarão o resultado. Se houver valores práticos da sociologia, serão obrigatoriamente desenvolvidos, e isso logo de início. As questões de interesse primordial são, portanto: (1) existe sensível necessidade de uma sociologia? (2) Há alguma tentativa de desenvolver tal sociologia? (3) Quais as possibilidades práticas da sociologia? E (4) como as necessidades e as possibilidades podem ser satisfeitas no melhor interesse da teoria da boa teoria e da boa prática? Todos esses pontos serão detalhadamente considerados no lugar apropriado, nos próximos capítulos. A investigação mais imediata diz respeito à natureza geral da lacuna entre teoria e prática e os prováveis procedimentos para preenchê-la.

## **A sociologia aplicável**

Entre a teoria sociológica geral e uma infinita variedade de práticas sociais, existe atualmente uma grande lacuna que precisa ser superada, se a teoria e a prática contribuírem uma para com a outra. Do lado dos sociólogos, a abordagem será, sem dúvida, uma projeção da teoria pragmaticamente testada. A abordagem do lado dos praticantes será a generalização constante de empirismos. Quando os dois estiverem efetivamente reunidos, haverá uma ligação eficaz entre teoria e prática — uma sociologia aplicável e uma prática sociológica. Submetida ao mais rigoroso dos testes pragmáticos, a sociologia não será menos verdadeiramente sociológica, mas a sociologia muito especificamente verificada. A prática, ao passar das reformas empíricas para a engenharia social científica, não será menos um melhoramento social, mas mais uma economia e um benefício superior. A ligação será realizada por meio da cooperação entre sociólogos de mentalidade prática e profissionais de engenharia humana de mente sociológica.

O resultado estrutural deste projeto cooperativo será um corpo (ou corpos) de sociologia utilizável — uma organização da sociologia aplicável no campo da sociologia geral. Será usado para possibilitar a engenharia de mudanças sociais por fórmulas baseadas em sólida teoria sociológica. Também terá função interpretativa e de esclarecimento entre a teoria social e a prática social. Logicamente, tal corpo de conhecimento deveria ser chamado de *sociologia aplicável*. De acordo com o costume, será quase indubitavelmente chamado de *sociologia aplicada*. Uma vez que este último nome ou título parece inevitável, e uma vez que está de acordo com o uso comum em relação a outras ciências aplicáveis, a sociologia aplicável será designada daqui em diante, neste texto, como *sociologia aplicada*.

## **Sociologia aplicada e outras aplicações da sociologia**

Os termos “sociologia aplicada”, como usados neste estudo, referem-se a um corpo sistematicamente organizado de conhecimento sociológico praticamente útil para a engenharia humana, social e

societária. É considerado uma subdivisão da sociologia. Não é uma ciência nova, mas desenvolvimento e exploração das possibilidades práticas da sociologia observacional objetiva e quantitativa. Uma vez que os termos “sociologia aplicada” foram definidos de outra maneira, parece desejável neste momento afirmar as diferenças entre as outras interpretações atuais desses termos e as aqui defendidas. Como a sociologia tem sido amplamente utilizada para a formulação de ética social e de política social, alguns sociólogos consideram que o domínio da sociologia aplicada é idêntico a ambos, ou tanto à ética social como à política social. É ilógico e confuso assim nomear as partes dos domínios da ética social e da política social que se sobrepõem ao da sociologia. Embora certamente haja bases sociológicas para a ética social e a política social, as últimas são mais do que uma sociologia aplicada e não começam a representar todas as possíveis aplicações da sociologia. A sociologia também tem sido usada de várias maneiras pelos assistentes sociais e, de fato, tanto que a assistência social não raro é descrita como uma sociologia aplicada. Mas a assistência social depende de outras ciências sociais além da sociologia, e existem outras aplicações da sociologia além de sua aplicação à assistência social. Assim, embora a assistência social faça uso da sociologia e, sem dúvida, faça uso de *sociologia aplicada*, não é idêntica a esta última. As diferenças entre sociologia aplicada e ética social, política social e assistência social são apresentadas neste capítulo. As relações da *sociologia aplicada* com a ética social, a política social, a assistência social e outras aplicações da sociologia geral são o tema da segunda parte desta dissertação.

## **A sociologia aplicada e a ética social**

Até agora, a utilidade mais evidente da sociologia residia em sua contribuição para a ética social e para a política social. Isso foi tão longe que muitos sociólogos estão acostumados a supor que as funções da sociologia aplicada e da ética social são as mesmas e que os campos das duas são quase, se não completamente, mutuamente inclusivos. Uma sociologia aplicada que preencha a lacuna

entre a teoria e a prática em construção e controle, como se acabou de indicar, precisa ser muito diferente da forma ou do tipo de sociologia essencial para o desenvolvimento da ética social superior. Quanto à relação íntima entre sociologia e ética, não pode haver dúvidas. Como o professor Hayes comentou, a sociologia “não pode escapar daquelas mesmas questões que são problemas de ética”.<sup>4</sup> Isso é certamente verdadeiro para a sociologia como filosofia social positiva e provavelmente é verdade até mesmo para a ciência especial. Mas, por mais valiosa que possa ser para transformar a ética social empírica em ética social científica, a sociologia tem valores práticos que são igualmente importantes e que não estão de modo algum relacionados à ética. Como a sociologia torna-se cada vez mais uma ciência de relacionamentos e comportamentos, de probabilidade e de controle, suas possibilidades emprestam-se para os inescrupulosos com a mesma facilidade com que para os de mentalidade ética ou socialmente orientada. A sociologia como ciência especial pode não ter mais controle sobre os fins éticos de sua aplicação do que a química. O exemplo a seguir sugere a variedade de aplicações sociais, sociais ou antissociais que podem ser feitas de uma das descobertas da química. Hoje, um alguém pode ir para a guerra e lutar sob uma bandeira tingida de ácido pícrico, pode ser ferido ou queimado por um explosivo contendo ácido pícrico e pode ter sua queimadura coberta e curada com ácido pícrico. A sociologia aplicada pode estar disponível para mudanças anabólicas ou catabólicas, e também estará disponível tanto para a assistência social quanto para o bem-estar social, podendo ser usada para exploração ou para serviço e cooperação. A sociologia praticável pode ser usada para guerrear ou para trazer a paz, para conspiração e revolta ou para arbitragem e conciliação. Não há como desenvolver uma ciência que impeça que esteja igualmente disponível para projetos sociais construtivos e destrutivos. Como ciência de controle social prático, qualquer sociologia aplicável pode ser usada para o bem ou para o mal, de acordo com o desejo

---

4. Edward Cary Hayes, *Sociology and Ethics*, 1921, p. 31, 88.

daqueles que a usam. Uma exposição mais extensa dessa ideia, juntamente com uma apreciação da necessidade crescente de uma ética social cientificamente estabelecida, proporcionada às novas demandas que acompanham o desenvolvimento da filosofia social positiva dinâmica e da sociologia praticamente útil, é feita no primeiro capítulo da segunda parte deste estudo.

A sociologia aplicada e a política social. A sociologia é de valor prático para aqueles que estão empenhados em elaborar políticas sociais. O valor superior da filosofia social positiva pragmática sobre a filosofia metafísica e especulativa para a determinação da política social já foi reconhecido há muito tempo. À primeira vista, a sociologia evolutiva é valiosa para a escolha de linhas de conduta em termos da maneira como estas se encaixam em outras e, por vezes, mais amplas linhas e tendências da evolução social. Uma vez que o valor prático da sociologia como base da política social foi discutido por Comte e Spencer, e desde então por quase todos os sociólogos de mentalidade prática de todos os países, é difícil escrever algo que acrescente à sua apreciação. O professor Harry Elmer Barnes<sup>5</sup> publicou recentemente um volume que é uma apreciação abrangente dos valores práticos da sociologia no campo da política. No discurso presidencial perante a American Sociological Society (1910), o professor Giddings apresentou uma apreciação sumária do serviço que a sociologia pode prestar neste campo.<sup>6</sup> O número atual de sociólogos treinados chamados à participação ativa na determinação de políticas talvez seja um fato mais eloquente do que qualquer declaração já feita sobre a utilidade prática da sociologia para fins de política.

A sociologia, portanto, é de valor prático tanto para o desenvolvimento da ética quanto para a formulação da política social. Na primeira, é útil para converter a ética social empírica na ética social científica, na medida em que isso seja possível. Na última, ajuda a mudar a base para a formação de políticas sociais da filosofia espe-

---

5. Harry Elmer Barnes, *Sociology and Political Theory*, 1897.

6. *Proceedings of American Sociological Society*, vol. v. Também, com pequenas revisões, no capítulo XIII de seu *Studies in the Theory of Human Society*, 1922.

culativa e metafísica para a filosofia positiva pragmática. Esses valores práticos são naturalmente inerentes à sociologia geral como uma filosofia social positiva. Podem ser extraídos diretamente da sociologia geral e não requerem organização especial de conhecimento sociológico, tal como é um requisito essencial na derivação de formas e meios específicos para atingir fins sociais imediatos. Quaisquer atividades para a consecução de objetivos eticamente aprovados ou para levar a cabo os detalhes da política social dependerão, obviamente, da *sociologia aplicada*.

## **A sociologia aplicada e as artes sociais**

A sociologia aplicada é uma ciência e é distintamente diferente da prática social, que é uma arte. Aqueles que realmente aplicam a sociologia à solução de problemas sociais e à efetivação de mudança social são assistentes sociais e artistas sociais profissionais. Cada arte social e profissão social, sem dúvida, desenvolverá sua própria técnica científica. *A sociologia aplicada, como aqui concebida, é um corpo de conhecimento sociológico especialmente selecionado, apresentado, interpretado e organizado para aqueles que estão se esforçando para usar a sociologia efetivamente para a realização de fins sociais próximos.* Pode haver uma sociologia geral aplicada e uma sociologia aplicada especializada. A primeira deve incluir tal sociologia como em geral é útil para a solução de todos os problemas sociais, e a última serão enunciados mais intensivos e elaborados da sociologia, especialmente aplicáveis a um limitado número de problemas específicos.

Uma distinção deve ser feita entre o desenvolvimento de uma *sociologia aplicada* como um corpo organizado de conhecimento e a aplicação da sociologia como prática. A primeira pode se desenvolver a partir da última, e esta pode depender cada vez mais da primeira, mas há necessidade de discriminação cuidadosa no interesse de um pensamento claro e construtivo. Tanto o cientista quanto o praticante, sob certas circunstâncias, podem reivindicar o título de *sociólogo*; e as funções da pesquisa e da prática são em

geral desempenhadas pela mesma pessoa. Isso, no entanto, não invalida de forma alguma a alegação de que são dois processos distintos. Muito dano resultou da confusão do tema e de seu uso prático. Espera-se que as sugestões oferecidas na segunda parte deste estudo sejam uma contribuição substancial para um pensamento mais claro e menos confusão no debate desses processos intimamente relacionados. Mais especificamente, é desejável aprender (1) como cada um pode contribuir para o outro, (2) como cada um depende do outro e (3) como, no futuro, as necessidades e oportunidades da prática provavelmente determinarão a organização e o desenvolvimento da ciência.

## **A sociologia aplicada e a sociologia geral**

O desenvolvimento de uma sociologia aplicada deve criar uma apreciação maior e mais profunda da sociologia geral. Os sociólogos gerais fizeram várias objeções ao desenvolvimento de uma sociologia aplicada. Algumas dessas objeções eram de natureza temporária e baseadas no fato de que a sociologia não estava suficientemente desenvolvida para esse fim; ou que não era sensato acelerar o conhecimento do controle social antes de nos informarmos melhor sobre o fim para o qual tal controle deveria ser direcionado. Algumas das objeções eram mais permanentes e se baseavam em uma filosofia geral de *laissez faire* social que naturalmente se opunha a uma ciência que deveria facilitar a conquista do controle social, e outras se deviam ao medo das tendências naturais à sociologia utilitarista e à possibilidade de que uma sociologia utilitarista tenderia a afogar ou sufocar a sociologia geral. Há alguma verdade em cada uma dessas objeções, mas permanece o fato de que a sociologia aplicada já existe e está se desenvolvendo rapidamente. O principal negócio diante dos sociólogos é, portanto, não formar uma opinião sobre se a sociologia aplicada deve ou não existir, mas decidir qual tendência devem dar à sua descendência, que cresce rapidamente, e que relação esta deve ter com a sociologia geral, por um lado, e com as artes sociais, por outro.



## Os começos de uma sociologia aplicada

“Você com certeza não pretende deliberadamente desejar à sociologia todos os males dos quais as outras ciências sofreram a terrível dicotomia, pura e aplicada.” Esta foi a resposta imediata de um colega com longa experiência nos problemas técnicos e administrativos da ciência pura quando ouviu o título desta proposta de estudo. O tom do químico era solene. Felizmente, a responsabilidade por essa grave catástrofe, se assim for, não assentará em um trabalho deste tipo. O ato genético já ocorreu há muito tempo. Por um lado, temos sociólogos que estão falando de sociologia pura, de *sociologia geral*, de *teoria da sociedade* e, de diversas maneiras, descrevendo sociologia teórica geral. Por outro lado, Lester Ward, desde há muito, nos introduziu a distinções da *sociologia aplicada* e da *sociologia dinâmica*. Charles R. Henderson e Carroll D. Wright inauguraram a *tecnologia social* e a *sociologia prática*; Simon N. Patten e Edward T. Devine aceitaram e usaram os termos *economia social* que o professor Giddings havia sugerido. Por muitos anos, a literatura sociológica vem se acumulando em torno desses focos, assim como em torno dos termos *problemas sociais*. O fato é que, no ensino em geral, e na pesquisa em grande medida, há na prática uma distinção que se desenvolve rapidamente entre o campo da sociologia pura ou geral e o campo da sociologia prática ou aplicada.

Talvez nossos amigos cientistas puros e naturais sejam os mais responsáveis pela necessidade de pensar em termos da dicotomia. Pois quase toda ciência especial, abstrata e concreta, produziu à pressão e se tornou a base de um ou de muitas aplicações úteis da ciência. Muitos, mas não todos, são chamados de *ciência aplicada*. A geografia oferece uma *geografia comercial*, e a economia tem os *negócios* como saída principal de sua aplicação. Recentemente, a psicologia deu lugar ao movimento que parece ter começado com as ciências puras e passou para as ciências mais concretas, e o campo da *psicologia aplicada* está rapidamente ganhando reconhecimento. Se, por acaso, houver realmente um campo da psicologia social, poderemos em breve deparar com um campo da *psicologia social aplicada* distintamente reconhecido. Um termo como esse por certo

estaria intimamente relacionado à sociologia aplicada, e os campos dos dois sem dúvida se sobreporiam.

## **A Sociologia aplicada especializada**

Ao mesmo tempo em que tem havido esforços para iniciar a formação de uma sociologia aplicada geral, tem havido muitas iniciativas de sociologia utilizável especializada. Estas proliferaram entre pessoas que lidavam com processos como educação e legislação. Uma assumiu a forma de uma *sociologia educacional* e a outra desenvolveu *princípios subjacentes à legislação social*. Ocasionalmente, estão em termos de grupos de localidade, como *sociologia rural* e *sociologia comunitária*, ou em especialização ainda mais alta, como *liderança comunitária* e *organização comunitária*. Muitas vezes, cresceram em conexão com problemas em parte sociais e em parte econômicos, e como parte integrante da economia social, de princípios de alívio, de diagnóstico social, de trabalho de assentamento, de assimilação, de conciliação e de outras atividades ainda mais especializadas. Estes não são mais que típicos de quase inúmeros inícios de tentativas de usar a sociologia de maneira prática. Novos esforços desse tipo estão aparecendo em todo lado, e parece não haver limite para as possibilidades. Uma das necessidades de todos esses praticantes que usam da sociologia é um meio pelo qual os especialistas de um campo podem mais facilmente esclarecer os problemas que têm em comum com especialistas de outros campos. Este meio deve ser uma função de uma sociologia aplicada geral comumente aceita.

## **As possibilidades de uma sociologia aplicada**

Nenhum projeto para uma sociologia aplicada deve se basear apenas nas necessidades geralmente reconhecidas ou ser proporcionado em termos dos começos especializados já realizados. Uma sociologia aplicada que deve continuar adequada precisa ser organizada com o objetivo de incluir todas as possibilidades de aplicação da ciência que,

de alguma forma, possam ser supostas. Também deve ser organizada em um esquema tão abrangente e sociologicamente fundamental que seja receptivo ou facilmente adaptável a todas as novas possibilidades de uso que possam ocorrer. A sociologia aplicada tem possibilidades onde quer que haja negociação em termos de valores sociais ou onde quer que haja uma tentativa de efetuar mudanças sociais, manter o status quo social, exercer, de qualquer maneira, controle social ou fazer uso de processos sociais. É muito provável que em breve haverá (1) especialistas no uso dos fragmentos mais viáveis da sociologia para a análise, o diagnóstico e a definição de problemas sociais e para a elaboração de projetos sociais e (2) especialistas nas aplicações das teorias da sociologia geral a processos sociais particulares e (3) aqueles que sejam principalmente empiristas e pragmáticos, mas que desejem suplementar seus esforços pelo uso da sociologia, se isso de algum modo aumentar sua eficácia na realização social. Um capítulo deste volume dedica-se a sugestões das possíveis ramificações da sociologia aplicada, lidando especialmente com possibilidades ainda não desenvolvidas e, em alguns casos, provavelmente nunca descritas até agora.

## **A função da sociologia aplicada**

A primeira impressão que se tem depois de revisar os inícios que foram feitos para atender à necessidade de uma sociologia aplicável é que *a sociologia aplicada é uma ciência de controle social*. É uma ciência a ser usada para fazer o que Ward chama de mudanças *artificiais* na sociedade. É uma ciência seja *para manter a sociedade como esta é ou para alterá-la*, seja para a vantagem do alterador ou com uma intenção de melhoria social. Alguns sociólogos enfatizam o fato de que deveria haver uma sociologia que os assistentes sociais possam entender — uma sociologia escrita em termos dos problemas dos assistentes sociais. A sociologia aplicada certamente deve cumprir essa função. Na medida em que a cumpre, a sociologia aplicada é uma *sociologia interpretativa*. Estas e outras funções da sociologia aplicada devem ser esclarecidas por aqueles que tentam direcionar seu desenvolvimento. Algumas das funções propostas com maior fre-

quência são discutíveis e outras talvez sejam sujeitas a limitações. Tal, por exemplo, é a afirmação de que a função da sociologia aplicada é a determinação de objetivos práticos nos vários processos sociais.

## **Redução do custo do controle social**

Uma das tarefas da sociologia aplicada é descobrir formas e meios de reduzir o gasto de energia humana e de minimizar os custos econômicos do controle social. Pois não apenas na política esses custos atingiram níveis perigosos em relação aos quais Spencer expressou seus pressentimentos já há meio século, mas em todas as nossas práticas sociais há um aumento contínuo dos custos de supervisão, inspeção, fiscalização e administração. Se apenas uma diminuta porcentagem do que é gasto anualmente para a manutenção de nossas muitas empresas públicas e privadas gigantescamente controladas fosse dedicada a uma pesquisa científica por métodos sociologicamente robustos de reduzir o custo desse controle, provavelmente não seríamos apenas bem-sucedidos nesta economia, mas também aprenderíamos como produzir um funcionamento em geral superior da sociedade.

Com todo o devido reconhecimento do valor dos estudos estatísticos de atividades sociais que envolvam um grande número de pessoas, talvez se possa dizer com segurança que uma integração da sociologia praticamente útil para reduzir os custos e aumentar a eficiência do controle social tem muita probabilidade de ser resultante de uma multidão de experimentos práticos relativamente pequenos e da observação de miríades de tentativas de efetuar pequenos controles que estão constantemente ocorrendo a todo momento. Entre os mais interessantes desses estudos estarão pesquisas sobre as possibilidades de economia mediante o desenvolvimento do autocontrole social.

## **A natureza da sociologia aplicada**

Nesta fase do desenvolvimento do tema desta monografia, é impossível afirmar a natureza da sociologia aplicável organizada que

irá (1) satisfazer enfim as necessidades, (2) estar um tanto alinhada com os desenvolvimentos já em curso e (3) ser capaz de evoluir no cumprimento de todas as possibilidades do assunto. É bem provável, no entanto, que a natureza da sociologia aplicada terá muito em comum com o de todas as ciências aplicadas e que as relações que existem entre a sociologia pura e a aplicada serão as mesmas que existem em geral entre as ciências puras e aplicadas. A sociologia aplicada será, sem dúvida, uma ciência de probabilidades, organizada para uso particular e imediato, e com uma terminologia que se encaixe no vocabulário técnico daqueles que a usam. Também deve ser organizada de modo a se articular facilmente com outras ciências aplicadas. Estamos bastante seguros quanto a estes fatos em relação à sua natureza. As características que podem entrar em sua natureza serão estabelecidas em um capítulo subsequente.

## **Campo e escopo da sociologia aplicada**

A sociologia aplicada inclui o estudo científico dos modos e meios práticos para sustentar o status social ou para atingir a mudança social, especialmente quando esta deve ser alcançada por meio da associação em esforços coletivos. Todas as situações e condições que afetam o comportamento humano pluralista, de modo a levantar problemas práticos de economia, capacidade ou ânimo,<sup>7</sup> ou de todos estes, estão no campo da sociologia aplicada.

## **A pesquisa em sociologia aplicada**

A sociologia aplicada não pode ser escrita por sociólogos. Deve ser desenvolvida por sociólogos em cooperação com aqueles que trabalham com problemas total ou parcialmente sociais. Sem dúvida, as metodologias da pesquisa em sociologia aplicada e da

---

7. Ver Franklin H. Giddings, *Studies in the Theory of Human Society*, 1922, cap. XVI – para a definição de ‘capacidade’ (*ability*) e de ‘ânimo’ (*morale*).

sociologia geral são pouco diferentes. O motivo, no entanto, é diferente, e, como resultado, é provável que haja uma diferença no campo de pesquisa e no procedimento e na prática de pesquisa. A pesquisa em sociologia aplicada tenderá a ser intensamente concentrada em relações sociais ou comportamentos particulares, seja por causa da necessidade de atenção imediata, seja por causa de evidentes possibilidades imediatas. É provável que pesquisas em várias linhas continuem enquanto isso se mostrar praticamente valioso. Quando a precisão ou a redução do erro na observação deixar de ter vantagem prática, a pesquisa provavelmente terminará. A pesquisa em sociologia aplicada pode ser buscada de forma eficaz sempre que houver dados suficientes disponíveis para a previsão das probabilidades imediatas de resposta social ou de processos de resposta ou de variações devido à mudança de condições e circunstâncias. Tais predição não requer todos os dados necessários para diagnóstico ou descrição completos. A pesquisa em sociologia aplicada é de valor prático, mesmo que o erro na predição seja considerável, desde que reduza o erro nas estimativas feitas anteriormente.

Os achados da sociologia aplicada não serão menos dados da sociologia geral, seja pelo motivo que motivou sua descoberta, seja por limitações conhecidas na precisão, devido à incompletude da observação. Grande parte da pesquisa em sociologia aplicada deve ser combinada com pesquisa em biologia, psicologia e economia aplicadas. Há razões para acreditar que a sociologia entrará em uma nova era de desenvolvimento sem precedentes tão logo seja estabelecido o quanto vale a pena a pesquisa sociológica prática. Na verdade, relativamente pouco progresso foi feito em qualquer ciência antes que suas descobertas fossem consideradas úteis na prática. Grande parte do progresso de todas as ciências puras e naturais veio através da pesquisa conduzida por pessoas de mentalidade prática, cujo interesse pela ciência fora primordialmente orientado para fins imediatos.

## Terminologia geral

Antes de prosseguir com a discussão do escopo e propósito da sociologia aplicada, cabe um esclarecimento da terminologia que será necessário usar. Há tanta irregularidade no uso da terminologia geral da sociologia que pode ser válido afirmar os significados dados a certos rótulos e frases quando aparecem neste volume. Esta não é uma tentativa de definição. É simplesmente uma declaração de seus significados quando usados sem qualificação neste trabalho. Na medida do possível, está de acordo com o melhor uso atual. Usa-se *sociologia geral* para incluir toda a sociologia, mas enfatizam-se especialmente as relações das partes da sociologia entre si e com a ciência sociológica como um todo.<sup>8</sup> Considera-se que *sociologia pura* busca “estabelecer os princípios da ciência”, pela classificação daquele material sociológico “relacionado à origem, à natureza e ao desenvolvimento genético ou espontâneo da sociedade”.<sup>9</sup> *Sociologia aplicada* usa-se de duas maneiras. Em primeiro lugar, foi necessário estudar o que foi descrito por vários sociólogos como “sociologia aplicada”.<sup>10</sup> Em segundo lugar, tentou-se estabelecer vantagens com a restrição desse termo a *uma parte especialmente organizada e diferenciada da sociologia, que trata de como alcançar fins imediatos*. Também pareceu sábio usar a expressão *sociologia aplicada geral* para se referir à sociologia aplicada, que é útil em muitos campos da prática, em contraste com aquilo que é útil apenas sob condições e circunstâncias muito específicas. *Sociologia prática* tem sido usada para descrever a sociologia fragmentária (desorganizada e frequentemente empírica) que é útil dentro de limites. *Artista social* é uma locução abrangente usada para incluir todos os assistentes sociais, todos os artesãos sociais, artesãos e até mesmo artífices — na verdade, todos os que se esforçam para manter o status social ou para efetuar a mudança social. *Engenheiro social ou societário* limita-se a artistas sociais que se esforçam para enquadrar suas ações com a

---

8. Albion W. Small, *General Sociology*, 1906, p. VI.

9. Lester F. Ward, *Pure Sociology*, 1925, p. 3 e; p. IX.

10. Lester F. Ward, *Pure Sociology*, 1925, p. 66-69 e; Ward, *Applied Sociology*, 1906, p. 28.

teoria sociológica e basear seus projetos na ciência e não em empirismos.<sup>11</sup> O uso determinará se essas distinções permanecerão ou cairão, mas a conveniência exige uma afirmação de seus significados em conexão com este argumento.

## **A sociologia aplicada expositiva**

Há pressão em todos os lados para uma declaração expositiva da sociologia aplicável. A demanda brota de uma necessidade muito agudamente sentida, para a satisfação da qual se acredita que a sociologia tenha uma resposta. Muitas vezes, algumas dessas necessidades são atendidas por cursos de apreciação sociológica, declarações não técnicas do ponto de vista sociológico que auxiliam na orientação, na escolha prática, na reflexão deliberativa sobre os modos de agir e pensar e na revisão de projetos de vida. Muitas vezes, são atendidas por uma declaração bem definida de *princípios da sociologia*, o que pode levar a um pensamento mais positivo em relação aos problemas sociais e societários. Ocasionalmente, os cursos são ministrados em *aplicações práticas* dos princípios da sociologia — geralmente uma espécie de comentário corrente sobre algumas das possibilidades práticas mais significativas dos vários princípios. Tentativas foram feitas, sob a égide dos termos “sociologia prática”, para reunir em algum esquema ordenado os fragmentos da sociologia que foram por várias razões aprovadas como de provável maior utilidade prática. A forma mais comum de atender a demanda é por meio de cursos e textos sobre problemas sociais, nos quais a sociologia tem sido usada como uma ajuda na declaração de problemas em termos de seu significado social. O último tipo de curso é muitas vezes a síntese mais prática de todas as ciências sociais e, às vezes, de outros conhecimentos permeados de filosofia social positiva. Cada um deles e todos os apresentados adequadamente podem atender efetivamente várias necessidades de informação sociológica como base

---

11. Franklin H. Giddins, *The Scientific Study of Human Society*, 1922, p. 166.



para escolha e ação. A crescente demanda por exposições utilizáveis da sociologia e os muitos e diferenciados esforços para alcançá-la por meio de palestras e textos refletem a percepção da necessidade de uma sociologia praticamente aplicável e também a crença cada vez maior nas possibilidades práticas da sociologia.

Nenhum desses cursos, no entanto, é uma preparação satisfatória ou adequada para a engenharia social. Na melhor das hipóteses, apenas preparam o caminho para tal curso. Hoje,<sup>12</sup> é impossível afirmar com segurança que haverá cursos expositivos de sociologia aplicada geral, embora haja razões para acreditar que isso seja altamente provável.<sup>13</sup> O problema da exposição da sociologia praticável será resolvido no devido tempo, depois que houver muito mais assunto pronto para exposição. É possível que cursos do tipo descrito no parágrafo anterior sejam desenvolvidos de modo a fazer com que estabeleçam adequadamente os valores práticos gerais da sociologia. Talvez esses valores sejam estabelecidos com mais frequência em conjunção com os valores práticos de outras ciências em termos dos fins aos quais se prestam as várias artes sociais.<sup>14</sup> Mas, embora o problema da exposição possa ser resolvido, permanece o fato de que é necessária uma integração da sociologia aplicável, no interesse tanto da sociologia geral como da sociologia aplicada.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é, em parte, uma apreciação dos valores práticos da sociologia geral. Admite, mas não revê, o valor prático de uma filosofia social positiva especificamente diferenciada como base

---

12. Quando este texto foi escrito, em 1927 (nota do tradutor)

13. A maioria dos cursos atualmente assim rotulados parecem ser cursos de problemas sociais (gerais ou específicos) e seu conteúdo inclui não apenas a sociologia, mas muito das outras ciências sociais. Sua utilidade é em geral reconhecida, mas são cursos de aplicação de todas as ciências sociais e poderiam muito apropriadamente ser designados como cursos de economia social.

14. John Stuart Mill, *Utilitarianism*, 1910, p. 8: “parece mais natural supor que as regras de ação devam retirar todo o seu caráter e a sua coloração dos objetivos aos quais se prestam [to which they are subservient]”.

para a ética e para a formação e o refinamento da política. Admite que a necessidade e as possibilidades da teoria social global abrangente como base da ética e da política podem se demonstrar como a principal justificativa do corpo de conhecimento conhecido como sociologia geral. A utilidade prática da sociologia para esses propósitos tem sido e provavelmente continuará a ser mais bem servida pelo desenvolvimento normal da sociologia geral.

Além dos valores práticos da sociologia geral ou da filosofia social positiva, há valores práticos da sociologia como ciência social especial, às vezes chamada de *sociologia formal*. Estes são em termos do uso que a prática social pode fazer da teoria social como um meio de realização. Para estudar como uma ligação mais fundamental e eficaz pode ser feita entre essa teoria e a prática, cabe rever tanto as necessidades que a prática tem sentido, quanto os esforços dos sociólogos para enfrentá-las. Olhando para o futuro, há também algum benefício derivado de uma tentativa de avaliar a utilidade futura possível ou provável da ciência especial em termos de sua tendência atual e da metodologia que está desenvolvendo. A busca deste inquérito levou o autor a esperar como muito provável que, com o tempo, seja desenvolvido no âmbito da sociologia geral um corpo especialmente organizado de sociologia aplicável. Essa sociologia aplicável ou “aplicada” provavelmente será uma ciência de controle social concreto específico. Será de natureza behaviorista e estabelecerá suas descobertas em termos de probabilidades práticas. Lidará com condicionamentos concretos específicos do comportamento social e com os fenômenos sociais como condições de todo o comportamento humano. Quando tiver se desenvolvido suficientemente, pode se tornar uma base científica para a engenharia social.

## Referências

BARNES, H. *Sociology and political theory*. New York: s/i, 1897.

BUTLER, N. M. *The meaning of education*. New York: Scribner, 1915.

GIDDINGS, F. H. *Studies in the theory of human society*. New York: Macmillanm, 1922.

HAYS, E. C. *Sociology and ethics*. New York: Appleton, 1921.

MILL, J. S. *Utilitarianism, liberty and representative government*. New York: Dutton, 1910.

SMALL, A. *General Sociology*. Chicago: University of Chocago Press, 1906.

SPENCER, H. *Principles of Biology*. New York: Appleton, 1900-1901.

\_\_\_\_\_. *The study of Sociology*. s/i: 1873.

WARD, L. *Pure Sociology*. New York: Macmillan, 1925.

\_\_\_\_\_. *Applied Sociology*. Boston: Boston Ginn, 1906.

# O CAMPO DA SOCIOLOGIA APLICADA\*

HENRY PRATT FAIRCHILD\*\*

## O significado da sociologia

Muitos esforços foram feitos para definir concisamente a sociologia em uma frase ou uma sentença, dentre as quais as seguintes podem ser citadas como típicas: “A ciência da vida na sociedade.” “A ciência que lida com a associação humana, sua origem, seu desenvolvimento, suas formas e funções.” “O estudo que trabalha científica e completamente com as leis e os princípios da associação humana.” “Tem como assunto o crescimento, o desenvolvimento, a estrutura e as funções do agregado social.” “Trata da associação.” “O estudo científico da sociedade.”

Dessas várias definições e de outras assemelhadas, pode-se colher uma noção geral do que é a sociologia. Cada uma das precedentes, porém, é falha como definição, na medida em que contém uma palavra análoga à palavra definida ou derivada da mesma raiz etimológica. Dizer que a sociologia é a ciência da sociedade ou o estudo das associações é o mesmo que definir fisiologia como o estudo do físico, ou mineralogia como a ciência dos minerais. Tais definições acrescentam pouco ao volume de conhecimento adquirido.

A seguir, uma definição sugestiva e prática de sociologia: o estudo do homem e do seu ambiente humano em sua mútua relação. Em

---

\* Extraído de FAIRCHILD, H.P. *Outline of applied Sociology*. New York: Macmillan, 1916, p.1-12. Tradução de Frank Ferreira.

\*\* (1880-1956) Sociólogo estadunidense foi professor da Universidade de Nova York.

vez de “ciência”, usa-se o termo “estudo” em razão da diferença de opinião prevalente sobre se a sociologia pode ou não ser chamada de ciência — diferença devida à incerteza, em parte quanto à natureza exata da sociologia, em parte quanto ao significado da ciência. Essa definição dá mais ênfase do que habitualmente ao homem como objeto de estudo do que a qualquer concepção abstrata como associação ou agregado social. Afinal, é o homem que faz a sociedade, e o agregado social é apenas um conglomerado de homens. O homem é o começo e o fim da organização social e, portanto, o principal objeto de estudo.

Hoje, muito se fala e se escreve sobre a importância do ambiente e sua influência na vida humana. O professor Ward disse que o conhecimento do ambiente é o mais prático e útil de todo o conhecimento. Em geral, o ambiente que se tem em mente é o físico, e a ultraescola de antropogeógrafos quer nos fazer acreditar que esse ambiente é a causa final e a explicação de todos os fenômenos da vida. De fato, não há dúvida de que o solo, a topografia, o clima, etc., são de profunda importância para o homem, graças às influências sobre seu caráter e modo de vida. Mas há outro ambiente, não menos importante, apesar de não tão conscientemente percebido como tal — o ambiente humano. Este consiste, não de rochas, água e ar, mas de homens, mulheres e crianças, que vivem em contato uns com os outros, agindo e reagindo mutuamente. A influência desse ambiente humano, embora muitas vezes despercebida e sempre intangível e elusiva, não é menos determinante do que a do ambiente físico. O fato de que cada indivíduo não só é uma unidade que vive em meio a um ambiente, como também parte constituinte do ambiente de outras unidades não diminui a realidade dessa influência ambiental, mas simplesmente a torna mais complexa e misteriosa.

Então, a sociologia estuda o homem como indivíduo que vive em meio a um ambiente humano, fazendo parte do ambiente de outros indivíduos. Os fenômenos que pertencem à esfera da sociologia são aqueles que decorrem do fato da interação de homens com o homem e do homem com homens. Nada que pertença estritamente à sociologia existiria se todo ser humano vivesse em

completo isolamento de todos os outros. Robinson Crusóé, em sua ilha, não proporciona nenhum assunto para a sociologia até que esteja acompanhado por seu amigo Sexta-Feira. Por outro lado, todas as influências, todos os atos, todos os dispositivos ou instituições que provêm do fato de os homens viverem em relação mútua são assuntos próprios da sociologia, por mais triviais, indefinidos e insignificantes que pareçam. Assim, a antropologia, ainda que tratada às vezes como ramo da sociologia, e algumas vezes como grande ciência que inclui a sociologia, em seu sentido mais estrito nada tem a ver com a sociologia. O homem, como animal, pode ser estudado em uma gaiola, sem qualquer contato com outros. É somente quando ele passa a se misturar com outros animais humanos e a formar relacionamentos e a estabelecer instituições que a sociologia começa.

## **O significado da sociologia aplicada**

Então, se isso é a sociologia, o que é a sociologia aplicada? Como difere de qualquer outro tipo de sociologia?

Se não na maioria, muitas das ciências apresentam dois aspectos ou departamentos, intimamente relacionados entre si, mas distintos um do outro. O primeiro departamento é chamado de teoria ou ciência pura. Sua função é estudar fenômenos, averiguar fatos e estabelecer leis e princípios. Não tem nenhum objetivo além da aquisição de conhecimento. O segundo é a ciência prática ou aplicada. Essa divisão tem muito da natureza de uma arte, e seu propósito é tomar os fatos, princípios e leis elaborados pela ciência pura e desenvolver métodos para utilizá-los para servir a algum propósito humano. É “téllica”, segundo a fraseologia do professor Ward.

Nesse aspecto, a sociologia se parece com as ciências. Consiste em dois ramos, sociologia pura ou teórica e sociologia prática ou aplicada. A sociologia pura estuda o homem em sua relação com seu ambiente humano, para nenhum outro fim a não ser descobrir os princípios que estão por trás da associação humana, discernir as forças por meio das quais a organização social é construída, desen-

volvida e se mantém unida, para deduzir todos as possíveis leis e generalizações quanto à natureza das atividades sociais. A sociologia pura não está de olho no futuro nem no presente, mas no passado. Ficaria satisfeita em interromper suas investigações cem anos atrás, desde que nessa época todos os fatos essenciais pudessem ser apurados. Como as forças da sociedade são mais facilmente observadas e isoladas onde estão reduzidas a seus termos mais simples, isto é, nas mais primitivas formas de sociedade, a sociologia pura dedica muito do seu tempo ao estudo de grupos humanos localizados na parte de baixo da escala da cultura, as raças bárbaras e selvagens do presente e as sociedades pré-históricas do passado, na medida em que existam evidências para estudá-las.

A sociologia aplicada, por outro lado, procura servir a objetivos mais amplos do que a acumulação de conhecimento. Preocupa-se menos com a averiguação das verdades do que com a utilização das verdades para servir aos fins humanos. A sociologia aplicada não se volta para o passado, mas para o presente e o futuro, e, como o presente é apenas um ponto no tempo, preponderantemente para o futuro; não se preocupa tanto em descobrir por que a sociedade é como é, mas em determinar como a sociedade pode ser diferente do que é — melhor do que é.

É evidente, no entanto, que a sociologia aplicada é imediatamente dependente da sociologia pura. Sem o ramo teórico, o ramo prático não apenas seria indefeso — não poderia existir. É da sociologia pura que a sociologia aplicada obtém todo seu conhecimento dos fatos fundamentais, dos princípios básicos e das leis que deve utilizar para realizar seus propósitos conscientes. Em certo sentido, a sociologia pura é serva da sociologia, mas, em sentido ainda mais amplo, é o pai, o criador, o provedor da sociologia aplicada. A sociologia aplicada precisa recordar continuamente os ensinamentos do ramo teórico. Sem a mão paterna orientadora, está inevitavelmente condenada a vagar às cegas e a apalpar em vão. Pode-se atribuir grande parte dos fracassos de responsabilidade dos chamados sociólogos “práticos” a um equipamento defeituoso de conhecimento da sociologia pura ou ao uso negligente do conhecimento possuído.

A sociologia aplicada, portanto, refere-se à tarefa de examinar as relações humanas das sociedades civilizadas modernas, com o propósito declarado de avaliá-las, de distinguir tendências e forças úteis daquelas que são perniciosas e de conceber meios para perpetuar o que é bom, para eliminar o que é mau e para remodelar a organização social, para melhor servir ao bem-estar humano. Assim como as ciências aplicadas no campo material procuram controlar e direcionar as forças da natureza para fins conscientes, a sociologia aplicada procura manipular as forças sociais para realizar os desejos humanos. Uma e outra são absolutamente dependentes das forças que existem; não podem escapar da dominação dessas forças nem dar um passo além do que as forças possibilitam. Mas todas podem controlar e dirigir as forças, de modo que operem como agentes dinâmicos para o bem-estar humano, não como poderes desenfreados do mal.

Nesta manipulação das forças sociais, o objetivo ao qual a sociologia aplicada visa é concisamente indicado pelo termo “utilidade”, ou a maior felicidade do maior número. Aumentar a soma total do bem-estar humano, para tornar a vida mais valiosa para o maior número possível de indivíduos constituintes da sociedade, para tornar a própria sociedade um agente mais eficiente da felicidade humana — essas são as funções da sociologia aplicada.

## **A sociologia e o método científico**

Observou-se que a reivindicação da sociologia ao título de ciência ainda é duvidosa. Mas uma coisa é certa — ciência ou não, a sociologia pode ser estudada pelo método científico. Essa é a única maneira como deve ser estudada, e, se isso é feito, pouco importa por que nome se designa a sociologia. O presente delineamento visa apresentar um método de estudar a sociologia aplicada de acordo com o método científico.

Quais as características essenciais do método científico? São em número de três. Primeiro, o acúmulo de fatos por um processo de observação precisa e imparcial. Segundo, o arranjo ou a classificação desses fatos de acordo com alguma base lógica predeterminada de



classificação. Terceiro, a indução a partir desses fatos classificados de leis, princípios e verdades gerais. Qualquer estudo da sociologia aplicada que prometa resultados confiáveis deve seguir este método geral.

O acúmulo de fatos referentes à vida do homem em seu ambiente humano por métodos de observação científica e com fins científicos é de desenvolvimento muito recente. Com frequência, a sociologia é denominada a mais nova das ciências. O homem sempre relutou muito em se considerar como sujeito a leis naturais e, portanto, como objeto de investigação científica. Só depois que todas as principais ciências foram colocadas em uma base firme a mente científica, ao procurar, como Alexandre, novos mundos para conquistar, percebeu de súbito que um grande campo virgem jazia praticamente intocado no reino das forças sociais e das relações e instituições da existência humana organizada. Aqui está uma grande explicação da falta de vontade de designar a sociologia como ciência. A indução ainda não foi suficientemente realizada. Não foram acumulados bastantes fatos ou foram recolhidos por pessoas sem competência, por falta de conhecimento ou poder de observação, ou por preconceito, tendenciosidade ou segundas intenções.

## **O acúmulo de dados sociológicos**

Obviamente, o campo sociológico é um dos mais difíceis para os fins da exploração científica, devido à sua extensão, complexidade e variedade, e ao intangível, fugidio e até mesmo pessoal caráter de muitos dos seus dados. Nenhum indivíduo, em toda a vida, pode dominar mais de uma seção muito pequena do campo. Isto é particularmente verdadeiro nas investigações da sociologia aplicada, porque seus dados estão em constante mudança, e os fatos não permanecem fatos; uma das características mais importantes de qualquer investigação sociológica moderna é a data. Como resultado dessas condições, para os dados da sociologia aplicada, somos forçados a confiar em especialistas e peritos. Isto tem vantagens óbvias, mas também desvantagens. Em primeiro lugar, muitas vezes é impossível conferir e verificar as afirmações do perito, sem se envolver em um

processo de estudo virtualmente tão extenso e completo quanto o que ele mesmo buscou, o que em geral é impraticável. Em segundo lugar, todo especialista é apenas humano, e suas observações, muito provavelmente, são coloridas por seus próprios preconceitos ou pontos de vista. A única maneira de neutralizar fatores desse tipo — eliminar o elemento pessoal — é ter diferentes pesquisadores trabalhando nos mesmos dados. Isso, de novo, é muitas vezes impraticável. O que acontece na prática é que, no caso dos campos mais detalhados e minuciosos de estudo, os estudantes em geral dependem do trabalho de um ou de uns poucos pesquisadores cujos dados circulam com base em sua autoridade ou confiabilidade real ou assumida. Alguém que tenha estabelecido reputação de autoridade sobre determinado assunto pode, se quiser, pôr em circulação gritantes falsidades por algum tempo antes que estas sejam reveladas. Por sorte, isso raramente ocorre, mas acontece com demasiada frequência que uma autoridade eminente, por um lapso de atenção ou algum outro descuido, permita que declarações falsas saiam sob seu nome e possam se tornar correntes por muito tempo e fazer muito mal antes de serem detectadas.

Apesar dessas dificuldades, contudo, as últimas décadas testemunharam o acúmulo de uma massa de fatos extremamente variada, valiosa e em geral confiável, com referência às relações dos seres humanos nas modernas sociedades civilizadas. Todo tipo de estudos especiais de indústrias, pesquisas de cidades ou distritos, investigações sobre habitação, alimentação, relações familiares, relações industriais, etc., estão sendo conduzidos a cada ano, e cada um, se feito apropriadamente, acrescenta algo aos fatos indutivos da sociologia aplicada.

## **A classificação dos dados**

Tendo reunido tantos fatos quanto for possível, o próximo passo no método científico é classificá-los. Isso em geral parece fácil e, com frequência, é muito difícil. De qualquer forma, é necessário. O professor Ward disse que o essencial de toda a ciência é a clas-

sificação do conhecimento. “A ciência é a coordenação, ou melhor, a sistematização de conhecimento.” O primeiro requisito para uma classificação lógica é uma base. Deve ser determinado com que princípios de semelhança ou diferença os dados devem ser agrupados em categorias. O próprio fato da classificação implica um conjunto geral de semelhanças entre os dados. Mas também implica pequenas diferenças. É com base nessas diferenças que os dados são agrupados. A base da classificação é o princípio da diferença sobre o qual os dados devem ser distinguidos. É evidente que pode haver diferentes bases para o mesmo conjunto de dados, e que, portanto, várias classificações diferentes podem ser feitas. Mas qualquer classificação, para ser lógica, deve proceder com base em um único tipo de diferença, de modo que as classes possam ser tão mutuamente exclusivas quanto for possível, e tão uniformes quanto for possível no que diz respeito às unidades incluídas em cada uma.

O seguinte exemplo caseiro servirá para esclarecer este ponto. Um homem entra em uma mercearia e diz: “Que tipo de maçãs você tem?” O vendedor responde: “Tenho maçãs de verão, maçãs de outono e maçãs de inverno.” Se o comprador tiver em mente as qualidades de conservação da fruta, esta pode ser exatamente a resposta que procura. É uma classificação lógica, baseada no tempo de maturação, que, por sua vez, determina a durabilidade. Mas o freguês pode responder: “Não estou preocupado com o tempo em que as frutas amadurecem; quero comê-las já.” Ao que o vendedor responde “Muito bem! Tenho maçãs doces, maçãs meio ácidas e maçãs ácidas”, outra classificação lógica baseada no sabor. Ou o comprador pode dizer: “Nada disso me interessa. Quero essas maçãs para decorar uma árvore de Natal.” “Oh!”, diz o vendedor, “então você vai se interessar em saber que tenho maçãs vermelhas, amarelas e verdes.” Assim, podem proceder a um número indefinido de classificações, todas lógicas e cada qual com uma possível utilidade, enquanto que, todo o tempo, há apenas três ou quatro barris de maçãs na loja. Mas se o balconista afirmasse “Tenho maçãs vermelhas, maçãs de inverno e maçãs meio ácidas”, sua resposta não teria sentido, pois não seria baseada em nenhuma base lógica de classificação, e uma única maçã poderia ter todas as qualidades mencionadas.

Parece supérfluo e trivial despende tanto tempo na elaboração de um ponto tão simples, se não fosse pelo fato de que, com incrível frequência, esse ponto é ignorado por pretensos autores científicos, de modo que muitos livros com grandes possibilidades inerentes tornam-se quase inúteis porque a negligência para com as leis primárias da classificação lhes rouba todo o caráter científico.

## **Indução sociológica**

O terceiro passo no método científico é tirar conclusões. Nas ciências exatas, essa é a parte mais simples de todo o procedimento. Se a investigação foi suficientemente rigorosa e a classificação suficientemente precisa, só uma conclusão é possível para qualquer mente competente. Em química, por exemplo, se experimentos em número suficiente foram feitos juntando ácidos e bases, e se foram devidamente classificados, todo estudante racional deve concordar com a generalização quanto ao resultado da combinação de ácidos e bases. Mas, em sociologia, a generalização é um passo dos mais precários e difíceis. Com exatamente os mesmos dados, dois estudantes igualmente competentes podem chegar a conclusões diametralmente opostas. Isso se deve à complexidade do assunto e à dificuldade de adquirir todos os dados em qualquer caso. Quase sempre há um ou mais fatores no problema que não estão claramente delineados e, mesmo que pareçam de menor importância, bastam para impedir a precisão matemática. O fato é que, se a sociologia é uma ciência, com certeza não é uma ciência exata. Sempre haverá espaço para julgamento, para discriminação e até mesmo para argumentação na extração de conclusões sociológicas. Se nosso conhecimento fosse perfeito e completo, isso talvez não fosse verdade, mas, na prática, nunca é, e há escassas esperanças de que jamais venha a ser. Em suma, há um grande elemento pessoal em todos os problemas sociológicos.

Por isso, cabe ao sociólogo, tanto quanto possível, evitar o dogmatismo em suas conclusões. Que apresente a seu talento todos os fatos, devidamente classificados. Que indique os argumentos de um

lado e de outro. Se puder, que mostre como o senso comum parece apontar em uma direção ou outra. Mas que se abstenha da tentativa de forçar conclusões prontas sobre os outros. Julgamentos finais são possíveis, se tanto, somente por intermédio da consideração de certo corpo de dados por diversas mentes competentes.

## **Parte 4**

### **Moral, criança e família**



# A POPULAÇÃO MANUFATUREIRA DA INGLATERRA: CONDIÇÃO SOCIAL, HABITAÇÕES, HÁBITOS DOMÉSTICOS, ETC.<sup>1</sup>

PETER GASKELL\*

*Nil dictu visuque faedum hoc lumina tangat*

*Intra quae puer est.*<sup>2</sup>

Juvenal

Se o modo doméstico e os modos de vida são meios pelos quais se pode formar um juízo sobre a condição de uma comunidade, as suas habitações, mobiliário, vestuário, etc., são auxiliares subsidiários de nenhum valor significativo. É verdade que eles são apenas uma parte de um sistema de organização social; mas como desenvolvimento de traços de um caráter, e mostrando onde os males são maiores e mais conspícuos, dicas importantes podem ser derivadas deles para melhoria, sendo ela resultante de promulgações legislativas, ou dos esforços da filantropia privada, as quais devem ser precedidas por uma clara compreensão dos males que elas corrigiriam, ou seus esforços não fariam bem, mas poderiam, por falta de direção apropriada, causar danos infinitos.

O investigador do progresso da civilização do homem, há muito tempo, aprendeu a seguinte série de fatos. Ele sabe que à medida que o homem se afasta da barbárie absoluta – de um estado elevado, mas que se afasta da criação bruta – ele ergue para si uma habitação, mais ou menos confortável, como um abrigo contra as vicissitudes das estações, e como um lugar de refúgio; que na sua condição primordial ele se contentou com o abrigo de uma árvore e a proteção

---

1. Extraído de GASKELL, Peter. *The manufacturing population of England: its moral, social, and physical conditions, and the changes which have arisen from the use of steam; with an Examination of infant labour*. London: Baldwin and Cradock, 1833, p.128-150. Tradução da Global Translation.

\* Médico cirurgião britânico. Viveu entre a primeira e a segunda metade do século XIX.

2. Nenhuma notável reflexão usa mais luzes do que uma criança é capaz (nota do editor)



das grutas naturais ou fortalezas; que, nesse período, ele vive de alimento principalmente de natureza vegetal, ou apanha uma subsistência escassa e preciosa pela pesca, ou devora as formas minuciosas de vida animal; que em seu primeiro avanço no aperfeiçoamento social, ele ergue uma cabana rude de madeira, ou de terra ou pedra, como sua localidade particular pode indicar-lhe, mal construída, mal coberta, admitindo a entrada de pouca luz, mas aberta ao vento; que ele agora se torna um caçador, e lavra imperfeitamente um pequeno pedaço de terra, para a produção de raízes ou sementes escassas que a experiência lhe ensinou serem aptas para o sustento da vida; que em seu próximo passo ele melhorará sua cabana, formará uma comunhão com seus companheiros sob um superior reconhecido, unirá seu trabalho, seja da caça ou do cultivo, com aqueles outros – exibirá alguns sinais de religião, mesmo que bárbara e supersticiosa, escolherá uma mulher como companheira, e estabelecerá a base das relações de marido e mulher; que em seu avanço contínuo, sua casa se tornará para ele mais que um lugar de mero abrigo; que suas paredes estarão cobertas com os produtos da guerra ou da caça; que tem outras companhias – uma família e crianças; que os seus atributos morais se desenvolvem lenta e imperfeitamente; que o seu trabalho ou atividade tem por objetivo a manutenção de sua família; ou que sua esposa, ainda não livre da apatia selvática, é o principal agente na produção de alimentos; que, à medida que avança, a sua casa é melhor construída, assume um aspecto diferente; o seu interior adquire muitas decorações simples, e é puro e limpo, enquanto o seu exterior ostenta marcas de que é cuidado com atenção; que ele agora a circunda com um pedaço de terra, sobre a qual reivindica um direito de posse exclusiva; que sua esposa agora se torna para ele mais do que uma criatura mantida apenas para satisfazer seus apetites, e que seus filhos são vistos como seres em cujo bem-estar ele está profunda e sensivelmente interessado; que ele se submete a códigos de leis, ou regulamentos municipais, que, embora possam interferir com sua liberdade individual ou direitos particulares de propriedade, são ainda obviamente benéficos para os interesses da comunidade da qual ele é membro; que ele agora é estacionário, perde seus hábitos predatórios, e assumiu seu *status* como um ser

social e moral; que, em seus avanços posteriores, ele ainda melhora sua habitação, constrói sua casa de maneira mais duradoura e com melhores materiais, a divide em aposentos distintos e separa os sexos; que sua esposa não é mais um instrumento de trabalho, mas depende dele para seu sustento; que relações promíscuas entre os sexos são condenadas e proibidas como prejudiciais ao contrato de casamento; e que, passo a passo, avança para o máximo da civilização e excelência da confederação social, exibindo, na habitação, no vestuário e em seus modos, uma congruência e homogeneidade de aperfeiçoamento, mostrando quão intimamente todas estas condições separadas são essenciais para a perfeição de todo o sistema.

Se o progresso da civilização é assim claramente marcado por essas várias gradações da simples existência animal do homem no seu estado primitivo, o seu declínio pode ser verdadeiramente indicado por dados de natureza semelhante. Tomando a extensão do refinamento e a perfeição da comunhão social como são exibidos pela classe média da sociedade – não a elevando ou rebaixando-a demais – e o grau aos qual as classes mais baixas nas cidades e distritos produtores recuaram, ou ficaram para trás na marcha do progresso, é muito aparente. Julgando-os segundo as mesmas regras que foram aplicadas para marcar o avanço do homem de um estado selvagem, que eles deram apenas alguns passos adiante; e, embora a sua natureza primitiva seja disfarçada e modificada pela força das circunstâncias externas, as qualidades inerentes da criança não socializada da natureza diferem muito pouco, e mostram sua distinção mais em seus modos do que na realidade de sua condição bárbara e degradada.

Quando se tem em mente que a classe que é tão pouco elevada em seus instintos sociais e hábitos domésticos e inteligência, vive no século XIX, em um país há muito libertado da agressão hostil, em meio a uma nação proeminente por seu cultivo das artes e ciências – celebrada por sua benevolência, e os seus esforços incessantes para estender as bênçãos da religião e da instrução moral a todo o mundo – famoso pela extensão geral da sua educação –, pelo gozo dos seus direitos políticos – pelas suas instituições de caridade – pelo número de membros do seu clero – pela riqueza e esplendor da sua igreja – a sua condição degradada torna-se a mais notável. Essa infeliz

depreciação na classe social abrange apenas a população formada por alguns isolados e fora do alcance do império? Abrange apenas algumas tribos dispersas, distantes do centro do seu poder? Estende-se apenas a um número limitado de indivíduos que, comparados à grande massa, não passam de um mero raio de sol, podendo causar pouca surpresa? Não, não, é exatamente o contrário. Inclui vários milhões em uma pequena população – localizada também no coração da nação –, agentes importantes e indispensáveis para manter a sua estabilidade – não, a base de uma grande parte da sua preeminência – tendo o pleno benefício de todas essas instituições tão louvadas e apontadas como marcos, mostrando o quão longe se avançou na marcha da civilização.

As casas de grande parte da comunidade trabalhadora nos distritos fabris apresentam muitos dos vestígios da vida selvagem. Imundas, sem mobília, privadas de todos os acessórios para a decência ou o conforto, elas são, de fato, um indicador demasiado verdadeiro das vidas perversas e depravadas dos seus ocupantes. A pouca mobília que nelas se encontra é da espécie mais rude e mais comum e, muito frequentemente, encontra-se em fragmentos – uma ou duas cadeiras com fundo desgastado, uma mesa, alguns bancos, louça quebrada, tais como pratos, xícaras de chá, etc., uma ou mais chaleiras e latas, algumas facas e garfos, um pedaço de ferro quebrado, servindo de arnês, nenhum resguardo, um leito ou não, conforme o caso, desconhecem-se cobertores e lençóis no sentido estrito das palavras – em seu lugar, frequentemente são vistos sacos, um monte de galhos ou um feixe de palha, suprimindo a necessidade de um leito adequado e de uma cama de plumas, e tudo isso encerrado em um único quarto, que serve de teto para ocupações domésticas.

Nessas divisões das cidades fabris ocupadas pelas classes mais baixas de habitantes, quer se dediquem apenas ao trabalho no moinho, quer ao trabalho no moinho em conjunto com a tecelagem manual, as casas são da estrutura mais frágil e imperfeita. Alugadas semanalmente por um grupo de seres improvidentes e inconstantes, os proprietários raramente investem nelas qualquer dinheiro e, na verdade, parecem apenas ansiosos para que pareçam locáveis o tempo suficiente para reembolsar seu primeiro investimento. Assim,

em poucos anos essas casas ficam em ruínas. Uma das circunstâncias em que elas se apresentam especialmente defeituosas\* refere-se ao encanamento e o saneamento.

A tabela a seguir, organizada pelo comitê de classificação do Conselho Especial de Saúde nomeado durante a recente irrupção da cólera em Manchester, fornece a evidência mais decisiva sobre esse ponto:

Distrito	Número de casas inspeccionadas	Casas que requerem pintura	Casas sem reparos	Casas que carecem de bom encanamento	Casas com umidade	Casas mal ventiladas	Casas que carecem de sanitários
1	850	399	128	112	177	70	326
2	2489	898	282	145	497	109	755
3	213	145	104	41	61	52	96
4	650	279	106	105	134	69	250
5	413	176	82	70	101	11	66
6	12	3	5	5	—	—	5
7	343	76	59	57	86	21	79
8	132	35	30	39	48	22	20
9	128	34	32	24	39	19	25
10	370	195	53	123	54	2	232
11	—	—	—	—	—	—	—
12	113	33	23	27	24	16	52
13	757	218	44	108	146	54	177
14	481	74	13	83	68	7	188
Total	6.951	2.565	960	939	1.435	452	2.221

Estes resultados numéricos não exibem uma ilustração perfeita dos males sofridos pelos pobres. As respostas às perguntas contidas na tabela do investigador referem-se apenas a casos do tipo mais positivo, pelo que os resultados numéricos teriam sido excessivamente aumentados, caso tivessem abrangido aqueles a quem os males afligem em menor grau. Alguma noção da falta de limpeza prevalecente nas habitações pode ser obtida a partir do relatório do número de casas que requerem pintura; mas esta coluna não indica a sua negligência grosseira em relação à ordem e sujidade absoluta. Muito menos podemos

obter resultados estatísticos satisfatórios sobre a falta de móveis, especialmente de roupa de cama, e de alimentos, roupas e combustível.

Diversas dessas casas são ou totalmente não encanadas, ou apenas parcialmente encanadas. As sujeiras e imundícies resultantes disso são, por conseguinte, jogadas nas ruas da frente ou de trás que, sendo frequentemente não pavimentadas e repletas de sulcos profundos, permitem que esses dejetos se acumulem em poças fedorentas e estagnadas. Com cinquenta pessoas, ou mais, tendo apenas um único aposento comum a todos eles, é em um espaço de tempo muito curto que essas ruas ficam completamente abarrotadas de excremento. Nenhuma alternativa é deixada aos habitantes, mas acrescentar isso à já contaminada rua, levando assim a uma violação de todas as decências que protegem a moral familiar.

A tabela a seguir, resultado de investigações feitas pelo Conselho Especial de Saúde em 1832, mostra o estado das ruas de Manchester, e mostra como as localidades e os caracteres estão intimamente ligados:

Distritos	Ruas inspecionadas	Ruas sem pavimentação	Ruas parcialmente pavimentadas	Ruas mal ventiladas	Ruas com pilhas de lixo, poças estagnadas, sujeira, etc.
1	114	63	13	7	64
2	180	93	7	23	92
3	49	2	2	12	28
4	66	37	10	12	52
5	30	2	5	5	12
6	2	1	0	1	2
7	53	13	5	12	17
8	16	2	1	2	7
9	48	0	0	9	20
10	29	19	0	10	23
11	0	0	0	0	0
12	12	0	1	1	4
13	55	3	9	10	23
14	33	13	0	8	8
Total	687	248	53	112	352

Acontece muito frequentemente que um apartamento é ocupado por várias famílias, um quarto ou, no máximo, dois, sendo geralmente considerado como suficientemente conveniente para todos os fins domésticos de quatro ou cinco pessoas. Os efeitos desmoralizantes dessa total ausência de privacidade social e doméstica devem ser vistos antes que possam ser completamente compreendidos, ou sua extensão apreciada. Ao expor todos os desejos e ações dos sexos, despoja-os da atenção exterior pela decência – a modéstia é aniquilada –, o pai e a mãe, o irmão e a irmã, os locatários homens e mulheres, não escrupulosamente cometem atos na presença um do outro, que mesmo o selvagem esconde dos olhos dos seus semelhantes.

Uma inspeção precisa desta tabela torna mais aparente a extensão do mal que afeta os pobres. Os distritos que são quase exclusivamente habitados pela população trabalhadora são os seguintes: 1, 2, 3, 4 e 10; em 13, 14 e 7, também há, além das moradias dos operários, as dos lojistas, comerciantes, e são atravessados por muitas das principais vias de passagem. O nº 11 não foi inspecionado; e os nºs 5, 6, 8 e 9 são os distritos centrais contendo as ruas principais, as lojas mais respeitáveis, as moradias dos habitantes mais ricos, e os armazéns dos comerciantes e fabricantes. Subtraindo, portanto, dos vários totais, os itens dos relatórios que dizem respeito apenas a essas divisões, descobrimos, naqueles distritos que contêm uma grande parcela de pobres, a saber: 1, 2, 3, 4, 7, 10, 13, 14, que entre 579 ruas inspecionadas, 243 não eram pavimentadas, 46 parcialmente pavimentadas, 93 mal ventiladas, e 307 continham pilhas de lixo, sulcos profundos, poças estagnadas, sujeira, etc. e nos bairros quase exclusivamente habitados pelos pobres, 1, 2, 3, 4, e 10, das 438 ruas inspecionadas, 214 não eram pavimentadas, 32 parcialmente pavimentadas, 63 mal ventiladas e 259 continham pilhas de lixo, sulcos, poças estagnadas, sujeira, etc.

A brutalidade deste modo de vida está muito fortemente exposta no linguajar empregado pela população fabril, tanto jovens como velhos. As expressões grosseiras e obscenas são as expressões que usam em casa; as alusões indecentes são ouvidas dos lábios de irmão para irmã, e de irmã para irmão. Dos lábios das crianças saem palavras que, de comum acordo, são banidas da sociedade em geral.

Epítetos são brandidos de mãe para filho, e de criança para mãe, e entre as crianças, contendo os termos mais grosseiros e indecentes. Marido e esposa se dirigem um ao outro com um linguajar que seria vergonhoso a um bordel – e estas coisas podem ser imputadas em um grau muito considerável ao modo promíscuo em que as famílias se reúnem; um modo que impede toda a privacidade, e que, ao trazer para a luz do dia coisas que a delicadeza ordena que sejam ocultadas da observação, destrói todas as noções de decência sexual e castidade doméstica.

Além de atos evidentes de vício, há uma grosseria e aspereza de sentimento, e uma habitual indecência nas conversas, que esperaríamos que não fossem características predominantes do nosso país. O efeito disso sobre as mentes dos jovens é facilmente concebido; e é provável que qualquer instrução ou educação, escolas dominicais ou sermões possam neutralizar a influência banal, o vírus insinuante, a putrefação, o contágio dessa depravação moral que reina em torno deles.

Pode-se questionar se em qualquer outra parte do mundo, ou em qualquer outra condição da sociedade, tal ausência de atenção pela modéstia e limpeza pessoal pode ser encontrada. Nada pode ser mais brutalizante – nada pode tornar os indivíduos mais degradados nos seus sentimentos e hábitos – nada pode tender mais poderosamente a produzir uma grosseria pessoal de hábitos e indelicadeza imunda que são tão nojentas e repugnantes em uma mulher.

Muitas destas séries de casas são construídas de costas umas para as outras, com frente para uma estreita quadra, pela qual os ocupantes das casas opostas podem apertar as mãos sem sair de suas próprias casas; e do outro lado, são viradas para uma rua secundária, sem pavimentação e sem esgoto. A maioria destas casas tem porões na parte de baixo, ocupados – se é que é possível haver uma classe mais baixa – por uma classe ainda mais baixa do que as das pessoas que vivem acima. A partir de algumas investigações recentes sobre o assunto, parece que mais de 20.000 pessoas vivem em porões só em Manchester. Estas são geralmente famílias irlandesas – tecelões manuais, pedreiros, etc., cujos filhos são mendigos e vendedores de fósforos juntamente com suas mães. As multidões de seres que

emergem dessas moradias todas as manhãs, são verdadeiramente surpreendentes, e apresentam muito pouca variedade quanto à respeitabilidade da aparência: todos são esfarrapados, todos são imundos, todos são miseráveis. Eles se separam para realizar suas várias tarefas, deixando suas casas fechadas até a noite ou ocupadas apenas por uma criança. Uma grande parte deles vaga pela cidade e seus subúrbios, mendigando ou roubando, conforme o caso; outros vendem pequenos itens, como alfinetes, fósforos, laranjas, etc., trazendo consigo qualquer fragmento de carne ou pão que tenham conseguido obter. Essas celas são a própria imagem da repugnância – erguendo-se sobre o solo, embora parcialmente flageladas, sem esgoto, sujeitas a serem ocasionalmente inundadas, raramente limpas – a cada retorno de seus ocupantes trazendo consigo ainda mais sujeira – elas rapidamente se tornam recipientes nojentos de todas as espécies de vermes nocivos que podem infestar o corpo humano.

Os hábitos domésticos dessas criaturas improvidentes são vis ao extremo – levando a sua falta de decência doméstica, se possível, um passo além do que acabou de ser descrito. O camponês irlandês traz consigo seu nojento companheiro doméstico, o porco; pois sempre que ele consegue juntar uma soma suficiente para a compra de um desses animais, ele se torna um ocupante de seu porão.

Em todos os aspectos, as habitações dos irlandeses são as mais pobres. Uma família inteira é frequentemente acomodada em uma única cama, e às vezes em um monte de palha imunda, coberta por velhos sacos em um monte indistinto, degradado pela pobreza, falta de economias ou hábitos dissolutos. Frequentemente os inspetores encontram mais duas famílias amontoadas em uma pequena casa, contendo apenas dois cômodos, um em que dormem e outro em que comem; e muitas vezes mais de uma família vive em um porão úmido, contendo apenas um quarto, cuja atmosfera pestilenta é ocupada por doze a dezesseis pessoas amontoadas. A essas fontes férteis de doenças, algumas vezes, acrescenta-se a criação de porcos e outros animais na casa, com outros incômodos de caráter mais revoltante.

É aqui também que ele mostra sua imprudência em outra de suas características propensões – beber whisky, uma oportunidade para a indulgência providenciada pelos destiladores ilícitos em sua vizi-



nhança como uma mera brincadeira. Os tumultos vergonhosos que exigem perpetuamente a interferência da polícia, são principalmente atribuíveis a esta causa, e um regresso dos encarceramentos mostraria abundantemente quão terríveis são os ultrajes infligidos uns aos outros durante estas brigas de embriaguez. Muitas vezes, de fato, toda a população da quadra, rua ou do distrito inteiro forma uma facção, em oposição à de outros na vizinhança; e os gritos de “O’Flanagan” e “M’Carthy” são tão frequentes quanto no centro de Connaught. Quando as suas paixões são despertadas pela embriaguez, os conflitos mais severos e muitas vezes sangrentos se sucedem entre eles, à perturbação e degradação dos habitantes mais pacíficos. Assim, parece que a ordem inferior dos irlandeses trouxe consigo todos os seus vícios para os distritos fabris, e ajuda poderosamente com seu exemplo – independentemente de baixar o valor do trabalho do operário inglês – a desmoralização que marca seu caráter em geral.

Outra fonte fértil da libertinagem nos costumes domésticos, existe no número de casas de alojamentos que são muito abundantes em todos os distritos fabris. Nas cidades estão densamente espalhadas pelas divisões ocupadas pelos pobres. De acordo com uma pesquisa feita em Manchester em 1832, foram encontradas em torno de 300 dessas casas. Quando se recorda que estas são apenas as cúpulas temporárias da carência e da perversidade, o seu número, por maior que seja, não oferece nenhum critério para que se saiba quantas pessoas as ocupam durante o ano. Por outro lado, elas são extremamente prejudiciais: o desmembramento das famílias, consequência do trabalho no moinho, leva muitos daqueles que deveriam morar em locais muito diferentes a morar nesses locais de crime; onde, se não forem já rebaixados por outras causas, são rapidamente reduzidos ao mais baixo abismo da depravação moral. A sua influência a este respeito, assemelha-se muito àquela provocada por uma permanência na prisão; pois as pessoas que ocupam habitualmente essas casas por sua vez são encontradas vivendo na segunda.

A visão extraordinária que estas casas de alojamento apresentam durante a noite é deplorável no extremo, e deve encher o coração de qualquer homem, aberto aos sentimentos da humanidade, com dor e indizível desgosto. Cinco, seis, sete camas – de acordo com a

capacidade dos quartos – estão dispostas no chão – não havendo, na maioria dos casos, lençóis, ou quaisquer substitutos para eles; elas são cobertas por trapos dos mais rudimentares e sujos. São ocupadas indiscriminadamente por pessoas de ambos os sexos, talvez estranhos uns aos outros, exceto alguns poucos ocupantes regulares. Rapazes e moças; homens, esposas e seus filhos – todos deitados em um ambiente ruidoso, cheios de vermes e frequentemente embriagados. Mas um véu deve ser colocado sobre as atrocidades cometidas: basta dizer que a vilania, a devassidão e a lascívia são aqui retratadas em seu caráter mais obscuro. Eles servem como um grande foco para o crime – tantos leitões quentes para trazer à existência vícios que poderiam ter ficado adormecidos se não fossem despertados para a vitalidade por seu estímulo não natural.

A pequena soma dedicada aos propósitos domésticos pelos operários pode ser determinada com alguma precisão, e fornece informações consideráveis sobre os seus hábitos. Uma família constituída por cinco pessoas pode servir de exemplo, sendo esse o número médio de pessoas. Esta família paga pelo aluguel, incluindo impostos, 3s. por semana para uma cabana contendo dois quartos; e entre os diferentes itens de suas despesas estão os seguintes: chá, um quarto de libra, 1s. 2d.; café, meia libra, 10d.; pão, 3s.; carvão e doces, 1s.; ração para animais, 2s.; manteiga, sabão, sal e queijo; 2s. 6d.; batatas, 1s.; açúcar, 1s. 6d.; leite, 3d.; – total, 16s. 3d. O subsídio para os artigos acima é liberal, e certamente mais do que a maioria das famílias usa. Contra isso deve ser colocado o montante de seus ganhos, que quando tomado à taxa média dos salários pagos aos trabalhadores da indústria, é de 10s. 6d. por cabeça – total de salários, 2l. 12s. 6d.; deixando assim um excedente de 1l. 16s. 3d. para vestuário e outros fins.

Embora a aparência geral do operário seja esquelética, e a maioria dos de meia idade sejam malvestidos, as moças e meninas gastam somas consideráveis em suas pessoas. Elas exibem no estilo de vestir um contraste muito marcante com os habitantes dos distritos rurais, uma distinção sempre observável entre meninas da cidade e do campo. O gosto pela roupa chamativa sem dúvida se dá pelo fato de os calicôs e musselinas estampadas serem tão baratos, e de fato pelo

baixo preço em todos os artigos manufaturados de qualidade média; e as moças das fábricas, com seu rostos pálidos e expressão lânguida, aparentam, quando adornadas em seu vestuário de domingo e de feriado, uma estranheza em relação à casa suja sem móveis e miserável de onde elas saem.

As mulheres empregadas nos moinhos de seda dão um passo ainda maior ao se vestir do que o fiador de algodão ou tecelão. Muitas delas estão muito bem vestidas e apresentam uma aparência de respeitabilidade exterior, igual se não superior à das centenas de pessoas nas camadas médias.

Um laxismo moral, porém, não é de modo algum incompatível com o asseio e a limpeza pessoais. Este fato é suficientemente provado pela conduta e pelos gestos de muitas destas meninas. Uma disposição de exibição e uma postura desleixada podem ser geralmente muito comentadas nessas vítimas de um sistema vicioso e odioso, que tem o poder de converter toda a ternura do coração de uma mulher e a pureza de seus sentimentos em vaidade e lascívia.

O afeto materno é um daqueles instintos belos e benéficos que marcam tão fortemente a bondade e a superioridade da sabedoria do grande Autor da natureza. É igualmente influente sobre a pesada baleia e o mais minúsculo animal mamífero – sobre a águia feroz e cruel e o beija-flor colorido, vivendo uma vida doce nas regiões odoríferas das quais é um habitante. Em todas as idades, em todos os países, em todos os estágios da civilização – na guerra, na pestilência, nos naufrágios ou na fome –, seja vagando pela selva ou pela pradaria – seja atravessando a expansão do continente ou habitando uma ilha distante e isolada – a mulher sempre é encontrada com o caráter santificado de uma mãe, e exibindo, para o bem e o amor de sua prole, um abandono de si mesma – um derramar de seus mais santos afetos, que é a parte mais pura e brilhante de sua história.

O amor à infância desamparada – a atenção às suas necessidades, aos seus sofrimentos e à sua ininteligível felicidade parece constituir a mola mestra do coração de uma mulher – fertilizando, suavizando e enriquecendo todas as suas paixões e apetites mais intensos. É verdadeiramente um instinto na mais estrita aceitação da palavra. Uma mulher, se afastada de toda relação sexual, de todo

conhecimento do sexo e de seus atributos, desde a hora de seu nascimento, caso ela venha a se tornar mãe na natureza, dedicaria tanta ternura ao seu bebê, cuidaria dele com tanto carinho, devotaria a ele uma afeição tão fervorosa, atendendo suas necessidades, sacrificando seu conforto pessoal, com tanto ardor, tanta devoção, quanto a mãe mais sofisticada, refinada e intelectual, habitante do centro da sociedade civilizada.

Instintos são aquelas disposições para um certo conjunto de ações, que foram impressas, mais ou menos distintamente, nas mentes ou na natureza de todos os seres vivos, dotados de razão ou não, e que, se lhes for permitido tomar o seu próprio curso, livres do controle de causas estranhas, são guias infalíveis para a realização de fins particulares. A educação, a mudança de localidade e de hábitos, deformam e desorganizam as suas operações, mas nunca as extinguirão por completo. Os sentimentos e a ação materna raramente são superados nos animais pela domesticação; e supõe-se que a mulher, que, além desses instintos, que são tão poderosos dentro dela, possui a razão e a capacidade de cultivar uma série de afetos, exhibe, na sua condição social, o amor materno na sua forma mais forte, mais durável e mais amável.

O sistema de trabalho fabril, porém, avançou muito no sentido de aniquilar este grande e belo princípio da organização moral da mulher. A necessidade, ou melhor, a improvidência, levou-a a recorrer ao trabalho; e esse trabalho, que se estende durante todo o dia, rompeu os laços de afeto que, em quase todas as outras circunstâncias, ligam a mãe à sua prole; e, ao fazê-lo, privou a mulher dessa característica moral, a mais influente para torná-la um ser amável e amoroso.

Obrigada a levantar-se cedo – sem oportunidade para voltar para casa, durante o dia, mas nos poucos e apressados momentos de refeição –, sua mente e seu corpo, fascinados por sua ocupação – seus afetos sociais destruídos – seu corpo pouco calculado para dar apoio ao filho, torna-se inacessível aos seus apelos à sua ternura – deixando-a ao cuidado de um contratado, ou de uma jovem, um simples bebê – sofre por ser negligenciado e estar faminto; e, à medida que suas faculdades se desenvolvem, ela não tem interesse em mantê-lo do contágio do vício e da grosseria.

Um sistema que assim deprava e perverte, ou que toma para si o tempo e as ocasiões que uma mãe deve dedicar ao seu filho – que, devido a várias causas concomitantes, influencia seus hábitos domésticos a ponto de interferir no desenvolvimento de seus afetos sociais, e que, por sua contínua ação sobre ela, os destrói ou suprime de forma prolongada sob uma carga de grosseria e sensualidade – deve estar errado.

Se o amor de uma mãe for assim ferido – um amor que brota da própria base de sua natureza moral, não é de admirar que as relações de marido e mulher sejam pervertidas; e, em vez de apresentar um retrato do que deveria ser o amor e a felicidade doméstica, desenvolve uma cena de indiferença – carecendo de tudo aquilo que deveria tornar o lar um lugar de prazeres puros e castos. A castidade do matrimônio é pouco conhecida ou exercida; o marido e a esposa pecam igualmente, e gera-se uma habitual indiferença aos direitos sexuais, o que acrescenta um outro item para ajudar na destruição dos hábitos domésticos.

A delicadeza do comportamento, que é o paládio do amor conjugal, não existe: separados durante todo o dia, expostos ao exemplo vicioso, rodeados por uma atmosfera estimulante mas enervante, o ato sexual do homem e da mulher perde a sua influência protetora sobre os apetites animais, e deixa de se tornar um obstáculo à licitude e ao esbanjamento sexual. Depois do trabalho do dia, eles se encontram à noite, não como pessoas que se amam e foram separados; não para se entregarem aos afetos próprios de sua condição, mas para beber e discutir; para se comportarem indecentemente, ou para provocarem uns aos outros em termos de bestialidade. As fontes da pureza doméstica são assim envenenadas, a santidade dos ritos matrimoniais é assim profanada – a virtude social é expulsa do seu último forte domínio, deixando-as presas da obscenidade, da grosseria, do egoísmo e de tudo o que é pernicioso e abominável.

Nenhuma amenidade nos modos, nenhuma gentileza de comportamento, marca a casa de um trabalhador fabril em uma população superlotada; nenhuma consideração pelas obrigações conjugais, nenhuma reserva tímida, nenhum cultivo dessas sensibilidades mais

finas, que podem e realmente derramam um brilho radiante sobre a vida conjugal, quando composta de seus elementos adequados.

Se os modos domésticos dos pais são assim depravados, o seu exemplo não pode tender a remover a influência das más lições ensinadas aos seus filhos nas fábricas – nos refeitórios ou nas cervejarias –, nas ruas ou nas casas de alojamento. Irmão e irmã perdem a conexão que deveria existir natural e devidamente entre eles: o desrespeito pelo bem-estar mútuo, a separação de interesses e sentimentos, o esquecimento do que é devido, um ao outro – destroem aqueles laços que devem unir os corações dos indivíduos que provêm da mesma fonte, cativados como deveriam ser pela memória de seus anos mais jovens – anos que, infelizmente para eles, foram passados em total desrespeito pelos deveres do lar, sem que os seus guardiães naturais se preocupassem, e separados em uma idade precoce, para serem expostos a uma continuação dos mesmos vícios que privaram os seus lares de toda influência benéfica sobre o seu desenvolvimento moral e social, e seduzidos a se portarem viciosamente a si mesmos, e tendendo a destruir todos os sentimentos mais nobres e melhores da sua natureza.

Nem a conduta de pai para filho, e de filho para pai, é uma conduta mais envolvente; mas é tão distante quanto possível da observância justa dos deveres filiais e parentais. A insubordinação por parte da criança, a crueldade e a opressão por parte do pai; a briga, a luta – uma alienação total do afeto; e, finalmente, uma separação do lar, em uma idade em que o controle parental e a disciplina doméstica adequada são essenciais ao bem-estar futuro da criança.

Os exemplos de sentimentos apropriados entre pais e filhos são muito incomuns: aqueles deveres que deveriam ser mutuamente prestados são negligenciados; uma total desconsideração pelo bem ou maldade de qualquer uma das partes é demonstrada. Se eles ainda vivem juntos, mantidos por interesses mútuos, a moral dos seus filhos não faz parte da preocupação dos pais, desde que eles tragam a sua mesada semanal habitual para o seu sustento. Não é incomum ouvir uma mãe detalhar alguma maldade e licitude da parte do seu filho, lamentando o seu tempo negligenciado e o seu dinheiro perdido, sem nem uma vez advertir contra a criminalidade moral de

seus feitos, ou o mal do seu exemplo para o resto da família; ou um pai contar a história da honra da sua filha e amaldiçoá-la pela negligência do seu trabalho, sem sequer insinuar sua depravação, nem expressar tristeza pela sua declinação moral. Um irmão pode relatar os desvios da sua irmã do caminho da castidade sem corar; e a irmã detalhar as relações promíscuas do irmão entre os seus próprios companheiros, sem qualquer noção aparente de sua impropriedade.

Uma casa assim constituída, na qual todas as decências e observâncias morais da vida doméstica são constantemente violadas, reduz os seus ocupantes a uma condição de modo algum superior à dos selvagens. A negligência, a improvidência, a pobreza desnecessária, a fome, a embriaguez, a prostituição, a sujeira, a crueldade e o descuido dos pais, a desobediência dos filhos, a negligência dos direitos conjugais, a ausência do amor materno, a destruição do afeto entre irmãos e irmãs, homens, mulheres e cidadãos maus como seus constituintes, e os resultados de tal combinação são degradação moral, ruína dos prazeres domésticos e miséria social.

## **Parte 5**

### **A cidade como campo de pesquisa**





# AS GRANDES CIDADES<sup>1\*</sup>

FRIEDRICH ENGELS<sup>\*\*</sup>

Uma cidade como Londres, onde podemos andar horas sem sequer chegar ao princípio do fim, sem descobrir o menor indício que assinala a proximidade do campo, é realmente um caso singular.

Esta enorme centralização, este amontoado de 3,5 milhões de seres humanos *num único* lugar, centuplicou o poder destes 3,5 milhões de homens. Ela levou Londres à condição de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas e reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tâmis. Não conheço nada mais importante que o espetáculo oferecido pelo Tâmis, quando subimos o rio desde o mar até a ponta de Londres. A massa de casas, os estaleiros navais de cada lado, sobretudo acima de Woolwich, os numerosos navios dispostos ao longo de duas margens, apertando-se cada vez mais uns contra os outros, a ponto de, por fim, deixarem somente um estreito canal no meio do rio, sobre o qual se cruzam, a toda a velocidade, uma centena de barcos a vapor – tudo isto é tão grandioso, tão enorme, que nos sentimos

---

1. Em *O capital* LI, VII, Cap. XXIII, Rio, Civ. Bras. 1968, pp. 760-771, Marx aborda resumidamente as condições de habitação e alimentação dos operários ingleses no período seguinte (20 anos mais tarde). É interessante comparar as suas indicações com as que Engels fornece neste capítulo. (nota do tradutor).

\* Extraído da edição brasileira de *A classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1985, p.35-92. Tradução de Reginaldo Forte. Reedição do excerto autorizada pelo tradutor. Digitação de Guilherme Martins. Revisão e atualização ortográfica de Deysi Cioccarì.

\*\* (1820-1895) Foi empresário industrial e teórico materialista prussiano, parceiro de Karl Marx em diversos textos, ensaios, livros e artigos.

atorreados e ficamos estupefatos com a grandeza da Inglaterra antes mesmo de por os pés em terra.<sup>2</sup>

Quanto aos sacrifícios que tudo isto custou, só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, durante alguns dias, as pedras das ruas principais, de a custo termos aberto passagem através da multidão, das filas sem fim de carros e carroças, depois de termos visitado os “bairros de má reputação” desta metrópole, só então começamos a notar que estes londrinos tiveram que sacrificar a melhor parte da sua condição de homens para realizar todos estes milagres da civilização de que a cidade é fecunda, que mil forças que neles dormiam ficaram inativas e foram neutralizadas para que só algumas pudessem se desenvolver mais e fossem multiplicadas pela união com outras. Até a própria multidão das ruas tem, por si só, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. Estas centenas de milhares de pessoas, de todos os Estados e todas as classes, que se apressam, se empurram, não serão *todos* seres humanos possuindo as mesmas qualidades e capacidades e o mesmo interesse na procura da felicidade? E não deverão, enfim, procurar a felicidade com os mesmos métodos e processos? E, contudo, estas pessoas cruzam-se apressadas como se nada tivessem em comum, nada a realizar juntas, e a única convenção que existe entre elas é o acordo tácito pelo qual cada um ocupa a sua direita no passeio, a fim de que as duas correntes de multidão que se cruzam não se constituam mutuamente obstáculo: e, contudo, não vem ao espírito de ninguém a ideia de conceder a outro um olhar sequer. Esta indiferença brutal, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio dos seus interesses particulares, são tantos mais repugnantes e chocantes quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço. E mesmo quando sabemos que este isolamento do indivíduo, este egoísmo mesquinho, é em toda a parte o princípio fundamental da sociedade atual, em parte alguma ele se manifesta com uma impudência, uma segurança tão completa como aqui, precisamente, na confusão da cidade grande. A desagregação

---

2. (1892) Isto se deu há quase 50 anos, na época dos pitorescos veleiros. Atualmente, o Tâmis não é mais do que um lúgubre amontoado de vapores horrendos, negros de fuligem (F.E.).

da humanidade em células, das quais cada uma tem um princípio de vida próprio e um objetivo particular, esta atomização do mundo, é aqui levada ao extremo.

Disto resulta também que a guerra social, a guerra de todos contra todos, é aqui declarada abertamente. Tal como o amigo Stiner<sup>3</sup>, as pessoas não se consideram reciprocamente senão como sujeitos utilizáveis; cada um explora o próximo, e o resultado é que o forte pisa o fraco e que o pequeno número de fortes, quer dizer, os capitalistas, se apropriam de *tudo*, enquanto que ao grande número de fracos, aos pobres, não lhe resta senão a própria vida e nada mais.

E o que é verdade para Londres é também verdade para Manchester, Birmingham e Leeds, é verdadeiro para todas as grandes cidades. Em toda parte, indiferença bárbara, dureza egoísta, de um lado, e miséria indestrutível, por outro, em toda parte uma guerra social, a casa de cada um em estado de sítio, em toda parte pilhagem recíproca com cobertura da lei e tudo com um cinismo e franqueza tais que nos assustamos com as consequências do nosso estado social, tais como aqui aparecem na sua nudez e que já nada nos espanta, exceto que este mundo louco ainda não se tenha se desmembrado.

Dado que o capital, propriedade direta ou indireta das subsistências e dos meios de produção é a arma com que se luta nesta guerra social, é claro como a luz que o pobre suporta todas as desvantagens de tal situação; ninguém se preocupa com ele. Lançado neste turbilhão caótico, tem que se debater como puder. Se tem a felicidade de encontrar trabalho, quer dizer, se a burguesia lhe faz o favor de se enriquecer à sua custa, espera-o um salário que mal chega para o manter vivo; se não encontrar trabalho, pode roubar, se não temer a polícia; ou ainda morrer de fome, caso em que a polícia velará para que morra de forma tranquila, e nem pouco chocante para a burguesia.

Durante a minha estadia na Inglaterra estada na Inglaterra, a causa direta da morte de 20 a 30 pessoas foi a fome, nas mais revoltantes

---

3. Max Stiner, pseudônimo de Johann Caspar Schmidt (1806-1856): Filósofo e escritor alemão. Um dos ideólogos do individualismo burguês e do anarquismo. A sua obra mais conhecida é *Der einzige und sein eigentum* (*O único e a sua propriedade*), Leipzig, 1845.

condições, mas, no momento de se proceder o inquérito<sup>4</sup>, raramente se encontrou um júri que tivesse a coragem de o tornar público. Os depoimentos das testemunhas podiam ser claros, desprovidos de qualquer equívoco, que a burguesia – no seio da qual tinha sido escolhido o júri – encontrava sempre um pretexto que lhe permitia escapar a este terrível veredicto: morto de fome<sup>5</sup>. A burguesia não ousa, nestes casos, dizer a verdade, visto que se condenaria a si mesma. Mas indiretamente também morreram muitas pessoas de fome – muito mais que diretamente – porque a falta contínua de gêneros alimentícios suficientes provocou doenças mortais, e deste modo fez vítimas; elas viram-se tão enfraquecidas que certos casos, os quais em outras circunstâncias teriam evoluído favoravelmente, implicavam necessariamente graves doenças e a morte. Os operários ingleses chamam a isto “crime social”, e acusam toda a nossa sociedade de os cometer continuamente. Estarão errados?

Claro que só morrem de fome indivíduos isolados, mas em que garantias se poderá basear o trabalhador para crer que a sua vez não chegará amanhã? Quem lhe assegura o trabalho? Quem é que lhe garante que se amanhã o patrão o puser na rua, seja qual for a razão, ele poderá aguentar-se, a si e à família, até encontrar um outro “que lhe dê o pão”? Quem garante, pois, ao trabalhador que a vontade de trabalhar basta para arranjar emprego, que a probidade, o zelo, a economia e numerosas outras virtudes que a ajuizada burguesia lhe recomenda, são realmente para ele o caminho da felicidade? Ninguém. Ele sabe que hoje possui alguma coisa, mas que não depende dele conservá-la amanhã; sabe que o menor suspiro, o menor capricho do patrão, a menor conjuntura comercial desfavorável, o lançamento no turbilhão desencadeado do qual escapou temporariamente e onde é difícil, muitas vezes impossível, manter-se à superfície. Sabe se que tem hoje meios de subsistência pode não os ter amanhã.

---

4. Para qualquer morte violenta ou suspeita, o coroner (oficial da polícia) procedia, assistido por um júri, a um inquérito e estava encarregado de ver o cadáver.

5. Sobre este problema, cf. R. F. Wearmouth: *Methodism and the Struggle of the working classes, 1850-1890*, 1954, pp. 25-30.

Entretanto, passemos agora a um exame mais detalhado do estado em que a guerra social mergulha a classe que nada possui. Vejamos que salário a sociedade paga ao trabalhador em troca do seu trabalho, sob a forma de habitação, vestuário e alimentação, que existência é que ela assegura aos que mais contribuem para a sua existência; consideraremos em primeiro lugar as habitações.

Todas as grandes cidades possuem um ou vários “bairros de má reputação” – onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas, em geral, designaram-lhe um lugar à parte, onde, ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinha, melhor ou pior. Estes “bairros de más reputação” são organizados em toda a Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade; a maior parte das vezes são construções de dois andares ou de um só, de tijolos, alinhadas em longas filas, se possível com porões habitados e quase sempre irregularmente construídas. Estas pequenas casas de três ou quatro cômodos e uma cozinha chamam-se *cottages* e constituem vulgarmente toda a Inglaterra, exceto alguns bairros de Londres, as habitações da classe operária. Habitualmente, as próprias ruas não são planas nem pavimentadas; são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e fétidos. Além disso, a ventilação torna-se difícil, pela má e confusa construção de todo o bairro, e como aqui vivem muitas pessoas num pequeno espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nestes bairros operários. De resto, nas ruas, quando há bom tempo, estendem-se varais de uma casa a outra, onde se pendura roupa úmida.

Examinemos alguns destes bairros miseráveis. Temos primeiro Londres<sup>6</sup> e em Londres o célebre “Ninho dos Corvos” (*Rookery*), St. Giles, que deverá ser destruído com a construção de ruas largas. St.

---

6. Após redigir esta, tive acesso a um artigo sobre os bairros operários de Londres, no *Illuminated Magazine*\* (out. 1844), que concorda em muitas passagens quase palavra por palavra como meu. Intitula-se “The Dwellings of the Poor, from the notebook of a M.D.” [“As habitações dos pobres, segundo o caderno de apontamentos de um M.D.”] (Doutor em Medicina) (F.E.)

Giles fica no meio da parte mais populosa da cidade, rodeado de ruas largas e luminosas onde circula o “grande mundo” londrino – muito perto de Oxford Street, de Regent Street, de Trafalgar Square e do Strand. É uma massa de casas de três ou quatro andares, construídas sem plano, com ruas tortuosas, estreitas e sujas onde reina uma animação tão intensa como nas principais ruas que atravessam a cidade, com a diferença que, em St. Giles, só se vê pessoas da classe operária. O mercado está instalado nas ruas: cestos de legumes e frutos, todos naturalmente de má qualidade e dificilmente comestíveis, ainda reduzem a passagem, e deles emana, bem como dos açougues, um cheiro repugnante. As casas são habitadas dos porões aos desvãos, são tão sujas no exterior como no interior e tem um tal aspecto que ninguém as desejaria habitar. Mas isto ainda não é nada comparado às habitações nos corredores e vielas transversais onde se chega através de passagens cobertas, e onde a sujeira e a ruína ultrapassam a imaginação; não se vê, por assim dizer, um único vidro inteiro, as paredes são leprosas, os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas – quando as há – são feitas de pranchas velhas pregadas umas às outras; aqui, mesmo neste bairro de ladrões, as portas são inúteis por que não há nada para roubar. Em toda parte montes de detritos e de cinzas e as águas vertidas em frente às portas acabam por formar charcos nausebundos. É aí que habitam os mais pobres dos pobres, os trabalhadores mais mal pagos, com os ladrões, os escroques e as vítimas de prostituição, todos misturados. A maior parte são irlandeses ou descendentes de irlandeses, e os que ainda não se submergiram no turbilhão desta degradação moral que os rodeia, mergulham nela cada vez mais, perdem todos os dias um pouco mais da força de resistir aos efeitos desmoralizantes da miséria, da sujeira e do meio.

Mas St. Giles não é o único bairro miserável de Londres. Neste gigantesco labirinto de ruas existem centenas de milhares de ruas e ruelas estreitas, cujas casas são demasiado miseráveis para quem quer que possa ainda consagrar uma certa quantia a uma habitação humana e, muitas vezes, é mesmo próximo das luxuosas casas dos ricos que se encontram estes refúgios da mais atroz miséria. Foi assim que, recentemente, no decurso de um inquérito mortuário, se quali-

ficou como um bairro muito perto de Portman Square, praça pública muito conveniente, de morada de uma “multidão de irlandeses desmoralizados pela sujeira e pobreza”. Foi assim que se descobriu em ruas como Long-Acre, etc., que serem “chiques” são apesar de tudo convenientes, um grande número de habitações em porões de onde surgem as silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome. Nas cercanias do Teatro Drury-Lane – o segundo de Londres – encontram-se algumas das piores ruas da cidade (ruas Charles, King e Parker) cujas casas, dos porões aos desvãos, também só são habitadas por famílias pobres. Nas paróquias de St. John e de St. Margaret, em Westminster, habitavam em 1840, segundo o jornal da Sociedade das Estatísticas<sup>7</sup>, 5366 famílias de operários em 5294 “habitações” – se se pode dar-lhes este nome – homens, mulheres e crianças, misturados sem preocupações de idade ou sexo, num total de 26830 indivíduos<sup>8</sup>; e, deste número dessas famílias, 3/4 não possuíam senão um cômodo. Na aristocracia paróquia de St. George, Hanover Square, habitavam, segundo a mesma autoridade<sup>9</sup>, 1465 famílias operárias com um total de cerca de 6000 pessoas nas mesmas condições; e também aí mais de 2/3 das famílias amontoadas num só cômodo. E de que maneira as classes proprietárias exploram legalmente a miséria desses infelizes, em que os próprios ladrões já nada esperam encontrar! Pelos hediondos alojamentos de Drury-Lane, que referimos, pagam-se os seguintes aluguéis: 2 cômodos no porão, 3 *shillings* (1 *taler*); um cômodo no térreo, 4 *shillings*; no 1º andar, 4,5 *shillings* no 2º andar, 4 *shillings*; mansardas, 3 *shillings* por semana. A ponto de os famélicos habitantes de Charles Street pagarem aos proprietários de imóveis um tributo anual de 2000 libras esterlinas (14000 *talers*) e as já citadas 5336 famílias de Westminster um aluguel total de 40000 libras esterlinas por ano (270000 *talers*)<sup>10</sup>.

---

7. *Journal of the statistical society*, vol. III, 1840, pp. 14-24.

8. O relatório oficial não dá senão 16176, Engels retomou o número de *Northern star*, nº 338, 4 de maio de 1844, p. 6.

9. Cf. Weld: *On the conditions of the working classes in the inner yard of St. George's Parish, Hanover Square*, vol. VI. 1843, pp. 17-27.

10. Este relatório tinha sido publicado em primeiro lugar no órgão dos radicais *The Weekly Dispatch*. Foi publicado em seguida no jornal dos cartistas *Northern Star*, nº 338, de 4 de maio de 1844.



Contudo, o maior bairro operário encontra-se a Este da Torre de Londres, em Whitechapel e Bethnal Green, onde se concentra a grande massa de operários da cidade. Escutemos o que diz M. G. Alston, pregador de St. Philip, em Bethnal Green, do estado da sua paróquia:

Ela possui 1400 casas habitadas por 2795 famílias, ou seja, cerca de 12000 pessoas. O espaço em que habita esta importante população não chega a 400 jardas quadradas, e num tal amontoado não é raro encontrar um homem, a sua mulher, quatro ou cinco filhos e também por vezes o avô e a avó num só quarto de 10 ou 12 pés<sup>11</sup> quadrados, onde trabalham, comem e dormem. Creio que antes do bispo de Londres ter chamado a atenção do público para esta paróquia tão miserável ela era tão pouco conhecida na extremidade oeste da cidade como os selvagens na Austrália ou das ilhas do Pacífico. E, se quisermos conhecer pessoalmente os sofrimentos destes infelizes, se os observarmos a comer a sua magra refeição e os virmos curvados pela doença e pelo desemprego, descobrimos uma tal soma de angústia e de miséria que uma nação com a nossa deveria envergonhar-se de sua existência. Fui passar perto de Huddersfield durante os três anos de crise, no pior momento de marasmos das fábricas, mas nunca vi os pobres numa miséria tão profunda como depois, em Bethnal Green. Não há um único pai de família em cada 10, em toda vizinhança, que tenha outras roupas além de sua roupa de trabalho, e esta rota e esfarrapada: muitos só tem, à noite, como cobertas, estes farrapos e, por cama, um saco cheio de palha e serragem.

Esta descrição já nos mostra como são tais habitações. Por outro lado, vamos seguir as autoridades inglesas que, por vezes, entram nestas casas proletárias.

Por ocasião de uma inspeção mortuária realizada pelo Sr. Carter, *coroner* do Surrey, no corpo de Ann Galway<sup>12</sup>, de 45 anos de

---

11. Equivale a 30,48 cm.

12. *The Times*, 17 de novembro de 1843, *Notberrn Star*, nº 315, 25 de novembro de 1843.

idade, em 14 de novembro de 1843, os jornais descreveram a casa da defunta nestes termos: habitava o nº 3, White Lion Court, Bemondsey Street, Londres, com o marido e o filho de 19 anos, em um pequeno quarto onde não havia nem cama, nem lençóis, nem o menor móvel. Jazia morta ao lado do filho sobre um monte de penas, espalhadas sobre o corpo quase nu, porque não havia nem cobertores nem lençóis. As penas estavam de tal maneira coladas ao seu corpo que o médico nem pôde observar o cadáver antes deste ter sido limpo; encontrou-o então totalmente descarnado e roído pelos vermes. Parte do soalho da sala estava escavado e esse buraco servia de sanitário à família.

Na quinta-feira, 15 de janeiro de 1844, dois meninos compareceram perante o tribunal de polícia de Worship Street em Londres, porque pressionados pela fome tinham roubado numa loja um pedaço de carne meio cozido, que tinham devorado instantaneamente<sup>13</sup>. O juiz foi obrigado a forçar o inquérito e em breve obteve dos policiais os seguintes esclarecimentos: a mãe dos meninos era viúva de um antigo soldado, que se tornara agente da polícia, e tinha passado muita miséria depois da morte do marido, para sustentar nove filhos.

Habitava em Pool's Place, no nº2 de Quaker Street, em Spitalfields, na maior miséria. Quando o agente da polícia chegou à sua casa encontrou-a com seis dos filhos, literalmente empilhados num pequeno quarto nos fundos da casa, só tendo como móveis duas velhas cadeiras de vime sem fundo, uma pequena mesa com dois pés partidos, uma xícara partida e um pequeno prato... Na entrada, um pouco de fogo, e num canto tantos trapos quantos uma mulher pode trazer no avental, que serviam de cama a toda a família. Só tinham como cobertor as próprias roupas. A pobre mulher contou que tinha sido obrigada a vender a cama no ano anterior, para arranjar comida; os lençóis tinha-os deixado empenhados na mercearia a troco de alguns alimentos, e tinha tido que vender tudo só para comprar pão. O juiz do tribunal de polícia concedeu a esta mulher um importante adiantamento da caixa dos Pobres.

---

13. *The Times*, 16 de janeiro de 1844, p. 7, col. 2.

Em fevereiro de 1844, uma viúva de 60 anos, Teresa Bishop, foi recomendada, com a filha doente de 26 anos, aos cuidados do juiz do tribunal de polícia de Marlborough Street<sup>14</sup>. Habitava o nº 5 de Brown Street, Grosvenor Square, num pequeno quarto do pátio, que não era maior que um armário, e onde não havia um único móvel. Num canto estavam alguns trapos onde ambas dormiam; um caixote servia ao mesmo tempo de mesa e de cadeira. A mãe ganhava uns tostões trabalhando por dia; o proprietário disse que viviam naquela situação desde maio de 1843; tinham vendido ou empenhado aos poucos tudo o que ainda possuíam, e apesar disso nunca tinham pago o aluguel. O juiz fez com que lhe dessem uma pensão de uma libra na Caixa dos Pobres.

Não pretendo fazer crer que *todos* os trabalhadores londrinos viviam na mesma miséria que as três famílias citadas; sei muito bem que para cada homem que vive esmagado sem piedade pela sociedade, há 10 que vivem melhor, mas afirmo que milhares de corajosas e laboriosas famílias – muito mais corajosas e honradas que todos os ricos de Londres – se encontram nesta situação indigna de um homem e que todo o proletária, sem qualquer exceção, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os esforços, pode vir a ter a mesma sorte.

Mas no fim das contas, os que possuem um teto, seja ele qual for, ainda são felizes ao lado daqueles que nem isso tem. Em Londres levantam-se todas as manhãs 50000 pessoas sem saberem onde repousarão a cabeça na noite seguinte. Os mais felizes dentre eles são os que conseguem conservar 1 ou 2 *pence* até à noite e ir para os “albergue noturnos” (Lodging house) que existem em grande número em todas as grandes cidades e onde lhes é dado abrigo em troca do seu dinheiro. Mas que abrigo! A casa está cheia de camas de alto a baixo, 4, 5, 6 camas numa sala, tantas quantas caibam. Em cada cama empilham-se 4, 5, 6 pessoas, também tantas quantas caibam, doentes e sãs, velhos e jovens, homens e mulheres, bêbados e pessoas sóbrias, tal é o quadro com todos misturados. Discutem,

---

14. *The Times*, 12 de fevereiro de 1844, p. 7, col. 6.

agredem-se, ferem-se, preparam roubos e entregam-se a práticas cuja bestialidade a nossa língua humanizada se recusa a escrever<sup>15</sup>. E os que não podem pagar esse alojamento? Pois bem, esses dormem em qualquer lugar, nas esquinas, sob as arcadas, num recanto qualquer, onde a polícia e os proprietários os deixem dormir tranquilos; alguns vivem em asilos construídos aqui e ali por obras de beneficência privadas, outros dormem nos bancos dos parques, mesmo debaixo das janelas da Rainha Vitória. Escutemos o que diz o *Times*<sup>16</sup> de 12 de outubro de 1843:

Ressalta da nossa seção de polícia de ontem, que em média dormem 50 pessoas todas as noites nos parques, tendo como única proteção contra as intempéries, as árvores e alguns buracos no cais. A maior parte são moças que, seduzidas por soldados, foram trazidas para a capital e abandonadas neste vasto mundo, lançadas na miséria de uma cidade estranha, vítimas inconscientes deste processo de vício.

É na realidade assustador. Pobres, é preciso que os haja. A necessidade de abrir caminho por toda parte e instalar-se com todos os seus horrores no coração de uma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma metrópole populosa haverá sempre necessariamente – assim o tememos – muita miséria que fere a vista, e muita que nunca aparecerá à luz do dia.

Mas que no círculo traçado pela riqueza, a alegria e o luxo, que mesmo ao lado da grandeza real de St. James, nas proximidades do faustoso palácio de Bayswater, onde se encontram o antigo bairro aristocrático e o novo, numa parte da cidade onde o requinte da arquitetura moderna se absteve prudentemente de construir o menor barraco para a pobreza, num bairro que parece estar exclusivamente consagrado aos prazeres da riqueza, que, precisamente aí, se venham instalar a fome e a miséria, a

---

15. Cf. Humphrey House: *The Dickens world*, 1941, pp. 217 e seguintes.

16. O grande jornal conservador tinha sido fundado em 1785 sob o nome de *Daily Universal Register*. Só em 1788 tomou o seu nome atual. *The Times*, 12 de outubro de 1843, p. 4, col. 3.

doença e o vício com todo o seu cortejo de horrores, consumindo corpo atrás de corpo, alma atrás de alma!

É realmente um estado de coisas monstruoso. As melhores sensações que podem proporcionar a saúde física, a euforia intelectual, e os mais inocentes prazeres dos sentidos, lado a lado com a mais cruel miséria! A riqueza rindo-se do alto dos seus brilhantes salões, rindo-se com uma brutal indiferença, mesmo ao lado das feridas ignoradas da indigência! A alegria, zombando inconsciente mas cruelmente do sofrimento que geme ali em baixo! Presentes todos os contrastes, todas as oposições, exceto uma: o vício que conduz à tentação, alia-se àquele que se deixa tentar. Mas que todos os homens reflitam: no bairro mais brilhante da cidade mais rica do mundo, noite após noite, inverno após inverno, há mulheres, jovens na idade, envelhecidas pelos pecados e sofrimentos, banidas da sociedade, atoladas na fome, na sujeira e na doença. Que pensem e aprendam, não a construir teorias, mas a agirem. Deus sabe que há ali hoje muito trabalho para ser feito.

Anteriormente, falei dos albergues para desabrigados – dois exemplos mostram como estão repletos. Um *Refuge of the Houseless*<sup>17</sup>, construído recentemente na Uper Ogle Street, com capacidade para albergar todas as noites 300 pessoas, acolheu desde a sua abertura, a 27 de janeiro, de 17 de março de 1844<sup>18</sup>, 2740 pessoas por uma ou várias noites, e embora o tempo se tornasse menos rigoroso, o número de pedidos aumentou consideravelmente tanto neste como nos albergues de Whitecross Street e de Wapping, e a cada noite uma multidão de desabrigados era rejeitada por falta de lugar. Num outro, o asilo central de Playhouse Yard, equipado com cerca de 460 camas, nos três primeiros meses do ano de 1844 abrigou um total de 6681 pessoas e distribuíram-se 96141

---

17. Albergue para desabrigados.

18. *The Times* mencionou este albergue várias vezes nos seus nº 5, 9 e 12 de fevereiro de 1844. Sobre estes albergues e o seu papel na história da filantropia inglesa. cf. A. E. Young e E. T. Ashton: *British social work in the 19th Century*, 1956, pp. 51 e 84-85.

rações de pão. Contudo, o comitê diretor declarou que este estabelecimento só se tornou, em certa medida, suficiente em face da afluência de indigentes, depois de o abrigo do leste ter sido aberto para acolher os desabrigados<sup>19</sup>.

Deixemos Londres para percorrermos cada uma das outras grandes cidades do Reino Unido. Vejamos primeiro Dublin, cidade cujo acesso ao mar é tão encantador como o de Londres é imponente: a baía de Dublin é a mais bela das ilhas britânicas e os irlandeses gostam de a comparar à de Nápoles. A própria cidade tem muitas belezas<sup>20</sup> e os seus bairros aristocráticos foram mais bem construídos e com mais gosto do que os de qualquer outra cidade britânica. Mas, em contrapartida, os bairros mais pobres de Dublin estão entre os mais repugnantes e mais feios que se podem imaginar. É que o caráter nacional dos irlandeses, que em certas circunstâncias só estão à vontade na sujeira, tem aqui importância; mas, como também encontramos em todas as grandes cidades da Inglaterra e da Escócia milhares de irlandeses e como toda a população pobre acaba necessariamente por sucumbir na mesma sordidez, a miséria em Dublin nada tem de específico, característico de cidade irlandesa, é, pelo contrário, um traço comum a todas as grandes cidades do mundo. Os bairros pobres de Dublin são extremamente grandes e a sujeira, a inabitabilidade das casas, o abandono a que estão relegadas as ruas, ultrapassam a imaginação. Podemos fazer uma ideia de como os pobres estão amontoados ao tomarmos conhecimento de que, em 1817, segundo o relatório dos inspetores da Casa de Trabalho<sup>21</sup>, 1318 pessoas habitavam na Barrack Street em 52 casas com 390 quartos e 1997 pessoas na Church Street e arredores, repartidas por 71 casas com 393 quartos; que

---

19. *The Times*, 22 de dezembro de 1843, p. 3, col. 6. *Northern Star*, nº 320, 30 de dezembro de 1843, p. 6, col. 2.

20. Na ed. de 1892, esta palavra está no singular: A cidade é muito bela.

21. Citado no Dr. W. P. Alison, F.R.S.E., Fellow and late President of the Royal College of Physicians, etc.: *Observations on the management of the poor in Scotland and its effects on the health of great towns* (Observações sobre a administração dos pobres na Escócia e as seus feitos sobre a higiene das grandes cidades)\*, Edimburgo, 1840. O autor é um piedoso *tory*, Irmão do historiador arch. Alison (F.E.).

Neste bairro e no bairro vizinho há uma multidão de ruelas e de pátios com odor nauseabundo (*foul*), que muitos porões só recebem a luz do dia pela porta e que, em vários deles, os habitantes se deitam no chão nu, embora a maior parte deles tenha pelo menos as armações da cama. Michelson's Court, por exemplo, tem 151 pessoas vivendo em 28 miseráveis quartos, na maior miséria, a ponto de só se terem encontrado em todo o edifício 2 armações de cama e dois cobertores.

A pobreza é tão grande em Dublin que a única organização de beneficência, a *Mendicity Association*<sup>22</sup>, acolhe 2500 pessoas por dia, portanto, um por cento da população total, alimentando-as de dia e despedindo-as à noite.

É em termos análogos que o doutor Alison se refere a Edimburgo, uma cidade cuja esplêndida situação lhe valeu o nome de Atenas moderna, e em que o luxuoso bairro aristocrático da cidade nova contrasta brutalmente com a miséria crassa dos pobres da cidade velha. Alison afirma que este vasto bairro é tão sujo e hediondo como os piores de Dublin e que a *Mendicity Association* teria uma proporção de pobres a socorrer tão grande como na capital irlandesa; ele diz que até os pobres da Escócia, sobretudo em Edimburgo e Glasgow, tem uma vida mais dura do que em qualquer outra região do Império Britânico e que os mais miseráveis não são os irlandeses mas os escoceses<sup>23</sup>. O pregador da *Old Church* de Edimburgo, o Dr. Lee, declarou em 1836 perante a *Comission of Religious Instruction*<sup>24</sup> que:

Nunca tinha visto tanta miséria como na sua paróquia. As pessoas não tinham móveis, viviam sem nada; frequentemente viviam dos casais no mesmo quarto. Num dia tinha visitado sete casas diferentes onde não havia camas – em algumas nem palha havia –; octagenários dormiam no chão, quase todos conservavam de noite as roupas que traziam de dia; num porão

---

22. Associação de ajuda dos mendigos.

23. Alison retoma, na verdade, uma afirmação do Reverendo Dr. Lee.

24. Comissão para o ensino religioso

encontrou duas famílias vindas do campo; pouco tempo depois de chegarem à cidade, tinham morrido duas crianças; e a terceira agonizava na época da sua visita; para cada família havia um monte de palha suja num canto, e, ainda por cima, o porão, que era tão escuro que não podia distinguir-se um ser humano em pleno dia, servia de estábulo de um burro. Até um coração duro como o diamante devia sangrar à vista de tal miséria, num país com a Escócia.<sup>25</sup>

O Dr. Honnen refere-se a fatos análogos no *Edinburgh Medical and Surgical Journal*<sup>26</sup>. Um relatório parlamentar<sup>27</sup> mostra a sordidez – que, como seria de esperar em tais condições, reina nas casas dos pobres de Edimburgo. Galinhas transformaram as armações das camas em poleiros noturnos, cães e até cavalos dormem com os homens nos mesmos quartos, e a consequência natural é que uma sujeira e um cheiro horríveis enchem as habitações, bem como um exército de vermes de toda espécie<sup>28</sup>. A maneira como Edimburgo está construída favorece, no mais alto grau, este estado de coisas. A velha cidade foi construída sobre as duas vertentes de uma colina, no cimo da qual passa a Rua Alta (*High Street*). Dela partem de ambos os lados uma multidão de vielas estreitas e tortuosas, chamadas *wynd*s, por causa das suas numerosas sinuosidades, que descem a colina e constituem o bairro proletário. As casas das cidades escocesas tem cinco ou seis andares tal como em Paris e – contrariamente às da Inglaterra, onde tanto quanto possível cada um tem sua pró-

---

25. O próprio Alison cita segundo F. Barker e J. Cheyne: *An account of the Rise, Progress and decline of the Fever lately epidemical in Ireland*, 1821, vol. II, pp. 160-161. As descrições de Engels destoam, portanto, um pouco.

26. Vol. 14, 1818, pp. 408-465.

27. *Report to the home secretary from the Poor Law Commissioners on an inquiry into the sanitary condition of the labouring classes of Great Britain. With appendices. Presented to both Houses of Parliament in July 1842* (Relatório dos Comissários para a Lei dos Pobres, apresentado ao ministro do Interior, de um inquérito sobre a situação sanitária da classe operária da Grã-Bretanha. Com apêndices. Apresentado às duas Câmaras do Parlamento em julho de 1842). 3 vol. *in fôlho*; classificado segundo os relatórios médicos por Edwin Chadwick, secretário da comissão da Lei sobre os Pobres (F.E.). Cf. 1843, XII, p. 395.

28. Engels resume uma passagem que na realidade diz respeito a Tranent, localidade situada a oito milhas de Edimburgo. A citação exata figura na edição Henderson — Chaloner; op. cit., p. 42, nota 3.



pria casa – são habitadas por inúmeras famílias diferentes; a concentração de numerosas pessoas numa superfície restrita aumenta assim por causa disto.

Uma revista inglesa<sup>29</sup>, num artigo sobre as condições sanitárias dos operários das cidades, afirma:

Estas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para a da casa em frente, e os edifícios apresentam, por outro lado, uma tal acumulação de andares que a luz mal pode penetrar no pátio ou na ruela que os separa. Nesta parte da cidade não há nem esgotos nem banheiros públicos ou sanitários nas casas, e é por isso que as imundícies, detritos ou excrementos de, pelo menos, 50000 pessoas são lançados todas as noites nas valetas, de tal modo que, apesar da limpeza das ruas, há uma massa de excrementos secos com emanações nauseabundas, que não só ferem a vista e o olfato, como, por outro lado, representam um perigo extremo para a saúde dos habitantes. Causaria espanto que em tais locais se negligenciem os mínimos cuidados com a saúde, os bons costumes e até as regras mais elementares da decência? Pelo contrário, todos os que conhecem bem a situação dos habitantes testemunhará o alto grau que a doença, a miséria e a ausência de moral ali atingiram. Nestas regiões a sociedade desceu a um nível indescritivelmente baixo e miserável. As habitações da classe pobre são em geral muito sujas e aparentemente nunca são limpas, seja de que maneira for; compõe-se, a maior parte das casas, de uma única sala – onde, apesar da ventilação ser das piores, faz sempre frio por causa das janelas partidas ou mal adaptadas – que muitas vezes é úmida e fica no subsolo sempre mal mobiliada e invariavelmente inabitável, a ponto de um monte de palha servir frequentemente de cama para uma família inteira, cama onde se deitam, numa confusão revoltante, homens,

---

29. *The Artizan*, 1843, Caderno de Outubro. Revista mensal (F.E.)- P. 230, reproduzido no *Northem Star*, nº 313, 11 de nov. de 1843. Este artigo é o 3º de uma série sobre 'O estado sanitário das classes trabalhadoras nas grandes cidades'.

mulheres, velhos e crianças. Só se encontra água nas bombas públicas e a dificuldade para a ir buscar favorece naturalmente toda a imundície possível.

As outras grandes cidades portuárias não são melhores. Liverpool, apesar do seu tráfego, do seu luxo e da sua riqueza, trata ainda os seus trabalhadores com a mesma barbaridade. Um bom quinto da população, ou seja, mais de 45000 pessoas, habitam na cidade em porções exíguos, escuros e mal arejados, em número de 7862<sup>30</sup>. A isto ainda se juntam 2270 pátios (*courts*)<sup>31</sup>, quer dizer, pequenos locais fechados pelos quatro lados, tendo como acesso e saída uma estreita passagem, frequentemente abobadada (que por conseguinte não permite a menor ventilação), a maior parte das vezes muito sujos e habitados quase exclusivamente por proletários. Voltaremos a falar destes pátios quando chegarmos a Manchester. Em Bristol, foram visitadas 28000 famílias de operários das quais 46% não possuem senão um único quarto<sup>32</sup>.

Encontramos exatamente a mesma coisa nas cidades industriais. Em Nottingham há ao todo 11000 casas das quais 7000 ou 8000 estão de tal maneira encostadas umas às outras que nenhuma ventilação completa é possível, além de, na maior parte dos casos, não existir senão um lavabo comum para várias casas. Uma inspeção recente revelou que várias filas de casas estavam construídas sobre canais de descargas pouco profundos, apenas cobertos pelas ripas do assoalho<sup>33</sup>.

---

30. *Report of a committee of the Manchester statistical society on the condition of the working classes in an extensive manufacturing district in 1834, 1835 e 1836 (1838)*, pp. 9-10. O número de 7.862 foi dado em 1837 por M. I. Whitty. Estas estatísticas são citadas muitas vezes por reformistas. Ver R. A. Slaney: *State of poorer classes in great towns, 1840 e Weekly Dispatch*, 5 de maio de 1844.

31. “Courts” — em português esta palavra não corresponde exatamente ao significado que tem na obra. Os velhos pátios ingleses, de que fala Engels, são espaços cobertos entre vários edifícios, resultado do tipo de construção da época, diferentes dos nossos, que são abertos e particulares a cada edifício. (nota do tradutor).

32. C.R Fripp: *Journal of the statistical society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 368-75. Na realidade o texto original fala de 5.981 famílias visitadas das quais 2.800 (ou seja 46,8%) só ocupavam um quarto.

33. W. Felkin: *Journal of the statistical society of London*, 1839-1840, vol. 2, pp. 457-459

Em Leicester, Derby e Sheffield, passa-se o mesmo. Quanto a Birmingham, o artigo da *Artizan* acima citada, diz o que segue:

Nos velhos bairros da cidade há lugares sujos e mal conservados, cheios de charcos estagnados e de montes de imundícies. Em Birmingham, os pátios são muito numerosos, mais de 2000, onde vive a maior parte da classe operária. São frequentemente exíguos, lamacentos, mal arejados, com os condutos de evacuação defeituosos, agrupando entre 8 e 20 prédios que na sua maior parte só recebem ar por um lado, visto que a parede do fundo é divisória; no fundo do pátio há quase sempre um buraco para as cinzas ou qualquer coisa deste gênero, cuja sujeira é indescritível. Contudo, é necessário notar que os pátios modernos foram construídos de forma mais inteligente e estão mais bem conservados; e que, mesmo nos velhos, as casas estão menos amontoadas do que em Manchester ou Liverpool; isto também explica que, na época das epidemias, tenha havido menos casos mortais em Birmingham do que, por exemplo, em Wolverhampton, Dudley e Bilston, que só distam algumas milhas. Do mesmo modo, não há em Birmingham moradias nos subsolos, se bem que alguns porões sirvam impropriamente de oficinas. Os albergues para proletários são um pouco mais numerosos (mais de 400), principalmente nos pátios do centro da cidade; são quase todos os de uma sujeira revoltante, mal arejados, autênticos refúgios de mendigos, vagabundo, *trampers* (voltaremos a falar sobre o significado dessa palavra), ladrões e prostitutas, que, sem se preocuparem com as conveniências ou com o conforto, bebem, comem, fumam e dormem numa atmosfera que só estes seres degradados podem suportar<sup>34</sup>.

Glasgow parece-se com Edimburgo em muitos aspectos: as mesmas *wynd*s, as mesmas casas altas. A *Artizan* diz a respeito desta cidade:

---

34. *The Artizan*, outubro de 1843, p. 229.

Aqui a classe operária constitui cerca de 78% da população total (da ordem de 300000) e habita em bairros que ultrapassam a miséria e horror os antros mais vis de St. Giles e Whitechapel, os *liberties* de Dublin, os *wyndes* de Edimburgo. Há uma quantidade de locais semelhantes no coração da cidade, no sul de Tromgate, a oeste do mercado do sal, no Calton, ao lado da High Street, etc. Labirintos intermináveis nas ruas estreitas ou *wyndes*, onde desembocam a cada passo pátios e becos, constituídos por velhas casas mal arejadas, muito altas, sem água e decrépitas. Estas casas transbordam literalmente de habitantes, cada andar tem 3 ou 4 famílias, talvez vinte pessoas. Por vezes, os andares estão alugados como dormitórios para a noite, de forma que quinze ou vinte pessoas estão amontoadas – não ousamos dizer albergadas – num único quarto. Estes bairros abrigam os elementos mais pobres, mais depravados, menos válidos da população, e é preciso ver neles a origem das terríveis epidemias de febre que, partindo daí, assolam toda a cidade de Glasgow.

Escutemos a descrição que J. C. Symons, comissário do governo<sup>35</sup> para a investigação sobre a situação dos tecelões manuais<sup>36</sup>, dá destes bairros:

Vi aqui e no continente a miséria em alguns dos seus piores aspectos, mas antes de ter visitado os *wyndes* de Glasgow não acreditava que tantos crimes, miséria e doenças pudessem existir em qualquer país civilizado. Nos albergues de categoria inferior dormem, no mesmo chão, dez, doze e por vezes vinte pessoas dos dois sexos e de todas as idades, numa nudez mais ou menos total. Estes alojamentos estão normalmente (*gen-*

---

35. A autoridade deste comissário foi alvo de uma polémica. Cf. D. Williams: *The Rebecca riot*, 1955, pp. 97-98

36. *Arts and artisans at home and abroad* (Ofícios e artesãos no nosso país e no estrangeiro), por J. C. Symons, Edimburgo, 1839. O autor, escocês ao que parece, é um liberal, e por conseguinte fanaticamente oposto a todo o movimento operário autónomo. As passagens citadas encontram-se nas pp. 116 e segs.\* (F.E.).

erally) tão sujos, úmidos e arruinados que ninguém alojaria neles o seu cavalo.<sup>37</sup>

E mais à frente:

Os *wynds* de Glasgow abrigam uma população flutuante de quinze a trinta mil pessoas. Este bairro compõe-se somente de ruas estreitas e pátios retangulares no meio dos quais normalmente se eleva um monte de estrume. Por mais revoltante que fosse o aspecto exterior destes lugares, eu ainda não estava preparado para a sujeira e miséria que reinam no interior. Em alguns destes dormitórios que nós (o superintendente da polícia, capitão Miller e Symons) visitamos de noite, encontramos um bom número de seres humanos estendidos no chão, por vezes de quinze a vinte, alguns vestidos e outros nus, homens e mulheres juntos. A cama deles era feita com um monte de palha bolorenta misturada com trapos. Ou havia poucos móveis ou nenhum e a única coisa que dava a estas casas um aspecto de habitação era um fogo aceso. O roubo e a prostituição são as principais fontes de renda desta população<sup>38</sup>. Ninguém se dava ao trabalho de limpar estes estábulos de Augias, este pandemônio, este conglomerado de crimes, de sujeira, de pestilência, no coração da segunda cidade do Império. Numa vasta inspeção dos piores bairros de outras cidades, nunca me foi dado ver nada que, pela intensidade da infecção moral e física, nem pela densidade relativa da população, atingisse metade deste horror. A maior parte das casas deste bairro está classificada pela *Court of Guild* como arruinadas e inabitáveis, mas são precisamente as mais habitadas, porque a lei proíbe que por elas se cobre aluguel.

---

37. Engels dita aqui outro texto de Symons: o seu relatório à comissão real para os tecelões (*Parliamentary papers*, 1839, vol. 42, nº 159, p. 51, citado igualmente no *Weekly Dispatch*, 5 de maio de 1844).

38. Engels condensa. Citação integral em Henderson-Chaloner, op. cit., p. 46, nota 2.

A grande região industrial no centro das Ilhas Britânicas, a zona populosa de Yorkshire ocidental e do Lancashire meridional, com as suas numerosas cidades industriais, em nada fica atrás em relação às outras grandes cidades. A região lanígera do West Riding, no Yorkshire, é uma região encantadora, uma bela terra de colinas verdejantes, cujas elevações se tornam cada vez mais abruptas em direção a oeste até culminarem na crista escarpada de Blackstone Edge – linha de partilha das águas entre o mar da Irlanda e o mar do Norte. Os vales do Aire, onde está situada Leeds, e do Calder, onde passa a via férrea Manchester-Leeds, contam-se entre os mais risonhos da Inglaterra e estão semeados, por todo lado, de fábricas, vilas e cidades; as casas de pedra cinzenta tem um ar tão atraente e limpo comparadas às construções de tijolos, negros de fuligem, do Lancashire, que até dão prazer. Mas assim que entramos nas próprias cidades, encontramos poucas coisas que nos agradam. A situação de Leeds é exatamente a que descreve a *Artizan* (revista já citada) e que eu pude confirmar:

Sobre uma suave encostas que desce pelo vale do Aire. Este rio serpenteia através da cidade numa distância de cerca de milha e meia<sup>39</sup> e está sujeito, depois do período do degelo ou depois das chuvas violentas, a fortes enxurradas. Os bairros do oeste, situados mais acima, são limpos, para uma cidade tão grande, mas os bairros em volta do rio e dos riachos que aí se lançam (*becks*) são sujos, apertados o suficiente para abreviarem a vida dos habitantes, sobretudo das crianças. Acrescente-se ainda o estado lamentável em que se encontram os bairros operários em volta de Kirkgate, March Lane, Cross Street e Richmond Road, que se distinguem principalmente pelas ruas mal pavimentadas e sem esgotos, por uma arquitetura irregular, com numerosos pátios e becos e pela ausência total dos mais elementares meios de limpeza. Isto tudo junto dá-nos razões su-

---

39. Onde quer que se mencionem *milbas* sem mais precisões, trata-se da medida inglesa; o grau do equador conta 69 ½ milhas e, por conseguinte, a légua alemã cerca de 5 [Esta distância equivale a 1609 metros.] (F.E.)

ficientes para explicar a excessiva mortalidade nestes infelizes feudos de mais sórdida miséria. Em virtude das cheias do Aire (que, acrescente-se, como todos os rios utilizados na indústria, entra na cidade claro e transparente, para daí sair espesso, negro e malcheiroso, com todas as imundícies imagináveis)<sup>40</sup>, os porões e as casas enchem-se frequentemente de água a ponto de ser necessário bombeá-la para lançar na rua; porém, a água volta a entrar nos porões<sup>41</sup>, mesmo onde há esgotos, provocando emanações miasmáticas, com forte porcentagem de hidrogênio sulfuroso deixando um depósito repugnante extremamente prejudicial para a saúde. Durante as inundações da primavera do ano de 1839, os efeitos de tal entupimento dos esgotos foram tão nocivos que, segundo o relatório do oficial do registro civil deste bairro, houve nesse trimestre três falecimentos a cada dois nascimentos enquanto que, durante o mesmo trimestre, todos os outros bairros registraram três nascimentos para cada dois falecimentos.

Outros bairros com forte densidade de população estão desprovidos de sarjetas, e quando as há não servem para nada. Em alguns alinhamentos de casas os porões raramente estão secos, em outros bairros várias ruas estão cobertas por uma lama mole onde nos enterramos até os tornozelos. De tempos em tempos os habitantes esforçam-se em vão por reparar estas ruas, lançando algumas pazadas de cinzas; não obstante estas iniciativas, o esterco e as águas sujas espalhados em frente das casas estagnam em todos os buracos até que o vento e o sol as seque (cf. relatório do Conselho municipal no *Statistical Journal*, vol. 2, p. 404).<sup>42</sup> Uma casa vulgar de Leeds não ocupa uma superfície superior a 5 jardas quadradas e é habitualmente composta por um porão, uma sala comum e um quarto de dormir. Estas habitações exíguas, noite e dia

---

40. O texto entre parênteses foi inserido por Engels.

41. Não nos esqueçamos que estes porões não são áreas de despejo, mas alojamentos onde vivem seres humanos. (F.E.)

42. Toda esta passagem é extraída quase textualmente do relatório.

cheios de seres humanos, constituem outro perigo tanto para os costumes como para a saúde dos habitantes.<sup>43</sup>

O relatório acima citado, sobre a situação sanitária da classe operária, diz-nos de que maneira as pessoas se amontoam nestes albergues:

Em Leeds, encontramos irmãos e irmãs e pensionistas de ambos os sexos que partilham o quarto com os pais; o sentimento humano estremece ao pensar nas consequências que daí resultam.<sup>44</sup>

O mesmo se passa em Bradford, que dista somente sete milhas de Leeds, na confluência de vários vales, à beira de um pequeno riacho com águas completamente negras e nauseabundas. O alto das colinas que rodeiam a cidade oferece-nos um belo domingo – porque durante a semana a cidade está envolvida por uma nuvem cinzenta de fumaça de carvão –, um magnífico panorama. Mas, no interior, é a mesma sujeira e o mesmo desconforto que em Leeds. Os velhos bairros em encostas íngremes são apertados e irregularmente construídos; nas ruelas, becos e pátios, estão amontoados lixos e imundícies; as casas estão arruinadas, sujas e desconfortáveis; no fundo do vale, nas proximidades do curso de água, encontrei várias cujo andar inferior era inabitável por ser meio escavado no flanco da colina. De um modo geral, os bairros do fundo do vale, onde os alojamentos dos operários estão comprimidos entre as altas fábricas, são os mais mal construídos e mais sujos de toda a cidade. Nos bairros mais recentes desta cidade, como nos de qualquer outra cidade industrial, as casas estão alinhadas de forma mais regular, mas tem todos os inconvenientes inerentes à maneira tradicional de alojar os operários e de que falaremos mais pormenorizadamente a propósito de Manchester. Passa-se o mesmo com as outras cidades de West Riding, principalmente com Barnsley, Halifax e Huddersfield. Esta última, de longe a mais bela de todas as cidades industriais do Yorkshire e

---

43. Estas minúcias, Engels leu no *Artizan* de out. 1843, p. 229, que cita o *Statistical Journal*. Aqui Engels volta a resumir o texto original.

44. Fonte: Bakers, relatório da Comissão para a Lei sobre os pobres, 1842, p. 126.



do Lancashire, pela sua encantadora situação e pela sua arquitetura moderna, também tem, contudo, os seus bairros maus; por isso, um comitê designado por uma reunião de cidadãos para inspecionar a cidade relatou, a 5 de agosto de 1844:

“É de salientar que ruas inteiras e numerosas ruelas e pátios de Huddersfield não estão nem pavimentados, nem providos de esgotos ou outra forma de escoamento; nestes porões amontoam-se detritos, imundícies e sujeira de todas as espécies, que aí fermentam e apodrecem, e quase por todo o lado a água estagnada acumula-se em charcos; em consequência disso, os alojamentos contíguos são necessariamente sujos e insalubres, de tal modo que aí aparecem doenças que ameaçam a salubridade de toda a cidade.<sup>45</sup>

Se atravessarmos Blackstone-Edge a pé, ou se tomarmos a ferrovia, chegamos à terra clássica onde a indústria inglesa realizou sua obra-prima e de onde partem todos os movimentos operários: o Lancashire meridional com o seu grande centro, Manchester. Também aqui encontramos uma bela região com colinas que se inclinam suavemente para oeste, desde a vertente ocidental até o mar da Irlanda, com os seus encantadores vales verdejantes do Ribble, do Irwell, do Mersey e dos respectivos afluentes; esta região, que ainda há um século não passava, na sua maior parte, de um pântano quase desabitado, está agora totalmente coberta de vilas e cidades e é a zona mais populosa da Inglaterra. É no Lancashire meridional e principalmente em Manchester que a indústria do Império Britânico tem o seu ponto de partida e o seu centro; a Bolsa de Manchester é o barômetro de todas as flutuações do tráfico industrial, e as modernas técnicas de fabricação atingiram aí a sua perfeição. Na indústria algodoeira do Lancashire meridional, a utilização das forças da natureza, a substituição do trabalho ma-

---

45. O relatório citado por Engels, que emana de um comitê designado a 19 de junho e encarregado de inquirir sobre a situação sanitária da cidade, apareceu a 10 de agosto de 1844 no nº 352 do *Northern Star*.

nual pelas máquinas (sobretudo, no caso do tear mecânico e do *self-actor mule*) e a divisão do trabalho parecem estar no apogeu; e se reconhecermos nestes três elementos as características da indústria moderna, é preciso confessar que, mesmo neste aspecto, a indústria da transformação do algodão conservou sobre os outros setores industriais o avanço que tinha adquirido desde o princípio. Mas também é aí que, simultaneamente, as consequências da indústria moderna se desenvolveram completamente e na sua forma mais pura, e o proletariado industrial se manifestou de forma mais clássica. Também aqui devia ser elevada ao máximo a degradação na qual se encontra o proletariado devido à utilização do vapor das máquinas e da divisão do trabalho e, assim, os esforços do proletariado para libertar-se desta situação indigna fizeram-no adquirir uma consciência clara. Portanto, por ser Manchester o tipo clássico da cidade industrial moderna e também por conhecê-la tão bem como a minha cidade natal – melhor que a maioria de seus habitantes – que nos deteremos nela mais demoradamente.

As cidades que rodeiam Manchester pouco diferem da cidade central com respeito aos bairros operários<sup>46</sup>, exceto na medida em que nestas cidades os operários talvez representem uma fração ainda mais importante da população<sup>47</sup>. Com efeito, estes aglomerados são unicamente industriais e realizam todo seu intercâmbio comercial através de Manchester; dependem totalmente de Manchester e por consequência só são habitados por trabalhadores, industriais e comerciantes de 2ª classe; enquanto Manchester possui uma população comercial muito importante, composta, principalmente, de comissários e varejistas muito conhecidos. É por isso que Bolton, Preston, Wigan, Bury, Rochdale, Middleton, Hoywood, Oldham, Ashton, Stalybridge, Stockport, etc., mesmo sendo quase

---

46. Há uma ligeira modificação do termo da ed. de 1892, Engels substitui *arbeitsbezirke* (bairros onde se trabalha) por *arbelterbezirke* (bairros operários, onde vivem os operários).

47. Cf. o que dirá a este respeito James Bryce, 20 anos mais tarde: (School inquiry commission, *Parliamentary papers*. C,3966, 1868, pp. 750-751). (As classes médias estão reduzidas dado o fraco número de elementos das profissões liberais; porque nem um advogado, nem um médico poderiam ganhar a vida aqui e há poucos comerciantes ricos, porque todas as pessoas abastadas fazem as suas compras em Manchester e Liverpool).

todas cidades de 30, 50, 70 e até 90 mil habitantes, não passam de grandes bairros operários interrompidos por fábricas e algumas grandes artérias ladeadas de lojas e tendo algumas ruas pavimentadas, ao longo das quais estão dispostos os jardins e as casas dos fabricantes que lembram as das vilas. As cidades estão mal e irregularmente construídas, com pátios sujos, ruas estreitas e vielas cheias de fumaça de carvão. O emprego do tijolo, primitivamente vermelho vivo – que é o material habitual de construção – escurecido pela fumaça, dá-lhes um aspecto muito pouco agradável. A regra geral são as habitações nos porões; onde quer que seja possível constroem-se estes porões, e é aí que uma importante parte da população vive.

Entre as cidades mais feias, juntamente com Prestou e Oldham, temos Bolton, a onze milhas a nordeste de Manchester. Esta cidade só possui, tal como me foi dado verificar durante várias estadas, uma principal, Deansgate, de resto bastante suja, que ao mesmo tempo serve de mercado e que, mesmo com muito bom tempo, não passa de uma passagem sombria e miserável, embora só tenha, além das fábricas, casas baixas de um ou dois andares. Como sempre, a parte antiga da cidade está particularmente vetusta e é miserável. Atravessa-a uma água negra – córrego ou uma sucessão de charcos pestilentos? – que contribui para empestear completamente um ar já nada puro. Mais longe encontra-se Stockport, que, apesar de situada na margem do Mersey, que pertence ao Cheshire, faz parte do distrito industrial de Manchester. Estende-se num estreito vale paralelamente ao Mersey, de forma que um lado da rua apresenta uma descida brusca para voltar a subir do outro com uma inclinação igualmente acentuada, enquanto a via férrea de Manchester à Birmingham passa sobre um alto viaduto, por cima da cidade e do próprio vale. Stockport é conhecida em toda a região por ser um dos buracos mais sombrios e cheios de fumaça e oferece efetivamente – sobretudo quando vista do viaduto – uma visão nada atraente. Mas, aspecto pior tem as filas de casas e de porões que os proletários habitam por toda a cidade, desde o fundo do vale ao topo das colinas. Não me recordo de ter visto, em qualquer outra cidade desta região, uma proporção tão grande de porões habitados.

Apenas algumas milhas a nordeste de Stockport encontra-se Ashton-under-Lyne, um dos centros industriais mais recentes da região. Esta cidade, situada na vertente da colina, em cujo sopé correm o canal e o rio Tame, está em geral construída segundo um plano moderno e mais regular. Cinco ou seis grandes ruas paralelas atravessam toda a colina e são cortadas perpendicularmente por outras artérias que descem em direção ao vale. Graças a esta disposição, as fábricas ficariam fora da cidade propriamente dita, se a proximidade da água e da via fluvial não as tivesse atraído todas para o fundo do vale, onde se comprimem e amontoam, lançando pelas chaminés uma espessa fumaça. Isto faz com que Ashton tenha um aspecto muito mais agradável do que a maior parte das outras cidades industriais; as ruas são largas e limpas, as casas de um vermelho vivo tem um ar novo e muito habitável. Mas o novo sistema de construção de casas para trabalhadores também tem os seus lados maus; todas as ruas possuem uma ruela atrás, escondida, onde se chega por uma estreita passagem lateral que é muito suja. E se bem que eu não tenha visto edifícios com mais de cinquenta anos, exceto alguns na entrada – até em Ashton há ruas onde as casas são feias e estragadas, cujos tijolos das esquina estão partidos e as paredes abrem fendas e cujo revestimento de cal se esboroa e cai no interior – há ruas cujo aspecto sórdido e cheio de fumaça nada fica a dever às outras cidades da região, embora Ashton seja a exceção à regra.

Uma milha mais para leste fica Stalybridge, também nas margens do Tame. Quando, vindos de Ashton, atravessamos a montanha, descobrimos no alto, à direita e à esquerda, grandes e belos jardins rodeando magníficas casas, frequentemente no estilo *elisabetano*<sup>48</sup>, que está para o gótico como a religião protestante anglicana está para a região católica, apostólica e romana. Cem passos mais a frente, aparece Stalybridge no vale, mas que contrasta surpreendentemente com aquelas magníficas propriedades e até com as destas casas de Ashton: Stalybridge está situada numa garganta estreita e sinuosa, ainda muito mais estreita que o vale de Stockport, e cujas

---

48. Na realidade, Engels quer-se referir ao estilo neo-Tudor.

vertentes são recobertas por um extraordinário emaranhado de casas de campo, prédios e oficinas. Logo que lá entramos, vemos as primeiras casas exíguas, cheias de fumaça, velhas e arruinadas e toda a cidade relfete esta imagem. Há poucas ruas no estreito fundo do vale; a maior parte cruza-se e recruza-se, sobe e desce. Em virtude desta disposição inclinada, o andar térreo de quase todas as casas está meio metido no chão; e das montanhas, de onde descobrimos a cidade como se a sobrevoássemos, podemos ver a multidão de pátios, de ruelas escondidas e de recantos isolados que esta construção sem plano fez nascer. Juntemos a isto uma sujeira assustadora e compreenderemos a repugnante impressão que causa Stalybridge, apesar dos seus encantadores arredores.

Mas já basta sobre estas cidadezinhas. Todas têm as suas peculiaridades, mas, no fim de contas, os trabalhadores vivem nelas como em Manchester. Por isso só me refiro ao aspecto particular da sua construção e limito-me a apontar que todos os reparos gerais sobre o estado das habitações dos operários também se aplicam na totalidade às cidades vizinhas. Passemos agora a este grande centro propriamente dito.

Manchester estende-se no sopé da vertente sul de uma cadeia de colinas que, partindo de Oldham, atravessa os vales do Irwell e do Medlock e cujo último cume, o Kersall-Moor, é ao mesmo tempo o campo de corridas e o *mons sacer*<sup>49</sup> de Manchester. A cidade propriamente dita situa-se na margem esquerda do Irwell, entre este curso de água e outros dois menores, o Irk e o Medlock, que aqui deságuam no Irwell. Na margem direita deste, encerrada num grande anel do rio, estende-se Salford, mais a oeste fica Pendleton; ao norte do Irwell encontram-se Higher e Lower Broughton, e ao norte do Irk, Cheetam Hill; ao sul do Medlock encontra-se Hulme, mais para leste, Chorlton-on-Medlock e ainda mais longe, mais ou menos a leste de Manchester, Ardwick. Todo este conjunto é vulgarmente

---

49. Montanha sagrada. Engels utiliza intencionalmente a expressão latina. Com efeito, a tradição afirma que em Roma, por volta do ano 494 antes da nossa era, os plebeus, revoltados contra os patrícios se juntaram no Monte Sagrado. Do mesmo modo, em Manchester havia reuniões de operários no Kersall-Moor.

denominado Manchester e conta pelo menos com 400000 habitantes, senão mais<sup>50</sup>. A própria cidade está construída de uma maneira tão peculiar, que podemos habitá-la durante anos, sair e entrar nela cotidianamente sem nunca entrevermos um bairro operário nem sequer encontrarmos operários, se nos limitarmos a cuidar dos nossos negócios ou a passearmos. Mas isto deve-se principalmente ao fato de os bairros operários – quer por um acordo inconsciente e tácito, quer por intenção consciente e confessa – estarem separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média, ou, então, quando isso é impossível, dissimulados sob o manto da caridade. Manchester abriga, no seu centro, um bairro comercial bastante extenso, com o comprimento de cerca de milha e meia e igual largura, composto quase exclusivamente de escritórios e armazéns (*warehouses*). Todo este bairro está quase completamente desabilitado, e durante a noite vazio e deserto; só as patrulhas da polícia circulam com as suas lanternas nas ruas estreitas e sombrias.

Esta zona está sulcada de algumas grandes ruas com muito tráfego ocupadas por luxuosas lojas; nestas ruas encontra-se um ou outro pavimento ocupado e reina até noite alta uma animação bastante grande. Com exceção deste bairro comercial, toda a cidade de Manchester propriamente dita, toda Salford e Hulme, uma parte importante de Pendleton e Chorlton, dois terços de Cheetam Hill e Broughton, não são senão um bairro operário que rodeia a zona comercial como uma cintura, cuja largura média é de uma milha e meia. Além desta cintura, cuja largura média é de uma ilha e meia. Além desta cintura habitam a média burguesia e alta burguesia: a média burguesia em ruas regulares, próximas do bairro operário, sobretudo em Chorlton e nas regiões de Cheetam Hill situadas mais abaixo; a alta burguesia em vivendas com jardins, mais afastadas, em Chorlton e Ardwick, ou então sobre as alturas arejadas de Cheetam Hill, Broughton e Pendleton, em pleno ar puro do campo, em habitações esplêndidas e confortáveis, servi-

---

50. Os burgos de Hulme, Chorlton-on-Medlock, Adrwick e Cheetam, bem como o distrito de Beswick, foram administrativamente ligados a Manchester, em 1838. Em 1844, a cidade tinha 235000 habitantes. Engels refere-se, pois, aqui, a toda aglomeração e não à cidade propriamente dita.

das de meia em meia hora ou de quarto em quarto de hora por ônibus que conduzem à cidade<sup>51</sup>. E o mais curioso é que estes ricos aristocratas da finança podem atravessar os bairros operários pelo caminho mais curto, em direção aos seus escritórios no centro da cidade, sem sequer notar que estão ladeados, à direita e à esquerda, pela mais sórdida miséria.

Com efeito, as grandes ruas que, partindo da Bolsa, deixam a cidade em todas as direções, estão franqueadas de ambos os lados por uma fila quase ininterrupta de lojas que pertencem à pequena e média burguesia que os mantem, em seu próprio interesse, com um aspecto decente e limpo. Claro que estas lojas tem uma certa semelhança com os bairros que estão atrás delas e, por consequente, são mais elegantes no bairro comercial e perto dos bairros burgueses do que ali, onde mascaram as sórdidas casas operárias; mas de qualquer modo são o suficiente para dissimularem aos olhos dos ricos senhores e senhoras, de estômago robusto e nervos débeis, a miséria e a sujeira, complementos do seu luxo e da riqueza. É isto que acontece, por exemplo, com Deansgate que, da Velha Igreja, se dirige para o sul, no princípio ladeada por armazéns e fábricas, em seguida por lojas de segunda classe e algumas cervejarias; mais ao sul, quando abandona o bairro comercial, por lojas menos reluzentes, as quais, à medida que avançamos, se tornam cada vez mais sujas e cada vez mais intercaladas com tabernas; até que na extremidade sul, o aspecto das lojas não deixa dúvidas sobre a qualidade dos clientes: são operários e só operários. Acontece o mesmo com Market Street, que parte da Bolsa em direção a sudeste; primeiro encontramos belas lojas de primeira categoria, e nos andares superiores fábricas e entrepostos; mais à frente, à medida que avançamos (Piccadilly), vemos gigantescos hotéis e entrepostos; mais adianta ainda (London Road) na região do Medlock, fábricas, tabernas, lojas menos reluzentes, as quais, à medida que avançamos, se tornam cada vez mais sujas e cada vez mais interca-

---

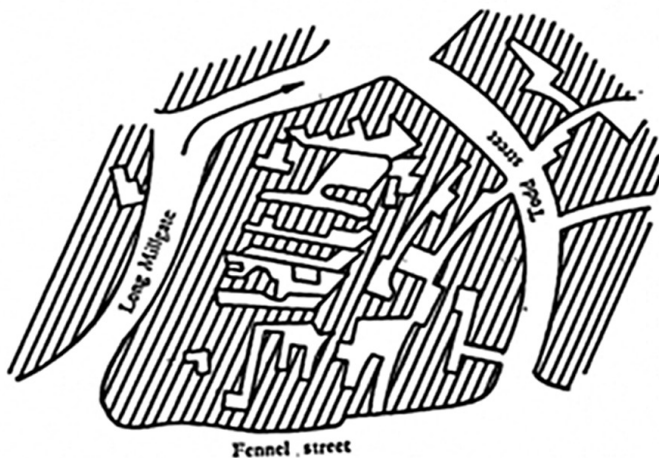
51. Por volta de 1849 que se produziu este êxodo das classes médias para a periferia da cidade. Cf. L. M. HAYES. *Reminiscences of Manchester and some of its local surroundings from the years 1840, 1905*, p. 51.

ladas com tabernas; até que na extremidade sul, o aspecto das lojas não deixa dúvidas sobre a qualidade dos clientes: são operários e só operários. Acontece o mesmo com Market Street, que parte da Bolsa em direção a sudeste; primeiro encontramos belas lojas de primeira categoria, e nos andares superiores fábricas e entrepostos; mais à frente, à medida que avançamos (Piccadilly), vemos gigantescos hotéis e entrepostos; mais adiante ainda (London Road) na região do Medlock, fábricas, tabernas, lojas para a pequena burguesia e os operários; mais perto de Ardwick Green, reservadas à alta e média burguesia, e a partir daí enormes jardins e enormes casas de campo para os mais ricos industriais e comerciantes. Desta maneira podemos, desde que conheçamos Manchester, deduzir pelo aspecto das ruas principais o tipo de bairros contíguos, mas, nestas ruas, raramente estamos em condições de conhecer realmente os bairros operários. Sei muito bem que esta disposição hipócrita das construções é mais ou menos comum a todas as grandes cidades; também sei que os varejistas devem, pela própria natureza do seu comércio, monopolizar as ruas principais; sei que em toda a parte se vêem, nas ruas deste gênero, mais casas bonitas do que feias, e que o valor do terreno que as rodeia é mais elevada do que nos bairros periféricos. Mas em parte alguma constatei um isolamento tão sistemático da classe operária, afastada das grandes ruas, uma arte tão delicada em mascarar tudo o que pudesse ferir a vista ou os nervos da burguesia como em Manchester. E, contudo, a construção de Manchester corresponde menos do que a de qualquer outra cidade a um plano preciso ou a regulamentos de polícia; a sua disposição, mais do que a de qualquer outra cidade, é fruto do acaso; e então quando penso na classe média declarando apressadamente que os operários se portam o melhor possível, pressinto que os industriais liberais, os *big whigs*<sup>52</sup> de Manchester, não estão inocentes nesta pudica disposição dos bairros.

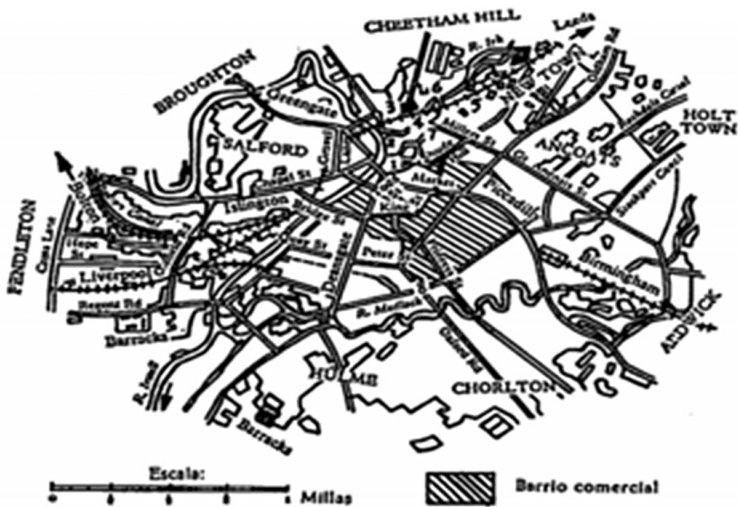
---

52. Grandes liberais e também “personagens importantes”.





Recordo ainda que os estabelecimentos industriais se situam quase todos à beira de três cursos de água ou dos diferentes canais que se ramificam através da cidade, e passo a descrever os bairros operários propriamente ditos. Temos primeiro a velha vila de Manchester, entre o limite norte do bairro comercial e o Irk. Aí, mesmo as melhores ruas são estreitas e tortuosas – Todd Street, Long Millgate, Withy Grove e Shudehill por exemplo – as casas são sujas, velhas, arruinadas, e as ruas adjacentes totalmente hediondas. Quando, vindos da velha igreja, entramos em Long Millgate temos imediatamente à direita uma fila de casas em estilo antigo, todas elas decadentes; são os vestígios da velha Manchester da época pré-industrial, cujos antigos habitantes emigraram com os seus bens para bairros melhor construídos, abandonando as casas que achavam impróprias, para uma população operária de origem predominantemente irlandesa. Deparamos aqui com um bairro verdadeiramente operário que quase não está camuflado, porque nem mesmo as lojas e tabernas da rua se dão ao trabalho de parecerem limpas. Mas isto ainda não é nada em comparação com as ruelas e os pátios dos fundos, onde se chega por becos estreitos e fechados em que duas pessoas não conseguem se cruzar.



1 — Bolsa; 2 — Velha Igreja; 3 — Casa dos pobres; 4 — Cemitério dos pobres (a linha do caminho de ferro Leeds-Liverpool passa entre a Casa dos pobres e o cemitério); 5 — Igreja de St. Mitchel; 6 — Scotland bridge sobre o Irk (a rua que vai da velha igreja à Scotland bridge é Long Millgate); 7 — Ducie Bridge sobre o Irk; 8 — Pequena Irlanda.

É impossível imaginar o desordenado amontoamento das casas, literalmente empilhadas umas sobre as outras, verdadeiro desafio a qualquer arquitetura racional. E a responsabilidade disto não cabe só às construções que datam da antiga Manchester. Na nossa época a confusão foi levada ao máximo porque, onde quer que o urbanismo da época anterior tivesse deixado o menor espaço livre, reconstruiu-se e remendou-se até que por fim não restou entre as casas um centímetro livre onde fosse possível construir. Como prova, reproduzo aqui um pequeno fragmento da planta de Manchester; de resto há pior e ela não representa nem a décima parte da cidade.

Esta planta será suficiente para caracterizar a arquitetura irracional de todo o bairro, principalmente perto do Irk. Aqui a margem sul do Irk é muito abrupta e tem entre cinco e dez metros de altura; nesta encosta, escarpada, estão implantadas frequentemente 3 filas de

casas, das quais a mais baixa emerge diretamente do rio, enquanto que a fachada da mais alta se encontra ao nível do topo das colinas de Long Millgate. Além disso, nos intervalos, há fábricas à beira dos cursos de água. Em resumo, aqui a disposição das casas é tão desordenada e apertada como na parte baixa de Millgate.

À esquerda e à direita, um grande número de passagens cobertas conduzem da rua principal aos numerosos pátios e, assim que aí penetramos, ficamos rodeados por uma sujeira e uma sordidez repugnantes, sem comparação com nada que eu conheça, particularmente nos pátios que descem para o Irk e onde, na realidade, se encontram as piores habitações que me foi dado ver até hoje. Num destes pátios, precisamente na entrada, na extremidade do corredor coberto, há banheiros sem portas, e tão sujos que os habitantes para entrarem ou saírem do pátio tem de atravessar um charco de urina pestilenta e de excrementos que rodeia estes locais; é o primeiro pátio à beira do Irk, acima de Ducie Bridge<sup>53</sup>, caso alguém deseje ir vê-lo; em baixo, nas margens do curso de água, há várias fábricas de curtumes que empestieiam toda a região com o fedor que emana da decomposição das matérias orgânicas.

Nos pátios abaixo de Ducie Bridge, é preciso frequentemente descer escadas estreitas e sujas e atravessar montes de detritos e de imundícies para atingir as casas. O primeiro pátio abaixo de Ducie Bridge chama-se Allen's Court; na época da epidemia de cólera (1832) encontrava-se num tal estado que foi evacuado, limpo e desinfetado com cloro pelo serviço sanitário; numa brochura<sup>54</sup> o Dr. Kay fornece uma descrição assustadora do estado deste pátio nessa época. Depois, parece ter sido parcialmente demolido e reconstruído; em todo o caso, do alto de Ducie Bridge ainda se veem várias paredes em ruínas e enormes montes de escombros ao lado das

---

53. Uma ponte.

54. *The moral and phisical condition of the working classes employed on the cotton manufacture in Manchester\** (Estado físico e moral das classes operárias que trabalham em Manchester na indústria de algodão) por James Ph. Kay, 2ª edição, 1832. [Encontra-se outra descrição de Allen's Court na obra de Henry Gaultier: *The origin and progress of the malignant Cholera in Manchester*, 1833, pp. 50-51.] Confunde a classe operária em geral com a classe dos operários da indústria. Quanto ao resto, excelente (F.E.)

casas de construção mais recente. O que se pode ver da ponte – disfarçado delicadamente aos mortais de pequena estatura por um parapeito de pedra da altura de um homem – é de resto característico de todo o bairro. Em baixo corre, ou antes, estagna o Irk, delgado curso de água, escuro como o breu e de cheiro nauseabundo, cheio de imundícies e de detritos que deposita na margem direita que é a mais baixa; com tempo seco subsistem nesta margem toda uma série de charcos lamacentos, fétidos, de um verde escuro, do fundo dos quais sobem bolhas de gás mefítico emanando um cheiro que, mesmo do alto da ponte, 12 a 15 metros acima da água, é insuportável. O próprio rio, por outro lado, é retido a cada passo por altas barragens, por detrás das quais se depositam grandes quantidades de lama e detritos que aí se decompõem. Acima da ponte veem-se grandes curtumes, mais longe ainda tinturarias, fábricas de artigos de osso e fábricas de gás cujas águas usadas e detritos vão todos parar no Irk que, além disso, recolhe o conteúdo dos esgotos e dos banheiros que nele desembocam. Podemos pois imaginar a natureza dos resíduos que se acumulam no rio. Abaixo da ponte, avistam-se os montes de lixo, as imundícies, a sujeira e a ruína dos pátios, situados na abrupta margem esquerda, as casas estão comprimidas umas contra as outras e a inclinação da margem só permite ver uma fração de cada uma delas, todas negras de fumaça, decrepitas, velhas, com as janelas de caixilhos e vidros partidos. O plano de fundo é constituído por velhos edifícios de fábricas, que parecem casernas. Na margem direita, completamente plana, levanta-se uma longa fita de casas e de fábricas. A segunda casa está em ruínas, sem teto, cheia de escombros, e a terceira é tão baixa que o andar inferior é inabitável e, por conseguinte sem portas nem janelas. Ao fundo, deste lado, vemos o cemitério dos pobres, as estações da ferrovia de Leeds e Liverpool e, atrás, a Casa dos Pobres, a *Bastilha da Lei dos Pobres* de Manchester, que, tal como uma cidadela, observa ameaçadoramente do alto da colina, por trás das suas altas muralhas e ameias o bairro operário que se estende à sua frente.

Acima de Ducie Bridge, a margem esquerda torna-se mais plana e em contrapartida à direita mais abrupta; mas o estado das casas dos dois lados do Irk tem tendência a piorar.

Se deixarmos a rua principal, que continua a ser Long Millgate, voltando à esquerda, sentimo-nos perdidos. Passamos de pátio para pátio e não vemos mais do que becos estreitos e passagens imundas; ao fim de alguns minutos estamos completamente desorientados, não sabendo para onde nos dirigirmos. Por toda a parte, os edifícios estão semi ou completamente em ruínas, alguns são realmente inabitáveis e isto é significativo. Nas casas quase nunca há assoalho ou mesmo ladrilhos e as janelas e as portas estão quase sempre partidas e mal ajustadas. Que sujeira! Por toda parte montes de escombros, de detritos e de imundícies; em vez de valetas, poças estagnadas e um cheiro que, por si só, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de ali viver. O prolongamento, recentemente concluído, da estrada de ferro de Leeds, que aqui atravessa o Irk, fez desaparecer uma parte destes pátios e destas ruelas, mas, em contrapartida, expôs outros à vista. É assim que mesmo sob a ponte da estrada de ferro, há um pátio que supera, e muito, todos os outros em sujeira e horror, talvez porque até agora estava tão à margem, tão afastado, que só dificilmente podia ser atingido; eu mesmo nunca o teria descoberto sem a construção do viaduto da ferrovia, embora julgasse conhecer muito bem esse local. É quando atravessamos uma escarpa abrupta, entre estacas e varais, que penetramos neste caos de pequenos casebres térreos com um único compartimento quase sempre sem assoalho. Aí é, simultaneamente, a cozinha, a sala comum e o quarto.

Num destes buracos, que não chegava a medir seis pés de comprimento e cinco de largura<sup>55</sup>, vi duas camas – e que camas! – que, com uma escada e uma lareira, enchiam todo o quarto. Em vários outros não vi absolutamente nada, se bem que a porta estivesse escancarada e os habitantes lá estivessem instalados. Diante das portas encontrava-se, por toda parte, entulho e detritos; nem se podia ver se por baixo havia pavimento, limitando-nos a senti-lo com o pé em alguns locais. Todo este conjunto de estábulos habitados por pessoas estava cercado de dois dos lados por casas e uma fábrica, do

---

55. O pé equivale a pouco mais de 40 cm; este compartimento media, portanto, 1,80 por 150 cm. (nota do tradutor)

terceiro pelo rio. Excluindo o pequeno atalho na margem do rio, a única forma de sair era através de uma estreita porta que dava para mais outro labirinto de casas, quase tão mal construídas e tão pouco conservadas como estas. Estes exemplos bastam.

É este o espetáculo de toda a margem do Irk; verdadeiro caos de casas amontoadas, mais ou menos inabitáveis e cujo interior está em perfeita harmonia com a sujeira das redondezas. Assim, como é possível desejar que as pessoas sejam limpas?! Nem sequer há condições para a satisfação das necessidades mais elementares e cotidianas. As instalações sanitárias são tão raras que ou estão constantemente ocupadas ou ficam muito afastadas para a maior parte das pessoas. Como se pode querer que as pessoas se lavem quando não possuem nas proximidades senão as águas sujas do Irk, e quando as canalizações e as bombas só existem nos bairros decentes? Na verdade, é impossível censurar estes ilhotas da sociedade moderna, por seus alojamentos não serem mais limpos que os chiqueiros que se encontram de vez em quando no meio deles. Os proprietários, esses não têm vergonha de alugar habitações como os seis ou sete porões que dão para o cais, logo acima da Scotland Bridge e cujo chão está pelo menos dois pés abaixo do nível das águas — quando as águas estão baixas — do Irk, que corre a menos de seis pés de distância. Ou então como o andar superior da casa de esquina, na outra margem, imediatamente antes da ponte, cujo andar térreo é inabitável, sem nada para tapar os buracos das janelas e da porta. Este é um caso que não é raro nesta região: o andar térreo aberto serve normalmente a toda a vizinhança para satisfazer as suas necessidades, à falta de locais apropriados.

Se deixarmos o Irk para entrarmos pelo outro lado de Long Millgate, no coração das habitações operárias, chegamos a um ro um pouco mais recente, que se estende desde a igreja de São Miguel até à Withy Grove e Shudehill. Aqui há, pelo menos, um pouco mais de ordem; em vez de uma arquitetura anárquica encontramos longas ruelas e becos retilíneos, ou então pátios retangulares que não foram feitos ao acaso; mas se, anteriormente, era cada casa em particular, aqui são as ruelas e os becos que estão construídos arbitrariamente, sem qualquer preocupação com a disposição dos outros.

Uma rua ora segue uma direção, ora em outra; a cada passo desemboca num beco ou esquina que nos obriga a voltar ao local de onde viemos – alguém que não habite neste labirinto há um certo tempo, dificilmente encontra a sua saída. A ventilação – se é possível usar esta palavra a propósito deste bairro – das ruas e dos pátios é tão imperfeita como nas margens do Irk; é verdade que as casas são mais recentes, as ruas pelo menos em alguns locais tem canais de escoamento, mas, em contrapartida, possui, em quase todas as casas, habitações nos subsolos, o que raramente existe no vale do Irk, precisamente por ser uma zona mais antiga e de construção menos cuidada. De resto, a sujeira, os montes de entulho e de cinzas, os charcos nas ruas são comuns aos dois bairros e, naquele de que falamos agora, constatamos ainda um outro fato muito prejudicial à higiene dos habitantes: o grande número de porcos que passam por todo o lado nas ruas remexendo o lixo ou que estão fechados no interior dos pátios em pequenas pocilgas. Os criadores de porcos alugam os pátios, como na maior parte dos bairros operários de Manchester, e aí instalam pocilgas; em quase todos os pátios há um ou vários recantos separados do resto, onde os habitantes jogam o lixo e detritos. Os porcos alimentam-se disso, e a atmosfera destes pátios, fechados de todos os lados, fica empestado devido à putrefação das matérias animais e vegetais. Abriam uma rua larga e bastante decente através deste bairro – Millers Street – dissimulando com bastante êxito o que fica por trás. Mas, se nos deixarmos arrastar pela curiosidade e entrarmos por uma das numerosas passagens que levam aos pátios internos, poderemos constatar, a cada vinte passos, uma destas pocilgas, no sentido exato da palavra.

Tal é a cidade de Manchester, e, ao reler a minha descrição, tenho de reconhecer que, longe de serem exageradas, as suas cores não são suficientemente cruas para darem a noção real da sujeira, da decadência e do desconforto, nem a que ponto a construção deste bairro com uma população de, pelo menos, entre 20 e 30 mil habitantes, é um desafio a todas as regras de salubridade, arejamento e higiene. E um tal bairro existe no coração da segunda cidade da Inglaterra, da primeira cidade industrial do Mundo. Se quisermos ver que espaço mínimo necessita o homem para se

mover, que pequena quantidade de — e que ar! que lhe basta para respirar, a que grau ínfimo de civilização ele pode sobreviver, basta visitar estes lugares. Claro, trata-se da cidade velha — é o argumento das pessoas daqui, quando lhes mencionamos o estado espantoso deste inferno na Terra — mas, o que isto significa? Aqui, tudo o que nos suscita mais horror e indignação é recente e data da *época industrial*. As poucas centenas, de casas provenientes da velha Manchester já foram abandonadas há muito tempo pelos seus primitivos habitantes; foi a indústria que fez com que fossem invadidas por multidões de operários que atualmente as habitam; foi a indústria que obrigou a construir em cada espaço que separava estas velhas casas, a fim de aí abrigar as massas que obrigava a vir do campo e da Irlanda; foi a indústria que permitiu aos proprietários destes estábulos alugá-los como se fossem habitações de seres humanos, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas em seu exclusivo proveito; foi a indústria que fez com que o trabalhador, recém-libertado da servidão, pudesse ser utilizado de novo como simples material, como *coisa*, a ponto de ter de se deixar encerrar em habitações, que ninguém mais ocuparia, assumindo o direito de deixá-la cair, por um alto preço. Isto foi obra da indústria, exclusivamente, ela que não poderia existir sem estes operários, sem a miséria e a servidão destes seres. É verdade que a disposição inicial deste bairro era má, pouca coisa de bom se poderia fazer dele; mas, terão os proprietários prediais e a Administração feito fosse o que fosse para lo melhorar, quando aí começaram a construir? Pelo contrário: onde ainda havia uma parcela de terra livre construiu-se uma casa; onde I ainda havia uma saída supérflua ergueu-se um muro; o valor fundiário aumentou com o desenvolvimento industrial e quanto mais se elevava, mais freneticamente se construía, sem a menor preocupação com a higiene e o conforto dos habitantes, com a única preocupação de obter o maior lucro possível e de acordo com o princípio: *por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar um melhor*. Mas que quereis, é a cidade velha, e é com este argumento que a burguesia se tranqüiliza. Vejamos então qual é o aspecto da *cidade nova* (*the new town*).



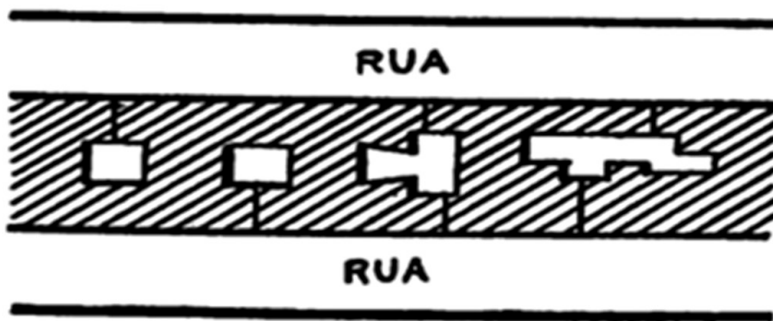
A *cidade nova*, também chamada a cidade irlandesa (*The Irish Town*) estende-se além da cidade velha no flanco de uma colina argilosa entre o Irk e St. George's Road. Aqui todo o aspecto urbano desaparece. Filas isoladas de casas ou formando um conjunto de ruas elevam-se em certos locais, como pequenas aldeias, sobre o solo argiloso e nu, onde nem a relva cresce; as casas, ou melhor, os casebres, estão em mau estado, nunca foram reparados, são sujos e tem habitações nos subsolos, úmidas e sórdidas; as ruelas não tem nem pavimento nem canais de escoamento; em contrapartida abrigam numerosas colônias de porcos, fechados em pequenos pátios ou pocilgas ou então passeiam em liberdade na encosta. Aqui os caminhos são de tal maneira lamacentos que é preciso que o tempo esteja muito seco para podermos sair sem nos enterrarmos a cada passo até os tornozelos. Perto de St. George's Road onde as diferentes ilhotas juntam-se, entramos numa interminável série de ruelas, becos, ruas nos fundos e pátios, cuja densidade e desordem aumentam à medida que nos aproximamos do centro da cidade. No entanto, estas vias estão, é verdade, frequentemente pavimentadas ou, pelo menos, possuem passagens para pedestres pavimentadas e canais de escoamento; mas a sujeira e o mau <sup>56</sup> estado das casas, e sobretudo dos porões permanecem os mesmos.

Cabem aqui alguns reparos sobre a maneira como são habitualmente construídos os bairros operários em Manchester. Vimos na cidade velha que frequentemente o acaso presidia ao agrupamento de casas. Cada casa é construída sem ter em conta as outras e os intervalos de forma irregular entre as casas chamam-se, à falta de melhor termo, pátios (*courts*). Nas zonas um pouco mais recentes deste mesmo bairro, e noutros bairros operários que datam dos primeiros tempos do desenvolvimento industrial nota-se um esboço de plano. O intervalo que separa duas ruas está dividido em pátios, mais regulares, a maior parte das vezes quadrangulares, mais ou menos como se vê na figura que se segue:

---

56. Ligeira modificação de termo na ed. de 1892. Engels substituiu "bairros em que se trabalha" por "bairros operários": *arbelterzirke* Cf. nota 42, p. 90.

Estes pátios foram inicialmente dispostos assim: as ruas se comunicam com eles por passagens cobertas. Se este tipo de construção desordenada já era muito prejudicial à saúde dos habitantes, na medida em que impedia o arejamento, este método de encerrar os operários em pátios fechados por todos os lados o é mais ainda. Aqui não há qualquer possibilidade de o ar ser renovado. As chaminés das casas — se o fogo não está aceso — são as únicas saídas possíveis para o ar retido no interior dos pátios<sup>57</sup>.

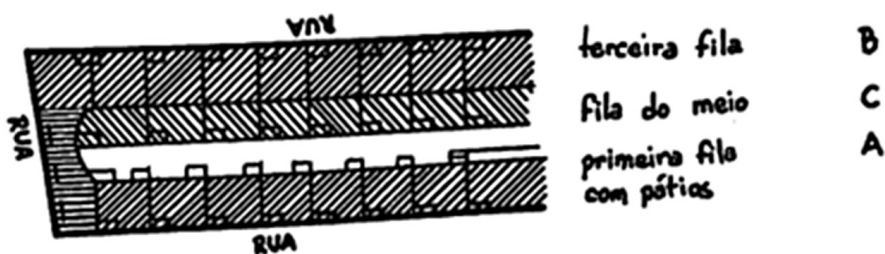


Acrescente-se ainda que as casas em torno destes pátios são construídas frequentemente duas a duas, sendo a parede do fundo divisória, e isto já é o suficiente para impedir um arejamento satisfatório e completo. E, como o policiamento das ruas não se preocupa com o estado destes pátios<sup>58</sup>, como tudo quanto aí é jogado apodrece tranquilamente, não devemos nos espantar com a sujeira e com a quantidade de cinzas e detritos que aí encontramos. Visitei

57. E, contudo, um sábio liberal inglês afirma no *Children's Employment Commission Report*, que estes pátios são a obra-prima de arquitetura urbana, porque melhoram, tal como um grande número de praças públicas, o arejamento e a renovação do ar. Ah! Se cada pátio tivesse 20 metros quadrados, acessos de frente, abertos e não cobertos, por onde o ar pudesse circular! Mas eles *nunca* têm dois, muito raramente um único acesso descoberto e quase todos tem apenas entradas estreitas e cobertas. (F.E.)

58. Estes pátios eram considerados propriedade privada. Os poderes da polícia neste campo foram um pouco ampliados em 1944 (Manchester Police Act).

pátios, perto de Millers Street, que estavam pelo menos meio pé abaixo do nível da rua principal, e que não tinham a menor valeta para escoamento das águas da chuva que aí estagnavam até secar! Mais tarde começou a adotar-se outro estilo de construção, que é agora o mais corretamente. Não se constroem as casas operárias isoladamente, mas, às dúzias ou mesmo às grossas, e um único empreiteiro constrói ao mesmo tempo uma ou várias ruas. Estas estão dispostas da seguinte maneira: uma das fachadas (Cf. o desenho abaixo) compreende as casas de primeira categoria que têm a sorte de possuir uma porta e um pequeno pátio e que correspondera ao aluguel mais alto. Por trás das paredes destas casas, há uma estreita ruela, a rua dos fundos (*back street*), fechada de ambos os lados e cujo acesso é feito lateralmente por um estreito caminho ou por uma passagem coberta. As casas que dão para esta ruela pagam o aluguel mais baixo, e são as mais descuidadas. As suas paredes de trás são comuns com as da terceira fila de casas que dão para o lado oposto da rua, e correspondem a um aluguel mais baixo que a primeira fila, mas maior que a segunda. A disposição das ruas é mais ou menos assim:



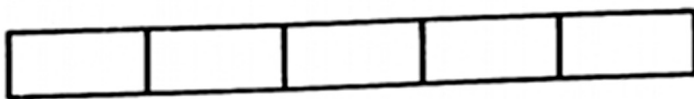
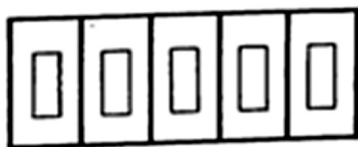
Este sistema de construção garante, para primeira fila de casas, uma boa ventilação e mantém, da mesma maneira, a ventilação da terceira fila, em comparação com as edificações anteriores; em contrapartida, a fila do meio está pelo menos tão mal arejada como as casas construídas em pátios e as ruelas dos fundos estão no

mesmo estado de sujeira e tem uma aparência tão horrível quanto os pátios. Os empreiteiros preferem este tipo de construção porque nele poupa espaço e dá-lhes a possibilidade de explorarem mais à vontade os trabalhadores mais bem pagos pedindo-lhes aluguéis mais elevados pelas casas da primeira e terceira filas. Estes três tipos de construção de casas operárias encontram-se em toda cidade de Manchester e através do Lancashire e do Yorkshire, muitas vezes confundidos, mas de modo geral suficientemente distintos para, com base neles, podermos deduzir a idade relativa dos diversos bairros da cidade. O terceiro sistema, o das *ruas* dos fundos predomina nitidamente no grande bairro operário, a leste de St. George's Road, dos dois lados de Oldham Road e Great Ancoats Street, e é também o mais comum nos outros bairros operários de Manchester e nos arredores.

É no grande bairro que mencionamos, e a que chamam Ancoats, que estão instaladas, ao longo dos canais, a maior parte das fábricas e as mais importantes – gigantescas construções de seis ou sete andares, que com as suas chaminés esguias dominam, do alto, as casas baixas dos operários. A população do bairro compõe-se principalmente de operários de fábrica e, nas piores ruas, de tecelões manuais. As ruas situadas nas imediações do centro da cidade são as mais velhas, portanto as piores, embora estejam pavimentadas e providas de valetas; inclui aí as ruas paralelas mais próximas: Oldham Road e Great Ancoats Street. Mais ao norte encontramos muitas ruas de construção recente: aí as casas são graciosas e limpas; as portas e as janelas são novas e pintadas recentemente, os interiores são limpos; as próprias ruas são mais arejadas, os espaços livres são maiores e mais numerosos. Mas isto só se aplica à menor parte das habitações porque existem em quase todas as casas habitações nos subsolos; muitas ruas não estão pavimentadas e não têm valetas de escoamento e sobretudo o aspecto limpo não passa de uma aparência que desaparece ao fim de dez anos. Com efeito, o modo de construção das diferentes casas não é menos condenável que a disposição das ruas. À primeira vista, estas casas parecem muito bonitas e bem feitas, as paredes de tijolos maciços cativam quem passa e, quando percorremos uma rua operária de

*construção recente* sem nos preocuparmos mais com as ruelas dos fundos nem com a forma como as casas estão construídas, nos sentimos inclinados a concordar com a opinião dos fabricantes liberais, que afirmam que em parte alguma os operários estão tão bem alojados como na Inglaterra. Mas quando olhamos de perto, vemos que as paredes destas casas são as mais estreitas possível. As paredes exteriores, que sustentam o subsolo, o rés-do-chão e o telhado têm, quanto muito, a espessura de um tijolo, estando, em cada camada horizontal, os tijolos dispostos uns ao lado dos outros, no sentido do comprimento.

Mas vi em muitas casas da mesma altura – algumas em construção – em que as paredes exteriores não tinham senão meio tijolo de espessura e onde estes, por conseguinte, não estavam dispostos no sentido do comprimento, mas no da largura, ajustados pelo lado mais estreito.



Isto, em parte, a fim de economizar os materiais, em parte também porque os empreiteiros nunca são os proprietários do terreno: limitam-se a alugá-lo à moda inglesa por vinte, trinta, quarenta, cinquenta ou noventa anos, após o que este retorna, com tudo o que aí se encontra, à posse do seu primeiro proprietário, sem que este tenha de pagar, seja o que for, como indenização pelas instalações que aí foram feitas. O locatário do terreno calcula o preço

destas instalações de forma a que tenham o menor valor possível quando o contrato expirar; como as casas deste gênero só são construídas vinte ou trinta anos antes desta data, compreende-se que os empreiteiros não queiram ter grandes despesas com elas. Acrescente-se que estes empreiteiros, durante muito tempo pedreiros, carpinteiros ou industriais, quase não fazem reparos, em parte porque não querem reduzir o lucro dos aluguéis, em parte porque se aproxima o fim do aluguel do terreno construído, e porque, em virtude das crises econômicas e das privações que as seguem frequentemente, ruas inteiras ficam desertas. Por conseguinte, as casas deterioram-se rapidamente e tornam-se inabitáveis. Com efeito, calcula-se que as habitações operárias só são habitáveis em média quarenta anos. Isto pode parecer estranho, quando vemos as belas paredes das casas novas que parecem durar vários séculos, mas é assim mesmo – a avareza que preside à construção, a ausência sistemática de reparos, os períodos frequentes em que não são ocupadas, a contínua mudança de locatários e, por outro lado, as depredações que estes cometem (a maior parte são irlandeses) durante os dez últimos anos em que a casa é habitável; arrancam frequentemente as vigas de madeira para fazer fogo; tudo isto faz com que ao fim de quarenta anos estas casas estejam em ruínas. É por isso que a região de Ancoats, cujas casas datam do desenvolvimento industrial e, em grande parte, apenas deste século, conta apesar de tudo com grande quantidade de casas velhas e arruinadas, em que a maioria já atingiu o último estágio de habitabilidade. Não quero calcular aqui a quantidade de capitais que foram desperdiçados deste modo, nem como um investimento inicial um pouco mais elevado, bem como pequenos reparos teriam sido suficientes para que todo este bairro se mantivesse limpo, conveniente e habitável durante muitos anos. Só me interessa a situação das casas e dos seus habitantes, e é preciso marcar bem que não há sistema mais nefasto e mais desmoralizante do que este para alojar os trabalhadores.

O operário é constrangido a habitar estas casas em mau estado porque não pode pagar o aluguel de outras melhores, ou então porque não existem melhores nas proximidades da fábrica, e até

talvez porque estas casas pertencem ao industrial e este só empregue os que aceitam habitar uma destas moradias. Claro que esta duração de quarenta anos não é rígida, porque se estas habitações estão situadas num bairro com grande densidade de imóveis e se, por conseguinte, apesar da renda predial mais elevada, há sempre possibilidades de encontrar locatários, os empreiteiros fazem alguns esforços para assegurar a habitabilidade relativa de tais habitações para mais de quarenta anos. Mas neste caso não ultrapassam o mínimo indispensável, e então estas casas reparadas são em muitos casos, as piores. De tempos em tempos, quando se receiam epidemias, a consciência dos serviços de higiene, normalmente muito sonolenta, desperta um pouco. Então empreendem expedições aos bairros operários, fecham toda uma série de porões e de casas, como foi o caso de várias ruelas nas cercanias de Oldham Road. Mas isto não dura muito; em breve estas habitações voltam a ser ocupadas e os proprietários ainda têm mais facilidade em encontrar locatários; sabe-se bem que os fiscais dos serviços de higiene não voltarão tão cedo.

Esta parte leste e nordeste de Manchester é a única em que a burguesia não se instalou, pela forte razão de que o vento dominante, que sopra durante dez ou onze meses do ano, de oeste a sudoeste arrasta para aí a fumaça de todas as fábricas. Esta fumaça os operários que a respirem sozinhos.

Ao sul de Great Ancoats Street estende-se um grande bairro operário semiconstruído, uma zona de colinas, sem vegetação com filas ou grupos isolados de casas, dispostos desordenadamente. Nos intervalos, ficam locais vazios, argilosos, desiguais, sem vegetação e conseqüentemente difíceis de atravessar com tempo chuvoso. As casas são todas sujas e velhas, frequentemente situadas em buracos profundos, que lembram a cidade nova. O bairro que é atravessado pela via férrea de Birmingham é aquele em que as casas estão mais amontoadas e é, portanto, o pior.

Neste local, os numerosos meandros do Medlock percorrem um vale que em certos locais é perfeitamente análogo ao do rio Irk. De ambos os lados do rio de águas estagnadas e nauseabundas, tão negro como o breu, estende-se, desde a sua entrada na cidade até

à confluência com o Irwell, um cinturão de fábricas e de habitações operárias; estas encontram-se em estado deplorável.

Frequentemente, a margem é escarpada e as construções descem até o rio, tal como no Irk; e as ruas e casas estão mal construídas tanto do lado de Manchester como do de Ardwick, Chorlton ou Hulme. O local mais tenebroso (se eu quisesse falar pormenorizadamente de todos os blocos de imóveis nunca mais acabaria) situa-se do lado de Manchester, a sudoeste de Oxford Road e chama-se *Pequena Irlanda (Little Ireland)*. Numa profunda depressão de terreno, numa curva do Medlock, e cercada pelos quatro lados por grandes fábricas e margens altas cobertas de casas ou aterros, estão cerca de 200 casas repartidas em dois grupos, sendo frequentemente a parede de trás da divisória; habitam aí cerca de 4000 pessoas, quase todas irlandesas. As casas são velhas, sujas e do tipo mais pequeno: as ruas são desiguais e cheias de saliências, em parte sem pavimento nem valetas; por todo o lado há uma quantidade considerável de imundícies, detritos e lama nauseabunda entre as poças estagnadas; a atmosfera está empesteadada com estas emanações, enegrecida e pesada de fumaça de uma dúzia de chaminés de fábricas. Uma multidão de mulheres e crianças esfarrapadas vagueiam por aqui, tão sujas como os porcos que chafurdam nos montes de cinzas e nas poças. Em resumo, todo este local oferece um espetáculo tão repugnante como os piores bairros das margens do Irk. A população que vive nestas casas arruinadas, por detrás destas janelas quebradas nas quais foi colocado papel oleado e destas portas rachadas com os batentes podres e até nos porões úmidos e sombrios, no meio desta sujeira e deste cheiro inqualificáveis, nesta atmosfera que parece intencionalmente fechada na verdade deve situar-se no escalão mais baixo da humanidade.





Tal é a conclusão e a impressão que o aspecto deste bairro, visto do exterior, impõe ao visitante. Mas, que dizer, ao sabermos<sup>59</sup> que em cada uma destas pequenas casas, que, quando muito, tem duas divisões e um sótão, por vezes um porão, moram vinte pessoas e que em todo este bairro há uma única instalação sanitária – quase sempre ocupada, claro – para cerca de cento e vinte pessoas e que apesar de todos os sermões dos médicos, apesar da emoção que se apoderou da inspeção da higiene durante a epidemia de cólera, quando descobriu o estado da *Pequena Irlanda*, hoje, no ano da graça de 1884, tudo está quase no mesmo estado que em 1831? O Dr. Kay relata que, neste bairro, não são apenas os porões mas também os próprios andares térreos que são úmidas; antes, alguns dos porões tinham sido entulhados, explica ele, mas pouco a pouco desentulharam-nos e agora são habitados por irlandeses; num porão em que o solo ficava abaixo do nível do rio, a água saía continuamente de um buraco de evacuação fechado com argila, a ponto de, todas as manhãs, o locatário, um tecelão manual, ter de esvaziar o porão e jogar água na rua<sup>60</sup>.

Mais abaixo, encontra-se Hulme, na margem esquerda do Medlock, cidade que não passa de um grande bairro operário cujo estado, em quase todos os aspectos, é semelhante ao do bairro de Ancoats. Os bairros de grande densidade habitacional estão frequentemente em mísero estado e quase sempre em ruínas; os bairros com população menos densa e de construção mais recente são mais arejados, mas também frequentemente atolados de lama. em geral, as casas são úmidas e providas de uma rua de fundos e habitações nos subsolos. Na outra margem do Medlock, em Manchester propriamente dita, existe um segundo grande bairro operário que se estende de ambos os lados de Deansgate até o bairro comercial e que em certos locais não fica em nada atrás da cidade velha. Principalmente junto do bairro comercial entre Bridge Street

---

59. Dr. Kay: *op. cit.* (FE) – pp. 35-36.

60. O próprio Dr. Kay inspira-se aqui num relato sobre o estado sanitário da cidade feito pela municipalidade de Manchester em 1831.

e Quay Street, Princess Street e Peter Street, o amontoamento das casas ultrapassa em alguns locais o dos mais estreitos pátios da cidade velha. Encontramos aí compridas vielas, entre as quais há pátios com cantos e recantos, e passagens cujas entradas e saídas estão arranjadas com tão pouco método que, em semelhante labirinto entramos a cada passo num beco sem saída ou enganamo-nos na saída, se não conhecemos a fundo cada passagem e cada pátio. É nestes locais exíguos, arruinados e sujos, que habita, segundo o Dr. Kay, a classe mais amoral de toda a Manchester, cuja profissão é o roubo ou a prostituição, e que, segundo parece, ainda hoje existe. Quando a inspeção de higiene aqui fez uma busca em 1831, descobriu uma insalubridade tão grande como nas margens do Irk ou na Pequena Irlanda (posso testemunhar que ainda hoje está na mesma) e entre outras coisas, uma única instalação sanitária para 380 pessoas na Parliament St., e outra para trinta casas com grande densidade populacional na Parliament Passage. Quando vamos a Salford, ao atravessar o Irwell encontramos, numa península formada por este rio, uma cidade com oitenta mil habitantes que, para falar a verdade, não passa de um grande bairro operário atravessado por uma única e larga rua. Salford, outrora mais importante que Manchester, era nessa época o principal centro do distrito que a rodeia e que tem ainda o seu nome: Salford Hundred. É por isso que também aqui há um bairro bastante velho, e consequentemente, insalubre, sujo e em ruínas, em frente da velha igreja de Manchester, e que está em tão mau estado como a cidade velha, na outra margem do Irwell. Um pouco mais afastado do rio estende-se um bairro mais recente, mas que também data de há mais de 40 anos, apresentando, em consequência, um aspecto decrépito. Toda Salford foi construída em pátios ou ruelas tão estreitas que me fez lembrar os becos mais estreitos que conheci, em Gênova. Deste ponto de vista, a maneira como Salford está construída ainda é bem pior que a de Manchester, e o mesmo se pode dizer a respeito da limpeza. Se em Manchester a inspeção ia pelo menos de tempos em tempos uma vez de seis ou de dez em dez anos – aos bairros operários, para fechar as piores habitações e limpar os cantos mais sujos destes estábulos de Augias, parece nunca ter

feito nada em Salford. Decerto que as estreitas ruelas transversais e os pátios de Chapei Street, Greengate e Gravei Lane nunca foram limpos desde que foram construídos; atualmente a via férrea de Liverpool atravessa estes bairros num alto viaduto e fez desaparecer muitos dos mais sujos recintos, mas o que é que isso altera? Ao passar no viaduto, ainda podemos ver daqui de cima bastante podridão e miséria, e se nos dermos ao trabalho de percorrer estas ruelas, de darmos uma olhada nestas portas e janelas abertas nos porões e nas casas, verificamos a cada momento que os operários de Salford vivem em casas nas quais qualquer limpeza ou conforto é impossível. A mesma situação pode ser encontrada nos bairros mais afastados de Salford, em Islington, perto de Regent Road, e por trás da estrada de ferro de Bolton. Nas habitações operárias entre Oldfield Road e Cross Lane, ou em algumas de Hope Street, encontramos um grande número de pátios e ruelas num estado dos mais deploráveis, rivalizando em sujeira e densidade de população com a cidade velha de Manchester. Aqui encontrei um homem que parecia ter sessenta anos e vivia num estábulo. Tinha construído neste buraco quadrado, sem janelas, sem soalho nem chão pavimentado, uma espécie de chaminé; tinha instalado aí um catre e aí morava, se bem que a chuva penetrasse através do teto em ruínas. O homem, demasiado idoso e fraco para suportar um trabalho regular, ganhava seu sustento transportando estrume e outras coisas no seu carrinho de mão; um mar de esterco quase tingia o seu estábulo.

Eis uma descrição dos diferentes bairros operários de Manchester, tais como tive ocasião de os observar durante vinte meses. Para resumir o resultado das nossas preambulações através destas localidades, diremos que a quase totalidade dos 350 mil operários de Manchester e dos seus arredores habita em casas em mau estado, úmidas e sujas; que as ruas por onde tem de passar estão na maior parte das vezes num estado deplorável e extremamente sujas e que foram construídas sem o menor cuidado de ventilação, com a única preocupação do maior lucro possível para o construtor. Nas habitações operárias de Manchester não há limpeza nem conforto, e portanto, não há vida familiar possível; só uma raça desumani-

zada, degradada, rebaixada a um nível bestial, tanto do ponto de vista intelectual como moral, fisicamente mórbida, poderia sentir-se à vontade e sentir-se em casa. E não sou o único a afirmá-lo. Vimos que o Dr. Kay fornece uma descrição perfeitamente análoga e, além disso, ainda vou citar as palavras de um liberal, de um homem cuja autoridade é reconhecida e apreciada pelos industriais, adversários fanáticos de qualquer movimento operário independente, N. Senior<sup>61</sup>.

Quando percorri as habitações dos operários das fábricas na cidade irlandesa, em Ancoats e na “Pequena Irlanda” a minha única surpresa foi ver como era possível se conservar uma saúde razoável os tais locais. Estas cidades – porque são cidades pela sua extensão e pela sua população – foram edificadas com desprezo total por todos os princípios, exceto o lucro imediato dos especuladores encarregados da construção. Um carpinteiro e um pedreiro associam-se para comprar (quer dizer, para alugar durante um certo número de anos) uma série de locais para construção e para os cobrirem de pretensas casas. Num local, encontramos uma rua inteira que seguia o curso de uma vala, para te rem assim os porões mais profundos sem as despesas de escavação, porões que não se destinavam a servir de despensa ou armazém mas sim de habitação para seres humanos. Nem uma única destas casas escapou à cólera. E, em geral, as ruas destes arredores não são pavimentadas, têm um monte de estrume ou uma poça no meio, as casas estão encostadas umas às outras, sem ventilação nem drenagem no chão, e famílias inteiras veem-se obrigadas a viver no canto de um porão ou de uma mansarda.

Já mencionei anteriormente a atividade invulgar que a inspeção sanitária dispendeu durante a epidemia de cólera em Manchester.

---

61. NASSAU W. SENIOR: *Letters on the factory act to the Rt. Hon. President of the Board of Trade* (Cartas sobre a lei das fábricas dirigidas ao muito honorável Presidente do Gabinete do Comércio), *Chas. Poulett Thomson, Esq.*, Londres, 1837, p. 24. (F.E.)

Com efeito, quando esta epidemia começou a se aproximar, apoderou-se da burguesia desta cidade um medo generalizado. De repente lembrou-se das habitações insalubres dos pobres, e tremeu com a certeza de que cada um destes bairros miseráveis ia constituir um foco de epidemia, a partir do qual esta estenderia seus tentáculos em todos os sentidos para as residências da classe proprietária. Designaram uma comissão de higiene para investigar estes bairros e remeter ao Conselho Municipal um relatório exato sobre a sua situação<sup>62</sup>. O Dr. Kay, ele próprio membro da comissão, que visitou especialmente cada distrito de polícia, com exceção do décimo primeiro, fornece-nos alguns extratos do seu relatório. Ao todo foram inspecionadas 6.951 casas, naturalmente apenas em Manchester, com exclusão de Salford e outros arredores; 6.565 tinham necessidade urgente de serem caiadas interiormente, em 960 tinham sido negligenciadas as necessárias reparações (*were out of repair*), 939 eram desprovidas de instalações de escoamento suficientes, 1.435 eram úmidas, 452 mal arejadas, 2.221 desprovidas de instalações sanitárias. Das 687 ruas inspecionadas, 248 não estavam pavimentadas, 53 só o estavam parcialmente, 112 mal arejadas, 352 continham poças estagnadas, montes de lixo, detritos e outros dejetos<sup>63</sup>. É evidente que era praticamente impossível limpar estes estábulos de Augias antes de chegar a cólera. Foi por isso que se contentaram em limpar alguns dos piores cantos e deixaram o resto como estava. Diga-se de passagem, que alguns meses mais tarde os locais limpos já estavam no mesmo estado de sordidez, como o prova a *Pequena Irlanda*. Quanto ao interior destas casas a mesma comissão diz mais ou menos o que já sabemos de Londres, Edimburgo e outras cidades.

Frequentemente, todos os membros de uma família irlandesa estão amontoados *numa única cama*; frequentemente, é um

---

62. Comissão designada em novembro de 1831, cujas conclusões confirmaram, no essencial, as do relatório da inspeção.

63. Engels parece ter utilizado simultaneamente para esta passagem as obras de Kay, p. 31, Gaskell *op. cit.*, p. 134 e A. Slaney: *State of poorer classes in great towns, 1840*, p. 18.

monte de palha seca e de cobertores feitos com velhos sacos que os cobre a todos numa confusa amálgama de seres, que a necessidade, o embrutecimento e o desemprego rebaixam do mesmo modo. Os inspetores encontraram muitas vezes 2 famílias numa casa de duas divisões. Uma delas servia de quarto de dormir para todos, a outra era a sala de jantar e a cozinha em comum. Frequentemente, mais que uma família habitava num porão úmido onde doze ou dezesseis pessoas estavam amontoadas numa atmosfera pestilenta. A esta e outras fontes de doença juntava-se o fato de se criarem porcos, além de se encontrarem situações verdadeiramente abjetas e das mais revoltantes.<sup>64</sup>

Devemos acrescentar que numerosas famílias, não tendo senão um quarto, recebem pensionistas e hóspedes de noite em troca de algum dinheiro; é frequente que pensionistas dos dois sexos deitem-se na mesma cama que o casal; que, por exemplo, segundo o *Relatório sobre o Estado Sanitário da Classe*<sup>65</sup> foi constatado pelo menos seis vezes em Manchester o caso de um homem, da mulher e da cunhada adulta que dormiam na *mesma* cama. Os albergues também são muito numerosos aqui; o Dr. Kay fixa o número em 207 na própria Manchester, em 1831, e desde então devem ter aumentado sensivelmente. Cada um alberga vinte ou trinta hóspedes, num total geral de cinco a seis mil pessoas todas as noites. O caráter destas casas e dos seus clientes é igual ao das outras cidades. Cinco a sete colchões estão no chão de cada quarto, sem cama, e instalam-se aí tantas pessoas quanto houver, todas misturadas. Desnecessário descrever o ambiente físico e moral reinante nestes antros de vício. Cada uma destas casas é um centro de crime e cenário de atos que revoltam a humanidade e que nunca teriam sido perpetrados sem esta centralização imposta de imoralidade. Se-

---

64. Kay; op. cit., p. 32.

65. Testemunho de James Riddel Wood, pp. 124-125

gundo Gaskell<sup>66</sup>, o número de indivíduos que vivem em subsolos na própria cidade de Manchester é de 20.000. O *Weekly Dispatch* indica “segundo relatórios oficiais”, a porcentagem de 12% da classe operária, o que parece corresponder a este número; sendo o número de trabalhadores, aproximadamente 175.000, 12% são 21.000<sup>67</sup>. Nos arredores as habitações em subsolos são pelo menos igualmente numerosas e assim o número de pessoas que vivem em subsolo no aglomerado de Manchester eleva-se pelo menos a 40 ou 50.000. Eis o que se pode dizer das habitações operárias nas grandes cidades. A maneira como é satisfeita a necessidade de abrigo é um critério que nos permite saber como são satisfeitas todas as outras necessidades. É fácil concluir que só uma população esfarrapada, mal alimentada, pode morar nestes sujos covis. E, na realidade, é o que acontece. As roupas dos operários, na maior parte dos casos, estão em péssimo estado. Os tecidos utilizados para a sua confecção já não são os mais apropriados; o linho e a lã quase que desapareceram do guarda-roupa de homens, e mulheres sendo substituídos pelo algodão. As camisas são em pano de algodão, branco ou colorido; do mesmo modo, as roupas das mulheres são de chita indiana e raramente se vê secar nos varais roupas de baixo de lã. Os homens usam na maior parte das vezes calças de veludo ou de qualquer outro tecido pesado de algodão e casacos e paletós do mesmo pano. O paletó de veludo de algo-

---

66. P. Gaskell: *The Manufacturing Population of England, its Moral, Social and Physical Condition, and the Changes which have arising from the Use of Steam Machinery; with an Examination of Infant Labour. “Fiat Justitia”* (A População dos Operários de Fábricas na Inglaterra, o seu Estado Moral, Social e Físico e as Mudanças Causadas pela Utilização de Máquinas a Vapor. Com um Inquérito sobre o Trabalho das Crianças. “Seja feita Justiça”) 1833. Descreve principalmente a situação dos operários do Lancashire. O autor é um liberal, mas escrevia numa época em que o liberalismo ainda não implicava louvar a felicidade dos operários. É por isso que ainda não tem idéia preconcebidas e ainda tem o direito de ver os males do regime vigente, em particular os do sistema industrial. Em contrapartida, também escreve antecipando-se ao *Factories Inquiry Commission* baseando-se em fontes duvidosas e delas extraindo muitas afirmações anteriormente refutadas pelo relatório da comissão. A obra, embora boa no seu conjunto, deve por conseguinte — e também porque, tal como Kay, o autor confunde a classe operária em geral com a classe operária das fábricas — ser utilizada com precaução nos detalhes. A história da evolução do proletariado que vimos na introdução é, em grande parte, retirada desta obra. (F.E.)

67. *Weekly Dispatch*, nº 2.219 de 5 de maio de 1844. Um relatório oficial de 1838 e Slaney: *op cit.* p. 19, dão-nos o mesmo número.



dão (*fustian*) tornou-se mesmo o traje típico dos operários; *fustian-jackets* é assim que se ouve chamar os operários, é assim que estes se chamam a si mesmos em oposição aos cavalheiros vestidos de lã (*broad-cloth*), expressão também utilizada para designar a classe média. Quando Feargus O'Connor, o chefe dos cartistas, veio a Manchester durante a insurreição de 1842<sup>68</sup>, apareceu com um paletó de veludo perante os aplausos arrebatados dos operários. Na Inglaterra, o uso dos chapéus está generalizado, mesmo entre os operários; têm as mais diversas formas: redondos, cônicos ou cilíndricos, com abas largas, estreias ou sem abas. Nas cidades industriais só os jovens usam bonés. Quem não tem chapéu, faz um gorro baixo e quadrado, de papel.

Todas as roupas dos operários, mesmo supondo que estejam em bom estado, são muito pouco adaptadas ao clima. O ar úmido da Inglaterra que, devido às bruscas mudanças climáticas, provoca quedas de temperatura, obriga quase toda a classe média a trazer por cima da pele roupa de flanela, sendo quase generalizado o uso de cachecóis e camisas de flanela. A classe operária não só desconhece esta precaução, como também quase nunca tem recursos para adquirir o menor fio de lã. Ora, os pesados tecidos de algodão mais espessos, mais rígidos e mais densos que as fazendas de lã, protegem apesar de tudo muito menos do frio de e da umidade. A espessura e a natureza do tecido fazem com que este conserve muito tempo a umidade e, finalmente, não tem a impermeabilidade de lã cardada. E quando um dia o operário pode adquirir um paletó de lã para o domingo, tem de ir às lojas mais baratas onde lhe fornecem um tecido ordinário chamado *devil's dust*<sup>69</sup> que “só é feito para ser vendido e não para ser usado” e que se rasga ou gasta ao fim de quinze dias. Ou então tem de comprar numa loja de roupas usadas um velho paletó, meio puído, que só dura algumas semanas. Mencionemos ainda o mau estado do guarda-roupa

---

68. Em agosto de 1842, os operários ingleses tentaram desencadear uma greve geral em várias regiões industriais (principalmente Lancashire e Yorkshire). Algumas cidades produziram no decurso da greve choques violentos entre grevistas e tropas ou forças da polícia

69. “Poeira do diabo”: tecido à base de fibras de lã de má qualidade.

da maior parte das pessoas e a necessidade em que se veem muitas vezes de por as suas melhores roupas numa casa de penhores. Contudo, para um grande número, principalmente de ascendência irlandesa, as roupas são verdadeiros farrapos, muitas vezes impossíveis de remendar ou cuja cor original é impossível de reconhecer, tantas vezes foram remendadas. Contudo, os ingleses, ou os anglo-irlandeses, continuam a remenda-las e tornaram-se mestres nesta arte; lã ou linho sobre veludo ou vice-versa, pouco lhes importa; quanto aos autênticos emigrantes irlandeses, quase nunca remendam, salvo em caso de extrema necessidade, quando as roupas ameaçam esfarrapar-se; é comum vê-los com pedaços de camisas que passam através dos rasgos do casaco ou das calças; trazem, como diz Thomas Carlyle<sup>70</sup>:

Um paletó de farrapos: vesti-lo ou despi-lo representa uma das operações mais delicadas à qual só se procede nos dias de festa e em momentos particularmente favoráveis.

Os irlandeses também introduziram o hábito, outrora desconhecido dos ingleses, de andarem descalços. Atualmente vemos em todas as cidades industriais um grande número de pessoas, sobretudo crianças e mulheres, que circulam descalços e pouco a pouco este hábito também vai conquistando os ingleses pobres.

O que é verdade para as roupas, também o é para a alimentação. Aos trabalhadores cabe o que a classe possuidora acha excessivamente mau. Nas grandes cidades inglesas pode-se ter tudo e da melhor qualidade; mas isso custa muito caro; o trabalhador que precisa morar e se alimentar com poucos recursos, não pode gastar tanto. Além disso, na maior parte dos casos, ele só é pago aos sábados à noite; alguns pagamentos começaram a ser feitos às sextas-feiras, mas esta iniciativa ainda não está generalizada e é por isso que só chega ao mercado ao sábado à tarde, às cinco ou mesmo sete horas, quando a classe média já escolheu o que

---

70. *Thomas Carlyle: Chartism*, Londres, 1839, p. 28. Sobre Thomas Carlyle ver mais adiante (F.E.)

havia de melhor. De manhã, o mercado regurgita com os melhores artigos; mas quando os operários chegam o melhor acabou, e mesmo que tivesse sobrado, não poderiam comprá-lo. As batatas compradas pelos operários são, frequentemente; de má qualidade; os legumes estão murchos, o queijo velho é medíocre o toucinho rançoso, a carne magra, velha, dura, proveniente muitas vezes de animais doentes ou mortos, geralmente em decomposição. Frequentemente, os vendedores são pequenos retalhistas que compram mercadorias ordinárias em quantidade e as revendem muito baratas precisamente devido à sua má qualidade. Os trabalhadores mais pobres têm de fazer imensos esforços para conseguir sobreviver com o pouco dinheiro que ganham, mesmo quando os artigos que compram são da pior qualidade. Com efeito, como à meia-noite de sábado as lojas têm de fechar e nada pode ser vendido aos domingos, os restos que se estragariam se tivessem de esperar até segunda de manhã são liquidados a preços irrisórios entre as dez e a meia-noite. Mas nove décimos do que não foi vendido até às dez horas já não é comestível no domingo de manhã. São precisamente estes restos que constituem a refeição dominical da classe mais miserável. A carne que é vendida aos operários é frequentemente intragável, mas, na medida em que foi comprada, é necessário comê-la.

A 6 de janeiro de 1844 (se não me engano)<sup>71</sup>, houve uma sessão do tribunal de comércio de Manchester no decurso da qual foram condenados onze açougueiros por terem vendido carne imprópria para consumo. Cada um deles possuía ainda um boi ou um porco inteiro, ou vários carneiros ou ainda 50 ou 60 libras de carne que foram apreendidas, tudo no mesmo estado. Em casa de um deles foram confiscados 64 gansos de Natal recheados, que não tinham sido vendidos em Liverpool e tinham sido transportados para Manchester, onde chegaram ao mercado estragados e cheirando mal.

---

71. Na realidade, o processo é relatado no número de 10 de maio de 1843 do *Manchester Guardian*, cf. igualmente *The court leet records of the maner of Manchester*, vol. 12 (1882-1846), pp. 191-223.

Este episódio apareceu, na época, no *Manchester Guardian*<sup>72</sup> com os nomes e o montante da multa. Durante as seis semanas do 1º de julho ao 14 de agosto, o mesmo jornal relata três casos semelhantes. Segundo o número de 3 de julho, foi confiscado em Heywood um porco de 200 libras morto e estragado, que tinha sido espartilhado em um açougue e posto à venda. Segundo o de 31, dois açougueiros de Wigon, dos quais um já tinha sido acusado pelo mesmo delito anteriormente, foram condenados a duas e quatro libras esterlinas de multa por terem posto à venda carne imprópria para consumo. Segundo o número de 10 de agosto, foram apreendidos numa mercearia de Bolton vinte e seis presuntos estragados que foram queimados publicamente; o comerciante foi condenado a uma multa de 20 *shilings*. Mas isto não nos dá conta de todos os casos, e nem sequer representa para estas seis semanas uma média segundo a qual pudéssemos calcular uma porcentagem anual. Acontece frequentemente que cada número do *Guardian*, que aparece duas vezes por semana, relata um fato análogo em Manchester ou no distrito industrial vizinho. E quando pensamos no número de casos que devem ocorrer nos vastos mercados que margeiam as longas artérias e que devem escapar às raras inspeções fiscais de mercados – de outra maneira como se explicaria o despudor com que estas peças inteiras de gado são postas à venda? –; quando pensamos como deve ser grande a tentação, dado o montante incompreensivelmente baixo das multas; quando pensamos em que estado deve estar um bocado de carne para que seja declarada completamente imprópria para o consumo e confiscada pelos fiscais – é impossível acreditar que, em geral, os operários possam comprar uma carne sã e nutritiva. Contudo, eles ainda são ludibriados de outra maneira pela cupidez da classe média. Os varejistas e os fabricantes falsificam todos os gêneros alimentícios de uma forma vergonhosa, com completo desprezo pela saúde dos que os devem consumir. Mais acima demos a palavra ao *Manchester Guardian*, escutemos agora outro jornal da classe média – gos-

---

72. O *Manchester Guardian*, que se publica em Manchester desde 1821, foi primeiro o órgão dos livre-cambistas e mais tarde tornou-se o jornal do partido liberal

to de me servir dos meus adversários como testemunhas – escute-mos o *Liverpool Mercury*<sup>73</sup>:

Vendem manteiga salgada como manteiga fresca, cobrindo-a com uma camada de manteiga fresca, ou colocando à mostra 1 libra de manteiga fresca, para provar, e vendendo em seguida libras de manteiga salgada, ou retirando o sal pela lavagem e vendendo em seguida a manteiga como se fosse fresca. Misturam ao açúcar a farinha de arroz ou outros gêneros baratos que vendem a preços altos. Os resíduos de sabão também são misturados com outras mercadorias e vendidos como açúcar. Misturam chicória ou outros produtos baratos ao café moído; chegam mesmo a misturá-los ao café em grão, dando à mistura a forma de grão de café. Frequentemente misturam ao cacau terra escura e fina, que está envolvida em banha de carneiro, para mais facilmente se misturar com o verdadeiro cacau. Juntam ao chá folhas de ameixeira e outros restos, ou então secam folhas de chá que já serviram, tostando-as sobre placas de cobre muito quentes para que retomem a cor, e vendem-nas como chá fresco. A pimenta é falsificada por meio de cascas em pó, etc. O vinho do Porto é literalmente falsificado (a partir de corantes, álcool, etc.), porque é notório que se bebe mais na Inglaterra do que tudo aquilo que é produzido em Portugal; o tabaco é misturado com matérias repugnantes de toda espécie, seja qual for a forma como este produto é posto à venda.

Posso acrescentar que, devido à falsificação geral do tabaco, vários fornecedores de Manchester, entre os mais considerados, declararam publicamente no verão passado que dadas estas falsificações generalizadas nenhuma firma poderia manter-se sem elas e que nenhum cigarro, cujo preço seja inferior a três pence, contém

---

73. *Liverpool Mercury*, 9 de fevereiro de 1844, p. 46. Engels não cita com muita exatidão. Resumo e traduz o conteúdo do artigo, nem sempre literalmente.

tabaco puro<sup>74</sup>. Claro que não se limitam às fraudes com produtos alimentares e poderia citar mais uma dúzia delas, entre outras a prática infame que consiste em misturar giz ou gesso à farinha.”<sup>75</sup> Fazem-se fraudes com todos os artigos, esticam a flanela, as meias, etc. para as fazerem parecer maiores e elas encolhem com a primeira lavagem; um corte de fazenda estreita é vendido por um corte de mais polegada e meia ou três polegadas<sup>76</sup>, a louça está coberta com um esmalte tão fino que praticamente não é esmaltada e lasca facilmente, e mais cem ignomínias, *tout comme chez nous*. Mas os principais prejudicados com estes logros são os trabalhadores. O rico não é enganado porque pode pagar os altos preços dos grandes estabelecimentos que devem zelar pelo seu bom nome e que se prejudicariam principalmente a si próprios se vendessem mercadoria de baixa qualidade ou adulterada; o rico, mimado pela boa comida, descobre mais facilmente a fraude graças ao seu paladar apurado. Todos os gêneros falsificados ou até envenenados estão destinados ao pobre, ao operário, para quem alguns *pfennings* já representam muito, que tem de comprar muitas coisas com pouco dinheiro, que não tem nem o direito nem a possibilidade de reparar na qualidade, porque nunca teve oportunidade de educar o paladar. Tem de ir às mercadorias que, em virtude do seu pequeno capital e das suas despesas gerais bastante importantes, nem sequer podem vender tão barato e com a mesma qualidade que os retalhistas mais importantes e são constrangidos a fornecer, conscientemente ou não, gêneros adulterados por causa dos preços baixos que lhes pedem e da concorrência dos outros. Por outro lado, se para um grande retalhista, que tem muito capital envolvido no negócio, a descoberta de uma fraude significa a ruína porque lhe faz perder todo o crédito, que importa a um pequeno varejista, que fornece a uma única rua, ser acusado de fraude! Se não confiam nele em Ancoats, vai-se embora para Chorlton ou

---

74. Os jornais da época apontam casos muito frequentes de intervenção dos serviços alfandegários contra estes falsificadores, o que prova a importância da fraude, cf. *Manchester Guardian*, 14 de fevereiro, 27 de abril 1844, *Liverpool Mercury*, 6, 22 de setembro de 1844.

75. *Liverpool Mercury*, 12 de julho, 19 de julho, e 2 de agosto de 1844.

76. A polegada equivale a 2,54 cm, a fraude é pois de quatro a oito centímetros de largura do retalho.

Hulme, onde ninguém o conhece e recomeça a fazer fraudes; só estão previstas penas legais para um número restrito de fraudes, exceto se forem acompanhadas por fraudes fiscais. Mas não é só na qualidade, mas também na quantidade que o trabalhador inglês é enganado. Na maior parte dos casos, os pequenos comerciantes têm falsas medidas e falsos pesos, e todos os dias podemos ler nos relatórios da polícia um número inacreditável de contravenções por delitos deste gênero. A que ponto as fraudes deste tipo estão generalizadas nos bairros das fábricas é o que se verá por alguns excertos do *Manchester Guardian*. Referem-se apenas a um curto lapso de tempo, e mesmo para este período não possuo *todos* os números do jornal.

- *Guardian* de 16 de junho de 1944. Sessões do tribunal de Rochdale – quatro merceeiros são multados de cinco a dez *shillings* por uso de pesos demasiados leves. Sessões de Stockport: dois merceeiros condenados a uma multa de um *shilling*; um deles tinha sete pesos demasiados leves e um prato da balança falsificado, e já ambos tinham sido advertidos.
- *Guardian*, 19 de junho, sessões de Rochdale: um merceeiro condenado a uma multa de cinco *shillings*, e dois camponeses condenados a pagar dez *shillings*.
- *Guardian*, 22 de junho – Justiça da Paz de Manchester: dezenove merceeiros são punidos com multas de 2 1/2 *shillings* a duas libras.
- *Guardian*, 26 de junho – Sessão breve do tribunal de Ashton: 14 merceeiros e camponeses punidos com 2 1/2 *shillings* a uma libra esterlina de multa. Sessão breve do tribunal de Hyde: nove camponeses e merceeiros condenados a cinco *shillings* de multa.
- *Guardian*, 6 de julho – Manchester: 16 merceeiros condenados ao pagamento de custas e multas inferiores a dez *shillings*.
- *Guardian*, 13 de julho – Manchester: nove merceeiros punidos com multas de 2 1/2 a vinte *shillings*.
- *Guardian*, 24 de julho – Rochdale: quatro merceeiros punidos com multas de dez a vinte *shillings*.
- *Guardian*, 17 de julho – Bolton: doze merceeiros e hoteleiros

condenados ao pagamento das custas. Guardian, 3 de agosto – Bolton: três merceeiros e hoteleiros multados com vinte e cinco *shillings*. Guardian, 10 de agosto – Bolton: um merceeiro-hoteleiro condenado a cinco *shillings* de multa.

E as mesmas razões pelas quais os operários são as principais vítimas das fraudes na qualidade explicam que também o sejam as fraudes na quantidade.

A alimentação habitual do trabalhador industrial varia, evidentemente, segundo o salário. Os mais bem pagos principalmente os operários em que cada membro da família está apto a ganhar alguma coisa, tem enquanto esta situação se mantiver, uma boa alimentação, carne todos os dias e, à noite, toucinho e queijo. Mas nas famílias que ganham menos, só há carne aos domingos ou duas ou três vezes por semana e, em contrapartida, há mais batatas e mais pão: se descermos gradualmente na escala verificamos que a alimentação de origem animal se reduz a alguns pedaços de toucinho, misturados com batatas; ainda mais abaixo, até o toucinho desaparece, só fica o queijo, o pão, o mingau de aveia (*porridge*) e as batatas, até chegarmos aos irlandeses, onde o único alimento são batatas. Em geral, com estes alimentos bebe-se um chá ligeiro, por vezes com um pouco de açúcar, leite ou aguardente. O chá, na Inglaterra, e mesmo na Irlanda, passa por ser uma bebida tão necessária e indispensável como o café entre nós, e as casas que nem chá se bebe, são sempre o reino da mais negra miséria. Mas isto só é verdade se o trabalhador tem trabalho. Se não o tem, fica completamente à mercê da sorte, e come o que lhe dão, o que mendiga, ou o que rouba. E se não tem nada morre simplesmente de fome, como já disse anteriormente. É fácil de ver que tanto a quantidade como a qualidade da comida dependem do salário, e que, mesmo em período de pleno trabalho, a fome reina entre os trabalhadores mais mal pagos, sobretudo quando tem pesados encargos de família. Ora o número destes trabalhadores mal pagos é muito grande. Principalmente em Londres, onde a concorrência entre operários cresce na proporção direta da população, esta categoria é muito numerosa, mas também a encontramos em todas as outras cidades.



Por isso recorre-se aí a todos os expedientes: comem-se, à falta de melhor alimento, as cascas das batatas, resíduos de legumes, vegetais apodrecidos<sup>77</sup>, e apanha-se ainda tudo o que possa conter um átomo que seja de produto comestível. E, quando o salário semanal se acaba antes do fim de semana, acontece frequentemente que a família, durante os últimos dias, já não tenha nada para comer ou tenha o estritamente necessário para não morrer de fome. Evidentemente que semelhante modo de vida não pode deixar de originar numerosas doenças. Quando estas surgem, quando o homem, cujo trabalho sustenta a família e cuja atividade penosa exige mais alimentação – e por conseguinte sucumbe primeiro – quando esse homem adocece, é então que começa a grande miséria, é só então que, de maneira espantosa, se manifesta a brutalidade com que a sociedade abandona os seus membros, justamente quando eles mais precisam da sua ajuda.

Para concluir, resumamos de novo os fatos citados. As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, visto que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, muitas vezes três e em alguns lugares para quatro operários; estes operários nada possuem e vivem do seu salário que na maior parte das vezes só permite a subsistência cotidiana. A sociedade, individualizada ao máximo, não se preocupa com eles, atribuindo-lhes o encargo de prover às suas necessidades e da família; contudo, não lhes fornece os meios de o fazerem de forma eficaz e duradoura. Qualquer operário, mesmo o melhor, está constantemente submetido às privações, quer dizer zer, a morrer de fome, e uma maioria sucumbe. Regra geral, as casas dos trabalhadores estão mal implantadas, mal construídas, malconservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; nelas, os habitantes estão confinados a um espaço mínimo e, na maior parte dos casos, num Qòmoáo dorme pelo menos uma família in-

---

77. *Weekly Dispatch*, abril ou maio de 1844 [Trata-se possivelmente do exemplar de 5 de maio (Cf. também, acerca deste relatório. *Northern Star*, 24 de fevereiro)], segundo um relatório do Dr. Southwood Smith [O Dr. Southwood Smith era uma autoridade reconhecida nestas questões. Fez vários relatórios em 1838, 39 e 40 sobre o estado sanitário dos bairros pobres de Londres, durante as comissões oficiais. (Cf. R. A. Lewis; *Edwin Chadwick and the public health movement 1832-1854*, 1954, pp. 394-395).] sobre a situação dos indigentes em Londres. (F. E.)

teira. A disposição interior das casas é miserável; chega-se num certo grau à ausência total dos móveis mais indispensáveis. As roupas dos trabalhadores também são, regra geral, medíocres e estão frequentemente esfarrapadas. A comida é geralmente má, muitas vezes imprópria para consumo, em muitos casos, pelo menos em certos períodos, insuficiente e, no extremo, há pessoas que morrem de fome. A classe operária das grandes cidades apresenta-nos, pois, um leque de modos de vida diferentes. No melhor dos casos, uma existência momentânea suportável: para um trabalho duro, bom alojamento e comida menos má (do ponto de vista do operário, evidentemente, tudo isto é bom e suportável); no pior dos casos uma miséria cruel pode ir até à ausência do fogo e casa e à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior do que do melhor dos casos. E não julguemos que esta gama de operários se limita a categorias fixas que nos permitiriam dizer: esta fração da classe operária vive bem, aquela mal, sempre foi e será assim. Pelo contrário, se por vezes isso acontece, se certos setores isolados ainda gozam de certa vantagem sobre outros, a situação dos operários em cada ramo é tão instável que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do relativo conforto à extrema necessidade, e até correr o perigo de morrer de fome; de resto, quase não há operário inglês que não tenha muito que dizer sobre os grandes reveses da sorte. São as causas desta situação que agora iremos examinar mais de perto.



# VIDA E TRABALHO DO POVO EM LONDRES\*

CHARLES BOOTH\*\*

Um homem é pobre. Sim, mas como, se é sua própria culpa – talvez ele beba ou não trabalhe? As casas, diz-se, são insalubres e vergonhosas: mas o que se pode fazer se botas velhas são enfiadas nos armários? Se as crianças pequenas morrem, pode ser que as mães sejam ignorantes ou negligentes, ou pior. Ou, mais uma vez, é inegável que muitas das crianças mais velhas escaparam ao controle e correm selvagens pelas ruas; mas as escolas estão lá; a educação é gratuita: não é culpa dos pais se as crianças não frequentam?

Não há dúvida de que os fatos permanecem; e, independentemente da forma como a responsabilidade seja lançada, os principais pontos em questão são os métodos e as possibilidades de cura. No entanto, as considerações de responsabilidade não devem ser negligenciadas, pois subjazem aos próprios fatos e a essas possibilidades. Mas verifica-se que os pontos de vista sobre o grau de responsabilidade das pessoas pelos seus próprios infortúnios e sobre os princípios em que se deve basear a ação filantrópica ou pública reagem a cada afirmação de um fato. Assim, surgem muitas discrepâncias.

A maior parte das diferenças de opinião ocorre quanto às condições que realmente existem, mas qualquer comparação com aquelas encontradas em outros lugares introduz mais chances de equívocos, e o caso é terrivelmente agravado quando o que pretendem ser ver-

---

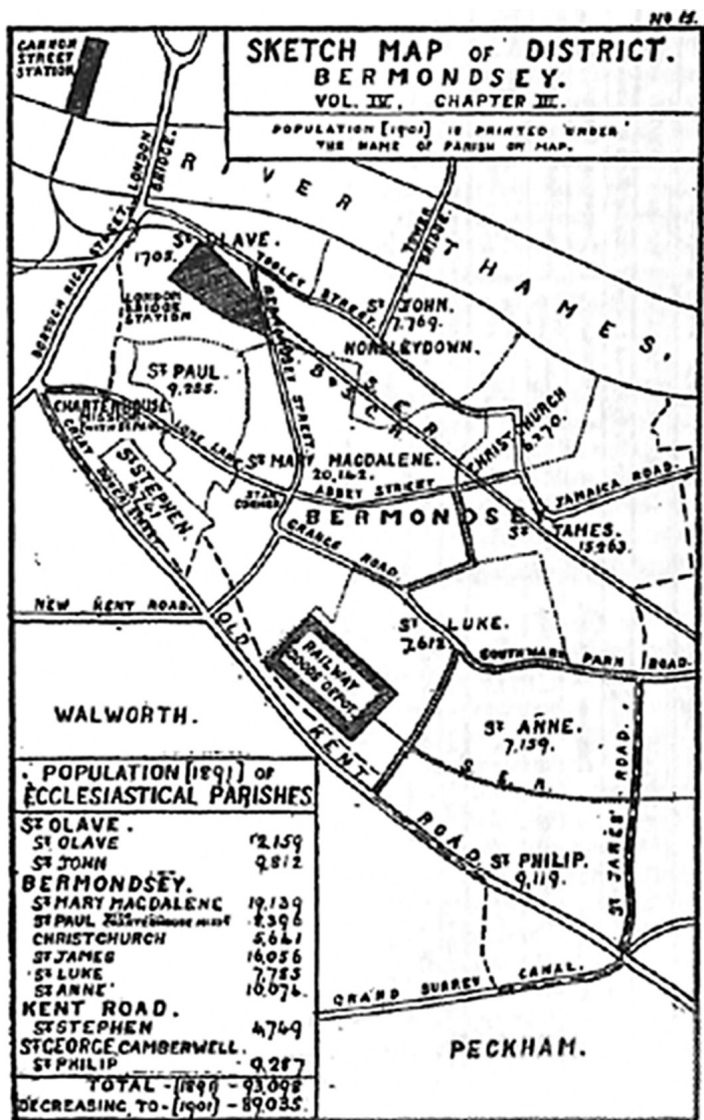
\* Extraído de BOOTH, C. *Life and labour of the people in London*. London: Macmillan and Co. Limited; New York: The Macmillan Co., 1902, p.98-139. Tradução de Global Translation

\*\* (1840-1916) Foi um armador e pesquisador social inglês.

dadeiros recitais de fatos, sua importância comparativa e significado social, são usados em apelos apaixonados como um meio de realizar métodos especiais de ação ligados a ideias definidas, mas questionáveis, quanto ao peso da responsabilidade pelas desordens descritas, e a possibilidade de sua cura. Acrescente uma medida muito moderada de exagero de um lado, contrapondo-lhe a mais leve tendência a minimizar do outro, e sem desonestidade, sem qualquer desvio intencional da verdade e sem qualquer tolerância de ignorância ou imaginação, temos grandes fossos de possível divergência.

Não posso esperar fechar estes fossos nem sequer esperar que o verdadeiro conflito de pontos de vista subjacente seja menor, mas talvez possa expor os fatos nus e mostrar, mais completa e claramente do que tem sido possível até agora, como eles diferem em várias partes deste distrito e como as condições de vida aqui se comparam com as condições em outras partes de Londres, e entre estas condições posso incluir os esforços feitos para corrigi-las.

Estatísticas sobre a área incluída no mapa nº 15\*\*\*



\*\*\* O mapa inclui os subdistritos de registro de St. Olave e Bermondsey (exceto a paróquia de St. Augustine, bem como as paróquias de St. Stephen e St. Philip.

## Estadísticas do censo mostrando o aumento ou diminuição da população

População em				Porcentagem de redução	
1881	1891	1896	1901	1881-1891	1891-1901
93.608	97.405	97.206	92.300	1,2%	4,7%

Densidade populacional	
1891	1901
Pessoas por acre	
129,5	123,5
Casas habitadas	
13.235	10.698
Pessoas por casa	
7,4	8,6
Número de acres	
752	—

Idade e gênero em 1891			
Idade	Homens	Mulheres	Juntos
Menos de 5 anos	6.756	6.698	13.454
-- 15 anos	11.351	11.096	22.447
-- 20 anos	5.004	4.582	9.586
-- 25 anos	4.618	4.494	9.112
-- 35 anos	7.701	7.430	15.131
-- 45 anos	5.726	5.597	11.323
-- 55 anos	4.108	4.227	8.335
-- 65 anos	2.259	2.554	4.813
Mais de 65 anos	1.315	1.889	3.204
Totais	48.838	48.567	97.405

## Enumeração especial para esta investigação (1891)

Gênero, local de nascimento e situação industrial dos membros da família							
Gênero		Local de nascimento		Situação industrial			Total de membros
Homens	Mulheres	Em Londres	Fora de Londres	Empregadores	Empregados	Nenhum	
17.916	3.649	12.771	8.794	1.142	17.118	3.303	21.565
83%	17%	59%	41%	5%	80%	15%	100%

Constituição das famílias				
Membros	Outros ocupados	Não ocupados	Serventes	Total nas famílias
21.565 (1,0)	20.904 (0,97)	31.997 (2,41)	715 (0,03)	95.181 (4,41)

Classificação social de acordo com os cômodos ocupados ou serventes mantidos			
	Pessoas	Porcentagem	
4 ou mais pessoas em um cômodo	3.625	3,7	Superpopulado 38,1%
3 e menos de 4 pessoas em um cômodo	8.296	8,5	
2 e menos de 3 pessoas em um cômodo	25.185	25,9	
1 e menos de 2 pessoas em um cômodo	29.142	29,9	Não superpopulado 61,9%
Menos de 1 pessoa por cômodo	3.431	3,5	
Ocupando mais do que 4 cômodos	21.850	22,5	
4 ou mais pessoas para 1 servente	2.048	2,1	
Menos de 4 pessoas para 1 servente e 4 a 7 pessoas para 2 serventes	696	0,7	
Todos os outros com 2 ou mais serventes	193	0,2	
Serventes nas famílias	715	0,7	
Ocupantes de instituições (incluindo serventes)	2.224	2,3	
<b>Total</b>	<b>97.405</b>	<b>100</b>	
Vivendo na pobreza (conforme estimativa de 1889)		41,4	100%
Vivendo com conforto (conforme estimativa de 1889)		58,6	



## **Pobreza comparativa**

Começando na London Bridge e na Borough High Street já examinamos a condição das coisas desde St. Saviour's até Lambeth e Kennington, e ao mesmo tempo que revelamos que há muita miséria e pobreza, vimos como cada distrito difere do outro em uma progressão gradual; indicada no mapa pela mudança do azul escuro e claro, com trechos de preto, passando do roxo para o rosa.

Estas regiões (até o Lambeth Palace) são todas parte da antiga South London. O bairro mais novo, situado atrás da margem ribeirinha, difere ainda mais do resto e também foi descrito. Virando da London Bridge para o leste, encontramos novamente a velha pobreza estabelecida sendo gradualmente esmagada pela extensão das ferrovias e instalações comerciais, mas é um distrito que não carece de muitas peculiaridades próprias. É mostrado no mapa aqui apresentado. Star Corner é praticamente o seu centro, e está destinado a tornar-se ainda mais quando as alterações de rua agora projetadas forem concluídas. (A passagem sul para a Tower Bridge encontra-se aberta) Em todos os lados deste centro – norte, sul, leste e oeste da paróquia de Church of St. Mary – vive uma população muito pobre. Não conheço nenhum grupo de pessoas em Londres que pareça tão pobre como aqueles que fazem as suas compras em Bermondsey New Road no domingo de manhã. Não conheço nenhum distrito tão deprimente para o espírito como aquele que se situa entre Long Lane e Great Dover Street.

## **Quatro paróquias pobres**

Ao descrever o trabalho dos organismos religiosos entre esta população, tomá-lo-ei paróquia por paróquia, e começarei pelo centro com a paróquia mãe Church of St. Mary Magdalene.

O reitor é um daqueles que foram acusados de descrever as coisas como se fossem piores do que são, e se houver ofensa, ele é, a este respeito, um grande infrator. O seu conhecimento do distrito não é de muito longa data; e chegando ao seu trabalho aqui e em

Londres, ficou profundamente afetado pela pobreza que encontrou, pela superlotação e pela dificuldade de combinar interesses instalados. Ficou chocado com a ignorância e a apatia dos proprietários e dos empregadores em relação às condições de habitação dos seus inquilinos ou trabalhadores; e com o que considerava ser a lentidão egoísta da administração local. Ele notou também a impotência dos funcionários pagos, mesmo que estivessem ativos, para lidar efetivamente com os males admitidos. Ele via todas essas coisas e pôs-se a serviço para corrigi-las. Ele foi acusado de exagerar, e ele certamente não minimizou as questões. Ele via Bermondsey de dia, e era ruim; de noite, e era pior. Os homens saíam para trabalhar durante o dia e voltavam à noite para beber o que haviam ganhado. Aos sábados havia orgias, aos domingos, não havia bênçãos. Ele absorveu tudo de peito erguido. Ele reconheceu, e usou as palavras de São Paulo para proclamar, que “nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra os poderes, contra os governantes desta escuridão, contra o exército espiritual da maldade”.

Se ele foi direto ao convencer os outros do que ele concebia como sendo seus deveres, ele também foi firme em assumir o seu próprio dever. A igreja é fortemente organizada. Há cinco clérigos, três leitores de escrituras, três biblistas e várias ajudantes e outros assistentes, com uma grande equipe de obreiros honorários, incluindo oitenta professores da escola dominical. Há também uma missão médica, administrada separadamente, mas reivindicada como uma organização paroquial, consistindo de um médico, com um dispensador pago; e há uma enfermeira. Além da igreja paroquial, é usada uma igreja missionária, e há duas salas de missão e salas de clube, uma casa do clero, e a casa das obreiras. É, de fato, um exemplo de trabalho paroquial do tipo mais ativo, realizado em grande escala.

A presença nas missas é dificilmente proporcional aos esforços desenvolvidos. É para as reuniões de mães e para as escolas dominicais que devemos olhar, se o trabalho tiver de passar por algum teste numérico. Somos advertidos, no entanto, que os números não são uma medida da influência que a Igreja exerce, pois “a última coisa que as pessoas pensam é em ir à igreja” e de várias maneiras “a Igreja lança seus tentáculos durante toda a semana”. Há de fato uma

boa quantidade de trabalho paroquial em andamento, cujo valor é difícil de estimar. O sistema de visitação é elaborado; o distrito, grande como é, está completamente mapeado; tanto que se pode dizer que “nem sempre conseguimos entrar, mas os visitantes dão algumas informações sobre cada casa ou loja da paróquia”. Os desamparados e doentes são ajudados por meio de vales e benefícios, cartas hospitalares, e de várias outras formas menores. Todos os anos são distribuídos milhares de peças de roupa, velhas e novas, são distribuídos jantares e chás, e são organizadas excursões para mulheres pobres e crianças em idade escolar. O trabalho da missão médica é dirigido principalmente a homens e jovens, e de fato fica limitado a eles. Não tem muito tempo que foi estabelecido e, atualmente, funciona em pequena escala. Mas a organização tem vida própria. Ela se conecta com Oxford, e espera-se que possa se tornar um Assentamento Universitário Evangélico, e além de seu lado médico, oferecer àqueles que estão deixando a Universidade e que pretendem tomar Ordens a oportunidade de um treinamento em trabalho social entre os pobres.

Há um clube de homens, mas tem apenas vinte e cinco membros. A única organização para homens de qualquer força numérica é um clube de empréstimo. Mas, por outro lado, mil crianças frequentam as escolas dominicais e mil mulheres estão inscritas nas três reuniões de mães. Nesses departamentos, e nas visitas, temos o verdadeiro trabalho da Igreja entre as pessoas; e é aos dons da visita e da caridade, aos petiscos e chás, à ajuda na doença e no sofrimento, que esses grandes números são devidos. As grandes reuniões de mães são uma tradição nesta igreja. O trabalho de enfermeira está inteiramente a cargo das mulheres e, principalmente, dessas mulheres. Elas não são enfermeiras certificadas, e seu principal trabalho é cuidar dos casos de maternidade. Como de costume, todas as mulheres vêm para participar das atividades da igreja. Desta e de outras formas é afirmado pelo clero que metade da população está tão tocada a ponto de perceber que “nós estamos entre eles como seus servos e amigos em nome de Cristo, e que estamos dispostos a ajudá-los de qualquer maneira que pudermos”.

Isto, também, é o que todas as missões afirmam. Neste sentido, seja pela igreja, pela capela ou pela missão, todo o território está

realmente coberto, mas, infelizmente, há nisto, por mais grande que seja a concepção, nada para o qual possamos olhar com confiança a fim de melhorar o caráter das pessoas ou das condições em que vivem; de fato a ação tomada em busca desse ideal e a confiança dos pobres sobre ele tende a arrastar tanto o caráter quanto as condições para um nível inferior.

Das paróquias adjacentes, a mais pobre é a de St. Stephen, que abrange a maior parte da grande área azul escura situada entre Long Lane e Great Dover Street. O vigário, um homem de cinquenta ou sessenta anos, ocupa essa posição há quinze anos, e já conhece a paróquia pelo dobro desse tempo. Ele não vê nenhuma mudança nela. “Não está mais rica nem mais pobre; mas, acrescenta, “mais pobre não poderia ser”. A cestaria e a pesca são as indústrias locais especiais. Quase sem exceção, os habitantes são empregados casualmente, sendo em grande parte pobres, muitos deles pertencentes à classe dos pequenos vendedores ambulantes que carregam seu estoque, sendo incapazes de pagar o burro ou o carrinho de mão. Com exceção de um contingente de prostitutas na Etham Street, as pessoas são parcas, descontraiadas, irresponsáveis e intemperadas, e não perversas. Entre eles, o trabalho da Igreja é “terrivelmente lento e desencorajador”, tão desencorajador que afugenta seus trabalhadores. Em um caso extremo, uma senhora, depois de alguns meses de experiência na paróquia, chorou uma manhã, dizendo que não aguentava mais: a condição das pessoas, sua insensibilidade, o que via nas casas e ruas, a haviam deixado completamente desamparada, e ela teve que desistir de sua tarefa. “Eles esperam ver resultados”, disse o vigário. “Há resultados, muitas vezes das formas mais inesperadas e lugares inesperados, mas são poucos, e esperá-los é um erro. Aqui você deve semear a semente e não esperar ver a colheita.” As pessoas estão em um nível muito baixo para o que esperam os visitantes e o trabalho depende do pessoal pago – dois clérigos, duas missionárias e duas enfermeiras.

O número de pessoas que frequentam os cultos da igreja é muito pequeno. Tenho diante de mim o relato exato, com médias semanais de cultos e todas as reuniões realizadas. No que diz respeito à frequência, é estritamente paroquial. O ritual da igreja é baixo, mas

tudo é feito com muito cuidado, com excelente música, e o interior da igreja é singular e peculiarmente bonito. Sua situação, enterrada em uma favela, rouba todas as suas chances de apoio externo. “Trazer a igreja ao povo”, neste sentido é, pensa o vigário, um erro. É melhor que o edifício seja colocado em uma boa rua onde as pessoas possam ir, sem serem notadas por seus vizinhos. “Muitos”, diz ele, “gostariam de assistir, mas têm medo de enfrentar a confusão”. Não são apenas os serviços religiosos que são negligenciados. Tudo o que se faz é feito em pequena escala; “a maioria das coisas foram tentadas e fracassaram”. As visitas, no entanto, são muito minuciosas, e os trabalhadores da igreja são recebidos da maneira mais amigável. Por mais que tenha pouco a mostrar, quem dirá que isso é um fracasso? Mas é um trabalho que requer paciência sem fim: “Sim”, diz o vigário, “e amor”.

Com isso, pode-se comparar ou contrastar o trabalho feito ou almejado pela *Charterhouse Mission*, que é uma das mais extenuantes missões escolares e universitárias de Londres. O campo do seu trabalho forma uma paróquia quase tão pobre quanto a de St. Stephen, e este distrito também permaneceu praticamente sem mudanças durante os quinze anos em que a missão foi estabelecida. Houve algumas demolições seguidas pelo aumento da aglomeração, mas as pessoas não ficaram mais pobres. Eles também são descritos como “principalmente da classe casual, pobres, fabricantes de escovas e tapetes, pescadores, lenhadores e operários, com uma mistura de prostitutas e ladrões”. A missão começou da menor maneira com uma igreja em um porão na Tabard Street, e nos edifícios notáveis fora de Long Lane para o qual eles agora se mudaram, o mesmo caráter subterrâneo é mantido para a igreja, mas de modo a produzir um efeito arquitetônico muito marcante. Esse plano deixa espaço para clubes e outros propósitos missionários. A missão tem sido ativamente levada adiante, e nem dinheiro nem trabalhadores têm faltado, embora mais de ambos sejam continuamente solicitados. A base religiosa é a Alta Igreja, e isto tende a se tornar mais extremo tanto em termos de rituais como de doutrina. Há os cultos, celebrações e procissões habituais, mas tem havido um fracasso quase completo em atrair os homens para a igreja, e na verdade uma falta de resposta da sua parte a qualquer coisa relacionada com a missão que tenha o mínimo a

ver com religião. Os fiéis da Igreja são considerados por eles como “impostores”, ou seja, mendigos e vagabundos e, por implicação, hipócritas. No domingo à noite, os que assistem ao culto podem chegar a duzentos ou trezentos, mas são quase sempre mulheres; para os cultos restantes, exceto pelos obreiros, quase ninguém comparece. Sinais de resposta proporcionais à energia e devoção investidas devem ser procurados em outro lugar, mas dificilmente são encontrados. Muitas coisas foram tentadas e algumas falharam.

Além dos dois clérigos e do gerente do clube masculino, e dos visitantes cartuxos ocasionais, há duas Irmãs e algumas voluntárias, que administram o clube feminino. A paróquia também tem condições de fornecer um bom número de professores para a escola dominical, frequentada por quinhentas crianças. Nos clubes, os números nunca são grandes: em alguns anos não foi exigido nenhum teste religioso, mas agora, tanto com meninos como com meninas, é necessária a frequência à igreja e à catequese, e isso funciona melhor. Existe, naturalmente, uma reunião de mães, mas não existe uma sociedade de temperança; descobriu-se que ela não atraía ninguém a não ser os sóbrios, e foi dissolvida. Mas o frescor do entusiasmo não se esgota, e se reflete na linguagem dos apelos de ajuda à missão no desenvolvimento de seu trabalho – seu “trabalho abençoado”, como dizem – apelos dirigidos aos cartuxos, antigos e novos, cujos objetivos e orações e ajuda pessoal são solicitados.

Trazido da imaginação e da esperança aos fatos concretos, não há nada de particularmente bem-sucedido, ou excepcional, no trabalho desta missão. Não encontramos nela nenhuma solução para os problemas que a precedem; nenhuma nova aplicação da luz religiosa para iluminar as trevas dominantes. Despertar o interesse entre os ricos, despertar o entusiasmo e fundar uma missão, angariar grandes somas de dinheiro e construir uma igreja, e depois viver e trabalhar ano após ano com devoção incansável entre uma população degradada, é sem dúvida um sucesso muito marcante na conquista das dificuldades; mas tudo isso é apenas preliminar aos objetivos visados; e para efeito sobre a massa da população, nada, no final das contas, parece contar exceto a “paciência e amor” com que o vigário de St. Stephens repousa sobre sua modesta afirmação.

Em St. Paul's, a última das quatro paróquias que incluo nesta seção, diz-se que a igreja está "morta". O encarregado recentemente nomeado (1899) falou do trabalho como algo sob uma condição muito deprimida. A igreja estava sendo reparada por fora, e parecia ser monótona e suja por dentro; a frequência era muito pequena, mas não muito pior do que em qualquer outro lugar. Além dos serviços especiais para crianças, que se diz serem populares, há clubes sociais, com entretenimento semanal, para os jovens de ambos os sexos; e, como mais um sinal de vida, objeções muito extenuantes parecem ser levantadas contra as inovações ritualísticas.

Em todas estas paróquias a Igreja é reconhecida; mas em nenhuma delas se pode dizer que é bem-sucedida. A este respeito, a diferença entre elas não é grande, ainda que nas tentativas feitas se exhiba uma variedade considerável. Quanto à religião, o seu povo permanece praticamente intocado.

### **Não conformistas e missões na mesma área**

A Wesleyan South London Mission assumiu a causa moribunda da antiga Southwark Chapel em Long Lane, e tem se esforçado para fazer com que ela ganhe vida nova. O trabalho neste novo plano está em andamento há dez ou doze anos e, assim como no Leste de Londres, foi considerado necessário providenciar vários centros para ele. Destes, o de Locksfields, sob o comando do Sr. Meakin, já descrito, foi de longe o mais bem-sucedido. Devido em parte à situação mais favorável, mas ainda mais à personalidade do ministro em exercício, uma grande congregação da classe trabalhadora foi reunida, e a igreja filial tornou-se um verdadeiro centro da vida religiosa local. Mas isso não se pode dizer do John Street Mission Hall, nem da própria Southwark Chapel.

Aqueles que frequentam a capela não vêm de forma alguma da vizinhança imediata, sendo na sua maioria Wesleyanos convencidos vindos do Sul, atraídos pela agitação que foi provocada por este empreendimento missionário, e pelas oportunidades de trabalho que ele oferece. Eles constituem uma congregação bastante grande, es-

pecialmente para o culto da noite, quando alguns dos frequentadores de manhã prestam lealdade a outro lugar. Os cultos são realizados em linhas antiquadas. Na John Street parece haver um completo fracasso em trazer para as “Noites Dominicais para o Povo” a classe destinada, ou melhor, qualquer classe.

Desde que começamos a presente investigação, esta missão estabeleceu um novo centro, colocando-o na própria Star Corner, e gastou £30.000 nos edifícios, angariando o dinheiro através de assinaturas vindas de longe e de perto. “Para apelar aos pobres é preciso fazer coisas em grande escala”, é a teoria apresentada. Para esta situação de comando, o Sr. Meakin foi transferido, e aqui está ele a repetir o sucesso dos Locksfields. Que multidões enormes são atraídas é certo, e certo também que elas consistem em grande parte das classes trabalhadoras.

Todo este movimento é visto com grande desconfiança por muitas das pessoas mais profundamente religiosas, e eu não posso intentar nenhum julgamento final, especialmente aqui, onde tudo é tão novo, tendo ocorrido após a conclusão da nossa investigação no local. Vimos então o trabalho como um trabalho de esperança e não de desempenho, mas, exceto no que diz respeito a considerações mais remotas, isso já não pode ser dito. Ainda é impossível ver quais serão os resultados, ou medir o valor religioso do trabalho, mas o primeiro sucesso já foi alcançado. Todos os domingos o prédio fica cheio.

O relatório de Long Lane, que trata de todo o trabalho da missão anterior à abertura de Star Corner, afirma que durante o inverno “vinte e cinco mil crianças receberam café da manhã”, e parece provável, embora não seja muito claro que se refira às crianças individualmente, nem o total de refeições distribuídas. Diz-se que, a fim de “promover o trabalho”, um novo grupo de crianças era atendido a cada mês; um plano curioso, que, se outras missões fizerem o mesmo, talvez ofereça uma variedade interessante às crianças. Além disso, tais números se prestam à publicidade, e as Missões Wesleyanas, deve ser dito, nunca ficam para trás ao aproveitar ao máximo o que fazem dessa e de outras formas. O relatório não indica, mas pode presumir-se, que a maior parte das refeições gratuitas seja distribuída entre os pobres dos distritos de Long Lane e Bermondsey New



Road, e não em grande parte a Locksfields. Com o estabelecimento em Star Corner, a esperança e o entusiasmo são renovados. Não que, até agora, qualquer fracasso ou desapontamento seja admitido. Pelo contrário, o trabalho da missão seria descrito como um progresso triunfante de uma vitória a outra. Nem sequer me atreveria a sugerir a aplicabilidade de uma palavra como fracasso se houvesse menos pretensões. O sucesso alcançado e, creio eu, provável de ser alcançado, é certamente, de certa forma, maior do que o de outros, mas está sujeito a outras limitações, e as ideias inflacionadas sobre as quais ele se sustenta estão cheias de perigo.

A história da *South London Primitive Methodist Mission* dá origem a uma reflexão semelhante. No momento da nossa investigação, o Sr. Flanagan já desfrutava do seu novo Central Hall, mas tinha descoberto que aqueles para quem ele foi construído, “os pobres sofrendores de Southwark” – por cuja causa, para obter £10.000, ele “viajou trinta e cinco mil milhas, e pregou e deu palestras mais de setecentas vezes” – não ia ao novo edifício mais do que iam à capela na Trinity Street ocupada anteriormente. O desapontamento deve ter sido muito grande. Há dois ou três anos, em um apelo lançado aos inscritos, foi admitido que “se o nosso trabalho deve ser julgado por números, então devemos ser dos homens mais miseráveis”. “Mas” (continuava o apelo) “que o Connexion nos leve em segurança para nossas novas premissas, então, pela graça de Deus, nos esforçaremos para desenvolver algo que seja visto”. Depois de um esforço incansável, o dinheiro foi todo fornecido, mas receio que seja necessário, ao descrever as novas tentativas, voltar a usar a velha linguagem e dizer que o que se faz é feito “fora de vista”. Os edifícios são muito bem-sucedidos; não se encontra em Londres um salão mais confortável; é mesmo bonito, com uma perfeição bastante própria; há também uma sala de conferências, e há outras salas; e ao todo, para as instalações da missão, nada poderia ser mais bonito ou mais completo. Também não falta nenhuma atração popular: banda de metais, banda de cordas, um grande órgão e um coro ensaiado, e por último, mas não menos importante, um púlpito ocupado por um pastor muito fervoroso e eloquente. Enquanto escrevo estas linhas, sua bela voz ainda ressoa em meus ouvidos. É realmente estranho

que tão poucos se preocupem em escutar; e, embora talvez não tão estranho, é ainda mais triste que aqueles para cujas necessidades sociais e espirituais tudo isso foi feito dificilmente respondam.

O fato do fracasso não é e não pode ser admitido; além disso, é apenas em relação às estupendas afirmações feitas que ele deve ser chamado de fracasso. A congregação (reunida quase inteiramente a partir das regiões mais prósperas do Sul) pode se comparar bem com outras; e assim, talvez, também os esforços rotineiros dos missionários desta igreja entre os pobres vizinhos – reuniões de mães, escolas dominicais, e assim por diante –; mas qualquer afirmação tão humilde se perde na linguagem grandiosa mas vaga usada para descrever os sucessos que supostamente devem ser alcançados. “Extraordinária declaração – maravilhoso testemunho – glorioso sucesso;” e então essas palavras se seguem: “E agora, ao único Deus sábio, nosso Salvador, que fez estas coisas, seja feita a Glória e Majestade, Domínio e Poder, agora e sempre. Amém”. Isso aparece do lado de fora de um pedido de dinheiro, e nas páginas internas é colocada ênfase na maneira maravilhosa como o pastor tem sido sustentado “entre os trabalhos mais abundantes” para levantar a maior parte ou o dinheiro necessário para construir o Santuário e as escolas necessárias, que o Sr. Flanagan se recusou a abrir até que cada centavo fosse pago. O valor do trabalho a ser feito pelo povo é assumido como evidente em si mesmo, e o pedido termina perguntando “você nos ajudará nesta obra inspirada e dirigida por Deus?” Em resposta a este apelo, a ajuda necessária estava próxima e o “impossível foi alcançado”. O dinheiro vem principalmente de seus correligionários, que estão convencidos de que uma obra realmente maravilhosa está sendo feita entre o povo.

O lugar que a “salvação das almas” ocupa nas influências religiosas de Londres não pode ser tratado agora. Ele pode ser visto como o único objetivo legítimo das Igrejas, às quais tudo o mais é subserviente, e sem o qual tudo o mais é fracasso; ou, como a culminação e o florescimento de um crescimento espiritual, cujo desenvolvimento é bom até onde chega; ou, talvez, como um simples incidente, um subproduto da exaltação religiosa, ou mesmo como um sintoma de doença mental oculta. As pessoas, igualmente dedicadas ao serviço de Deus, podem manter honestamente qualquer uma dessas

opiniões muito divergentes e assim o fazem de fato. Aqueles que assumem a primeira dessas posições, e confiam na força de sua lógica, devem eles mesmos testar, e devem estar dispostos a que outros testem, seu sucesso pela salvação das almas, usando essas palavras no sentido que eles atribuem a elas. Julgados desta forma, os esforços desta missão do Sudeste de Londres fracassam, e assim, medidos da mesma forma, também fracassam os esforços de todos os que trilham o mesmo caminho, na tentativa de alcançar as massas e tirá-las da lama pelas boas novas da salvação. O que eles realmente fazem é compartilhar com os outros o trabalho social ao qual, como um começo ou como um fim, todos se voltam, trazendo mais ou menos devoção e mais ou menos discrição para a tarefa.

O *status* social da congregação do Sr. Flanagan fica um pouco abaixo do dos Wesleyanos na Chapel Place, mas está, eu acho, acima do da congregação reunida em Locksfields. Está também acima daquele dos Batistas em Haddon Hall, Bermondsey New Road, uma das missões já mencionadas que surgiram do Tabernáculo de Spurgeon, ligadas às qual existem grandes escolas e uma considerável congregação, provenientes principalmente das classes trabalhadoras. Os Batistas pregam intransigentemente a doutrina da salvação e seu oposto, e buscam através da contínua pregação ao ar livre evangelizar os pobres que vivem ao redor e lotam o mercado de rua no sábado à noite e domingo. Disto resulta muito pouco resultado no que diz respeito à missa, mas um sucesso mais do que o habitual é alcançado no interesse pelo trabalho, bem como nos cultos e doutrinas da Igreja, uma parcela das pessoas mais sérias entre as classes trabalhadoras. Trata-se de um trabalho sólido na medida em que avança, e com extrema pretensão vai mais longe do que a maioria. Nas suas obras de caridade, através das quais procuram levar o Evangelho aos mais pobres, diz-se que não são sábios – muito dispostos a acreditar em qualquer conto. Pode ser que sim.

Há um outro corpo de obreiros cristãos, e o que é praticamente uma igreja humilde, na filial de Long Lane da London City Mission. Aqui encontramos uma escola dominical, uma grande reunião de mães e uma boa congregação noturna. Este trabalho, como o dos Batistas, é um sucesso evidente. Os sentimentos religiosos da classe

a que apelam são mais satisfeitos com tais serviços do que com os da Igreja da Inglaterra, seja ela Alta ou Baixa. No entanto, o missionário responsável aqui, e vários outros missionários que trabalham no bairro, falam tristemente da apatia que encontram. São poucos os que são realmente conquistados, e os números são compostos por mulheres, sobre as quais há sempre uma suspeita quanto aos motivos que as afetam. O trabalho é especialmente para os jovens, e é dos jovens que se esperam resultados. Com os adultos diz-se que é “como espetar um prego na madeira podre”.

O distrito que descrevo aqui é densamente repleto de missões, várias das quais não especifiquei, mas o seu trabalho não é de grande importância. As escolas dominicais são ligadas a todas as salas em que esses missionários realizam seus cultos, e durante a semana as salas de aula e os prédios são amplamente utilizados para a distribuição de refeições gratuitas.

Esta forma de caridade é praticada em todo esse distrito, em uma medida dificilmente igualada em qualquer outro lugar de Londres. Vimos que os Wesleyanos afirmam ter alimentado vinte e cinco mil crianças durante o inverno; espalhando amplamente os seus favores. Quase todas as missões se juntam a este trabalho. Na “*Kent Street Sunday School*”, com seiscentas crianças nos livros e uma frequência média de quatrocentas, eles oferecem todas as sextas-feiras um jantar gratuito, ao qual comparecem cerca de oitocentas crianças, e durante o inverno jantares gratuitos são oferecidos diariamente. Na *Lansdowne Place Ragged School*, o relatório publicado, com contas para 1898-9, fala de 12.818 cafés da manhã gratuitos, 2235 jantares gratuitos e 4772 jantares de meia pensão. No clube das meninas “uma modesta ceia é fornecida gratuitamente”, e no clube dos meninos ouvimos que as ceias de meia pensão são bem-subsidiadas – “a excelente qualidade do cacau, pão e geleia não é sacrificada pelo preço”. A “*Poor Children’s Society*”, estabelecida por uma das missões em Tabard Street, é inteiramente dedicada a este trabalho, e tem sido tão bem-sucedida nos seus apelos por fundos que agora oferece jantares para crianças pobres em todas as partes de Londres. O folheto diz que “Estão sendo feitos arranjos para que os jantares aconteçam em várias localidades, mas as datas ainda não foram fixadas. Aqueles

que precisam de entradas devem comunicar o Sr. \*\*\*\*\*, que as encaminhará com data e local de reunião.” O desenvolvimento do trabalho nesta maré de prosperidade fez com que a missão se mudasse para instalações maiores e muito melhores na Trinity Street, sendo abandonadas pelo Sr. Flanagan quando ele se mudou para seu novo salão. O apelo que tem tido tanto sucesso é intitulado: – “Mais um ano de trabalho entre os pequeninos desanimados e famintos”, e oferece estatísticas que afirmam que trinta e cinco mil crianças receberam um café da manhã, jantar ou chá gratuitos.

Estivemos presentes em um jantar oferecido em uma missão no bairro de Tabard Street. Um grupo de crianças enchia as longas mesas e, do lado de fora, mais cem ficaram na fila esperando sua vez pelo prato de sopa grossa e um pedaço de pão, seguidos de uma grossa fatia de pudim de ameixa. As crianças estavam muito malvestidas e descuidadas, com roupas esfarrapadas e cabelos desarrumados; entre elas havia alguns olhos doloridos e bochechas e braços finos; evidentemente estavam famintas e ansiosas pela comida, mas a maioria não parecia habitualmente mal alimentada. Os menores, especialmente, estavam bastante bem alimentados e, no seu caso, até mesmo as roupas estavam bem cuidadas. O orgulho dos pais, ou o instinto maternal, muitas vezes não se estende além das crianças mais novas; os outros são abandonados de boa vontade aos cuidados de qualquer tipo de cristão que opte por intervir.

A política de alimentar e encarregar-se das crianças negligenciadas exige uma atenção muito séria e não deve ser condenada de improviso. No momento, só direi que as testemunhas que se manifestam fortemente contra o sistema se encontram aqui entre os próprios missionários por quem, ou com cuja cooperação, o trabalho tem sido feito em tão grande escala.

## **Condições de vida nessas quatro paróquias**

Não creio que haja lugar para dúvidas quanto à massa de pobreza e miséria entre as quais trabalham estas igrejas, capelas e missões, mas antes de partir deste bairro sombrio, vou juntar as minhas no-

tas, observações que têm a ver com as condições de vida que nele prevalecem, combinando o que vi com o que me foi dito. A polícia nos diz que “as ruas entre Long Lane e Tabard Street fazem uma área que por notória degradação, vício e pobreza encontram-se as ruas mais escuras a oeste da High Street”. De Tabard Street é concisamente dito, “vício, pobreza e negócios prosperam aqui”. “Seus quartos mobiliados”, diz outra autoridade, “são o cenário de brigas e horrores constantes”. “O clero está continuamente nos tribunais da polícia em nome de alguns paroquianos.” As nossas próprias notas, referindo-se aos tribunais entre Delph e Staple Streets, onde se centra o comércio de produtos da pesca, descrevem as casas como miseráveis em certa medida, mas acrescentam que isso pode não ser incompatível com o fato de haver muito dinheiro a circular. A chegada de um jornal da noite reuniu uma pequena multidão ansiosa por notícias da última corrida e das probabilidades atuais. O jogo é quase universal. O arremesso começa com botões, e os pontos calmos são procurados por aqueles que violam a lei, buscando o mesmo jogo com moedas. As pessoas, nos dizem, “são extraordinariamente esbanjadoras, e parecem não saber nada do poder dos menores”; mas esta mesma autoridade acrescenta, “temos oitocentos membros no nosso clube de empréstimo, e no ano passado pagou-se £2466 aos depositantes. Outra pessoa fala da “terrível situação em que as pessoas (especialmente os costureiros) estão nas garras dos emprestadores de dinheiro, com os juros semanais, comendo quase todo o lucro obtido”.

Quanto à bebida, o que ouvimos é que “não há melhora entre os homens e aumento entre as mulheres”. Há problemas, diz-se “em uma a cada duas casas devido a isso”. Novamente, ouvimos: “as mulheres bebem tanto quanto os homens. Elas mentem e enganam para conseguir o dinheiro”. Só quanto à violência e brutalidade é que a polícia reconhece alguma diminuição, mas muito ainda permanece. Crimes graves são raros; a bebida é a fraqueza chocante. A embriaguez, a desordem, as brigas e os surtos violentos sob o efeito do álcool são os delitos mais comuns. Isto também se aplica a outros lugares, mas é especialmente verdade neste caso. “As brigas e discussões têm de ser aceitas.” Sábado à noite é, naturalmente, o pior

momento. “De dia”, diz um dos membros do clero, “você pode andar e ter uma impressão totalmente falsa; as ruas são claras e silenciosas, as pessoas são ordenadas e diligentes, mas à noite elas frequentam as casas públicas, ou vagam bêbadas pelas ruas, ou andam por aí em gangues de hooligans”. O número de estabelecimentos públicos é muito grande, mas não, ao que parece, superior à procura, pois quase todos são convidados a servir os seus clientes no sábado à noite, e aqueles que ficam intoxicados são realmente uma porcentagem muito pequena dos que bebem. Mas a polícia concorda que aqui se vê mais pessoas sob a influência da bebida do que em qualquer outro lugar, e o número de mulheres que frequentam os estabelecimentos públicos na segunda-feira, e em outras ocasiões também, é perceptível. Também os sinais de excesso são claramente visíveis nos rostos das pessoas. Com isso “uma virilidade grosseira prevalece em algumas das partes mais ásperas de Bermondsey; homens de ossos grandes e musculosos, e mulheres da mesma forma”. Isto não se aplica em toda parte. No bairro da Tabard Street as pessoas têm um físico muito fraco. Em todos os lugares são corteses ao falar, mas parecem grosseiros e degradados.

Devido ao aumento da atividade das autoridades, as condições sanitárias melhoraram, mas ainda são ruins. “A maioria tem apenas um quarto”, diz um missionário que fala de um bairro pobre. “O padrão de limpeza do lar é deplorável: as casas antigas estão cheias de insetos”, e nosso informante muitas vezes teve que fechar a Bíblia quando chegaram até ele! As demolições causaram mais aglomerações nas ruas e nos pátios deixados em pé. Os recém-chegados estão cheios de famílias numerosas, tendo por isso sido rejeitados em outros lugares. Trazem consigo sujidade e deterioração. Além dos “pátios mais miseráveis”, o distrito contém alguns dos piores exemplares de habitações “modelo”. Um dos quarteirões da Rua Portier foi fechado” e, acrescenta-se aos adjacentes, “todos eles merecem ser”, formando como fazem “um centro miserável de vida grosseira e deplorável”.

Há todos os tipos de moradias geminadas neste bairro, incluindo dois grandes grupos de edifícios do Guinness, que substituíram as favelas de menor caráter. Quanto à política seguida pelos adminis-

tradores destes edifícios, e aos inconvenientes que acompanham o sucesso alcançado, basta dizer, neste momento, que neles os pobres podem viver e vivem uma vida saudável. Andar por eles é um grande alívio para quem já teve de vagar por entre as ruas anteriormente.

Referindo-se à pobreza deste em comparação com outros distritos, temos a evidência do diretor da escola *Westcott Street Board*, na paróquia de St. Stephen, que era anteriormente subdiretor em Lant Street, no Borough, e antes disso em uma das escolas mais pobres de Limehouse. Ele diz que em nenhuma destas escolas havia tanta pobreza como na Westcott Street, que ele afirma ser a escola mais pobre de toda a Londres. Como tal, nós próprios a consideramos quando estudamos as escolas em 1890, e a aparência das crianças de hoje confirma isso: pobres, com aspecto infesto, sem golas e maltrapilhas, com calçados tão ruins que andar descalço seria melhor.

Também a alimentação dos pobres, aqui como em outros lugares, é, mesmo quando suficiente, muito irregularmente fornecida. São poucos os que preparam um jantar, exceto no domingo. Eles saem para comer peixe frito ou um pouco de bacon cozido, e assim por diante; e as crianças, a menos que tenham refeições gratuitas, subsistem com pão e manteiga ou pão e geleia. Os rostos assombrosos que se veem frequentemente nas ruas mostram que muitos adultos e crianças, apesar de todas as refeições da missão, sofrem de falta de comida.

Não há dúvida de que há muitos problemas de saúde devido a uma ou outra destas causas – a bebida ou o mau saneamento, a alimentos irregulares, mal escolhidos ou insuficientes; mas, considerando tudo, diz-se que a saúde é surpreendentemente boa. Isto é atribuído ao fato de que as pessoas vivem principalmente ao ar livre. “As mulheres sentam-se à porta e as crianças vivem na rua, normalmente comendo lá as suas refeições, tal como elas estão.” Só à noite é que há muita aglomeração. Tanto em relação a isto, como em relação à habitação e ao saneamento nesta localidade, tenho mais a dizer mais adiante.

Quanto ao emprego, diz-se que, desde a grande greve e reassentamento ribeirinhos, o trabalho nos cais tem sido mais e não menos irregular e casual, enquanto nas docas as mudanças ocorridas a



este respeito têm sido no sentido oposto. O distrito também sofreu uma deslocação parcial para as províncias do comércio de couro de Londres. Associada a estas mudanças nas ocupações dos homens, encontramos uma grande oferta de emprego para as mulheres, sobretudo na fabricação e embalagem de compotas. É principalmente trabalho de classe baixa com baixos salários, e é em grande parte de caráter sazonal. A relação dessas fábricas como as dos senhores Pink, Ord, Southwell e Lipton com o bairro em que se situam é provavelmente uma reação mútua. Tendem a perpetuar as baixas condições de vida em casa de que depende a sua oferta de trabalho barato. No caso dos senhores Clarke, Nickolls e Coombs em Hackney e Maconochie em Isle of Dogs, encontramos uma relação semelhante com as populações do seu bairro.

Talvez em nenhum distrito as indústrias dominantes possam ser tão facilmente detectadas pelos seus odores como aqui. Em uma rua o cheiro da compota de morango penetra em você, quente e forte; em outra, couro cru e curtimento; em outra, cola; enquanto em alguns o nariz encontra uma infeliz combinação dos três.

Já me referi ao mercado de Bermondsey New Road. Toda a gente deste distrito vai lá para comprar, e alguns de fora. Qualquer pessoa que, tenha olhos para ver, passeie entre a multidão no sábado à tarde, sábado à noite, domingo de manhã e até que as bancas dos açougueiros estejam completamente limpas, o que acontece por volta das 13 horas nesse dia, pouco mais tem a aprender sobre o modo de vida das pessoas que vivem neste bairro e sobre os seus hábitos de vida. Vê-se todos, desde os mais abastados até os mais pobres, e uma ou duas excursões pelas ruas secundárias completarão a imagem; mas alguns toques característicos podem ser acrescentados aqui.

Ouvimos falar de apatia e contentamento arraigados, tais como o desespero do missionário e do reformador, que permeia a vida até o fim, e exemplificados pela história de um moribundo que admitiu acreditar na Bíblia e sabia que era um pecador e que os pecadores, a menos que se arrependessem, iam para o inferno, mas não tinha vontade de se arrepender, e morreu em paz com essa perspectiva diante dele. Somos informados de meninas na missão, um dia trabalhando

arduamente para um teste sobre as Escrituras, e em outro dia tornando as aulas de culinária impossíveis, colocando pimenta nos doces; e de rapazes que nos feriados vão gloriosamente aos melhores lugares de “Surrey”, com seus bolsos cheios de nozes, e falam livremente sobre isso, “a menos que você não seja suficientemente sábio para julgá-los sobre as perversidades nos teatros e salas de música”. O teor apático dos velhos e moribundos é assim equilibrado pela abundância de vitalidade e entusiasmo pelo prazer dos jovens. Ou ainda, instintos latentes e esperançosos são apontados quando nos é dito como os adeptos de uma missão, embora bastante da classe mais pobre, se começam a vir à igreja, mudam tanto em seus costumes “que às vezes é necessário falar sobre a vaidade de demasiada elegância”.

Eu escrevi sobre esta parte de Londres longamente porque nela certos males ascendem à sua maior altura. Ela não tem o judeu de Whitechapel, o ladrão de Hoxton ou o vagabundo de Notting Dale, nem é, como partes de Fulham, um receptáculo e local de despejo para os rejeitados de outros bairros. Não tem sequer os lutadores de Spitalfields. Não é nem cruel nem criminosa demais; é simplesmente baixa; mas para a pobreza degradada agravada pela bebida, esta porção de Southwark e Bermondsey fica abaixo de qualquer outra parte de Londres. Estas, sem dúvida, são diferenças bastante sutis; mas mesmo que “uma estrela difira de outra estrela em glória”, da mesma forma há diferentes graus e tipos de escuridão. Uma comparação um pouco mais próxima pode ser feita com a metade oeste de Bethnal Green. As pessoas lá podem ser mais brutais, mas certamente são menos pobres; elas têm uma posição industrial mais forte. Algumas áreas menores podem ser tão pobres e degradadas quanto esta, como por exemplo a que fica ao norte da Pentonville Road, e há outras a que chegaremos ainda no sul de Londres, mas a escala é tão menor que a comparação falha, e neste aspecto o bairro de Bermondsey New Road mantém sua supremacia.

Ela difere em alguns aspectos da área quase igualmente grande de Borough que acabamos de mencionar, e em outros do distrito para o qual, como uma continuação para leste do rio frente, vamos passar a seguir. Ainda assim, muito do que foi dito aplica-se também a estas partes. O caráter das pessoas muda e as condições de vida

variam à medida que vamos para Oeste ou para Leste, mas a miséria, e mesmo a pressão da pobreza, são grandes em todos estes distritos adjacentes. Se, no entanto, tomarmos uma escala mais ampla do que esta: se incluirmos apenas Lambeth ou Walworth, o que escrevemos não tem aplicação geral; e se falarmos do Sul de Londres como um todo, então é certamente verdade que tem sido “muito depreciado pela imprensa e pela opinião pública”.

## **O Riverside**

As paróquias de St. Olave, St. John e Christ Church, Bermondsey, situadas na maior parte entre a ferrovia e o rio, contêm uma população decrescente devido à demolição de casas para a extensão da ferrovia ou de armazéns. Alguns dos piores edifícios foram destruídos e os seus habitantes deslocaram-se para o leste. Em St. Olave's, o interesse, como o das igrejas da cidade, é histórico. O extremo sul da antiga London Bridge ficava às suas portas. A paróquia já teve uma grande população (durante a peste diz-se que se registraram 1600 mortes em uma semana), mas não há agora mais de dois mil habitantes ao todo, e o número está diminuindo à medida que o último dos edifícios dá lugar a estabelecimentos comerciais. O reitor combina essa posição com o trabalho de missionário canônico de St. Saviour's, trabalho que o leva por todo o sul de Londres para pregar e realizar cultos especiais. Dos seus paroquianos, cerca de trezentos e cinquenta – um elemento migratório e totalmente inacessível – vivem em um alojamento comum na Tooley Street, os seiscentos ligados ao Guy's Hospital têm a sua própria igreja e capelão, e o resto são principalmente católicos romanos. Exceto por uma parcela de crianças de escolas de caridade, ninguém vai à igreja paroquial ou requer suas ministrações. A vida, assim, no que diz respeito à paróquia, é uma pecaminosidade. Mas há vários fundos de doações e fundos de caridade, e se a igreja não for demolida, algum reajuste de áreas paroquiais ou deveres paroquiais com St. Saviour's ou St. John's deverá ser realizado. Mesmo assim, embora possa haver trabalho paroquial a fazer, é de se duvidar que haja alguma congregação.

Em St. John's, o ritual é da Alta Igreja e o trabalho da igreja ativo e em algum grau bem-sucedido. Quando a linha da Alta Igreja foi adotada há cerca de cinco anos, não havia ninguém para afastar e, como o resultado provou, havia alguns a serem atraídos, embora fosse “apenas uma parte”. Mas embora algum sucesso tenha sido conquistado por um trabalho muito árduo e minucioso, a massa do povo ainda é deixada intocada. A influência é pessoal, “atraindo um indivíduo de vez em quando” de uma população que ainda tem quase dez mil habitantes. A maioria das pessoas é muito pobre, e a congregação, embora pequena, é proveniente desta classe. Eles parecem ser adoradores muito sérios e devotos. Há grandes escolas dominicais e duas reuniões de mães, com clubes para rapazes e moços, mulheres e moças, guildas e aulas bíblicas. Há uma igreja missionária em Tooley Street, na qual são oferecidas missas noturnas e outros dispositivos adotados para atrair os paroquianos evasivos. Christ Church (Bermondsey), com uma população semelhante, tem uma grande escola dominical e algumas das agências habituais. Estas últimas são em pequena escala e têm pouco vigor genuíno, mas dos poucos que vêm à igreja, a maioria é comunicativa.

Na paróquia de St. John's há um corpo de Congregacionalistas que não tinha capela quando a nossa investigação foi feita. A antiga tinha sido varrida por extensões ferroviárias e a nova, perto da Tower Bridge, não estava terminada e parecia pouco necessária. O pároco e a maioria da congregação vivem longe do distrito, mas mantêm uma missão aqui que está em pleno funcionamento. Um bando de quarenta membros distribui folhetos em mil e quinhentas casas e distribui roupas e às vezes dinheiro. Há um serviço para as crianças pobres, que recebem botas e roupas, e quatrocentos delas são recebidas para o chá no inverno. Há muitas dessas crianças aqui, e dos lares e hábitos de algumas, uma noção pode ser tirada dessa paróquia em nossas notas. Há um pequeno pátio, chamado de praça, na região fora de Shad Thames, onde o rio, fechado por armazéns altos, é sentido e não visto. Era um dia quente em junho. “Para fora do rio, onde estavam se banhando, correu uma multidão de ouriços nus. No pátio, mulheres, com voz alta e língua suja, maldiziam algumas crianças sujas e esquálidas que brincavam por perto. Uma outra

mulher, forte e bonita, desorientada pela bebida, sentava-se do lado de fora de sua casa, e de dentro podia-se ouvir o contínuo lamento miserável de uma criança.”

Na paróquia de Christ Church há duas ou três missões, mas apenas uma delas é notável. A sala onde se realizam as suas reuniões é formada por um arco ferroviário muito longo, quase telescópico, e é o centro de uma organização muito ativa, incluindo uma notável banda de metais, que é muito solicitada para ajudar em outras causas, como em aniversários ou ocasiões semelhantes. Tornou-se assim quase um complemento profissional do trabalho missionário. Na noite em que lá estive, o salão estava cheio de não menos de duzentas e cinquenta pessoas, a maioria da classe trabalhadora. Poucas almas pobres podiam ser vistas que poderiam bem serem pedintes, mas a maior parte, embora muitas delas pobres, eram evidentemente fervorosas apoiadoras da missão, dispostas a colocar suas moedas no prato; e estavam, nessa ocasião, especialmente movidas a ajudar em nome das crianças pobres da escola dominical, das quais “não mais de um terço”, como se dizia, podiam encontrar dinheiro para o custo da excursão anual. Esta missão está ligada à organização L.C.M., e o missionário, que é o principal encarregado, é uma personalidade bastante notável. Não duvido que ele receba apoio financeiro de fora, mas o sopro de vida no movimento, e seu sucesso, brotam de seu poder de colocar seus seguidores para trabalhar, infectando-os com o contágio de seu próprio amor genuíno pelo povo. É o mesmo método que o das missões dos Batistas e o mesmo Evangelho, mas penso que não se insiste tanto no lado negativo da salvação.

Os Batistas têm uma igreja que trabalha ativamente na Abbey Street, sua pequena congregação que consiste em grande parte de homens trabalhadores. Eles se dedicam ao trabalho entre os pobres na margem do rio, na paróquia de Christ Church, e oferecem um quadro extraordinário da pobreza e do desconforto que alguns dos edifícios ali existentes causam. Estes são da pior natureza e são o último recurso dos pobres. Os despejos são contínuos, e as pilhas de móveis na rua com as crianças chorando ao seu lado são um espetáculo não raro. Muitas das pessoas são católicas romanas irlandesas.

A Igreja Católica Romana tem três missões próximas a este rio:

uma, com números decrescentes, mas ainda assim uma congregação completa, perto da extremidade norte da Weston Street; outra, com uma igreja muito grande e números crescentes, em Dockhead; e uma terceira, o estabelecimento principal, que está muito longe do caminho na beira da paróquia de Trinity, Rotherhithe, mas que, para estar mais perto do povo, nos últimos anos abriu uma igreja e escolas em Paradise Street, Rotherhithe. Todas estas igrejas estão bem cheias, e a diferença entre elas e quase todas as igrejas protestantes a este respeito é muito acentuada. O trabalho feito por estas, ou por qualquer uma das igrejas católicas romanas em bairros pobres é sempre muito parecido. Os resultados variam um pouco com o bairro ou com o caráter dos fiéis, e até certo ponto com a personalidade do padre; mas não o suficiente para que seja necessário fazer mais do que registrar o sucesso comparativo da Igreja Católica Romana em trazer e manter aqueles sobre os quais ela tem qualquer influência religiosa.

O seu povo é um dos mais pobres: os homens e os rapazes conseguem um emprego ocasional no cais ou em qualquer outro lugar, enquanto as mulheres e as moças conseguem trabalho nas fábricas de conservas ou em outros ofícios semelhantes, ou estão envolvidas na produção de sacos. Tanto os homens como as mulheres bebem muito; e quanto à alimentação, todos vivem muito bem, gastando pouco em suas casas ou em suas roupas. Muitas das crianças andam descalças e malvestidas, mas parecem robustas e bem alimentadas. Estas pessoas são responsáveis por uma parte considerável do azul escuro nesta parte do nosso mapa, mas são os seus centavos que ajudam a sustentar a igreja.

## **O restante do distrito**

St. James's, St. Luke's, St. Anne's, e St. Philip's completam toda a área com a qual estamos lidando agora, levando-nos para o sul até a Old Kent Road. Nestas paróquias encontramos-nos numa atmosfera social completamente diferente. De St. James's uma grande parte vai para o seu trabalho atravessando a London Bridge, sendo enormes os números que usam diariamente a Spa Road Station. A paróquia de

St. Anne é descrita como a Belgravia de Bermondsey; o seu povo é amigável, mas inacessível, orgulhoso e pobre. A paróquia de St. Luke's está socialmente em baixa, e o vigário diz que a igreja se encontra desprovida dos seus melhores trabalhadores. A geração mais jovem "considera tão bom quanto uma patente de nobreza viver em Brockley", e se muda. Aqueles que chegam em seus lugares são mais pobres, mas principalmente da respeitável classe trabalhadora. O mesmo ocorre em St. Philip's: a classe média está saindo, mas, com um pouco de pobreza aqui ou ali, a população restante é composta pela classe trabalhadora próspera.

A Igreja aqui é mais eficaz em St. Luke's. Nesta paróquia, da qual cerca de um terço é ocupado pela ferrovia, as classes trabalhadoras chegam aos cultos em números consideráveis, e o sucesso comparativo parece ter sido o resultado de uma visita sistemática e de colocar as próprias pessoas para trabalhar. Descartando as visitantes de fora, "que não conseguem tirar as mãos dos bolsos", o vigário voltou-se para os seus próprios paroquianos, e eles, embora carregassem a Revista Paroquial, em vez de dar, recolhem. Há muito sentimento de amizade. "As pessoas estão dispostas a fazer tudo o que puderem por você, menos ir à igreja", mas ainda assim esta igreja está muito mais cheia do que a maioria, e com uma genuína congregação paroquial de classe artesanal. Há na paróquia um grupo muito pobre que, reforçado pelos marginalizados de outros lugares, passou de mal a pior nos últimos dez anos. Além das crianças, os esforços feitos na sala da missão paroquial para alcançar as pessoas por meio dos cultos, especialmente dirigidos a elas, falharam por completo, sem resultados permanentes. O vigário não se convenceu destes métodos; e "os cultos ao ar livre", diz ele, "são exagerados".

Nas outras três paróquias que nomeamos, muito poucas pessoas da classe trabalhadora podem ser atraídas para a igreja. A paróquia de St. James's é um edifício enorme e pouco convidativo e parece deploravelmente vazia com os cem que frequentam de manhã, ou os duzentos que podem ser contados lá à noite, e estes são em sua maioria pessoas de classe média baixa. Em St. Anne's e St. Philip's os números são ainda menores. Todas têm as habituais organizações menores. Não há nada de extraordinário sendo feito.

O vigário de St. James's ocupa uma casa na Jamaica Road e, como quer que tenha acontecido, a Christ Church tem para seu uso a casa do vigário que fica ao lado da Igreja de St. James's. As duas paróquias estão lado a lado, como a de St. James's, ao mesmo tempo que se vai muito mais além para o Sul, estende-se até a frente do rio pela Bermondsey Wall. Nessa parte tem uma população considerável que é pobre, embora não tão pobre como as parcelas de Christ Church, por um lado, e St. Crispin, por outro: enquanto no Sul os bairros pobres da Spa Road pertencem à St. Luke's, de modo geral as pessoas desta grande paróquia são de grau social mais elevado que os seus vizinhos. Mas o vigário vê o trabalho da Igreja sob vários aspectos, e ele, no seu desejo de estimá-lo com justiça, é capaz de olhar para a questão da influência da Igreja em muitos aspectos e até mesmo "às vezes com perspectivas bem opostas".

A organização inclui escolas diurnas e dominicais em cada departamento, sendo a escola dominical distribuída pela paróquia por meio de salas de missão separadas, onde também se realizam cultos no domingo à noite. Há mais crianças nas escolas dominicais do que nas escolas diurnas, mas não acontece de as crianças das escolas diurnas frequentarem as escolas dominicais da Igreja. Elas podem gostar de uma mudança ou preferir as escolas não conformistas no domingo. As crianças do internato têm igualmente a mesma proveniência. Dentre os adultos, comparativamente, poucos vão a qualquer lugar de adoração. Um censo feito inicialmente e desde então mantido até certo ponto nos livros de visitas, coloca as letras I.O. ao lado de um bom número de nomes, significando "igreja ocasional", e indicando que algum membro da família reconhece a religião estabelecida até essa medida. As pessoas comparecem em casamentos e nos dias favoritos como o Dia de Natal, quando um grande número de casamentos é celebrado de uma só vez e a igreja fica cheia. Ela também fica cheia de pessoas nas noites de vigília, vindas das ruas e das casas públicas. Os melhores membros da congregação são professores do internato e outros dessa classe, e incluem uma proporção razoável de homens. Uma vez por mês há um culto especial para homens; reduzidos em número de presentes, mas devotos em caráter e em grande parte vindos da classe trabalhadora. O grande



pátio da igreja, com canteiros de flores e chão de cascalho, é muito frequentado aos domingos, para reuniões infantis – uma menina mais velha encarregada dos irmãos e irmãs pequenos – por mulheres e por homens mais velhos.

Não se faz muito nesta igreja na forma de órgãos sociais, sendo o campo ocupado pelo Acordo de Bermondsey que ainda tenho de descrever; mas antes de o fazer seria inserir a seguinte citação da Declaração Anual de St. James's (1897-8) que é muito aplicável aqui como resumo das conclusões cuidadosas de uma mente aberta sobre a posição geral da Igreja no Sul de Londres como vista de dentro:

O reitor de Bermondsey chamou recentemente a atenção para as condições morais, sociais e econômicas sob as quais o povo vive: para a pobreza e a superlotação; para a proporção de pobreza; para as longas e mal pagas horas de trabalho; para a intemperança e a economia; e para o aspecto geral sujo e desesperado de muitas vidas. Essas condições explicam, em grande medida, a indiferença religiosa, que é tão aterradora em todos os sentidos. Algumas características da indiferença podem ser mencionadas.

1. *A ausência de adoração* na vida do povo em geral... Os hábitos domésticos das classes trabalhadoras no domingo são estruturados em total desconsideração ao sino da igreja.
2. *Uma certa suspeita da religião*; não hostilidade confessa tanto mas sim uma má interpretação. Religião para milhares é algo associado a condições de vida mais felizes; um luxo que combina com melhor alimentação e vestimentas. Algumas vezes é vista com suspeita como um meio de colocar para dormir o espírito do descontentamento, ou como um obstáculo ao avanço do melhoramento das condições materiais.
3. *Uma vagueza de ideias religiosas*, estendendo-se à ignorância dos fatos religiosos. Se alguém duvidar disso, reúna um público de alunos do internato e faça algumas perguntas simples, começando com “Quantos evangelhos existem?” e anote cuidadosamente o nível geral das respostas. Será possível julgar que base parece haver para a vida religiosa e o conhecimento.
4. *Aumento da falta de disciplina*; refiro-me às restrições do lar e

à influência dos pais. Esta é uma de nossas maiores dificuldades na eficiência de nossas escolas dominicais. Ninguém sabe quanto grande se é até que se encontre fechado com uma turma de trinta ou quarenta crianças reunidas vindas das ruas. O desejo de ensinar não tem valor hoje em dia sem a qualificação mais rara de inspirar respeito e manter a ordem.

Quanto à causa desta indiferença religiosa, para além das condições materiais de vida e de hábito a que se fez alusão, há de se enfrentar também os seguintes obstáculos:

1. Negligência passada.
2. Desejo de conhecimento real e verdadeira simpatia com as classes trabalhadoras.
3. Tentativas desesperadas de tornar a religião popular.
4. Associação da religião com o alívio.
5. Individualismo desenfreado na religião: se unidas em espírito, as forças religiosas seriam dez vezes maiores.
6. (O maior de todos). Querer apreciar a gravidade dos problemas apresentados e a glória de enfrentá-los.”

O assentamento de Bermondsey, que está na porção ribeirinha da paróquia de St. James's, foi fundado pelos Wesleyanos, e o seu diretor é um pastor dessa denominação, mas ele não desejaria que fosse considerado à luz de uma missão wesleyana. Pode ser isso, mas é algo muito mais. O Assentamento é deliberadamente não sectário nos seus objetivos e métodos, e a religião é considerada de um ponto de vista distanciado. Houve duas razões para esta atitude, dois objetos que se procura assegurar no interesse do seu trabalho – um, derrubar toda a suspeita de propagandismo wesleyano nas mentes do clero ou pastores de outras denominações, o outro, e ainda mais importante, derrubar a desconfiança das classes trabalhadoras de que haja qualquer coisa, como eles denominariam, semelhante a uma “armadilha do pastor”. Na visão do diretor, o fracasso das igrejas e capelas e instituições religiosas geralmente tanto no passado como no presente, em relação ao qual ele não é menos

franco que o vigário de St. James's, e a suspeita em relação a eles das classes trabalhadoras, é em grande parte devido ao fato de que no passado eles eram completamente dominados pelo espírito da classe média com seu comercialismo não mitigado, sua atitude em questões de despesas públicas, e sua hostilidade às reivindicações e ideais do partido trabalhista.

“É de *peessoas* que os problemas humanos e sociais necessitam, de pessoas que se apresentem com uma grande simpatia... e é o fato de que os Assentamentos enfatizam essa necessidade e procuram supri-la que os torna de imensa importância para a tarefa de transformação social.” O alojamento oferecido pelo Assentamento para os homens e, mais especialmente, para as mulheres, foi muito justamente ocupado por aqueles que se apresentaram com o ânimo indicado no citado extrato do relatório de 1899; e a amplitude de sua simpatia é demonstrada pelo escopo do trabalho empreendido. O relatório coloca o “Evangelismo” em primeiro plano, mas como este trabalho é feito principalmente em conexão com a Southwark Park Chapel, Deptford Lower Road, ou do pequeno estabelecimento na Silver Street, na distante Rotherhithe, prefiro falar dele em meu próximo capítulo e dar ao lado educacional a prioridade, que certamente ocupa no Assentamento. É a educação em um sentido muito amplo e social. Aceita uma Sociedade Parlamentar de Debate como Ciência Política. A física assume a forma de ginástica, e uma aula de bandolim não é desprezada sob o título de Música, enquanto a Tecnologia consiste em “primeiros socorros” de trabalho em ambulância, enfermagem, confecção de roupas e culinária. Outros assuntos mais acadêmicos faltam, mas os números de pessoas atraídas por eles são pequenos. Ao todo foram 1364 inscrições para as aulas deste “Colégio para Trabalhadores e Trabalhadoras”, incluindo cerca de duzentas para palestras de Extensão Universitária. Em todas as direções, o currículo é eminentemente prático em seu escopo. A principal coisa no caminho da música é uma sociedade coral, enquanto que no lado comercial a contabilidade, a estenografia e a escrita tipográfica são os temas proeminentes. Em Teologia, a leitura da Bíblia e o estudo da doutrina cristã e da história levam definitivamente à preparação para o ensino na escola dominical. A instrução leva ao desempenho.

Concertos são realizados pela União do Coral. Uma brigada de ambulância leva à prática no cais a instrução recebida pelas sucessivas aulas, e mantém sua existência no dia a dia, constituindo-se como um clube social com concertos livres e fáceis, para os quais são convidadas esposas e amigos; assim também as meninas, que aprendem algo de enfermagem, são formadas em uma guilda para trabalhar sob o comando das enfermeiras do distrito.

Tudo isso é quase tanto social quanto educacional, mas o trabalho social puro e simples é realizado na formação e gestão dos clubes. Destes, seis são para meninas trabalhadoras, “compostas de todas as classes até as mais pobres”, e uma brigada de meninos, com clubes subsidiários para jogos e natação. Existe também um “Clube de Caminhada” para adultos, bem como um clube de trabalho de temperança social masculina, com sala de leitura e biblioteca. Esta última foi aceita como sede do sindicato dos portuários do lado sul.

São organizadas exposições artísticas e industriais e, como em outros Assentamentos, os moradores participam ativamente da administração local, da organização de caridade e de obras filantrópicas de vários tipos. As reivindicações da religião (para voltar a isso) estão na base e inspiram e sustentam todo o tecido, mas o objetivo (como dos Congregacionalistas em Robert Browning Hall) é “libertar-se do que é eclesiástico”, e pregar um cristianismo mais amplo que “toque a vida em todos os pontos”.

Mais uma vez, percebe-se como são semelhantes os desenvolvimentos que se seguem, seja de que forma for ou de que lado for que se faça a tentativa de melhorar a situação social.

Um circuito da *United Methodist Free Church*, cujo trabalho se insere principalmente no nosso próximo distrito, tem uma capela na Upper Grange Road que sente o declínio do bairro. O secretário, embora admitindo o fato, não conseguia compreender por que isso acontece, com o seu sistema de governo da igreja sendo tão democrático. Mas assim o é. “Não há como pestanejar sobre o fato de que os homens não comparecem à igreja.” “Se você falar com eles, encontrará um forte sentimento religioso, mas também um sentimento de que eles não acreditam em um desfile de piedade, e não estão inclinados a aceitar o nome de qualquer seita religiosa. Eles podem

ser conquistados, mas isso requer um homem de um certo tipo para fazê-lo.” No que diz respeito a eles, todos os que estão conectados com a igreja são da classe trabalhadora; e não há na congregação cinco pessoas “que poderiam oferecer uma moeda e ter outra para si”. São, no entanto, parte de um pequeno corpo ativo de obreiros e adoradores. Sua capela parece aparada, e suas vozes soam alegremente nos hinos que cantam. Há também uma pequena capela silenciosa pertencente aos Batistas Estritos, cujo ministro nos concedeu uma entrevista. Esta seita não trabalha publicamente. Ela evita tudo o que é sensacionalista; evita propagandas de qualquer tipo; e não faz trabalho “ao ar livre”. Um trabalho espiritual tranquilo entre os frequentadores é realizado, e é somente através da escola dominical, entre os estudiosos, que os adeptos são conquistados. Atualmente, os números estão caindo, devido à dispersão externa das pessoas da classe trabalhadora, da qual os membros da Igreja são oriundos, e uma vez que a maioria dos membros vive longe. As crianças que frequentam a escola dominical vêm de perto. Todos os esforços foram feitos para levar os pais à capela sem sucesso.

Há também uma Igreja Unitária em Fort Road embarcada em trabalho social e religioso. Tem as suas escolas dominicais, e procura, através da publicidade dos temas dos discursos dominicais à noite, pelos serviços florais e outros, atrair as pessoas.

É sempre possível que alguns dos residentes deste distrito frequentem igrejas ou capelas em outros lugares, mas é de qualquer forma certo que eles não vão em grande número para aquelas de seu próprio bairro e que eles fazem parte apenas daquela classe de quem aprendemos em todo lugar que, embora respeitável, não vai à igreja.

Ao sul da linha férrea, na paróquia de St. Philip's, onde a Old Kent Road atravessa o canal, na esquina da fábrica de gás, há uma pequena área de pobreza, e perto dela na St. James's Road a *Primitive Methodists of Surrey Chapel* estabeleceu uma missão, mas encontra a sua esfera de trabalho mais nas ruas purpúreas a leste da St. James's Road. Os Congregacionalistas em sua capela na Old Kent Road atraem um público principalmente do Sul, mas preenchem sua grande escola dominical nas ruas pobres próximas a eles. Em seus esforços para alcançar os pobres, eles mantêm algumas agências

sociais ativas, inclusive um grande clube de xadrez. Eles trabalham harmoniosamente com os Batistas e Wesleyanos, cujas igrejas (Maze Pond e Oakley Place), mencionadas no último capítulo, estão perto do lado oposto da Old Kent Road. Uma reunião conjunta das três congregações para o aniversário da escola dominical encheu completamente a maior destas igrejas numa tarde de domingo com as crianças, seus pais e os demais. As Sociedades de Aperfeiçoamento Mútuo e as Sociedades de Trabalho Cristão destas capelas organizam reuniões, debates, etc. A igreja de Old Kent Road é uma igreja que, como muitas outras na mesma posição, pode fazer um bom trabalho, desde que as pessoas mais abastadas que se mudaram contínuem a dar seu apoio, mas dependem absolutamente de tal ajuda, e encontram dificuldades crescentes em conseguir obreiros nas noites de semana. Os Congregacionalistas são muito mais limitados pela classe do que os Batistas ou os Wesleyanos.

## **Administração local**

As sacristias de Bermondsey e Rotherhithe, e o *St. Olave's Board of Works*, foram substituídos pelo *Bermondsey Borough Council*. A sacristia de Bermondsey evidenciou durante alguns anos um forte espírito municipal progressista, e isso foi reproduzido no corpo maior, de modo que, em pouco mais de um ano após o estabelecimento do Conselho, o distrito pode gabar-se do grupo mais completo de edifícios municipais em Londres, destacando-se mesmo Shoreditch. Em um terreno de três acres fora de Spa Road, há uma prefeitura, biblioteca, banheiros e casas de banho, funerárias, estação de desinfecção, obras de luz elétrica, fornalhas e oficinas. Muito disso tem sido feito desde o momento da nossa investigação, e as observações que se seguem fazem referência à antiga sacristia de Bermondsey e ao *St. Olave's Board of Works*. Aquelas que dizem respeito a Rotherhithe serão apresentadas no próximo capítulo.

Os *membros* da velha sacristia foram denunciados por mais de uma pessoa: “Ignorantes e egoístas”; “indiferentes às necessidades do distrito”; “insatisfatórios”. Mas os funcionários são considerados

ativos, especialmente o chefe sanitário, cujo trabalho é geralmente comentado como sendo feito com muita consciência e eficiência, sendo a inspeção, quando muito, demasiadamente minuciosa e, portanto, exercendo pressão sobre os ocupantes pobres. Sua ação parece ter sido apoiada pela sacristia em geral; e é provavelmente verdade que “as casas dos pobres são mais saudáveis e confortáveis devido à aplicação da lei sanitária, e o distrito nunca foi tão bem cuidado como agora”. “A sacristia”, diz uma testemunha, “cuida bem do saneamento”. “É rápida a responder às queixas”, diz outra, que acrescenta que “a falta de higiene é culpa do povo, não das autoridades”. Em geral, a administração sanitária local é elogiada.

Sobre a questão da habitação, ouvimos que “há uma grande superlotação;” “não sensacional, mas crônica;” “mais do que as autoridades ouvem ou têm conhecimento”. A “pressão da habitação é grande e crescente”, acentuada pelas demolições ferroviárias e pelas do Conselho do Condado de Londres para as aproximações à Tower Bridge. Daí que nos digam: “Casas são difíceis de arranjar, e uma vez perdidas, impossíveis de arranjar outra;” e ainda, que “a iniciativa privada na construção de casas é um fracasso, porque compensa mais erguer locais de trabalho”. Os quarteirões de Guinness para os pobres são considerados uma grande bênção, mas não estão cheios por causa dos regulamentos relativos às crianças. Destaca-se que “a superlotação é excessiva nos prédios e casas, e não no bairro em geral, mas a forte demanda por casas está aumentando os aluguéis”. O sistema de um e dois quartos é quase universal, e cada aumento nas taxas é compensado por um aumento do aluguel, enquanto as famílias maiores e mais pobres evitam o aumento do aluguel tomando menos espaço. Os inspetores sanitários estão aparentemente suspendendo as operações coercivas contra a superlotação, como algo que não pode ser evitado nas condições existentes.

Os esgotos são vigiados, mas os esgotos são insuficientes em tempos de cheia. Tifoide e difteria são frequentes. “A difteria tem uma parcialidade para os blocos de apartamentos.” “Saúde bastante ruim, devido à prevalência da difteria.” “Alguma difteria, mas a saúde é boa em geral.” “Bom para uma população tão numerosa. Sem empregos insalubres.” “Saúde bastante boa, mas a um nível deprimido.” Assim

dizem as nossas testemunhas. A taxa de mortalidade (22,7) não é excessiva, considerando que a taxa de natalidade é de 32,8. Estes números são de 1900.

As ruas são mantidas limpas. A maioria é varrida diariamente, e o restante frequentemente; mas não há muitas calçadas de madeira, nem asfalto. As quadras são caiadas de branco, os carrinhos de água são equipados com um spray desinfetante, e a poeira é retirada duas vezes por semana com grande regularidade.

O *Union of St. Olave*, que inclui dentro de sua área Bermondsey e Rotherhithe, tem um Conselho de trabalhadores. O auxílio de emergência tem sido dado mais livremente até mesmo do que em St. Saviour's, e isso é severamente condenado. "O pior sindicato de Londres", diz um deles. O "auxílio dado é pernicioso", diz outro. "O auxílio é concedido excessivamente em preferência internamente, principalmente às viúvas. Os irlandeses recebem uma grande parte." "Guardiões simpáticos e caridosos, mas podem investigar as coisas um pouco mais." "Surpreendidos com a generosidade dos Guardiões locais." Tais são outras expressões de opinião, e estas podem ser multiplicadas. Assim Bermondsey é famosa, ou infame, pelos seus auxílios; mas, por outro lado, há sinais de que, depois de um pouco de experiência, os eleitos para apoiar esta política acabam vacilantes nas suas ideias. Com o grande número de solicitantes e investigação insuficiente, admitem eles, é impossível, e "o Conselho é constantemente enganado".





# O ASSENTAMENTO COMO UM FATOR NO MOVIMENTO OPERÁRIO\*

JANE ADDAMS\*\*

Um homem ou grupo de homens às vezes revela aos seus contemporâneos uma consciência mais elevada, simplesmente incorporando na ação o que antes era apenas uma proposição filosófica. Por essa ação o código comum de ética é ampliado a um ponto mais alto.

Tal ato de importância moral, por exemplo, representou a lealdade de John Burns à greve dos trabalhadores portuários do Leste de Londres. “O prejuízo a um homem” acabou por “tornar-se uma preocupação de todos”; e doravante o homem que não partilha dessa preocupação fica abaixo da ética do seu tempo. A premissa que os trabalhadores há muito citavam foi finalmente encarnada por um mecânico, que assumiu sua posição de forma tão inteligente que carregou consigo os melhores homens da Inglaterra, e determinou a consciência pública. Outros homens passaram a se envergonhar de um mal ao qual antes ficavam facilmente indiferentes.

Quando a consciência social, se é que se pode usar a expressão, é assim formulada de modo notável, não é tão difícil para os outros segui-la. Eles o fazem de forma débil e talvez tropeçante, mas ainda veem um vislumbre de luz sobre o qual o primeiro homem não podia ter certeza, e contam com um código de ética que ao primeiro

---

\* Extraído de: ADDAMS, J. *The settlement as a factor in the labor movement*. In: Hull-House maps and papers, by residents of Hull-House. Boston: Thomas Y. Crowell, 1895, p.138-149. Tradução da Global Translation.

\*\* (1860-1935) foi ativista, assistente social, filósofa e feminista estadunidense, co-fundadora da Hull House.

homem era vago. Eles também tomam consciência do apoio de uma grande parte da comunidade que antes desta afirmação não conhecia a compaixão de seus próprios corações. Um assentamento aceita a ética de seus contemporâneos de que o compartilhamento da vida dos pobres é essencial para a compreensão e melhoria dessa vida; mas, por sua própria existência, adota esse código moderno de certo modo formalmente. O dano social ao homem mais cruel não apenas se torna sua preocupação, mas, em virtude de sua própria localidade, está na posição de ver, como ninguém além de um vizinho pode ver, o desgaste e a necessidade daqueles que sofrem as queimaduras do dano social. Um assentamento não só assume um compromisso com os prejudicados, mas também se situa onde a força motriz para o cumprimento de tal compromisso é constantemente renovada. A proximidade é um fator incessante na sua existência.

Uma análise dos trabalhadores do ramo da costura, vista a partir de um assentamento, será suficiente para ilustrar essa posição.

Hull-House está situada no meio do distrito das confecções que exploram mão de obra em Chicago. Os residentes chegaram ao distrito com a crença geral de que a organização dos trabalhadores era uma necessidade. Sem dúvida, eles teriam afirmado que a descoberta do poder de se combinar era a descoberta que distingue o nosso tempo; de que estamos usando essa força de forma um tanto desajeitada, como os homens usam aquilo que foi recentemente descoberto. Nas questões sociais e políticas, o poder de se combinar muitas vezes funciona mal, mas já opera de tal forma em assuntos comerciais, que o fabricante que não combina com outros de seu ramo está em constante perigo de fracasso; que uma ferrovia não pode ser projetada com sucesso a menos que os interesses das estradas paralelas sejam consultados; e que os operários também não podem ter sucesso até que eles também, aprendam, habilmente, a se valerem desse poder. Esta era para os residentes, como para muitas pessoas, uma proposta aceita, mas não uma fórmula que funcionava. Ela não tinha a força motriz de uma convicção. Os residentes viviam há cinco anos em um bairro em grande parte entregue às confecções, que é uma indústria totalmente desorganizada. Tendo observado os trabalhadores neste ramo, em comparação com aqueles em

ramos organizados, eles descobriram gradualmente que a falta de organização em um segmento tende ao desamparo industrial dos trabalhadores nesse ramo. Se em todos os departamentos da vida social, política e comercial, o isolamento é um erro e resulta em desmazelo e apatia, em assuntos industriais o isolamento é um crime social, pois tende ao extermínio.

Este processo de extermínio implica a fome e o sofrimento, e a desesperada desintegração moral que inevitavelmente se segue, até que a necessidade de organização na indústria assuma gradualmente um aspecto moral. A convicção a que se chega implica uma obrigação social.

Nenhum ramo é tão saturado quanto o da costura, pois a agulha sempre foi o refúgio das mulheres não qualificadas. Os salários pagos na fabricação de roupas são menores do que em qualquer outro mercado. A fim de atender às necessidades dos trabalhadores, à falta de habilidade e à ausência de uma vida ordenada, o trabalho foi tão subdividido que quase nenhuma habilidade é necessária depois que a roupa sai do corte. Ela é entregue praticamente a quem estiver disponível quando a peça estiver pronta, e a quem fizer o trabalho pelo menor custo. Esta subdivisão e os baixos salários foram tão longe que a mulher que trabalha fazendo apenas acabamentos não consegue ganhar com isso um salário digno. Os residentes da Hull-House investigaram cuidadosamente muitos casos, e se dispõem a afirmar que a viúva italiana que faz o acabamento das peças mais baratas, embora costure das seis da manhã às onze da noite, só consegue o suficiente para manter seus filhos vestidos e alimentados; enquanto para seu aluguel e combustível ela deve sempre depender da caridade ou da hospitalidade de seus conterrâneos. Se a mulher costureira americana, que se sustenta sozinha, vive de pão, manteiga e chá, ela encontra uma mulher boêmia na casa ao lado, cuja dieta de pão preto e café lhe permite cortar o preço. Ela compete com uma esposa que está ansiosa para fazer acabamentos para poder acrescentar algo ao conforto da família; ou com uma filha que realiza esse trabalho para poder comprar um vestido de noiva.

O alfaiate hebreu, o homem que tem uma família para sustentar, que, se não fosse por essa competição entre mulheres e meninas não

qualificadas, poderia ganhar um salário com o qual uma família poderia subsistir, é obrigado, para sustentá-los, a colocar seus filhos pequenos para trabalhar assim que eles conseguem costurar um botão.

Não ajuda a sua situação industrial que a mulher e a menina que criaram esta situação tenham aceitado os salários mais baixos para comprar conforto para uma criança inválida, ou para aumentar os rendimentos de um pai idoso. A mãe que costura uma grosa de botões por sete centavos, para comprar uma fita azul para amarrar o cabelo da filha, ou a mãe que faz o acabamento de uma dúzia de coletes por cinco centavos, para comprar um fardo de pão para seus filhos, comete involuntariamente um crime contra seus colegas trabalhadores, embora nossos corações possam se emocionar com admiração por seu heroísmo, e sofrer de pena por sua miséria.

O instinto maternal e o afeto familiar são o atributo mais sagrado da mulher; mas se ela entra na vida industrial, isso não é suficiente. Ela deve complementar sua consciência familiar com uma consciência social e uma consciência industrial. Ela deve ampliar seu afeto familiar para incluir os filhos da comunidade. Ela está trabalhando nas confecções, porque com o equipamento simples suficiente para a vida familiar ela ingressou na vida industrial.

Temos o direito de colocar diante das mulheres sem formação a escolha de ver seus filhos pequenos sofrerem ou de complicar a condição industrial até que todas as crianças da comunidade estejam sofrendo? Sabemos, naturalmente, qual seria a sua decisão. Mas os moradores de um assentamento não precisam fazer essa escolha difícil, embora muitas vezes seja difícil incentivar a organização quando eles estão voando para o alívio imediato das crianças subnutridas do bairro.

Se o assentamento, então, é convencido de que em questões industriais a falta de organização tende ao desamparo do trabalhador isolado, e é uma ameaça para toda a comunidade, então ele é obrigado a se comprometer com a organização industrial, e a procurar nela as linhas sobre as quais trabalhar. E, neste ponto, o assentamento entra no que é mais tecnicamente conhecido como o movimento operário.

O movimento operário pode ser chamado de esforço concentrado entre os trabalhadores de todos os ofícios para obter uma distri-

buição mais equitativa do produto e para assegurar uma existência mais ordenada para os trabalhadores. Como o assentamento pode ser de valor para esse esforço?

Se o projeto do assentamento não representa tanto a iniciação de novas medidas, mas a cooperação fraterna com todo o benefício que ela encontra em sua vizinhança, então a linha de ação mais óbvia será a organização através de sindicatos, um movimento já bem estabelecido.

Os sindicatos dizem a cada trabalhador: “Associe-se aos companheiros de trabalho na sua profissão. Permita que a sua organização se federe com os comerciantes aliados, e eles, por sua vez, com a Federação Nacional e Internacional, até que os trabalhadores se tornem um corpo sólido, pronto para a ação concertada. É a única maneira possível de evitar cortes na taxa de salários, e de regular as horas de trabalho. O capital é organizado, e tem influência para assegurar a legislação em seu nome. Estamos dispersos e fracos porque não trabalhamos juntos”.

O sindicalismo, apesar das muitas armadilhas em que caiu, carrega consigo o eco do altruísmo. É claramente o dever do assentamento conservar o seu melhor ideal, e trazer algo do espírito que ultimamente tem caracterizado os sindicatos na Inglaterra. Essa manutenção do ideal não é tão fácil quanto o trabalho mais prático de fazer crescer os sindicatos, embora isso já seja bastante difícil. Dos dois sindicatos de mulheres organizados na Hull-House, e dos quatro que têm realizado regularmente suas reuniões lá, bem como aqueles que chegam até nós durante greves em vários momentos, eu me atrevo a falar de apenas um deles que está cheio do novo espírito, embora todos tenham vislumbres dele, e mesmo durante tempos de tensão e transtornos lutam por isso.

Foi talvez natural, a partir da situação, que os sindicatos organizados em Hull-House tenham sido aqueles do ramo da confecção. Os fabricantes de camisas se organizaram na primavera de 1891. A causa imediata foi um corte em uma grande fábrica de vinte e cinco centavos a dúzia para a confecção de colarinhos e punhos para doze centavos. A fábrica era um modelo no que diz respeito a suas instalações sanitárias, e a única queixa das jovens era quanto às lon-

gas horas e aos baixos salários. A greve que se seguiu à formação do sindicato foi totalmente frustrada; mas o sindicato formado nessa ocasião tem prosperado desde então, e ultimamente tem crescido de tal modo que recentemente conseguiu assegurar a adoção de regulamentações nacionais.

Os fabricantes de capas se organizaram na Hull-House na primavera de 1892. Os salários estavam em queda constante e havia uma grande depressão entre os trabalhadores do ramo. O número de empregados nas lojas internas estava sendo rapidamente reduzido, e o trabalho de todo o setor estava sendo entregue às confecções exploradoras de mão de obra. O sindicato contabilizava duzentos homens; mas os trabalhadores qualificados estavam sendo rapidamente suplantados por mulheres não capacitadas, que não tinham consciência dos salários que aceitavam. Os homens haviam insistido na organização por vários anos, mas eram incapazes de assegurá-la entre as mulheres. Um obstáculo aparentemente intransponível teria sido a impossibilidade de conseguir qualquer espaço, exceto um sobre um bar, que fosse suficientemente grande e barato para uma reunião geral. As mulheres recusavam-se firmemente a ir a um bar, exceto uma vez, quando, sob a pressão de uma greve, as moças de uma determinada loja se encontraram com os homens da mesma loja, em um dos bares mais decentes, apenas para serem ofendidas pelas suas famílias quando voltaram para casa. Elas, evidentemente, recusaram-se a ir de novo. A primeira reunião em Hull-House foi composta por homens e moças, e dois ou três dos residentes. A reunião foi uma revelação para todos os presentes. Os homens, talvez quarenta no total, eram alfaiates judeus-russos, muitos dos quais não conseguiam nem mesmo se comunicar em um inglês mal falado. Eles eram malvestidos e sujos, desconfiados de que Hull-House era uma espia a serviço dos capitalistas. Eram trabalhadores qualificados, facilmente superiores às jovens ao coser uma capa, mas sentiam-se envergonhados e constrangidos ao se encontrarem com elas. As moças americano-irlandesas estavam bem vestidas e comparativamente à vontade. Elas se sentiam amparadas pela presença dos residentes e falavam voluptuosamente entre si. Estes dois grupos de pessoas encontravam-se unidos apenas pela pressão sobre

o seu ofício. Eles estavam separados por fortes diferenças raciais, pelo idioma, pela nacionalidade, pela religião, pelo modo de vida, por todas as distinções sociais possíveis. O intérprete encontrava-se entre os dois lados da sala, um tanto desamparado. Ele tinha clareza sobre a necessidade econômica da combinação; ele compreendia a interdependência mútua; mas estava perplexo com o aspecto social da situação. Os residentes sentiam que entre esses homens e essas moças havia um abismo mais profundo do que o muito comentado “abismo” entre as classes favorecidas e não favorecidas. As jovens trabalhadoras diante deles, que estavam sendo forçadas a atravessar tal abismo, tinham uma vantagem positiva sobre as jovens cultas que conscientemente, e às vezes heroicamente, atravessam o “abismo” para unir as mãos às suas irmãs trabalhadoras.

Havia muito menos diferença de qualquer tipo entre os residentes e as trabalhadoras do que entre os homens e as moças do mesmo ofício. Era um espetáculo que só se encontrava em uma cidade americana, sob as mais recentes condições de vida mercantil. Os trabalhadores entre si estavam sendo forçados a ingressar em uma democracia social devido à pressão da situação econômica. Isso apresenta um aspecto educativo e enriquecedor de grande valor.

O *Women's Cloakmakers Union* (Sindicato das Mulheres Fabricantes de Capas) nunca foi grande, mas sempre se caracterizou pelo espírito de generosidade que marcou sua organização. Ele tem um forte senso de obrigação para com os mais mal pagos e menos instruídos entre as vítimas dos *sweaters* (confecções de exploração de mão de obra), e nenhum trabalhador de Chicago fez mais pela abolição do desse sistema exploratório do que este punhado de mulheres.

Mas o movimento operário não é tão simples como o sindicalismo. Um assentamento encontra no movimento homens dedicados que sentem a necessidade de uma melhor organização industrial, mas que insistem que a organização industrial deve fazer parte da reorganização geral da sociedade. Os individualistas, por exemplo, insistem que nunca conseguiremos garantir uma distribuição igualitária até que tenhamos igualdade de oportunidades; que todos os favorecimentos estatais e municipais, todo privilégio de ferrovias, bancos e empresas, devem ser removidos antes que a concorrência



possa ser absolutamente livre, e que o homem que tem apenas seu trabalho para oferecer terá uma chance justa em relação ao homem que oferece qualquer outra coisa; que a única função do Estado é assegurar a liberdade de cada um, resguardada pela igual liberdade de todos, e que cada homem livre para trabalhar pela sua própria existência e por seu próprio benefício estará, desse modo, trabalhando pelo nosso desenvolvimento industrial. O individualista então trabalha constantemente pela eliminação dos favorecimentos e dos privilégios especiais, e pela atuação irrestrita da força de cada homem. Há muita coisa em nossa hereditariedade que responde a isso, e ele tem seguidores entre os trabalhadores e entre os capitalistas; aqueles que temem enfraquecer o incentivo ao esforço individual, e aqueles que acreditam que qualquer interferência funcionaria de forma prejudicial. Os moradores de um assentamento ouvem o apelo individualista em muitas assembleias comerciais. Em oposição a ele, entrando na discussão cada vez que ele fala, está o socialista de todas as variedades. O socialista científico lê Karl Marx e vê uma absorção gradual e inevitável de todos os meios de produção e de todo o capital por uma entidade, chamada comunidade. Ele apresenta um caso forte porque normalmente é um alemão ou um russo, com uma facilidade para discussões econômicas, e bastante lido. Ele vê na atual tendência à concentração do capital e ao crescimento de fundos e monopólios, uma inevitável transição para o Estado socialista. Toda concentração de capital em menos mãos, mas que aumenta a concentração daqueles cujos interesses se opõem à manutenção de seu poder, e simplifica enormemente a absorção final. Ele sustenta que já assistimos à transformação da propriedade privada dispersa em propriedade capitalista, e que é inevitável que ela se transforme em propriedade coletiva. Nos primeiros casos tivemos a expropriação da massa do povo por uns poucos usurpadores; nos segundos temos a expropriação de uns poucos usurpadores pela massa do povo. Ele aponta com orgulho a forte tendência à regulação estatal dos meios de transporte, e de muitas indústrias, e clama pela fiscalização e controle legislativo em todos os pontos.

Entre estes dois pontos de vista divergentes encontramos muitos matizes de opinião e muitas modificações da filosofia; mas talvez

uma apresentação destes dois, como ouvimos muitas vezes dos trabalhadores honestos, ilustrará como é difícil para um acordo ser liberal em seu tom. E decidir quais medidas imediatas estão alinhadas com as vantagens para o movimento operário e quais estão contra ele.

Foi dito que a imaginação na América foi tomada oportunamente pelos ministros, soldados e advogados, que realizaram com sucesso as nomeações políticas; mas que agora é a vez do economista; que o homem que asseguraria os votos e uma liderança na política é aquele que tem uma linha de ação a propor que trará ordem ao atual caos industrial. Isto pode ser ilustrado pelo maravilhoso crescimento do movimento de impostos únicos, que oferece uma medida de remediação definitiva. Não é verdade que as nossas dificuldades teológicas complexas como assunto para discussão prolongada são postas de lado? Não é verdade que a interpretação da Constituição e o padrão de ação do cidadão obediente à lei e íntegro estão bem determinados na mente dos homens? Mas que o empenho moral de cada homem, e não sua moralidade, mas seu empenho moral, deve ser testado por sua atitude para com o problema industrial? A questão crucial do momento é: “Qual é a sua atitude em relação ao atual sistema industrial? Você está satisfeito com o fato de que a ganância e a exploração da desvantagem e a punição dos mais fracos governem a sua vida empresarial, enquanto na sua vida familiar e social você vive de modo tão diferente? Você está satisfeito que o cristianismo não tenha nenhum papel no mundo do trabalho?” Se estas questões nos pressionam a todos, então um assentamento deve certamente enfrentar o problema industrial como um teste à sua sinceridade, como um teste à unificação de seus interesses com os interesses de seus vizinhos. Deve, então, aceitar os credos de uma ou outra destas escolas de pensamento social, e trabalhar para um partido; ou há algum princípio subjacente sobre o qual o assentamento pode se sustentar, uma vez que em seu cristianismo ele tenta se apoiar em algo mais primitivo do que o catolicismo ou o protestantismo? Será que ele pode encontrar a questão moral envolvida? Existe uma linha de ética que sua ação deve seguir? É possível fazer um apelo à fibra mais nobre dos homens, e conectá-la com a tradição daquilo que é justo e correto?

Uma olhada no movimento operário mostra que a força preponderante foi dada ao que pode ser chamado de ação negativa. Os sindicatos usam seu poder para frustrar os projetos dos capitalistas, para causar problemas às corporações e ao público, como, por exemplo, a greve das ferrovias. Muitas vezes pareceu ser o único método de chamar a atenção para suas demandas, mas na América, pelo menos, passaram a confiar demais nisso.

Um movimento não pode ser realizado negando outros atos; ele deve ter uma força positiva, uma força motriz autossustentável. Uma revolução moral não pode ser realizada por homens que são mantidos unidos apenas porque são todos conscientes quanto a um sentimento de prejuízo e injustiça, embora ela possa ser iniciada por eles.

Os homens assim encorajados podem organizar-se para a resistência, podem lutar bravamente juntos e podem destruir o que é prejudicial, mas não podem construir, associar e unir-se. Eles não têm uma fé comum e coletiva. O movimento operário nos Estados Unidos traz esse traço de sua juventude e imaturidade. Como as primeiras organizações sociais de homens foram para propósitos de guerra; como se combinaram para defender-se a si próprias, ou para destruir os seus inimigos, e apenas mais tarde se uniram para propósitos criativos e empreendimentos pacíficos, assim também as organizações de trabalhadores primeiro se equiparam para a guerra industrial e, muito mais tarde, tentaram promover o progresso industrial pacífico. Os sindicatos mais antigos já alcançaram o desenvolvimento mais elevado, mas os sindicatos entre os trabalhadores menos inteligentes e menos capacitados ainda são beligerantes e organizados em uma base militar e, infelizmente, dão cor a todo o movimento.

É sem dúvida verdade que os homens que trabalham excessivamente determinadas semanas no ano, e suportam uma ociosidade forçada, atormentados pelo medo da fome, durante determinadas outras semanas, como acontece com carregadores de madeira e fabricantes de peças de vestuário, estão muito longe daquela vida e sanidade mental reguladas em que é possível a inculcação silenciosa do princípio moral. Também é sem dúvida verdade que um lazer mais uniforme e um temperamento mais calmo da mente deverão ser assegurados antes que a sensação de dano deixe de ser uma emoção

absorvente. O movimento operário está destinado, portanto, a trabalhar por horas mais curtas e salários mais altos e regularidade de trabalho, que a educação e a reforma moral possam vir ao trabalhador individual; que a associação possa ser colocada sobre princípios mais amplos, e assumir o aspecto fraternal mais elevado. Mas ele não deseja perder de vista o fim ao assegurar os meios, nem assumir o sucesso, nem mesmo necessariamente o início do sucesso, quando esses primeiros objetivos forem alcançados. É fácil cometer esse erro. O trabalhador nasce e é criado em um certo desconforto que ele tem certeza de que o homem rico não compartilha com ele. Ele sente constantemente a restrição que vem do poder não capacitado; ele percebe que seus melhores esforços estão destinados a andar em círculos limitados pela sua oportunidade industrial, e é inevitável que ele deva superestimar a posse da riqueza, do lazer e da educação. É quase impossível para ele manter o seu senso de proporção.

O assentamento pode ter valor se puder oferecer uma visão maior e mais estável daquela que geralmente é possível ao trabalhador, agindo sob um sentimento de injustiça; ou ao capitalista, buscando apenas “aplacar”, sem levar em conta o significado histórico do caso, e insistindo no direito inalienável do “capital investido”, a um retorno de pelo menos quatro por cento, ignorando a paixão humana. É possível lembrar a ambos de um sentido de desenvolvimento maior.

Há um século houve um impulso irresistível, um movimento ascendente, entre a massa de pessoas no sentido de participarem na vida política, até então, a vida dos privilegiados. O direito de voto universal era exigido, não apenas como um direito sagrado, mas como um meio de entrada no sol da liberdade e da igualdade. Há uma demanda semelhante no final deste século por parte dos trabalhadores, mas desta vez por uma participação nos resultados da indústria.

É um impulso para banhar-se sob o sol da Prosperidade. Assim como os líderes da democracia política superestimaram a posse do direito de voto universal, e acreditaram que ela proporcionaria bênçãos para os trabalhadores, o que não aconteceu, assim, sem dúvida, os líderes do movimento operário estão superestimando a posse da riqueza e do lazer. Mazzini foi o profeta inspirado da democracia política, pregando deveres e responsabilidades ao invés de direitos

e benefícios; e poderíamos chamar Arnold Toynbee de profeta do segundo desenvolvimento quando afirmamos que a tarefa do movimento trabalhista é a interpretação da democracia de acordo com as questões industriais. Na notável exposição chamada “Industry and Democracy”, Toynbee expõe a luta entre os patrões e os homens durante a revolução industrial. Dois ideais a respeito do relacionamento entre empregador e empregado foram desenvolvidos então. Carlyle representou um, clamando apaixonadamente por ele. Declarou que o dever do proprietário rico do moinho não terminava com o “vínculo do dinheiro”; que após ter pago seus trabalhadores ele deveria ainda apoiá-los em caso de doença, protegê-los no infortúnio, e não os dispensar quando os negócios estivessem ruins. Em uma palavra, ele queria que os ricos governassem e protegessem os pobres. Mas os próprios trabalhadores, a massa do povo, tinham outro ideal; sonhavam com um tempo em que não precisariam de proteção, mas em que cada trabalhador ficasse ao lado do seu patrão: o cidadão livre de um Estado livre. Cada trabalhador exigia, não proteção de classe, mas direitos políticos. Ele queria ser uma unidade; não para ser isolado, mas para se unir em um sindicato mais pleno, primeiro com seus colegas de trabalho, e depois com todo o povo. Toynbee pergunta quem estava certo, Carlyle ou o povo. E responde que o povo tinha razão: “O povo que, doente de fome e deformado pelo trabalho, sonhava que a democracia traria libertação”. E a democracia salvou a indústria. Transformou as disputas por salários de rixas sociais em negociações comerciais. Eliminou os elementos de classe alienantes da desconfiança e arrogância. “Ela gradualmente eliminou a noção feudal entre os patrões de que eles lidariam com seus trabalhadores um de cada vez, negando-lhes as vantagens da associação.” É peculiar que nos Estados Unidos, onde o governo é baseado no princípio da representação, os capitalistas tenham demorado tanto para conceder esse direito aos trabalhadores; que se recusassem tão firmemente a lidar com um “representante sindical” e que por tanto tempo defendessem que nenhum “estranho” poderia representar os homens em seu estabelecimento.

Temos de aprender a confiar na nossa democracia, tão gigantesca e ameaçadora como possa parecer na sua força bruta e nas suas

aplicações não testadas. Quando o povo inglês exigia um estatuto, a nobreza inglesa previu que o direito de voto seria utilizado para inaugurar todo o tipo de medidas selvagens, para derrubar costumes há muito estabelecidos, como o capitalista assume por vezes que os salários mais elevados serão gastos apenas nos bares. Em ambos os casos, há uma incapacidade em contabilizar o efeito sóbrio da responsabilidade na educação e no desenvolvimento que acompanham a entrada em uma vida mais plena.

O esforço para manter o movimento limitado a alguma consciência de seu valor histórico no desenvolvimento da raça talvez não seja mais difícil do que manter diante de sua visão os objetivos éticos maiores. Há, sem dúvida, uma tendência entre os trabalhadores que alcançam a liderança no movimento de ceder à ambição individual, como há entre os capitalistas de considerar os interesses de classe, e render apenas aquilo que deve ser cedido. Esta tendência de um lado de ceder à ambição, e do outro de ceder às ameaças, pode ser ainda mais ilustrada.

O homem pobre é proverbialmente o tirano dos homens pobres quando se torna rico. Mas enquanto tal homem ainda era pobre, o seu coração estava fechado para os seus semelhantes, e os seus olhos estavam cegos para a exploração deles e de si mesmo, porque no seu coração ele esperava um dia ser rico, e ser o explorador; porque ele secretamente aprovava as ações do seu patrão, e dizia: “Eu faria o mesmo se eu fosse ele”.

Os trabalhadores dizem, às vezes, que o rico não ouve a queixa do pobre até que ela se transforme em uma ameaça, e carrega consigo uma sugestão de ruína; que eles então jogam uma parte do produto para os trabalhadores, para salvar o restante.

Como a tendência para a guerra mostra o estado primitivo do movimento operário, assim também essa divisão em linhas de classe revela sua condição atual subdesenvolvida. A organização da sociedade em enormes batalhões com sindicatos e corporações do lado do capital, e sindicatos e federações do lado do trabalho, é dividir o mundo em dois campos hostis, e nos devolver à guerra de classes e às limitações de classe. Toda a nossa experiência nos diz que nenhuma questão de civilização é tão simples assim, nem po-

demos mais resolver nossas perplexidades através de uma simples boa luta. Lembramo-nos da nossa concepção infantil da vida, de que o Certo e o Errado foram divididos em dois exércitos distintos, e que se aliar ao exército do que é Certo e lutar bravamente resolveria todos os problemas.

Mas a própria vida nos ensina nada mais inevitável do que que o certo e o errado se misturam confusamente; que o mal mais obscuro está ao nosso lado e no interior dos nossos próprios motivos; que o certo não ofusca nossos olhos com seu brilho radiante, mas tem de ser encontrado exercendo a paciência, discriminação e imparcialidade. Deixamos de procurar ouvir a corneta da vitória que nossa imaginação infantil havia antecipado, e aprendemos que nossas melhores vitórias são alcançadas no meio da autoconfiança, e que a bandeira do triunfo é mais cedo ou mais tarde arrastada para o pó pelo peso da hipocrisia. Pode ser que, à medida que o movimento operário envelhece e amadurece, ele deixe de dividir todos os homens de forma tão acentuada em capitalistas e proletários, em exploradores e explorados.

Podemos viver para lembrar a seus líderes em anos posteriores, como George Eliot tão habilmente nos lembrou, que o caminho que todos nós gostamos quando iniciamos em nossa juventude é o caminho do martírio e da resistência, onde os ramos de palmeira crescem; mas que depois aprendemos a tomar a estrada íngreme da tolerância, da permissão justa e da autorresponsabilidade, onde não há honra frondosa para ser colhida e usada. À medida que o movimento operário envelhece, seus líderes podem apreender a visão ética mais ampla que a experiência genuína sempre oferece; eles podem ter a chance de agir livres da pressão da ameaça ou da ambição. Eles não devem ter nada a ganhar ou perder, exceto quando se levantam ou caem com seus companheiros. Ao elevar a massa, os homens poderiam ter uma força motriz muito maior do que a motivação para o sucesso individual, pois a força que faz o sol subir acima do horizonte é maior do que a força gerada pelo pó por trás do foguete.

Será demais esperar que, como os sindicatos mais bem organizados e mais antigos estão rapidamente reconhecendo uma solida-

riedade do trabalho, e agindo sobre a noção literal de fraternidade, que mais tarde eles irão perceber a solidariedade maior que inclui trabalho e capital, e agir sobre a noção de parentesco universal? Que antes dessa visão mais ampla da vida não pode haver percepção de “lados” e de “campo de batalha”? À luz da consciência social desenvolvida, a “greve solidária” pode ser criticada, não porque seja muito ampla, mas porque é muito limitada, e porque a greve é apenas uma demonstração inútil e negativa de companheirismo ético. No verão de 1894, os sindicatos de Chicago de fabricantes de capas judaico-russos, compositores alemães e açougueiros boêmios e poloneses entraram em greve em solidariedade à causa do Sindicato Ferroviário Americano, que eles acreditavam estar defendendo um princípio. Será que um acontecimento como este, por mais desajeitado e insatisfatório que sejam os seus resultados, prefigura uma época em que nenhuma criança em uma fábrica em Chicago possa ser sobrecarregada de trabalho e mal paga sem que todos os bons cidadãos, capitalistas e proletários protestem? Tal protesto seria fundado em um sentido ético tão forte que substituiria facilmente interesses de negócio e preconceitos de classe.

As manifestações do movimento operário são erráticas e inopurtas devido à sua própria força motriz. Um assentamento não se assusta nem se desanima quando vê em reuniões trabalhistas, em convenções e encontros turbulentos, homens que são:

“Tateando pelo que é certo, com as mãos ardentes e calejadas,  
e olhando para Deus com olhos ensanguentados”,

embora as mãos desajeitadas possam perturbar algumas convenções pesadas, como um homem cego e forte que derruba móveis, e os olhos ensanguentados possam ser selvagens e fanáticos. O assentamento torna-se indigno da sua natureza se for demasiado tímido ou enfadonho para interpretar este gesto e olhar fixo. Mas o assentamento deve ser aterrorizado e lançar-se à ação, quando não se estiver tateando pelo que é certo, mas com o mero objetivo de derrubar; quando o olhar não é para Deus, mas para Mamom, e houver uma tentação natural para com ambos.



Um assentamento pode muito bem ser consternado quando os trabalhadores se tornam apáticos aos motivos superiores e pensam apenas em estratagemas pelos quais enganar os capitalistas; ou quando os trabalhadores se justificam no uso de medidas básicas, dizendo que aprenderam as lições com o outro lado. Tal atitude ao mesmo tempo transforma o movimento de um desenvolvimento em uma luta, e o único juiz que há entre os adversários deve, no final, ser a força. Os interesses de classe tornam-se o poder regente e a força motriz, e o assentamento não pode logicamente ter nenhum valor para nenhum dos lados. Suas afinidades estão naturalmente muito enredadas em tal luta, mas, para ser de valor, ela deve manter seu julgamento claro quanto ao resultado ético final, e isso requer tanto percepção quanto treinamento.

Felizmente, cada ação pode ser analisada em seus aspectos permanentes e transitórios. O aspecto transitório da greve é a raiva e a oposição contra o empregador e, muitas vezes, o desgosto do fracasso. O permanente é a união dos grevistas nos laços de associação e fraternidade, e a obtenção de uma relação mais democrática com o empregador; e é por causa de um crescente sentido de fraternidade e de democracia no movimento operário que vemos nele poder ético crescente.

Assim, o dever do assentamento em impedir que o movimento se torne, em qualquer sentido, uma guerra de classes é claro. Há uma amargura temperamental entre os trabalhadores que é herdada e fomentada pelas condições de sua vida e trabalho; mas eles não podem se dar ao luxo de cultivar uma amargura de classe se o movimento operário quiser ser mantido em suas mais altas possibilidades. Uma classe que trabalha para uma classe, e contra outra classe, implica que dentro de si mesma deve haver ramos que trabalham para outros ramos, indivíduos que trabalham para outros indivíduos. O caráter universal do movimento desaparece desde o início, e não pode ser capturado até que um ideal abrangente seja aceito.

Um escritor recente chamou a atenção para o fato de que a posição das classes detentoras do poder, capitalistas, como nós as chamamos há pouco, está sendo gradualmente minada pela influência desintegradora do imenso fundo de sentimento altruísta com o qual

a sociedade se equipou; que é dentro desse fundo de altruísmo que encontramos a força motriz que está lentamente emancipando todas as classes e gradualmente insistindo na igualdade de condições e oportunidades. Se podemos aceitar esta explicação dos movimentos sociais e políticos de nosso tempo, então está claro que o movimento operário é no fundo um movimento ético, e uma manifestação do desenvolvimento ordenado da raça.

O assentamento se compromete a insistir na unidade da vida, a reunir em si mesmo o sentido de justiça que se encontra em sua vizinhança e, na medida do possível, em sua cidade; a trabalhar para a melhoria não de um tipo de pessoas ou classe de pessoas, mas para o bem comum. O assentamento acredita que assim como os homens privados de companheirismo pelas circunstâncias ou pela lei remontam à brutalidade de onde vieram, assim também qualquer classe ou conjunto de homens privados da companhia do todo, torna-se correspondentemente descivilizado e incapacitado. Nenhuma parte da sociedade pode dar-se ao luxo de viver sem os outros.

O assentamento, então, urge primeiramente, a organização de pessoas trabalhando a fim de que tanto o lazer quanto a vida ordenada na medida do possível possam ser assegurados a eles para realizarem os objetivos mais elevados da vida; em segundo lugar, deve-se fazer um esforço constante no sentido de trazer para o movimento sindical uma consciência de seu desenvolvimento histórico; e, por último, acentuar os objetivos éticos finais do movimento.

O desespero do movimento operário é, como disse Mazzini em relação a outra causa há muito tempo, que rasgamos o grande e belo estandarte da Democracia. Cada partido arrancou um trapo dele, e o desfila tão orgulhosamente como se fosse a bandeira inteira, repudiando e não se dignando a olhar para os outros.

É este sentimento de desprezo por qualquer classe de pessoas ou de tipos de pessoas da comunidade que é perigoso para o movimento operário, o que o torna uma medida de classe. Ataca seu caráter democrático e substitui o entusiasmo do partido pela força irresistível do progresso humano. O movimento operário deve incluir todos os homens em suas esperanças. Deve ter a comunhão da fraternidade universal. Qualquer gota de fel na sua taça é fatal.

Qualquer rancor guardado contra um capitalista, qualquer desejo de “se vingar” quando a riqueza tiver mudado de mãos, são apenas as velhas experiências do egoísmo humano. Todo sentimento de injustiça deve cair e ser absorvido na consciência de uma fraternidade comum. Se insistir na universalidade do melhor é a função do assentamento, em nenhum lugar sua influência é mais necessária do que no movimento operário, onde há uma tentação constante para uma guerra de classes.

## **Parte 6**

### **Pobreza e condições de vida dos trabalhadores**



# A EXTREMA MISÉRIA E UMA RECAÍDA NA SELVAGERIA – VADIAGEM E MENDICÂNCIA\*

EUGENE BURET\*\*

Deveríamos agora temer de sermos acusados de exagero ao assegurar que a extrema miséria projeta as populações que ela atinge numa vida selvagem e que, portanto, ela é incompatível com o progresso da civilização e mesmo com a sua existência?

As classes inferiores, cujas condições físicas e morais acabamos de estudar, estão sendo pouco a pouco distanciadas dos usos e das leis da vida civilizada, e levadas de volta, através dos sofrimentos e das privações da miséria, ao estado de barbárie. O pauperismo equivale a uma verdadeira proibição social: os miseráveis se assemelham a esses bandos saxões que, para escapar do jugo da conquista normanda, foram esconder sob as árvores das florestas sua independência nômade; são homens fora da sociedade, fora da lei, os *outlaws*, e é de suas fileiras que saem quase todos os criminosos. Quando a miséria pesa sobre um homem, ela o deprime pouco a pouco, degrada seu caráter, tira dele, um após o outro, todos os benefícios da vida civilizada, impondo-lhe os vícios do escravo e do bárbaro.

A incerteza da existência é o primeiro traço de semelhança que aproxima o pobre do selvagem. Tanto para o proletário da indústria como para o selvagem, a vida está à mercê das chances do jogo, dos caprichos do acaso: hoje, boa caça e salário; amanhã, caça sem sucesso ou desemprego; hoje a abundância e amanhã a fome. E

---

\* Extraído de BURET, E. *De la misère des classes laborieuses en Angleterre et em France*. Tome second. Paris; Leipsig: Jule Renouard et Compagnie, 1841, p.1-18. Tradução da Global Translation.

\*\* (1810-1842) Foi ensaísta e economista francês.

como essas alternativas não dependem da vontade de quem as sofre, como é impossível regulá-las, o resultado é que ele se acostuma necessariamente com a despreocupação sobre seu destino, e não se dá ao trabalho de antecipar as necessidades do futuro. Somente aquele que semeia e colhe detém a previsão; aquele que caça ou joga conhece apenas o acaso e espera tudo do acaso; para ele, somente existe o presente, o futuro não. Eis, portanto, uma das primeiras virtudes sociais: o hábito da previsão, que se tornou muito difícil e até mesmo impossível para o operário pobre que só conta com um trabalho depreciado para viver, que ele não tem certeza de trocar todos os dias pelo pão necessário à vida. Quando estudarmos as causas, veremos que a incerteza da existência pelo trabalho contribui, em grande parte, para a desmoralização que recriminamos das classes inferiores.

A educação do pobre, tal como a vimos, especialmente na Inglaterra, é diferente daquela dos selvagens, menos frequentemente, infelizmente! As carícias da maternidade! Essas criancinhas que pululam na lama das ruas de Liverpool e das outras grandes cidades da Inglaterra são criadas, certamente, com menos cuidado do que os cachorrinhos e os cavalos da nobreza deste país. Coisa estranha! Ocupam-se com a mais louvável atenção, com o maior sucesso, da melhoria das raças de animais, e abandonam a raça humana do povo a todas as causas que podem degradá-lo e corrompê-la! Só os suínos, eu o afirmo, cuja educação física é comparável à das crianças das classes mais baixas na Inglaterra. Sei que a enormidade do mal sensibilizou profundamente a opinião neste país, e que se busca estabelecer, em benefício das classes pobres, um sistema de educação pública; mas se essa benfeitoria, que ainda não foi realizada, trouxer para a vida social alguns infelizes condenados à barbárie, ela não poderá salvar a classe de indivíduos para a qual se quer aplicá-la. Para isso, seria necessário remover para sempre os filhos do meio em que nasceram, arrancá-los de sua família, de sua convivência, e isso é impossível. Na França, onde a educação primária é acessível à grande maioria das pessoas, temos, não obstante, nossos pequenos selvagens como na Inglaterra; e, de acordo com o relatório do Sr. Gillon sobre o orçamento da educação pública para 1839, 2.811.000

crianças não vão à escola: é verdade que a maioria dessas crianças analfabetas pertence à população agrícola.

Geralmente, embora aprendamos a ler em nossas cidades industriais, os filhos dos operários são menos desprovidos de educação moral e até intelectual, porque a fábrica os reivindica antes que eles tenham tido tempo de aprender. E, apesar das leis sobre o trabalho infantil, leis absolutamente impotentes para impedir o mal ou para fazer o bem, as crianças monopolizadas pela indústria prometem à sociedade apenas miseráveis e bárbaros! A revisão que propomos fazer no próximo capítulo nos mostrará que a maioria das crianças das fábricas está fatalmente fadada à desmoralização e ao pauperismo.

A vadiagem e a prostituição ainda são sinais e causas da barbárie. Nas grandes cidades, a vadiagem das crianças é a incubadora para o voo. Uma vez que um jovem trabalhador tenha conseguido viver um dia fora da oficina, uma vez que a vagabundagem e o pequeno comércio de rua lhe tenham proporcionado um único dia de existência, é um passo para a sua moralidade e o seu futuro.

Não podemos indicar o número de jovens vagabundos com base em documentos positivos, mas a alta proporção de delinquentes juvenis, que hoje aflige todos os criminalistas, nos leva a supor que esse número deva ser bem elevado.

Como poderia ser diferente? Que atração deve ter a vida errante para esses jovens cativos da oficina, que as leis da França e da Inglaterra tentaram proteger em vão<sup>1</sup>? A natureza, compelida pela miséria, os atrai com outras causas tão poderosas em busca de todas as oportunidades de correr em liberdade. Um trabalho longo e sedentário, um patrão bruto, uma família cruel, jogam todos os dias uma multidão de crianças e adolescentes na via pública, e os entregam a todas as seduções. Que educação é essa para uma criança pobre! E como nos surpreendemos que eles não cedam, em maior número ainda, às ardentes provocações que a exibição de todas as riquezas e de todos os prazeres oferece à sua idade e à sua miséria!

---

1. A Câmara dos Deputados da França deve discutir uma lei sobre o trabalho infantil nas fábricas durante a presente sessão. Esta lei, embora sejam sábios seus dispositivos, será mais uma lei inútil, como veremos no capítulo seguinte.



Podemos ler em um relatório sobre a aprendizagem dos jovens liberados (*Journal la Providence*): “Dentre todas as más inclinações, a mais temerosa dos nossos inimigos é a paixão pela vadiagem; ela não nos deixa quase nenhuma quietude, pois é evidentemente inextinguível. Às vezes, sonolenta em alguns pupilos, por um certo tempo, especialmente na estação rigorosa; de repente, a vemos acordada pela menor circunstância e, infalivelmente, pelos primeiros raios de sol da primavera. Esta inquieta mania de locomoção e ociosidade parece ser um tipo conservado da vida livre do selvagem, e esta condição de existência é encontrada de forma idêntica na das crianças entregues, sem um guia, desde seus primeiros passos, aos impulsos de suas vontades abruptas”. Pedimos a indulgência do leitor pelo mau estilo dos padrões dos jovens libertados do departamento do Sena, em favor dos valiosos fatos e observações contidos nesta citação. Devemos nos lembrar dela quando quisermos conhecer a causa dos vícios da miséria.

Em Paris, a vadiagem das crianças pobres é acompanhada de um cinismo e de uma precocidade de inteligência que assustam. Poderíamos emprestar da *Gazette des Tribunaux*, que é a coletânea poética da miséria e do crime, uma série de histórias que, apesar de sua escrita agradável, não faria as pessoas rirem; e, para dizê-lo de passagem, a intenção de brincadeira que os redatores deste periódico sempre mostram quando se trata dos delitos dos miseráveis, é um escárnio odioso contra o qual clamamos o protesto da honestidade e do bom senso. Apesar desta merecida reprovação, que dá a este periódico, pleno de informações tão úteis, um caráter suspeito, vamos emprestar dele uma dessas histórias que ele apresenta todas as semanas sobre um jovem vagabundo de Paris; nós o apresentamos como um modelo que representa perfeitamente a maioria dos indivíduos da classe à qual ele pertence:

“Beasse, jovem maroto de treze anos de idade, compareceu na polícia correccional, sob suspeita de vadiagem. É, sem dúvida, à sua vida aventureira e nômade que se deve essa audácia precoce e essa segurança deplorável que ele mostra durante os debates.

Presidente — O que você fazia na rua, às duas horas da manhã, quando foi apreendido?

Beasse — Eu dormia; a noite não foi feita para dormir?

Presidente — Mas, a gente dorme na casa da gente.

Beasse — E eu lá tenho uma casa?

Presidente — Então você vive numa vagabundagem permanente?

Beasse — Eu trabalho para ganhar minha vida.

Presidente — Qual é a sua situação, para quem você trabalha?

Beasse — Minha situação! Primeiro, eu tenho trinta e seis, pelo menos; depois, eu não trabalho para ninguém. Já há algum tempo que estou por minha conta, tenho meus negócios de dia e meus negócios à noite. Assim, por exemplo, de dia, eu distribuo pequenos impressos grátis a todos os passantes; eu corro atrás das diligências que chegam para carregar os pacotes; faço piruetas na Avenue de Neuilly, na frente dos carros e dos cavaleiros; de noite, eu tenho os espetáculos, vou abrir as portei­ras, vendo entradas. Será que eu sei tudo o que eu faço? Oh, sou muito ocupado!

Presidente — Seria melhor para você estar empregado numa boa casa e lá ter seu aprendizado.

Beasse — Ah! Xi, uma boa casa! Um aprendizado! É chato. E, depois, o burguês sempre resmungo; depois, sem liberdade.

Presidente — Seu pai não o procura?

Beasse — Não tenho mais pai.

Presidente — E a sua mãe?

Beasse — Também não tenho; nem pais nem amigos; livre e independente.

O tribunal condena Beasse a dois anos de detenção em uma casa correcional.

Beasse fez uma careta bem feia, depois retomou seu bom humor: “Dois anos! O quê? Não é mais do que vinte e quatro meses. Vamos lá!”<sup>2</sup>

Não é esta a vida selvagem em plena civilização? A mendicância é a vadiagem do homem adulto; muitas vezes, é um retorno voluntário e premeditado à barbárie.

A mendicância, tantas vezes proscrita e sempre em ascensão, costuma ser o efeito da miséria desavergonhada e delituosa. Muitas ve-

---

2. *Extraído da Gazette des Tribunaux* – Agosto de 1840.

zes, é uma atividade na qual, como em todas as outras, o mais qualificado ganha mais; mas, inocente ou criminosa, ela é uma crítica viva à sociedade que a tolera, na falta de instituições capazes de impedi-la e reprimi-la. Na Inglaterra, graças às novas Casas de trabalho (*Work-houses*), a mendicância está quase abolida; e, como a miséria resultante das enfermidades e da velhice, tem certeza de que encontrará um asilo de caridade, a mendicância vagabunda é reprimida com eficácia. Em algumas Uniões, circulares advertem os habitantes a recusar qualquer esmola aos mendigos, e a encaminhá-los imediatamente às Casas de trabalho, onde eles são admitidos sem qualquer formalidade, a pedido de um habitante da União. Se o mendigo for considerado enfermo ou incapaz de trabalhar, receberá uma admissão definitiva em uma Casa de socorro, e será mantido até que seja decidido à qual União ele deverá pertencer; se o mendigo for apenas um vagabundo, capaz de trabalhar, o regime aplicado aos adultos nas Casas de trabalho, particularmente o exercício do moinho braçal, logo irá dispensar a caridade pública. A desvantagem desse sistema, segundo estudamos, é supor que existam apenas dois tipos de miséria: a que vem das enfermidades, da idade, da incapacidade de trabalhar e aquela que é resultado da preguiça e do vício. Infelizmente, há um terceiro tipo, mais numeroso do que os outros dois, sobretudo na Inglaterra e, para esse tipo, o regime das Casas de trabalho é uma negação da caridade e uma crueldade; mas, essa miséria, a que resulta da falta de trabalho, do desemprego forçado das oficinas e da insuficiência do salário, não pede esmola; ela sofre em casa e raramente sua imagem incomoda a filantropia calculista da Inglaterra.

Estamos reduzidos a desejar para o nosso país o regime das Casas de trabalho, à medida que ele é aplicável aos idosos e enfermos, como o melhor meio que conhecemos, como o único que acreditamos ser eficaz para reprimir a mendicância que desola e, muitas vezes, aterroriza nossos campos. Há cerca de alguns meses, os jornais noticiaram que gangues de mendigos percorriam as aldeias do Sena-Inferior e pediam resgate aos habitantes, forçados a reunir forças suficientes para intimidar a gangue de vagabundos. Em muitos pontos da França, o mendigo força a esmola pelo terror que ele inspira! Aqui, já o dissemos, a mendicância só é proibida em um nú-

mero reduzido de cidades que possuem depósitos ou, melhor dito, esgotos de homens, e ela é pública e quase livremente praticada em todo o restante do território. Sem ir até Rennes e nas grandes estradas da França, nós a encontramos sob seu aspecto mais repugnante às portas de Paris, em Saint-Germain, onde uma estrada de ferro fez um subúrbio da capital, e onde só se pode chegar atravessando uma longa avenida de mendigos<sup>3</sup>. O número da mendicância oficial na França, muito inferior à mendicância real, sobre a qual não temos nenhum meio de conhecer, equivale a 198.135<sup>4</sup>.

Um dos homens mais eminentes da nossa sociedade, Sr. Duchâtel<sup>5</sup>, generosamente tomou a defesa da mendicância contra as medidas cruéis de que ela tem sido objeto. Ele considera como um direito imprescritível para o pobre o de recorrer à caridade voluntária.

Infelizmente, está provado que a liberdade absoluta de mendigar é um incentivo à preguiça, uma fonte de graves transtornos e até mesmo de perigo para a sociedade que a tolera. Não concordamos que uma nação, para se livrar da imagem inoportuna das *bediondas enfermidades e da miséria repugnante*<sup>6</sup>, condene os miseráveis ao regime das prisões, mas acreditamos que é de seu interesse e seu dever reprimir a mendicância como um delito, quando ela emprega os meios necessários para preveni-la, abrindo asilos de caridade para as enfermidades e a velhice.

A mendicância nos revela indiretamente a extensão da miséria. Quando vemos nações esclarecidas falhar na tarefa de proscrever tal flagelo, acreditamos que a verdadeira miséria deva ser muito grande em tais países, uma vez que não há meios eficazes para aliviar a verdadeira indigência e, assim, dar-se o direito de aplicar severas penas repressivas contra os mendigos. Não estamos exagerando ao dizer que, se abríssemos à miséria asilos verdadeiramente caridosos, o número daqueles que pediriam para entrar neles seria tão grande que eles se tornariam um fardo insuportável para as pessoas abastadas.

---

3. Desde que esta página foi escrita, o prefeito de Seine-et-Oise abriu depósitos para os mendigos de seu departamento.

4. *Économie politique chrétienne*, pelo visconde Villeneuve-Bargemont.

5. *De la charité dans ses rapports avec l'état moral et le bien-être des classes inférieures*.

6. Sr. Noaille du Gard, ver acima, T. I, p. 230.

Uma nova lei sobre a mendicância é uma das necessidades mais urgentes da França. Não pleiteamos a sua total abolição, mas uma repressão inteligente. O cego ou o velho honesto que mendigam com permissão, não são um perigo, mas uma inocente oportunidade de caridade.

E a aproximação prematura, a promiscuidade dos sexos, não é um caráter de bestialidade e barbárie? Vimos a miséria reunir as idades e os sexos, de qualquer jeito, em quartos estreitos, muitas vezes no mesmo leito, provocando assim a libertinagem pela proximidade e pelo exemplo. A atividade das grandes oficinas dá continuidade a essa incessante provocação, durante o horário de trabalho e nas idas e vindas à fábrica. Sabemos quais são os resultados desse contato permanente dos sexos, longe da vigilância das famílias, quando tudo convida à libertinagem, a uma natureza desregrada, às conversas e ao exemplo. Nenhum ensinamento moral e nenhuma vigilância se opõem à corrupção dos costumes nas classes pobres, obrigadas a ir pedir o pão de cada dia aos fabricantes: só o vício tem a palavra nas oficinas, e a decência é proscrita ali na linguagem e nos atos, como um ridículo. Nesta atmosfera impura, a infância é extremamente afetada pelos vícios que ela não deveria compreender, e a inocência é perdida muito antes que os sentidos tenham falado. Familiarizada desde a infância com a imagem e prática da devassidão, a menina vislumbra a prostituição sem repugnância e sem medo, como recurso contra a miséria. “Conhecemos muito bem o endereço de várias casas de devassidão da capital, nas oficinas de algumas cidades”, escreve Villermé; “e, se me disseram a verdade, jovens garotas não tinham medo, em seus discursos, de fazer alusão ao tempo em que irão morar lá<sup>7</sup>”.

Algumas atividades parecem ser organizadas intencionalmente para tornar a prostituição uma necessidade. São as que estão sujeitas ao desemprego periódico um pouco prolongado e, mais particularmente, segundo o autor que acabamos de citar, as fábricas de tratamento das telas de algodão que ocupam, na época das enco-

---

7. *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers*, por Villermé. T. II, p. 63.

mendas, jovens mulheres que são despedidas nas épocas periódicas de repouso<sup>8</sup>. Quando a fábrica recusa o trabalho que dá o pão, lançam-se à prostituição para obtê-lo!

O vínculo sagrado da família, se alguma vez foi formado, é logo quebrado pela dissolução e a indisciplina das crianças e a negligência parental. Os sentimentos de paternidade e amor filial não resistem às severas provações da miséria. Os pais tentam se livrar da carga onerosa da família o mais rápido possível; e as crianças, assim que conseguem trabalhar, tornam-se estranhas aos pais, que nada têm a esperar do seu reconhecimento. Em 1832, quando o município de Rouen investigou sobre a condição dos operários desta cidade, ficou aterrorizado com a corrupção que detectou nas famílias dos operários mais pobres. A indiferença de muitas crianças para com seus pais e mães envelhecidos foi considerada a mais revoltante desumanidade.

O furor com que a parte mais degradada das classes mais pobres se dedica à paixão pela embriaguez, só é detectado no mesmo grau entre os povos selvagens. O negro da costa da África vende seus filhos e se vende por uma garrafa de aguardente. A embriaguez foi mais eficaz para exterminar as raças indígenas da América do Norte do que os massacres sistemáticos dos brancos e a fome. Para o selvagem, a embriaguez é suprema felicidade; para o miserável das grandes cidades, é uma paixão invencível, um prazer indispensável, que é comprado a qualquer preço, à custa da saúde e da vida. Que triste combinação! Que triste quadro é o desses homens, nossos compatriotas e nossos irmãos, mergulhando no prazer do estupor mais vergonhoso, inoculando, através do álcool, a fúria de bestas ferozes que mesclam em orgias o sangue e as feridas!

Na relação das diversões e dos prazeres, o proletário das grandes cidades compartilha bem menos do que o bárbaro. Os povos mais bárbaros têm tradições, cantos nacionais, presentes dos antepassados e dos deuses, que lembram o passado e prometem um futuro glorioso: os bárbaros têm poesia e esperança. Eles fazem a exalta-

---

8. *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers*, por Villemé, T. II

ção da coragem, têm o sentimento de uma grandeza selvagem, o heroísmo individual, têm um culto e deuses. As classes degradadas, que a miséria exclui da civilização, não têm nada para se alegrar e esquecer seus males, nada para consolar seus sofrimentos e sublimar sua humilhação, nada além de embriaguez! Para eles, nem passado, nem futuro, nem culto, nem deuses, nem heróis; toda a sua vida é gasta procurando pelo pão e se embriagando. Os raros prazeres acessíveis a eles são instrumentos energéticos de corrupção. Em nosso país, eles não têm mais igreja e não têm teatro, pois não podemos dar esse nome aos ignóbeis espetáculos que lhes oferece a miserável cupidez que especula sobre seus vícios. Em Paris, os espetáculos ao ar livre que atraem a população expõem obscenidades revoltantes, ouvidos com uma tolerância inabalável pela polícia. As danças nas portas de entrada da cidade são escolas de infâmia onde, sob os olhos e aplausos de várias centenas de espectadores, faz-se a imitação ousada de todos os atos da mais refinada libertinagem.

Os pequenos teatros na Inglaterra, denominados *penny-theatres* (espetáculos a dois centavos), são de natureza tão perigosa, que se pensa em suprimi-los, mas não se consegue. “Onde quer que haja um espetáculo a dois centavos – segundo Sr. Talbot, secretário da Sociedade para a repressão da prostituição – é um flagelo para toda a vizinhança; temos certeza de que ele atrai todas as crianças das classes pobres para torná-las testemunhas das cenas mais imorais e absurdas; uma vez que elas se acostumaram a frequentar esses espetáculos imundos, rapidamente são desviadas para o roubo, a prostituição e para todos os crimes imagináveis. Algum tempo atrás, havia um teatro desse tipo, que ficou aberto por nove meses nas cercanias de Bagnice-Wells-Road, que se tornou tão corrupto que as autoridades paroquiais interferiram e forçaram o proprietário a abandoná-lo. As mulheres jovens, perdidas neste teatro, vieram a mim para protegê-las, depois de terem percorrido as ruas devido à sua assiduidade a este espetáculo... Os salões de dança e música, nas casas públicas autorizadas, também são fonte de grande corrupção e produzem os efeitos mais nefastos”. Em seguida, o autor cita as casas dos proprietários de albergues de Saint-Giles, do

baixo Westminster e de White-Chapel, onde ocorrem diariamente cenas de uma obscenidade indescritível, e que só se pode acreditar ao ler a sua descrição<sup>9</sup>.

As colônias penais da Inglaterra provam que o homem que sai da civilização para cair na barbárie ultrapassa todos os limites que a imaginação pode atribuir à degradação humana. Assim como a Irlanda é o tipo da mais completa miséria, as colônias penais inglesas são o tipo perfeito da imoralidade de que o homem é capaz. Para abreviar esta hedionda descrição, segue uma ideia da depravação a que o homem pode chegar.

“Os olhares de Deus”, – diz o Dr. Ullathorne, vigário geral da Austrália, em um trabalho publicado sobre este triste país –, “nunca se lançaram sobre um povo como este, desde o dilúvio; um povo onde se acasala apressadamente, sem afeição, onde cada um vive para os sentidos; uma sociedade sem os sentimentos que fazem uma sociedade, onde os homens são feitos com perversidade, as mulheres com falta de pudor, as crianças com impudência... Os selvagens nus que percorriam estas florestas infinitas só conheciam maior monstruosidade com o canibalismo e os ingleses lhes ensinaram os maiores horrores: banir esta peste da superfície da Terra é dever de toda a humanidade!”. – O Relatório do Comitê de Emigração para o Parlamento em 1838 nos informa que, em Nova Gales do Sul, em 1835, houve 22.000 condenações correccionais (*Summary*), embora o número de condenados fosse de apenas 25.000! Mas, de todas as colônias penais, a de Norfolk é a pior. “Ela é tão perversa (citando ainda Ullathorne) quanto as cidades sobre as quais Deus fez baixar o fogo do céu; a linguagem de seus habitantes é tão corrupta que incessantemente apresenta à imaginação os objetos mais repugnantes, tão perversos que, no dialeto dos prisioneiros, o mal significa literalmente o bem, o bem é chamado de mal, o homem que conservou bons sentimentos é chamado de perverso e o chefe do vício é um homem bom”.

“A vida do homem tornou-se uma coisa tão indiferente – diz o relatório do Comitê de Emigração – que foram cometidos assassi-

---

9. *Prostitution of London*, by Michael Ryan, p. 200.



natos a sangue frio; o assassino declarou que não tinha ódio contra sua vítima, mas que ele só queria obter sua transferência para outro lugar. Vimos a vida de um homem lançada à sorte, e aquele sobre o qual a sorte recaiu, executar o crime; seus camaradas testemunharam que sua única intenção tinha sido de ser transferido para Sidney”. Chega de horrores como esse! Não vamos mais longe; a besta humana é capaz de todos os crimes, de todas as infâmias que podem ter origem na imaginação delirante.

A barbárie que nasce no seio da civilização ameaça a existência das sociedades com perigos mais aterrorizantes e mais próximos do que se pode supor. Na Inglaterra, inquéritos recentes deram o alerta ao governo; todos terminaram com o refrão de que a sociedade não deve ficar indiferente à condição moral das classes mais baixas. Este aviso será ouvido e a política permitirá que ele seja aproveitado a tempo? Eu assim espero, mas não posso deixar de ter medo. Quando Roma se achava a dona do mundo, ela suspeitava que cantões desconhecidos, onde suas armas e seu nome não haviam penetrado, estavam cheios de pessoas armadas prontas para invadi-la? Os progressos e as incessantes conquistas da civilização não estarão garantidos enquanto o progresso e as conquistas da barbárie não tenham sido interrompidos: a civilização deve se apressar enquanto ela ainda possui o direito e a força!

Vamos examinar a seguir quais atividades fornecem principalmente recrutas para a miséria, e quais são as relações das classes laboriosas atualmente com aqueles que as empregam.

# TRABALHADORES DE LÃ NO SUL DA FRANÇA \*

LOUIS RENÉ VILLERMÉ\*\*

Paralisado por uma doença, no meio da minha viagem, eu só pude observá-los nas cidades de Lodève, Bédarieux e Carcassonne, e em algumas aldeias vizinhas.

## Operários da fábrica de Lodève

*Época das observações: julho de 1836.*

Esta fábrica, a mais importante de todas as do Sul, concentra-se toda na cidade de Lodève ou em seu território: emprega sete ou oito mil operários na confecção de tecidos de lã para o vestuário das tropas.<sup>1</sup>

As listas oficiais da população francesa em 1836 apresentam um pouco mais de 11.000 habitantes em Lodève. Quase a totalidade dessas pessoas dedica-se, de uma forma ou de outra, à fabricação de tecidos de lã e pelo menos três quartos estão ligados a ela como operários ou parentes de operários.

Por todo lado, vimos tecelões trabalhar em casa; mas aqui a regra é que eles trabalhem, como os outros operários, em fábricas onde, como em outros lugares, os sexos se mesclam, quando a natureza das ocupações não se oponha a ela.

Em geral, a duração da jornada é de doze a treze horas, das quais são deduzidas duas ou duas horas e meia para as refeições: portan-

---

\* Extraído de VILLERMÉ. *Tableau de l'état physique et moral des ouvriers employés dans les manufactures de coton, de laine et de soie*. Tome Premier. Paris: Jules Renouard et Co. Libraires, 1840, p.294-340. Tradução da Global Translation.

\*\* (1782-1863) Foi médico, epidemiologista e estatístico francês.

1. O testemunho relativo à fábrica de Lodève, na enquete comercial de 1834, parece ter exagerado muito sobre sua importância e, por outro lado, o Sr. Hippolyte Creuzé de Lesser, em sua *Estatística do departamento de Hérault*, talvez a tenha diminuído. Os dados a seguir, extraídos das duas fontes citadas, oferecem a prova disso.

to, o trabalho efetivo é de apenas dez a onze horas por dia. Essa pouca duração da jornada nos explica porque encontramos aqui crianças mais jovens, guardadas as proporções, em relação às outras fábricas de tecidos de lã. De fato, muitas ainda não têm nove anos completos. Os operários que cumprem a jornada mais longa são os fiandeiros e seus auxiliares ou os cerzidores.

	Segundo a estatística de Creuzé de Lesser.	Segundo o testemunho de Benjamin Fournier, no inquérito de 1834.
Número de operários empregados em Lodève nas fiações em 1822	1.238	–
<i>Idem</i> empregados na tecelagem	592	–
<i>Idem</i> nas outras operações	401	–
Número total de operários	2.231	8 em 10.000
Número de peças de tecidos de lã fabricadas	em 1822	–
	em 1831	60.000

Em Lodève, as famílias são comumente compostas de cinco a seis pessoas: o pai, a mãe, três ou quatro filhos, às vezes até um ou dois de seus antepassados; é um número médio bem alto. Calculei, a partir dos dados publicados pelo Ministro do Comércio que, para os onze anos de 1825 a 1835, 4,78 nascimentos legítimos e 4,94, quase cinco nascimentos totais, correspondem a um casamento na cidade<sup>2</sup>; enquanto que a proporção, em todo o departamento de Hérault, é de 3,73 e 3,93<sup>3</sup>, e em sua prefeitura (*chef-lieu*), em Montpellier, é de 3,67 e 4,47<sup>4</sup>.

Um quarto único e grande ou vários pequenos cômodos servem de habitação para cada família. Nas ruas estreitas da cidade, muitos desses alojamentos são ocupados, alguns em porões úmidos, mal iluminados e mal ventilados; outros, em espécies de sótãos muito

2. 799 casamentos, 3.817 nascimentos legítimos, e 132 ilegítimos. Eu havia encontrado 4,82 nascimentos totais, e 4,65 legítimos para o período de 1828 a 1835, baseando-me em documentos que o subprefeito teve a gentileza de colocar à minha disposição.

3. Casamentos, 31.047; nascimentos legítimos, 115.735; nascimentos ilegítimos, 6.165.

4. Casamentos, 3.146; nascimentos legítimos, 11.564; nascimentos ilegítimos, 2.505.

frios durante o inverno e, acima de tudo, muito quentes durante o verão. Independentemente do andar em que estejam, geralmente não são limpos nem confortáveis. Sua mobília comum consiste nos seguintes objetos: uma ou duas camas grandes completas, nas quais sempre se vê lençóis; um berço; um caixa para amassar e depositar o pão; uma mesa para as refeições; um guarda-roupa para entulhar as roupas da casa e as vestimentas; algumas cadeiras rudimentares, com um ou dois bancos, e algumas cerâmicas. Nas aldeias, as casas são melhores, sem serem mais bem mobiliadas.

Se me disseram a verdade, todos os operários estariam bem aquecidos durante o inverno. Suas roupas não eram muito limpas nos dias úteis. No entanto, vi alguns que estavam muito bem vestidos, pelo menos na cidade, onde aos domingos suas roupas, especialmente as dos homens jovens, não deixavam de apresentar um tipo de luxo. É impossível, no entanto, confundi-los com seus patrões.

Eles são ativos, trabalhadores e sóbrios, como todos os habitantes do sul. No entanto, aos domingos, não é raro ver os homens gastarem em refeições, nas quais suas esposas não participam, mas sem se embriagar, o salário inteiro de um dia ou até mais; e essas refeições, que acontecem em casa, não no cabaré, foram, segundo me disseram, uma das principais causas que os impedem de economizar dinheiro. Além disso, parece que costumavam passar uma parte dos domingos bebendo vinho nos cabarés; atualmente, passam nos cafés, bebendo cerveja e jogando bilhar.

Eles só descansam aos domingos e, algumas vezes, às segundas-feiras à tarde. Além disso, cada classe de operários dedica, por ano, um dia e o dia seguinte para celebrar o que chamam de sua festa.

Embora Lodève seja uma cidade manufatureira de 11.000 habitantes, a prostituição é totalmente desconhecida ali, e a aparência das mulheres nas oficinas, bem como fora delas, não poderia fazer com que se presumisse a menor libertinagem por parte delas. Além disso, os modos dos cônjuges são considerados muito bons entre os operários da fábrica; mas, acredita-se que os jovens são menos puros. Essa acusação seria atenuada pela pequena proporção de nascimentos ilegítimos, que aqui é de apenas um em 30, enquanto no departamento de Hérault, é de um nascimento de filho bastardo em 19,77.

Um filho ilegítimo em 30, em uma cidade manufatureira de 11.000 habitantes! Sem dúvida, devemos nos espantar ainda mais por encontrarmos um número tão pequeno, pelo fato de que essa proporção é muito menor do que a observada em todo o departamento ao qual pertence Lodève. Acrescento, sem pretender explicar o fato, que não há guarnição em Lodève, nem uma torre no distrito para receber as crianças encontradas. Por fim, algumas garotas dessa cidade vão parir em Montpellier ou Béziers; e, assim como nas fronteiras da Savoie, paga-se 20 francos para enviar uma criança para a torre de Lyon<sup>5</sup>, e paga-se essa mesma quantia para levar um recém-nascido para a torre de Montpellier.

Em Lodève, os operários da lã passam a se casar muito jovens e, quase sempre, assim que tivessem cumprido a lei do recrutamento. Eu quis fazer algumas pesquisas sobre este tema nos registros de estado civil, e encontrei para as idades médias de todos os casamentos realizados somente entre os operários da fábrica, durante os quatro anos de 1831-1834: 27 anos e 5 meses para os homens; 24 anos e 9 meses para as mulheres; resultado de 197 casamentos. E para os casamentos em primeiras núpcias: 26 anos e 3 meses para os homens e 24 anos e 2 meses para as mulheres; resultado de 183 casamentos.

A reunião dos operários nas manufaturas, onde os dois sexos e as idades estão misturados, parece aqui muito menos desfavorável do que em outros lugares. Eles raramente se entregam à má conduta; mas, apesar de viverem quase todos em casal, fazem pouca previsão e economia. Aquele que poupa dinheiro costuma depositar sua ambição na compra de uma pequena videira às portas da cidade, onde, quando a estação o permitir, passará o domingo com a família.

Mais de três quartos permanecem na cidade; os outros moram no campo e nunca empregam mais de meia légua todas as manhãs para ir às suas oficinas ou para voltar para casa à noite. Portanto, a duração da jornada destes últimos não é aumentada em muito pela distância do caminho. Quando chove, quase todos carregam um guarda-chuva; além disso, eles se previnem da umidade do

---

5. V. *os asilos de crianças encontrados na Europa, e principalmente na França* etc.; por Sr. Remacle, p. 195 e 196.

solo com galochas, e do frio do inverno com roupas de bom tecido de lã de Lodève.

As oficinas são bastante espaçosas e a atmosfera que se respira ali é sempre pura. Quando eu estava em Lodève, no mês de julho de 1836, as janelas dessas oficinas, frequentemente opostas umas às outras, ficavam abertas para cima, de modo a manter uma grande corrente de ar. Aliás, parece que, antes da cólera, elas eram sempre mantidas fechadas nas fiações; mas, o medo da doença fez com que as abrissem em 1832 e 1833, sem que os fios se quebrassem como se acreditava, e desde então deixaram de fechá-las com tanta frequência como antes.

Eis os salários diários pagos pela fábrica ao longo do ano 1836:

	fr.	c.	a	fr.	c.
Aos tingidores	1	75		1	75
lavadores, desengraxadores de lã, fiandeiros, tecelões, cortadores de tecidos, laneiros, prensadores, finalizadores etc.	2	»		3	»
triadores de lã, cardadores, desembaraçadores etc.	»	75		1	»
tecelãs e fiandeiras no final	1	»		1	50
crianças	»	50		»	80

Esses ganhos, exatamente os mesmos que em 1834, aqui são mais elevados do que no resto do sul da França, por causas das quais falarei mais adiante; eles são suficientes para as necessidades daqueles que não têm outro recurso.

Sr. Benjamin Fournier, delegado da fábrica de Lodève para a enquete comercial de 1834, os avaliava assim:

Para os homens	2 fr.	»	a	2 fr.	50 c.	por dia.
Para as mulheres	1	»		1	25	—
Para as crianças	»	60		»	75	—

A comida dos operários nunca é de má qualidade; mas se eliminarmos o vinho, que eles sempre encontram muito barato e do qual eles usam muito raramente em excesso, os víveres custam para eles um pouco mais caro do que eles pagariam nos arredores.

Eu quis, mas em vão, conhecer os detalhes de suas despesas: as informações que me foram fornecidas a este respeito são demasiadamente contraditórias para que eu as repasse. Parece apenas resultar que a comida de um homem lhe custa 15 centavos por dia em sua casa, 20 em uma pensão ou no albergue, e 10 a de uma mulher que vive com sua família. O aluguel varia de 45 fr. até 80, 90 ou algumas vezes 100 francos para uma família, e de 20 a 35 francos para uma única pessoa.

Alguns de seus recém-nascidos são confiados a amamentadoras que moram nas montanhas. Todos os outros são mantidos por suas mães, para as quais é permitido, o que não acontece em outros lugares, pelo menos em geral, levá-los às oficinas para amamentá-los.

Como todas as cidades manufatureiras, Lodève é um tipo de centro para onde afluí um grande número de indivíduos. No entanto, ela conta com pouquíssimos trabalhadores nômades propriamente ditos. Da mesma forma, eu vi, ao investigar sobre a idade dos casamentos, que há proporcionalmente menos estrangeiros do que nas outras cidades manufatureiras; e, além disso, esses estrangeiros, pelo menos aqueles que se casam lá, não o são propriamente, uma vez que quase todos vêm das aldeias do distrito de Lodève, ou dos distritos vizinhos de Béziers, Millau etc., e especialmente de Saint-Affrique.

Esta cidade, há muito tempo, assim como as outras no departamento de Hérault, viu sua população aumentar, por assim dizer, todos os anos. Assim, ela tinha:

Habitantes	Ano	
7.906	1796	Segundo a <i>Estatística do departamento de Hérault</i> , por Sr. Creuzé de Lesser.
8.189	1803	
8.531	1815	
9.056	1820	
9.842	1826	V. as tabelas oficiais da população do reino.
9.919	1831	
11.000	1836	

Em geral, a saúde dos trabalhadores de Lodève não é ruim, e eles não parecem insatisfeitos com o seu destino. Na época em que eu os observei, eles ainda não tinham uma caixa de poupança; mas a autoridade municipal acabara de solicitar uma, e pareceu-me que, longe de vê-la com prazer, consideravam-na como um meio de conhecer suas economias, e que aqueles que a fazem, em número bem pequeno, não teriam levado voluntariamente seu dinheiro<sup>6</sup>.

Existem algumas sociedades de socorro mútuo contra as enfermidades. Eu encontrei cinco delas que, juntas, reúnem 469 membros e, das quais, uma que admitia apenas mulheres <sup>(2)</sup>. Os pacientes que fazem parte destas associações úteis, não só recebem a indenização do salário que não podem ganhar, como também, durante as noites, quando precisam, os cuidados de um membro que zela por eles. Eis os nomes e a composição das cinco sociedades das quais se trata:

Sociedade	Membros
1º <i>Sociedade militar de Saint-Martin, composta exclusivamente de ex-militares</i>	124
2º <i>Associação de beneficência mútua</i>	147
3º <i>Sociedade beneficente de mulheres e meninas, composta exclusivamente de pessoas do sexo feminino</i>	63
4º <i>Sociedade beneficente dos fiandeiros de lã e operários mecânicos</i>	105
5º <i>Sociedade das armas, composta por mestres de armas</i>	30
Total	469

A fábrica de Lodève, e é por aí que eu quero concluir, está em uma posição bastante excepcional. Assim, seus fabricantes, confeccionando principalmente para as tropas os tecidos de lã que entregam ao ministério da guerra ou da marinha, contratados com um acordo, não podem parar, sob nenhum pretexto, nem mesmo reduzir sua fabricação: eles devem fornecer nas épocas

6. Não se pode duvidar, além disso, quando se sabe que a caixa de poupança de Lodève, inaugurada em 19 de fevereiro de 1837, ainda possuía após dez meses, ou seja, em 31 de dezembro, apenas dez carnês que pertenciam aos trabalhadores (V. *Relatório ao Rei sobre as caixas de poupança*, para o ano de 1837).



convencionadas, tanto as quantidades como as qualidades prometidas. Essa necessidade implica em produzir regularmente e ocupar sempre, para não perder seu trabalho, trabalhadores em número suficiente para cumprir as convenções. Como resultado, os trabalhadores de Lodève recebem um salário mais alto do que em todo o resto do sul da França (fala-se em ser mais alto, mas sem explicá-lo), e que eles também podem contar com a mesma quantidade de trabalho, enquanto durar o compromisso do mestre, ou seja, quase indefinidamente, porque seu contrato que é por cinco anos sempre renovado antecipadamente. Entretanto, a renovação desse contrato é eventual, pois depende de uma adjudicação pública com desconto.

Finalmente, a guerra ou somente uma ameaça de guerra, que para as outras fábricas é um motivo de alarme, é, ao contrário, uma causa de prosperidade e de ampliação para a de Lodève, porque assim o exército aumenta e a administração passa a querer grandes lojas de roupas militares.

Foi assim que, longe de sofrer com as crises de 1792 e 1831, a fábrica de Lodève passou por um novo desenvolvimento e não houve redução nos salários pagos por ela, enquanto em todos os lugares os trabalhadores estavam desempregados ou eram forçados a se contentar com um preço de mão de obra muito baixo. Neste momento, a guerra civil no norte de Espanha produz os mesmos resultados: ela é vantajosa para os nossos fabricantes, permitindo-lhes vender, a ambas as partes e pelo mesmo preço que os tecidos de lã mais bem confeccionados, as peças defeituosas que seriam recusadas por nossos regimentos.

Ao contrário, quando a paz traz a prosperidade geral da indústria, a quantidade de trabalho diminui em Lodève, e os trabalhadores sofrem com isso ainda mais, já que muitos recém-chegados se estabeleceram lá na época em que encontravam emprego facilmente. É por esta razão que, se estou bem informado, durante o último inverno (1838-39), houve uma verdadeira miséria nesta cidade. O município então considerou necessário organizar algumas obras de caridade, a fim de ajudar um certo número de trabalhadores desempregados. Um *Extrato dos registros das deliberações do conselho municipal de*

*Lodève*, inserido no *Journal des Débats* de 21 de março deste ano (1839), menciona as oficinas de caridade abertas por este conselho para dar ocupação aos operários carentes de trabalho.

## **Operários da lã das outras fábricas do departamento de Hérault**

*Época das observações: julho de 1836*

A fábrica de tecidos de lã de Lodève não está sozinha no departamento de Hérault: há ainda as de Saint-Chinian, Saint-Pons, Clermont, Bédarieux etc. Mas, a doença que me forçou a abreviar minhas pesquisas sobre os operários da seda no sul da França não me permitiu concluí-las sobre os operários da lã. Foi com grande dificuldade que pude ir a Bédarieux fazer algumas observações e coletar dados sobre os operários das outras fábricas de tecidos de lã do departamento.

Ao contrário do que se observa em Lodève, e de acordo com o que se vê em toda parte, a grande maioria dos tecelões trabalha em casa.

Para a maioria dos operários empregados pelos fabricantes, a duração da jornada é de doze a treze horas, e a do trabalho efetivo de dez a onze, como em Lodève. Mas há manufaturas onde a jornada é mais longa, em uma ou duas horas, especialmente para os homens.

Quase todos os operários moram a uma pequena distância de suas oficinas, e bastam alguns minutos para os que vivem mais longe para chegar lá.

O salário *mais comum* em 1836 era de 30 a 32 centavos por dia para homens, de 12 a 15 centavos para mulheres e, para as crianças, de 8 a 10 centavos. Os fiandeiros de grandes quantidades ganhavam até 50 e 55 centavos por dia; fiandeiros e fiandeiras de acabamento e tecelões até 35 e 40 centavos por dia. Os tintureiros e os outros trabalhadores contratados geralmente recebiam 45 francos por mês.

Se me disseram a verdade, esses salários geralmente bastavam para as suas necessidades, e muitos vivem até mesmo numa verdadeira abundância, porque eles têm os bons costumes daqueles de Lodève e, aliás, pagam um pouco mais barato pelas mercadorias. Os operários de Bédarieux, os únicos que vi, me pareceram em

bom estado de saúde, com a exceção, no entanto, de uma parte das crianças.

Os fabricantes desta cidade, assim como os de Clermont, Saint-Pons, Saint-Chinian etc. por não terem assumido, como os de Lodève, um contrato com o governo, podem, ao seu bel-prazer, retardar ou mesmo suspender sua fabricação; e o operário, que sabe bem disso, é por esta razão menos exigente com eles.

Quanto às restantes, o mesmo ocorre nessas fábricas, à semelhança de todas as outras, e eu não poderia, sem cansar o leitor com repetições que ele talvez já ache muito numerosas nesta obra, entrar em maiores detalhes. No entanto, acho que devo salientar que cada uma delas emprega poucos operários.

Finalmente, se minhas informações estão corretas, há algum tempo estabeleceram-se oficinas de penteação da lã em vários cantões do sul da França – principalmente no Hérault, Gard, Lozère, Aveyron etc. Será uma competição cruel para a Champagne, Picardia e o norte de Paris, onde a mão de obra e a matéria-prima são muito mais caras.

## **Operários de lã da fábrica de Carcassonne**

*Época das observações: agosto de 1836.*

Esta fábrica, já antiga, uma vez que no início do século XV, senão mesmo antes, enviava seus tecidos para o Levante, produzia tecidos de lã geralmente não muito finos, e outros tecidos de lã de vários tipos.

O depoimento do Sr. Mandoul, no âmbito do inquérito de 1834, aponta como 7.000 o número total de operários empregados por ela<sup>7</sup>. Mas, em 1836, não foi possível saber quantos deles viviam em Carcassonne, nem mesmo na prefeitura desta cidade. No entanto, eles não parecem ser mais de 3.000 a 3.300<sup>8</sup>. Havia então apenas duas fiações de lã em Carcassonne, ocupando juntas cerca de 700

---

7. V. *Inquérito relativo* etc., t. III, p. 636.

8. De 18.900 indivíduos que vinham participar do recenseamento.

operários; outras duas, que eu não visitei, existiam a alguma distância dali. Todas as quatro tinham por motor geral o curso do Aude.

Os fabricantes não deixavam trabalhar em suas instalações. Com exceção da triagem das lãs, desembaraços etc., e dos últimos acabamentos, todas as operações são geralmente realizadas nas instalações dos trabalhadores de cada uma delas. Assim, as lãs são levadas sucessivamente até o lavador, o desengraxador e o fiandeiro; os fios são entregues aos tecelões, que os tecem em seu próprio domicílio; e as peças de tecidos de lã são enviadas para o tecelão, o tosquiador e depois para o pisoteador, três ou quatro léguas acima da montanha.

Esses fatos, eu poderia facilmente coletá-los. Mas, era ainda mais difícil para mim, ter conhecimento dos outros, devido ao mau estado da minha saúde. Enquanto estava em Carcassonne, não me permitia fazer todas as buscas e pesquisas que queria. Além disso, mais de uma lacuna será notada no que vem a seguir.

De modo geral, os alojamentos dos operários pareceram-me passáveis na cidade baixa e nos subúrbios, mas muito ruins na cidade velha, na cidade alta ou na parte urbana. Seria difícil imaginar, se não tivéssemos visto, a miséria que reina neste último bairro de Carcassonne, onde estão reunidos muitos tecelões e os outros operários mais pobres da fábrica. Lá vemos apenas ruas estreitas e sinuosas, casas mal construídas, sujas em seu interior, com térreos frequentemente obscuros, úmidos e mal construídos, casas pequenas demais para os habitantes e, por toda parte, quase mergulhadas na indigência.

A duração da jornada do trabalho efetivo é normalmente de doze horas nas fiações e nos diversos empreiteiros; mas, como em todas as fábricas, ela é mais longa para os tecelões que trabalham em casa. Eis os salários *médios* pagos em 1836 aos operários de uma das duas fiações da cidade; a que ocupa as construções da antiga manufatura real de tecidos de lã: <sup>(1)</sup>

		Por dia		Por ano, 300 dias de trabalho
		fr.	c.	fr.
6	homens empregados para bater a lã mecanicamente	1	25	375
66	preparadores e cardadores (dois terços do sexo feminino, e muitas crianças já fortes)	»	60	180
24	fiandeiros por atacado	2	25	675
144	fiandeiros e fiandeiras de acabamento (72 de cada sexo)	1	50	450
24	enroladoras	1	»	300
48	mendadores (crianças dos dois sexos) ligados aos fiandeiros por atacado	»	40	120
312*				

A partir desses dados, observa-se que, na média, se omitimos os mestres e as crianças, cada trabalhador recebia:

Os homens	1 f.	47 c.	1/3	442 f.**
As mulheres	1	13	1/7	339***
E sem distinção de sexo	1	29	1/6	388

Os salários dos tecelões são ainda menores. De fato, a largura dos tecidos que eles fabricam é tal, que quase sempre duas pessoas, um homem e uma mulher, ou uma criança já alta, se reúnem para dar conta do ofício<sup>9</sup>.

Portanto, esses dois operários, e a desembobinadeira, que apenas é empregada durante a metade do tempo usado por eles na tecelagem, ganham juntos todos os dias, de acordo com o que me disseram, de 2 francos a 2 francos e 90 centavos: é, por jornada de trabalhadores (supondo duas e meia), de 80 centavos a 1 fr. e 16

\* Mais, um certo número de *extrusoras* ou *bloqueadores*. Contramestres, — de 600 fr. até 3.000 fr. por ano.

\*\* 124 homens dividem por jornada de trabalho 182 fr. 70 centavos.

\*\*\* 140 mulheres dividem por jornada de trabalho 158 fr. 40 centavos.

9. Não eram todos que usavam a lançadeira volante ainda.

centavos. Por outro lado, os fabricantes me disseram que pagam de 20 a 25 francos para a confecção de uma peça de tecido de lã, que também emprega dois tecelões com uma desembobinadeira, e quase outra jornada para entregar a peça e montar uma nova na máquina. Portanto, por dia, para cada pessoa, de 73 a 91 centavos. Os tecelões que eu consultei sobre a taxa de seus salários, não parecem ter incluído no cálculo destes, o décimo primeiro dia usado para fazer a peça fabricada e montar a nova.

Parece muito difícil que um operário e sua família possam viver com rendimentos tão modestos. Afirmaram, no entanto, que poderiam se houvesse mais ordem e economia; a partir disso pode-se concluir que essas qualidades são raras entre os tecelões de Carcassonne, pois todos aqueles cuja casa eu vi eram muito miseráveis.

Do restante das minhas informações conclui-se que os tecelões do campo, que são todos agricultores ao mesmo tempo, têm, na maioria, uma posição bem melhor. Não apenas muitos deles possuem um terreno ou a casa onde moram, às vezes até os dois, mas até mesmo um cavalo para a exploração das terras que cultivam.

Parece que as outras fábricas de tecidos de lã do departamento de Aude, das quais as mais conhecidas são as de Limoux e Chalabre, não ocupam todas juntas menos braços do que a fábrica de Carcassonne; mas, a mesma causa que, no departamento de Hérault, impediu-me de visitar outras além daquelas de Lodève, não me permitiu vê-las.



# A CONDIÇÃO SANITÁRIA DA POPULAÇÃO PROLETÁRIA DA GRÃ-BRETANHA \*

EDWIN CHADWICK \*

## As raízes da ideia sanitária

*A deterioração das condições de saúde pública*

Em geral, as reformas sociais do século XIX foram respostas a males que não só eram urgentes, como também cresciam. Isso se aplicava tanto à reforma da saúde pública como às fábricas, prisões, ao direito dos mais pobres, à emigração, ao governo local e à reforma parlamentar. A saúde pública no início do século XIX era, em grande parte, uma questão de saúde pública das habitações da classe trabalhadora. Nos últimos anos, tem havido muitas diferenças de opinião entre os historiadores sobre as questões da evolução da situação da classe trabalhadora no final do século XVIII e na primeira metade do século XIX. Não há dúvida, porém, de que houve aumentos substanciais tanto no rendimento real agregado como nos rendimentos reais médios durante a primeira metade do século XIX.<sup>1</sup> Os rendimentos médios, no entanto, não dizem nada sobre a distribuição da renda, e poucos dos participantes neste importante debate foram capazes de lançar muita luz sobre as tendências da renda real de, digamos, os cinquenta por cento mais pobres, ou os vinte por

---

\* Extraído de CHADWICK, E. *The sanitary condition of the laboring population of Gt. Britain*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1842, p.3-43. Tradução da Global Translation.

\*\* (1800-1890) Foi um reformador social inglês dedicado aos temas da pobreza e do saneamento. 1. Phyllis Deane & W. A. Cole, *British Economic Growth 1688-1959* (Cambridge 1962) pp. 19-28, 148-53.



cento mais pobres das escalas de renda. Pollard argumentou que as mudanças econômicas conhecidas do período inevitavelmente exigiam alguma desigualdade progressiva na distribuição de renda<sup>2</sup>; mas mesmo que este argumento seja admitido, não se sabe o suficiente sobre as alterações na distribuição de renda para determinar com alguma certeza se o crescimento da renda real média durante o início do século XIX compensou uma distribuição cada vez mais desigual suficientemente para aumentar a renda real dos grupos de renda mais baixa, ou o contrário.

Continua a ser provável, no entanto, que todos, exceto uma pequena e menos afortunada parcela da população trabalhadora – os tecelões artesanais tradicionais, outros trabalhadores das indústrias domésticas em declínio e, possivelmente, os trabalhadores agrícolas – tenham se beneficiado da crescente riqueza da economia ao ponto de um aumento persistente, ainda que lento, do poder de compra de seus rendimentos. Mas há mais no padrão de vida do que o que o dinheiro pode comprar. As condições de vida que eram cada vez mais prejudiciais para a saúde não eram de modo algum incompatíveis com o aumento da renda real, nem mesmo incompatíveis com uma habitação “melhor”, no sentido de casas maiores e mais solidamente construídas. O que importava do ponto de vista da saúde eram as densidades habitacionais – o número de casas por acre, e o número de pessoas por casa – e o fornecimento dos serviços públicos básicos – água, saneamento, pavimentação e limpeza de ruas. É importante reconhecer que os historiadores ainda não podem determinar – e podem nunca ser capazes de determinar com precisão – que proporção da população, em qualquer ponto dos séculos XVIII ou XIX, vivia em condições de habitação que favoreciam uma boa ou má saúde. Mas o pressuposto de que existe uma correlação automática entre os níveis de renda e as condições de saúde pública pode, pelo menos, ser evitado. Segundo Chadwick, “a alta prosperidade em termos de emprego e salários e a abundância de

---

2. S. Pollard, 'Investment, consumption and the Industrial Revolution', *Econ. H. R.* 2nd ser. XI (1958) 215-26.

alimentos”, “não permitiram às classes trabalhadoras escapar aos ataques de doenças epidêmicas”.<sup>3</sup> “O comércio”, segundo Southey, “não devolve nada dos seus mortos e feridos”.<sup>4</sup>

A maior parte dos problemas sociais mais intransigentes desse período surgiu da concentração cada vez maior da população nas cidades. Algumas cidades expandiram-se durante o início do século XIX a taxas que fariam os comitês de habitação do século X suar frio. A população de Glasgow cresceu 37% entre 1831 e 1841; a de Manchester e Salford, em conjunto entre 1821 e 1831, 47%; a de Bradford, no mesmo período, 78%; enquanto a de West Bromwich aumentou 60% entre 1821 e 1831, e mais 70% na década seguinte, e a de Dukinfield quase triplicou entre 1821 e 1831.<sup>5</sup> As estatísticas disponíveis deixam alguma margem para dúvidas sobre se esta rápida urbanização envolveu, para o país como um todo, mais ou menos sobrelotação. O número de pessoas por casa habitada diminuiu, de acordo com os Comissários do Censo, entre 1831 e 1841; mas a queda não foi muito grande, e em 1831 o número tinha permanecido praticamente inalterado em todos os censos anteriores. Os números eram os seguintes:

Censo	Número de pessoas por casa habitada
1801	5-6
1811	5-6
1821	5-7
1831	5-6
1841	5-4

Chadwick contestou a conclusão da queda da densidade entre 1831 e 1841, alegando que uma definição diferente de “casa” tinha sido adotada no censo posterior, tornando qualquer comparação

---

3. *San. Rep.* p. 422.

4. Robert Southey, *Letters from England* (ed. J. Simmons 1951) p. 197.

5. *Censo populacional*, 1841, *P.P.* 1843, XVIII, 10.

inválida.<sup>6</sup> O que mais interessava a Chadwick do que qualquer média nacional deste tipo eram os extensos distanciamentos locais das médias nacionais. O aumento da renda *per capita* durante as primeiras quatro décadas do século deve certamente ter produzido algumas melhorias nas densidades habitacionais, o que provavelmente deve ter aumentado o espaço de casas para aqueles na metade superior da escala de renda. Muitas dessas eram famílias da classe trabalhadora alta, que usavam o aumento da renda para reduzir o número de pessoas por casa – um processo ainda em curso na classe trabalhadora alta em meados do século XX. Neste caso, a constância da densidade nacional ao longo de todo o período deve, como resultado, ter envolvido uma maior concentração dos grupos de baixa renda. O próprio Censo de 1841 confirma isso. Liverpool, por exemplo, com participação maior do que o esperado nas faixas de renda mais baixas, experimentou um aumento no número de pessoas por casa de 6,4 em 1831 a 6,9 em 1841. Com base nos dados do censo, afirma-se que, embora a população de Glasgow tenha aumentado 36,8% entre 1831 e 1841, o número de casas habitadas aumentou apenas 18,5% durante o mesmo período. “Só na paróquia de Blackfriars (Glasgow)”, continuou o mesmo comentador, “onde houve pouca ou nenhuma construção durante os dez anos anteriores, a população aumentou absolutamente mais de quarenta por cento”.<sup>7</sup> Robert Cowan, Professor de Medicina na Universidade de Glasgow, também falou do “rápido aumento do número da população trabalhadora sem uma quantidade correspondente de alojamento sendo fornecida”.<sup>8</sup>

A deterioração mais grave a este respeito verificou-se em uma escala extremamente local. A convicção de Chadwick de que a su-

---

6. *San. Rep.*, pp. 188-9. Ver também Sir John Clapham, *An Economic History of Modern Britain* (Cambridge 1926) I, 546. Uma outra dificuldade com estes números é uma dificuldade inerente a todas as estatísticas que selecionam anos isolados – a de relacionar os anos selecionados com as tendências de curto prazo, neste caso o ciclo de construção. A queda de dois ou três anos em cada lado do censo poderia ter mostrado resultados diferentes.

7. Strang, the Census Superintendent in Glasgow in 1841, citado por Sir Archibald Alison, ‘Social and moral condition of the manufacturing districts in Scotland’, *Blackwood’s Edinburgh Magazine*, I (1841) 669.

8. R. Cowan, *J.R.S.S.*, 111 (1840) 269.

perlotação tinha vindo a aumentar era fruto de investigações intermináveis de determinadas ruas, edifícios e cortiços. Uma dessas ruas foi objeto de uma investigação da Sociedade de Estatística de Londres em 1847. Tratava-se da Church Lane, no famoso distrito de St. Giles, em Londres. Os investigadores da Sociedade descobriram que, enquanto em 1841 as vinte e sete casas (com uma média de cinco quartos) nesta rua abrigavam 655 pessoas, em 1847 seus habitantes tinham aumentado para nada menos que 1.095 pessoas. Este aumento na densidade de cerca de vinte e quatro pessoas por casa para pouco mais de quarenta, em seis anos, foi atribuído a “melhoramentos” no bairro, que, ao derrubar antigas propriedades para alargar as ruas, tinha amontoado a população existente no menor número de casas restantes; e à fome irlandesa de 1845-6, que conduziu a um afluxo considerável de novos imigrantes para este distrito preponderantemente “irlandês” de Londres.<sup>9</sup>

Estudos de construção de habitações no final do século XIX, quando estão disponíveis estatísticas mais detalhadas, deixam claro que, pelo menos no curto prazo, não existia uma correlação automática entre as tendências de procura e oferta.<sup>10</sup> A oferta flutuou muito mais amplamente do que a procura, embora no longo prazo, como indicam os dados do Censo, tenha havido uma equação aproximada entre os dois fatores. Middlesex, por exemplo, aparentemente sofreu uma queda acentuada de novas construções em relação ao crescimento populacional na década de 1830,<sup>11</sup> e embora o equilíbrio possa ter sido restaurado na década seguinte, a pressão sobre a habitação foi possivelmente mais aguda apenas no momento em que Chadwick e seus pobres colegas da lei concentraram sua atenção sobre ela.

Um sintoma do aumento da densidade habitacional (em termos de casas por acre, em vez de pessoas por casa) no início do século XIX, que conduziu a problemas de saúde, foi a propagação da habi-

---

9. 'Report on the state of the inhabitants and their dwellings in Church Lane, St Giles,' *J.R.S.S.*, XI (1848) 2-3.

10. S. B. Saul, 'House building in England, 1890-1914', *Econ. H. R.* 2<sup>nd</sup> ser. XV (1962) 131-2

11. A. K. Cairncross & B. Weber, 'Fluctuations in building in Great Britain, 1785-1849,' *Econ. H. R.* 2<sup>nd</sup> ser. IX (1956) 293-5.

tação geminada, uma inovação do final do século XVIII, como uma prática regular e não uma exceção. Na terceira e quarta décadas do século XIX, as casas geminadas eram muito comuns em muitas cidades. Em 1840, entre 7.000 e 8.000 das 11.000 casas de Nottingham foram reportadas como sendo geminadas.<sup>12</sup> Já em 1797, estimava-se que 9.000 dos 63.000 habitantes de Liverpool viviam em casas geminadas.<sup>13</sup> Houve uma extensão semelhante de habitações em armazéns, ainda mais prejudicial para a saúde humana.<sup>14</sup>

Este tipo de pressão populacional sobre as habitações deve certamente ter se refletido nas tendências dos aluguéis, e uma das lacunas mais frustrantes no estudo da história econômica e social do século XIX é a ausência de qualquer estudo estatístico sobre os aluguéis. Sem dúvida, o problema de definir com alguma precisão durante um longo período de tempo a extensão de uma casa, apartamento, quarto ou alojamento, tornaria esse estudo difícil, se não impossível. Nestas circunstâncias, a única observação que pode ser feita com qualquer grau de certeza é que, metro quadrado por metro quadrado, os aluguéis urbanos das habitações dos trabalhadores eram consideravelmente superiores aos seus equivalentes rurais – mais que o dobro, segundo uma comparação entre os aluguéis médios em Bedfordshire e no distrito de Manchester.<sup>15</sup> Assim sendo, o aumento substancial da proporção urbana da população na primeira metade do século XIX deve ter implicado um aumento proporcional das despesas com aluguéis das habitações da classe trabalhadora. Em um estudo cuidadoso das habitações em Leeds, Rimmer estimou que, enquanto no início dos anos 1790 o trabalhador gastava 5% do seu rendimento em aluguel, nos anos 1830 os

---

12. *JRSS*, II (1839) 457.

13. James Currie, *Medical Reports* (Liverpool 1797) p. 202.

14. De 175.000 pessoas em Liverpool em 1841, 38.000 viviam em armazéns (*Report of the Condition of the Hand-loom Weavers*, P.P. 1841, X, 74). Uma outra estimativa do mesmo período dava conta de apenas 24.072 (*Report of the Select Committee on Building Regulations and Improvement of Boroughs*, P.P. 1842, X, App. I, p. 133); e outro de “mais de 39.000” (*Report of the Select Committee on the Health of Towns*, P.P. 1840, XI, p. viii). As estimativas da população nos armazéns de Manchester nesse período variam muito. Um relatório apresentava um número de 3.571 em 1840 (*J.R.S.S.*, III (1840) 7), enquanto outro estimava “quase 15.000, sendo 12% da população trabalhadora” (*Report of the Select Committee on the Health of Towns*, p. viii).

15. *San. Rep.* p. 222.

assalariados gastavam entre 10% e 20% dessa forma.<sup>16</sup> Há provavelmente apenas evidências suficientes para afirmar que o aumento da porcentagem da renda nacional a ser paga indicou uma pressão crescente da população urbana sobre a oferta de moradia.<sup>17</sup>

A verdadeira medida da qualidade da vida industrial urbana envolve, naturalmente, o mais amplo espectro social possível. Nossa compreensão do início do século XIX tem sido persistentemente encoberta por um escrutínio parcial. Alguns historiadores consideravam tendências na renda real, porque estes são os únicos critérios mensuráveis, como se fossem os únicos válidos. Mas, em termos da vida em si, não importava muito como o salário de um trabalhador variava entre, digamos, 12s e 25s por semana, se uma habitação com abastecimento de água, esgoto e saneamento, em uma rua pavimentada e encanada – isto é, capaz, de salvaguardar a vida humana em seu curso normal<sup>18</sup> – não pudesse ter um rendimento inferior a, digamos, 30s por semana. Outros historiadores estudaram a habitação em termos de tijolos e argamassa por acre, ou pessoas por casa, como se alguns metros cúbicos a mais ou a menos fizessem toda a diferença. A qualidade e a duração da vida são variáveis sociais que sempre dependeram de uma variedade quase infinita de fatores econômicos e sociais, sendo os mais importantes nos tempos modernos os níveis de renda real, o grau de adulteração de alimentos<sup>19</sup>, a quantidade e qualidade das moradias, saneamento, pavimentação, esgoto, abastecimento de água, espaços abertos, condições de trabalho e a prestação pública dos serviços sociais básicos, dos quais a educação ocupa o primeiro lugar na lista. Apenas alguns desses fatores são capazes de medição estatística, e enquanto o uso cuidadoso

---

16. W. G. Rimmer, 'Working men's cottages in Leeds, 1770-1840', *Publications of the Thoresby Society*, XLVI, Pt. 2 (1961) 192-4.

17. Estimava-se que os aluguéis e habitações recebiam 5,3% da Renda Bruta Nacional em 1801 e 8,2% em 1841. (B. R. Mitchell & P. Deane, *Abstract of British Historical Statistics* (Cambridge 1962) p. 366.)

18. 'Normal', isto é, de acordo com os padrões de áreas saudáveis da época.

19. Um fator ainda seriamente subestimado no estudo da história social do século XIX. Ver John Burnett, tese de doutoramento não publicada da Universidade de Londres, "The history of food adulteration in Great Britain in the nineteenth century, with special reference to bread, tea and beer", resumida no *Bulletin of the Institute of Historical Research*, XXXII (1959) 104-7.

e imparcial do material estatístico relevante para esse problema histórico continua a dar uma contribuição valiosa para a compreensão da história social desse período, continua sendo verdade que o que é mensurável é apenas uma parte do todo.

Havia uma correlação, pelo menos no início do século XIX, entre superlotação e doença; mas embora muitos escritores médicos da primeira metade do século XIX estivessem firmemente convencidos de um aumento da incidência de doenças epidêmicas, as estatísticas de qualquer tipo relacionadas com este problema são extremamente exíguas. Havia, de fato, alguns aspectos em que um caso claro poderia ser apresentado para uma redução na incidência da doença neste período. Não havia mais peste bubônica na Grã-Bretanha: a visita de 1665 foi felizmente a última. A descoberta da vacina por Jenner forneceu os meios de combater a varíola. Mas, no que diz respeito a outras doenças, há mais evidências nos anos 30 e 40 de aumento do que de diminuição, e até mesmo a simples generalização de que a disseminação da vacinação após 1800 reduziu de forma constante e inexorável a mortalidade resultante da varíola requer alguma modificação. Inicialmente, a vacinação fez o seu trabalho com uma rapidez surpreendente. Em Glasgow, onde entre 1793 e 1802 a varíola tinha sido responsável por 32% de todas as mortes, ela ceifou apenas 9% na década seguinte.<sup>20</sup> Mas o entusiasmo inicial pela vacinação logo diminuiu, e Cowan detectou na década de 1830 um ressurgimento, embora em uma escala muito menor que anteriormente, da varíola, que ele atribui a uma crescente negligência na vacinação.<sup>21</sup>

Um possível ligeiro aumento da incidência da varíola foi, no entanto, menos grave do que alguns outros desenvolvimentos. Surgiu uma doença nova e alarmante, a cólera. A cólera atingiu a Grã-Bretanha pela primeira vez em 1831-32, e voltou em 1848-49, 1854 e 1867. Embora as epidemias de cólera nunca tenham atingido a escala daquelas de peste bubônica que deixaram uma marca tão indelével nas páginas da história, elas derrubaram muitas centenas de milhares de vítimas,

---

20. Robert Cowan, *Statistics of Fever and Smallpox in Glasgow* (Glasgow 1837) p. 31.

21. *Ibid.* Em Dundee, por exemplo, nos três anos 1837-39, houve 280 mortes por varíola de uma população de cerca de 59.000 habitantes. (*San. Rep.* p. 275.)

matando dezenas de milhares. A cólera atacou rápida e bruscamente, aumentando drasticamente as taxas de mortalidade local, ainda que efêmera. A cólera assustava as pessoas. Agitou até mesmo as corporações municipais moribundas, degradadas, não reformadas, em ataques de atividade sanitária incomuns. Foi o aviso mais claro das tendências letais das cidades superpopulosas da nova era industrial.

Mas a cólera passou tão rápido quanto chegou: a sua prevenção era relativamente simples assim que a sua causa devido aos maus abastecimentos de água foi reconhecida.<sup>22</sup> A epidemia foi breve, as memórias curtas e as verbas municipais apertadas. A saúde pública era problemática e dispendiosa, e não havia uma tradição estabelecida de ação preventiva regular. A cólera não era, no longo prazo, estatisticamente muito significativa. Mas se a cólera pudesse ser ignorada, pelo menos na maior parte do tempo, o tifo e a tuberculose não poderiam. A história das cidades britânicas na primeira metade do século XIX é, em grande medida, a história do tifo e da tuberculose. O Relatório Sanitário trata principalmente da prevenção do tifo. O tifo, vulgarmente designado por “febre” neste período, era simultaneamente epidêmico e endêmico: fazia parte constante da vida nos bairros, casas e vielas; no entanto, também neste período, a doença se caracterizava por graves surtos epidêmicos.

Embora a febre não fosse desconhecida no século XVIII e antes, era suficientemente incomum para pelo menos um historiador de saúde pública descrever a epidemia de 1818, equivocadamente, como “a primeira epidemia registrada” neste país.<sup>23</sup> Há poucas dúvidas de que a epidemia de 1818 teve uma escala mais devastadora do que a maioria das epidemias anteriores neste país: Creighton registra uma ausência geral de epidemias de febre grave durante todo o período de 1770 a 1815.<sup>24</sup>

Epidemias à parte, o tifo foi certamente ativo em escala endêmica nas primeiras décadas do século XIX, e também no século XVIII. O

---

22. Uma descoberta feita por Snow apenas durante a segunda epidemia em 1848. Ver John Snow, *On the Mode of Communication of Cholera* (1849).

23. A. K. Chalmers, *The Health of Glasgow 1818-1925* (Glasgow 1930) p. 3.

24. Charles Creighton, *A History of Epidemics in Britain* (Cambridge 1894) I, 133-67. A única exceção foi uma ‘escassez-epidêmica’ dos anos de guerra de 1799-1802.



Dr. Currie registrou uma média de mais de 3.000 casos anuais em Liverpool no período de 1787-1796.<sup>25</sup> Depois de 1818, no entanto, embora o tifo tenha mantido o seu carácter endêmico e cobrado o seu preço anual, a doença atraiu a atenção principalmente devido à sua natureza epidêmica. Escritores médicos se interessaram por seus métodos de propagação. Houve surtos em 1826-27, 1831-32, 1837 e 1846.<sup>26</sup> A correlação destas epidemias com períodos de mau comércio foi notada pelos médicos. Southwood Smith observou já em 1830 que “tudo o que diminui a ação vigorosa dos órgãos, prejudica as suas funções e, portanto, enfraquece a força geral do sistema, é capaz de se tornar uma causa predisponente de febre”.<sup>27</sup> Richard Millar, o professor de medicina de Glasgow, chamando a atenção para a ligação entre pobreza e susceptibilidade à doença, observou que o tifo “ataca tão frequentemente a parte mais indigente dos nossos operários durante essas suspensões periódicas da indústria que nos últimos anos causou muita aflição entre essa parte da nossa população”.<sup>28</sup> Robert Cowan descreveu o tifo como “um índice infalível de miséria”,<sup>29</sup> e Richard Howard afirmou que “é uma questão de notoriedade que a febre normalmente prevaleça extensivamente durante os períodos de angústia e escassez”.<sup>30</sup>

O ciclo comercial pode explicar em parte as flutuações de curto prazo na incidência do tifo neste período, mas o seu crescimento no longo prazo no segundo trimestre do século XIX esteve mais estreitamente relacionado com as tendências das condições de vida. Na década de 1830, a incidência da doença, que todo escritor médico a partir da década de 1780 insistia (com razão), era o produto direto de favelas superlotadas e da miséria insalubre, estava crescendo de

---

25. James Currie, *Medical Reports* (Liverpool 1797) p. 204.

26. Charles Creighton, *A History of Epidemics in Britain* (Cambridge 1894) II, 181-98.

27. Southwood Smith, *A Treatise on Fever* (1830) p. 369.

28. Richard Millar, *Clinical Lectures on the Contagious Typhus epidemic in Glasgow and the Vicinity during the Years 1831 and 1832* (Glasgow 1833) P. 11.

29. Robert Cowan, 'Vital Statistics of Glasgow, illustrating the sanitary condition of the population', *J.R.S.S.*, III (1840) 289.

30. Richard B. Howard, *An Inquiry into the Morbid Effects of Deficiency of Food* (1839) p. 38. A correlação foi igualmente notada no contexto europeu mais amplo por August Hirsch (trans. C. Creighton), *Handbook of Geographical and Historical Pathology*, vol. I (1883) 578-81.

forma constante. A doença continuava endêmica, mas as epidemias se tornaram mais frequentes e intensas. “De 1816, de fato, até o início dos anos setenta do século passado”, escreveu Chalmers, “as casas e vielas da cidade eram devastadas por epidemias recorrentes de doenças infecciosas de vários tipos e de magnitude considerável. Elas também não se apresentavam sozinhas; eram apenas os pontos mais altos de um fértil terreno para doenças, capaz de manter uma taxa de mortalidade anual, oscilando frequentemente entre 30 e 40 por 1.000, e de aumentar, em anos ocasionais, sob a influência de prevalências epidêmicas, para 46, como em 1832, durante a primeira epidemia de cólera; e 56, como em 1846, quando a febre tifoide sozinha causou uma taxa de mortalidade próxima de 14 por 1.000, ou apenas um pouco inferior à taxa de mortalidade média de todas as causas de morte da época”.<sup>31</sup> Em Glasgow, possivelmente a mais imunda e insalubre de todas as cidades britânicas deste período<sup>32</sup>, o tifo tornou-se cada vez mais ameaçador. Enquanto nos primeiros quinze anos do século XIX, menos de 10% dos pacientes admitidos na *Royal Infirmary* sofriam de tifo, nos quinze anos seguintes os pacientes com tifo representavam entre 31% e 36% das internações totais, e na primeira metade da década de 1830, exatamente metade das internações.<sup>33</sup>

Há uma grande variedade de atitudes sociais e respostas a diferentes tipos de doenças: muito depende da classe social que elas afligem, se são comumente epidêmicas ou endêmicas, e da natureza das próprias doenças. A cólera foi rápida, dramática, altamente letal enquanto durou, e extremamente contagiosa: atingiu as mentes das classes média e alta que governavam as cidades e o país, e consequentemente levou, como nenhuma outra doença fez na primeira metade do século XIX, à ação administrativa imediata e vigorosa. A cólera constituía uma ameaça mais direta para as classes mais ricas porque era uma doença transmitida pela água, e essas classes

---

31. A. K. Chalmers, *The Health of Glasgow 1818-1925* (Glasgow 1930) pp. 2-3.

32. “Poderia admitir a existência de um desacordo, mas, de um modo geral, pareceu-nos que tanto as disposições estruturais como a situação da população de Glasgow eram as piores de todas as que tínhamos visto em qualquer parte da Grã-Bretanha.” (*San. Rep.* p. 99.)

33. Robert Cowan, *Statistics of Fever and Small-pox in Glasgow* (Glasgow 1837) p.9.

tinham um acesso mais liberal ao abastecimento de água do que as classes inferiores. Tifo, por outro lado, “poderia ser chamada adequadamente de *doença do homem pobre*”<sup>34</sup>: era o produto da miséria, da falta de saneamento e da superlotação, um requinte da habitação da classe trabalhadora. Era menos frequentemente uma característica da sociedade de classe média e alta. Mas porque a doença era frequentemente letal; porque, mesmo quando não era fatal, era sempre grave; e, mais importante, porque adquiriu um caráter fortemente epidêmico no início do século XIX, dominou a vida e o trabalho dos médicos que trabalhavam nos bairros da classe trabalhadora. Embora a cólera tenha momentaneamente dinamizado corporações de outra forma moribundas em atividades frenéticas temporárias, o tifo estimulou a preocupação, a investigação e a indignação da profissão médica. Todas as três reações foram para ajudar no lento processo de derrotar a doença.

Como doenças fatais, entretanto, tanto a cólera quanto o tifo eram ínfimas em relação à tuberculose; e a tuberculose dificilmente agitava a imaginação de qualquer grupo social nesse período. Era uma parte tão grande da vida, tão inevitável, tão pouco compreendida, que era silenciosamente aceita. A tuberculose assume muitas formas, e havia pouca precisão diagnóstica nesse período. O que podia muito bem ser tuberculose era muito frequentemente diagnosticado como outra doença; as avaliações médicas da extensão da tuberculose quase certamente subestimaram a incidência e a fatalidade da doença, em vez do contrário. Apesar dessa tendência, a tuberculose ainda era estimada pelos contemporâneos como a doença mais letal do século XIX, e provavelmente de vários séculos antes. No início do século XIX, pode ter sido responsável por um terço de todas as mortes. Um médico londrino, Robert Willan, descobriu que, dos 246 pacientes que morreram nos dois anos de 1795 e 1796, 77 (31,4%) morreram de tuberculose pulmonar. Isto correspondia de maneira muito próxima à proporção de toda Londres em 1796, como indicado pelas Declarações de Mortalidade (5.264 mortes por doença pulmonar de um total de 17.648).

---

34. Millar, *Clinical Lectures*, p. 11

Em 1839, de acordo com a primeira análise do Secretário Geral, somente a tuberculose respondia por 17,6% de todas as mortes.

A tuberculose prospera em corpos carentes: seus aliados são a subnutrição, a debilitação, as acomodações domésticas e comerciais não ventiladas e a miséria. Até o final do século XIX, era quase exclusivamente uma doença urbana. Logicamente, portanto, o aumento significativo durante a primeira metade do século XIX na parcela da população da Grã-Bretanha que vivia e trabalhava nos ambientes urbanos favoráveis à propagação da tuberculose deve ter levado a um aumento da sua incidência e morbidade. Pelo menos um historiador da doença considera que o destino dos Brontës, Shelley, Keats, Chopin, Paganini, bem como de Mimi de La Bohème, é um reflexo justo da saúde da sociedade neste momento.<sup>35</sup>

É pouco provável que esta convicção aparentemente razoável venha alguma vez a ser corroborada por estatísticas satisfatórias. Com base nas informações contidas nas Declarações de Mortalidade de Londres, Brownlee mostrou que a proporção de todas as mortes devidas à tuberculose em Londres aumentou ao longo do século XVIII, atingindo um pico no meio século entre 1780 e 1830, e caindo de forma constante a partir daí.<sup>36</sup> Os resultados do Secretário Geral a partir de 1837, no entanto, mostram muito pouco declínio nas mortes por tuberculose nos primeiros anos de registro, e alguns investigadores recentes acreditam que o ponto de virada efetivo na mortalidade devida à tuberculose veio em 1847.<sup>37</sup>

Seja qual for o momento preciso, houve claramente um aumento e uma queda de uma longa epidemia de tuberculose na Grã-Bretanha. “As doenças epidêmicas, como os impérios, aumentam, diminuem e ruem.”<sup>38</sup> A evolução lenta desta doença, que por vezes aflige as suas vítimas durante décadas, significa que o ciclo epidêmico deve ser muito mais longo do que o da maioria das outras doenças.

---

35. R. & J. Dubos, *The White Plague* (1953).

36. J. Brownlee, *An Investigation into the Epidemiology of Phthisis in Great Britain and Ireland*, Medical Research Council, Special Reports Series, No. 18 (1918) Tabela XXV.

37. T. McKeown & R. G. Record, ‘Reasons for the decline of mortality in England and Wales during the nineteenth century’, *Population Studies*, XVI (1963) 113.

38. Dubos, *The White Plague*, p. 18.

Assim, os historiadores da tuberculose preferem considerar o declínio da tuberculose na segunda metade do século XIX como “o refluxo de uma longa onda epidêmica”, e não como o resultado necessário e inevitável de medidas de saúde pública ou de melhorias dietéticas.<sup>39</sup> Permanece claro que, seja em alta, constante ou em queda, a incidência de tuberculose era extremamente alta na década de 1830 e que a tuberculose era esmagadoramente a mais importante causa individual de morte.

Assim, embora não tenha havido surtos de peste bubônica desde o século XVII, e embora tenha se falado da alta mortalidade de 1741-42 que “a era do massacre por epidemias já tinha acabado”<sup>40</sup>, há motivos para acreditar que a crescente superlotação e falta de saneamento urbano produziam, nas primeiras décadas do século XIX, uma nova onda da doença. Até que ponto isso se refletiu na tendência das taxas de mortalidade?

Nos últimos doze anos, os historiadores demográficos debatem as causas do aumento inconfundível da taxa de crescimento da população no século XVIII. Apesar de, recentemente, tenderem a mostrar mais interesse pelas mudanças na taxa de natalidade como a variável mais importante nessa aceleração,<sup>41</sup> alguns contemporâneos informados mostraram-se convencidos de que a tendência demográfica mais significativa do século XVIII foi uma queda acentuada na taxa de mortalidade. Usando evidências estatísticas de uma enorme amostra de rendas, unidades e pensões de serviço, John Finlaison, o talentoso e consciente atuário do Serviço Nacional de Dívida do Tesouro, mostrou aumentos entre 20% e 35% (variando com as faixas etárias) na expectativa de vida entre o início do século XVIII e o início do século XIX.<sup>42</sup> Joshua Milne, atuário da

---

39. Introduction by the Medical Research Council to Brownlee, *An Investigation into the Epidemiology of Phthisis*.

40. J. D. Chambers, ‘Population change in a provincial town: Nottingham, 1700-1800’, in L. S. Pressnell (ed.), *Studies in the Industrial Revolution* (1960) p. 110.

41. H. J. Habakkuk, ‘English population in the eighteenth century’, *Econ. H. R.* 2nd ser. VI (1953) 117-33; J. T. Krause, ‘Changes in English fertility and mortality, 1781-1850’, *Econ. H. R.* 2nd ser. XI (1958) 52-70.

42. *First Report of the Select Committee on the Laws respecting Friendly Societies*, P.P. 1825, IV, App. B.1, pp. 125-6.

*Sun Life Assurance Society*, calculou que a taxa de mortalidade em Northampton, que entre 1710 e 1780 tinha sido estimada em média 35,7 por 1.000, caiu para 20,4 na primeira década do século XIX, e para 19,6 na segunda.<sup>43</sup> Uma redução da taxa de mortalidade não excluía, evidentemente, um aumento subsequente da taxa de natalidade: com efeito, existem formas óbvias de interligar automaticamente estas duas tendências.

No presente contexto, o fato importante é que as taxas de mortalidade nacionais estavam caindo pelo menos até o início do século XIX. No entanto, no final do século XVIII, esta tendência decrescente da taxa de mortalidade começava a ser afetada por duas outras tendências demográficas: em primeiro lugar, uma proporção crescente da população que vivia em cidades, provavelmente, nesta fase inicial da urbanização, a um ritmo acelerado; e, em segundo lugar, taxas de mortalidade urbana constante e substancialmente superiores às taxas de mortalidade rural. A primeira tendência é suficientemente óbvia para não exigir qualquer ilustração para além daquilo que os primeiros recenseamentos revelaram inequivocamente. A segunda afirmação, no entanto, exige um exame minucioso dos números disponíveis.

Considerando que, de acordo com cálculos feitos para o *Friendly Societies Committee* na década de 1820, a taxa de mortalidade nacional na década de 1811-1820 era de 19,3 por 1.000, em Leeds era de 20,9, em Carlisle 23,7, em Birmingham 25,1, e em Liverpool, 26,0.<sup>44</sup> William Farr notou em 1840 que as doenças incidentais à infância eram duas vezes mais fatais nos distritos da cidade do que no país. Ele estimou a mortalidade nos distritos rurais no período 1831-39 como tendo sido de 18,2 por 1.000, em comparação com uma taxa de 26,2 por 1.000 para os distritos da cidade.<sup>45</sup> Mesmo dentro das cidades, havia variações substanciais nas taxas de mortalidade. Esti-

---

43. *Second Report of the Select Committee on the Laws respecting Friendly Societies*, P.P. 1826-7, III, 65. O valor de 35,7 para 1710-80 pode, no entanto, ser impreciso. Foi retirado dos cálculos atuariais pouco confiáveis do Dr. Richard Price.

44. *Second Report of the Select Committee on the Laws respecting Friendly Societies*, P.P. 1826-7, III, 74.

45. *Third Annual Report of the Registrar-General (1839-40)* pp. 98-9.

mava-se que, em 1840, enquanto a taxa de mortalidade no subúrbio de Broughton, Manchester, era de 15,8 por 1.000, mais perto do centro da cidade em Ardwick, a taxa era de 28,6, e no “interior de Manchester” a taxa subia para 35,2, mais do dobro da dos bairros de classe média.<sup>46</sup> Da mesma forma, em Edimburgo, no início de 1860, enquanto a taxa de mortalidade no distrito exclusivamente da classe trabalhadora do Grassmarket era de 32,5 por 1.000, no subúrbio de classe média de Grange a taxa era de 13,8.<sup>47</sup>

Apesar, em outras palavras, da tendência geral de declínio da taxa de mortalidade nacional, uma parcela cada vez maior da população estava sendo submetida ao ambiente demográfico menos favorável das cidades. Isto, por si só, pode não ter sido suficiente para compensar a tendência geral decrescente da taxa de mortalidade; mas há evidência de que, no início do século XIX, as já relativamente altas taxas de mortalidade nas cidades começaram a subir a um nível suficiente para travar o declínio da taxa de mortalidade nacional, e mesmo, durante pouco tempo, para a inverter. Alguns números de Glasgow ilustram esta tendência. Ignorando os anos excepcionalmente elevados de 1832 (a epidemia de cólera, quando se registrou uma taxa de mortalidade de 49,1 por 1.000) e 1836 (quando o tifo conduziu a taxa de mortalidade a até 37,5), a taxa de mortalidade em Glasgow subiu de uma média de 28,6 ao longo de toda a década de 1820, para 30,6 na década de 1830. Se os dois anos epidêmicos forem incluídos – e foi o próprio aumento da frequência e da intensidade das epidemias que esteve na origem do aumento da mortalidade nesse período – a taxa subiu para 34,2 na década de 1830.<sup>48</sup> Essa tendência retrógrada evidentemente continuou pelo menos até o final da década de 1840, após a qual a atividade de saúde pública aprimorada e mais difundida começou a remover as fontes mais óbvias de doença.

---

46. *Report of a Committee of the Manchester Statistical Society on Bills of Mortality* (Manchester (?) 1842) p. 16.

47. H. D. Littlejohn, *Report on the Sanitary Condition of the City of Edinburgh* (Edinburgh 1865) pp. 15, 18.

48. Robert Cowan, *Statistics of Fever and Small-Pox in Glasgow* (Glasgow, 1837) p. 7. Estas são, naturalmente, taxas de mortalidade brutas e podem refletir, até certo ponto, uma alteração na composição etária da população.

O ressurgimento das taxas nacionais de mortalidade na primeira metade do século XIX não pode, evidentemente, ser fundamentada inequivocamente por evidências estatísticas sólidas. Os primeiros recenseamentos da população eram simplesmente enumerações que não permitem o cálculo das tendências das taxas de natalidade e mortalidade. O registro de nascimentos e óbitos começou apenas em 1837, e conseqüentemente não há estatísticas oficiais relevantes antes dessa data. No entanto, foram os Comissários do Censo em 1831 que primeiro<sup>49</sup> chamaram a atenção para o aumento das taxas de mortalidade nacional: eles estimaram que, embora a taxa para 1816-20 tivesse sido de 17,6 por 1.000, dez anos depois ela havia subido para 18,5.<sup>50</sup> Provavelmente nenhuma pessoa sabia mais sobre tendências demográficas neste período do que William Farr, compilador de resumos para o Secretário Geral. Ele se unia a Finlaison na crença de que houve uma redução acentuada na taxa de mortalidade durante o século XVIII. Mas “desde 1816”, escreveu ele em 1849, “os retornos indicam um movimento retrógrado. Aparentemente, a mortalidade aumentou”.<sup>51</sup>

Não é possível, pelo menos a partir do material estatístico atualmente disponível, datar esta alta das taxas de mortalidade com maior exatidão do que dizer que parece ter ocorrido durante as primeiras duas ou três décadas do século XIX; foi, em todo caso, por sua natureza, um movimento extremamente gradual. Até então, as forças médicas, econômicas e ambientais tinham lentamente, embora provavelmente não com regularidade, reduzido a taxa de mortalidade nacional durante talvez cem anos, a um nível suficientemente grande para compensar a crescente, embora ainda relativamente pequena, concentração da população no ambiente relativamente letal das cidades. Mas depois disso, a sólida acumulação de sujeira transmissora de doenças no crescimento urbano da Revolução In-

---

49. Com exceção de John Finlaison, que já em 1829 havia mostrado por fontes atuariais que, para as faixas etárias mais jovens, houve uma mudança nas taxas de mortalidade durante o período de guerra de 1793-1815. (*Relatório de John Finlaison*, P.P. 1829, III, 66-7.)

50. *Comparative Account of the Population of Britain, 1831*, P.P. 1831, XVIII, 15. Suas estimativas para períodos anteriores eram taxas de 20,8 para 1796-1800, e 19,6 para 1806-10.

51. William Farr, *Vital Statistics* (1885) p. 150.



dustrial começou gradualmente a compensar essas melhorias e, no final, mais do que compensá-las. As décadas de 1830 e 1840 viram surgir uma espécie de truque malthusiano, não, nos termos comumente ligados a Malthus, do controle positivo do avanço econômico da fome, mas da retribuição pela doença. A população deste país estava começando a exceder sua capacidade – ou disposição – para dispor de uma moradia saudável.

Não há inconsistência entre este aumento pressuposto na taxa de mortalidade e o contínuo rápido crescimento da população. A taxa de crescimento da população atingiu, como acontece, o seu máximo na segunda década do século XIX, caindo ligeiramente a partir daí, mas há boas razões para acreditar que as taxas de natalidade permaneceram elevadas.<sup>52</sup> O próprio Chadwick estava satisfeito que, nas condições das cidades do século XIX, as taxas de natalidade mudaram diretamente com as taxas de mortalidade, uma visão apoiada por um dos sociólogos mais bem informados do século XIX, William Alison,<sup>53</sup> bem como pelo maior dos estatísticos vitais, William Farr.<sup>54</sup>

Uma escola de pensamento atribuiu a crescente incidência de doenças na primeira metade do século XIX muito simplesmente à imigração irlandesa. Várias testemunhas anteriores ao *Irish Poor Inquiry* de 1836 sublinharam o papel dos irlandeses na disseminação da doença. “Os irlandeses de Birmingham são as próprias pragas da Sociedade”, disse um deles, “geram contágio”. E os próprios Comissários concluíram que, “das condições imundas das camas, da falta dos artigos de mobiliário mais comuns, dos hábitos impuros dos próprios reclusos e dos números que, sem distinção de idade ou sexo, estão intimamente aglomerados, eles [os irlandeses] são frequentemente o meio de gerar e transmitir doenças infecciosas”<sup>55</sup>.

---

52. Glass mostrou, por exemplo, que as taxas de natalidade permaneceram praticamente inalteradas de 1841 a 1880, as médias quinquenais flutuando apenas entre um mínimo de 34,8 por 1.000 e um máximo de 35,8. (D. V. Glass, 'A note on the under-registration of births in Britain in the 19th century', *Population Studies*, V (1951-2) 85.)

53. W. P. Alison, *Observations on the Management of the Poor in Scotland and its Effects on the Health of Great Towns* (Edinburgh 1840) p.98.

54. *Fourth Report of the Registrar-General* (1840-41) p. 143.

55. *Report of the Poor Inquiry (Ireland) Commission, App. G*, 'Report of the State of the Irish Poor in Great Britain', P.P. 1836, XXXIV, pp. 6, xi.

O Presidente da *Manchester Statistical Society*, em 1859, chegou ao ponto de afirmar, com referência à epidemia de tifo de 1846-7, que “a sua disseminação e virulência eram coextensas, não com a prevalência de perturbações, mas sim com a atual imigração irlandesa, tão notável nesse ano”.<sup>56</sup> Esta explicação da propagação do tifo encontrou apoio em pelo menos um historiador médico influente.<sup>57</sup> A cronologia e a geografia da epidemia de 1817-18 substanciaram a crença de que os imigrantes irlandeses eram os meios de difusão da doença.<sup>58</sup> O tifo era uma doença deficitária que assolava mais duramente em tempos e regiões de fome: a sua origem nesta época situava-se, sobretudo, na Irlanda.<sup>59</sup>

O grande peso da opinião médica, no entanto, preferiu atribuir o ressurgimento da doença ao aumento da superlotação e da falta de saneamento. Já em 1797, o Dr. Currie, de Liverpool, tinha observado que a infecção por tifo surgiu devido à “falta de limpeza e ventilação”.<sup>60</sup>

Comentando sobre uma epidemia precoce de 1806 em Dublin, os médicos afirmaram que “temos muitas razões para supor que a febre é frequentemente gerada por causas independentes de contágio, nomeadamente pela concomitância de sujidade, mau ar e resíduos animais acumulados...”.<sup>61</sup> “Tifo geralmente faz sua primeira aparição”, escreveu outro médico experiente em 1833, “assim como urge com sua maior intensidade, nas ruas estreitas, sem ar e lotadas, e vielas, de nossas grandes cidades.”<sup>62</sup> Um grupo de médicos peticionou à Câmara dos Comuns já em 1834 sobre o assunto do estado dos esgotos de Londres, e chamou a atenção para os efeitos adversos na saúde pública do esgoto deficiente.<sup>63</sup> O Dr. Yule, médico do dispensário público

---

56. T. S. Ashton, *Economic and Social Investigations in Manchester, 1833-1933* (1934) pp. 52-3.  
57. August Hirsch (trans. C. Creighton), *Handbook of Geographical and Historical Pathology*, Vol. I (1883) 556-8.

58. Artigo de revisão sobre febre epidêmica em *Edinburgh Medical and Surgical Journal*, XIV (1818) 531.

59. R. Hare, *Pomp and Pestilence* (1945) p. 96.

60. James Currie, *Medical Reports* (Liverpool 1797) p. 214.

61. *First Report on the Object and Effects of the House of Recovery in Cork Street, Dublin, by the Physicians to that Institution* (Dublin 1806) p. 9.

62. Richard Millar, *Clinical Lectures on the Contagious Typhus* (Glasgow 1833) p. 10.

63. *Report of the Select Committee on Metropolis Sewers, P.P.* 1834, XV, 52-63.

em Edimburgo, acreditava que “em geral, parece que a febre tifoide é uma doença originada pela reabsorção de um veneno específico expelido do corpo humano, mesmo em estado de saúde, que se acumula não só nas prisões, navios, hospitais, etc., mas também nas habitações próximas e abarrotadas da população”.<sup>64</sup> Foi, no entanto, principalmente os famosos relatórios dos Doutores Kay, Arnott e Southwood Smith para a Comissão da Lei dos Pobres em 1838, aos quais se faz referência abaixo, que mais enfaticamente atribuíram a culpa pela disseminação da doença em condições urbanas degradantes.

Paradoxalmente, a deterioração das condições de saúde pública urbana no segundo trimestre do século XIX foi acompanhada por uma maior atenção à saúde pública e ao saneamento por parte de algumas autoridades locais. O trabalho dos órgãos conhecidos como Comissões de “Polícia”, “Iluminação”, ou “Pavimentação”, ou mais geralmente como Comissões de “Melhoria”, é bem conhecido e não requer comentários adicionais.<sup>65</sup> Os Conselhos de Saúde Locais surgiram por ocasião das epidemias mais graves, como o surto de tifo em Manchester de 1795-6, e a epidemia de cólera em muitas grandes cidades em 1831-2.<sup>66</sup> Uma longa série de leis de construção dotou as autoridades locais com poderes limitados de regulação sobre a qualidade, a concepção e a localização dos edifícios. Liverpool assegurou tais leis em 1825, 1839 e 1842, e Londres em 1774.<sup>67</sup> Foi uma lei de construção local de 1846 que autorizou a Corporação de Liverpool a nomear o primeiro Oficial Médico de Saúde local da nação.<sup>68</sup> Mas os Conselhos de Saúde locais foram dissolvidos, devido ao declínio das epidemias, com ainda mais pressa do que

---

64. J. Yule, *Observations on the Cure and Prevention of the Contagious Fever* (Edinburgh 1818) p. 23.  
65. Ver S. & B. Webb, *Statutory Authorities for Special Purposes* (Vol. IV of *English Local Government*), chap. IV. Para um estudo completo do trabalho e das realizações de uma dessas comissões, ver A. Redford e I. S. Russell, *The History of Local Government in Manchester* (1939) I, chaps. IX-XIV.

66. E. P. Hennock, ‘Urban sanitary reform a generation before Chadwick’, *Econ. H. R.* 2nd ser. X (1957) 113-20; ver também W. H. Chaloner, ‘Manchester in the latter half of the eighteenth century’, *Bulletin of the John Rylands Library*, XLII (1959) 56.

67. *Report of the Select Committee on Building Regulations and Improvement of Boroughs*, P.P. 1842, X, 133.

68. W. M. Frazer, *Duncan of Liverpool* (1947) pp. 35-6.

tinham sido constituídos, enquanto os comissários das melhorias se concentravam demasiadas vezes apenas nos bairros da classe média das suas cidades, deixando o maior número de ruas habitadas pelas classes mais pobres totalmente sem serviços essenciais.<sup>69</sup> Por mais corajosamente que os comissários de melhoria pudessem lutar para lidar com a situação das urbanização – e poucos deles lutaram muito corajosamente – eles invariavelmente perderiam. Constitucionalmente, financeiramente, administrativamente, tecnicamente e ideologicamente mal equipados para lidar com a assustadora imensidão da tarefa apenas no campo da saúde pública, eles raramente tocavam mais do que na superfície externa do problema. A cada passo que avançavam, recuavam dois.

A fraqueza mais fundamental das comissões de melhoria era constitucional. A história constitucional do governo local tomou seu rumo mais decisivo em 1835 com a aprovação da Lei de Corporações Municipais. Depois disso, os bairros que se aproveitaram de suas disposições para equiparem-se com um governo local digno desse nome foram mobilizados toleravelmente para limpar os estábulos augeanos de seus bairros residenciais da classe trabalhadora. Muitos começaram a trabalhar com energia e eficácia a partir da década de 1840; outros foram mais tardios, e muitas cidades pequenas e grandes aldeias industriais tiveram de esperar uma nova geração ou mais pela criação de autoridades governamentais locais capazes de enfrentar as questões relacionadas com a saúde pública e autorizadas a gastar dinheiro com elas. Essa proporção – uma parte relativamente pequena – da população que teve a sorte de ser servida por um moderno aparelho do governo local depois de 1835, foi razoavelmente assegurada de uma redução constante da mortalidade evitável. Embora a primeira geração governada pelas novas corporações municipais ainda pudesse morrer normalmente na casa dos quarenta, seus filhos poderiam viver até os cinquenta anos e seus netos até os sessenta. Para esses moradores da cidade, a necessidade de legislação nacional e de supervisão administrativa centralizada nas linhas

---

69. 1. *San. Rep.* pp. 115, 125, 166.

tentadas depois de 1848 era menos urgente. Mas é importante notar que o trabalho das novas corporações estava apenas começando na década de 1840, e dificilmente poderia pagar dividendos sob a forma de redução da mortalidade até as décadas seguintes. O problema, então, ainda estava por ser resolvido enquanto Chadwick estava na Comissão da Lei dos Pobres. Para a grande maioria da população fora dos novos bairros corporativos, a necessidade era de reforma administrativa de qualquer tipo, local ou nacional.

Se o declínio da taxa de mortalidade tivesse continuado após a primeira década do século XIX, é possível que as instituições e políticas existentes pudessem ter sido capazes de lidar com os problemas sociais do desenvolvimento urbano. Mas a anterior redução da mortalidade foi, em si mesma, o meio de libertar sobre as cidades desafortunadas um fluxo de imigrantes das zonas rurais circundantes que inflacionou as dificuldades subsequentes para além de toda a esperança de solução sob os regimes existentes. No entanto, os homens do século XVIII e início do século XIX foram tão afligidos por doenças, pela curta duração da vida humana urbana, que era improvável que fossem movidos por um ligeiro aumento na taxa de mortalidade, que, em qualquer caso, não era facilmente detectável nas flutuações de curto prazo produzidas pelas epidemias. Levaria tempo. Mas a pressão cresceu impiedosamente, com cada nova epidemia imprimindo mais pressão. Em Glasgow, por exemplo, enquanto a epidemia de febre de 1836-7 elevou a taxa de mortalidade para 41 por 1.000, a de 1847 elevou a taxa para 56,4 por 1.000.<sup>70</sup>

## **A contribuição da profissão médica**

O contexto econômico e social da questão da saúde pública da primeira metade do século XIX foi esboçado com algum pormenor, porque, no longo prazo, foi a progressiva deterioração das condições de vida nas cidades que, acima de tudo, estimulou a ação

---

70. A. K. Chalmers, *The Health of Glasgow, 1818-1925* (Glasgow 1930) p. 3.

dentro do pequeno grupo de homens conscientes da situação. Mas como este tipo de acontecimento é lento, pode não ter necessariamente produzido, durante várias décadas, o tipo de reforma que, graças aos esforços do Chadwick, transformou posteriormente a vida na cidade britânica em apenas duas gerações. O momento do início das operações foi o produto de muitos outros fatores.

Talvez o mais significativo desses outros fatores tenha sido o aumento durante o final do século XVIII e início do século XIX, tanto no número como na habilidade profissional dos médicos. Mesmo em meados do século XIX, os médicos qualificados eram muito poucos em número, e muitos, possivelmente a maioria, dos habitantes deste país viveram suas vidas sem nunca conhecer um médico. Havia, é claro, uma considerável periferia de médicos mal qualificados, mas o valor do trabalho desses boticários na mudança do curso das taxas de mortalidade nacional pode ser posto em dúvida. Embora no final do século XVIII tanto as universidades inglesas como as escocesas possuíssem escolas de medicina, a maioria tinha muito poucos graduados, enquanto o valor da formação médica em Oxford e Cambridge que, mesmo no final do século XVIII, envolvia “nenhum paciente, nenhuma aula clínica, que são a condição *sine qua non* de uma educação médica”,<sup>71</sup> deve ter sido negligenciável. Embora as faculdades de médicos e cirurgiões tenham contribuído, neste período, para o aumento do número de médicos qualificados, não há dúvida de que os melhores médicos foram formados nas escolas médicas das universidades escocesas e que, destas, Edimburgo liderava de longe. Houve, é verdade, algum pequeno aumento da oferta de Leyden e de outras universidades no exterior, mas muitos dos que estudaram no exterior já eram formados em medicina em Edimburgo ou em outras universidades. No final do século XVIII, Edimburgo estava treinando um número lamentavelmente pequeno de médicos graduados – 213 no total da década de 1770, 280 na de 1780 e 394 na de 1790. Depois disso, houve um aumento dramático na formação de médicos em Edimburgo, subindo para um pico na

---

71. B. Hamilton, ‘The medical profession in the eighteenth century’, *Econ. H. R.* 2nd serv. IV (1951) 148.

década de 1820, quando se formaram 1.139.<sup>72</sup> Em 1828, a escola de medicina de Edimburgo foi complementada pela University College, em Londres, onde a escola de medicina foi uma das faculdades mais importantes desde o início.

Se mais médicos inevitavelmente significava melhor saúde é outra questão. Até há bem pouco tempo, era costume assumir, sem entrar em detalhes muito profundos, que isso acontecia. De fato, as interpretações comuns das mudanças demográficas do século XVIII e início do século XIX dependiam em grande parte dessa suposição. Recentemente, no entanto, alguma descrença foi lançada sobre esta suposição. McKeown e Brown, em um artigo agora famoso,<sup>73</sup> insistem que não houve avanços médicos no século XVIII que pudessem reduzir a taxa de mortalidade mais do que marginalmente; que todas as cirurgias naquele período eram altamente letais, de modo que quanto mais cirurgias houvesse, maior seria a mortalidade; que o confinamento institucional estava associado a taxas de mortalidade materna muito mais elevadas do que o confinamento domiciliar, devido ao maior risco de infecção puerperal, de modo que a propagação dos hospitais de repouso envolveu um aumento em vez de uma redução da taxa de mortalidade; e que os hospitais do século XVIII e início do século XIX disseminaram infecção, aumentando assim a perspectiva de um paciente morrer de uma doença diferente daquela que entrou no hospital para curar. Citam com aprovação a máxima de Florence Nightingale, segundo a qual o primeiro requisito de um hospital era “que não fizesse mal ao doente”, e concluem que “a principal acusação do trabalho hospitalar neste período não é que não tenha feito o bem, mas que tenha positivamente causado mal”. Seguiu-se que não até que os princípios básicos da bacteriologia fossem compreendidos (um desenvolvimento do último trimestre do século XIX) poderia ser esperada qualquer redução da taxa de mortalidade através do trabalho de médicos e hospitais.

---

72. Lista de graduados em Medicina na Universidade de Edimburgo de 1728 a 1866 (Edimburgo 1867).

73. T. McKeown & R. G. Brown, ‘Medical evidence related to English population changes in the eighteenth century’, *Population Studies*, IX (1955) 119-41.

A maior parte disso é indubitavelmente verdade, mas não indica que nem todo o tratamento médico bem-sucedido nesse período dependia de avanços no conhecimento médico. Muito poderia ser realizado pela aplicação de alguns princípios médicos muito elementares reconhecíveis mesmo no final do século XVIII. Se os hospitais fossem lugares onde a infecção se espalhava, dificilmente poderiam ter sido mais infecciosos do que as habitações esqueléticas e insalubres descritas longamente no Relatório Sanitário e em outros lugares dos quais seus pacientes estavam sendo temporariamente removidos; e é difícil acreditar que leitos decentes, ar relativamente fresco, comida regular, enfermeiros compassivos, e mesmo as ministrações dos médicos relativamente ignorantes do período, não iriam de alguma forma ajudar na recuperação. “A condição da classe trabalhadora”, escreveu Kay em 1834, “foi muito melhorada pela prontidão com que a assistência médica lhes foi prestada. A mortalidade das grandes cidades diminuiu, e subtrações consideráveis foram feitas da grande soma de miséria que é a herança do homem”.<sup>74</sup> Estas simples aplicações de caridade e a mínima vontade de existência humana decente, normalmente não alcançada pelo menor número de habitantes urbanos, só podem ter feito o bem. Aplicadas às crianças – a faixa etária sujeita, nesse período, às mais altas taxas de mortalidade – nos Foundling Hospitals, bem como em hospitais gerais e para o tratamento da febre, elas podem muito bem ter tido um grande efeito sobre as taxas de mortalidade. Mais importante ainda, havia médicos ativos como John Haygarth de Chester que advogavam e praticavam, na virada do século, princípios tão elementares de higiene hospitalar como a abertura das janelas e portas das enfermarias, a remoção e lavagem de roupas sujas e infectadas e, mais importante ainda, o isolamento dos doentes com febre.<sup>75</sup> A separação dos pacientes com febre em enfermarias de hospitais gerais foi iniciada por volta dessa época, assim como o estabelecimento de hospitais de febre separados nas grandes cidades e a desinfecção das casas das quais os pacientes com febre haviam sido removidos. É difícil acei-

---

74. J. P. Kay, *Defects in the Constitution of Dispensaries* (Manchester 1834) p. 5.

75. John Haygarth, *A Letter to Dr Percival on the Prevention of Infectious Fever* (1801) p. 73 ff.



tar, além disso, que a criação de dispensários tenha sido um passo atrás. Estes foram amplamente criados a partir dos últimos anos do século XVIII e, com o oferecimento, geralmente gratuito, de uma combinação dos serviços prestados no século XX, pela cirurgia do médico de clínica geral, pela clínica ambulatorial de um hospital e pelo farmacêutico, eles devem ter contribuído materialmente para a causa da medicina preventiva e curativa. Os médicos deste período podem ter tido pouco de novo para oferecer aos seus pacientes; mas nem tudo o que eles ofereciam era inútil, e muitos mais pacientes estavam sendo colocados em contato com serviços médicos de um ou outro tipo. Algumas das disposições médicas deste período podem ter sido prejudiciais, mas é difícil não acreditar que muitas delas foram benéficas. Se se admitir que os médicos fizeram mais bem do que mal, a característica realmente significativa da história médica do final do século XVIII e início do século XIX é que uma parte muito mais vasta da população estava garantindo o acesso aos seus serviços. Pode-se argumentar que era apenas a população urbana à qual isso se aplicava: a população urbana, no entanto, já era suficientemente grande para que isso afetasse significativamente a taxa de mortalidade nacional. Além disso, as classes urbanas que receberam esses benefícios eram apenas aquelas que sofriam de altas taxas de mortalidade mais suscetíveis à redução.

No mesmo período – os últimos anos do século XVIII e o início do século XIX – também se verificaram alguns avanços notáveis na medicina naval e militar, que tiveram repercussões importantes no campo civil. Enquanto, segundo uma afirmação, em 1782 um homem em 3,3 da força total da Marinha era enviado ao hospital durante o ano, em 1829 era apenas um homem em 8,9.<sup>76</sup> A conquista do escorbuto e a redução da incidência e fatalidade das febres infecciosas foi resultado do trabalho de médicos militares como Pringle e Lind. Devia pouco a avanços específicos no conhecimento médico, mas muito da extensão da disciplina no campo da higiene pessoal,

---

76. Sir Gilbert Blane, *A Brief Statement of the Progressive Improvement of the Health of the Royal Navy at the End of the Eighteenth and Beginning of the Nineteenth Century* (1830) p. 11; ver também *Observations on the Diseases of Seamen* (1785).

da dieta e do uso de sabão a bordo de navios e em campo. Já em 1781, Sir Gilbert Blane fez uma série de recomendações ao Conselho do Almirantado que, segundo ele, eram o meio de provocar “uma mudança total no estado de saúde da frota”. Ele atribuiu a terrível e elevada taxa de doenças:

- 1º. À negligência da limpeza, ventilação e desumidificação na limpeza do interior dos navios.
- 2º. À falta do fornecimento de um artigo que tinha sido descoberto, pela experiência mais inequívoca, ser infalível na prevenção e cura do escorbuto, um dos flagelos mais destrutivos, e o mais peculiar ao serviço marítimo, de qualquer tipo de doença. O remédio aludido é o suco de limão ou de lima.
- 3º. Ao abuso das bebidas alcoólicas espirituosas, não apenas como o meio mais comum de intemperança, mas como bebida habitual dos marinheiros, mesmo quando diluídas...
- 4º. À falta de alimentação adequada e conforto para o uso dos doentes e convalescentes a bordo dos seus próprios navios.
- 5º. À falta de roupa de cama adequada e de sabão...
- 6º. À falta de um fornecimento gratuito de medicamentos, bem como dos artigos necessários aos médicos, para que possam curar o maior número possível de pacientes sem os enviar para os hospitais.
- 7º. Como os hospitais são, até certo ponto, indispensáveis nas estações principais, especialmente para o alívio de navios em que prevalecem doenças contagiosas, também foram recomendados novos regulamentos para eles em relação a espaço, separação, ventilação e limpeza.<sup>77</sup>

Este tipo de senso comum rendeu benefícios reais. Mais importante ainda, à medida que a notícia do seu sucesso começou a filtrar a prática civil durante as primeiras décadas do século XIX, os seus preceitos tornaram-se gradualmente a prática comum de mais e mais

---

77. Blane, *op. cit.* pp. 21-2.

médicos civis. O contraste entre o tipo de higiene que estava reduzindo a natureza letal do serviço nas forças armadas e o que prevalecia cada vez mais nas cidades persuadiu um número crescente de médicos a se juntarem ao coro no protesto, do qual o Relatório Sanitário era apenas uma expressão.

Que uma proporção crescente da população estava se beneficiando do cuidado cada vez mais eficaz da profissão médica no início do século XIX é, portanto, razoavelmente certo. Mas, apesar desta tendência benéfica, é igualmente certo que a doença estava ganhando a corrida. Os médicos estavam lutando uma batalha perdida contra doenças crescentes. Eles continuavam sendo muito poucos em número, e estavam muito mal equipados tecnicamente para fazer mais do que tocar a superfície do problema. A real relevância dos desenvolvimentos médicos deste período para a história inicial da saúde pública foi menos o seu impacto imediato nas taxas de mortalidade do que a sua contribuição para uma consciência crescente da correlação entre sujeira e doença. E essa mesma consciência gerou outra tendência da maior importância. Este foi um envolvimento cada vez maior dos membros da profissão médica nas questões sociais e, portanto, na agitação da luta pela política social. O próprio Relatório Sanitário deve sua origem proximamente ao trabalho social do famoso trio de médicos – Arnott, Kay e Southwood Smith; enquanto William Farr, cuja contribuição para o movimento é discutida abaixo, foi atraído para seu campo escolhido através de sua formação médica. Mais do que qualquer outro grupo social, os médicos do século XIX foram responsáveis pela agitação da consciência social. Tão grande, no conjunto, foi a participação da profissão médica na campanha pela reforma da saúde pública, que é tentador olhar mais de perto para as fontes de sua apaixonada defesa de uma Grã-Bretanha mais limpa e saudável. Pois é certo que não se trata apenas da ardente insistência dos puristas médicos na limpeza e no saneamento para seu próprio bem. Foi em grande parte porque tais objetivos médicos foram inspirados por convicções sociais mais profundas que os médicos geraram espontaneamente um movimento de saúde pública, e foram capazes de alimentá-lo com um fornecimento inesgotável de material estatístico persuasivo e descritivo.

Uma vez que muitos dos médicos praticantes deste período e, em particular, uma elevada proporção dos ativos no movimento de saúde pública inicial, eram graduados da Universidade de Edimburgo, é possível que uma pista possa ser encontrada lá. Três amplas classes de reformadores sociais parecem ter emergido da Universidade de Edimburgo na primeira metade do século: primeiro, um grupo de aristocratas, principalmente políticos do partido Whig, que incluem os Lordes Lansdowne, Russell, Brougham e Palmerston; segundo, um grupo de funcionários públicos, que, como inspetores de fábrica, saúde e educação, desempenharam papéis importantes na extensão do trabalho público em suas respectivas esferas: entre eles estavam Leonard Horner e James Stuart, inspetores de fábrica; Gavin Milroy, Hector Gavin e James Smith, inspetores de saúde; e Peter Reid e J. D. Morell, inspetores de educação; e terceiro, um grupo de proeminentes reformadores sociomédicos, incluindo James Phillips Kay, Peter Gaskell, e os Doutores Percival e Ferriar.<sup>78</sup> Do primeiro grupo, um, pelo menos o Lorde Palmerston, foi para Edimburgo especificamente para juntar-se ao então professor de filosofia moral, Dugald Stewart. Durante seu ano em Edimburgo, Palmerston hospedou-se com Stewart, e manteve notas muito completas de suas palestras sobre Economia Política.<sup>79</sup> A pretensão de distinção de Stewart reside principalmente em seu extraordinário sucesso como professor, e em sua influência pessoal sobre os outros. Ele proferiu o curso universitário de palestras em Economia Política entre 1800 e 1810. Embora estivesse particularmente ansioso para evitar o estigma do radicalismo, ele não parece ter sido totalmente bem-sucedido em fazê-lo<sup>80</sup> e, quer tivesse gostado ou não, sua análise do sistema social e econômico da época foi o ponto de partida da carreira de muitos reformadores.<sup>81</sup> Sir Samuel Romilly, o grande reformador da lei, refe-

---

78. Ver David Roberts, *Victorian Origins of the British Welfare State* (Yale University Press, New Haven 1960).

79. H. C. F. Bell, *Lord Palmerston* (1936) I, pp. 6-10. Notas de Lord Palmerston sobre as Palestras de Dugald Stewart em Economia Política, London Museum MS. 28; Edinburgh University Microfilm, M. 136.

80. Ver sua carta a Lorde Craig, 20 de fevereiro de 1794, Edinburgh University MS. DC.6.11, fols. 113-15.

81. As palestras estão publicadas no Vol. VIII de *Works of Dugald Stewart* (1854-60).

riu-se ao “meu velho e excelente amigo, Dugald Stewart”,<sup>82</sup> enquanto a admiração de Lord John Russell o levou a cantar seus louvores em verso inferior.<sup>83</sup> Lord Jeffrey, que mais tarde fez parte da *Edinburgh Review*, assistiu às palestras sobre Economia Política em 1802. Não é de admirar que Sir James Mackintosh tenha escrito sobre Stewart que “seus discípulos estavam entre suas melhores obras”.<sup>84</sup>

Um discípulo, preeminentemente, alimentou as sementes da reflexão social que Stewart semeou em solo tão fecundo na primeira década do século. Este foi William Pulteney Alison (1790-1859), a quem Stewart esperava que o sucedesse na Cátedra de Filosofia Moral. Alison, porém, escolheu uma carreira mais prática. Entrando na Universidade de Edimburgo em 1803, ele estudou primeiro para obter um diploma em artes, antes de se dedicar à medicina. Ele era um admirador entusiasta de Stewart, e sua primeira escrita publicada foi um artigo defendendo a filosofia de Stewart.<sup>85</sup> Alison levou seu interesse em questões sociais com ele para a escola médica, onde como Professor de Medicina de 1820 a 1856<sup>86</sup> ele transmitiu a várias gerações de estudantes algumas das lições que ele tinha aprendido como médico no *New Town Dispensary*. Os frutos do trabalho social de vinte e cinco anos em algumas das piores condições sociais da Grã-Bretanha foram incorporados em seu documento clássico sobre o alívio da pobreza, que foi a principal influência por trás da reforma da lei escocesa para os pobres em 1845.<sup>87</sup> Alison foi uma das principais fontes de material escocês de Chadwick para o Relatório Sanitário, e pode ser considerado como ocupando uma posição semelhante na Escócia em relação à lei dos pobres e à reforma da saúde pública que aquela ocupada por Chadwick na Inglaterra.

Entre eles, Stewart e Alison cobriram mais de setenta anos da vida da Universidade de Edimburgo, deixando sua marca na mente

---

82. Edinburgh University MS. DC.6.11., f.16.

83. *Ibid.*, f. 11.

84. Stewart, *Works*, VIII, p. ix.

85. *Blackwood's Edinburgh Magazine*, II (1817-18) 57-65, 159-65.

86. Ocupou a Cátedra de Medicina Forense de 1820 a 1821, a dos Institutos de Medicina de 1821 a 1842 e a da Prática de Medicina de 1842 a 1856.

87. W. P. Alison, *Observations on the Management of the Poor in Scotland and its Effect on the Health of Great Towns* (Edinburgh 1840).

de muitos dos principais reformadores sociais e médicos do final do século XVIII e início do século XIX. Uma característica que distingue os escritores médicos do início do século XIX daqueles do século XVIII é a sua maior disposição para estabelecer problemas médicos em um contexto social mais amplo, e há boas razões para acreditar que o ensino em Edimburgo foi pelo menos um dos fatores neste alargamento do horizonte médico.<sup>88</sup>

Qualquer que seja a fonte da intensa preocupação humana de um círculo crescente dentro da profissão médica pelo bem-estar social, o seu papel no estabelecimento das bases da política social subsequente é inequívoco. Foram os médicos que foram os primeiros a ver que a pobreza absoluta era a causa subjacente da miséria e da doença. Richard Howard, com anos de experiência nos bairros degradados de Manchester, observou que “em pessoas que trabalham sob um estado de saúde prejudicado pela deficiência de alimentos, existe uma susceptibilidade notável aos efeitos do contágio. Os indigentes são as vítimas mais frequentes [da febre]”<sup>89</sup>; enquanto Richard Millar, com um histórico semelhante em Glasgow, escreveu: “Tifo geralmente faz sua primeira aparição, assim como urge com mais intensidade, nas ruas estreitas, sem ar e lotadas, e vielas de nossas grandes cidades, as bem conhecidas habitações e recantos de mendicidade e indigência.”<sup>90</sup> Já na década de 1770, Lettsom tinha sugerido uma ligação entre pobreza, miséria urbana e doença. “Grandes cidades”, escreveu ele, “são como sepulcros pintados; suas avenidas públicas e edifícios imponentes parecem excluir a possibilidade de angústia e pobreza; mas se passarmos além desse véu superficial, a cena se inverterá.”<sup>91</sup>

Esta extensão do horizonte médico abriu novas possibilidades no estudo das doenças e da epidemiologia. Os médicos começaram a investigar as origens sociais da doença com uma nova visão. Em Dublin, um grupo de médicos antecipara, já em 1806, muitas das

---

88. D. Guthrie, *Scottish Influence on the Evolution of British Medicine* (1960).

89. Richard B. Howard, *An Inquiry into the Morbid Effects of Deficiency of Food* (1839) p. 38.

90. 1. Richard Millar, *Clinical Lectures on the Contagious Typhus* (Glasgow 1833) p. 10.

91. J. C. Lettsom, *Medical Memoirs of the General Dispensary in London* (1774) p. x.

conclusões do Relatório Sanitário. Depois de investigar as condições em Plunket Street, Dublin, cujas trinta e duas casas tinham 917 habitantes, eles relataram que “uma grande proporção das classes mais baixas vive em corredores e quintais. As casas em Liberty em geral são desprovidas de sanitários, ou os sanitários estão obstruídos. A rua, portanto, é frequentemente o depósito de toda a sujeira dos edifícios adjacentes. Se a atenção dos necrófagos raramente é dirigida às ruas de Liberty, ainda mais negligenciados são os recintos, que de fato, quase nunca são limpos; a respiração constante do ar assim contaminado, deve gradualmente enfraquecer as forças vitais; e se as doenças não forem a consequência imediata, o sistema é pelo menos adequado para a recepção do contágio sempre que ele se apresenta”.<sup>92</sup> Outros médicos sublinharam pontos problemáticos específicos. Ferriar, que observou que “as casas de alojamento médias... são os principais viveiros de contágio febril”, antecipou um dos pontos de ataque de Chadwick,<sup>93</sup> assim como Walker, que pode ser creditado por iniciar o movimento para a reforma dos cemitérios metropolitanos.<sup>94</sup> Em um estudo longo e abrangente, que antecipou algo do trabalho de Booth mais tarde no século XIX, Thackrah estudou a incidência ocupacional da doença,<sup>95</sup> enquanto em 1801 Willan, e em 1819 Bateman, fizeram estudos especiais das doenças de Londres.<sup>96</sup>

Generalidades vagas, embora eloquentemente expressas, tenderam a fazer pouco no início do século XIX. Percebendo que a primeira necessidade era por informações mais precisas sobre o assunto, alguns dos reformadores médicos mais ativos voltaram sua atenção para pesquisas locais detalhadas. Esta foi uma abordagem extremamente importante, uma vez que até o final da década de 1830, quando o Secretário Geral começou a publicar pela primeira vez os relatórios anuais, havia uma total ausência de base estatística

---

92. *First Report on the Object and Effects of the House of Recovery in Cork Street, Dublin by the Physicians of that Institution* (Dublin 1806) p. 25.

93. John Ferriar, *Medical Histories and Reflections* (2nd edition 1810) I, 172.

94. G. A. Walker, *Gatherings from Grave Yards* (1839).

95. C. T. Thackrah, *The effects of the Principal Arts, Trades and Professions on Health and Longevity* (1831).

96. Robert Willan, *Reports on the Diseases of London, particularly during the Years 1796, 97, 98, 99 and 1800* (1801); Thomas Bateman, *Reports on the Diseases of London* (1819).

para uma investigação satisfatória em escala nacional. Além disso, foi como consequência de relatórios locais cuidadosos, detalhados e reveladores que o próprio Relatório Sanitário foi encomendado no final da década de 1830.

O pioneiro dos estudos epidemiológicos locais foi John Haygarth de Chester (1740-1827). Em 1774 ele realizou um censo da população de Chester, ao qual acrescentou um levantamento da incidência da doença nos dez anos anteriores. É de algum interesse que a mortalidade média anual de 25 por mil que ele estimou para o período de 1765-73 (consideravelmente maior do que a média nacional para o início do século XIX) provou, em suas palavras, “que Chester é saudável num grau tão incomum que vai surpreender aqueles que conhecem melhor o estado geral da mortalidade nas grandes cidades”.<sup>97</sup> Haygarth foi um dos primeiros a reconhecer a importância de isolar os doentes com febre nos hospitais, um princípio que ele defendeu por escrito juntamente com outras doutrinas sensatas sobre ar fresco e limpeza.<sup>98</sup> Seus esforços pioneiros foram seguidos, na década seguinte, pelos de John Heysham, um graduado de Edimburgo, em Carlisle. Heysham é mais conhecido por sua “tabela de vida de Carlisle”, que foi amplamente utilizada pelas Friendly Societies e atuários durante os quarenta anos seguintes. Seu trabalho atuarial, no entanto, foi apenas um subproduto de seu estudo das doenças em Carlisle. Suas conclusões, inevitavelmente, eram as mesmas do Relatório Sanitário de sessenta anos depois. A doença, disse ele, “é a consequência da imundície, sujeira e ar confinado, em salas lotadas de muitos habitantes. Acho que podemos, sem muita hesitação, declarar que a causa ocasional dela é eflúvio humano, que tem sido gerado em algum lugar pequeno e confinado, do qual há grandes números em Carlisle e em qualquer outra grande cidade industrial.”<sup>99</sup>

Houve escritores médicos como John Roberton, que comentaram longamente sobre o saneamento deficiente de determinadas

---

97. John Haygarth, ‘Observations on the population and diseases of Chester in the year 1774’, *Philosophical Transactions*, LXVIII, Pt. I (1778) 131-54.

98. John Haygarth, *A Letter to Dr. Percival on the Prevention of Infectious Fevers* (1801).

99. John Heysham, *An Account of the Jail Fever or Typhus Carcerum as it appeared at Carlisle in the year 1781* (1782) pp. 24, 31. Ver Henry Lonsdale, *The Life of John Heysham, M.D.* (1870).



idades<sup>100</sup>, e outros, que, depois de fazerem algumas tentativas para avaliar quantitativamente o problema, foram capazes de identificar a causa da doença com maior precisão em determinadas condições de habitação e localidades em circunstâncias econômicas particularmente desfavoráveis.<sup>101</sup> O produto mais conhecido desta escola, que proporcionou talvez a base mais frutífera para os reformadores sociais nos anos de 1830 e 1840s, foi o estudo clássico de James Kay sobre as favelas de Manchester de 1832.<sup>102</sup> Na época da primeira epidemia de cólera, em 1831-32, já se conhecia suficientemente a interligação da doença com as condições habitacionais para produzir imediatamente um imenso fluxo de literatura chamando a atenção, lugar por lugar, e rua por rua – às vezes casa por casa<sup>103</sup> – para a origem e difusão da epidemia devido à falta de saneamento e pobreza.<sup>104</sup>

## Estudos estatísticos

A proliferação de estudos locais deu frutos não apenas através do simples peso da evidência em bairros influentes, mas desinformados, mas também através da difusão da mistura certa de ciência e humanitarismo em todas as arenas profissionais, administrativas e jurídicas, bem como médicas e políticas. Mas todos esses estudos sofriam de uma fraqueza fundamental: seu apelo era mais emocional do que intelectual; faltava-lhes a ampla base estatística, sem a qual poderiam ser tão facilmente descartados como exagerados, atípicos

---

100. John Roberton, *A Treatise on Medical Police* (Edinburgh, 2 vols. 1809). Ele examinou as causas das doenças em Edimburgo no Vol. II, 223-93, e em Londres no Vol. II, 295-347.

101. E.g. William Moss, *Medical Survey of Liverpool* (1784); James Currie, *Medical Reports* (Liverpool 1797); John Clark, *A Collection of Papers intended to promote an Institution for the Cure and Prevention of Infectious Diseases in Newcastle and other populous Towns* (Newcastle 1802); Robert Cowan, *Statistics of Fever and Smallpox in Glasgow* (Glasgow 1837), e 'Vital statistics of Glasgow, illustrating the sanitary condition of the population', *J.R.S.S.*, III (1840) 257-92.

102. James P. Kay, *The Moral and Physical Condition of the Working Classes* (1832).

103. Por exemplo por Henry Gaultier, *The Origin and Progress of the Malignant Cholera in Manchester* (1833) pp. 7-8.

104. Uma parte revisada por Asa Briggs em 'Cholera and society in the nineteenth century', *Past and Present*, No. 19 (1961) 76-96.

ou sem importância. A necessidade de tal quantificação foi sentida e expressa desde o final do século XVIII: Bentham tinha sido franco sobre a necessidade de uma quantidade muito maior de estatísticas oficiais do que as disponíveis para a sua geração<sup>105</sup>. As observações agudas de Malthus sobre a relação entre população e recursos desempenharam um papel importante na decisão de fazer o primeiro censo da população em 1801. Seja qual for a razão, este entusiasmo pela quantificação intensificou-se na década de 1830, uma década que testemunhou o rápido e generalizado crescimento de um interesse sério em estudos estatísticos.

Nunca é fácil explicar o surgimento repentino de um novo movimento intelectual, mas é possível que o impulso para o inquérito estatístico que se desencadeou na década de 1830 tenha surgido a partir do trabalho atuarial patrocinado pelas *Friendly Societies*, sociedades de seguro de vida e pelo Serviço Nacional de Dívida do governo. Até a década de 1820, estes organismos dependiam, em seu detrimento, das antiquadas tabelas de Carlisle e Northampton. Os inquéritos parlamentares da década de 1820 (aos quais já foi feita referência) conduziram, principalmente através do trabalho de Finlaison, a uma revisão completa da base atuarial de todas as formas de seguro de vida. Neste processo, pela primeira vez, foram disponibilizadas informações precisas sobre a expectativa de vida humana. A realidade era suficientemente perturbadora para estimular a procura de mais informação e de fatos sociais subjacentes aos números em si. No entanto, nem todos os que sentiram a necessidade de uma extensão dos estudos estatísticos partilharam o desejo de que esses estudos tomassem um rumo sociológico. Whewell, o Mestre de Trinity, que foi presidente da Associação Britânica em seus primeiros anos, depreciou a extensão de inquéritos estatísticos “sobre as regiões onde se tocam os princípios básicos do sentimento e da paixão”. Esta tentativa de suprimir o estudo estatístico dos problemas sociais levou à ruptura com a *British Association* dos interessados neste aspecto do inquérito estatístico e à criação, em 1834,

---

105. Mary P. Mack, *Jeremy Bentham: an Odyssey of Ideas*, 1748-1792 (1962) pp. 235-40.

da *Statistical Society of London*.<sup>106</sup> O novo organismo rapidamente se empenhou com o maior vigor na prossecução de inquéritos, tanto locais como nacionais, sobre aspectos de saúde pública, população, rendimentos, emprego, habitação, educação e religião. A sociedade londrina não foi nem a primeira nem a última do seu gênero.<sup>107</sup>

Um importante ramo destes novos estudos estatísticos – as “estatísticas vitais” – foi criado e dominado durante várias décadas por William Farr. Nascido em Shropshire em 1807, Farr formou-se como médico em Paris e Londres, e começou a praticar em Londres em 1833. Ele muito cedo mostrou um interesse em questões de saúde pública,<sup>108</sup> mas seu interesse real estava no campo das estatísticas populacionais. Um artigo de referência sobre “Estatísticas Vitais” no *Account of the British Empire* de McCulloch em 1837<sup>109</sup> lançou as bases não só de uma nova ciência, mas também da própria reputação de Farr, e no ano seguinte, por influência de Sir James Clarke, garantiu a nomeação como compilador de resumos para o recém-criado escritório do Secretário Geral, com um salário de £350 por ano. Thomas Lister, o primeiro Secretário Geral, foi cunhado do Ministro do Interior, Lord John Russell e, desde o início, Farr foi o chefe efetivo do novo pequeno departamento. Embora a remuneração de Farr tenha aumentado substancialmente com o passar do tempo, é, para o descrédito dos governos vitorianos, que ele nunca foi nomeado para a chefia nominal do departamento que devia tudo ao seu talento, embora o cargo tenha vagado mais de uma vez durante sua longa carreira lá.

A criação do gabinete do Secretário Geral em 1837 marca um ponto de virada importante na história da saúde pública, bem como

---

106. B. K. Gray, *Philanthropy and the State* (1908), Anexo do cap. II, ‘The origin of the Royal Statistical Society’. Esta atitude aparentemente não subsistiu durante muito tempo na Associação Britânica, pois em 1840 a Seção de Estatística concedeu um subsídio de £100 a uma poderosa comissão, que incluía Robert Cowan, W. P. Alison e Edwin Chadwick, para um inquérito sobre estatísticas vitais (*J.R.S.S.*, III (1840) 211).

107. Ver T. S. Ashton, *Economic and Social Investigations in Manchester 1833-1933* (1934).

108. William Farr, ‘Lecture on hygiene or the preservation of the public health’, *The Lancet*, I (1835-6) 240-5.

109. William Farr, ‘Vital Statistics’, in J. R. McCulloch, *A Statistical Account of the British Empire* (1837) 11, 567-601.

da demografia na Grã-Bretanha.<sup>110</sup> Pela primeira vez, a medição precisa das taxas de natalidade e de mortalidade tornou-se possível.

Tende a ser comumente assumido que a Lei de 1836 foi o produto do interesse de Chadwick em questões de saúde pública, ou, alternativamente, que era um suplemento necessário à *Factory Act* de 1833 para autenticar as idades das crianças das fábricas. No entanto, a questão tinha sido aberta pelo menos já em 1833, e parece muito mais provável que o Relatório do *Select Committee on Parochial Registration* (P.P. 1833, XIV), para o qual, *inter alia*, Finlaison apresentou provas, e que recomendava inequivocamente “que um novo sistema nacional de registro deveria ser testado”, foi um passo importante para o registro civil. Um desejo dos não conformistas de estabelecer alguma forma de registro legalmente válido de nascimentos, mortes e casamentos independente da Igreja da Inglaterra parece ter sido o principal motivo por trás da nomeação deste Comitê Seletor. Seu relatório, assim como os cálculos de Finlaison, parece ter sido amplamente ignorado pelos historiadores da população britânica no século XVIII e início do século XIX. Mais investigações sobre a origem deste Comitê Seletor podem lançar alguma luz sobre a inauguração do registro civil em 1837.

Quando a Lei de Registro estava em discussão em 1836, Chadwick tinha conseguido assegurar a inserção de uma cláusula que exigia o registro da causa da morte, bem como o simples fato da morte. Um dos primeiros passos de Farr após sua nomeação foi elaborar uma lista classificada de causas de morte – o que ele chamou de “nosologia estatística” – como um guia para a profissão médica ao registrar mortes.<sup>111</sup> Pela primeira vez, o movimento de saúde pública estava armado com informações confiáveis sobre a importância relativa de diferentes tipos de doenças fatais. E isso poderia agora ser colocado ao lado do esplêndido fundo estatístico proporcionado pelos retornos básicos do Secretário Geral – a distribuição etária em casos de morte, as variações locais na incidência de doenças, as variações locais nas taxas de mortalidade e, com o tempo, as tendências desses

---

110. Nunca houve uma descrição satisfatória da origem do registro civil neste país.

111. *First Annual Report of the Registrar-General* (1839) pp. 92-100.

importantes índices. Esse tipo de informação estatística detalhada iria se tornar o ponto de partida do inestimável trabalho dos Médicos de Saúde locais na segunda metade do século XIX. Seus princípios e conceitos foram a base de uma série de estudos locais detalhados pelos primeiros médicos, dos quais o famoso e revelador estudo de Henry Littlejohn sobre Edimburgo em 1865 é um exemplo clássico.<sup>112</sup>

Um dos primeiros usos que Farr fez de suas novas informações estatísticas foi estabelecer uma norma de mortalidade para o período, que ele tirou de uma média das taxas de mortalidade em áreas “saudáveis” do país. Comparando-a aos distritos menos saudáveis, ele conseguiu mostrar, de maneira particularmente vívida, o custo real em termos de vidas, de medidas de saúde pública deficientes. De Manchester, em 1846, por exemplo, escreveu: “Como é lamentável a condição de muitos milhares de crianças nascidas neste mundo! Aqui, na nação mais avançada da Europa – em uma das maiores cidades da Inglaterra – no meio de uma população sem igual pela sua energia, indústria, habilidade de fabricação – em Manchester, o centro de uma agitação vitoriosa pela liberdade comercial – inspirada na cultura literária – onde Percival escreveu e Dalton viveu – 13.362 crianças morreram em sete anos acima da taxa de mortalidade natural da humanidade.”<sup>113</sup> Sobre a cidade de Londres, ele afirmou que “a verdade é que, um dia após outro, 134 pessoas morrem diariamente em Londres: cuja grande maioria são mortes prematuras – crianças, pais, mães, no auge da vida; e que pelo menos 38 pessoas morrem diariamente acima da taxa de mortalidade que prevalece atualmente na vizinhança imediata. Todos os dias, em Londres, 38 pessoas são destruídas por causas locais.”<sup>114</sup>

Mas mais importante ainda do que o mero fornecimento da base estatística essencial para a reforma da saúde pública, e mais notável por causa de sua posição como funcionário público, Farr tanto assimilou quanto propagou as lições de suas estatísticas. Talvez porque seu próprio caminho para as estatísticas vitais tinha sido através da

---

112. H. D. Littlejohn, *Report on the Sanitary Condition of the City of Edinburgh* (Edimburgo 1865).

113. *Ninth Annual Report of the Registrar-General* (1846) p. 29.

114. *Tenth Annual Report of the Registrar-General* (1847) p. xv.

profissão médica; mais provavelmente porque ele tenha sido acometido por uma intensa faísca de humanidade ausente em tantos da classe que eram seus superiores imediatos. Mas qualquer que fosse a causa, os *Relatórios Anuais* do Secretário Geral tornaram-se o veículo para a expressão de opiniões pessoais apaixonadamente defendidas, para a propaganda dirigida contra os oponentes da reforma da saúde pública e para a agitação pela intervenção estatal em um novo campo, a ponto de causar calafrios na coluna vertebral de um funcionário público moderno. Um único exemplo deve ser suficiente para ilustrar o tom da sua contribuição – ao mesmo tempo incomum e eficaz – para a campanha pela legislação: “Esta bruma de doenças, resultante da respiração de dois milhões de pessoas, de esgotos e fossas abertas, sepulturas e matadouros – é continuamente mantida e submetida a mudanças; em uma estação ela é invadida pela cólera, em outra pela gripe; em um momento ela carrega varíola, sarampo, escarlatina e tosse convulsiva para perto de seus filhos; em outro ela carrega febre em suas asas. Como um anjo da morte, ela paira há séculos sobre Londres. Mas pode ser afastada pela legislação. Se esta geração não tiver o poder de acordar os mortos em suas sepulturas, poderá abrir milhares de sepulturas. O vapor venenoso pode ainda desaparecer de Londres e de todas as outras cidades do reino: um pouco do sol, de água pura, de ar fresco e a saúde do país pode ser concedida aos agradecidos habitantes das cidades pela voz da Legislação”.<sup>115</sup>

## **Reformadores e administradores**

Seria agradável poder incluir entre as forças que contribuíram para o movimento de reforma da saúde pública em seus primeiros anos o trabalho dos humanitários e filantropos. Há, no entanto, pouca evidência de que os grandes homens desse grupo, que tão nobremente contribuíram para a abolição da escravidão, para a reforma

---

115. *Ibid.*, p. xvii.

das fábricas e para muitos outros campos do trabalho social no século XIX, tenham demonstrado algum interesse sério pela questão da saúde pública. As razões para isso são obscuras. Talvez seja porque tão poucos deles tenham entrado em contato direto com os males que resultaram da negligência do governo central e local nesse campo. Talvez, segundo uma visão recentemente expressa, as reformas sociais empreendidas pelos filantropos evangélicos fossem subsidiárias ao seu propósito principal de propagar o modo de vida evangélico. Nesta visão, as reformas sociais foram selecionadas em parte por seu apelo ao instinto humanitário, em parte por sua inocuidade à estrutura social existente no país, mas acima de tudo com o propósito de atrair para o rebanho evangélico aqueles cujo conservadorismo os havia mantido até então distantes dos caminhos da “verdadeira religião”.<sup>116</sup> Embora a abolição do comércio de escravos e da escravatura no seio do Império Britânico tenha correspondido exatamente a esses requisitos, a causa da saúde pública não o fazia. Para as senhoras da sociedade educada não havia nada de atraente em esgotos e sanitários.

Se havia pouca inspiração de uma fonte tão tradicionalmente ligada ao progresso da reforma social no século XIX, um grande obstáculo ao avanço na frente da saúde pública foi eliminado em 1830 pelo aparecimento de um governo não tão inatamente hostil à reforma administrativa quanto seus antecessores. Medidas importantes no âmbito do governo local e da reforma parlamentar, das fábricas e da lei dos pobres indicam que a administração do partido Whig de 1830-41, pelo menos, não partiu da atitude de que nada poderia ser razoavelmente feito a respeito de nada. Além disso, havia nas fileiras do ministério do partido Whig alguns homens cuja atitude em relação à reforma da saúde pública poderia ser até moralmente positiva. Lord John Russell, Lord Lansdowne, Lord Brougham e Lord Palmerston, em alguma fase de sua carreira, demonstraram, em maior ou menor grau, um entusiasmo pela reforma social. No entanto, a imagem inspirada pela expressão “reformadores do partido Whig”

---

116. Ford K. Brown, *Fathers of the Victorians* (Cambridge 1961) pp. 106-15.

não deve ser aceita de forma acrítica. O ministério tinha um compromisso com o partido Whig antes de ter com a reforma, e apesar de seu grupo de grandes reformas, os representantes do Whig estavam longe de possuir uma ambição exagerada de colocar os problemas sociais e econômicos do país em ordem. Os representantes do Whig, acima de tudo, eram proprietários de terras e acreditavam que os deveres do governo começavam com a proteção dos direitos de propriedade e com a minimização das despesas governamentais; eles estavam, em todo caso, muito preocupados com o duplo problema de equilibrar o orçamento e a preservação da lei e da ordem, para que pudessem pensar muito ou gastar sua energia ou tempo livre com problemas sociais menos urgentes de natureza duradoura como a saúde pública. Não havia, em suma, nenhuma correlação entre o Whiggismo e o interesse na reforma da saúde pública, e se, no caso, coube ao destino dos governos Whig iniciar o inquérito de Chadwick e aprovar a primeira Lei de Saúde Pública em 1848, estas são coincidências que requerem explicação em outros termos.

O governo Whig de 1830-41 não foi o primeiro a ser empurrado para um programa de reformas, mas foi talvez entre as primeiras administrações em que um programa de reformas foi iniciado mais pelos seus próprios administradores profissionais do que pela “opinião pública” ou mesmo por uma máquina partidária rudimentar. Estudos recentes ilustraram brilhantemente como, por exemplo, um grupo persistente e bastante sem princípios de comerciantes livres na hierarquia do alto escalão da Junta de Comércio fez uso de posições oficiais para se envolver extensivamente em propaganda e outras formas de pressão política pelo Livre Comércio;<sup>117</sup> e como, em um plano mais filantrópico, um pequeno grupo de oficiais de emigração mal pagos no Escritório Colonial trabalhou incansavelmente, e finalmente com sucesso, para emendar efetivamente os regulamentos que regem o transporte de emigrantes<sup>118</sup> O uso altamente pouco ortodoxo, ainda que louvável, dos *Relatórios Anuais* do Secretário Geral por William Farr como veículos de propaganda de saúde pública

---

117. Lucy Brown, *The Board of Trade and the Free-Trade Movement, 1830-42* (Oxford 1958).

118. O. MacDonagh, *A Pattern of Government Growth, 1800-60* (1961).



já foram mencionados, enquanto o papel desempenhado pelos inspetores de fábrica nomeados ao abrigo da Lei de 1833 na legislação subsequente sobre fábricas está agora bem autenticado.<sup>119</sup> A mesma situação prevaleceu nas esferas da reforma prisional e educacional.

Embora tal resultado claramente não fosse parte da intenção original dos responsáveis pelas reformas iniciais, é agora bastante claro que as Leis de Emigração de 1828 e 1835, a Lei das Fábricas de 1833, o subsídio de educação daquele ano e, acima de tudo, a Lei de Emenda à Lei dos Pobres de 1834, tudo isso criou um pequeno grupo de administradores profissionais cujo acesso, pela primeira vez, aos fatos reais que iluminavam a natureza dos problemas com os quais eles estavam lutando os lançou com uma determinação sincera de melhorar e ampliar os regulamentos que eram suas principais armas na luta contra os males sociais. Cada um desses funcionários públicos, por sua vez, descobriu que o problema era muito mais agudo e generalizado do que os legisladores originais tinham previsto, e que os poderes existentes eram totalmente inadequados para lhes permitir gerir eficazmente o seu trabalho. Eles imediatamente se tornaram as vozes principais na campanha por uma intervenção estatal mais eficaz, primeiro em seus próprios campos e, mais tarde, quando as ramificações do mal social cederam à sua persistente incitação, em outros campos relacionados. As bases de uma ação governamental efetiva nas esferas sociais e econômicas básicas foram lançadas por servidores como Leonard Horner e Thomas Howell nas fábricas; James Kay-Shuttleworth e Joseph Morell nas escolas; Frederick Hill nas prisões; Seymour Tremenheere nas minas; Tenente Low e T. F. Elliot no transporte de emigrantes; e, sobretudo, por Edwin Chadwick na Comissão da Lei dos Pobres. A influência benéfica de alguns desses primeiros servidores públicos – inspetores, secretários e comissários assistentes – permeou mais do que seus próprios setores especializados. Tremenheere, comissário de minas de 1843 a 1854, atuou em comissões intermináveis, escreveu alguns relatórios importantes e percorreu livremente toda a área da

---

119. M. W. Thomas, *The Early Factory Legislation* (Leigh-on-Sea 1948).

administração social. Edwin Chadwick, nominalmente Secretário da Comissão da Lei dos Pobres de 1834 a 1847, e Comissário de Saúde Pública de 1848 a 1854, também desempenhou um papel importante na reforma das fábricas, da polícia e do trabalho na construção ferroviária inicial, bem como na saúde pública, no abastecimento de água, nos cemitérios e no alívio da pobreza.<sup>120</sup>

Com a relação entre pobreza e doença sendo tão pronunciada na década de 1830, era inevitável que, de todos os terrenos férteis departamentais para a reforma social, a Comissão da Lei dos Pobres tenha dado os melhores frutos. O clamor contra os princípios segundo os quais a Nova Lei dos Pobres era administrada tendeu a obscurecer muito do que era valioso na administração pós-1834. Uma das virtudes mais importantes foi o papel preponderante na nova administração da profissão médica. Nos últimos dias da Velha Lei dos Pobres, era cada vez mais comum que as paróquias fizessem contratos com cirurgiões e boticários, enquanto que a Lei de Emenda à Lei dos Pobres de 1834 autorizava especificamente os juizes de paz a pedir alívio médico “externo”.<sup>121</sup> A consequência desses desenvolvimentos foi a nomeação de médicos assalariados para praticamente todos os novos Sindicatos da Lei dos Pobres. Os médicos não eram, a princípio, considerados como parte do quadro principal da má administração jurídica, mas suas funções foram rapidamente integradas e, em 1847, foi possível ao Conselho formular um código administrativo de regulamentos que regiam o trabalho dos médicos sindicalistas.<sup>122</sup> Não é possível superestimar o valor do trabalho realizado pelos médicos a serviço da lei dos pobres na década de 1830. Quase todas as páginas do *Relatório Sanitário* dão amplo

---

120. David Roberts, *Victorian Origins of the British Welfare State* (Yale University Press, New Haven 1960), oferece a primeira investigação sistemática sobre o histórico e as realizações deste grupo de funcionários públicos. Ver também R. K. Webb, ‘A Whig Inspector’, *Journal of Modern History*, XXVII (1955) 352-64. Para uma possível sistematização do seu trabalho no processo de reforma social, ver Oliver MacDonagh, ‘The nineteenth-century revolution in government: a re-appraisal’, *Historical Journal*, I (1958) 52-67; e uma crítica deste artigo por H. Parris, ‘The nineteenth-century revolution in government: a reappraisal reappraised’, *Historical Journal*, III (1960) 17-37.

121. 4 & 5 William IV, c. 76, sec. 54.

122. M. Greenwood (the elder), *The Law relating to the Poor Law Medical Service and Vaccination* (1901) pp. 11-12.

testemunho de seu trabalho árduo, consciência, experiência, bom senso médico e compaixão. Seu conhecimento e experiência dos fatores que afetam a vida, o trabalho e a saúde da classe trabalhadora forneceram uma mina inesgotável da qual o fogo da agitação e da propaganda poderiam ser alimentados.<sup>123</sup> Eles incluíam algumas das mais distintas autoridades sobre doenças urbanas do período – Richard Baron Howard de Manchester, William Duncan de Liverpool e Charles Barham de Truro. De relevância mais imediata para a produção do *Relatório Sanitário*, as autoridades responsáveis pela Lei dos Pobres asseguraram os serviços na década de 1830 do grande trio de médicos reformadores – James Kay, Neil Arnott e Southwood Smith. Foram os relatórios desses três médicos sobre condições que afetam a saúde pública em certos distritos de Londres em 1838, que iniciaram a investigação mais ampla descrita no *Relatório Sanitário*. Mas os três já estavam ativos nesse campo há alguns anos. Sua reputação estabelecida levou-os a serem convidados a realizar as pesquisas relatadas em 1838. No final da década de 1830, eles eram os líderes naturais do movimento pela reforma da saúde pública.

Como tantas outras figuras importantes no movimento pela reforma sanitária, James Phillips Kay (1804-77) estudou medicina em Edimburgo. Exerceu a profissão pela primeira vez em Manchester, onde foi médico do *Arduick and Ancoats Dispensary* em 1820. A experiência adquirida no trabalho com os pobres de Manchester dotou-o de um conhecimento profundo das realidades da doença e da pobreza, e o imbuíu de uma determinação silenciosa de fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar no processo de melhoria. O resto de sua vida foi dedicado às causas da saúde e da educação dos trabalhadores pobres. Suas fortes convicções a respeito da interação entre pobreza e habitação precária o levaram a publicar pela primeira vez em 1830 uma obscura revista médica,<sup>124</sup> e foi apenas dois anos

---

123. Para uma pesquisa sobre o trabalho dos médicos em relação à Lei dos Pobres, ver Ruth G. Hodgkinson, 'Poor law medical officers of England, 1843-1871', *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, XI (1956) 299-338; e *First, Second and Third Reports of the Select Committee on Poor Law Medical Relief*, P.P. 1844, IX.

124. J. P. Kay, 'Physical condition of the poor', *The North of England Medical and Surgical Journal*, I (1830-31) 220-30.

depois que ele apresentou a sua terrível acusação da sociedade fabril do seu tempo.<sup>125</sup> Como membro fundador da *Manchester Statistical Society*, contribuiu ainda mais para a fase de investigação detalhada que deve preceder a reforma.<sup>126</sup> O seu trabalho e influência em Manchester foram, no entanto, interrompidos quando, em 1834, ele aceitou um convite para se tornar um dos novos Comissários Assistentes da Lei dos Pobres. Aí atuou em um ambiente muito diferente, pois a área a que foi destinado era a rural East Anglia. Tendo em conta a sua anterior condenação das condições em que viviam as classes industriais do Norte de Inglaterra, é estranho que uma das suas primeiras ações em Norfolk tenha sido organizar a migração em massa de muitos milhares de pobres de Norfolk – o remanescente indesejado da superpopulação rural – para encontrar emprego nos distritos industriais do Norte. Foi também em Norfolk que ele começou por concentrar a sua atenção na educação dos pobres. Ele sempre acreditou que a ausência de uma educação adequada estava na raiz da maioria dos sofrimentos dos pobres. “Alguns homens preconceituosos”, escreveu ele em 1832, “habitados a examinar apenas um lado da moeda, estão, portanto, ansiosos por atribuir todos os males sofridos pelos pobres, unicamente à sua ignorância ou desvios morais. Pelo contrário, não só sofrem sob a pressão de injustiças externas, mas mesmo aquelas que imediatamente fluem de seus próprios hábitos, muitas vezes podem ser atribuídas à influência primária das instituições imperfeitas da sociedade sobre seu caráter – os efeitos combinados de uma ignorância inexplorada e mau exemplo, não compensados por um sistema de instrução moral – e os estreitos desesperados de um espírito pervertido lutando contra a fome e a fadiga”.<sup>127</sup> Mas os seus esforços para promover a educação das crianças pobres em Norfolk foram dificultados pelo fato de ter sido forçado a operar dentro dos limites dos subsídios da lei dos pobres, e Kay foi logo atraído para Londres, para ajudar a Comissão Central a investigar a natureza e os problemas da pobreza na Metrópole. Sua

---

125. J. P. Kay, *The Moral and Physical Condition of the Working Classes* (1832).

126. J. P. Kay, ‘Defects in the constitution of dispensaries’, *The Manchester Statistical Society*, 1834.

127. *The Moral and Physical Condition of the Working Classes*, p. 6.

primeira investigação foi sobre a crescente pobreza dos tecelões de Spitalfields em 1837,<sup>128</sup> e no ano seguinte, em colaboração com Neil Arnott, ele produziu o relatório seminal sobre as causas da febre em Londres.<sup>129</sup> Entretanto, seu coração estava mais na educação do que na saúde pública e, ao ser nomeado para o secretariado do Comitê de Educação do Conselho Privado em 1839, ele virou as costas a 15 anos inestimáveis no serviço de reforma da saúde pública.<sup>130</sup>

De seu colaborador no relatório sobre a saúde de Londres, Neil Arnott (1788-1874), sabe-se menos. Só ele dos três médicos envolvidos com a lei dos pobres ainda não atraiu um biógrafo. Arnott era amigo de Bentham e John Stuart Mill, e foi na companhia deles que conheceu pela primeira vez Chadwick e Southwood Smith. Ele se tornou o médico de família de Chadwick.<sup>131</sup> A base de suas ideias sobre higiene sanitária foi sem dúvida estabelecida durante seus quatro anos de serviço como cirurgião naval na *East India Company*. Na prática civil, ele adquiriu uma reputação como autoridade no aquecimento e ventilação de casas. Após seu trabalho inicial para a Comissão da Lei dos Pobres em Londres, em 1838, ele voltou sua atenção para sua terra natal, a Escócia, e contribuiu com dois artigos para o volume de relatórios escoceses que complementaram o principal *Relatório Sanitário*.<sup>132</sup> Ele foi membro da Comissão de Saúde das Cidades de 1843.

Dos três, foi provavelmente Southwood Smith (1788-1861) cuja experiência médica carregava a maior autoridade, e que, no longo prazo, contribuiu mais para a causa da reforma sanitária. Nascido em Somerset em 1788, estudou medicina em Edimburgo. Depois de alguns anos de prática geral em Yeovil, foi para Londres em 1820.<sup>133</sup> Lá ele rapidamente encontrou um nicho no círculo de Bentham, e foi

---

128. 'Distress among Spitalfields weavers', *Third Report of the Poor Law Commission* (1837) pp. 142-9.

129. 'Prevalence of certain physical causes of fever in the Metropolis', *Fourth Report of the Poor Law Commission* (1838) pp. 103-29.

130. Frank Smith, *Life of James Kay-Shuttleworth* (1923).

131. Rachel Chadwick to Charles Babbage, n.d., B.M.Add.MSS. 37,200, f. 82.

132. 'Report on the fevers which have prevailed in Edinburgh and Glasgow', *Local Repts. Scot.*, pp. 1-13; e 'Remarks on Dr W. P. Alison's "Observations on the generation of fever"', *ibid.*, pp. 34-40.

133. C. L. Lewes, *Dr Southwood Smith: a Retrospect* (Edinburgh 1898).

ele quem proferiu a famosa palestra sobre o corpo de Bentham antes que ele fosse entregue, como Bentham desejava, aos anatomistas.<sup>134</sup> Como médico do *London Fever Hospital* ele estava familiarizado com a doença e sua origem urbana. Ele tinha começado a escrever sobre assuntos de saúde pública já em 1825, e era uma autoridade bem estabelecida neste campo no momento em que a Comissão da Lei dos Pobres assumiu a questão em 1838.<sup>135</sup> Foi como uma autoridade sobre doenças e como amigo de Chadwick desde os tempos em que Bentham era vivo que Southwood Smith foi convidado a contribuir para as investigações preliminares da Comissão da Lei dos Pobres em 1838. Seus três trabalhos de 1838 e 1839 apresentaram uma prova vívida e horrível da interligação entre falta de saneamento e doenças em East End em Londres.<sup>136</sup> Southwood Smith colaborou com Chadwick nos relatórios de 1838 e, embora seu relacionamento pareça nunca ter sido fácil,<sup>137</sup> e em uma ocasião esteve próximo de uma ruptura, ele ainda assim, colaborou novamente com o Chadwick durante seis anos no Conselho Central de Saúde de 1848-54.

No entanto, no curto prazo, a contribuição crucial foi a de Edwin Chadwick. Há poucas evidências de que seu interesse em questões de saúde pública tenha sido algo além do mínimo antes de 1838. Pode não ser fantasioso sugerir que, mesmo em 1838, seu entusiasmo tomou essa direção pelo menos em parte porque sua incapacidade de trabalhar com seus três comissários, e eles com ele, o impediram de preencher seu tempo de maneira normal com o trabalho de rotina da Comissão da Lei dos Pobres, deixando-o para aliviar sua inquietação ao investigar assuntos marginais às tarefas

---

134. Southwood Smith, *A Lecture delivered over the Remains of Jeremy Bentham* (1832).

135. Seus primeiros escritos sobre saúde pública incluem 'Contagion and Sanitary Laws', *Westminster Review*, III (1825) 134-67; *A Treatise on Fever* (1830); and *The Philosophy of Health* (2 vols., 1835-7).

136. 'Report on some of the physical causes Of sickness and mortality... exemplified in the present condition of Bethnal Green and Whitechapel districts', *Fourth Report of the Poor Law Commission* (1838) pp. 129-39; 'Account of a personal inspection of Bethnal Green and Whitechapel', *ibid.*, pp. 139-53; e 'Report on the prevalence of fever in twenty metropolitan unions or parishes during the year ended the 20th March 1838', *Fifth Report of the Poor Law Commission* (1839) pp. 160-71.

137. A meia dúzia de cartas rascunhadas a Southwood Smith na Chadwick Collection em University College, Londres, encontram-se todas em um tom formal, e começam "Prezado Senhor".

que ele foi oficialmente contratado para executar. Pode-se pensar que a oportunidade de revisar os relatórios sobre as *Friendly Societies* nos anos 1820 para os quais Finlaison tinha feito contribuições tão notáveis teria criado algum tipo de reflexão sobre os fatores que afetavam as tendências das taxas de mortalidade; mas o seu artigo inicial da *Westminster Review* sobre este tema não oferece nenhuma indicação séria da absorção que mais tarde iria causar um apogeu e queda em sua carreira pública.<sup>138</sup> Por outro lado, o breve período de atuação como copista de Jeremy Bentham produziu as interessantes propostas para um Ministério da Saúde encarregado de “preservar a saúde nacional”.<sup>139</sup>

Entre a morte de Bentham, em 1832, e 1838, a vida de Chadwick foi tão completamente preenchida pela reforma das leis direcionadas aos pobres e às fábricas que deixou pouco tempo para investigações, ou mesmo reflexões, em outros campos. No entanto, assim como estes foram anos em que a opinião médica e estatística estava se movendo mais rapidamente para a ação estatal, também foram anos em que a experiência em outros campos legislativos colocava repetidamente Chadwick frente a frente com os fatos básicos sobre a pobreza e a doença na Grã-Bretanha. Em meados dos anos trinta, ele praticamente não levou em conta o que estava sendo feito em outros lugares na esfera da saúde pública, nem os trabalhadores nesse campo levantaram a cabeça por um momento para olhar para a imagem no horizonte. Em 1838, no entanto, as várias vertentes separadas que até então tinham constituído o movimento de saúde pública convergiram – talvez não tenham convergido tanto, mas sim tenham sido reunidas por Chadwick; pois Chadwick foi um líder nato que se levantava rápida e inevitavelmente para a vanguarda de cada movimento que abraçou.

O ano de 1838, então, foi um importante ponto de virada na história do movimento de saúde pública. Embora suas raízes remontem a cinquenta anos antes, o movimento era, antes de 1838,

---

138. ‘Life Assurances’, *Westminster Review*, IX (1827-28) 384-421.

139. Jeremy Bentham, *Constitutional Code*, in *The Works of Jeremy Bentham*, ed. John Bowring (Edinburgh 1843), IX, 443-5.

desorganizado, sem líderes e, em um sentido legislativo – o único sentido que importava no longo prazo – sem objetivos. Fundamentos essenciais haviam sido estabelecidos, pré-condições estabelecidas, mas, por mais importantes que fossem, faltava uma ação efetiva. Foi isso que Chadwick forneceu.

O fato de que Chadwick foi o instrumento derradeiro do sucesso se deveu, em grande medida, à sua forte determinação, ao seu humanitarismo e à sua habilidade como sociólogo.

Chadwick não tem até o momento uma posição muito alta nos anais da sociologia: ele estava menos interessado na investigação acadêmica para seu próprio bem do que na revelação social como um meio para um fim legislativo. Em face da acusação de que ele predeterminou conclusões, e selecionou apenas evidências confirmatórias, as alegações de Chadwick sobre a paternidade da investigação sociológica moderna foram deixadas de lado em favor de seu sucessor, Charles Booth,<sup>140</sup> um ponto de vista que deve algo à parcialidade de algumas das investigações anteriores em que Chadwick desempenhou um papel de liderança: a Comissão sobre as Fábricas de 1833 e a Comissão da Lei dos Pobres de 1834. Essas investigações, a legislação nelas baseada e a determinação com que os seus princípios básicos foram impiedosamente seguidos até as suas conclusões lógicas pelo próprio Chadwick lançaram as bases de grande parte da sua impopularidade subsequente. A Comissão sobre as Fábricas foi conscientemente estabelecida como uma correção ao Comitê de Ashley de 1832-3: ao apresentar uma grande quantidade de evidências médicas que atestavam a inocuidade do trabalho na fábrica para a saúde de crianças pequenas, a Comissão de 1833 não estava fazendo nem melhor nem pior que o Comitê de Ashley, mas certamente não estava oferecendo um modelo de empirismo imparcial. Tampouco a Comissão da Lei dos Pobres de investigação pode ser mais facilmente desculpada pelas circunstâncias. Ela estava obcecada por um único aspecto do que era, na realidade, um problema social extremamente complexo. Ter enfrentado com êxito o

---

140. T.S. Simey, *Charles Booth* (1960) p. 242.



problema da pobreza e do seu alívio estava provavelmente muito além da inteligência e dos recursos do início do século XIX: durante possivelmente cinquenta anos antes de a Comissão iniciar as suas investigações, a pressão de uma população rural excedentária impediu que os salários aumentassem para níveis que até os supervisores locais consideravam adequados.<sup>141</sup> No entanto, poucas comissões de investigação, antes ou depois, fecharam com tanta determinação os olhos aos fatos. A Comissão como um todo e Chadwick em particular, estavam apenas interessados nos alegados efeitos negativos do subsídio, ou do sistema “Speenhamland”. Estes aspectos da antiga lei direcionada aos mais pobres eram tratados com a minúcia característica de Chadwick, e a legislação subsequente destinava-se sobretudo a suprimir esta única perversão.

No entanto, ao atenuar esta inegável parcialidade, deve observar-se que o Relatório da Comissão das Fábricas de 1833, apesar de toda a sua parcialidade, apresentava uma conclusão notavelmente equilibrada – “de tom calmo e desapaixonado”, como escreveu um historiador da reforma fabril,” e revelando claramente a atitude lógica e científica com que os seus autores tinham abordado a sua tarefa.<sup>142</sup> Mais importante ainda, a Lei das Fábricas resultante de 1833, apesar de ficar aquém das exigências do *Ten-hours Movement*, deu o passo crucial de nomear os inspetores, os verdadeiros autores da maior extensão legislativa subsequente neste campo. E considerar o Relatório da Lei dos Pobres ou a Lei de 1834 isoladamente é fazer uma grave injustiça a Chadwick. Como um de seus biógrafos mostrou recentemente, a dissuasão incorporada na lei de 1834 era apenas uma parte de um esquema muito mais amplo de Chadwick para o tratamento da pobreza. Considerações sobre as medidas preventivas que ele gostaria de ter tomado para complementar as medidas puramente repressivas foram deixadas de lado por Lord Melbourne na sua pressa de incluir a reforma da lei para os mais pobres na legislação.<sup>143</sup> No

---

141. Ver Mark Blaug, ‘The myth of the Old Poor Law and the making of the New’, *Journal of Economic History*, XXIII (1963) 151-84.

142. M. W. Thomas, *The Early Factory Legislation* (Leigh-on-Sea 1948) p. 51.

143. Lewis, pp. 18-19.

entanto, mesmo fazendo todas as concessões possíveis, ambos os primeiros empreendimentos de Chadwick no campo da investigação social oferecem exemplos bastante extremos de parcialidade e pre-determinação. Chadwick ainda era inexperiente e obcecado, como a maioria dos outros teóricos sociais, políticos e econômicos de seu tempo, com a crença de que todos os problemas eram passíveis de leis ou princípios determináveis. No entanto, ele ainda era jovem o suficiente para aprender, e a investigação sanitária seria um de seus mestres mais eficazes.

É bastante provável que, quando Chadwick começou a trabalhar na investigação sanitária em 1839, a sua abordagem tenha sido pouco diferente da das investigações anteriores de 1832-4. O problema em 1839 foi a despesa excessiva com o alívio da pobreza; a sua solução ele viu muito simplesmente como a autorização de despesas para a remoção de “perturbações”, complementada por alguma legislação bastante convencional sob a forma de uma lei de urbanismo.<sup>144</sup> A sua carta circular aos Comissários Adjuntos no início da investigação tornou claro que, para além de alguns efeitos secundários possíveis – “a publicação de exemplos bem-sucedidos [da arquitetura das casas] pode ser útil para estimular a sua adoção voluntária” –, a única medida legislativa que ele contemplava era uma lei geral de urbanismo.<sup>145</sup> Com este pano de fundo levemente doutrinário, Chadwick começou a trabalhar pelos próximos três anos. Os resultados de suas próprias investigações e os de suas centenas de ajudantes foram uma revelação profunda para ele – e, sem dúvida, para muitos outros. Enquanto lia, investigava, discutia e se correspondia mais amplamente durante os anos de investigação, novas perguntas, novos ângulos e novos horizontes se abriam para ele. Ele seguiu cada um deles com um ardor obstinado e, no processo, nasceu a sociologia moderna. Se, no início da investigação, Chadwick tinha pouco mais em mente do que uma repetição da rotina estabelecida de ilustrar mais um outro princípio “pré-conhecido” pela seleção

---

144. Para leis de urbanismo, ver *supra*, p. 16.

145. *San. Rep.* p. xiii. Esta visão é confirmada pela carta de Chadwick a Lord John Russell de 21 de junho de 1838, citada abaixo, p. 45.

assídua de evidências, em pouco tempo as evidências trazidas à luz pela investigação sanitária estavam levando-o junto com elas para novas fronteiras de investigação. “Posso observar”, escreveu Chadwick mais tarde, ignorando as suas anteriores aberrações em relação às Comissões das Fábricas e da Lei dos Pobres, “que, ao meu serviço, nunca segui ninguém, nem mesmo Bentham, mas cheguei às minhas conclusões nem sequer a partir das de Bentham, mas apenas de compilações próximas e importantes de provas”.<sup>146</sup> Os resultados de quase três anos de trabalho, quando considerados, tabulados e organizados, foram muito além da concepção original. Chadwick tinha adquirido nova simpatia e uma visão muito maior sobre a natureza dos problemas sociais. No entanto, embora seja fácil para o historiador discernir quão diferente era o Chadwick de 1842 do Chadwick de 1834, os contemporâneos podem ser desculpados por supor que ainda estavam lidando com o mesmo homem.

## **Laissez-faire ou intervenção do Estado**

A abordagem de Chadwick em relação à reforma sanitária implicou uma extensão muito substancial dos poderes do governo local e central. Poucos temas desencadearam tão facilmente as chamadas da controvérsia no século XIX como a questão do papel do Estado no desenvolvimento econômico e social. Esta foi uma questão importante de relevância imediata para o tipo de solução do problema de saúde pública a que o *Relatório Sanitário* apontou. Exige uma cuidadosa reflexão.

Do ponto de vista histórico, duas questões estão envolvidas: primeiro, a questão de saber se houve unanimidade de opinião competente quanto à adequação da intervenção estatal nos assuntos sociais e econômicos; e, segundo, se tal opinião realmente influenciou a decisão do parlamento de agir ou não agir em assuntos específicos. Ambas estas questões sofreram no passado de uma lamentável

---

146. Edwin Chadwick, *On the Evils of Disunity in Central and Local Administration* (1885) p. 2.

simplificação excessiva e só recentemente se tornou mais claro que nenhuma delas pode ser descartada em simples generalizações.

A simplificação excessiva de que uma filosofia de *laissez-faire* inibiu a intervenção estatal foi feita pela primeira vez nas décadas intermediárias do século XIX por oponentes amargos do *laissez-faire* como Carlyle, Dickens e Kingsley. A licença literária pode desculpar, até certo ponto, a sua simplificação excessiva. Por outro lado, Dicey, que vestiu essa generalização com trajes acadêmicos no início do novo século, dignificando-a com a autoridade de um advogado, tinha menos desculpa. “Direito e Opinião Pública na Inglaterra durante o século XIX” foi um panfleto político que infelizmente foi confundido com a história durante meio século. O trabalho de Dicey foi, sem dúvida, uma grande influência na interpretação histórica da política social e econômica do século XIX, mas é distorcido por dois equívocos básicos: sua equiparação do Benthamismo ao individualismo, e sua insistência de que o período entre 1825 e 1900 poderia ser dividido, por volta de 1865-70, em um período de individualismo e um período de coletivismo. Seu propósito ao impor este padrão no século XIX foi preparar o terreno para um ataque ao coletivismo, que ele via como um crescimento desagradável de sua própria vida; mas permitindo que seu entusiasmo político sobrepujasse seu julgamento histórico, ele estabeleceu uma trilha que tem enganado os historiadores há quase meio século.

A suposição de que o Benthamismo, uma das influências mais poderosas no pensamento do século XIX, e certamente o principal motor da energia de Chadwick, poderia ser identificado com o individualismo, ou *laissez-faire*, repousava em uma simples reversão dos fatos; e, assim que os historiadores deixaram de ser hipnotizados pela audácia dessa inversão e passaram a ler Bentham por si próprios ao invés de aceitar a versão de Dicey sobre Bentham, as ideias foram corrigidas.<sup>147</sup> “Os princípios de Bentham”, escreve

---

147. J. B. Brebner, “*Laissez-faire* and state intervention in the nineteenth-century Britain”, *Journal of Economic History*, VIII (1948) Suplemento, 59-73; Henry Parris, “The nineteenth-century revolution in government: a re-appraisal reappraised”, *Historical Journal*, III (1960) 17-37; L. Robbins, *The Theory of Economic Policy* (1952).

seu biógrafo mais recente, “contrastam vividamente com as doutrinas do *laissez-faire*.”<sup>148</sup> O gabinete que ele propôs no Código Constitucional, por exemplo, equivale notavelmente ao da era da intervenção estatal vigorosa de meados do século XX. De relevância imediata para o movimento pela reforma da saúde pública foi a proposta de que um Ministro da Saúde fosse encarregado de “preservar a saúde nacional”.<sup>149</sup>

Nem os outros economistas clássicos, os fundadores da “ciência sombria” da economia política, foram atacados por Carlyle e Dickens, tão rigorosamente anti-intervencionistas como é frequentemente suposto. Havia, na verdade, poucos defensores da liberdade total que Dickens e Carlyle supunham ser a principal responsável pelos males sociais que tão ferozmente reprovavam. O pai dos economistas clássicos, Adam Smith, havia defendido especificamente a provisão pelo governo de “certas obras públicas e certas instituições públicas, cuja criação e manutenção nunca pode acontecer para o interesse de qualquer indivíduo, ou pequeno número de indivíduos”,<sup>150</sup> e seus sucessores encorajavam em maior ou menor grau a intervenção do Estado em questões relacionadas às condições da fábrica, alívio da pobreza, sindicatos, educação e saúde.<sup>151</sup> Em uma famosa passagem de um relatório frequentemente citado como a encarnação canônica do princípio do *laissez-faire*, o sacerdote da não intervenção, Nassau Senior, examinava as condições de vida nas grandes cidades. Aceitando as descrições horripilantes dos três médicos em seus relatórios de 1838 como essencialmente precisos, Senior perguntou “Que outro resultado pode ser esperado, quando qualquer homem que pode comprar ou alugar um lote de terra tem permissão para cobri-lo com quantos edifícios que ele pensar que cabe, onde não há poder para impor a instalação de encanamentos ou esgoto, ou para regular a largura das ruas, ou para impedir que as casas sejam geminadas, uma de costas para a outra, e separadas

---

148. I. Mary P. Mack, *Jeremy Bentham: an Odyssey of Ideas, 1748-1792* (1962) p. 297.

149. *The Works of Jeremy Bentham* (ed. J. Bowring, Edinburgh 1843) IX, 443-5.

150. Adam Smith, *Wealth of Nations* (ed. E. Cannan, 1904) II, 184-5.

151. Ver Robbins, *op. cit.*, Lecture III, *passim*.

na frente por meras vielas e pátios, ou que sejam habitadas por tantas pessoas quantos os seus muros possam conter, ou a acumulação dentro e fora, de todas as impurezas que surgem numa população apinhada?” Ele concluiu que “com toda a nossa reverência pelo princípio da não interferência, não podemos duvidar de que, nesta questão, ele foi levado longe demais. Pensamos que tanto o senhorio como o construtor especulativo deveriam ser obrigados por lei, embora lhes devesse custar uma porcentagem da sua renda e dos seus lucros, a tomar medidas que evitem que as cidades que criam sejam “centros de doença”.<sup>152</sup> Senior, é claro, foi também o coautor com Chadwick da Nova Lei dos Pobres, que instituía um poderoso departamento do governo central que foi o modelo para muitos veículos subsequentes de intervenção do Estado.

Os economistas políticos da primeira metade do século XIX eram, em suma, demasiado inteligentes e bem informados para defenderem um *laissez-faire* completo. Eles constantemente eram surpreendidos pelas realidades do sistema econômico no qual trabalhavam e sobre o qual pensavam, e estavam bastante conscientes do choque entre a lógica da teoria pura e as exigências da moralidade social. Eles não insistiam invariavelmente, como tantas vezes se afirma, na prioridade da primeira alegação. Genuflexões na direção de princípios teóricos eram mais frequentemente o sinal de aceitação da necessidade de intervenção estatal em algum bairro em particular. O famoso capítulo de John Stuart Mill sobre “os fundamentos e limites do princípio do *laissez-faire* e da não interferência” nos seus Princípios de Economia Política de 1848 foi talvez o reconhecimento mais explícito desta dicotomia. A maior parte deste capítulo é dedicada à delimitação de amplos campos nos quais ele reconheceu que os desvios do princípio básico de não interferência deviam ser sancionados.

Outro erro comum, no entanto, é a suposição de que os economistas clássicos foram a única influência efetiva na política social e econômica no início e meados do século XIX. Esta é uma visão curio-

---

152. *Report of the Commissioners on the Condition of the Hand-loom Weavers*, P.P. 1841, X, p. 73.

samente perversa, uma vez que ignora vozes poderosas como as de Bentham, Chadwick, os romancistas sociais, diversos membros de modo algum inarticulados da profissão médica, os humanitários, os socialistas cristãos e a maioria das divisões dos muitos movimentos da classe trabalhadora. Não havia, em suma, nada que se aproximasse de um consenso de opinião sobre o *laissez-faire* e a intervenção do Estado, mesmo no setor social muito estreito representado pelos governos, pelo parlamento e pela imprensa. Na prática, os ouvidos dos ministros eram assaltados por uma confusão de vozes em vez de enfeitados pelo sussurro suave de um único pedido de inação.

Bombardeados por esta bateria de conselhos contraditórios, como reagiram os governos do século XIX? Dicey estava certo em distinguir tão claramente entre períodos de individualismo e coletivismo? As perguntas são mais bem respondidas se for feita uma distinção que Dicey não tentou fazer – entre política econômica e social. Na “esfera econômica”, alguns casos podem ser defendidos por referência particularmente ao movimento de livre comércio de que uma política de liberdade econômica tenha sido conscientemente seguida. Fora do domínio do comércio, o caso é menos claro. Seja como for, nunca houve uma verdadeira tradição de regulação da produção e do trabalho. Os ajustes dos governos anteriores ao século XIX nesses setores só tinham tocado a superfície do desenvolvimento industrial. Muitas indústrias importantes haviam quase que totalmente permanecido intocadas pelas regulamentações “mercantilistas”, de modo que a ausência de intervenção nessas esferas no século XIX não implica em uma política consciente de abstenção da regulação econômica. A agricultura foi afetada no início do século XIX, como nos dois séculos anteriores, por uma medida muito positiva de regulação estatal, as leis do milho. E, novamente, seria uma simplificação excessiva atribuir a revogação das leis do milho em 1846 a uma simples vitória da política de *laissez-faire*. Foi o triunfo dos interesses de um grupo sobre os de outro; e quem pode duvidar que, se um imposto sobre o milho tivesse servido aos interesses dos produtores, eles teriam lutado tão tenazmente quanto em relação aos juros fundados pela retenção das leis do milho? O sistema bancário e a emissão de notas estavam sujeitos em 1844 à medida de controle

bastante rigorosa da *Bank Charter Act*, enquanto no mesmo ano se assistiu à segunda tentativa dos legisladores de afirmar algum controle sobre o crescente sistema ferroviário, um ato que chegou ao ponto de prever a nacionalização final de todas as ferrovias posteriormente autorizadas. Uma lei de 1817 autorizava empréstimos estatais substanciais para obras públicas, cuja intenção expressa era aumentar o nível de emprego,<sup>153</sup> enquanto a Lei de Emenda à Lei dos Pobres de 1834 autorizava os Conselhos de Guardiães a promover a migração em grande escala da mão de obra.<sup>154</sup> O catálogo de medidas intervencionistas do período do chamado “*laissez-faire*” poderia ser muito mais extenso. O que é importante é que, quando os economistas ou estadistas deste período falavam de não intervenção na esfera econômica, eles estavam realmente preocupados com as instituições comerciais. Eles acreditavam inquestionavelmente nos mecanismos de autorregulação do sistema de preços e do padrão-ouro. Estavam preparados para lutar até a última trincheira para preservar os setores comercial e bancário contra a interferência do governo, mas, se pressionados, não estavam realmente relutantes em deixar o Estado entrar em outros setores.

Na esfera social, por outro lado, é praticamente impossível aceitar a existência de uma política de *laissez-faire* sistemática. As leis das fábricas e de passageiros e a Lei de Emenda à Lei dos Pobres, que reforçavam as leis de assentamentos e que visavam facilitar a emigração e a migração interna, foram apenas o começo de uma crescente regulação estatal dos problemas sociais. E ao autorizar as autoridades governamentais locais – primeiro através da criação de comissões de melhoria e, posteriormente, através da Lei das Empresas Municipais de 1835 e subsequentes ações privadas locais – a realizar uma grande variedade de serviços locais, os governos aceitavam implicitamente o princípio da intervenção do governo local sob a autoridade do governo central. A longa série de leis referentes a recintos privados, rodovias, canais e ferrovias implica a aceitação pelo parlamento, através do exercício de seus poderes de conceder ou reter

---

153. M. W. Flinn, ‘The Poor Employment Act, 1817’, *Econ. H. R.* 2nd ser. XIV (1961) 82-92.

154. A. Redford, *Labour Migration in England, 1800-1850* (Manchester, 1926) pp. 84-101.



tal autoridade estatutária, da responsabilidade pelo desenvolvimento social e econômico. O fato de essa responsabilidade ter sido muitas vezes exercida de forma laxista não é relevante. A proporção esmagadora da ampla massa de legislações do início e meados do século XIX estava preocupada com os assuntos sociais e econômicos.

No entanto, a visão de John Stuart Mill de que “o único propósito para o qual o poder pode ser legitimamente exercido sobre qualquer membro de uma comunidade civilizada, contra sua vontade, é evitar danos a outros”<sup>155</sup> recebeu ampla aceitação geral entre as classes politicamente importantes. Mas o próprio Mill tinha sido obrigado a admitir muitas exceções a uma teoria geral do *laissez-faire*<sup>156</sup>, de modo que, na prática, a questão real no século XIX não era simplesmente se os governos deveriam ou não intervir nos assuntos sociais e econômicos, mas quanto, em que direções e através de quais canais. A questão da extensão da intervenção estatal dependia em grande medida da vontade dos grupos economicamente ricos e poderosos de se tributarem, de reduzirem os seus rendimentos através de legislação restritiva ou de restringir sua liberdade de ação social, econômica ou política.

O problema com os meios de regulação governamental levantou a questão do controle central *versus* o controle local. Contemplando o fracasso lamentável e deliberado do governo local no campo da saúde pública, Chadwick insistia que apenas a concentração do poder efetivo nas mãos do governo central alcançaria os fins sociais desejados. Embora tenha elevado este axioma ao nível de princípio, foi apenas porque não viu qualquer esperança nos comissários responsáveis pelos esgotos, sanitários e corporações fechadas existentes, ou mesmo nas novas corporações municipais depois de 1835. Havia alguma justificativa para esse ponto de vista: esses velhos órgãos do governo local eram corruptos e irremediavelmente ineficientes; mas se ele tivesse sido capaz de ver o que as novas corporações, que evoluíram após a Lei de 1835, foram capazes de alcançar no final dos séculos XIX e XX, até mesmo ele poderia ter mudado sua atitude.

---

155. J. S. Mill, *On Liberty* (1859) p. 15.

156. J. S. Mill, *Principles of Political Economy* (1848) Book V, chap. IX.

de. Do seu ponto de vista, foi uma tragédia que a primeira experiência de centralização tivesse sido a Nova Lei dos Pobres: o ambiente de um meio mais feliz do que a Nova Lei dos Pobres poderia muito bem ter suavizado em vez de fortalecer a hostilidade arraigada ao controle central eficaz.

Parece já não ser possível reconhecer o *laissez-faire* como o único ou mesmo o primeiro princípio da política social e econômica no início do século XIX. Um vasto leque de questões sociais e econômicas foi levantado, debatido e legislado pelos parlamentos deste período. Aqueles cujos interesses eram suscetíveis de serem protegidos por estas medidas deram um apoio entusiástico: aqueles cujos interesses foram ameaçados, opuseram-se a eles e, se, ao fazê-lo, invocaram o “princípio” do *laissez-faire*, estavam apenas se valendo de um instrumento perfeitamente legítimo, dadas as circunstâncias. Assim, a campanha pela reforma sanitária não foi contrariada por um princípio imutável e incontestável, mas sim por uma poderosa oposição, cujos interesses econômicos e políticos poderiam ser ameaçados por medidas suscetíveis de reduzir alguns rendimentos ou diminuir a autonomia local. Chadwick e os seus partidários tiveram de se armar, portanto, contra o uso espúrio da teoria econômica e política, que era apenas a primeira linha de defesa de um grupo de oponentes muito bem conscientes da natureza real da ameaça.

Uma das dificuldades envolvidas em uma cronologia precisa da história das ideias políticas do tipo apresentada por Dicey, é que ela raramente acomoda todos os fatos. O ponto de virada de Dicey do *laissez-faire* para a intervenção estatal veio no final da década de 1860; a campanha de saúde pública de Chadwick e a legislação resultante aconteceram na década de 1840. O momento da investigação sanitária foi, naturalmente, governado muito menos por qualquer mudança de opinião pública do tipo que Dicey tinha em mente do que pela convergência das várias tendências econômicas e intelectuais discutidas acima. Em particular, as flutuações econômicas de curto prazo eram de grande relevância. Foi mais do que uma coincidência que os anos 1838-42, quando o *Relatório Sanitário* estava sendo concebido e preparado, foram talvez os anos mais gravemente obscuros de todo o século XIX. O sofrimento e a privação

comumente associados à “Grande Fome” podem ser atribuídos, com muito maior precisão, ao período de 1838-42 do que a toda a década dos anos quarenta. Apesar do rigor determinado dos Comissários da Lei dos Pobres, houve um aumento nas despesas com o alívio da pobreza em 1838, quando o desemprego aumentou, acompanhado pelo aumento inevitável dos casos de febre. Se as provas documentais forem recolhidas pelo seu valor nominal, foi a preocupação de Chadwick com a economia face a uma procura crescente de despesas de assistência insuficientes que o persuadiu, em primeiro lugar, a divulgar alguns fatos sobre as consequências econômicas da negligência das precauções elementares de saúde pública.

## **O relatório sanitário**

*A elaboração do Relatório*

O ponto de partida imediato da investigação sanitária de Chadwick foi o gasto, em 1838, de fundos públicos por parte de alguns sindicatos de defesa da lei dos pobres, para a eliminação de “perturbações”, que podem ser consideradas como significando acumulações de detritos humanos e outros que se crê serem a causa direta de doenças. Essas doenças, por sua vez, foram a causa do aumento das despesas com a má assistência. Os sindicatos em questão tinham agido com base no princípio de que a despesa de £1 em precauções elementares de saúde pública poderia ser feita para poupar uma despesa subsequente provável de £10 em auxílio aos mais pobres. Mas os auditores do governo trabalham de acordo com a lei e não com o espírito da lei, e essas despesas dos Conselhos de Guardiães, em assuntos estatutariamente *ultra vires*, ou seja, de saúde pública, foram negadas. Se tivesse sobrevivido algum registro indicando com o que os Conselhos de Guardiães estavam preocupados, teria sido possível testar a interessante hipótese de que os Guardiães em questão estavam agindo de acordo com as instruções oficiais ou não oficiais de Chadwick – de que o caso, em suma, foi deliberadamente inventado para justificar o emprego de especialistas médicos em uma investigação a ser feita sob os auspícios da Comissão da Lei dos Pobres.

Pois é razoavelmente certo que Chadwick agora quisesse assumir a liderança do movimento de saúde pública; e, como ele dependia da Comissão da Lei dos Pobres para seu sustento, e como, ao contrário de qualquer outro ramo do governo local ou central, a Comissão da Lei dos Pobres operava uma rede única e nacional de inteligência social e médica, era desejável que o movimento de saúde pública fosse dirigido e controlado pela *Somerset House*. Já, em 1837, Chadwick tinha escrito a Farr para apresentar uma proposta para um Registro de Epidemias para trabalhar com os Comissários da Lei dos Pobres. Farr pensou pouco nisso, acreditando que qualquer coisa de valor nesse ramo das estatísticas nacionais poderia ser tratada adequadamente pelo escritório do Secretário Geral; mas, ele acrescentou, com um impulso que dificilmente poderia ter sido desperdiçado em Chadwick, “É bastante natural que eles [os Comissários da Lei dos Pobres] desejem a inclusão ao seu patrocínio e poder.”<sup>157</sup>

Se a briga com os auditores foi acidental ou artificial, em 18 de abril de 1838 o Ministro do Interior, Lord John Russell, levando em conta as despesas proibidas, parece ter ido tão longe que considerou a introdução de um Projeto de Lei para permitir que tais despesas fossem cobertas pelas taxas. Antes de fazê-lo, no entanto, ele pediu uma opinião sobre o assunto aos Comissários da Lei dos Pobres.

---

157. William Farr to Chadwick, 13 de fevereiro de 1837.

<b>Título</b>	Sociologia aplicada: estudos sobre cidade, desigualdade e pobreza
<b>Organização</b>	Angelo Del Vecchio Isabela Oliveira Kalil
<b>Tradução</b>	Jaqueline de Carvalho Garcia Frank Ferreira Global Translator
<b>Produção Editorial</b>	Rodrigo Estramanho de Almeida
<b>Projeto Gráfico de capa e miolo</b>	Moema Cavalcanti
<b>Editoração eletrônica</b>	Cristina Izuno
<b>Revisão</b>	Luciane Colucci Deysi Cioccarì
<b>Digitação</b>	Guilherme Martins
<b>Revisão de provas</b>	Rodrigo Estramanho de Almeida
<b>Secretaria Editorial</b>	Winderson Jesus Gomes
<b>Formato</b>	16 x 23 cm
<b>Mancha</b>	11,6 x 17,6 cm
<b>Tipologia</b>	ITC Garamond e Futura
<b>Papel</b>	Cartão supremo LD 250 g/m <sup>2</sup> (capa) Offset LD 75 g/m <sup>2</sup> (miolo)
<b>Número de páginas</b>	428
<b>Tiragem</b>	400 exemplares
<b>Impressão</b>	Melting Color